

# Teoria e Cultura

Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF



Imagem: Luiz Baltar / Fluxograma

**Dossiê**

**Violências, sociabilidades e resistências  
nas margens das cidades brasileiras**

# TEORIA e CULTURA

REVISTA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFJF

VOLUME 19, NÚMERO 1  
JANEIRO A SETEMBRO DE  
2024 JUIZ DE FORA - MG,  
BRASIL

**Violências, sociabilidades e resistências nas margens das cidades brasileiras**

**Organizadores:**  
Rachel Barros, CIDADES - UERJ  
Marcelo Campos, UFJF  
Palloma Menezes, IESP - UERJ

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

latindex

ISSN

2318-101x(on-line)

1809-5968 (print)

Teoria e Cultura	Juiz de Fora	v. 19	n. 1	Jan/Set	p. 233	2024
------------------	--------------	-------	------	---------	--------	------

Teoria e Cultura é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, destinada à divulgação e disseminação de textos na área de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), estimulando o debate científico-acadêmico. O projeto editorial contempla artigos científicos, verbetes, ensaios, resenhas, entrevistas, fotografias e traduções de textos da área de ciências sociais. A revista publica predominantemente em português e é aberta a outras línguas, havendo justificativa editorial. A revista está classificada, de acordo com a atual avaliação da CAPES, como QUALIS B1 em Sociologia.

Endereço eletrônico: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura>

E-mail: [teoriaecultura@gmail.com](mailto:teoriaecultura@gmail.com)

APOIO  
Inct-InEAC

EDITORA / EDITOR  
Cristina Dias da Silva

CONSELHO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Carlos Francisco Perez Reyna  
Christiane Jalles de Paula  
João Dulci  
Jorge Chaloub  
Marta Mendes da Rocha  
Raphael Bispo dos Santos  
Rogéria Campos de Almeida Dutra  
Thiago Duarte Pimentel

CAPA  
Foto: Luiz Baltar / Fluxorama  
E-mail: [lbaltar@gmail.com](mailto:lbaltar@gmail.com)

DIAGRAMAÇÃO / DIAGRAMMING

Juliano Dias Guimarães

REVISÃO / REVIEW

A responsabilidade final sobre a revisão dos textos da Teoria e Cultura é dos próprios autores

CONSELHO CONSULTIVO / EDITORIAL ADVISORY BOARD

Amy Erica Smith (Iowa State University)  
Beatriz de Basto Teixeira (UFJF)  
Cornelia Eckert (UFRGS)  
Eduardo Antônio Salomão Condé (UFJF)  
Euler David Siqueira (UFRRJ)  
Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA)  
Felipe Maia (UFJF)  
Francisco Colom González (IFS/Espanha)  
Jorge Ruben Tapia (UNICAMP)  
Jurema Gorski Brites (UFMS)  
Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional/UFRRJ)  
Marcelo Ayres Camurça (UFJF)  
Márcia Leila Pereira Castro (UFPI)  
Maria Alice Rezende de Carvalho (PUC/RJ)  
Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ)  
Moacir Palmeira (Museu Nacional/UFRRJ)  
Octavio Andrés Ramon Bonet (IFCS/UFRRJ)  
Octavio Guilherme Velho (Museu Nacional/UFRRJ)  
Philippe Portier (EPHE, Paris-Sorbonne, França)  
Raul Francisco Magalhães (UFJF)  
Rodrigo Rodrigues-Silveira (USAL, Argentina)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Reitora**

Girlene Alves da Silva

**Vice-Reitor**

Telmo Mota Ronzani

**Pró-Reitora de Cultura**

Marcus Medeiros

**Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação**

Priscila de Faria

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

**Diretor do ICH**

Fernando Perlatto Bom Jardim

**Coordenador do PPGCSO**

João Dulci

**Chefe do Departamento de Ciências Sociais**

Rogéria da Silva Martins



EDITORA UFJF

**Diretor da Editora Ufjf / Presidente do Conselho Editorial**

Ricardo B. Cavalcante

**Conselho Editorial**

Ricardo B. Cavalcante

Ana Carolina Morais

Andre Netto Bastos

Claudia H. C. Marmora

Cristina Dias da Silva

Iluska M. S. Coutinho

Marco A. Kistemann Jr

Marcos V. Ferreira

Raphael Marcomini

[www.editoraufjf.com.br](http://www.editoraufjf.com.br)

E-mail:

[editora@ufjf.edu.br](mailto:editora@ufjf.edu.br)

Tel.: (32) 3229-7646

---

Ficha catalográfica

Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais. v. 19 n.1 Janeiro-Setembro de 2024, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2024.

Semestral

ISSN 1809-5968 (impresso/print)

ISSN 2318-101x (on-line)

1. Ciências Sociais - Periódicos

---

CDU 302.01 (05)

## **Nominata de pareceristas**

**Adriana dos Santos Fernandes**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Ana Carolina dos Reis Fernandes**

*Universidade Estadual Paulista*

**Ana Carolina Proença**

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

**Ananda Viana**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Iesp*

**Brauner Cruz Junior**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Iesp*

**Brenda Rodrigues Barreto Silva**

*Universidade de Brasília*

**Bruna Augusta Mattos Ramachiotti**

*Universidade de São Paulo*

**Bruna Gisi Martins de Almeida**

*Universidade de São Paulo*

**Bruna Motta dos Santos**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**Camila de Lima Vedovello**

*Universidade Estadual de Campinas*

**Cíntia Frazão**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Iesp*

**Cristhiane Falchetti**

*Instituto Federal de São Paulo*

**Daniela Velasquez**

*Universidade Federal Fluminense*

**Denise Rodrigues**

*Universidade de São Paulo*

**Dulcilei da Conceição Lima**

*Universidade Federal do ABC*

**Eduardo Altheman**

*Universidade de São Paulo*

**Eduardo de Oliveira Rodrigues**

*Universidade Federal Fluminense*

**Frank Davies**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Giovanna Lucio Monteiro Ferreira**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Iesp*

**Gizele de Oliveira Martins**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**Guilherme Borges da Silva**

*Universidade Federal de Goiás*

**Helena Motta Monaco**

*Universidade Federal de Santa Catarina*

**Hélio Parente de Vaconcelos Neto**

*Universidade Federal de Santa Catarina*

**Isabela Vicente Monti**

*Universidade Estadual de Campinas*

**Ivonete da Silva Lopes**

*Universidade Federal de Viçosa*

**Ionara Fernandes**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Jéssica Neves Lôro**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Joana Brito de Lima Silva**

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

**João Pedro Pereira Mina**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Joilson de Souza Toledo**

*Pontifícia Universidade Católica (GO)*

**Kharine Dantas**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Iesp*

**Katerina Volcov**

*Universidade de São Paulo*

**Lara Caldas Fernandes da Silveira**

*Universidade de Brasília*

**Leonardo da Rocha Bezerra de Souza**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

**Leonardo Silva Andrada**

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

**Leonardo José Ostronoff**

*Universidade de São Paulo*

**Leonardo Júnio Sobrinho Rosa**

*Universidade Federal de São João Del-Rey*

**Liliana Lopes Sanjurjo**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Luana Dias Motta**

*Universidade Federal de São Carlos*

**Luís Felipe Cardoso Mont'mor**

*Universidade Federal da Paraíba*

**Luzimar Paulo Pereira**

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

**Marcelo Garson**

*Universidade Federal do Paraná*

**Marcílio Brandão**

*Universidade Federal do Vale do São Francisco*

**María Gabriela Scotto**

*Universidade Federal Fluminense*

**Maycon Leandro Conceição**

*Universidade Federal de São Carlos*

**Monique de Carvalho Cruz**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**Noeci Carvalho Messias**

*Universidade Federal do Tocantins*

**Ozaías da Silva Rodrigues**

*Universidade Federal do Amazonas*

**Omar Alejandro Bravo**

*Universidad ICESI (Colômbia)*

**Paloma Ferreira Coelho Silva**

*Fundação Oswaldo Cruz (Minas Gerais)*

**Paulo Limongi de Lima Filho**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Pedro Rolo Benetti**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Raiane de Jesus Santos**

*Universidade Federal de Sergipe*

**Réia Sílvia Gonçalves Pereira**

*Universidade Estadual do Norte-fluminense Darcy Ribeiro*

**Rodrigo de Araujo Monteiro**

*Universidade Federal Fluminense*

**Rosangela Teixeira**

*Universidade de São Paulo*

**Simone Gomes**

*Universidade Federal de Pelotas*

**Tâmires Cardoso**

*Universidade Federal da Bahia*

**Thais Gonçalves Cruz**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

**Thiago Rodrigues Tavares**

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

**Victor Hugo Barreto**

*Universidade Federal Fluminense*

## SUMÁRIO

<b>Nota Editorial</b>	<b>9</b>
Cristina Dias da Silva	
<b>Dossiê: Violências, sociabilidades e resistências nas margens das cidades brasileiras</b>	
<b>Apresentação</b>	<b>10</b>
Rachel Barros, Marcelo Campos e Palloma Menezes	
<b>Tramas da vida e maquinaria punitiva: vidas enredadas nas malhas da justiça criminal</b>	<b>19</b>
Vera Telles, Ada Carvalho, Ana Clara Klink, Ananda Endo, Flavia Saviani e Paula Braud	
<b>Monitoramento, controle e resistências dos pobres urbanos</b>	<b>34</b>
Márcia Leite e Jorge Santana	
<b>Crime e castigo, corpo e espírito: a guerra nas tramas íntimas de uma família</b>	<b>45</b>
Camila Pierobon	
<b>No Ceará, o crime se espalhou: sobre as facções criminosas nas periferias da cidade de Fortaleza</b>	<b>60</b>
Luiz Fábio Paiva	
<b>Espólios simbólicos da “guerra de facções” em Pelotas/RS</b>	<b>77</b>
Henrique Jeske e Simone Gomes	
<b>O reflexo do medo: a imagem das milícias como sinônimo de violência a partir de um conflito simbólico ocorrido na Zona Sul do Rio de Janeiro</b>	<b>92</b>
André Luiz Soares	
<b>Des(enquadramentos) dos conflitos armados em favelas do Rio de Janeiro: quando os trabalhadores do SUS movimentam o cuidado e suas ações para o lugar de moradia das populações</b>	<b>105</b>
Viviani Costa, Tatiana Baptista e Marize Cunha	
<b>Maconha, saúde, lazer e criminalização: observações sobre um caso de uso de maconha medicinal na periferia de Belém-Pará</b>	<b>116</b>
Bruno Passos	
<b>Viveiros de gansos e viveiros de patos: um estudo sobre práticas policiais envolvendo apreensão de drogas no estado do Rio de Janeiro</b>	<b>128</b>
Marcos Verissimo e Perla Alves	
<b>Violências e resistências na luta por moradia no Norte de Minas: o caso da Ocupação Tereza de Benguela (MTST) em Montes Claros</b>	<b>143</b>
Júlia Canuto	
<b>O reinado dos congos da cidade de Itapira: cultura e relações raciais</b>	<b>154</b>
Cristiane Elias	

<b>Do outro lado do mundo branco: experiências da cidade nos feminismos negros contemporâneos</b>	<b>164</b>
Julia Abdalla	
<b>Afrofuturismo e o Afropensamento na sociedade brasileira: literatura e a identidade na conquista do protagonismo negro</b>	<b>179</b>
Ana Carolina Lima, Daniela Santos e Fabio Lanza	
<b>Então, eu não tenho mais nada a perder mais, não, irmão!:</b> Juventudes negras, violência e pedagogias culturais no Portal G1 de notícias	<b>191</b>
Henrique da Silva e Gisele Massola	
<b>A Maré Vive: Da censura à reinvenção do fazer comunicação comunitária favelada</b>	<b>205</b>
Gizele Martins	
<b>Favelas que (se) contam: a produção de dados como ferramenta política</b>	<b>214</b>
Thaís Cruz	
<b>Resenha</b>	
<b>Fronteiras e movimentos dos estudos urbanos no Rio de Janeiro</b>	<b>222</b>
Marcelo Filho	
<b>Sobre as autoras e autores</b>	<b>228</b>
<b>Normas para a apresentação de colaborações</b>	<b>231</b>



## NOTA EDITORIAL

O volume 19, número 1, da Revista Teoria e Cultura apresenta um amplo e diversificado debate sobre a violência urbana, tomando as favelas e periferias como contextos fundamentais a partir dos quais uma perspectiva sociológica crítica se estabelece. Ao desenvolver temáticas como conflitos armados, justiça criminal, guerra de facções, milícias, feminismos negros, juventudes negras, protagonismo negro, comunidade favelada, moradia popular e resistências, este número nos traz uma oportunidade singular para compreender os elementos que conformam as dinâmicas entre o estado as comunidades periféricas, que lutam pelo reconhecimento de seus direitos e de sua cidadania em nosso país. Organizado por Palloma Menezes (IESP/UERJ), Marcelo da Silveira Campos (UFJF) e Rachel Barros de Oliveira (FASE/UERJ), o Dossiê **Violências, sociabilidades e resistências nas margens das cidades brasileiras** nos brinda com importantes contribuições, como as de Vera Telles, em coautoria com Ada Carvalho, Ana Clara Klink, Ananda Edo, Flavia Saviani e Paula Braud, em sensível análise da justiça criminal no contexto nacional. Na sequência, Marcia Leite e Jorge Santana elaboram as categorias de controle e resistência entre a população pobre urbana do Rio de Janeiro. Luiz Paiva aborda as facções criminosas no Ceará, enquanto Henrique Jeske e Simone Gomes tratam do mesmo tema em Pelotas, RS. Em terras fluminenses, André Soares discorre sobre o medo e a violência na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, enquanto Viviani Costa, Tatiana Baptista e Marize Cunha empenham esforços importantes para compreender a movimentação de profissionais do SUS em territórios marcados pela violência cotidiana dos conflitos armados nas favelas e, por fim, mas não menos importante, Marcos Veríssimo e Perla Alves refletem sobre as práticas policiais em torno da apreensão de drogas na cidade. Bruno Passos descortina os entraves e meandros do uso de maconha medicinal na cidade de Belém-Pa. Júlia Canuto enfrenta as complexidades do debate sobre luta por moradia no Norte de Minas, enquanto Cristiane Elias explora o conceito de relações raciais na cidade de Itapira-SP. Julia Abdalla expande as reflexões em torno dos feminismos negros contemporâneos, alinhando-se de maneira fortuita tanto ao debate sobre Afrofuturismo entabulado por Ana Carolina Lima, Daniela Santos e Fabio Lanza, quanto ao artigo de Henrique Silva e Gisele Massola a respeito das juventudes negras retratadas na mídia. Comunicação comunitária em favela é o tema original e pertinente de Gizele Martins, assim como Thais Cruz ao discorrer sobre as favelas como ferramentas políticas na produção de dados. Ainda, contamos com uma tradução muito bem-vinda realizada por Camila Pierobon de um artigo de sua própria autoria e inspirado nas aulas de Veena Das, originalmente publicado na *Revista Brésil(s): Sciences Humaines et Sociales* e, ainda, uma resenha de Marcelo Filho sobre modos de habitar a cidade. Se, como bem disseram nossos organizadores, parafraseando Machado da Silva (2008), “a violência urbana é uma representação coletiva que confere sentido às experiências vividas nas cidades e que orienta instrumental e moralmente o curso da ação de seus moradores”, é de vital importância que compreendamos um pouco mais a complexidade destas dinâmicas. Este é o objetivo de nosso número atual. Desejamos a todas e todos uma excelente leitura!

Cristina Dias da Silva  
Editora-Chefe  
Revista Teoria e Cultura

## DOSSIÊ

## Violências, sociabilidades e resistências nas margens das cidades brasileiras

Rachel Barros<sup>1</sup>Marcelo Campos<sup>2</sup>Palloma Menezes<sup>3</sup>

O presente dossiê debate como violências e resistências relacionadas aos conflitos urbanos multiplicaram-se e diversificaram-se no Brasil nos últimos anos. A proposta parte da ideia de Machado da Silva (2008) de que a violência urbana é uma representação coletiva que confere sentido às experiências vividas nas cidades e que orienta instrumental e moralmente o curso da ação de seus habitantes. Além disso, tem o pressuposto de que para compreender a violência urbana é necessário considerar a sua dimensão territorial.

Especialmente as favelas e periferias brasileiras têm seu cotidiano marcado por múltiplas formas de violência e resistências. Entendidas como a transmutação dos quilombos (Campos, 2005), favelas e seus moradores são frequentemente representados no debate público como uma ameaça. Nestas dinâmicas, marcadores de raça e gênero são elementos fundamentais, pois estabelecem o diálogo com o passado colonial e contribuem para visibilizar desigualdades e especificidades territoriais presentes nas margens das cidades (Das e Poole, 2004).

Segundo Alvarez, Campos e Salla (2024), as Ciências Sociais brasileiras chegam ao tema da violência e das instituições de controle social sobretudo a partir dos anos 1970. Alguns trabalhos dessa década – Paoli (1974), Ferreira (1979), Perlman (2002 [1977]), e Kowarick (1977 e 1979) – não trataram violência e criminalidade como um campo científico autônomo, mas inserindo-os no debate da sociologia urbana, da sociologia política e da economia como fatores associados à pobreza, espoliação e “marginalidade social” (Teixeira, 2016). Com o passar do tempo, temas relacionados à violência e aos mecanismos de controle social ganharam certa autonomia como objeto de estudo em relação ao seu papel na reprodução das formas de dominação social e desigualdades sociais (Alvarez, Campos e Salla, 2024).

Vários artigos que compõem este dossiê dialogam com discussões sobre o papel da punição e do sistema de direito criminal na produção das desigualdades e violências. Acreditamos ser fundamental olhar para as especificidades do Brasil, analisando mudanças nas dinâmicas punitivas (Campos e Azevedo, 2020; Sozzo, 2017; Salla e Teixeira, 2020; Campello e Alvarez, 2022; Campos e Lima, 2021, Camargos, 2021), tendo em vista o crescimento significativo da população encarcerada no país nas últimas décadas (Fassin, 2017).

Os textos selecionados retomam também debates propostos por pesquisas pioneiras que relacionam violência, espaço civil e movimentos sociais (Paoli, 1982; Zaluar, 1983; Machado da Silva, 1994; Telles, 1994). Além disso, dialogam com a literatura mais recente que analisa violência urbana brasileira a partir da intensificação de: atuação de grupos criminais; dinâmicas de atuação estatal; ocorrência de chacinas; expansão das milícias; casos de desaparecimentos forçados.

1 Doutora em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pesquisadora do Cidades - Núcleo de Pesquisa Urbana/UERJ e Integrante do Comitê Cidadania, Violência e Gestão Estatal da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). E-mail: barrosdeoliveira.rachel@gmail.com

2 Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do Laboratório de Metodologia em Ciências Sociais da UFJF e do Grupo de Estudos Violências e Territórios. Doutor em Sociologia pela USP e pesquisador do INCT-InEAC. E-mail: celo.campos@gmail.com

3 Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), coordenadora do BONDE - coletivo de pesquisa sobre violências, sociabilidades e mobilidades urbanas (IESP-UERJ) e do Dicionário de Favelas Marielle Franco (FIOCRUZ). E-mail: palloma.menezes@iesp.uerj.br

As reflexões reunidas no dossiê acompanham um giro analítico dos estudos urbanos sobre resistências nas margens. Os anos 2000 representam um momento especial nessa trajetória, pois favoreceram a constituição do morador de favelas e periferias como sujeito político. Aliada à uma conjuntura de maior mobilidade social, sobretudo a partir dos efeitos de políticas públicas redistributivas, proliferaram grupos e coletivos reivindicando inserção na arena política enquanto forma de organização social (Aderaldo, 2013).

Emergiram “sujeitos periféricos” conectados em rede com movimentos sociais, usando tecnologias de informação para problematizar questões de identidade racial, classe e gênero. Ressaltamos que a organização e reivindicação coletiva (e individual) dos sujeitos e movimentos sociais também sofreu influência da perspectiva pós-colonial, que traz em seu bojo o debate sobre resistências negras e indígenas (Fanon, 2008 e 2010; Scherer-Warren, 2010; Guimarães, 2008). Tal mudança de perspectiva aparece não só na organização da sociedade civil, mas também em formas de representatividade política institucional via aumento da participação de mulheres negras e pessoas LGBTQIAPN+ em partidos e pleitos eleitorais, proposições legais focadas em gênero e raça, ampliação das denúncias sobre violência política, mandatos e mandatos coletivos, inaugurando novas formas de participação e representação.

Mais recentemente, a pandemia da Covid-19 criou um ponto de inflexão no longo histórico de mobilização dos(as) moradores(as) de favelas e periferias brasileiras. Entre 2020 e 2021, ações coletivas, articulações em redes e produção própria de dados e informações - o chamado “nós por nós” - fortaleceram-se intensamente (Fleury e Menezes, 2020; Menezes, Magalhães e Silva, 2021). Nesse mesmo período, intensificaram-se no Rio de Janeiro as incursões policiais, submetendo a população mais vulnerável ao contágio pela Covid-19 a diversas práticas violentas, situação que mobilizou organizações da sociedade civil a reivindicarem a suspensão das operações policiais durante a pandemia, através da ADPF 635 (Barros, 2021).

O presente dossiê reúne pesquisadoras/es que se dedicam a refletir sobre a multiplicidade das violências e a diversidade das resistências no espaço urbano brasileiro. A proposta inclui 15 artigos, uma tradução e uma resenha que debatem sobre contextos diversos de quatro regiões do país (Sudeste,

Sul, Norte e Nordeste). Para facilitar a apresentação, organizamos os trabalhos em cinco grandes blocos que debatem violências e resistências a partir de reflexões sobre: 1) trajetórias urbanas, ilegalismos e cotidiano; 2) constituição de imaginários e de aspectos simbólicos em disputa entre grupos armados; 3) políticas de segurança, de saúde e de drogas; 4) conflitos urbanos e mobilizações coletivas a partir de dinâmicas laborais, culturais, religiosas e literárias; 5) representações e auto representação das margens.

Iniciamos a primeira parte do dossiê com dois artigos e uma tradução que partem de trajetórias urbanas para analisar experiências marcadas por entrelaçamentos entre malhas da justiça criminal, política de segurança e “textura do cotidiano” - com forte influência de Veena Das. Os textos buscam compreender gestões de ilegalismos populares a partir da análise do percurso de homens e mulheres consideradas indesejáveis, pobres urbanos que têm suas vidas afetadas por dispositivos de controle.

Vera Telles, Ada Carvalho, Ana Clara Klink, Ananda Endo, Flavia Saviani e Paula Braud no artigo “Tramas da vida e maquinaria punitiva: vidas enredadas nas malhas da justiça criminal” descrevem os percursos de homens e mulheres que passaram pela prisão e que têm suas vidas afetadas por dispositivos de controle nos meandros da expansiva informalidade urbana. Os percursos das vidas enredadas permitem entender os modos operatórios da gestão dos ilegalismos populares. E, ao mesmo tempo, trazem aspectos pouco trabalhados nas pesquisas sobre os efeitos societários do encarceramento em massa nas margens da cidade.

Márcia Leite e Jorge Santana analisam a trajetória de uma moradora de favela que ganha a vida trabalhando nas ruas na zona norte do Rio de Janeiro. Sua vida laboral é profundamente afetada pelo “Segurança Presente”: um dispositivo de segurança que atua em determinados territórios da cidade, buscando expulsar indesejáveis e demais pobres urbanos. A trajetória da moradora nos ajuda a compreender uma política que produz fronteiras, postos de controle, discriminação e criminalização de quem vive nas favelas e precisa ultrapassar os limites de seus territórios de moradia para “ganhar a vida”.

Camila Pierobon, na tradução do texto “Crime e castigo, corpo e espírito: a guerra nas tramas íntimas de uma família”, discute como tortura

e morte compõem “texturas da vida cotidiana” e tecem relações de família e vizinhança como condição durável. A partir da experiência de uma mãe cuja filha trabalhou para o tráfico de drogas, foi torturada por policiais militares, ameaçada de morte pelos traficantes locais e ficou nove meses presa, a autora analisa como a guerra às drogas se tece aos modos de existência, às maneiras de se estabelecer relações uns com os outros e na própria formação da pessoa como sujeito.

Se os três primeiros textos do dossiê tratam dos efeitos da violência a partir do cotidiano, os três artigos seguintes refletem sobre os impactos de modalidades de presença de grupos armados em contextos urbanos a partir de debates sobre constituição de imaginários sociais e de aspectos simbólicos em disputa. Os autores evidenciam os entrelaçamentos entre disputas de territórios e de moralidades a partir de marcações simbólicas que podem estar associadas a músicas de facções de Fortaleza; a tatuagens, pichações e outras marcações de coletivos criminais de Pelotas; ou mesmo a uma cancela fechando a entrada de uma rua da Zona Sul do Rio de Janeiro que foi lida como símbolo da chegada da milícia. Esses trabalhos reforçam a importância de olhar para dimensões simbólicas da atuação de facções e milícias para compreender transformações na acumulação social da violência e ampliações nos marcos discursivos do crime.

Luiz Fábio Paiva em “No Ceará, o crime se espalhou: sobre as facções criminosas nas periferias da cidade de Fortaleza” discute como grupos armados se consolidaram em bairros localizados em periferias cearenses, afetando de maneira significativa a vida de quem reside, trabalha, atua politicamente e circula nesses territórios. O autor analisa a experiência, de sentir a vida moldada pelo mando de pessoas associadas e dispostas a usar a força como meio de controlar territórios, mercados e rotinas sociais.

“Espólios simbólicos da “guerra de facções” em Pelotas/RS”, de Henrique Jeske e Simone Gomes, analisa as marcações representadas por pichações e tatuagens feitas por ou em nome de facções no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O texto apresenta os resultados da pesquisa etnográfica realizada durante dois anos, que analisou 55 fotografias e entrevistas com 37 atores-chave entrevistados, entre policiais, pesquisadores, ativistas da causa carcerária e indivíduos autointitulados membros de facções. A partir desse material, os autores discutem o avanço e

reconhecimento das facções criminosas, contraposto ao discurso estatal que autorreferencia seu poder de controle e boas práticas na segurança pública.

“O reflexo do medo: a imagem das milícias como sinônimo de violência a partir de um conflito simbólico ocorrido na Zona Sul do Rio de Janeiro”, de André Luiz Soares, aborda uma situação de conflito diante da oferta de segurança privada a moradores de uma vizinhança carioca. O objeto estudado é a classificação, por parte de moradores, dessa oferta como uma iniciativa miliciana. O autor busca compreender o que o medo despertado pelas milícias produz em termos de sociabilidade em um determinado local, quais suas implicações em termos de temporalidade e suas relações com as representações sociais da violência urbana.

Interseções entre violência urbana, políticas de segurança pública, de saúde e de drogas são abordadas pelos três artigos seguintes do dossiê. As autoras e autores dos trabalhos indicam como a chamada “guerra às drogas” reforça desigualdades e mais atrapalha do que ajuda na garantia a direitos fundamentais como o acesso à saúde e segurança pública. A partir de enquadramentos diversos, os textos mostram como essa “guerra” reforça a precarização das vidas tanto de quem trabalha para garantir o acesso à saúde nas “margens do Estado”, quanto de quem habita esses territórios e é permanentemente criminalizado, especialmente, se consome algum tipo de droga considerada ilícita.

“Des(enquadramentos) dos conflitos armados em favelas do Rio de Janeiro: quando os trabalhadores do SUS movimentam o cuidado e suas ações para o lugar de moradia das populações”, de Viviani Costa, Tatiana Baptista e Marize Cunha, trata dos impactos que o cotidiano da violência nas favelas do Rio de Janeiro gera sobre os trabalhadores da atenção básica de saúde. A partir de entrevistas, as autoras mostram como protocolos estabelecidos pelo sistema de saúde em situações limites não funcionam e como a recorrência dos conflitos armados cria um processo de vidas precarizadas.

“Maconha, saúde, lazer e criminalização: observações sobre um caso de uso de maconha medicinal na periferia de Belém-Pará”, de Bruno Passos, debate como raça, classe e territorialidade impactam na gestão de políticas de saúde e segurança pública. O estudo trata do caso de uma jovem negra morado-

ra da periferia de Belém, que durante uma gestação complicada decidiu utilizar um medicamento à base maconha para o alívio da dor. O autor debate sobre a sobreposição de violências, articulando racismo institucional, violência obstétrica e segregação espacial para analisar caminhos que a jovem trilha em busca de assistência e cuidado.

Marcos Verissimo e Perla Alves em “Viveiros de gansos e viveiros de patos: um estudo sobre práticas policiais envolvendo apreensão de drogas no estado do Rio de Janeiro” descrevem e interpretam uma modalidade de emprego da força policial em decorrência do cumprimento da Lei 11.343, de 2006, conhecida no Brasil como Lei de Drogas. A partir de um trabalho de campo de inspiração etnográfica, os autores analisam os efeitos práticos dessa tecnologia política e legal, apontando a dificuldade das forças policiais em operar na lógica da administração institucional de conflitos, uma vez que são parte constitutiva dos mesmos.

Conflitos urbanos e mobilizações coletivas são o centro da quarta parte do dossiê. Este bloco reúne artigos que refletem sobre violências e resistências a partir de dinâmicas laborais, culturais, religiosas e literárias. Os trabalhos trazem debates sobre conflitos urbanos associados à terra, relações raciais e de gênero. Ao analisar experiências em ocupações urbanas, congadas, trajetória de trabalhadoras domésticas e sexuais e produções literárias, os autores mostram a diversidade das mobilizações coletivas e apontam para ampliação da ideia de resistências urbanas.

O artigo “Violências e resistências na luta por moradia no Norte de Minas: o caso da Ocupação Tereza de Benguela (MTST) em Montes Claros”, de Júlia Canuto, analisa como a concentração de uma parte significativa da população em ocupações reflete as raízes históricas dos problemas das questões urbanas no Brasil. O artigo apresenta a evolução da visibilidade dos conflitos urbanos com a chegada do MTST, propondo reflexões sobre as particularidades das violências e resistências na luta por moradia em Montes Claros, bem como evidencia a contribuição dos movimentos sociais na luta pelo direito à cidade.

Cristiane Elias em “O reinado dos congos da cidade de Itapira: cultura e relações raciais” descreve as congadas da cidade de Itapira, localizada no interior do estado de São Paulo em diálogo com as

relações raciais estabelecidas no espaço urbano. Seu texto problematiza o apagamento e o lugar dos povos negros na historiografia de Itapira, a partir do processo do crescimento da região do oeste paulista, que se deu atrelado ao plantio de café e à escravidão negra.

“Do outro lado do mundo branco: experiências da cidade nos feminismos negros contemporâneos”, de Julia Abdalla, investiga trajetórias urbanas da comunidade negra e, em particular, das trabalhadoras domésticas e sexuais a partir de um trabalho etnográfico com ativistas no Sudeste do Brasil entre 2016 e 2018. O trabalho traz percepções sobre trajetórias urbanas de trabalhadoras domésticas e sexuais, relacionando gênero, raça e espaço urbano para compreender a transformação das cidades no pós-abolição, bem como os papéis laborais e morais na constituição de uma divisão sexual e racial do trabalho.

Em “Afrofuturismo e o Afropensamento na sociedade brasileira: literatura e a identidade na conquista do protagonismo negro”, Ana Carolina Lima, Daniela Santos e Fabio Lanza discutem processos de constituição identitária de pessoas negras, associando-os com a perspectiva de produção literária e pensamento social, designados como afrofuturismo e afropensamento na sociedade brasileira ao longo do século XXI. Os pesquisadores refletem sobre o que chamam de “identidade moderna fragilizada” e apresentam a literatura brasileira como meio de afirmação ou apagamento identitário a partir da constituição do gênero literário afrofuturista e suas concepções relacionadas com o afropensamento.

O último bloco do dossiê debate representações e auto representação das juventudes negra e favelada. Os textos analisam a produção de narrativas, contra narrativas e geração de dados tanto por parte da grande mídia, como de mídias comunitárias e grupos periféricos. Analisando um sequestro, uma intervenção militar e a pandemia da Covid-19, os autores refletem sobre como determinadas violações são intensificadas através de processos de criminalização de corpos e territórios. Ao mesmo tempo, mostram como a comunicação comunitária e a geração de dados “a partir da favela e para favela” ganham cada vez mais centralidade enquanto ferramentas políticas de resistência em contextos militarizados.

Henrique da Silva e Gisele Massola em

“Então, eu não tenho mais nada a perder mais, não, irmão!: Juventudes negras, violência e pedagogias culturais no Portal G1 de notícias” exploram as complexas relações entre juventudes negras, (in)visibilidade e violência, focando nas possíveis reverberações desses contextos na formação de identidades. A análise parte de reportagens sobre o sequestro do ônibus 174, em 2000, no Rio de Janeiro para debater formas de respaldar a morte do outro-negro como algo banal, enfatizando o racismo estrutural e a violência policial presente nas cidades.

O artigo de Gizele Martins “A Maré Vive: Da censura à reinvenção do fazer comunicação comunitária favelada” discute duas iniciativas em que comunicadores comunitários da favela da Maré sofreram violações de direitos: a ocupação militar do exército de 2014 e a censura sofrida pelos criadores da página Maré Vive; a pandemia da Covid-19 em 2020 combate a desinformação e fornecimento de alimentos pelos comunicadores comunitários. Ambos os movimentos mostram que os comunicadores são parte importante de processos de mobilização, denúncia e autoproteção comunitária em territórios que sofrem constantes com a militarização e violações de direitos.

O artigo de Thaís Cruz, intitulado “Favelas que (se) contam: a produção de dados como ferramenta política”, demonstra como no período recente a mobilização nas favelas e periferias tem priorizado a produção de dados. Entre censos, levantamentos, painéis unificados de dados e pesquisas, a autora analisa as experiências desenvolvidas nos Complexos de favelas da Maré e do Jacarezinho e mostra como o investimento na produção de dados próprios objetiva criar narrativas desvinculadas de estereótipos negativos, serve como ferramenta para a incidência política e contribui para ampliação dos repertórios de práticas.

Por fim, o dossiê ainda traz a resenha de Marcelo Filho sobre a coletânea “Rio a Oeste: Modos de Habitar e Fazer a Cidade”, organizada por Frank Davies e Fábio Araújo e publicada em 2022. O livro reúne textos de pesquisadores que articulam diferentes metodologias, teorias e objetos de pesquisa. A comunhão destes trabalhos acontece pelo interesse em uma região específica da cidade do Rio de Janeiro: a Zona Oeste. Longe dos mais famosos cartões-postais da Zona Sul e Centro, os bairros à Oeste tão diversos trazem suas especificidades de habitação, produção de bairros, violência urbana e ações coletivas.

De um modo geral, os trabalhos que compõem o dossiê problematizam mudanças nas dinâmicas da violência urbana e seus impactos, levando em consideração as dimensões territoriais, criminal, estatal, infraestrutural, étnico-racial, interseccional, geracional e/ou religiosa. Os textos analisam experiências de resistências cotidianas, associativismos e movimentos sociais, redes de produção de conhecimento, memória e comunicação comunitária, formas de ativismos jurídicos ou mesmo iniciativas que acionam a arte e a cultura como meio de resistência à violência em várias cidades do Brasil. Apontando, portanto, que frente a intensificação das violências nas margens urbanas, há uma significativa ampliação do repertório das resistências que atualmente só podem ser compreendidas a partir de uma perspectiva racializada, generificada e territorializada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio; SALLA, Fernando. “Criminalidade Organizada nas Prisões e os Ataques do PCC”. *Estudos Avançados (Dossiê Crime Organizado)*, no 61, 2007.

ADERALDO G. Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. Tese em antropologia. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.

ALVAREZ, M. C.; CAMPOS, M.; SALLA, F. Crime, Punishment and Inequality in Brazil: reflections from the global South. In: Farrall, S.; McVie, S., *Handbook of Inequality and Crime* (no prelo).

ALVES, José Claudio. *Dos barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. apph-Clio, Duque de Caxias, 2003.

ARAÚJO, Fábio. *Das “técnicas” de fazer desaparecer corpos: Desaparecimentos, violência, sofrimento e política*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

BARBOSA, Antonio Rafael. *Um Abraço para todos os Amigos: Algumas Considerações sobre o Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

BARROS, Rachel. *Vida militarizada: pontos sobre a*

- violência urbana no Rio de Janeiro. Proposta (Rio de Janeiro), v. 42, p. 52-57, 2019.
- BARROS, Rachel. “Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui”: a voz das favelas na luta contra violência policial. In: Radar Covid-19 Favelas, edição nº 9, maio/2021. Rio de Janeiro: Cooperação Social / Fiocruz, 2021.
- BEATO, C., & ZILLI, L. F.. A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 27(Rev. bras. Ci. Soc., 2012 27(80)), 71–88, 2012.
- BIRMAN, Patrícia; FERNANDES, Adriana; PIEROBON, Camila. Um emaranhado de casos: tráfico de drogas, estado e precariedade em moradias populares. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 431-460, Dec. 2014.
- CAMARGOS, P. A. P. Neoliberalismo e Política Criminal no Brasil após 1988: entre a redemocratização e a desdemocratização. *CADERNOS DE GESTÃO PÚBLICA*, v. 26, p. 1-18, 2021.
- CAMPELLO, R. U.; ALVAREZ, M. C. . «É bloqueio de sinal»: monitoramento eletrônico, punição e autoridade sociotécnica. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ONLINE)*, v. 37, p. 1-16, 2022.
- CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAMPOS, M. S. *Pela Metade: a lei de drogas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2019.
- CAMPOS, M. S. ; ALVAREZ, M.C . Políticas Públicas de Segurança, Violência e Punição no Brasil (2000-2016). In: Sergio Miceli; Carlos Benedito Martins. (Org.). *Sociologia Brasileira Hoje*. 1ed. Coitia: Ateliê Editorial, 2017, v. , p. 143-217.
- CAMPOS, Marcelo da Silveira e Azevedo, Rodrigo Ghiringhelli de. A ambiguidade das escolhas: política criminal no Brasil de 1989 a 2016. *Revista de Sociologia e Política*, 2020, v. 28, n. 73.
- CANO, Ignácio; DUARTE, Thais Lemos. *No Sapatinho: A Evolução das Milícias no Rio de Janeiro (2008-2011)*. Rio de Janeiro: Heinrich Boll Stiftung, 2012.
- CORRÊA, Diogo Silva. Entre o querer e o não querer: Dilemas existenciais de um ex-traficante na perspectiva de uma sociologia dos problemas íntimos. *Tempo Social*, 32(2), 175-204, 2020.
- D’ANDREA, T. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.
- DAS, Veena, POOLE, Deborah (Eds.). *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe, School of American Research Press, 2004
- DEUS, Lucas Obalera de. *Por uma perspectiva afrorreligiosa: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso*. Lucas Obalera de Deus. – Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2019.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FARIAS, Juliana. *Governo de mortes: Uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2020.
- FELTRAN, Gabriel; MOTTA, Luana. Polícia e ladrão: Uma abordagem etnográfica em pesquisa multimétodos. *RUNA*, arquivo para las ciencias del hombre, v. 42, p. 43-64, 2021
- FELTRAN, G. Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo. *Lua Nova*, n.79, p. 201-233, 2010b.
- FERNANDES, Heloísa Rodrigues. *Política e segurança: Força Pública do Estado de São Paulo, fundamentos histórico-sociais*. São Paulo: Alfa Ômega, 1973.
- FERREIRA, Rosa Maria Fisher (1979) *Meninos da rua: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: Comissão Justiça e

Paz de S. Paulo; CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho (1997) *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp. [1a. edição 1969] LEURY, S.; MENEZES, P. Pandemia nas favelas: entre carências e potências. *Saúde em Debate*. Vol. 44, n.4, Rio de Janeiro, 2020.

GODOI, Rafael; ARAUJO, Fábio; MALLART, Fábio . Espacializando a prisão: a conformação dos parques penitenciários em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Novos Estudos*. CEBRAP, v. 38, p. 591-611, 2019.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas*. Tradução . São Paulo: 7Letras, 2013.

GUIMARÃES, A. S. A.. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 93–107, jan. 2003.

HIRATA, Daniel; COUTO, Maria Isabel. *Mapa Histórico dos Grupos Armados no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Henrich Böll, 2022.

HIRATA, D.V. ; GRILLO, C. C. . Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro: perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. *TEMPO SOCIAL (ONLINE)*, v. 29, p. 75, 2017.

HIRATA, DANIEL; GRILLO, C. C. ; LYRA, D. A. ; DIRK, RENATO . A chacina sem capuz e a estatização das mortes. *Revista Piauí*, 28 jul. 2022.

KOWARICK, Lúcio (1977) *Capitalismo e Marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KOWARICK, Lucio (1979). *Espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LEITE, Márcia; ROCHA, Lia; FARIAS, Juliana;

CARVALHO, M. (Orgs.) *Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

LIMA, R. S; RATTON, J. L. As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública: Urbania*: ANPOCS, 2011.

KANT DE LIMA, R.. Direitos civis e Direitos Humanos: uma tradição judiciária pré-republicana?. *São Paulo em Perspectiva*, v. 18, n. 1, p. 49–59, jan. 2004.

LIMA, K; CAMPOS, M. Sujeição sanitária e cidadania vertical: Analogias entre as políticas públicas de extermínio na segurança pública e na saúde pública no Brasil de hoje. *Revista Dilemas IFCS-UFRJ*, v. 14, p. 1-9, 2021.

LOURENÇO, Luiz; ALVAREZ, Marcos. Estudos sobre prisão: um balanço do estado da arte nas Ciências Sociais nos últimos vinte anos no Brasil (1997-2017). *BIB- Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, v.02, p. 216-236, 2018.

MAGALHÃES, Alexandre. 2012. “A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106.

MACHADO DA SILVA, L. A. Violência e sociabilidade: tendências da atual conjuntura urbana no Brasil. In: QUEIROZ RIBEIRO, L. C. e SANTOS Jr. (orgs.) *Globalização, fragmentação e reforma urbana*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1994.

MACHADO DA SILVA, L. Vida sob cerco: violência e rotina em favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. “Violência urbana, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro”. *Cadernos CRH*, Salvador, 23, 59:283-300, 2010.

MACHADO DA SILVA, L. A.; MENEZES, P. V. “(Des)continuidades na experiência de ‘vida sob



cercos e na ‘sociabilidade violenta’”. *Novos Estudos*. CEBRAP, v. 38, p. 529-551, 2019.

MACHADO, Carly. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS), v. 20, p. 153-180, 2014.

MEDEIROS, Flavia; EILBAUM, Lucía. Quando existe “violência policial”? Direitos, moralidades e ordem pública no Rio de Janeiro. In.: *Dilemas*, Rio de Janeiro, UFRJ, Vol. 8, n.3:407428, 2015.

MELO, J. ., & PAIVA, L. F. S. Violências em territórios facionados do Nordeste do Brasil: notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. *Revista USP*, (129), 47-6, 2021.

MENEZES, Palloma. Monitorar, negociar e confrontar: as (re)definições na gestão dos ilegalismos em favelas “pacificadas”. *Tempo Social*, 30(3), 191-216, 2018

MENEZES, Palloma.; MAGALHÃES, Alexandre.; SILVA, Caíque. F. Painéis Comunitários: a disputa pela verdade da pandemia nas favelas cariocas. *HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS* (UFRGS. IMPRESSO). , v.n.59, p.109 - , 2021.

MENEZES, P. Entre o fogo cruzado e o campo mina: a “pacificação” das favelas cariocas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023.

MIAGUSKO, Edson ; JARDIM, F. ; CORTES, M. . Governo, gestão de populações e subjetividades: balanço e perspectivas analíticas. *REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA* , v. 6, p. 242-265, 2018.

MISSE, Michel. “Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro”. *Civitas*, 8:371-385, 2008.

MAGALHÃES, Alexandre. “A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106, 2022.

OLIVEIRA, R. G.; CUNHA, A.; GADELHA, A. G. S.; CARPIO, C. G.; OLIVEIRA, R. B.; CORRÊA,

R. M. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. *CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA*, v. 36, p. 1-14, 2020.

PAES MANSO, Bruno. A república das milícias: dos esquadrões da morte à Era Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.

PERLMAN, Janice (2002). O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3.a edição. [1ª. edição 1977].

RIOS, Flavia. Antirracismo, movimentos sociais e Estado. In: Adrian Laval, Euzeneia Carlos, Monika Dowbor e José Szwako. (Org.). *Movimentos sociais e Institucionalização: políticas sociais, raça e gênero no Brasil pós-transição*. 1ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2019, v. , p. 255-283.

SÁ, Leonardo. A condição de bichão da favela e a busca por consideração: uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 4, p. 339-355, 2011.

SALLA, FERNANDO; TEIXEIRA, ALESSANDRA . O crime organizado entre a criminologia e a sociologia. *TEMPO SOCIAL (ONLINE)*, v. 32, p. 147-171, 2020.

SCHERER-WARREN, I. Movimentos sociais e pós-colonialismo na América Latina *Ciências Sociais Unisinos*, vol. 46, núm. 1, janeiro-abril, 2010, pp. 18-27.

SOZZO, Máximo. La inflación punitiva: un análisis comparativo de las mutaciones del derecho penal en América Latina (1990-2015). Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Flacso/Café de las Ciudades, 2017. 434 p.

TEIXEIRA, Alessandra (2016). *O Crime pelo Averso: Gestão dos ilegalismos na cidade de São Paulo*. São Paulo: Alameda Editorial.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. De “corações de pedra” a “corações de carne”: algumas considerações sobre

a conversão de “bandidos” a igrejas evangélicas pentecostais. Dados, 2011, v. 54, n. 30, 2021 , pp. 449-478.

TELLES, V. S.. Resistências, sublevações, o ‘rumor das batalhas’. DILEMAS: REVISTA DE ESTUDOS DE CONFLITO E CONTROLE SOCIAL, v. 2, p. 11-28, 2017.

TELLES, V. S.. Pobreza e Cidadania: Precariedade e Condições de Vida. In: MARTINS, Heloisa de Souza; RAMALHO, José Ricardo. (Org.). TERCEIRIZAÇÃO, DIVERSIDADE E NEGOCIAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO. SÃO PAULO: HUCITEC, 1994, v. , p. 84-109.

VITAL DA CUNHA, Christina. Oração de traficante: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

WERNECK, Alexandre. O Ornitorrinco de Criminalização: A Construção Social Moral do Miliciano a partir dos Personagens da Violência Urbana do Rio de Janeiro. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Vol. 8 - no 3 - JUL/AGO/SET 2015 - pp. 429-454.

ZALUAR, A. Condomínio do diabo: as classes populares urbanas e a lógica do ferro e do fumo. Simpósio, IFCH, UNICAMP, *mimeo*. In: PINHEIRO, P.S. (org.) Crime, violência e poder. Brasiliense, São Paulo, 1983.

ZILLI, Luís Felipe. O mundo do crime e a lei da favela: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. Etnográfica, Lisboa, v. 19, n. 3, p. 463-487, 2015.

Ada Rizia Barbosa de Carvalho<sup>1</sup>

Ana Clara Klink<sup>2</sup>

Ananda Endo<sup>3</sup>

Flavia Saviani<sup>4</sup>

Paula Pagliari Braud<sup>5</sup>

Vera da Silva Telles<sup>6</sup>

## Resumo:

Este artigo trata dos percursos de homens e mulheres que passaram pela prisão e que têm suas vidas afetadas por dispositivos de controle nos meandros da expansiva informalidade urbana. Vidas enredadas nas malhas da justiça criminal, esses percursos permitem entender os modos operatórios da gestão dos ilegalismos populares. E também iluminam aspectos pouco ou nada trabalhados nas pesquisas sobre os efeitos societários do encarceramento em massa. Trata-se de uma maquinaria punitiva que, entre multas, cautelares, mandados, intimações, processos em andamento, se enreda e se compõe com as tramas da vida em percursos afetados por desconcertos, temores, incertezas, também alimentados pela ilegibilidade das decisões, das leis, das normativas que circulam entre os indecifráveis labirintos judiciais, os tribunais, as delegacias e “os corpos dispersos da polícia”, tudo isso se constelando no que Veena Das define como “textura do cotidiano”. Os casos aqui apresentados nos permitem deslindar (i) as tramas da vida tecidas nas “malhas do poder punitivo”; (ii) os sentidos do que definimos como “maquinaria punitiva”; (ii) as “liberdades precárias” inscritas na gestão dos ilegalismos próprios do universo da informalidade urbana; (iii) a importância das redes sociotécnicas de apoio que se constituem em torno de alguns desses (e outros) casos.

**Palavras-chave:** “histórias minúsculas”, maquinaria punitiva, gestão de ilegalismos populares, tramas da vida, redes de apoio

## Life plots and punitive machinery: lives entangled in the meshes of criminal justice

### Abstract:

This article deals with the journeys of men and women who have been imprisoned and whose lives are affected by control devices in the intricacies of expansive urban informality. Lives entangled in the networks of criminal justice, these paths allow us to understand the operational methods of managing popular illegality. And they also illuminate aspects that have been insufficiently researched or not studied in researches about the societal effects of mass incarceration. It is a punitive machinery that, between fines, precautionary measures, warrants, subpoenas, ongoing processes, is entangled and composed with the plots of life in paths affected by disconcerts, fears, uncertainties, also fueled by the illegibility of decisions, laws, the regulations that circulate between the indecipherable judicial labyrinths, the courts, the police stations and “the dispersed body of the police”, all of this constellations in what Veena Das defines as “textures of ordinary”. The cases presented here allow us to unravel (i) the webs of life woven into the “mesh of punitive power”; (ii) the meanings of what we define as “punitive machinery”; (ii) the “precarious freedoms” embedded in the management of illegalities typical of the universe of urban informality; (iii) the importance of the socio-technical support networks that are formed around some of these (and other) cases.

**Keywords:** “minuscules histories”, punitive machinery, management of popular illegalisms, life plots, support networks, life plots

1 Doutoranda em sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora dos grupos de pesquisa Cidade e Trabalho e Mobilidades: Teorias, temas e métodos

2 Mestre em Antropologia Social e graduada em Direito pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cidade e Trabalho e do Núcleo de Antropologia do Direito.

3 Advogada e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo Cidade e Trabalho

4 Bacharel em Relações Internacionais e Letras, mestranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo Cidade e Trabalho.

5 Advogada e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo Pesquisadora do grupo Cidade e Trabalho.

6 Professora livre-docente sênior do Departamento de Sociologia da USP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Cidade e Trabalho (PPGS-USP)

## Introdução

Este artigo trata de “histórias minúsculas” enredadas nas malhas do poder punitivo. Homens e mulheres que passaram pela prisão e que têm suas vidas afetadas por dispositivos de controle que assombrom seus percursos em meio à hoje expansiva informalidade urbana. Formas de punição que se prolongam para além do evento-prisão: processos “em aberto” por conta de multas impagáveis, apesar da pena prescrita já ter sido cumprida ou então pelas dificuldades para dar “baixa no processo” junto às instâncias competentes, quando não pelos ditos “erros de sistema” que não atualizam informações ou emitem mandados indevidos de prisão. Tudo isso em meio a um indecifrável labirinto burocrático judicial que faz multiplicar situações de incertezas quanto a processos em andamento, a possível emissão de mandados de prisão, quanto ao estatuto da liberdade provisória, cautelares e suas obrigações, e mais um tanto de enrosco próprios da justiça criminal. Inseguranças e incertezas de vidas em suspenso entre temores do que pode acontecer (achques da polícia, volta à prisão) e a impossibilidade de regularizar documentos e conquistar alguma improvável previsibilidade nos rumos da vida.

Estas são histórias que circulam nas ocupações e assentamentos precários no centro e periferias da cidade de São Paulo (e outras cidades, podemos supor), também nos lugares de concentração do comércio ambulante. Vidas enredadas nas malhas da justiça criminal, mas que ficam fora do radar das agendas de pesquisa e das agendas políticas que gravitam, em grande medida, em torno das questões postas pelo “grande crime” (tráfico de drogas, organizações criminosas), pelos problemas da Segurança Pública e da violência policial.

## Por que estas histórias interessam?

Essas micro histórias nos entregam elementos para entender os modos operatórios da gestão dos ilegalismos populares (Foucault, 1976) no amplo universo da informalidade urbana. Afetadas por

formas de controle e punição, também iluminam aspectos pouco ou nada trabalhados nas pesquisas sobre os efeitos societários e urbanos do “encarceramento em massa” (Telles, 2019). Trata-se de uma maquinaria punitiva que, entre multas, cautelares, mandados, intimações, processos em andamento, se enreda e se compõe com as tramas da vida em percursos afetados por desconcertos, temores, incertezas, também alimentados pela ilegibilidade das decisões, das leis, das normativas que circulam entre os indecifráveis labirintos judiciais, os tribunais, as delegacias e, como diz Veena Das (2022), “os corpos dispersos da polícia”, tudo isso se constelando no que a autora define como “textura do cotidiano” (2022). Mas é também neste terreno que as tramas da vida são tecidas por via de práticas, arranjos e agenciamentos para contornar riscos e ameaças, evitar encontros com a polícia, e isso afeta formas de trabalho, modos de morar, de transitar pela cidade, de fazer uso de seus serviços. E também para a busca de proteção e apoio para lidar com a situação, acionando redes familiares e socialidades locais, as vezes conhecidos no “mundo do crime” para escapar ou se livrar de “enquadros” da polícia. E conforme os acasos da vida, as redes de apoio jurídico quando, pelo jogo de circunstâncias variadas, essas histórias são captadas pelos sensores críticos desses coletivos.

Temos aqui, a rigor, uma vasta agenda de pesquisa. Nos limites deste artigo, escolhemos alguns casos que nos permitem deslindar (i) as tramas da vida tecidas nas “malhas do poder punitivo”; (ii) os sentidos do que definimos como “maquinaria punitiva”; (iii) atualizando termo cunhado por Chalhoub (1990), as “liberdades precárias” inscritas na gestão dos ilegalismos próprios do amplo universo da informalidade urbana; (iv) a importância das redes sociotécnicas de apoio que se constituem em torno de alguns desses (e outros) casos.

Não se trata aqui de esmiuçar razões e circunstâncias da prisão dos personagens que comparecem neste texto. Foi pelos efeitos e desdobramentos da prisão que essas histórias nos chegaram e nos in-

terpelaram como questão - um coletivo de pesquisa formado por esse híbrido de pesquisadoras-ativistas, engajadas, cada qual à sua maneira, nas redes de apoio jurídico, nos coletivos de apoio a homens e mulheres que passaram pela prisão e outros tantos em defesa do Direitos Humanos. Na discussão conjunta de casos e histórias que preenchem nossos diários de campo, construímos uma agenda partilhada de pesquisa, de leituras e reflexões teóricas. A elaboração deste texto é um primeiro resultado (outros em vista nos próximos meses) de um esforço colaborativo de pesquisa e reflexão teórica.<sup>7</sup>

### Nas malhas do poder punitivo

Jéssica, negra, 24 anos, catadora de material reciclável. Foi detida na precária ocupação onde morava, no centro da cidade de São Paulo. Aconteceu em meio a uma invasão do local por forças policiais, a pretexto de combate ao crime na região. Foi detida por tráfico em um flagrante (que ela nega) de porte de 90 gramas de maconha. Jéssica estava em seu nono mês de gravidez. Entrou em trabalho de parto pouco tempo depois, na cela do Distrito Policial para onde foi levada. Segundo seu relato, os agentes policiais chegaram a sugerir que outro preso, que era médico, fizesse o parto ali mesmo – este se recusou, a cela estava muito suja, poderia infectar o bebê. Horas depois, foi finalmente levada ao hospital, escoltada. No dia seguinte, deu à luz a seu filho Enrico.

A Audiência de Custódia aconteceu sem a sua presença. A Custódia é um mecanismo que impõe a apresentação da pessoa presa em juízo nas primeiras 24 horas após a prisão, tendo como função verificar a legalidade do procedimento e a existência de tortura ou maus tratos. A juíza responsável foi informada de que Jéssica não compareceu pois estava em trabalho de parto, mas isso não lhe pareceu motivo suficiente para conceder a liberdade provisória. Um Habeas

Corpus impetrado que cuidava de seu caso também foi negado pelo Tribunal. Após receber alta, Jéssica foi encaminhada de volta à delegacia. Junto com o filho, foi transferida para a Penitenciária Feminina de Santana. No sexto dia após a prisão, um novo HC foi impetrado e, desta vez, acatado, assinado pelo Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Os dois foram liberados.

Nesse intervalo entre a prisão e a concessão do HC, o caso ganhou uma repentina repercussão midiática: reportagens com a foto de uma mulher e um bebê recém-nascido dividindo um colchão na cela de uma delegacia<sup>8</sup> lançaram às manchetes de jornais a grave problemática do encarceramento feminino no Brasil. Um acaso de circunstâncias de momento deu repercussão ao episódio. Era o início de 2018. O caso ocorreu próximo à data de julgamento pelo Supremo Tribunal Federal do HC Coletivo 143.641<sup>9</sup>, que reconheceu o direito à prisão domiciliar de todas as mulheres gestantes ou mães de crianças de até 12 anos de idade, que já possuía previsão legal, mas não era aplicado. A repercussão da história de Jéssica às vésperas do julgamento, que indiretamente o influenciou, mobilizou diversas organizações de defesa de Direitos Humanos. Foi assim que o caso chegou à OAB.

O caso de Jéssica tendia a regressar ao esquecimento quando, repentinamente, retornou ao debate público. Dessa vez, em meio à pandemia de Covid-19. Em meados de 2021, uma das jornalistas que havia acompanhado de perto sua prisão fez um post no Twitter, indignada com a situação que testemunhara: Jéssica, que havia passado pelo radar de diversas figuras públicas e instituições que disseram ter se solidarizado com sua história, permanecia vivendo em condições muito precárias, intensificadas pela pandemia. Ainda em regime de prisão domiciliar. E agora com um agravante: a pena de multa.

7 Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento das pesquisas de mestrado das coautoras Ananda Endo, no âmbito do Processo nº 2021/00573-7, e Ana Clara Klink, no âmbito do Processo nº 2021/05586-0. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade das autoras e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

8 Entre outras, <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/14/recem-nascido-fica-3-dias-em-cela-de-delegacia-de-sp-com-a-mae-presa-por-trafico.htm>;

9 Cf. julgamento completo in: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/HC143641final3pdfVoto.pdf>. Acesso em 13/03/2023.

Desde 2019, por força de uma alteração no Código Penal, a pena de multa, que acompanha a condenação em alguns crimes, impede a “extinção da punibilidade” até que seja paga, ainda que a pessoa já tenha cumprido o tempo de privação de liberdade ou de restrição de direitos imposto na sentença. Esta é situação que afeta mais de 208 mil pessoas em São Paulo, segundo levantamento apresentado em reportagem da Agência Pública com dados fornecidos pelo Tribunal de Justiça do Estado, referentes ao período entre janeiro de 2020 e março de 2023 – eram seis casos em janeiro de 2020, um crescimento exponencial a partir de março de 2021, meses após o início da vigência dessa alteração legal<sup>10</sup>.

O caso de Jéssica foi excepcional apenas pela repercussão que sua história ganhou em um contexto muito determinado. Não era exceção quanto à violação de seus direitos sexuais e reprodutivos. Tampouco às restrições impostas pela dívida da multa penal: um caso a mais na miríade de situações que prolongam os efeitos da punição no cotidiano e percursos de homens e mulheres enroscados nas malhas do poder punitivo.

Jéssica conseguiu que fosse analisada sua condição de pobreza no processo, que a impedia de pagar a multa. A juíza reconheceu o fato e declarou extinta a pena. Entretanto, em evidente contradição, na mesma decisão, a magistrada facultou ao Ministério Público cobrar dela o pagamento em ação autônoma, o que na prática impediria extinção da punibilidade. Jéssica seguiu submetida à prisão provisória em regime domiciliar. Quando saiu sua condenação anos depois, já havia cumprido mais do que o dobro do que a sentença lhe impunha de pena privativa de liberdade.

Cumprir mais do que o dobro da pena e ainda restar tempo a cumprir. Não dever mais nada em seu

processo, mas seguir com ele em aberto. A dificuldade de compreensão por Jéssica das decisões e obrigações vinculadas ao seu processo criminal não decorria do desafio de assimilação da linguagem jurídica em função do contraste entre o rebuscamento dos termos e sua baixa escolaridade. Devia-se ao próprio caráter de “ilegibilidade” do Estado, traduzido na “impossibilidade de leitura de suas regras e regulamentos” (DAS, 2020, p. 226).

A arbitrariedade, ilegibilidade e entraves burocráticos fizeram com que o alvará de soltura não lhe conferisse liberdade, somente dando início a uma nova etapa da experiência prisional: sua transposição para a vida cotidiana. Com a notificação da pena de multa, Jéssica teve sua vida enredada em um verdadeiro labirinto burocrático-judicial: seu nome ficou inscrito no cadastro de devedores e isso a impedia de acessar crédito bancário para arcar com suas despesas, bem como manteve o cancelamento de seu título de eleitor, sem o qual não podia votar nem regularizar outros documentos pessoais.

Não fosse a rede de apoio que se constituiu em torno do seu caso logo no início e, depois, relançada com outros contornos no contexto da pandemia de Covid-19, Jéssica estaria em uma situação ainda mais precária. Foi assim que ela conseguiu algum suporte para seguir tocando a vida: com a mediação de uma liderança do movimento de moradia, uma cesta básica que passou a retirar todo mês em uma igreja próxima a sua casa; a indicação para um emprego em uma ONG que acolhe pessoas em situação de vulnerabilidade. Depois, por intermédio do Instituto Pro Bono, a assistência de um escritório de advocacia criminal que assumiu a defesa em todos os seus processos pendentes e que conseguiu, ao final, extinguir

10 Prevista no Código Penal desde 1940, a pena de multa possuía natureza fiscal e não interferia no cumprimento da pena corporal. A atribuição da cobrança era da Fazenda Pública, que frequentemente deixava de executá-la, pois o custo para o ajuizamento da ação muitas vezes era maior do que o valor da multa. Em dezembro de 2019, no escopo do chamado Pacote Anti-Crime do então ministro da Justiça Sérgio Moro, uma mudança na lei consolidou o entendimento de que a pena de multa possui natureza penal, devendo ser cobrada em ação autônoma pelo Ministério Público, e estabeleceu que o não pagamento da quantia devida impede a extinção da punibilidade. Informações extraídas de “Prisão em liberdade: após cumprir pena, ex-presos são obrigados a pagar multas”. Agência Pública. Disponível em: <https://apublica.org/2023/05/prisao-em-liberdade-apos-cumprir-pena-ex-presos-sao-obrigados-a-pagar-multas/#D%C3%ADvidas>. Acesso em 15/11/2023.

seu processo e a dívida de multa em definitivo.

Muito mais se poderia contar, detalhar e discutir no caso de Jéssica. Isso ficará para um outro momento<sup>11</sup>. Por ora, nos interessa chamar a atenção para as questões que nos interessam aqui discutir, tomando como fio condutor os elementos que indicam esse transbordamento da prisão para as vidas cotidianas, tal como essa “história minúscula” nos faz compreender. Além do estigma da prisão, vidas e percursos afetados pela experiência carcerária, desdobra nos efeitos de poder de uma maquinaria punitiva que vai se revelando, no dia a dia, entre o arbítrio policial e os obscuros e indecifráveis meandros da justiça criminal.

No jogo entre os trânsitos pelo labiríntico sistema de justiça criminal e as estratégias mobilizadas para prosseguir, vão se criando lógicas específicas de deslocamentos pela cidade, conformando-se circuitos e modos de vida entre o legal e o ilegal, formal e informal, em que a legalidade plena se torna inalcançável. Percursos conduzidos pela “arte de escapar”, como propõe Goffman (2015, p. 23), ou, nos termos de Foucault (2016, p. 267), pelos usos estratégicos da lei para escapar dela, contorná-la ou, com sorte, instrumentalizá-la a seu favor. A repercussão do caso de Jéssica que impulsionou o julgamento do HC Coletivo é um exemplo de como a vida dos indivíduos vai também produzindo norma e, por outro lado, os desdobramentos decorrentes do processo em sua trajetória demonstram como a lei produz efeitos sobre a vida cotidiana, não circunscritos aos muros das instituições penais, prisionais e policiais.

Veena Das chama de “textura da lei” (2020, p. 226) o movimento, produtor de sentido e efeitos, entre o que acontece dentro das salas de audiência e seus enredamentos na vida externa aos tribunais. Segundo a autora, compreender a lei e seus efeitos de poder passa pelo reconhecimento de que o saber técnico do direito ganha formas particulares quando insere-se no emaranhado de relações que atravessam e conectam bairros pobres – e sua multiplicidade de dinâmicas e atores –, delegacias de polícia e cortes

judiciais. Com isso, afirma, o aparato estatal pode ser mais bem observado e descrito não a partir de postos localizados, como os próprios tribunais, mas em função da circulação do poder e do que esta movimentação produz (DAS, 2020; 2022).

No caso de Jéssica, decisões e categorias judicialmente produzidas – *traficante, mãe*, a insuficiência de recursos e sua relação com um precário contexto de moradia, por exemplo, foram inicialmente forjadas na delegacia de polícia. Fragmentos de sua história e narrativas policiais foram registrados nos múltiplos documentos de um boletim de ocorrência e subsequente investigação, os quais passaram ao tribunal e ditaram os rumos de sua condenação. Daí, a sentença, as categorias, as imagens e as ficções judicialmente produzidas chegaram às redes de relações que se constituíram ao redor de seu caso, sendo novamente enviadas à corte e alcançando tanto uma nova interpretação sobre o caso quanto uma reformulação do direito no país. Entre as ambivalências, tensões e disputas entre o cotidiano e a lei, feitas e refeitas a partir da circulação do poder por diferentes espaços, o Estado enredou-se na vida cotidiana de Jéssica, informando suas redes de relações e suas formas de habitar a cidade.

Inicialmente, na delegacia, procedimentos policiais pouco claros construíram a imagem de Jéssica como *traficante*. Fragmentos de sua vida, narrados por boletins de ocorrência e relatórios policiais, criaram a “ficção” (DAS, 2020, p. 217) de que, por (supostamente) traficar, era uma ameaça à “ordem pública”. Complexas formas de violência, como a invasão à sua casa, a negação de cuidado médico e o próprio processamento penal de seu caso transformaram-se em uma categoria de forte apelo ao judiciário, em um contexto de “guerra às drogas”. Micro (e violentos) eventos foram registrados e estabilizados de forma a tornarem-se inteligíveis à juíza do caso, que acionou os procedimentos correspondentes a mais um delito de tráfico de drogas.

Contudo, diz a autora, uma decisão é apenas um dos desfechos e efeitos de um processo judicial –

<sup>11</sup> Uma reportagem recente na Intercept-Brasil (11/10/2023) sobre o caso de Jessica traz detalhes e informações importantes e que, por economia de espaço, não temos condições de trabalhar nesse texto.

“também há adiamento, atraso, assédio, obstrução, negociação” (DAS, 2020, p. 217). No caso de Jéssica, houve a circulação do caso junto a uma rede sociotécnica composta por ONGs, repórteres, advogados/as e membros da sociedade civil que levaram à disputa as formas de se construir as categorias de *traficante* e de *maternidade* no judiciário paulista. O *tweet* da jornalista em meio à pandemia cumpriu a função disparadora, jogando novo holofote à história de Jéssica. Diversos atores e organizações mobilizaram-se pela tragédia dos fatos, bem como alguns dos vínculos estabelecidos na época da prisão foram reativados, possibilitando a conformação de uma rede sociotécnica (2020, 2020) com a qual Jéssica passou a contar para as diversas demandas de sua vida.

Com a prisão domiciliar, Jéssica passou a viver uma vida marcada pela inderrogável gestão de seu cotidiano por nebulosos documentos e procedimentos burocráticos estatais. Ao transitar por tal labirinto, ela se aproxima das incontáveis histórias de pessoas que caem nas malhas do sistema penal.

Adicionando mais uma camada à complexidade dos caminhos e descaminhos colocados por este labirinto, um outro caso, uma “história minúscula”, recorrente em nossos campos de pesquisa e intervenção, permite apreender as formas pelas quais tais dispositivos de punição entrelaçam-se, nas “margens do Estado” (DAS; POOLE, 2004), com outras formas de regulação e gestão da vida.

Artur, negro, 23 anos, morador de uma favela na periferia paulista. Em meados de 2021, cruzou seus caminhos com Ana Clara, co-autora deste artigo, quando procurou a Amparar<sup>12</sup> para obter orientações sobre os rumos do processo ao qual respondia. Artur estava envolvido no circuito de roubo de carros e motos<sup>13</sup>. Conhecido pelos policiais locais, vivia sob a ameaça de que, na oportunidade certa, voltariam para prendê-lo. Na primeira vez que foi levado à delegacia, os policiais resolveram não registrar a

ocorrência porque isso significaria, para a vítima, perder o direito à indenização do seguro (a moto havia sido desmontada, peças danificadas). Depois de prováveis acertos com a vítima (nada sabemos sobre isso, mas podemos supor), preferiram dividir o valor do ressarcimento e alegar que a moto não havia sido encontrada<sup>14</sup>. Os policiais, contudo, persistiram na vigilância e perseguição de Artur. Contando com o que Das (2022) chamaria de “corpo disperso da polícia” – olhos e ouvidos de pessoas da vizinhança envolvidas em formas de investigação extralegal –, encontraram o galpão onde Artur e mais três rapazes guardavam os outros veículos.

Incapazes de justificar formalmente a forma pela qual haviam chegado ao flagrante delito, os policiais disseram ter encontrado o galpão por uma “denúncia anônima”. Indo além, afirmaram que Artur, então detido, havia confessado estar com outros três rapazes na hora do roubo. Apesar de saber que, ao confirmar tal versão, seria cobrado no “mundo do crime” (FELTRAN, 2018) por *caguetar*, Artur foi pressionado a endossar a informação por seu advogado, aliás um ex-policial. Isso diminuiu sua pena em alguns meses. Mas ele afirmava preferir ter tido uma pena mais alta a ser cobrado posteriormente pelo *crime* – que não o executou, mas poderia tê-lo feito. Foram as incertezas produzidas por esses seus encontros com a polícia que levaram Artur a procurar ajuda na Amparar. Esta foi a história relatada a Ana Clara que, então, empenhou-se em acompanhar o andamento do processo, informá-lo da eventualidade de um mandado de prisão e apoiá-lo na situação.

Das e Poole (2004) definem as “margens do Estado” como espaços onde o Estado está sendo constantemente refundado em seus modos de ordem e legislação. Mais do que espaços territoriais, são “espaços de prática nos quais a lei e outras práticas estatais são colonizadas por outras formas de regulação que emanam das necessidades prementes das populações

12 A Associação de Amigos/as e Familiares de Presos/as e Internos/as da Fundação CASA, AMPARAR, é um coletivo de acolhimento, orientação e mobilização política de pessoas afetadas pelo sistema de justiça criminal. O coletivo é composto principalmente por mães, avós e esposas de pessoas privadas de liberdade, e atua em articulação com ativistas e profissionais engajados/as na luta antiprisional.

13 Sobre o amplo e intrincado circuito da economia urbana de veículos roubados, ver Feltran, 2021.

14 Os arranjos, acertos e obscuras negociações em torno dos seguros compõem essa economia dos veículos roubados, conforme nos mostram Motta et al. (2023).



para assegurar sua sobrevivência política e econômica” (2004, p. 8). Um dos principais aspectos das margens, segundo as autoras, está na forma pela qual o Estado, por meio da ilegibilidade de suas práticas, documentos e palavras, estabelece o controle sobre vidas, territórios e populações.

Se a história de Jéssica mostra como as dificuldades de ler o Estado tornam-se parte dos prolongamentos e efeitos da punição, com Artur vemos como agentes policiais fazem uso dessa mesma opacidade para navegar entre o espaço deixado por regras escritas e sua implementação. A primeira passagem de Artur pela delegacia, quando os policiais optaram pelo dinheiro do seguro e não pelo registro do flagrante, mostra como as formas de controle podem passar pela possibilidade de ocultar uma parte da lei (que circula nos tribunais) para cumprir com os procedimentos uma outra parte da lei, posta em operação pela polícia (DAS, 2022). Para isso, mobilizam documentos como relatórios policiais e registros (ou não registros) de ocorrências, que carregam em si a “assinatura do Estado” (DAS, 2004) e dão legitimidade à sua atuação.

A lei que fazem operar segue, contudo, também uma ética policial própria (LIMA, 1989), que abre espaço para possibilidades de fazer valer interesses privados e concepções particulares sobre justiça e formas de alcançá-la. Rechaçando a divisão entre Estado e comunidade, Das (2004) afirma que, na medida em que policiais continuam sendo parte de mundos locais, portando costumes, hábitos e uma ética corporativa própria, estes imperativos passam a também compor a racionalidade estatal. Assim, formas contextualizadas de regulação de territórios, que emanam de necessidades locais e disputam uma ordem política própria, colonizam as leis e as práticas do Estado. Fazem então com que a ilegibilidade das leis, junto às ações humanas que as personificam, definam a forma pela qual são implementadas (DAS, 2004, p. 244).

Em suas práticas recorrentes, as forças policiais transitam entre o arbítrio e a obscuridade; a legalidade

e a ilegalidade – como visto com as investigações extra-legais no caso de Artur –, fazendo da exceção da lei um aspecto que termina por constituí-la (DAS; POOLE, 2004). Neste processo, a vida cotidiana vai sendo tramada ao redor de um emaranhado de leis, regulamentos, racionalidades e dispositivos que enredam a vida junto ao sistema de justiça criminal. No caso de Artur, complicando ainda mais a questão, a lealdade de seu advogado à ética policial faz com que ele seja obrigado a endossar a ficção legal criada na delegacia (a de que teria delatado os outros três rapazes), e isso ainda repercute diretamente junto às formas de gestão do território feitas pelo crime local. Se negociações e disputas ao redor da lei acontecem em outros contextos, nas margens, como coloca Das (2004), elas estão intimamente ligadas às formas de sobrevivência econômica e material. Alguns atores, como autoridades policiais, utilizam-se da ilegibilidade das leis e da possibilidade de personificá-la quando regras e regulamentos, portando a dimensão racional-burocrática do Estado, parecem ausentes de determinados contextos. Outros, como o crime local, orbitam ao redor do Estado e, por meio de disputas e outros atravessamentos, interagem com suas expressões de poder e participam da “textura da lei” (DAS, 2020). Assim, juntos operam as formas pelas quais vidas vão sendo enredadas nos dispositivos de controle do sistema de justiça criminal. Como diz uma interlocutora da Ana Clara, co-autora deste artigo, vai-se transitando entre “a lei do juiz, a lei da polícia e a lei do crime”, tornando o escape do labirinto cada mais difícil e improvável.

### **Nos meandros da maquinaria punitiva**

A noção de maquinaria punitiva nos foi inspirada pela leitura de Alexander (2017) em sua discussão sobre os dispositivos punitivos que alimentam o encarceramento em massa nos Estados Unidos, que transbordam o perímetro das prisões, afetando vidas e formas de vida enredadas em uma trama institucional feita de políticas, leis, normativas jurídicas, costumes e práticas de controle e punição. Como ela diz, formas racializadas de gestão e controle de po-

pulações negras e seus territórios de vida<sup>15</sup>. Nos Estados Unidos, restrições e interditos são formalizados e pesam sobre a vida dos egressos e suas famílias nas formas de uma punição que não se encerra nunca, engendrando, nos termos da autora, uma verdadeira casta formada por grupos racializados, excluídos da vida civil – ou como diz Chin (2012), submetidos a uma verdadeira “morte civil”. Não é o caso aqui, nem teríamos espaço para isso, de discutir diferenças e proximidades dos nexos entre racismo, punição e encarceramento em massa nos Estados Unidos e Brasil. Por ora, nos interessa chamar a atenção para algumas questões que essas “histórias minúsculas” nos fazem ver.

No Brasil, são inúmeras as barreiras que populações pobres e racializadas encontram para acessar justiça e a proteção formal, submetidas à violação sistemática de direitos civis (abuso de poder, polícia, prisão, tortura, falta de proteção contra violência privada). Mas essas micro-histórias nos alertam para a importância de se prestar atenção aos modos como esses impedimentos se fazem por via de uma série de arranjos, nem sempre claros e nem sempre legais, vivenciados por pessoas que, em algum momento, foram capturadas pelas malhas da punição, sob acusações tão ilegíveis quanto inescapáveis.

O conhecido e muito bem documentado arbítrio, violência e seletividade da atuação policial soma-se aos indiscerníveis labirintos burocráticos dos dispositivos judiciais, responsáveis pela punição e manutenção de um ciclo de não acesso a direitos (FISCHER; GRINBERG; MATTOS, 2018). As histórias de Jéssica e Artur permitem ver o modo como os tortuosos caminhos de encobrimento e/ou justificação de práticas extralegais operam no cotidiano de determinados territórios e grupos sociais. Como colocam Fischer, Grinberg e Mattos (2018, p. 185), “o diabo mora nos detalhes”. Um exemplo disso está na forma de gestão de informações sobre antecedentes criminais

– as *passagens* pelo sistema de justiça criminal –, e o modo como circulam pelo poder judiciário.

Uma das perguntas que abre a interação com policiais durante os *enquadros* é se a pessoa abordada tem *passagem*. Apesar do Código Penal prever que, passados cinco anos da extinção de uma pena, ela não poderia mais ser considerada como reincidente, autoridades policiais continuam tendo acesso ao registro de todas as *passagens* ao longo da vida de uma pessoa. Sofia, interlocutora de Ana Clara, por exemplo, foi absolvida, mas a informação sempre vinha à tona durante abordagens policiais: “*Sabe, é muito constrangedor, porque... se eu fui absolvida, por que que tá constando meu nome, por que aparece?*”. Consequências jurídicas mais graves, incluindo uma eventual prisão, alargam os efeitos da permanência desse tipo de informação.

É comum que, após constatarem uma *passagem*, seja ela recente ou não, policiais levem homens e mulheres para delegacias para *averiguação*.<sup>16</sup> A informação torna-se razão de suspeita e muito frequentemente para flagrantes, *forjados* ou não. Quando esses casos chegam ao poder judiciário, nas situações em que a informação não pode mais ser utilizada como elemento que constitui “reincidência”, ela é lida como indicadora de “maus antecedentes” ou de “condições pessoais” de determinada pessoa, assim produzindo evidência para acusação e condenação<sup>17</sup>.

A maquinaria punitiva pode ser vista, portanto, operando entre o arbítrio policial e o longo e tortuoso percurso pelo qual passam os processos criminais, chegando à condenação, à prisão e às “marcas indeléveis” (MALLART, 2014) que as vidas com *passagem* passam a carregar e com a qual transitam pelo labirinto jurídico-burocrático que organiza o sistema de justiça criminal. Evidências processuais e tipificações criminais produzem ficções jurídicas, como diz Das (2020; 2022), com efeitos de poder que se espriam para além do fato codificado e sobre o am-

15 Desdobramos aqui questões trabalhadas em texto anterior (Telles et alii, 2020)

16 Ressonâncias, talvez avatares, das “prisões correcionais” de pessoas com comportamentos “suspeitos”, analisadas por Teixeira (2016) e que ela toma como dispositivo de gestão dos ilegalismos no país pós-abolição, que persistiram por décadas, foram proibidas legalmente nos anos 1980, mas que ecoam nas práticas policiais atuais

17 Conforme o Código Penal, uma vez passado o prazo de cinco anos para a caracterização da reincidência, o fato se transforma em maus antecedentes e passam a qualificar possíveis agravamentos de pena e cautelares através de outras categorias penais.

plo e extensivo mundo da chamada informalidade urbana, inserida em territórios que passam a ser lidos como “sensíveis” pelo aparato repressivo. Ilegalismos diversos que fazem parte da “viração” popular e de trajetórias regidas por “mobilidades laterais” (RUGGIERO; SOUTH, 1997) nas fronteiras incertas do formal e informal, legal e ilegal (TELLES; HIRATA, 2007), são ou podem ser capturados nos meandros da maquinaria punitiva, codificados nos termos que constroem as “ficções jurídicas” como evidências que irão compor a Grande Narrativa do Crime Urbano. É disso que iremos tratar no tópico seguinte.

### **Gestão diferencial dos ilegalismos e “liberdades precárias”**

Examinadas as versões e demais elementos amealhados, nos termos do artigo 140 parágrafo 3º da constituição estadual paulista, com a redação determinada pela emenda nº35/2012, nesta etapa urgente de cognição sumária, reputo que a conduta da indigitada encontra subsunção à figura típica do delito acima descrito. Configurado o estado flagrancial, nos moldes do artigo 302, I, CPP. Ademais, vislumbram-se também os elementos indiciários de autoria e materialidade delitivas, que emergem das oitivas coligidas, da captura da indiciada que armazenava e revendia botijões de gás “GLP” sem adoção das exigências legais. (Auto de Prisão em Flagrante Delito DGP 1/2005)

Nos termos quase ilegíveis da sentença, um caso banal de venda informal de botijões de gás nos circuitos vicinais.

Juliana foi trazida pelo policial militar, algemada, até o biombo improvisado no canto do Fórum da Comarca de Itapeverica da Serra, onde eram então realizadas (em 2018) as entrevistas com os indiciados antes das audiências de custódia. Paula, co-autora deste artigo, estava presente como advogada voluntária do Instituto Pro-Bono.

Juliana havia sido presa em flagrante por um crime até então desconhecido dos advogados presentes na ocasião. Um tipo penal descrito na Lei 8.176/1991, cuja epígrafe define os “crimes contra a ordem econômica”. A conduta: vender seus botijões de gás a seus vizinhos.

No auto de prisão em flagrante, os policiais civis

descrevem que estavam “participando de atuação de campo de Polícia Judiciária [...], com a finalidade de coibir o tráfico de drogas e crimes patrimoniais”, e receberam informações sobre venda ilegal de produtos. Sob a justificativa de repressão ao tráfico e roubo, as delegacias de polícia locais aumentavam sua produtividade por meio da grande quantidade de flagrantes produzidos na investida contra toda e qualquer conduta passível de ser enquadrada no Código Penal nos territórios populares da região.

Em conversa particular com Paula, co-autora deste artigo, Juliana disse que era dona de uma pequena adega e que possuía botijões de gás que por vezes vendia a seus vizinhos quando estes precisavam. Em seu Boletim de Ocorrência consta que

policiais civis estiveram em seu estabelecimento e apreenderam 03 (três) botijões de gás, sendo 02 (dois) vazios e 01 (um) cheio que estavam na entrada da loja; admite que comercializa gás GLP em botijões de 13 quilos, pelo valor de R\$ 60,00 (sessenta reais); afirma que adquiri os botijões através de caminhões que passam na rua, pelo valor de R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais); informa que sempre deixa botijões cheios a disposição de uma eventualidade em sua residência, mas acaba vendendo para clientes da adega que necessitam do produto; perguntada se tem conhecimento acerca da irregularidade de comercializar gás sem as devidas autorizações, responde que desconhecia que essa prática era ilegal; nunca foi presa nem processada e está arrependida.

Juliana teve seu flagrante relaxado em audiência de custódia, sob o declarado protesto do juiz com o número e frequência dos flagrantes policiais de pessoas acusadas de revender botijões na vizinhança. Ainda assim, depois de alguns meses, Juliana foi denunciada pelo Ministério Público (MP) “como incurso no artigo 1º, inciso I, da Lei 8.176/1991”, que dispõe como crime contra a ordem econômica “adquirir, distribuir e revender derivados de petróleo, gás natural e suas frações recuperáveis, álcool etílico, hidratado carburante e demais combustíveis líquidos carburantes, em desacordo com as normas estabelecidas na forma da lei”. Crime com pena cominada de prisão em regime semiaberto ou aberto de um a cinco anos.

Depois, Paula veio a saber, pela leitura de seu processo, que Juliana recebeu e aceitou do MP proposta de suspensão condicional do processo (art. 89 da Lei 9.099/95)<sup>18</sup>, se comprometendo, pelo prazo de dois anos, com as seguintes condições:

- comparecer mensalmente em Juízo, para demonstrar emprego lícito e residência fixa;
- proibição de frequentar bares, boates, casas de show e locais de duvidosa reputação, exceto seu local de trabalho (adega);
- proibição de mudar de endereço domiciliar ou ausentar-se da comarca por mais de 08 (oito) dias, sem prévia comunicação e autorização do juízo;
- não se envolver em nenhum outro delito durante o prazo da suspensão;
- efetuar o pagamento de 01 salário mínimo, atualmente no valor de R\$ 954,00 (novecentos e cinquenta e quatro reais), em até 60 dias, em duas parcelas iguais e sucessivas no valor de R\$ 477,00 (quatrocentos e setenta e sete reais) cada uma, sendo a primeira com vencimento para o dia 10/08/2018 e a segunda 10/09/2018, destinada à Fumaca - Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

O caso de Juliana nos permite apreender o modo como a maquinaria punitiva se espalha e coloniza o mundo popular, capturando a vida das pessoas para dentro do dispositivo carcerário, enredando-as nos labirintos judiciais dos quais com muita frequência não se sai, com efeitos duradouros em suas vidas e percursos possíveis. Sob pretexto de operações policiais de combate às drogas, crimes desconhecidos, dispostos em leis desconhecidas, são mobilizados para produzir flagrantes e processos judiciais que identificam *elementos indiciários de autoria e materialidade delitivas* em, por exemplo, uma pequena proprietária de um mercadinho na periferia de Itapeverica da Serra, obrigando-a a uma sucessão de obrigações custosas e registrando uma passagem que será para sempre consultada em novos encontros com a polícia ou com a justiça criminal.

Acontecimentos semelhantes têm sido denunciados por movimentos de moradia em São Paulo. Operações policiais, a pretexto de combater o “Grande

Crime” (tráfico de drogas, gangues, facções criminosas), investem contra ocupações de moradia, no centro e periferias da cidade, dando flagrantes em condutas passíveis de serem enquadradas no Código Penal. Invasões frequentes de ocupações, muitas vezes sem mandado, dando o flagrante de furto de luz (o popular “gato”), quando não de organização criminosa daqueles envolvidos na instalação irregular de energia elétrica. Práticas recorrentes, de longa data, próprias da informalidade urbana, pequenas transgressões ou contornamento de normas urbanas, regidos pelos imperativos das urgências da vida, parecem, agora, se constituir em uma frente de criminalização dos movimentos de moradia e das ocupações urbanas (SANTOS; GUERREIRO, 2020).

Em um dos casos analisados por Ananda, co-autora deste artigo, policiais civis prenderam em flagrante duas pessoas por furto qualificado, pois “durante diligências investigatórias no combate aos crimes de furto e roubos de celulares na região [...], especificamente no prédio sito no endereço mencionado, onde regularmente é utilizado como rota de fuga de criminosos, e funciona um estacionamento e habitações clandestinas, detectaram uma ligação fraudulenta de energia elétrica”<sup>19</sup>. Na audiência de custódia, por se tratar de crime sem violência “apesar da lesividade moral” e por serem ambos primários (sem passagens), entendeu-se desnecessária a prisão preventiva, mas foram impostas as cautelares de (i) comparecimento mensal em juízo; (ii) manter o endereço atualizado; (iii) proibição de ausentar-se da comarca por mais de oito dias; e (iv) recolhimento domiciliar noturno (das 22h às 06h), “sob pena de revogação do benefício e imediato recolhimento à prisão”.

Um outro caso, outra situação: um rapaz de 19 anos, circulando de moto com seu amigo pelo bairro, é preso em flagrante. A moto que ele havia comprado por 600 reais sem documentação era objeto de roubo anterior e seu amigo, que pediu para dar uma volta, era menor de idade, tinha 15 anos.

O rapaz foi condenado por receptação, pois sua ver-

<sup>18</sup> A suspensão condicional do processo é aplicada em crimes cuja pena mínima seja igual ou inferior a um ano. O Ministério Público, ao oferecer a denúncia, propõe a suspensão do processo “por dois a quatro anos” sob a condição do réu respeitar diversas condições impostas pelo juiz como reparação do dano, proibição de frequentar determinados lugares ou ausentar-se da cidade sem autorização e obrigação de comparecer mensalmente ao juízo para justificar suas atividades.

<sup>19</sup> Processo Digital nº 1505119-28.2021.8.26.0228.

são de desconhecimento da “proveniência ilícita dos bens”... “não se afigura verossímil diante da prova dos autos”, já que “sequer trouxe aos autos dados acerca do indivíduo que teria vendido o bem em questão, de tal modo que não se desincumbiu de seu ônus probatório”. E também pelo crime de emprestar a moto a pessoa não habilitada, pois “a prova vinda aos autos demonstrou, à sociedade, a responsabilidade criminal do réu, servindo, assim, de fundamento para o presente decreto condenatório” já que “o menor afirmou que pediu emprestado a motocicleta, sendo certo que o denunciado concordou e acabou por acompanhá-lo na garupa”. Condenado pelos dois crimes, teve a pena de prisão de um ano e seis meses em regime aberto substituída por “a) prestação de serviços à comunidade, pelo tempo da pena, em instituição a ser indicada pelo juízo das execuções criminais; b) prestação pecuniária, no valor de um salário-mínimo a entidade com destinação social, a ser definida pelo juízo das execuções criminais” e multa de R\$ 293,33.

Casos exemplares da gestão diferencial dos ilegalismos (FOUCAULT, 1997), por via de dispositivos de controle que codificam como crime práticas corriqueiras no universo popular em meio à vasta e expansiva informalidade urbana – para ficar apenas nos casos aqui comentados, o comércio informal de botijões de gás, ligações clandestinas de eletricidade, o “gato”, que compõe, desde longa data, a paisagem dos bairros populares e assentamentos precários, as ocupações e o uso irregular dos espaços (a habitação e o estacionamento ditos clandestinos), o tão vasto quanto nebuloso mercado de veículos de segunda mão que pontilha os bairros populares (FELTRAN, 2021), não poucas vezes transacionados entre amigos e conhecidos, pouco se importando com a origem, menos ainda com a documentação, aliás inexistente. Nos termos rebuscados nos registros policial e judicial, práticas são transformadas em casos de crime e criminosos a se combater, acionando ciclicamente a polícia, a justiça e prisão no controle de territórios e pessoas que, para a justiça criminal, têm *nas atividades ilícitas sua fonte de renda e cuja colocação em*

*liberdade gera presumível retorno às vias delitivas.*

Como vimos antes, os encontros com a polícia, com a justiça e com a prisão desdobram-se em formas de controle, algo como uma punição infinita, que torna quase impossível manter as vidas dentro dos protocolos da legalidade e das regras formais. Na prática, dispositivos de controle que terminam por obstar as possibilidades de uma vida dentro do que se entende por ordem legal. No limite, jogam essas pessoas no limiar entre informalidade e ilegalidade. Não poucas vezes, é essa mesma ilegalidade produzida pelos dispositivos judiciais-carcerários, sendo acionada como fundamento para agravar medidas de controle e (re) aprisionamento.

Um caso acompanhado por Paula na Defensoria Pública do Estado de São Paulo (DPSP): José, boliviano, casado, 29 anos, costureiro, foi preso em flagrante por dirigir embriagado. Como é frequente para presos em flagrante, José não portava documento de identidade ou qualquer comprovação de residência. Apesar do crime citado prever pena máxima de três anos (art. 306, Código Brasileiro de Trânsito), o que impediria a conversão do flagrante em preventiva, a prisão foi decretada, pois

o(a) indiciado(a) é estrangeiro(a) e não demonstrou qualquer vínculo com o distrito da culpa (trabalho lícito/ residência fixa/ familiares), denotando que a prisão cautelar é necessária para a conveniência da instrução criminal e de eventual aplicação da lei penal. Ademais, não apresentou qualquer documento de identificação pessoal, desse modo, não há certeza sobre sua identidade e antecedentes criminais. Assim, a prisão cautelar se impõe com fulcro no art. 313, § 1º, do CPP.

A falta de “comprovação de **endereço fixo**” e de “**atividade laboral remunerada**” (grifos dos juízes) é tão frequentemente utilizada para determinar a prisão preventiva de acusados que passam pelas audiências que é possível encontrar defensores que conheçam o seguinte trecho de cor:

NÃO há, ainda, comprovação de **endereço fixo** que garanta a vinculação ao distrito da culpa, denotando que a cautela é necessária para a conveniência da instrução criminal e de eventual aplicação da lei penal, nem de **atividade laboral remunerada**, de modo que as ativida-

des ilícitas porventura sejam fonte ao menos alternativa de renda (modelo de vida), pelo que a recolocação em liberdade neste momento (de maneira precoce) geraria presumível retorno às vias delitivas, meio de sustento.

Henrique, desempregado, pardo, 29 anos, foi preso por furto qualificado de produtos de uma farmácia, junto com Daniel. Na custódia, a juíza pergunta o endereço de ambos e declara duvidar da resposta: “os senhores possuem outros processos criminais de furto em aberto e quando foram procurá-los nesses endereços [o mesmo oferecido pelos acusados no momento da audiência] não foram achados pelo oficial de justiça”. A prisão preventiva dos dois é decretada para *vinculá-los ao distrito da culpa* e impedir que deixem de responder a esta nova acusação por não serem encontrados.

O processo criminal anterior de Henrique refere-se ao furto de uma bateria de caminhão e fios de cobre em um ferro velho. O motivo de Henrique não ter sido encontrado pelo oficial de justiça: o mandado de citação declara que o “número [do endereço indicado] funciona como endereçamento postal de algumas vielas existentes em seu contorno, com centenas de moradias irregulares”. Sem a precisa indicação da via, Henrique foi considerado em “local incerto e não sabido”. Daniel, por sua vez, possuía um processo criminal anterior por furto de três caixas de chiclete em um supermercado. No mandado de citação está escrito que o “logradouro de numeração é completamente irregular, em toda sua extensão” motivo pelo qual o número do endereço indicado e Daniel não foram encontrados.

Sempre que o acusado é considerado em “local incerto e não sabido”, o processo criminal fica *em aberto* até que (e se) for reencontrado. Além dos processos mais recentes, Henrique e Daniel voltaram a responder, agora presos, por seus processos anteriores.

Esses casos são recorrentes nas Audiências de Custódia. Parte dos juízes da custódia segue com rigor o que chamam de “vinculação ao distrito da culpa”. Quer dizer: medidas de controle utilizadas durante

o processo judicial (das cautelares mais “brandas” à prisão) que se fundamentam (legal e jurisprudencialmente) na inexistência de “provas” da vida civil, oficial, das pessoas “enquadradas” pela polícia e pelo código penal.

Muito concretamente, isso diz respeito ao imenso e multifacetado universo da chamada informalidade urbana, nos mercados de trabalho, nas formas de moradia, nos modos de habitar e circular pela cidade. Compondo-se com o enredamento de vidas e percursos no obscuro e ilegível labirinto jurídico-policial do poder punitivo, essas situações e as outras comentadas neste artigo parecem versões atualizadas das “liberdades precárias” de que trata Chalhoub (1990) ao descrever os percursos incertos nos negros livres e libertos nas décadas finais do século XIX.

Chalhoub, ao analisar processos judiciais de disputas em torno das possibilidades de alforria, descreve o que ele denomina como “precariedade estrutural da liberdade”, oferecendo “um panorama das dificuldades da vida em liberdade numa sociedade escravista” (CHALHOUB, 2010, p. 34). Segundo o autor, diversos eram os mecanismos pelos quais negros libertos tinham a recaptura como ameaça constante. Fischer, Grinberg e Mattos (2018), em diálogo com as questões discutidas por Chalhoub, mostram que o aumento do número de libertos entre os séculos XIX e XX despontou como um problema de “governança”, pois dificultava a diferenciação entre libertos e escravos apenas por meio de suas características físicas. As autoras encontraram no “silêncio racial formal” – o apagamento contínuo da questão racial nas leis – a forma de gestão dos libertos que permitiu operacionalizar a igualdade formal disposta em lei com o “tratamento ostensivamente distinto” relegado a população negra em geral. Mais tarde, após os anos 30, a consolidação de direitos trabalhistas e previdenciários foi regida por uma distribuição diferencial dos direitos da cidadania – o requisito do registro em carteira de trabalho, nos termos de Wanderley Guilherme dos Santos (1979), a “cidadania regulada”. Ademais, a “labiríntica estrutura jurídica brasileira” passa a colocar obstáculos quase intrans-

poníveis para o ingresso dessa população do mundo do trabalho formal, “reduzindo ainda mais o caminho para os direitos: nenhum benefício poderia ser reivindicado sem documentação oficial” (2018, p.185).

Retomando o argumento acima, a expansão e o funcionamento dessa maquinaria punitiva se retroalimentam ciclicamente<sup>20</sup> por meio da atividade discricionária da polícia, e também da lei e sua operacionalização por juízes criminais. O dispositivo que exclui grupos populacionais racializados da vida civil é o mesmo que os recaptura pela ausência do que é posto como prova desta vida civil, inacessível pelos efeitos que esse mesmo dispositivo tem em suas formas de vida. Situações que parecem confirmar a tese de Fischer (2007; 2021) da produção da informalidade como efeito de poder do jogo das leis e da estrutura labiríntica da justiça brasileira, configurando-se como dispositivo de controle de populações racializadas e seus territórios.

### **Mundos sociais e campo político**

Em texto anterior (Telles et ali, 2020, p. 2), propusemos entender a prisão como um campo político em torno do qual se constituem “diversas formas de contestação e resistência, e também de experimentações micropolíticas, acionadas por redes multifacetadas de coletivos atuantes dentro e fora dos muros”. As histórias de Jéssica, Juliana e Artur, nesse sentido, nos entregam elementos que permitem desdobrar a questão. Histórias que lançam luz sobre as várias facetas da violência de Estado, muitas vezes tão arbitrárias quanto ilegíveis, pois inscritas, de um lado, nos termos codificados, rebuscados e hiperbólicos pelos quais as “ficções jurídicas” (DAS, 2022; 2020) são construídas, em uma desproporção gritante entre a miudeza das práticas condenadas e o “grande crime” registrado nos autos do processo; de outro, o labirinto jurídico burocrático por onde os processos transitam e que fazem prolongar a punição para além do evento-prisão, enredando as vidas desses homens e mulheres que, pelos azares do destino, nas circunstâncias cotidianas da vida, caíram nas malhas do poder punitivo.

É nesse terreno, transpassado pelo jogo de luz e sombra das formas de punição e controle, que se constituem redes sociotécnicas de apoio, as quais mobilizam

competências e recursos de poder para deslindar os nós dessa teia obscura de que é feita a maquinaria punitiva, para tornar o emaranhado legal menos opaco, acompanhar processos, ajudar as pessoas a lidar com as situações, traçar estratégias, nem sempre óbvias, nem sempre formalizadas, para contornar as possibilidades de uma nova prisão. Mais ou menos articuladas, muitas vezes feitas e refeitas conforme os casos e circunstâncias de momento, há todo um campo de ação e intervenção de coletivos atuantes, densos de história e experiências acumuladas (Telles et ali, 2020). Em torno de eventos-acontecimentos, fazem rizoma, se conectam, se articulam. E dão ressonância e desdobramentos a esses casos miúdos, vividos por homens e mulheres que, como diria Foucault (2003), têm suas vidas destinadas a passar sem deixar rastro, não fosse o seu encontro com o poder. Foi assim que essas histórias nos chegaram, nos registros feitos pelos coletivos anti-carcerários, pelos advogados ativistas, pelos advogados voluntários do Instituto Pro-Bono, pela Defensoria Pública de São Paulo, nas Audiências de Custódia.

Como vimos no caso de Jéssica, a repercussão imprevista de seu caso foi provocada por foto e reportagem do jornalismo investigativo; a partir daí, articulações nada banais, mobilizando mídia alternativa, advogados ativistas, escritórios de advocacia, ONGs, coletivos anti-carcerários – e também pesquisadores, em particular esse híbrido pesquisadora-advogada ativista, traduzindo o caso como pauta, questão de pesquisa e reflexão teórica de um coletivo de pesquisa no âmbito de uma universidade pública.

Parafraseando Roberto Bolaño (2017), ninguém presta a atenção a esses casos, mas neles se esconde o “segredo do mundo”<sup>21</sup>. A situação que se descortina em torno do caso miúdo, mas nada desimportante, de Jéssica, explicita, talvez pelo seu paroxismo, o que está contido nas outras histórias comentadas nesse artigo e outras tantas que pontilham nossos campos de pesquisa, que são também campos de ação política.

De partida, uma “história minúscula” que exigiu uma ampla e muito competente rede de apoio político e jurídico para lidar com as impropriedades e inconsistências

<sup>20</sup> Em outro contexto de discussão, mas com proximidade com as questões aqui tratadas, o termo é também utilizado por Almeida-Segundo et al., 2022. <sup>21</sup> “Ninguém presta atenção nesses assassinatos, mas neles se esconde o segredo do mundo” (BOLAÑO, 2017, p. 355)

do caso jurídico, conseguir encerrar um processo que tendia a se prolongar indefinidamente, dar suporte social a uma jovem negra, mãe de dois filhos pequenos, em condições muito precárias de trabalho e moradia, sob o risco de ultrapassar o limiar de ilegalidade para lidar com os imperativos da sobrevivência, sob o peso de uma multa impagável e que obstava as possibilidades de uma vida civil. É isso que nos faz tomar esse campo de articulação como prisma que permite ver essa maquinaria punitiva como questão estratégica (Telles et ali, 2020) para entender os dispositivos de controle e punição nos quais se enredam as vidas de homens e mulheres, casos menores e recorrentes, nos quais “ninguém presta a atenção”, mas que fazem o cotidiano dos territórios populares. Em torno desses casos menores, é possível perceber a importância política desses campos de articulação, no mesmo passo que isso explicita o drama de miríades de outras histórias, na verdade, grande maioria dos casos que não contam com esse apoio – e é nisso que se pode apreender, no jogo de luz e sombra da gestão da ordem, na tríade conformada pela polícia-justiça-prisão, as formas de controle de populações racializadas e seus territórios de vida. Formas de controle que, como mostra Das (2004; 2020), se inscrevem na “textura do cotidiano”, fazem circular as “assinaturas do estado” em um terreno também feito de improvisações e iniciativas para contornar as ameaças das forças da ordem, atravessado por linhas de fuga, alianças, solidariedades locais, também os usos estratégicos da lei (FOUCAULT, 2016) para se garantir contra arbítrio policial e enroscos judiciais em que muitas vezes se encontram.

Este é um prisma pelo qual se descrever e analisar os mundos sociais que se fazem e refazem, em contextos situados, neste entrelaçamento das formas de controle e os circuitos urbanos das sociabilidades locais – as tramas da vida, também as tramas políticas, são tecidas em torno desses jogos de poder e suas linhas de fuga.

#### Referências Bibliográficas:

ALEXANDER, M. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. São Paulo: Boitempo,

2017.

BOLAÑO, R. **2666**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

CHALHOUB, S. **Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, S. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). **História Social**, n. 19, 2010, p. 19-32.

CHIN, G. J. The New Civil Death: The Rethinking Punishment In The Era Of Mass Conviction. **University of Pennsylvania Law Review**, v. 160, n. 6, p. 1789–1833, 2012.

DAS, V.; POOLE, D. (Orgs.). **Anthropology in the Margins of the State**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2004.

DAS, V. The signature of the State: the paradox of illegibility. In: DAS, V.; POOLE, D. (Org.). **Anthropology in the Margins of the State**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2004, p. 225–252.

DAS, V. **Textures of the ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein**. New York: Fordham University Press, 2020.

DAS, V. **Slum Acts**. Cambridge: Polity Press, 2022.

FELTRAN, G. **Irmãos: Uma história do PCC**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FELTRAN, G. (Org.). **Stolen Cars: A Journey Through São Paulo's Urban Conflict**. Estados Unidos: Wiley, 2021.

FISCHER, B. Partindo a cidade maravilhosa. In: CUNHA, O. M. G.; GONMES, F. S. (Org.). **Quase-cidadão: histórias e antropologias pós-emancipação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 419–451.

FISCHER, B.; GRINBERG, K.; MATTOS, H. Direito, silêncio e racialização na história afro-brasi-



- leira. In: ANDREWS, G. R.; FUENTE, A. (Orgs.). **Estudos afro-latino-americanos**. Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- FISCHER, B. Historicizando a governança informal no Brasil do século 20, 2021, Conferência, **Quartas Sociológicas**, Departamento de Sociologia da UFS-Car, 2021. Formato digital. Disponível em: <[https://www.youtube.com/live/OXksUEvaL-U?si=k-mUS-GY1\\_jaIRrB1](https://www.youtube.com/live/OXksUEvaL-U?si=k-mUS-GY1_jaIRrB1)>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia poder-saber. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- FOUCAULT, M. **A sociedade punitiva**. Curso no Collège de France (1972-1973). São Paulo: Martins Fontes, 2016
- GOFFMAN, A. **On The Run**: Fugitive Life in an American City. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- INTERCEPT-BRASIL. Uma pena perpétua. Parto na delegacia, cinco anos de pena e despejo: Jéssica paga o preço da lei de drogas. Disponível em <https://www.intercept.com.br/2023/10/11/parto-na-delegacia-cinco-anos-de-pena-e-despejo-jessica-paga-o-preco-da-lei-de-drogas/>
- LIMA, R. K. Cultura jurídica e práticas policiais: a tradição inquisitorial no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 65-84, 1989.
- MALLART, F. **Cadeias dominadas**: a Fundação Casa, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos. São Paulo: Terceiro Nome, 2014 .
- MOTTA, L. D.; SIMÃO, L. G.; FROMM, D.; AL-CANTARA, J. Elites em disputa por mercados populares: concorrência e confiança na economia (i) legal de veículos. **Tempo Social**, v. 35, n. 1, 2023, 45-66.
- RUGGIERO, V.; SOUTH, N. The late-modern city as a bazaar: drug markets, illegal enterprise and the ‘barricades’. **The British Journal of Sociology**, v. 48, n. 1, p. 54–70, 1997.
- SANTOS, R. A.; GUERREIRO, I. A. Ocupações de moradia no centro de São Paulo: trajetórias, formas de apropriação e produção populares do espaço – e sua criminalização. In: MOREIRA, F.; ROLNIK, R.; SANTORO, P. (orgs.). **Cartografias Da Produção, Transitoriedade e Despossessão dos Territórios Populares**. São Paulo: LabCidade-FAU USP, 2020, 289–325.
- SOARES DE ALMEIDA-SEGUNDO, D.; FERREIRA MOURA JÚNIOR, J. .; BRANDELLI COSTA, A. .; PIZZINATO, A. Racismo estrutural no sistema penal brasileiro: retroalimentação cíclica e encarceramento em massa. **Sociedade em Debate**, v. 28, n. 2, p. 64-88, 2022.
- TEIXEIRA, A. **O crime pelo avesso**: Gestão dos Illegalismos na cidade de São Paulo. São Paulo: Alameda, 2016.
- TELLES, Vera S. Deslocando referências, propondo novas questões. Apresentação ao Dossiê Punição, prisão e cidade: contextos transversais. **Tempo Social**, Revista do Departamento de Sociologia da USP, vol.31, no. 3, 2019
- TELLES, Vera S.; GODOI, Rafael; MACHADO, Juliana; MALLART, Fabio. Combatendo o encarceramento

## Monitoramento, controle e resistências dos pobres urbanos

Márcia Pereira Leite<sup>1</sup>

Jorge Amilcar de Castro Santana<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a trajetória de Vitória, uma moradora de favela que ganha a vida trabalhando nas ruas do Rio de Janeiro. Sua vida laboral é profundamente afetada pelo programa Segurança Presente. Um dispositivo de segurança, financiado pela iniciativa privada, que atua em determinados territórios do Rio de Janeiro, buscando deles expulsar indesejáveis e demais pobres urbanos. As ações do Segurança Presente são permeadas por ilegalismos para exercer uma segurança patrimonial nos bairros atendidos. E Vitória, como outros indesejáveis que transitam pela região, recorre aos ilegalismos populares para conseguir resistir às ações e práticas ilegais do Estado e sobreviver em meio a uma vida marcada por muitas precariedades.

**Palavras-chave:** dispositivos de segurança, controle social, ilegalismos, resistências populares

### Monitoring, control and resistance of the urban poor

**Abstract:** The article analyzes the trajectory of Vitória, a favela resident who makes a living working on the streets of Rio de Janeiro. Her working life is profoundly affected by the Segurança Presente program. This is a privately-funded security program that operates in certain areas of Rio de Janeiro, seeking to expel undesirables and other urban poor. The actions of Segurança Presente are permeated by illegalities in order to exercise patrimonial security in the neighborhoods they serve. And Vitória, like other undesirables who pass through the region, resorts to popular illegalisms in order to resist the illegal actions and practices of the state and survive in the midst of a life marked by many precariousness.

**Keywords:** security devices, social control, illegalisms, popular resistance

### Introdução: o fracasso das tentativas de segregar os moradores de favelas através de políticas de segurança pública nesses territórios

“O Rio de Janeiro é um laboratório para o Brasil”, afirmou o general Braga Netto, interventor federal na segurança pública do Rio de Janeiro, em 27 de fevereiro de 2018<sup>3</sup>. Braga Netto foi nomeado pelo então presidente Michel Temer (2016/2019), a pedido do governador Pezão (2014/2018), que declarou a falência da segurança pública no estado a partir da já anunciada crise das UPPs e das inúmeras pressões que sofreu pressões de empresários dos setores mais dinâmicos da economia do estado e da grande mídia.

A nosso juízo o que então estava em questão era o controle e a redução dos roubos de cargas (GRILLO e HIRATA, 2018), exponenciado pela grande mídia que decretava a falência do Estado, e sobretudo, a descreditação cada vez mais ampla das Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs (MENEZES, 2023; LEITE, 2012; LEITE *et al.* 2018). Implantadas em 2008, como mais um projeto para “conter” as populações faveladas em seus territórios de moradia, por meio de coerção, controle, disciplinarização e agenciamentos diversos que sinalizavam que, para os “bons favelados”, havia esperança de inclusão social via empreendedorismo, as UPPs entraram em crise em 2013/2014 com o retorno dos tiroteios e com o assassinato do pedreiro Amarildo por policiais lotados na UPP da Rocinha (LEITE e FARIAS, 2018).

Entre o aceno com a possibilidade de “inclusão” e o modo efetivo de governo desses territórios e populações sob as UPPs: contenção e segregação dos territórios de favelas e de seus moradores, bem como produção de mortes (MAGALHÃES, 2021; BIRMAN e LEITE, 2018), “tudo que parecia sólido se desmanchou

<sup>1</sup>Socióloga, mestre em Ciência Política pelo IUPERJ e doutora em Sociologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ. Tem pós-doutorado em Sociologia Urbana pelo IESP e pela EHESS.

<sup>2</sup>Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP), mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). Atualmente é professor efetivo de História no Instituto Federal do Paraná, campus Campo Largo.

<sup>3</sup> Cf. [https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/27/intervencao-e-janela-de-oportunidades-para-a-seguranca-do-rio-diz-general-interventor.htm?fbclid=IwAR2DtVAd773SU6n5pLtyGepLQ8Dwf\\_dqKuBbNOatbyZi0QCcKavkh8U7Pt4&cmpid=copiaecola](https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/27/intervencao-e-janela-de-oportunidades-para-a-seguranca-do-rio-diz-general-interventor.htm?fbclid=IwAR2DtVAd773SU6n5pLtyGepLQ8Dwf_dqKuBbNOatbyZi0QCcKavkh8U7Pt4&cmpid=copiaecola), acesso em 16/02/2024.

no ar”. Embora a intervenção federal na segurança pública não tenha extinto as UPPs, elas foram cada vez mais apequenadas em recursos e apoios sociais e deixaram de produzir os efeitos de segregação e controle para os quais foram instituídas. Mais uma tentativa de produzir um modo de governo nas favelas do Rio de Janeiro como “margens do Estado”<sup>4</sup> que fracassava<sup>5</sup>.

Em decorrência, alguns atores com muito poder econômico na cidade e no estado do Rio de Janeiro, implementaram, com recursos próprios e acordo com o poder público, uma política de segurança privada, o Segurança Presente, que atua em alguns bairros da cidade, ali produzindo fronteiras, discriminação e criminalização de moradores de favelas que desbordam os limites de seus territórios de moradia para “ganhar a vida” nos bairros.

Este artigo parte da análise de situações etnográficas examinadas exatamente nesse contexto. Busca compreender como então se articularam e se implantaram nos diversos territórios da cidade as fronteiras que, há décadas, as políticas de segurança pública se esforçaram por estabelecer na cidade do Rio de Janeiro. E quais as passagens e os agenciamentos que os moradores das favelas buscaram estabelecer para contorná-las e seguir vivendo em um contexto de enormes precariedades e quase absoluta falta de alternativas oferecidas pelo poder público.

Ele foi construído a partir das narrativas de uma moradora de um território de favela, com base na etnografia desenvolvida por um dos autores do artigo. A reflexão que busca suscitar é como então vivem e sobrevivem os moradores dessas localidades. Escolhemos uma interlocutora “ordinária”, no sentido desenvolvido por Veena Das (2007). Aque-

la que vive, trabalha e busca cotidianamente como sustentar a si e a sua família em um contexto de desemprego total face às muitas precariedades experimentadas não só em seu território de moradia, mas sobretudo em sua circulação pela cidade e nos seus muitos encontros com os operadores da política de segurança pública estatal e não-estatal (muitas vezes ilegal), mas chancelada pelo Estado. Também achamos produtivo, ainda no registro de trazer os depoimentos e a observação de uma interlocutora “ordinária”, apontar que as suas redes de resistência não são fincadas em qualquer ação política coletiva, mas em afetos, familiares e/ou territorializados, que operam no plano político no registro da solidariedade e de uma compreensão coletiva de que é necessário enfrentar da forma que tenham à mão (não importa se legal ou ilegal) as muitas formas de precariedade que os envolvem.

### **Trabalhando e vivendo nas ruas da Zona Norte: o saber circulatório de Vitória**

Vitória tem 52 anos, é negra, mãe de 5 filhos biológicos e 3 adotivos, moradora de uma favela da região da Grande Tijuca, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro<sup>6</sup>. Removida de uma ocupação na região, recebe Auxílio Aluguel (em nome da filha que residia com ela na ocupação), enquanto espera pela promessa, sempre adiada, da casa aonde seria reassentada. Sua trajetória laboral é similar à de parte das classes populares no Brasil: grandes períodos de desemprego, algumas poucas experiências de trabalho formalizado, quase sempre trabalhando<sup>7</sup> na informalidade e pelas ruas do Rio de Janeiro. Mais uma trajetória forjada nas fronteiras borradas do informal, ilegal e ilícito, como analisa Telles (2010) ao

4 As “margens do Estado” são constituídas a partir de relações entre soberania e poder disciplinar, assim como de genealogias específicas de assuntos políticos e econômicos, envolvendo a criação de fronteiras ou *checkpoints* (JEGANATHAN, 2004) entre as práticas e os espaços que seriam vistos como parte do Estado e aqueles que seriam excluídos do mesmo. Nessas margens, argumentam, o “Estado é continuamente construído nos intervalos do cotidiano” (DAS E POOLE, 2004, pág. 15), combinando legalidade e ilegalidade, legitimidade e ilegitimidade de suas práticas e legibilidade e ilegibilidade de normas e procedimentos, que incidem e capturam suas narrativas e documentos, mas também seus corpos. É nas “margens do Estado” como “espaços de exceção” (idem), que se constitui para os grupos sociais subalternos a *experiência* do Estado – e, poderíamos acrescentar, a experiência de cidade.

5 Não podemos detalhar aqui as diferentes políticas de segurança pública que intentaram produzir fronteiras espaciais, sociais, simbólicas entre favelas e “asfalto” e marcaram a história de mais de cem anos das favelas no Rio de Janeiro como «margens» do Estado, nem as razões de seus fracassos. Para o ponto ver, entre outros, Machado da Silva (2008). Ver também Leite e Machado da Silva (2013).

6 Nome fictício no intento de preservar a interlocutora.

7 Trata-se de uma categoria nativa. Vitória define sua circulação pelos bairros da Grande Tijuca para vender balas e doces, conseguir restos das

acompanhar “Doralice” nas periferias da cidade de São Paulo. Vitória é mais uma entre os trabalhadores da *viração* (FERNANDES, 2013): uma miríade de trabalhadores precários que labutam em ocupações precárias, informais, instáveis, mal remuneradas e sem garantia de direitos trabalhistas nas metrópoles brasileiras. Essa experiência de trabalho é muito comum entre os pobres urbanos na contemporaneidade que *se viram* para conseguir levantar uma renda. Seja no “empreendedorismo de guerrilha”<sup>8</sup>, na informalidade, nos ilegalismos populares ou em bicos instáveis de trabalho que surgem de acordo as oportunidades e a circulação.

Se Doralice, interlocutora de Telles (2010) tem como principal local de trabalho os bairros periféricos da capital paulista, Vitória tem como principal território de atuação a Grande Tijuca<sup>9</sup>. Uma região da cidade do Rio de Janeiro cercada por bairros de classe média, mas também rodeada por favelas, algumas conhecidas como: Morro dos Macacos, Salgueiro, Mangueira e Borel. A região tem um comércio e uma circulação de pessoas intensos, com lojas, bancos, shoppings e demais serviços que movimentam a economia da região.

Vitória é foragida do sistema de justiça. Beneficiada pelo regime semiaberto, não retornou ao presídio. Por isso tem os documentos “sujos”. Essa situação lhe impossibilita de buscar um emprego formal; também lhe barra o acesso às políticas públicas de assistência social, restando-lhe apenas o trabalho na informalidade e nas ruas<sup>10</sup>. Mas ela é portadora de um saber circulatório (TAURIUS, 2002 *apud* TELLES, 2010) da região, forjada na sua trajetória

atravessada pelos ilegalismos populares e por ter estado em situação de rua em grande parte da sua vida. Conversar com Vitória é saber qual feira é boa para pedir doações ou ganhar alimentos dos feirantes na hora da “xepa”; é conhecer locais de comércios movimentados em que talvez seja possível sensibilizar os frequentadores e obter doações. Em qual supermercado pode ganhar um quilo de feijão ou arroz, ou quem sabe uns litros de leite, bem como aonde é possível obter maiores rendimentos vendendo balas ou pedindo esmolas. Vitória também sabe os dias e horários das festas católicas das igrejas desses bairros. E se posiciona no local com alguns de seus filhos, contando que, inspirados pela devoção aos santos, os paroquianos se sintam mais propícios à caridade e lhe façam doações mais substantivas. Todos esses expedientes possibilitados pelo seu saber circulatório<sup>11</sup> das ruas da região e agenciados a partir de seu “empreendedorismo de guerrilha” a ajudam a compor sua renda familiar.

Mas Vitória também sabe quais os locais a evitar. Ela “tem na cabeça” o mapeamento das câmeras de vigilância com reconhecimento facial que povoam as ruas da região e sabe como contorná-las, bem como evitar as blitzes promovidas por policiais. Também sabe os melhores horários e ruas por onde circular: que ruas têm seguranças privados ou milicianos que podem expulsá-la do local e/ou entregá-la aos guardas municipais e/ou policiais que têm os recursos para “sarqueá-la”<sup>12</sup>. Nessas situações, o expediente de Vitória, “foragida da justiça”, é lhes fornecer os números dos documentos de uma amiga e, assim, frequentemente conseguir escapar. Mas,

feiras e/ou pedir doação na porta de estabelecimentos comerciais como seu trabalho.

8 A categoria “empreendedorismo de guerrilha” define as atividades econômicas dos pobres urbanos para sobreviver em meio a vida precária, o desemprego e a situação de vulnerabilidade social. São pequenos negócios, instáveis, com baixo retorno financeiro, informais e muitas vezes ilegais. Mas que conseguem prover uma renda pequena para viver mesmo de forma precária (SANTANA, 2023).

9 Grande Tijuca é o território na região da Zona Norte do Rio de Janeiro, que tem a Tijuca como principal e bairro central, mas engloba os bairros de Vila Isabel, Praça da Bandeira, Maracanã, Andaraí e Grajaú.

10 Como aponta Telles (2010) o ex-presidiário é um personagem cada vez mais presente nas tramas sociais das grandes cidades brasileiras, um operador dos ilegalismos das economias urbanas.

11 Que lhe propicia um mapa prático que revela “uma (re)produção dos processos de regulação dos percursos pela cidade, incrustados em sua experiência da cidade... tais mapas orientam modos de circulação pela cidade que expressam como esses segmentos lidam (ampliando, refazendo ou aceitando) com essas fronteiras. E, ao mesmo tempo, indicam como tais fronteiras se concretizam e reproduzem” (LEITE e MACHADO DA SILVA, 2013, p. 149).

12 “Sarquear” é a prática policial de levantar dados e informações de pessoas em abordagens policiais no próprio ato. Os números de identidade e CPF são inseridos em um aplicativo para consultar se o indivíduo tem passagem pela polícia, se é foragido sistema de justiça ou se tem dívida com o sistema socioeducativo.

mesmo recorrendo a esse saber prático para circular e evitar/driblar os dispositivos e operadores de segurança na Grande Tijuca, algumas vezes é surpreendida pelos mesmos. Nos últimos anos, a atividade de Vitória tem sido prejudicada por um novo dispositivo de segurança pública, que tem como um dos seus objetivos expulsar e limpar as ruas de determinados bairros da cidade maravilhosa, o *Segurança Presente*.

### Ruas vigiadas e ilegalismos do Estado

Como apontamos na introdução, o fracasso das políticas de segurança pública implementadas nos territórios de favelas para conter, controlar, disciplinar seus moradores, ou mesmo matá-los porque qualificados como perigo para a cidade e os bairros, suscitou uma reação de segmentos econômicos da sociedade carioca que, então, optaram por focar seus esforços em impedir o trânsito dos indesejáveis (moradores de favelas e de periferias, consumidores de crack e de outras drogas, ambulantes, moradores de rua etc) nos bairros “nobres” da cidade. De início, as principais ferramentas utilizadas pela prefeitura foram o “Choque de Ordem” a partir da Guarda Municipal, como aponta Loretto (2014) e as muitas políticas de remoção e/ou internação forçada dessas populações (FERNANDES, 2018; 2013; CARRICONDE, 2019).

A política de pacificação nas favelas, via UPPs, havia destinado significativos contingentes de policiais para patrulhamento ostensivo nas favelas, assim como vultosos recursos financeiros. Se, por um lado, a pacificação agradou diversos setores da classe média, do empresariado carioca e da opinião pública; por outro, desagradou comerciantes e lojistas que passaram reclamar da falta de policiamento ostensivo nas ruas dos bairros e em áreas de intenso comércio. O que resultou em intensa pressão por

uma política de segurança voltada para o “asfalto”. Essa situação encontrou solução a partir da criação de um convênio com a Fecomércio RJ<sup>13</sup> para a criação do programa Segurança Presente, que teve sua primeira base criada em 2015. Desde então, a Fecomércio RJ deu grande impulso e aportes financeiros para a instalação e manutenção das bases operacionais de segurança. A base funciona com agentes que fazem o patrulhamento ostensivo em duplas, alguns são fixos em um determinado local e outros que circulam pelo bairro a pé, de bicicleta, de moto ou em viaturas. O patrulhamento é realizado todos os dias da semana, das 9 h às 19h30, porém em algumas bases os horários se estendem para além desse horário padrão, como na base Lapa Presente. Os agentes de cada um dos bairros atendidos usam um colete com a logomarca do programa.

O patrulhamento ocorre principalmente no interior do território atendido, nas regiões mais movimentadas e de comércio pulsante. Contudo, algumas duplas de agentes estão localizadas nas áreas limítrofes do território, em especial nas proximidades de favelas. Essas duplas de agentes implementam *checkpoints*<sup>14</sup> (JEGANATHAN, 2004), para realizar uma triagem dos indivíduos que adentram os bairros. Abordam, “sarqueiam” e revistam transeuntes, moradores e motociclistas. O critério de escolha para abordagem é permeado por racismo, tendo como alvo preferencial corpos negros que imaginam serem portadores de um *ethos* favelado<sup>15</sup>.

O corpo de agentes do programa é formado por policiais militares e civis, que atuam no projeto em seus dias de folga; egressos das Forças Armadas e assistentes sociais. Os policiais militares são remunerados pelo trabalho, assim como os demais agentes. Grillo e Hirata (2018) defendem que, para policiais militares atuantes no Segurança Presente, isso configura uma “oficialização do bico”, produzindo

13 A Fecomércio RJ é uma federação de sindicatos patronais, reúne sessenta e um sindicatos patronais fluminenses de todo o comércio de bens, serviços e turismo.

14 Segundo Jeganathan (2004), *checkpoints* são pontos de triagem, controle social e fiscalização promovidos pelo Estado a partir de seus agentes. Um dos exemplos citados pelo autor são as barreiras de triagem nas fronteiras entre Israel e Palestina. Padovani (2017) utiliza o conceito de *checkpoints* para analisar o controle do fluxo de pessoas e visitantes nos presídios de São Paulo.

15 O *ethos* favelado seria traduzido por uma miríade de características (raça, vocabulário, cortes de cabelo, vestimentas, agressividade e outros marcadores) que compõem no imaginário social a figura do favelado não “pacificado” e, por isso, indesejável na cidade.

efeitos danosos para a segurança pública, como a falta de tempo de descanso e impactos na saúde física e mental dos profissionais com o aumento da jornada de trabalho.

O protagonismo e o poder da Fecomércio RJ no dispositivo de segurança foram alvo de críticas pelo então secretário de segurança pública fluminense (responsável pelas UPPs), que definiu o programa como “vigilância de shopping”. E concluiu: “o problema desse tipo de patrulhamento é que eles (os agentes) não trabalham em cima da mancha criminal. Quem paga leva” (COSTA e SERRA, 2015). Sua crítica revela uma disputa pelo direcionamento e investimento das polícias de segurança pública do Rio de Janeiro. A polêmica revela um dos ilegalismos do Segurança Presente, o uso de agentes de segurança do Estado para realizar o patrulhamento a serviço de interesses privados. Grillo e Hirata (2018) advogam que o programa viola a universalidade da segurança pública, mobilizando agentes do Estado para prestar serviço em determinados territórios da cidade e do estado, financiados e a serviço da iniciativa privada. O posicionamento não tem como base a mancha criminal, mas sim o interesse da entidade patronal. Daí decorrem as práticas e ações de higienismo social de seus agentes. Santana (2023) produziu um mapa indicando os pontos de patrulhamento fixo das duplas de agentes no bairro principal em que Vitória circula, demonstrando que os mesmos estão localizados nas imediações de seus grandes estabelecimentos comerciais, bancos e casas lotéricas. O que evidencia o poder dos financiadores do programa e sua natureza patrimonial.

O mesmo autor nos revela que, em 2022 o programa alcançou o número de trinta e duas bases espalhadas não apenas pelo Rio de Janeiro, como também em cidades da região metropolitana e no interior. O governo estadual havia passado a investir pesados recursos financeiros no programa Segurança

Presente, contando também com recursos municipais, além daqueles oriundos da entidade patronal. Configurado como “segurança de shopping”, este dispositivo de segurança recorre a ilegalismos para atender aos objetivos dos financiadores privados do programa: manter as ruas livres dos indesejáveis. O argumento para sua defesa e expansão é o “combate à violência nas ruas”, que, na prática, se traduz na limpeza das ruas dos pobres urbanos, dos indesejáveis, dos que não estão inclusos no fazer cidade.

Uma das práticas ilegais operada pelos agentes do Segurança Presente é detenção irregular de crianças e adolescentes, sem que os mesmos tenham cometido algum crime ou estejam em atividade suspeita. O caso de Pedro, filho de Vitória revela como os agentes atuam abordando e encaminham para delegacia e Conselho Tutelar *ad hoc*. O filho de Vitória não foi encaminhado para o Conselho Tutelar, mas passou mais de 4 horas detido pelos policiais, chegando a ser levado para a delegacia.

A apreensão irregular de crianças e adolescentes que transitam pela cidade pelos agentes do Segurança Presente ocorre em distintas bases e em diferentes bairros há alguns anos. Tal prática ilegal não passou despercebida e foi denunciada pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro e outras instituições através de uma carta denúncia para o Comitê de Direito da Criança e do Adolescente das Nações Unidas (ONU) (NITAHARA, 2016)<sup>16</sup>. Reportagens da Agência Pública<sup>17</sup> também denunciaram as abordagens e apreensões ilegais realizadas pelos agentes do segurança Presente, a partir de critérios racistas e sem a prática de qualquer atividade suspeita. Segundo a defensora pública Eufrásia Maria Souza Virgens as apreensões de adolescentes realizadas pela Polícia Militar e pelos agentes do Segurança Presente têm origem em uma presunção policial de que são criminosos em potencial (VIGNA, 2016). Após serem encaminhados para delegacia e ser constatado não te-

16 É importante sinalizar que a apreensão irregular de adolescentes não é uma prática apenas do Segurança Presente, como da Operação Verão e também por policiais militares em patrulhamento. O que evidencia uma prática comum e arraigada na instituição militar. A carta denúncia endereçada a ONU tratava de todas essas práticas ilegais operada pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Disponível em : < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-02/defensoria-denuncia-onu-apreensao-irregular-de-adolescentes-no-rio>>. Acesso em 25 fev. 2024.

17 Disponível em: < <https://apublica.org/2016/02/operacao-policial-financiada-por-empresarios-cariocas-mira-moradores-de-rua/>> Acesso em 25 fev. 2024.

rem nenhum registro, os adolescentes são liberados. Entretanto, a prática configura uma apreensão ilegal e um abuso de autoridade, que visa coibir seu trânsito pela cidade.

Uma outra prática ilegal operada pelos agentes é a criminalização dos pobres urbanos a partir de crianças e adolescentes acompanhadas de seus pais. Para promover o higienismo social os agentes buscam criminalizar pessoas indesejáveis que insistem em circular e trabalhar pelos bairros atendidos pelo programa de segurança por estarem acompanhados de seus filhos menores de idade. Na impossibilidade criminalizar um indivíduo pelo simples fato de pedir doação ou dinheiro, é preciso produzir uma criminalização utilizando-se do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Vitória foi presa pelos agentes do Tijuca Presente sob a acusação de exploração de menores, artigo 35 do ECA. A prática de levar os filhos para pedir doações foi instrumentalizada para criminalizar Vitória, única maneira de impedi-la de trabalhar nas ruas. Entretanto, há uma operação ilegal na utilização do artigo do ECA, porque o artigo do Código Penal correspondente foi excluído em 2009. Dessa maneira existe um *imbróglio* jurídico em que o Estado opera ao seu bel prazer para produzir criminalizar os pobres. Pedir dinheiro ou doações hoje não configura crime, mas na verdade já foi um crime. A Lei de Contravenções Brasileira (LCB) em seu artigo 60 previa o crime contravenção de mendicância, o ato de “mendigar por ociosidade ou cupidez”, com pena de até 3 meses. Essa contravenção tinha três qualificadoras, sendo uma delas o artigo 232 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelece como crime “submeter criança ou adolescente guarda, vigilância, vexame ou constrangimento”. Apesar da extinção do crime de mendicância da LPB, a qualificadora permanece no ECA. E essa fresta é um ponto crucial para o Estado opere seus ilegalismos.

E é justamente nesse emaranhado de leis, códigos e legislações desatualizadas que o Estado, aqui o programa Segurança Presente, opera para “limpar” os territórios dos indesejados. Os agentes fotografa-

ram por algumas semanas Vitória junto dos filhos na rua para assim reunir um material robusto para criminaliza-la a partir do ECA. Ao invés dos artigos do ECA servirem para os agentes do Estado protegerem crianças e adolescentes, na prática eles são operados para a implementação de uma política de segurança que criminaliza a pobreza. Como esclarece Santana:

A ilegitimidade é uma prática corrente do Estado em determinados territórios e para com determinadas populações, todos inseridos nas margens. No caso do Segurança Presente é a partir do esforço estatal em construir espaços de segurança, que o Estado produz ilegalidades com determinados grupos sociais, tidos como perigosos, delinquentes e indesejáveis. Na impossibilidade de impedir de forma escancarada a liberdade de ir e vir dessas populações o Estado recorre aos ilegalismos para fazer cidade, por exemplo, [com] crianças sendo agenciadas para legitimar uma política de higienização social (SANTANA, 2023 p.158).

Nos primeiros meses de 2020 e ainda antes da pandemia de Covid-19, Vitória também sofreu com a atuação dos agentes do Segurança Presente. Ela estava em frente a uma loja e pedia aos transeuntes que comprassem uma mochila para o seu filho, pois o ano letivo estava prestes a se iniciar. Uma senhora concordou e entrou na loja. Uma dupla de agentes do programa veio em sua direção correndo: “pega, pega, pega...!”, Vitória se assustou e saiu correndo com seus filhos, deixando a mochila para trás. Depois comentou: “O Estado não me dá nada, só me tira” (SANTANA, 2023).

Episódios como esses ocorreram com Vitória, seus filhos, vizinhos e amigos dezenas de vezes. Trabalhar nas ruas da Grande Tijuca configurava um perigo iminente de prisão, pelo simples fato de afrontar a proibição de que os indesejáveis circulassem nos bairros, vigiados por uma rede sobreposta de agentes de segurança legais e ilegais. Durante cerca de 4 anos Vitória conseguiu a duras penas fugir e se livrar dos agentes do programa de Segurança Presente. Mas, em 2023, acabou sendo presa pelos seus algozes. Ela já sabia que os agentes do Tijuca Presente estavam procurando por ela e mostrando sua foto junto aos filhos nas ruas do bairro. Mesmo com temor, continuou indo trabalhar nas ruas. Dizia

não ter escolha: era se arriscar ou não ter renda. Sabia que, caso fosse presa, cumpriria pena por ainda “dever cadeia”. Em março de 2023, quando pedia doações para pessoas conhecidas, os agentes chegaram correndo e gritando: “perdeu, perdeu, perdeu...”. Não conseguiu fugir dessa vez. Acabou sendo presa junto do seu filho de 4 anos. Suas filhas biológicas mais novas conseguiriam fugir e a adotiva de 18 anos também. Passou duas semanas presa sob a acusação de aliciamento de menores e devido à sua dívida com a justiça, que só foi descoberta na delegacia. De lá foi transferida para o presídio feminino de Bangu. Sua liberdade foi concedida a partir de uma ação da Defensoria Pública, pois já tinha cumprido o tempo de sua pena. Atualmente ela responde em liberdade pela acusação de exploração de menores - por levar os filhos para pedir dinheiro e doações - acusação pela qual o Tijuca Presente a prendeu e é um dos ilegalismos operados pelo programa de segurança para remover os indesejáveis dos bairros onde atuam os agentes de segurança.

Na primeira metade da década de 2010, as políticas de repressão aos moradores de rua, ambulantes e demais ilegalismos estatais tinham como objetivo a preparação da cidade para os megaeventos esportivos. A partir de 2016, pós-megaeventos, as políticas de repressão e controle social estão associadas a uma união de esforços entre poder público e poder privado para impor o controle social e a repressão em determinados territórios, indicados pela iniciativa privada, no caso a Fecomércio-RJ. O programa Segurança Presente é um dispositivo de segurança que tem operado nas ruas do Rio de Janeiro promovendo controle social, higienismo social, gentrificação e criminalização da pobreza. Toda essa gama de práticas e ações do dispositivo só é possível a partir dos ilegalismos que seus operadores praticam, seja na criminalização da pobreza, na apreensão irregular de crianças e adolescentes, seja na produção de uma política de segurança pública para atender a interes-

ses privados. Assim se faz cidade no Rio de Janeiro a partir do Segurança Presente.

Mas Vitória não tem outra alternativa senão trabalhar pelas ruas desses bairros, correr risco e se utilizar de seu saber circulatório para tentar driblar os agentes que operam esse dispositivo. Acompanhando seu trabalho de Vitória *in loco*, um dos autores deste artigo foi encontrá-la em uma das ruas mais movimentadas do bairro da Tijuca. Vitória saiu de casa na parte da manhã, acompanhada dos seus filhos e também de amigos. Através de outra prática ilegal, “dar balão”<sup>18</sup>, pegou o ônibus nas imediações da favela onde mora em direção à Tijuca. Naquele dia, ela estava localizada a alguns metros de um grande supermercado, junto ao seu filho de 4 anos. Sentada em um papelão, abordava os transeuntes, em especial os que saíam do supermercado. Alguns já a conheciam, a cumprimentavam e um ou outro lhe doava algum produto recém adquirido no mercado. Do outro lado da rua, estavam localizadas estrategicamente as duas filhas de Vitória com idades entre 10 a 12 anos, em frente uma lotérica, com copos descartáveis na mão. Pediam dinheiro ou trocados para os clientes que saíam do estabelecimento. Mais um dia normal de trabalho para Vitória.

O trabalho de Vitória tinha esse itinerário essa rotina: pedir doações e dinheiro na porta de estabelecimentos ou em lugares de grande circulação de pessoas. O local podia variar, de acordo com seu saber circulatório ou mesmo das alterações na rede de segurança informal, milícia, ou dos agentes Tijuca Presente, que ela monitorava. Mesmo assim, havia riscos que ela tentava driblar. Quando atuava nas feiras, ao invés de ficar parada em um local, ela circulava tanto abordando feirantes em busca de uma fruta, um legume ou um trocado. Uma das suas feiras preferidas era em Vila Isabel, nas proximidades do Boulevard Vinte e Oito de Setembro. Nessa feira livre, em outro dia em que a acompanhamos, o segurança informal dos feirantes coagiu Vitória para que

18 A expressão “dar balão” é nativa das favelas e periferias do Rio de Janeiro, significa não pagar passagem, entrando no coletivo pela por de trás. Em regiões e imediações de favelas controladas pelo tráfico de drogas ilícitas no varejo os moradores “dão balão” com o consento dos motoristas, coagidos pelos traficantes de drogas.



ela apenas pedisse doações após 12h. O segurança a ameaçou dizendo que chamaria os agentes do Vila Isabel Presente para sarqueá-la e enviá-la para delegacia. Reforçou a ameaça alegando que ela seria enviada para Conselho Tutelar, pois estava acompanhada dos filhos em horário escolar. Portanto, essa situação revela não apenas a coerção da rede de seguranças nas ruas, mas como os filhos são utilizados como instrumento de criminalização, com a associação entre os agentes do Segurança Presente com seguranças informais e ilegais (muitos deles milicianos).

Como dissemos, o saber circulatório de Vitória é tanto acerca de bons lugares para conseguir doações (como a Igreja de São Sebastião dos Capuchinhos, na Tijuca, no dia 20 de janeiro, data do padroeiro da cidade), como acerca da rede de seguranças informais e ilegais que atuam pela região. Vitória deixou de ir para uma feira na Tijuca, pois o segurança ilegal cobrava uma porcentagem dos ganhos dos pedintes na feira. Uma *mercadoria política* (MISSE, 2006) operada pelo segurança para permitir que os pedintes possam atuar. Todo esse mapa de bons lugares e locais com segurança um saber circulatório que ela utiliza para resistir e conseguir renda.

Mesmo diante das ameaças, coerções e pressão, Vitória nunca parou sua atividade, o máximo foi ficar alguns dias sem trabalhar, como a mesma defende sua atividade laboral. Mesmo quando um de seus filhos adotivos, de 17 anos foi apreendido por agentes do Tijuca Presente, quando vendia balas e chicletes em uma das praças mais movimentadas da Tijuca. O adolescente foi abordado pelos agentes, sem que estivesse em atividade suspeita. Ao ser sarqueado, foi constatada uma medida socioeducativa não cumprida. Ele acabou sendo encaminhado para o Conselho Tutelar e enviado para um abrigo para crianças e adolescentes em conflito com a lei (SANTANA, 2023).

Na mesma abordagem, outro filho de Vitória,

biológico e então com 12 anos, também foi sarqueado e encaminhado para delegacia. O menino confundiu o seu nome completo e foi levado para delegacia para ver se tinha antecedentes ou medida socioeducativa em aberto. Ao final acabou liberado, mas seu caso expressa mais um dos ilegalismos do dispositivo de segurança: a detenção de adolescentes sem que tenham cometido um crime ou estejam em atividade suspeita.

Seu filho adotivo não foi o primeiro, e muito menos o último entre seus familiares e amigos que foram recolhidos ou presos pelo dispositivo de segurança. Mas tais casos que chegavam mais perto ainda de Vitória não a fizeram desistir de labutar nas ruas cada vez mais vigiadas da Zona Norte do Rio de Janeiro. Até porque ela não tinha muitas escolhas ou possibilidades para conseguir sobreviver em meio às tantas precariedades de sua condição de vida.

### **Resistências cotidianas e ilegalismos populares**

Vitória como os demais pobres urbanos no Rio de Janeiro, os “indesejáveis”, recorre frequentemente a ilegalismos para resistir nas ruas cada vez mais vigiadas. As constantes abordagens, revistas e sarqueamentos por parte dos agentes da Segurança Presente para controlar o fluxo de pessoas nos bairros fizeram com que ela desenvolvesse uma prática para enganá-los para circular e trabalhar pelas ruas: alegar que estava sem seus documentos e dar “de cabeça” os números da identidade e do CPF de uma vizinha com aproximadamente sua idade, que estava “limpa” (sem débitos com a justiça e sem “passagens” pela polícia) e havia concordado com esse estratagemma<sup>19</sup>. Assim revelou como conseguia circular mesmo sendo foragida do sistema de justiça. Uma consulta rápida dos agentes ao aplicativo descobriria que ela estava em situação irregular e, portanto, voltaria para o cárcere. Nesse sentido não só Vitória, como outros indesejáveis criaram uma estratégia para conseguir circular pelas ruas, sem que fossem identificados pe-

19 Vitória cometa um crime de falsidade ideológica, previsto no Código Penal brasileiro com pena de 1 a 5 anos. A sua estratégia poderia ser desbaratada, caso os policiais desconfiassem e a encaminhassem para a delegacia, onde é possível fazer uma consulta mais refinada com a busca de digitais ou fotos para verificar a real identidade do indivíduo.

los agentes.

No caso de Vitória, além de sua cor e da pobreza expressa em suas vestimentas, a aparência física também era desabonadora. Magra, com aproximadamente 50 quilos, é aproximada pelo imaginário social do Rio de Janeiro a uma *cracuda*. A magreza é associada popularmente ao uso abusivo de crack. *Cracudo* é uma categoria que identifica pessoas usuários de crack, em situação de rua e a quem são atribuídos pequenos furtos e demais crimes. Dessa forma, ela é constantemente abordada por agentes do Segurança Presente por sua cor e aparência física com usuários de crack, uma identidade desabonadora.

Mas a partir do ilegalismo, relacionado a seus documentos “sujos”, que praticava e ao uso do estratagema possibilitado pela solidariedade da vizinha, Vitória conseguiu sobreviver em meio a uma vigilância cada vez mais intensa da Zona Norte. Entretanto, havia um limite territorial. Em 2019 foram instaladas câmeras de reconhecimento facial no bairro de Copacabana e depois na região do Centro do Rio de Janeiro. Essas câmeras são munidas de lentes de alta resolução, o que permite a identificação por meio de reconhecimento facial de pessoas em débito com a justiça. Essa nova tecnologia limitava a circulação de Vitória por essas regiões e produzia efeitos sobre o seu trabalho nas ruas, como ela revelou nas proximidades do carnaval de 2020. Trabalhar nos cortejos dos blocos no Centro do Rio de Janeiro seria uma boa empreitada: poderia um bom dinheiro vendendo água, bala, cerveja e outros produtos, e ainda curtir o carnaval. Entretanto, Vitória descartou essa possibilidade, temendo ser reconhecida e presa.

Para resistir nas ruas da cidade, em meio ao novo dispositivo securitário e às novas tecnologia de vigilância, Vitória, seus familiares, vizinhos e amigos, precisam recorrer aos ilegalismos populares para poderem trabalhar e “ganhar a vida” nas frestas,

nas brechas, do controle social higienista dos territórios securitizados. Assim, se utilizam de suas competências circulatórias para sair de seus territórios de moradia: dando “balão” em ônibus para economizar passagem; apresentando documentos de outras pessoas, quando interpelados por policiais, e evitando ou fugindo das constantes abordagens dos operadores de segurança pública na cidade. Os ilegalismos populares, os pequenos ilegalismos populares cotidianos, permitem aos indesejáveis resistir em meio ao implacável fazer cidade do Estado. Nesse sentido, concebemos o fazer cidade pelo Estado como uma produção de uma cidade gentrificada que se projeta ausente de indivíduos desviantes.

Estamos considerando a trajetória de Vitória e seus diversos agenciamentos para circular nas ruas, trabalhar e, assim, “ganhar a vida” como expressão de uma resistência cotidiana (SCOTT, 2011)<sup>20</sup> das camadas populares urbanas no Rio de Janeiro. Destacamos que, embora ela se implemente sem qualquer sentido político explícito ou organização coletiva que a suporte, expressa uma rede de solidariedade familiar, de amigos e vizinhos no território, fundada em afetos e em uma compreensão coletiva de que é necessário enfrentar da forma que tenham à mão, legal ou ilegal, as muitas formas de precariedade que os envolvem. Essas “resistências cotidianas” não são práticas isoladas ou individuais, e sim práticas amplamente compartilhadas por indivíduos que pertencem ao mesmo grupo social. No caso de Vitória, a sua prática ilegal de se utilizar documentos de sua amiga era validada e suportada pela última, além de ser também operada por vários de seus amigos. Embora não possamos desenvolver nos limites deste artigo, vale mencionar um outro ilegalismo a que recorreu Vitória: cadastrou-se no Aluguel Social utilizando-se dos documentos de sua cunhada, que já estava inscrita e era beneficiária do Minha Casa Minha Vida. Tudo isso nos foi narrado no registro

20 James Scott, pesquisador inglês dedicado a analisar a Idade Média e o mundo rural, explora em seus trabalhos como os camponeses e os servos agiam para resistir à exploração e arbitrariedades das camadas abastadas, nobres e de senhores feudais na Europa e no Sudeste asiático. Nos pareceu muito produtiva sua sugestão de analisar as resistências não a partir de grandes eventos históricos, como revoltas, insurreições ou revoluções. E sim focar nos pequenos atos cotidianos de resistência dos camponeses contra seus alcoses (o que nomeia de “resistências cotidianas”), como não pagar impostos, invadir terras públicas ou privadas para produzir alimentos e as pequenas atividades ilegais acionadas pelos camponeses para conseguir incrementar a renda.

da mais absoluta “normalidade”, sem a demanda de segredo ou qualquer conflito de moralidade, como práticas de resistências cotidianas compartilhadas e disseminadas pelos indivíduos localizados nas *margens*, usuais e necessárias para sua sobrevivência. Essas resistências cotidianas embebidas nas fronteiras porosas do informal, ilegal e ilícito não buscam criticar o programa de segurança que tanto afeta suas vidas e sua circulação na cidade. São operadas na busca da sobrevivência e em meio aos desafios da vida precária. São práticas de resistência cotidiana, no plano da micropolítica, forjadas no empirismo de enfrentar dia sim, dia não, as barreiras que os impedem de conseguir o ganha pão de cada dia.

### Considerações finais

Analisamos, ao longo do artigo e a partir dos elementos obtidos na etnografia, a trajetória de Vitória, moradora de favela, pelas ruas dos bairros no entorno de seu local de moradia. Buscamos demonstrar como lhe é possível sobreviver às precariedades que marcam sua existência como moradora de favela, pessoa com passagem na polícia e que “deve” ao sistema de justiça; por isso, sem acesso aos programas públicos e a benefícios governamentais. Para viver, sobreviver e “ganhar a vida” em bairros e em uma cidade cada vez mais militarizada, Vitória, assim como seus amigos e vizinhos, tem que driblar, contornar os dispositivos de segurança que buscam expulsar da cidade aqueles tidos como indesejáveis – os favelados, se presume não “pacificados” desde a falência do programa das UPPs.

Buscamos analisar diversos ilegalismos operados pelo Estado, via atuação dos operadores do programa Segurança Presente, e demonstrar como se combinam e se reforçam com a atuação de operadores privados, informais e ilegais deste campo, sob a justificativa de que é necessário controlar a violência urbana, sobretudo nos bairros “nobres” da cidade, mas atendendo aos interesses e demandas dos financiadores privados de tal programa. O Estado faz uso dos ilegalismos para promover higienismo social, controle social e gentrificação dos territórios, atuando com práticas ilegais como a apreensão irregular

crianças e adolescentes, a utilização de crianças e adolescentes como instrumentos de criminalização dos pais e a utilização de profissionais da segurança pública para atender aos interesses privados.

Mas os indesejáveis nem sempre se dobram às forças e práticas ilegais que buscam expulsá-los. Através da trajetória de Vitória apontamos algumas resistências cotidianas, que conseguem driblar, dobrar e resistir às práticas ilegais do Estado. Essas resistências cotidianas são forjadas nas ruas, na experiência diária para enfrentar os agentes do Segurança Presente. São práticas compartilhadas e, certamente, estão situadas nos ilegalismos populares. Como defende Telles (2010) são construídas nas fronteiras borradas do informal, ilegal e ilícita.

A resistência cotidiana de Vitória, assim como a de seus amigos e vizinhos, mesmo que não organizada politicamente, traz promessas de talvez, quem sabe, seja possível construir uma outra cidade mais inclusiva e democrática no futuro. E nos fez lembrar de um poema de Eduardo Galeano, com o qual encerramos este artigo:

“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: Proibido cantar. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem. Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca”.

### Referências

- AGÊNCIA SENADO - REDAÇÃO. Mendicância deixará de ser contravenção penal. Brasil, 17 jun. 2009. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2009/06/17/mendicancia-deixara-de-ser-contravencao-penal>>. Acesso em 26 fev. 2024.
- ALVES, Raoni. PM vai ampliar os testes com as câmeras de reconhecimento facial no Rio. G1 Rio, Rio de Janeiro, 22 mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/22/pm-vai-ampliar-os-testes-com-as-cameras-de-reconhecimento-facial-no-rio.ghtml>>. Acesso em 26 fev. 2024.
- BIRMAN, Patricia e LEITE, Marcia P. “Rio e São Paulo – categorias emaranhadas e relativização de seus sentidos nos estudos sobre (as chamadas) periferias”. BARROS, J.; DAL’BO da Costa, A; RIZEK, C. (Org.) **Os limites da acumulação, movimentos e resistências nos territórios. São Carlos: IAU/USP, 2018.**

- BRASIL. Lei Federal Nº. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. Lei das Contravenções Penais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 3 out. 1941. Disponível em: . Acesso em: 26 fev. 2024.
- CARRICONDE, Raquel. “Cair na rede: circulações desde os abrigos da cidade”. Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.
- COSTA, Célia; SERRA, Paola. Beltrame critica Segurança Presente. O Globo, Rio de Janeiro, 10 dez. 2015. Disponível em: < <https://extra.globo.com/casos-de-policia/beltrame-critica-seguranca-presente-18260585.html>>. Acesso em 26 fev. 2024.
- DAS, Veena. **Life and words. Violence and the descente into the ordinary**. Berkeley: University of California Press, 2007.
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. (ed.) **Anthropology in the margins of the State**. Santa Fe, NM: School of American Research Press; Oxford: James Currey, 2004.
- FERNANDES, Adriana. “Quando os vulneráveis entram em cena: Estado, vínculos e precariedade em abrigos”. BARROS, J.; DAL’BO da Costa, A; RIZEK, C. (Org.) **Os limites da acumulação, movimentos e resistências nos territórios. São Carlos: IAU/USP, 2018**.
- \_\_\_\_\_. Escuta Ocupação: arte do contornamento, viração e precariedade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.
- GRILLO, C.; HIRATA, D.V. A Intervenção de interesses privados na segurança pública do Rio de Janeiro. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Brasília, p. 4 - 5, 18 maio 2018.
- JEGANATHAN, Pradeep. Checkpoint: anthropology, identity, and the state. In: DAS, Veena; POOLE, Deborah (ed.). **Anthropology in the margins of the State**. Santa Fe, School of American Research Press, pp.67-80, 2004.
- LEITE, M. P. “Da ‘metáfora da guerra’ ao projeto de ‘pacificação’: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro”. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, V. 6, n° 2, ago/set. 2012.
- LEITE, Márcia; ROCHA, Lia; FARIAS, Juliana; CARVALHO, M. (Orgs.) **Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.
- \_\_\_\_\_. e MACHADO DA SILVA, L. A. 2013. “Circulação e fronteiras no Rio de Janeiro: a experiência urbana de jovens moradores de favelas em contexto de ‘pacificação’”. CUNHA, N. V. da e FELTRAN, G. de S. (org.). **Sobre periferia: novos conflitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ**.
- LORETTI, Pricila. ‘Para que serve uma UOP? Algumas considerações sobre a política de ordem pública no Rio de Janeiro’. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 8, 2015.
- MAGALHÃES, Alexandre. 2021. “A guerra como modo de governo em favelas do Rio de Janeiro”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n. 106.
- MAZZURANA, Leonardo. Segurança Presente, passado e futuro: potencialidades e limitações de uma iniciativa no campo da Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro entre 2014 e 2020. Rio de Janeiro, tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
- MENEZES, Palloma. **Entre o “fogo cruzado” e o “campo minado”. A “pacificação” das favelas cariocas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2023.
- MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.
- NLTAHAR, Akeml. Defensoria denuncia à ONU apreensão irregular de adolescentes no Rio. Repórter Agência Brasil, Rio de Janeiro, 29 fev. 2016. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-02/defensoria-denuncia-onu-apreensao-irregular-de-adolescentes-no-rio>>. Acesso em 26 fev. 2024.
- PADOVANI, Natália Corazza. Tráfico de mulheres nas portarias das prisões ou dispositivos de segurança e gênero nos processos de produção das classes perigosas. **Cadernos Pagu**, v. 51, p. 175103, 2017.
- SANTANA, Jorge Amilcar de Castro. Vivendo na adversidade: da ocupação ao auxílio aluguel. Vivência e experiências de ex-moradoras da ocupação IBGE. Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.
- SCOTT, James C. Exploração normal, resistência normal. **Revista Brasileira de Ciência Política**. no.5 Brasília Jan./July 2011.
- SILVA, Luiz Antonio Machado da. Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de**

## Crime e castigo, corpo e espírito: a guerra nas tramas íntimas de uma família

A Thais Lemos Duarte

Camila Pierobon<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto discute como tortura e morte se tecem às relações de família e vizinhança como condição durável. A partir da experiência de uma mãe cuja filha trabalhou para o tráfico de drogas, foi torturada por policiais militares, ameaçada de morte pelos traficantes locais e ficou nove meses presa, o artigo analisa como a guerra às drogas se tece aos modos de existência, às maneiras de se estabelecer relações uns com os outros e na própria formação da pessoa como sujeito.

**Palavras-chave:** tortura, guerra às drogas; periferias; parentesco; vizinhança, Rio de Janeiro, Brasil.

### Crime and Punishment, Body and Spirit: War in the Intimacy of a Family

**Abstract:** This article examines how torture and death intertwine in family and neighborhood relationships in a lasting way. Using a case study, the experience of a mother whose daughter worked for the drug trade, was tortured by military police, threatened with death by local drug dealers and imprisoned for nine months, we see how the war on drugs infiltrates modes of existence, the ways in which people relate to one another, and the very formation of the person as subject.

**Keywords:** torture; war on drugs; peripheries; kinship; neighborhood; Rio de Janeiro, Brazil.

### Introdução<sup>2</sup>

Viver o dia a dia em favelas e periferias da cidade do Rio de Janeiro significa lidar com a experiência da tortura e da morte não como algo espetacular, mas como parte das “texturas da vida cotidiana” (Das 2020). As histórias que trago abaixo não entram nos registros oficiais, não são divulgadas em jornais, mas estão presentes nas conversas, acusações e fofocas que fazem as tramas de relações de família e vizinhança. Desde sua fundação, a cidade do Rio de Janeiro acumula experiências de tortura e morte que se entrelaçam às políticas contemporâneas de guerra às drogas. Os rastros da escravidão e do racismo se sobrepõem às formas contemporâneas de guerra e se tece aos modos de existência, às maneiras de se estabelecer relações uns com os outros e na própria conformação do *self*.

Para compreender como tortura e morte se infiltram no cotidiano faço o movimento proposto por Veena Das de “descer ao ordinário” (2007) ao apresentar as maneiras com que essas experiências se inscrevem na vida íntima e doméstica dos moradores dessas localidades. Na tentativa de acessar os conhecimentos que falam de tortura e morte corremos sempre o risco de reproduzir as “palavras congeladas” (Das 2007), a saber, palavras que reproduzem o vocabulário vigente na cena pública e conformam o enquadramento semântico, analítico e político para lidar com essas questões. Como Adriana Vianna (2021) nos alerta, temos

<sup>1</sup> Pesquisadora no Núcleo de Etnografias Urbanas (NEU) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Doutora em Ciências Sociais pela UERJ. É pesquisadora dos grupos de pesquisa Casa (IESP/UERJ) e ResidualLab (UERJ). Centro Brasileiro de Análise e Planejamento / São Paulo, SP, Brasil [camilapierobon@cebrap.org.br](mailto:camilapierobon@cebrap.org.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7590-0773>

<sup>2</sup> Este texto é a versão em português de **Crime et châtement, corps et esprit : la guerre dans l'intimité d'une famille**, originalmente publicado na *Revista Brésil(s): Sciences Humaines et Sociales*. Ele foi escrito durante minha estadia como pesquisadora visitante no Departamento de Antropologia da Universidade de Johns Hopkins, em que pude assistir os cursos sobre Guerras Contemporâneas ministrado por Veena Das. Tive a oportunidade de apresentar versões anteriores deste trabalho nos seminários “Midis de Brésil(s)”, em parceria com a Fundação Maison des Sciences de l’Homme, e “Insurgent Voices in Brazil’s Lethal Democracy: Events in Honor of Marielle Franco 1979-2018”, organizado pelo Behner Stiefel Center for Brazilian Studies da San Diego State University. Agradeço a leitura e comentários valiosos dos presentes em ambos os seminários, em especial a Mônica Raisa Schpun, Octavie Paris, Sylvain Souchaud, Dvid Lehmann, Jaime Amparo Alves, Erika Robb Larkins, Rute Fiuza, Debora Silva e Mônica Cunha. Por fim, agradeço as leituras e críticas generosas de Patrícia Birman, Adriana Vianna, Carla Mattos e dos parecerias ad hoc. Agradeço à FAPESP pelas bolsas que permitiram a realização deste trabalho, processos: 2018/15928-2 e 2019/25691-2.

que estar atentos ao potencial traiçoeiro e enganador das palavras. Por isso, termos como vítima e algoz têm pouco lugar aqui, pois, além de serem utilizados de forma específica na vida cotidiana dos moradores de periferias, acabam por orientar a construção do problema da tortura e da morte a partir de certos conceitos jurídicos ou de uma agenda pública que, como Sarti destaca, pode apagar experiências que divergem do enquadramento estabelecido (ver: Sarti 2021).

O fato de termos como objeto privilegiado de pesquisa as instituições de estado<sup>3</sup> que produzem a tortura e a morte - como as prisões, as delegacias de polícia ou ainda as operações militares - nos permite ver uma parte do problema. Isso não significa que estes não sejam importantes lugares de análise. Contudo, como os trabalhos de Das (2007, 2020, 2022) demonstram, essas instituições deixam seus “rastros” na vida diária e se tecem na intimidade das relações de família e vizinhança e na formação da pessoa como sujeito. Os caminhos para acessarmos as “assinaturas” dessas instituições na vida cotidiana não têm uma regra específica. Eles podem se dar por meio das memórias de dor (Das 2007; Sarti 2019), pelos objetos e documentos que as pessoas guardam em suas casas (Farias 2020; Motta 2020), mas também pelas cicatrizes presentes corpos daqueles que foram torturados (Das 2022; Segal 2020), pela presença-ausente de um familiar que desapareceu (Ferreira 2015; Araujo 2014), ou pelos cemitérios oficiais e clandestinos que, no Rio de Janeiro, são majoritariamente localizados em bairros periféricos e constroem a concretude da morte como algo indissociável da vida dos moradores dessas localidades<sup>4</sup>.

A afirmação de que os rastros das instituições estatais estão presentes na vida diária dos moradores de periferias é feita no plural, pois, embora eu vá trazer a história de uma família que tem sua singularidade, as experiências de tortura e morte são vividas coletivamente. Em contiguidade a isso, o cotidiano nas periferias do Rio de Janeiro se tece via testemunho mútuo. Grosso modo, o testemunho foi concebido como uma forma de transmissão da violência entre aquele que viveu as aflições em seu corpo àqueles que não passaram por esta experiência. Este outro que recebe o testemunho é conceitualizado como alguém pertencente a uma comunidade política distinta que, ao conhecer as narrativas dor, teria a responsabilidade de agir para que a violência não se repita. A proposta de testemunho mútuo que apresento aqui caminha em um sentido diferente. Seu caráter “mútuo” fala de pessoas que compartilham formas de vida específicas e narram entre si as violações que viveram conservando a singularidade da experiência que, ao se acumular nesta via de mão dupla entre narrar e ouvir, constrói a experiência também como coletiva. No testemunho mútuo não se trata de conhecer a violência para que ela não se repita, mas de partilhar experiências na tentativa de desvelar a opacidade das relações de poder locais afim de proteger a si mesmo e ao outro de uma possível crueldade que pode subitamente acontecer.

Neste texto, discuto a inscrição da morte e da tortura nas relações de família e vizinhança de Leonor, minha interlocutora de muitos anos<sup>5</sup>. Meu foco será a relação de cuidado materno que ela estabeleceu com sua filha Layla - que trabalhou para o tráfico de drogas, foi torturada por policiais militares, ameaçada de morte por seus colegas de trabalho no

3 Utilizo o termo “Estado” em letra maiúscula, quando me refiro à discussão de Abrams (2006) que difere o “Estado ideia” do “Estado prática”. O “Estado ideia” trata dos processos de abstração, no qual o Estado aparece como unidade coesa de sentido. Por outro lado, “Estado prática” nos permite olhar para as agências do estado na vida social. Das e Poole (2004), em um sentido que dialoga ao proposto por Abrams, trazem “estado” grafado com letras minúsculas exatamente para que as análises consigam mostrar as formas com que o “Estado” aparece como abstração e como o “estado” aparece em suas práticas.

4 O jornal UOL publicou uma série de reportagens sobre os cemitérios clandestinos que formam a paisagem urbana das periferias das cidades no estado do Rio de Janeiro. Entre 2018 e 2022 a polícia civil recebeu 424 denúncias anônimas de cemitérios clandestinos no estado, em sua grande maioria não investigados. Além disso, desde 2016 cerca de 360 corpos foram encontrados em lagoas, rios e praias, estratégia com o objetivo de dificultar a identificação do cadáver e as investigações. <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/13/valas-rio-teve-284-denuncias-liga-das-a-traffic-e-116-a-milicia-desde-2018.htm>

5 Eu iniciei o trabalho de campo na ocupação onde vive Leonor no ano de 2010, como assistente de pesquisa da Dra Patricia Birman. Entre 2013 e 2015 e entre 2016 e 2018 eu frequentei semanalmente a casa de Leonor como parte do trabalho de campo para a realização do dou-

tráfico e passou nove meses presa. Os conhecimentos prévios de Leonor sobre o funcionamento concreto do estado direcionado aos “traficantes” - seja os policiais militares que atuam na localidade e também juízes, promotores e defensores que trabalham em audiências judiciais - fizeram com que Leonor transitasse por muitos caminhos para “salvar” sua filha. Veremos como o acionamento de vizinhos, familiares e entidades religiosas, bem como seu processo de conversão religiosa, formam uma complexa rede de cuidado e perigo que não excluem traficantes, policiais, promotores e juízes na vida ordinária da guerra. Aqui, me somo ao argumento de Veena Das (2019, 2020, 2022) e Lotte Segal (2018, 2020), quando as autoras escrevem que tortura e morte não agem apenas sobre os corpos e mentes daqueles que foram violentados, mas se embebem nas texturas e nuances profundas que fazem as relações sociais.

Em meus trabalhos, tenho argumentado que os efeitos da guerra às drogas na vida íntima das famílias e nas relações de vizinhança não são efeitos colaterais da guerra. Ao contrário, a inscrição da guerra na intimidade das relações é exatamente o que faz dela uma potência destruidora. No Rio de Janeiro, grupos armados como a polícia militar, o tráfico de drogas e as milícias estão enredados nos processos de fazer família e vizinhança. Esses grupos constituem a “intimidade agonística” (Das 2020) do parentesco e da vizinhança elevando sua tensão na medida em que os perpetradores e as aqueles que recebem a violência estão dentro das casas e constituem, ao mesmo tempo, as relações de família, do bairro e de poder locais (Rechtman 2022).

Como introduzi acima, neste texto eu não trato a tortura como algo espetacular, mas como um evento extraordinário que se enreda à ordinariedade e singularidade da vida de Leonor e Layla. O caminho narrativo que escolhi foi o de localizar o evento na relação com os acontecimentos que o antecedem e sucedem, a fim de demonstrar como as experiências de tortura e morte se tecem as histórias de parentesco

e vizinhança como condição durável (Segal 2018). Este texto se soma ao debate que trata a tortura como parte das interações humanas num mundo que se constitui em meio à violência e ao racismo. Assim, convido as leitoras e os leitores a pensarem a tortura não como uma exceção, mas como um fenômeno social que precisa ser reconhecido e teorizado como parte da sociabilidade humana (Das 2019, 2020, 2022; Segal 2018, 2020).

### **Uma filha no tráfico de drogas**

Fazia poucos mais de seis meses que eu frequentava a casa de Leonor quando as histórias de morte e tortura começaram a ser narradas. Em 2013, ano em que a conheci, eram comuns as conversas sobre os cuidados que ela dedicava aos filhos vivos, cuidado este que não se fazia sem que a morte de seu filho mais velho fosse uma presença constante. Glauber desapareceu no mar em um dia de trabalho como vendedor informal na praia do Arpoador, zona sul da cidade. Leonor acusava seu próprio irmão e cunhada de matarem seu primogênito na tentativa de encerrar a briga familiar pela herança da casa deixada pelo pai recém falecido (Pierobon 2021). Foram vinte dias na busca pelo corpo do filho, encontrado em estado de decomposição na praia da cidade vizinha. A vida devastada da mãe foi lentamente sendo recuperada, mas de uma forma que remodelara a relação com os parentes vivos e mortos, com as entidades religiosas e consigo mesma. Ela mudou de bairro para viver longe de seu irmão, passou por um processo de conversão religiosa e dedicou seus dias para proteger os filhos mais novos: Layla e Vitor. Silvio era um filho “trabalhador” e já havia constituído a sua própria família. Layla e Vitor, adolescentes, exigiam atenção contínua de Leonor para que eles “não caíssem em caminhos errados.”

Para muitos dos jovens moradores de favelas e periferias da cidade do Rio de Janeiro, a possibilidade de ingressar em algum grupo de tráfico

torado. Este texto foi elaborado a partir do registro das conversas informais que tivemos em sua casa.

de drogas local é um convite tentador que promete um maior status social, de poder e econômico, frente à realidade do trabalho informal, mal pago, socialmente desrespeitado e marcado por humilhações. Ao mesmo tempo, a possibilidade de que um membro da casa integre uma facção de tráfico de drogas se torna um fantasma que assombra as relações de família, em especial as mães que, em geral, exercem um trabalho diário e minucioso para que isso não ocorra com seus filhos (Castro, et al 2021; Motta 2020; Muehlmann 2018; Garcia 2015). As consequências de ter um filho no tráfico de drogas implica para essas mulheres a possibilidade de viver experiências profundamente dolorosas, na qual a tortura e o assassinato estão dentro do campo do possível e não se separam das experiências pregressas de desaparecimento, tortura e morte dentro da família<sup>6</sup>. Essas experiências passadas e presentes são compartilhadas no cotidiano pelas milhares de mulheres que perderam avôs, pais, irmãos, maridos, filhos e sobrinhos nos bairros em que vivem, com linguagem e performatividade específica para cada situação. Se as mulheres transmitem o desaparecimento, a morte e a tortura de seus entes queridos neste processo que estou chamando de testemunho mutuo, essas histórias estão emaranhadas nos difíceis processos de refazimento da vida diante dessas circunstâncias, nem sempre realizável<sup>7</sup>.

Além da questão familiar, ter um filho no tráfico de drogas implica na formação de uma complexa rede de vigilância interna às casas e também dirigida às relações que se estabelecem no bairro. A

oposição “trabalhadores” e “bandidos” opera como uma divisão moral que se embebe nas já tensas relações de parentesco e vizinhança (Feltran 2011a; 2011b). A vigilância interna às casas e ao bairro não está separada da vigilância feita por policiais que trabalham na localidade e também pelos trabalhadores do tráfico, embora tenham natureza e tecnologias distintas (Menezes, Mano 2021). Na vigilância interna às casas, os familiares vigiam seus filhos em momentos de profunda intimidade na tentativa de desvelar seus caminhos e os perigos que estão correndo<sup>8</sup>. A vigilância feita pelo tráfico local consiste em observar os passos dados pela polícia, o movimento de pessoas para que outros grupos de tráfico de drogas e de milicianos não invadam a área, mas também exige atenção constante aos olhares vigilantes dos familiares. No caso da vigilância policial, a questão se torna ainda mais delicada, pois a identificação de uma pessoa como “bandido” pela polícia faz com que certas casas se tornem “visadas” (Rosa 2014) e passem a ser alvo de invasões policiais cotidianas, o que difere das grandes operações militares que marcam a cena pública da cidade. É neste emaranhado de relações que família e vizinhança são enredadas ao cotidiano da guerra. A opacidade e a desconfiança marcam a vida diária dos moradores de periferias e envolvem na mesma trama esses mútuos olhares vigilantes e as formas de contorná-los.

Quando Leonor e seus filhos se mudaram para a ocupação onde a conheci, Layla tinha entorno de quinze anos. Naquele momento, Leonor entendia

6 Durante o trabalho de campo, eu ouvi algumas histórias de mulheres que vivam no presente a experiência da prisão, do desaparecimento ou da morte a partir do que ocorria com seus filhos. Em alguns casos, as mesmas mulheres já haviam vivido a morte, o desaparecimento ou a prisão na relação com um primo, irmão ou pai. Esta me parece ser uma agenda importante de pesquisa sobre violência no Brasil, que ajudaria a compreender as continuidades de experiências de violência em diferentes regimes políticos, bem como as formas de conhecimentos sobre morte, tortura e prisão que são partilhadas entre diferentes gerações de uma mesma família. Sobre a continuidade das violências ocorridas na ditadura chilena e seu entrelaçamento com as violências contemporâneas nas mesmas famílias ver Han 2012.

7 No Rio de Janeiro há um crescente interesse por compreender como as mulheres, e em especial as mães, retomam suas vidas após o assassinato de seu filho. Em geral, as pesquisas focam nas mães que se engajam em movimentos sociais e “fazem do luto a luta” por reparação e justiça (Leite 2004; Vianna e Farias 2011; Vianna 2015; Farias 2020). Em um sentido distinto, o texto de Eugênia Motta (2020) trata justamente de uma mãe cujo filho trabalhava para o tráfico de drogas e foi assassinado por policiais e desenvolve uma doença auto-imune, que ela própria atribui à dor diante da perda de seu filho, e morre. Nos anos recentes, tenho acompanhado a narrativa de adoecimento e morte de algumas mulheres cujos filhos foram assassinados. Como a morte de um filho se embebe em outras mortes me parece ser um tema importante a ser analisado para compreendermos os efeitos profundos que a guerra às drogas produz no cotidiano como condição durável.

8 Em um trabalho recém publicado em co-autoria com Patrícia Birman (2021), descrevemos a situação em que Cristina, mãe de um jovem que trabalha para o tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro, vigiava seu filho no momento em que ele dormia, na tentativa de capturar os perigos que ele ocorria. Se o sono do filho era agitado ou se ele dormia bem, eram sinais importantes para a mãe tentar desvelar as situações que ele vivia. Ao ouvir os rumores sobre uma ameaça de morte destinada a seu filho, ela passou a vigiar a agitação de seu sono. Foi dessa maneira que Cristina percebeu que o filho estava correndo perigo de vida e o incentivou a fugir para a cidade de São Paulo, o que ele fez.



que a filha estava muito “rebelde” devido os experimentos estéticos que ela fazia em seu corpo como a inserção de piercing na língua e orelha, as brigas que ela se envolvia no bairro e sua orientação sexual. Na tentativa de construir um “futuro” para Layla, Leonor percorreu as escolas públicas da região em busca de uma vaga. À época, Leonor era crente da Igreja Batista. Os cabelos longos e as saias compridas ajudaram-na a convencer o diretor a matricular sua filha em uma escola considerada de excelência. Não demorou para que Leonor começasse a receber notificações sobre o comportamento da filha na escola. Em uma reunião com o diretor do colégio, Leonor foi avisada que Layla trabalhava para o tráfico de drogas do Morro da Providência, favela próxima à sua casa.

Receber a notícia de que a Layla era uma “traficante” feriu o sonho de Leonor de ver sua filha “formada e não chave-de-cadeia.” A decepção foi tamanha que, ao encontrar Layla, Leonor deu-lhe uma “surra.” Leonor chama de “sem futuro” o período em que Layla deixou a escola, passou a usar maconha e cocaína e trabalhou para o tráfico de drogas. O sentido de “sem futuro” implicava na previsibilidade e imprevisibilidade que está contida na experiência de se viver em um mundo em guerra, em que a possibilidade de morrer de overdose, pela polícia ou pelo próprio tráfico pairava como uma névoa que nunca se dissipava. Neste período, Vitor, o filho mais novo de Leonor, também começava a usar cocaína e a trabalhar para a facção local. Leonor me disse não enxergar o “envolvimento” de Vitor diante do medo de perder sua única filha mulher, vivido sob a sombra do luto de Glauber.

Certo dia, Leonor cozinhava quando Nato, liderança do tráfico local, foi procurar Layla em sua casa. Desconfiada, Leonor tentou escutar a conversa da filha, mas estes cochichavam justamente para evitar os ouvidos atentos de Leonor. A mãe interrogou a filha sobre a conversa e Layla laconicamente expli-

cou que era seu amigo gay.

A função de Layla no tráfico de drogas era fazer o “radinho”, a saber, ela vigiava a movimentação nas ruas e vielas da favela e informava os outros membros da facção sobre a aproximação de policiais. Vigiar ruas e vielas e fazer parte da rede de vigilância do tráfico fazia com que ela conhecesse os passos de Leonor, o que a permitia fugir da mãe que tentava encontrá-la. “Por causa da minha filha eu passei a conhecer isso aqui como a palma da minha mão.” O trabalho diário de cuidar da vida da filha fez com que Leonor caminhasse pelo bairro, entrasse na favela vizinha, conversasse e ouvisse as histórias de outras mulheres cujos filhos também trabalhavam para a facção. Seu conhecimento sobre o bairro, a favela, as redes de poder locais e os perigos que rondavam estava intimamente relacionado à função desempenhada pela filha no tráfico de drogas. Leonor incorporou a experiência da filha como sua, o que nos mostra os tentáculos da experiência da guerra às drogas na vida de todos aqueles que estão enredados nesta trama, seja pelo parentesco, seja pelas relações de amizade e de amor (ver Motta, et al. 2022).

### Quando o medo se concretiza

No ano de 2007, a casa de Leonor foi invadida por policiais militares da delegacia local que buscavam por sua filha. Naquele ano, Layla havia acabado de completar 18 anos. Ela havia deixado a função de “radinho” e passou a integrar uma “boca-de-fumo.” Todos sabiam que quando se ganha a maioria no Brasil, os jovens presos por tráfico de drogas iriam para as prisões, cujos regimes são historicamente marcados por torturas (Mallart 2021; Godoy 2017). O conhecimento de Leonor sobre as prisões vinha da vida de seu pai que atuou como “ladrão de joias” e “matador de polícia.” Foi fugindo de uma ordem de prisão para a temida Ilha Grande<sup>9</sup> que parte da família de Leonor passou a viver na cidade

<sup>9</sup> O Instituto Penal Candido Mendes foi um presídio localizado na Ilha Grande, Rio de Janeiro, criado em 1903 e implodido em 1994, que hoje funciona como museu. Sobre a história do presídio e atual museu ver: Sepulveda dos Santos 2017.

do Rio de Janeiro. O irmão mais velho de Leonor foi preso depois de esfaquear e matar um homem com quem se desentendera em uma festa de casamento. Outro irmão, aquele que Leonor suspeitava de ter matado seu filho mais velho, a espancou até ela ficar desacordada. Ela fez um boletim de ocorrência e seu irmão acionou os milicianos locais para ameaçá-la. Leonor também trabalhou como alfabetizadora em um centro de recuperação para jovens que infringiram a lei. Os conhecimentos passados sobre morte, tortura e prisão vividos dentro de sua família e no local de trabalho se somavam às novas conversas que ela estabelecia com outras mulheres de sua geração e à vigilância sobre os filhos e vizinhos. Por isso, Leonor sabia que, caso os policiais encontrassem Layla, ela “apanharia” e iria para a prisão “com os bandidos de verdade.” Com os policiais procurando sua filha, a tortura e a morte não pairavam mais como névoa, mas literalmente invadia a porta da casa de Leonor.

Os policiais não encontraram Layla, ao menos dessa vez. No momento em que a filha chegou em casa, ela foi recebida pela mãe com um cabo de vassouras. Me contou Leonor que ela própria chorava enquanto batia na filha e que chegou a quebrar o cabo de vassoura nos joelhos dela deixando-a sem andar. O choro de Leonor ao infligir o corpo da filha nos mostra como causar dor física no outro pode produzir sofrimentos naqueles que a executam<sup>10</sup>. Para Leonor, Layla tinha que “aprender” apanhando da própria mãe, pois certamente ela não “aguentaria” caso fosse interpelada por policiais. Leonor entendia a “surra” que deu na filha não como uma violência, mas como uma forma de correção, um alerta e a produção de um saber para que a Layla conhecesse no próprio corpo algo que poderia vir com força ainda maior.

O fato de ter apanhado da mãe não fez com que Layla deixasse o tráfico de drogas, mas produziu

uma mudança na sua forma de atuação. Ela passou a trabalhar de forma mais discreta na tentativa de desviar dos olhares vigilantes da mãe. Contudo, o fato de Layla ter um celular nas mãos, objeto que elas não tinham condições de comprar à época, fez com que Leonor entendesse que sua filha mantinha sua atividade. Neste ponto, penso sobre a importância de pequenos objetos capazes de levantar suspeitas, na medida em que são também um signo de que há mais dinheiro circulando dentro da casa do que a renda familiar permite. Vigiar a intimidade dos familiares em um ambiente cheio de perigos é estar atento ao trânsito desses pequenos objetos que comunicam sobre e trazem as redes de poder para dentro da vida doméstica.

Leonor tentou uma nova estratégia para tirar sua filha do tráfico de drogas. Ela foi até a favela para conversar diretamente com Nato e exigir que eles deixassem Layla em paz. Ao chegar no local, Nato estava acompanhado de seu segurança Marcão, que também atuava como “matador do tráfico.” Leonor não sabia quem era o rapaz, por isso, ela não teve medo. Aos gritos, Leonor pedia que eles nunca mais procurassem Layla, que ela não havia “criado uma bandida” e que se eles continuassem “aliciando” sua filha, ela iria na polícia, no exército e que teria coragem de matar para protegê-la. Layla saiu de casa para começar o dia de trabalho, mas voltou chorando depois de ser ameaçada por Marcão. Mais tarde, Nato desceu até a casa de Leonor para pegar o telefone de Layla. Nas semanas seguintes, Layla tinha o objeto novamente em mãos.

O medo de Leonor se concretizou. Era madrugada quando sua filha foi “pega” pelos policiais. Estes, ao invés de seguirem os procedimentos legais - atuariam-na em flagrante, recolher provas e levá-la à delegacia - arrastaram Layla para um imóvel conhecido na região como “o Casarão.” O local era amplamente

10 Não estou sugerindo aqui que todos aqueles que provocam dor no corpo do outro sofrem com esta experiência. A literatura sobre tortura na ditadura militar na América Latina nos fala dos prazeres que os perpetradores sentiam no ato da tortura, que pode inclusive cainhar lado a lado com um erotismo masculino quando analisamos o estupro de mulheres. Em trabalho recente, Benítez e Rangel (2022) discutem a relação entre fetiches extremos, envolvendo a tortura e o erótico a partir da experiência de uma mulher negra, atriz de filmes sexuais, que encena uma mulher escravizada que é espancada na relação com o desejos sexuais.

conhecido por ser o espaço onde policiais e traficantes torturam seus desafetos, o que não significa classificá-los rapidamente como inimigos, pois colegas do tráfico ou mesmo aqueles com quem a polícia estabelece relações de monetárias ilegais via “arregos” podem se tornar alvo de tortura. No Casarão, Layla foi asfixiada com um saco plástico e afogada em um balde com água. O fato de Layla ser lésbica implicou em uma tortura específica: os policiais bateram em seu rosto até desfigurá-lo.

Paro neste ponto para tecer algumas reflexões sobre a tortura que Layla recebeu em seu corpo como algo que está ancorado na vida social. Em seu recente livro “Slum Acts”, Veena Das (2022) crítica uma tradição de análises que tratam a tortura como uma prática incompreensível e que estaria fora das ações humanas. A partir das narrativas elaborada por Wahid Shaikh, acusado de ser terrorista, preso sem provas concretas e torturado durante anos na prisão, Das reflete sobre a nudez como prática de tortura executada cotidianamente pela polícia indiana. O que Das nos mostra é que o uso da nudez como técnica de tortura não está descolado dos critérios cotidianos do que é honra e vergonha para hindus e muçulmanos. Os significados de estar vestido ou estar nu não foram inventados pela polícia, segundo a autora, mas são retiradas de formas de vida e estão ancorados no entendimento compartilhado do que é um insulto.

Sigo este raciocínio para pensar sobre o castigo específico que Layla recebeu em seu corpo por ser lésbica. Por ter um corpo que carrega uma sexualidade considerada errada e passível de punição (Fernandes 2022), desfigurar um rosto feminino forma um conjunto estético-moral-punitivo que evidencia o social nas cenas de torturas<sup>11</sup>. Assim, a tortura é um ato comunicativo que não se prende ao corpo que é seu objeto. Ela emite recados que circulam de forma pensável, projetável e compartilhada<sup>12</sup>. A estética do que se pretende com a tortura não é banal, ao contrá-

rio, ela nos mostra como o gênero daquele que pune e quem será punido é confeccionado na vida social. Daí a importância de tornar visível a tortura no corpo de Layla e desfigurar seus traços femininos. Ressalto que não apenas os policiais punem mulheres na relação com a sexualidade errada. O espancamento e estupro de mulheres lésbicas e transgênero dentro das famílias e por grupos criminais é algo corriqueiro, e nos fala de valores morais compartilhados vida social.

Retorno para o momento em que os policiais torturavam Layla no Casarão. Leonor estava no trabalho como cuidadora de idosos em Copacabana. Silvio, irmão mais velho de Layla, e outros vizinhos estavam em frente ao imóvel. Ele ligou no trabalho da mãe para narrar o que ocorria. Leonor não deixou o trabalho na madrugada para não acordar a patroa. O fato de seu filho e de vizinhos estarem em frente ao imóvel e não agirem para impedir a sessão de tortura, criou um ressentimento no qual Leonor me narrou que “jamais conseguirá perdoar” seu filho, tão pouco os vizinhos, por se omitirem de ajudar Layla. Note-mos que ela usa o verbo no futuro do presente, que aponta para a atualidade desta afirmação. E ela acrescentou: “Camila, eu morreria, mas eu enfrentaria os policiais para minha filha não ser sufocada com o saquinho na cabeça.” É fato que tanto Silvio quanto os vizinhos tinham pouco a fazer nesta situação. Vigiar o tráfico local fazia com que os policiais também vigiassem os moradores da região e conhecessem suas redes familiares, de amizade e de amor, cujas ameaça operam como prática de tortura (Das 2022). Agir em uma situação como esta poderia facilmente torná-los alvo de uma polícia que pode “plantar” provas para incriminar uma pessoa ou infligir castigos muito piores.

A sessão de tortura funcionou para o que os policiais almejavam. Layla “entregou” onde estava a cocaína e o dinheiro, perdeu o revólver e revelou o

11 Destaco aqui dois trabalhos recentes que discutem as punições contra os corpos femininos (Fernandes 2022) e masculinos (Jara 2021) em contexto de guerra às drogas. O primeiro fala das mulheres que são punidas diante da “sexualidade errada” e o segundo de homens que cometem “erros” dentro das facções criminais e passam por punições físicas.

12 Agradeço a Adriana Vianna por este comentário.

nome de outros de seus colegas no tráfico de drogas. Na época, o valor que os policiais conseguiram com o que Layla tinha em mãos foi um mil e trezentos reais. A sessão de tortura teve duas testemunhas locais. Por isso, as notícias de que Layla havia “entregado” as drogas e os nomes dos colegas do tráfico começaram a rapidamente se espalhar pelo bairro. A acusação de que ela havia sido uma “X9” – um traidor que fornece informações para a polícia – fez com que a pena local destinada à Layla fosse a morte. Os policiais colocaram Layla na viatura de polícia e circularam com ela pela cidade (ver Falcão, Ratton 2021). Esse procedimento operacional funciona ao mesmo tempo como ameaça de morte e desaparecimento do corpo, mas também como prática de sequestro e pedido de “resgate” para a família ou para o tráfico de drogas (ver: Hirata 2014). No caso de Layla, os policiais queriam o resgate. Como ela ocupava uma posição baixa no tráfico de drogas, o resultado é que a facção à qual pertencia não pagaria o valor do resgate. Os policiais foram à casa de Leonor e avisaram que se a família pagasse o resgate, eles liberariam Layla. Mas a família não tinha o valor, por isso Layla foi levada para a delegacia. Na manhã seguinte, os jovens que trabalhavam com Layla invadiram sua casa e levavam consigo uma corda para enforcá-la, mas quem os recebeu foi Leonor.

A prisão não libertou Layla da acusação de X9. As ameaças de morte continuavam operando dentro da instituição. Para que a filha não fosse morta na cadeia, Leonor foi até a Igreja Batista e pediu dinheiro emprestado ao pastor para que ela pagasse à facção o valor que a polícia usurpou de Layla. O pastor negou o empréstimo. A negativa do pastor fez com que Leonor revisitasse sua vida, o tempo em que ela passou na igreja e o dinheiro que ela doou ao longo dos anos. Ela entendeu que, na hora que ela mais precisava, a igreja a abandonara.

Layla recebeu uma ajuda importante. Ela veio justamente de Nato que, pelo fato de ser gay, havia criado uma relação de amizade “especial” com Layla. Esse chefe do tráfico local retirou a ordem

de matar Layla na prisão, cujo efeito foi a sua saída da solitária para as celas compartilhadas com outras mulheres. Nato também passou a enviar dinheiro à sua amiga presa, escondido de seus subordinados na facção. É interessante que a amizade entre um rapaz gay e uma mulher lésbica, características desvantajosas na vida social, se tornou um elemento positivo que liberta Layla da pena de morte na prisão. No período em que Layla esteve presa, Nato e Leonor se aproximaram e ficaram amigos.

Na cadeia, os agentes penitenciários obrigaram Layla a raspar seus longos cabelos com o objetivo de deixar claro que ela era “sapatão”, retirando os traços considerados “femininos” e impondo uma marca corporal genericada que a distinguiu das “mulheres de verdade.” O corte do cabelo foi incorporado por Layla como sua nova identidade de gênero, produzindo desgosto em sua mãe. A rotina de Leonor se transformou e passou a incluir visitas semanais à filha na prisão. Leonor me disse que se sentia com “sorte” por ser “velha e feia” porque se a mãe das mulheres presas fosse considerada “bonita”, ela poderia ser forçada a manter relações sexuais com policiais para que suas filhas não fossem violentadas e/ou violadas dentro da prisão.

A experiência de Leonor a partir da relação de sua filha com o tráfico de drogas me fez pensar sobre como o fato de a tortura ser comumente associada apenas a práticas estatais faz com que a gente perca seu espriamento na vida social. A relação entre vítimas e perpetradores não é externa às formas de vida, ao contrário, ela é tecida na vida cotidiana de forma relacional (Segal 2020, Rechtman 2022). É fato que a tortura, o sequestro e a invasão de casas faz parte da rotina policial, seja para conseguir informações, construir um caso ou para simplesmente extorquir dinheiro, mas essa não é uma prática restrita à polícia. Essas práticas fazem com que a guerra imposta às populações pobres se inscreva na intimidade das relações de família e vizinhança e emerge nas cenas domésticas. Não estou relativizando aqui o poder do Estado presente nas forças policiais. Mas me

parece importante qualificarmos melhor o policial como uma pessoa que está envolvida em relações de família, vizinhança e poder e que, além disso, transita em contextos externos à situação de guerra. A relação diária com o policial, com o traficante e também com o miliciano não são vividas de forma abstrata. Lembro-me de uma preocupação de Leonor que continua ressoando em meus pensamentos. Ela me dizia que tentava não pensar, mas por vezes era impossível, se Layla também fazia “todas as barbaridades” que ela ouvia por aí.

### Diante da “Justiça”

Lembremos que a entrada de Layla no tráfico de drogas se fazia em concomitância com o luto de Leonor pelo filho Glauber<sup>13</sup>. No processo de recuperação da vida, Leonor entendeu que sua conversão da Umbanda para a Igreja Batista anos atrás a haviam deixado “cega” diante dos perigos que ela e seus filhos corriam no interior de sua família. As entidades religiosas que a protegiam, embora não a tivessem abandonado no período em que ela passou na Igreja Batista, respeitavam sua decisão e não agiam em sua vida. A recusa do pastor em ajudá-la a “salvar” sua filha da morte foi decisiva para Leonor retomar suas atividades na Umbanda e em Centros Espiritas.

Sob tortura, Layla confessou ser traficante de drogas. No documento assinado por ela, Layla também confessou que era a “gerente” do tráfico na favela próxima à sua casa. A defensora pública responsável pelo caso de Layla estava apreensiva. Ela alertou Leonor que, por Layla ter assinado esse documento que a incriminava, o caso dela era difícil. Para agravar o problema de Layla, duas jovens que costumavam comprar cocaína na “boca-de-fumo” que ela trabalhava se apresentaram (ou foram forçadas a se apresentar?) como testemunha de acusação e confirmaram que ela era a “gerente do Morro.”

Como Leonor poderia enfrentar forças tão poderosas da Lei e do Estado direcionadas à sua filha? Como lidar com provas que incriminavam Layla, produzidas sob tortura, mas cuja violação é constantemente ignorada e silenciada por promotores, juizes e defensores? Aonde encontrar forças para, ao mesmo tempo, não deteriorar ainda mais sua vida e recuperá-la diante de tamanha desigualdade e violência?

No terreiro de Umbanda, Leonor conversou com a entidade Maria Padilha, importante pomba-gira e feiticeira, uma das mais procuradas em terreiros de Umbanda por abrir caminhos para o amor. Padilha mandou Leonor redigir uma lista com os nomes de todos aqueles que estavam envolvidos no processo judicial de sua filha: policiais militares, promotores, defensores, testemunhas e juizes. O retorno de Leonor para os terreiros fez com que outra Maria, dessa vez a Molambo, voltasse a habitar o corpo e mente de Leonor. Para receber seus ensinamentos, Leonor incorporava a entidade Maria Molambo, mas presença de uma terceira pessoa era essencial pois Leonor perdia a consciência no momento da incorporação e era esta terceira pessoa quem receberia e repassaria as palavras de Molambo. Em uma das “visitas” de Molambo, Sophia, vizinha de Leonor e amiga de sua filha, aprendeu como “trabalhar a cabeça da juíza” para tirar Layla da prisão.

Os primeiros trabalhos feitos com a ajuda de Maria Padilha foram direcionados ao policial que desfigurou o rosto de sua filha durante a sessão de tortura. Este policial seria uma das testemunhas de acusação. Para a surpresa de Leonor, no momento em que ele foi chamado a testemunhar, o policial estava preso o que significava que seu trabalho espiritual estava funcionando. Mas isso não queria dizer que Leonor estivesse feliz. Leonor se preocupava com os “carmas” espirituais ela estava gerando agora - e seriam levados para a outra vida - ao fazer estes trabalhos. Ao direcionar seus trabalhos espirituais ao

<sup>13</sup> Eu encontrei com Layla uma ou duas vezes, mas nós nunca conversamos sobre sua experiência de tortura e prisão, pois não havia intimidade para isso. Eu também nunca conversei com ela sobre como ela viveu o luto pela morte do irmão mais velho. Mesmo que Glauber não tenha morrido neste campo de tensões, isso me faz pensar na importância de compreendermos as experiências dos outros membros das famílias, como os irmãos da mesma geração ou as crianças que crescem com os pais presos ou os órfãos dessa guerra. Sobre o tema ver: Galdeano, et al. 2018.

policial, estes se recairiam sobre a mãe dele. O fato do policial estar preso fez com que Leonor imaginasse que a mãe dele chorava tanto quanto ela. Durante a audiência, o policial não reconheceu Layla. Mãe e filha imaginavam que o não reconhecimento se dava pelo seu novo corte de cabelo. Outros dois policiais que seriam testemunhas de acusação faltaram na audiência. A ausência dos policiais foi vivida por Leonor como um “recado” enviado pelas entidades para que ela continuasse com seus “trabalhos.”

Enquanto Maria Padilha trabalhava os policiais, Maria Molambo “trabalhava a cabeça da juíza.” Em nossas conversas, Leonor repetiu algumas vezes que quem julgaria sua filha era uma juíza, mulher. Eu fiquei curiosa em saber como ela tinha tanta certeza disso? Leonor me respondeu que a juíza não apenas era mulher, como era judia e que ela, “como era espírita”, pôde acionar certos espíritos para conseguir as informações solicitadas pela pomba-gira<sup>14</sup>. Ao pedir ajuda aos espíritos, estes entraram no Fórum e conseguiram os nomes daqueles envolvidos no processo de acusação de sua filha.

No dia anterior à segunda audiência Leonor se dirigiu ao Fórum a fim de encontrar o promotor Vinicius. Leonor encenava para mim como tinha feito à época e, com um pedaço de papel nas mãos, ela me mostrou como andava sempre com os nomes da juíza, do promotor, dos policiais e das testemunhas de acusação envolvidos no processo de sua filha. Leonor me contou que caminhou até Vinicius e em tom de “intimidade” o cumprimentou. Em suas palavras: “eu não chorei nem pedi nada”, ela apenas “olhou” para Vinicius e, falando firme para mim, reproduzindo o tom que dirigiu ao promotor à época, Leonor disse:

eu só quero que o senhor olhe com muito carinho para este processo porque amanhã vai ser julgada Layla Wainer. **Olhe com muito carinho e com muita atenção o processo, olhe todas as provas, olhe o caminho de vida dela e olhe o das acusadoras** (grifos meus).

A segunda audiência também não ocorreu.

A juíza não se sentia bem. Leonor ficou satisfeita, pois ela tinha ouvido falar que esta juíza era uma mulher muito “dura” e “enérgica” em suas sentenças. A ausência da juíza, portanto, não causou surpresa para Leonor. Ela e a defensora comemoraram pois, se o julgamento fosse com essa juíza específica não haveria nenhuma esperança de libertar Layla. Todo o trabalho de Leonor para tirar sua filha da cadeia estava, enfim, dando resultado.

Outras entidades ajudaram Leonor na batalha para tirar sua filha da prisão. Em uma festa de Erê (entidades infantis), ela conversou com Mariazinha da Praia, entidade que ajuda as mães a enfrentarem as tristezas relacionadas aos filhos. Quando Mariazinha da Praia olhou para Leonor, ela viu que Layla estava “naquele lugar feio.” Mariazinha pegou uma chupeta, entregou nas mãos de Leonor e fez a seguinte recomendação: “quando ela for naquele lugar feio, que ela vai com aquele monte de gente, leve essa chupeta, segure firme e me chame.”

No dia da terceira audiência, Leonor foi até o Fórum, ela não sabe dizer o porquê, mas dessa vez não a deixaram entrar. Na audiência, não era a “juíza judia”, mas um “juiz novinho” quem iria julgar o processo de sua filha. Enfrentar uma “juíza ruim e enérgica” exigiria muito mais esforços do que enfrentar um “juiz novinho”, por isso ela comemorou. Na audiência, Leonor contava com duas testemunhas de defesa: André, importante liderança política local e vizinho de Leonor, e Sophia, amiga de Layla na escola. À Sophia, Leonor entregou a chupeta que ela ganhou de Mariazinha da Praia e fez a seguinte recomendação: “Sophia, na hora que você for falar com o juiz, você tira a chupeta da bolsa, segure firme e chame a Mariazinha da Praia.”

Como a chupeta nas mãos, Sophia respondeu várias perguntas feitas pelo juiz. Ela, que tinha a mesma idade de Layla, contou ao juiz que ambas haviam sido amigas na escola, que gostavam de estudar, que tinham vários sonhos juntas, marcando as-

14 O trabalho de Yvonne Maggie, “Medo de Feitiço: relação entre magia e poder no Brasil” (1992) é pioneiro nessas discussões no Brasil. A autora nos mostra como figuras religiosas, feitiços e magias aparecem em processos judiciais do final do século XIX até os anos 80 do século XX.

sim o caminho de vida de Layla. Não demorou muito para o juiz começar a mostrar a língua e a fazer barulhos com a boca. Sophia contou para Leonor que quando o promotor começava a falar, o juiz logo respondia em tom infantil e dando risada, fazia bolinhas de papel, em resumo: ele tinha incorporado um Erê. No final da audiência, Leonor me narrou que não ficou “ansiosa”, mas tinha expectativas de que sua filha seria libertada. Ainda assim, ela estava decidida a continuar “pedindo” e fazendo os seus “trabalhos.”

Na semana seguinte, a notícia esperada. Layla ligou para sua mãe do orelhão localizado do lado externo da prisão. Mas Layla não poderia voltar para a casa de sua mãe visto que seu amigo Nato não conseguiria defendê-la da acusação de X9 no bairro. Por esse motivo, Leonor pediu que a filha a esperasse em um banco em frente ao ponto de ônibus localizado na saída da penitenciária. Sophia acompanhou Leonor. Layla estava ansiosa e ligava insistentemente para a mãe. Era 18 horas, horário trânsito intenso, o que fazia a ansiedade aumentar. Da janela do ônibus, Leonor viu sua filha e começou a gritar “Layla, Layla”, com suas palavras:

Todo mundo do ônibus começou a gritar “sobe, sobe.” E ela subiu e me abraçou e abraçou a Sophia. Parecia que todo mundo naquele ônibus sabia o que estava acontecendo e eles começaram a gritar e a bater palma. Foi muito lindo! E aí, eu falei: “acabou, filha.”

Se, de fato, todos sabiam o que se passava com Leonor e Layla não é o que me interessa aqui. Mas a ideia que o pensamento de Leonor carrega fala do conhecimento das pessoas que utilizam diariamente um transporte público que liga o centro do Rio de Janeiro à região mais periférica da cidade, com um ponto de parada especificamente em frente à prisão. Essa experiência é compartilhada diariamente por moradores de periferias, que identificam quem é a pessoa esta indo visitar um parente preso ou aquele que sai da prisão, mas também geram testemunhos mútuos de suas experiências vividas diante do encarceramento em massa, resultado da política de guerra às drogas. Da prisão, Layla foi para São Paulo e passou quase cinco anos sem visitar sua mãe. Ela voltou

ao Rio de Janeiro quando muitos dos que a conheceram morreram ou estavam presos e sua história havia se diluído nas tantas outras histórias como as dela.

### **Notas sobre que aprendi com as memórias de Leonor**

Lembro-me da surpresa que senti quando ouvi Leonor me narrar pela primeira vez sobre o trabalho no tráfico de drogas de sua filha, a tortura e a prisão. O ano era 2013 e eu havia ido visitá-la como parte da etnografia para minha pesquisa de doutorado que visava documentar a luta dos moradores da ocupação pelo direito a moradia no centro da cidade do Rio de Janeiro. Essas e muitas outras histórias envolvendo conflitos familiares, policiais militares, juizes, promotores, grupos de tráfico de drogas e de milicianos estão emaranhados à forma de vida de Leonor, de seus vizinhos e familiares. As histórias que escolhi trazer para este texto me foram narradas no intervalo dois anos, na intimidade da vida doméstica, por uma mulher já idosa. Gostaria de ressaltar que, naquele momento, morte, tortura e prisão não eram questões eu pretendia refletir em meus escritos. Mas o processo de Leonor narrar e renarrar essas histórias foi aos poucos me mostrando como elas foram inscritas nas suas relações de maternidade, de vizinhança, no seu próprio conhecimento sobre o mundo.

Para as palavras finais, centro-me nos movimentos feitos por Leonor durante o processo judicial que levou à absolvição de Layla. Por conta da relação que mantenho com Leonor, fui sendo levada a ler trabalhos que tratam do tema da “violência urbana”, em especial aqueles que analisam a luta das mães que tiveram seus filhos assassinados por policiais militares (Vianna e Farias 2011; Araújo 2014; Lacerda 2015; Efrem-Filho, 2017; Alves 2018; Farias 2020). Este é um campo de pesquisa fecundo e que ganha cada vez mais espaço no país, pois caminha lado a lado com o crescimento dos movimentos sociais liderados pelas mães de vítima de violência de estado. Em geral, a mobilização familiar se ancora na luta por direito e

justiça e na reivindicação da condição de vítima de terrorismo de Estado, cujo vocabulário se reflete nas análises. No argumento dessas mulheres, a ausência de um juiz, o adiamento de uma audiência judicial, entre outras adversidades que impem o desenrolar do julgamento, são denunciadas como negligência estatal. Assim, o Estado aparece nas narrativas dos movimentos sociais como aquele que nega a justiça, e é acusado de ser ora o autor ora o cúmplice da injustiça.

A história de Leonor nos mostra outra forma com que as famílias enfrentam a inscrição da guerra movida contra os pobres nas tramas de suas vidas. A partir das narrativas elaboradas no espaço doméstico, o Estado assume outras modulações na vida cotidiana, que difere da tríade vítima, direito e justiça. O fato de Leonor saber que sua filha trabalhava para a facção de tráfico de drogas local fez com que ela não reivindicasse a condição de vítima de sua filha, mesmo ciente da tortura que ela sofreu. Ela não acusava o Estado de negligente ou ineficiente, pois no caso de Layla, ele havia sido bastante rápido e eficiente: Layla mal havia completado 18 anos quando foi presa. Contudo, fazer uso de uma linguagem distinta daquela enunciadas por movimentos sociais em espaços públicos não significa que Leonor não entendia os mecanismos do poder estatal. Ao contrário, ela os conhecia de uma forma precisa: Leonor sabia quais eram os principais agentes responsáveis para condenar ou absolver sua filha; conhecia o poder discricionário que é próprio a esses agentes, por isso a performance cuidadosa ao falar com o promotor Vinicius: olhar firme para ele e sem chorar, e pedir que ele olhasse com carinho para o processo de Layla. Por isso também era preciso retirar a juíza “ruim e enérgica” e colocar em seu lugar o “juiz novinho.” As ações de Leonor foram elaboradas no contexto do crescente encarceramento em massa, por isso, ela construiu a singularidade de sua filha na relação com o seu “caminho de vida”, que esta enredado ao cuidado que a mãe dedicou à filha. A relação mãe-filha diferenciaria Layla dos “bandidos” e da máxima am-

plamente compartilhada na sociedade brasileira que diz: “bandido bom é bandido morto.”

As memórias de Leonor me fizeram pensar nas formas distintas com que as pessoas se engajam nos processos da lei e da burocracia. Parece-me que ela queria “trabalhar” nos muitos raciocínios que produzem a “razão de Estado.” Aqui, estou fazendo um jogo e construindo uma distinção entre atuar no raciocínio das pessoas que trabalham no estado, o que modificaria a própria “razão de Estado.” O conceito de “razão de Estado” foi pensado por Foucault (2008) como o resultado de uma miríade de novas tecnologias de poder que criaram o sentido de “população” e “da biopolítica” como forma de governo. A “razão de Estado” contemporânea que me parece estar operando aqui é justamente as práticas e tecnologias produzidas pelas políticas de guerra às drogas que levam ao encarceramento em massa de certas populações. Quando Leonor decidiu “fazer a cabeça” dos juizes que estavam envolvidos no julgamento de Layla, ela atuou ao mesmo tempo no raciocínio das pessoas individualmente envolvidas no julgamento e na “razão de Estado.” Para atuar na “razão de Estado” e ir na contramão do encarceramento em massa, Leonor precisaria produzir a particularidade do caso de sua filha. Com outras palavras, ela precisaria interromper o processo estatal de transformação de Layla na população abstrata “bandidos.” Se a “razão de Estado” visa produzir populações, o esforço de Leonor vai justamente mostrar a singularidade de Layla. E o que permite que Leonor construa a singularidade de Layla é justamente o cuidado que ela dedica à sua filha, como visitá-la frequentemente na prisão, opondo-se ao abandono que é comum às mulheres presas. As memórias de Leonor me fazem pensar na produção de populações, portanto, não como algo acabado, mas como um processo que está sendo jogado e contestado na vida diária.

Mas Leonor conhecia mais. Ela sabia que sozinha dificilmente conseguiria enfrentar uma instituição tão poderosa como é “o Estado”, que se somava à impossibilidade de defender sua filha da acusa-



ção de tráfico de drogas. Para enfrentar o raciocínio e a “razão de Estado” ela precisaria formar alianças que fizessem dela uma pessoa poderosa, e criar estratégias que lhe desse condições de “trabalhar” nas pessoas específicas que teriam o poder de absolver Layla. Dessa maneira, Leonor transformou “o Estado” em algo que se pode atingir por meio das pessoas que atuam na instituição. Para reunir tamanha força capaz de mudar o rumo do julgamento de sua filha, ela formou a alianças com seres que não respeitam os poderes, as forças e as fronteiras estabelecidas. Fazer alianças com espíritos que adentram Fóruns e conseguem informações confidenciais, com entidades que têm o poder de atuar nas cabeças de policiais, juízes e promotores, nos apresenta um tipo de *expertise* que coloca em relação os poderes do estado, os poderes de uma pessoa comum e os poderes de entidades religiosas. Gostaria de destacar aqueles que ajudaram-na a enfrentar o processo de acusação de sua filha: Maria Molambo e Maria Padilha, ambas pomba-gira ou “povo da rua”; a Mariazinha da Praia e Erês, ambas entidades infantis; os espíritos e sua amiga Sophia. Foi essa miríade de pequenos espíritos, entidades e pessoas majoritariamente femininas ou infantis que criou uma força capaz de enfrentar policiais, juízes, promotores e subverter a lógica vigente. Policiais, juízes e promotores, bem como traficantes e milicianos convivem com essa densidade e variedade de entidades e espíritos. Assim, os acontecimentos internos à audiência judicial estão em constante comunicação com eventos, santos e pessoas que estão fora do tribunal (Das 2020). Por isso, parece-me ser importante não separa o secular e o religiosos, o mágico e o racional, pois estas características também fazer a própria constituição do estado que é mágico, opaco e discricionário.

Para finalizar, gostaria de enfatizar que, embora eu destaque a morte e a tortura como experiências que se embebem nas relações de família e vizinhança como condição durável, isso também significa dizer que elas se tecem às praticas cotidianas de cuidado e solidariedade. O amor que Leonor sente

por sua filha Layla atravessa os espaços doméstico e institucionais, as relações de vizinhança e de poder locais. Por seu amor, vemos como rastros das instituições estatais se infiltram nos sentimentos mais íntimos em que cuidado e solidariedade não se fazem separados da experiência de se viver em um mundo em guerra. Por isso, também, a importância de trazer as outras experiências de morte, tortura e prisão dentro da família, pois elas nos mostram o compartilhamento intergeracional dessas experiências na vida diária que produzem acúmulo de conhecimento. As memórias de Leonor, por fim, nos permite ir contra a ideia de que as pessoas que vivem em contextos de guerra naturalizam a violência com o passar dos anos. Minha tentativa neste texto foi a de rejeitar o desejo de estado que nos convida a apagar a singularidade da vida de pessoas como Leonor e Layla, ao tratá-las como mais um caso em meio a números que engrossam as estatísticas populacionais.

### Bibliografia

- Abrams, Philip. 2006. “Notes on the Difficulty of Studying the State.” In: *The Anthropology of the State. A Reader*, ed. Aradhana Sharma & Akhil Gupta, 112-130. Malden : Blackwell Publishing.
- Alves, Jaime. 2018. *The Anti-Black City: Police Terror and Black Urban Life in Brazil*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Araujo, Fábio. 2014. *Das ‘técnicas’ de fazer desaparecer corpos*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Birman, Patrícia & Camila Pierobon. 2021. “Viver sem guerra? Poderes locais e relações de gênero no cotidiano popular.” *Revista de Antropologia* 64 (2): e186647. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2021.186647>.
- Castro, Odilon, Richard Miskolci & Pedro Pereira. “Mães de usuários de crack: gênero e agência no tratamento para dependência química.” *Cadernos Pagu*, 62: e216222. DOI: [doi.org/10.1590/18094449202100620022](https://doi.org/10.1590/18094449202100620022) (Acesso em: 10/01/2022).
- Das, Veena. 2022. *Slum Acts*. Cambridge: Polity Press.

- Das, Veena. 2020. *Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press.
- Das, Veena. 2019. "Where is democracy in India? Asking Anthropological Theory to Open Its Doors." *Anthropological Theory Commons*. Disponível em: <http://www.at-commons.com/2019/11/24/where-is-democracy-in-india-asking-anthropological-theory-to-open-its-doors/> (Acesso em: 15/12/2019).
- Das, Veena. 2007. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Los Angeles: University of California Press.
- Das, Veena & Deborah Poole. 2004. "State and its Margins: Comparative Ethnographies." In: *Anthropology in the Margins of the State*, ed. Veena Das & Deborah Poole, 3-34. Santa Fe : School of American Research Press.
- Díaz-Benítez, María Elvira & Everton Rangel 2022. "Evoações da escravidão. Sobre sujeição e fuga em experiências negras." *Horizontes Antropológicos*, 28 (63): 39-69. DOI: [doi.org/10.1590/S0104-71832022000200002](https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000200002) (Acesso em: 13/06/2022).
- Efrem-Filho, Roberto. 2017. "Mata-mata: reciprocidades constitutivas entre classe, gênero, sexualidade e território." Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- Falcão, Lara & José Luiz Ratton. 2021. "Os bacharéis e a tortura: percepções de operadores do sistema de justiça criminal sobre as dinâmicas da tortura policial." *Revista de Estudos Empíricos em Direito*, 8: 1-29. DOI: [doi.org/10.19092/reed.v8.615](https://doi.org/10.19092/reed.v8.615) (Acesso em: 03/02/2022).
- Farias, Juliana. 2020. *Governo de mortes: Uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições.
- Feltran, Gabriel. 2011a. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp/CEM.
- Feltran, Gabriel. 2011b. "'Trabalhadores' e 'bandidos' na mesma família." In *Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo* dirigido por Roger Cabanes, Isabel Georges, Cibele Rizek & Vera Telles 397-417. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Fernandes, Camila. 2022. *Figuras da Causação: as Novinhas, as Mães Nervosas e as Mães que abandonam os Filhos*. Rio de Janeiro: Editora Telha.
- Ferreira, Letícia. 2015. *Pessoas desaparecidas: uma etnografia para muitas ausências*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Foucault, Michael. 2008. *Segurança, Território e População. Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Galdeano, Ana Paula, André Chalon, Evorah Cardoso & Rita Barbosa. 2018. *Crianças e adolescentes com familiares encarcerados: levantamentos de impactos sociais, econômicos e afetivos*. São Paulo: Cebrap.
- Garcia, Angela. 2015. "Serenity: Violence, Inequality, and Recovery on the Edge of Mexico City." *Medical Anthropological Quarterly*. 29 (4): 455-472. DOI: [10.1111/maq.12208](https://doi.org/10.1111/maq.12208) (Acesso em 20/10/2017).
- Godoi, Rafael. 2017. *Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos*. São Paulo: Boitempo.
- Han, Clara. 2012. *Life in debt. Times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkley: University of California Press.
- Hirata, Daniel. 2014. "A propos d'un point de vente de drogues: notes ethnographiques." *L'Ordinaire des Amériques*, 216: 1-9. DOI: [doi.org/10.4000/orda.1177](https://doi.org/10.4000/orda.1177) (Acesso em 23/09/2015).
- Jara, Simon. 2021. "A cobrança: os sentidos de justiça das facções do Maranhão." *Dissertação de Mestrado em Sociologia*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).
- Lacerda, Paula Mendes. 2015. *Meninos de Altamira: violência, "luta" política e administração pública*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Leite, Márcia Pereira. 2004. "As mães em movimento." In *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz* dirigido por Patrícia Birman & Márcia Pereira Leite, 141-190. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Maggie, Yvonne. 1992. *Medo de feitiço: relação entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- Mallart, Fábio. 2021. *Findas linhas: circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo*.

Lisboa: Etnográfica Press.

Mano, Apoena & Palloma Menezes. 2021. “Alerta Santa Marta: dispositivos de (contra) vigilância em favelas no Rio de Janeiro.” *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, 52: 147-173. DOI: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2021.i52.a48191>.

Motta, Eugênia. 2020. “Uma casa boa, uma casa ruim e a morte no cotidiano.” *Etnográfica*, 24 (3): 775-795. DOI: [doi.org/10.4000/etnografica.9603](https://doi.org/10.4000/etnografica.9603) (Acesso em: 15/03/2022).

Motta, Luana; Rafael Rocha, Ada Rísia & Adson Amorim. 2022. “Fora do crime no ‘mundo do crime’: experiências juvenis em meio à guerra em periferias de Maceió e Belo Horizonte.” *Dilemas*, 4: 387-414. DOI: [doi.org/10.4322/dilemas.v15nesp4.46076](https://doi.org/10.4322/dilemas.v15nesp4.46076) (Acesso em: 23/06/2022).

Muehlmann, Shaylih. 2018. “The gender of the war on drugs.” *Annual Review of Anthropology*, 47: 315-330. DOI: [doi.org/10.1146/annurev-anthro-102317-050214](https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102317-050214) (Acesso em: 17/05/2019).

Pierobon, Camila. 2021. « Family Betrayals: The Textures of Kinship. » *Sociologia & Antropologia* 11 (3): 969-890. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752021v1136>.

Rechtman, Richard. 2022. *Living in Death: Genocide and Its Functionaries*. New York: Fordham University Press.

Rosa, Thaís. 2015. “Da casa própria à casa manjada: dinâmicas socioespaciais e vulnerabilidades territorializadas nas periferias urbanas.” In *Anais, 39º Encontro Anual da ANPOCS* (Caxambu, Online) 1-38. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt34/9767-da-casa-propria-a-casa-manjada-dinamicas-socioespaciais-e-vulnerabilidades-territorializadas-nas-periferias-urbanas/file> (Acesso em: 03/04/2016).

Sarti, Cynthia. 2021. “Figurations of pain: memory through life.” *Sociologia & Antropologia*, 11: 817-842. DOI: [doi.org/10.1590/2238-38752021v1134](https://doi.org/10.1590/2238-38752021v1134) (Acesso em: 04/05/2022).

Sarti, Cynthia. 2019. “Enunciações da tortura: memórias da ditadura brasileira.” *Revista de Antropologia* (São Paulo), 62: 505-529. DOI: [doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165230](https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165230) (Acesso em: 03/04/2020).

Segal, Lotte. 2020. “Torture and the veil of singularity: A commentary on Veena Das’ ‘Where is Democracy in India?’” *Asking Anthropological Theory Open Its Doors*. Disponível em: <http://www.at-commons.com/2020/07/15/torture-and-the-veil-of-singularity-a-commentary-on-veena-das-where-is-democracy-in-india-asking-anthropological-theory-to-open-its-doors/> (Acesso em: 12/12/2020).

Segal, Lotte. 2018. “Tattered textures of kinship: The effects of torture among Iraqi families in Denmark.” *Medical Anthropology*, 37 (7): 553-567. DOI: [doi.org/10.1080/01459740.2018.1462807](https://doi.org/10.1080/01459740.2018.1462807) (Acesso em: 12/12/2020).

Sepulveda dos Santos, Myriam. 2017. “O encontro da militância com a vadiagem nas prisões da Ilha Grande.” *Topoi: Revista de História*, 18: 356-380. DOI: [doi.org/10.1590/2237-101X01803506](https://doi.org/10.1590/2237-101X01803506) (Acesso em: 22/06/2022).

Vianna, Adriana. 2021. “Disquiet: words, times and relations along an ethnographic trajectory.” *Sociologia & Antropologia*. 11 (3): 793-815. DOI: [doi.org/10.1590/2238-38752021v1133](https://doi.org/10.1590/2238-38752021v1133) (Acesso em: 04/05/2022).

Vianna, Adriana. 2015. “Tempos, dores e corpos: considerações sobre a ‘espera’ entre familiares de vítimas de violência policial no Rio de Janeiro.” In *Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências*. Ed. Patrícia Birman, Márcia Pereira Leite, Carly Machado & Sandra de Sá Carneiro 405-418, Rio de Janeiro, Editora FGV.

Vianna, Adriana & Juliana Farias. 2011. « A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. » *Cadernos Pagu*, 37 (1): 79-116. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200004> (Acesso em: 04/03/2020).

## “No Ceará, o crime se espalhou”: Sobre as Facções Criminosas nas Periferias da Cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil<sup>1</sup>.

Luiz Paiva<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo, trabalha-se sobre como a presença de facções criminosas se consolidou em bairros localizados nas periferias da cidade de Fortaleza-CE, afetando de maneira significativa a vida de quem reside, trabalha, atua politicamente e circula nesses territórios. Busca-se analisar como é viver essa experiência, ao sentir sua vida moldada pelo mando de pessoas associadas e dispostas a usar a força como meio de controlar territórios, mercados e rotinas sociais. Explica-se como os grupos conhecidos como facções moldaram sua existência em territórios fronteirizados por suas ações e manobrados para fazer valer um domínio que, em todas as suas dimensões, viola direitos básicos das populações locais. Demonstra-se o impacto econômico e cultural dessa experiência à luz de resultados de pesquisas qualitativas e de um esforço teórico para explicar, de um ponto de vista sociológico, como esse fenômeno social se tornou possível.

**Palavras chaves:** violência, crime, facções, cidade

### “Crime has spread in Ceará”: On Criminal Factions in The Suburbs of Fortaleza, Ceará, Brazil.

### Abstract

This article studies how criminal factions have consolidated in suburban neighborhoods of Fortaleza, Ceará, Brazil, significantly affecting those who live, work, engage politically, and circulate in these territories. Our work aims to analyze what it is like to live this experience and feel how lives are shaped by the command of people who are associated with and willing to use force to control territories, markets, and social routines. It explains how the groups known as factions have shaped their existence in territories bordered by their actions and maneuvered to enforce domination that violates the fundamental rights of local populations in all its dimensions. We show the economic and cultural impact of this experience in the light of qualitative research results and produce a theoretical effort to explain, from a sociological viewpoint, how this social situation was facilitated.

**Keywords:** Violence, Crime, Factions, City.

### Introdução

“No estado do Ceará, o nosso crime se espalhou” é uma expressão retirada de um *rap* criado por um MC vinculado ao grupo Guardiões do Estado (GDE), uma facção criminosa que surgiu em terras cearenses. O trecho desse *rap* pode ser compreendido como uma afirmação que ilustra com alguma precisão os acontecimentos decorrentes do advento de facções, no estado do Ceará, pelo menos desde o início do ano 2016. A presença de facções se tornou uma realidade nas cidades cearenses, e este fato impõe diversas preocupações e desafios únicos para populações que, em seu dia a dia, precisaram aprender a conviver com esse tipo de organização em seus territórios de moradia. Isso transformou profundamente a maneira como se vive nos territórios controlados por facções, desafiando princípios básicos de uma sociedade democrática organizada em torno da dinâmica política de um Estado de direito.

Em linhas gerais, acredita-se que o ponto de partida desta reflexão pode ser a pergunta feita por George Simmel (2013) e que até os dias de hoje fundamenta a sociologia, qual seja: como a sociedade é pos-

<sup>1</sup> Os resultados apresentados contaram com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do Projeto de Pesquisa “Os efeitos sociais do crime nas periferias urbanas de Fortaleza”. Agradeço ao apoio institucional do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Violência, Poder e Segurança Pública (INViPS) vinculado ao programa INCTs/CNPq.

<sup>2</sup> Professor de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC), pesquisador do INCT Violência, Poder e Segurança Pública (INViPS/CNPq) e coordenador local da Rede de Observatórios de Segurança Pública.

sível? Entre as explicações já construídas pela Sociologia, está aquela fundamentada na ideia de que, em linhas gerais, os grupos humanos conseguiram exercer algum controle sobre a violência até os estados nacionais se consolidarem como as atuais maneiras de organizar a sociedade. Como explicou Max Weber (2000), os estados nacionais se caracterizam, historicamente, como os resultados da ação de grupos administrativos que reclamam para si, com êxito, o monopólio da violência legítima. Tal sucesso, como demonstrou Norbert Elias (1993), em sua reflexão sobre o processo civilizador, foi fundamental para o controle e autocontrole das condutas sociais, gerando uma pacificação das sociedades como não foi possível observar em outros tempos.

Não obstante, como muito bem demonstrou Franz Fanon (2022), ao refletir sobre a experiência colonial, a civilização ocidental foi forjada pela violência dos colonizadores europeus, “civilizados”, contra as populações negras e indígenas desumanizadas. A violência da colonização afetou a estrutura social dos países ocupados e seus reflexos estão presentes de diferentes maneiras nas relações de poder entre diferentes raças, classes e gêneros. Parte-se do pressuposto de que os ecos desse processo ainda alcançam a vida social quando se observa as desigualdades no campo da segurança e justiça, com populações inteiras desprovidas do direito à vida, à segurança, à justiça e à sua autodeterminação. Em linhas, gerais esse é o tema desse artigo, que busca explicar como as facções criminosas afetam a vida social em territórios da periferia de Fortaleza.

A capital do estado brasileiro do Ceará, Fortaleza, é uma cidade que, segundo dados do Censo de 2022, possui uma população de 2.428.708 habitantes, distribuída em bairros com configurações socioeconômicas e problemas sociais muito distintos<sup>3</sup>. Entre os problemas, está a possibilidade

de morador conviver ou não com a presença de um grupo armado e reconhecido socialmente como uma facção criminosa (PAIVA, 2022; MATOS JÚNIOR e SANTIAGO NETO, 2022; BRICEÑO-LEÓN, BARREIRA e AQUINO, 2022). A elite e a classe média de Fortaleza organizam suas rotinas e circulações sem a preocupação de pessoas armadas lhe impondo ordens e limites. Tal privilégio não é possível em bairros marcados pela presença de grupos que estabelecem que, naquele lugar, “aqui quem manda é a facção” (PAIVA e PIRES, 2023; BARROS et. al., 2018; SIQUEIRA, NASCIMENTO e MORAES, 2022). Trata-se de uma experiência social distinta entre raças e classes que ocupam a cidade, com danos sociais, especialmente, para famílias que moram na periferia de Fortaleza. Estas precisam, diariamente, ajustar suas expectativas de vida para agirem e se relacionarem, entre outras coisas, considerando a presença da facção como entidade que exerce um controle armado do território.

Explora-se aqui a relação entre violência e cidade, tema substancialmente debatido pelas Ciências Sociais brasileira. Os trabalhos de Machado da Silva (2004) demonstraram como a dinâmica de práticas criminosas afetaram de maneira substantiva a vida das populações das periferias. Estudos importantes seguiram esses passos para evidenciar os efeitos sociais da violência na periferia, considerando a dinâmica de mercados ilegais e forças sociais tensionadas pela presença de grupos armados e controles territoriais impostos por eles (SANTOS, TREVAS e SIQUEIRA, 2023; RODRIGUES, 2022; GRILLO, 2019; BIRMAN e MACHADO, 2012; BEATO e ZILLI, 2012; FELTRAN, 2010). Estas dinâmicas se tornaram ainda mais complexas quando as facções se tornaram forças constituídas desde as prisões<sup>4</sup> até as periferias das grandes cidades brasileiras, transformando as realidades locais e impondo novos problemas para os territórios afetados (DIAS e PAIVA,

3 Araújo e Carleal (2003) fizeram importante discussão a partir dos dados do IBGE sobre como os bairros de Fortaleza retratam a desigualdade social na cidade.

4 Existe uma importante literatura sobre a estruturação das facções criminosas como esquemas de proteção e relações de poder no interior das prisões brasileiras (Cf. CANDOTTI, 2022; BARBOSA, 2020; BIONDI, 2018; DIAS, 2014; LOURENÇO e ALMEIDA, 2013).

2022; FELTRAN et. al., 2022; MATOS JÚNIOR, NETO e PIRES, 2022; PAIVA, 2018; MANSO e DIAS; 2018; MARQUES, 2010).

Para fins deste trabalho, o fenômeno das facções é abordado como algo que transborda a ideia de organização criminosa para pensar esses grupos como um fenômeno de massa capaz, em toda sua extensão, de construir relações de pertença, afeto e adesão a maneiras de fazer o crime em conjunto. Conforme destaca Paiva (2019, p. 170), a facção é “um coletivo constituído por associações, relacionamentos, aproximações, conflitos e distâncias necessárias entre pessoas comprometidas em fazer o crime, desenvolvendo relações afetivas profundas, laços sociais elaborados como os de família, e um sentimento de pertença desenvolvido pela crença em determinadas orientações políticas e éticas que a sustentam”.

Sobre a perspectiva metodológica que orientou os estudos que deram origem ao texto, convém salientar que todas as informações trabalhadas são resultadas de pesquisas qualitativas, em que as falas dos moradores a respeito da vida em seus territórios foram os componentes fundamentais para a construção desta reflexão. Ao considerar as falas dos moradores, buscou-se compreender o sentido de suas próprias interpretações, explorando as dimensões da experiência como trauma gerado pela violência que, como propõe Veena Das (2020), perturba o conhecimento do mundo vivido. Desta maneira, a violência protagonizada pelas facções nos territórios é compreendida em sua relação com a comunidade cujo testemunho ocupa lugar central para entender o fenômeno estudado.

Os resultados apresentados aqui, na forma de uma análise sustentada pela teoria social, se tornaram possíveis por meio de múltiplas investigações que envolveram conversações, grupos focais, entrevistas e coleta de informações secundárias em documentos, matérias de jornal e relatórios de pesquisa. Apesar da diversidade de materiais, o texto se

desdobra com base em uma análise compreensiva, buscando explicar como as pessoas interpretam a presença de grupos armados em sua vida cotidiana. A partir dessa questão central, desdobra-se o artigo em três momentos de discussão sobre: a) a presença dos grupos armados nas periferias urbanas de Fortaleza; b) o impacto econômico e cultural dos grupos reconhecidos como facções criminosas; e c) os ecos da violência desses grupos no cotidiano da Cidade.

Em suma, este trabalho pretende explicar como a presença de um grupo armado afeta moradores de periferias urbanas, impondo uma grande quantidade de problemas e riscos de vida. Observa-se que nesses territórios o estado fracassa em garantir o básico, oportunizando espaços para o advento de um poder arbitrário e com consequências negativas para segurança da população. Cria-se a partir disso uma questão social importante: *como é possível às populações das periferias organizarem suas vidas em uma sociedade tão cingida, desigual e injusta em razão da violência que as alcança?* Discute-se ainda como esse processo foi naturalizado e implica em uma gestão da vida conformada e resiliente à presença dos grupos armados, criando um domínio pela violência com impactos econômicos e culturais importantes. Conforme os dados coletados no trabalho de pesquisa, as facções são um fenômeno de massa e, conseqüentemente, seu alcance se transformou em algo difícil de mensurar. Então, as contribuições deste texto representam apenas um pequeno fragmento frente a uma realidade bem mais ampla e complexa.

### **A presença de grupos armados**

As populações das periferias de Fortaleza, historicamente, convivem com a presença de grupos armados (PIRES, 2018; PAIVA, 2014; BARREIRA, 2009; MATOS JÚNIOR, 2008; DIÓGENES, 1998). Outrora esses grupos se identificavam como gangues e depois quadrilhas de traficantes que, em geral, controlavam uma pequena parte de um território nas margens da cidade. Era comum você encontrar uma rua que era tratada como perigosa porque ali

residiam os traficantes daquele bairro. Pode-se afirmar que até o final dos anos de 2010 essa era uma realidade bastante comum e o problema central para segurança pública em todo Estado do Ceará. Os territórios e comunidades estavam divididas entre pequenos grupos que desenvolviam uma dinâmica local de conflitos armados, em muitos casos, na escala de um mesmo bairro.

Em geral, pessoas envolvidas com a prática de crimes controlavam um território e exerciam ali um mando circunscrito aos envolvidos com o grupo e uma pequena rede de pessoas ao redor. Era comum que dentro de um mesmo bairro ou entre bairros vizinhos, os grupos de cada território rivalizassem entre si. A origem dessa rivalidade, em diversos territórios, remetia ao período das gangues, quando grupos exibiam sua identidade com determinado território e isso sustentava uma cisma com as pessoas de outros territórios (BARREIRA, 1999; DIÓGENES, 1998). Muitos dessas cismas não tinham uma razão pragmática, mas circunstâncias territoriais e diferenças construídas pela inimizade imaginada entre quem mora numa área contra quem mora na outra. Em pesquisas anteriores, perseguiu-se sem sucesso a origem de algumas dessas rivalidades na região do Grande Bom Jardim sem que os moradores locais soubessem explicar exatamente como tudo começou (PAIVA, 2014). Algumas razões foram atribuídas a rixas entre famílias, desavenças entre vizinhanças, disputas pelo tráfico de drogas ou em razão da maneira como o espaço foi sendo ocupado. Poucas informações elucidavam ou ofereciam alguma justificativa para os desdobramentos violentos a posteriori. Em linhas gerais, os membros desses grupos eram pessoas descendentes de populações negras, indígenas e brancos pobres, com as mesmas convicções religiosas e visões de mundo.

Embora muitas rivalidades sejam anteriores

a organização de mercados ilegais de drogas, os finais dos anos de 1990 marcam uma intensificação do conflito em virtude das disputas pelo controle desses mercados na cidade. Embora drogas como cocaína e maconha cheguem até Fortaleza pelas mãos de um pequeno número de fornecedores<sup>5</sup>, existe uma rede de recepção, estoque, distribuição e comercialização bastante espalhada e numerosa por toda periferia. Apesar de não ser a origem de todas as rivalidades territoriais, é possível considerar o comércio ilegal de drogas como um elemento complicador dos conflitos entre grupos armados em Fortaleza. Outras rivalidades foram alimentadas, novas divisões territoriais criadas e antigos confrontos ampliados, sobretudo, em virtude da nova economia política da violência como meio de conquistar e consolidar posições no mercado ilegal de drogas<sup>6</sup>. Nessas relações, a violência se transformou em uma maneira de grupos conduzirem conflitos armados, estruturarem redes de proteção e criarem metodologias para organização do território como reduto a ser defendido dos inimigos.

Os traficantes da cidade precisaram encontrar meios de comercializar bens e serviços sem garantias estatais para seus negócios. Para alcance de seus interesses, pelo contrário, eles necessitaram lidar diariamente com as forças policiais em seu encalço e ameaça real de violência pelos seus inimigos. Desta maneira, restou a eles recorrerem à força física como meio de garantir a sustentabilidade do seu negócio, oferecendo ainda mais riscos e perigos aos seus adversários<sup>7</sup>. Ademais, além de se proteger dos adversários, foi preciso estabelecer controles para clientela, exigindo pagamentos, cobrando e tomando as providências necessárias para a manutenção do negócio. Vale ressaltar que os responsáveis pelas movimentações financeiras dos mercados ilegais não contaram com dispositivos não violentos de cobrança. Não dispunham de um serviço de proteção ao cré-

5 Segundo relatos de profissionais da área de segurança pública, existem na cidade grupos rivais que têm o mesmo fornecedor de drogas ilegais.

6 Misse (2007) demonstrou como as redes de mercados ilegais contribuíram para o processo de acumulação social da violência, na cidade do Rio de Janeiro, oferecendo referências importantes para eventos desse tipo em diferentes cidades brasileiras.

7 Estudos importantes em diferentes cidades brasileiras demonstram os funcionamentos desses mercados ilegais e sua relação com a violência (Cf. RODRIGUES et. al., 2022; BARROS e PIMENTA, 2022; HIRATA, 2022; DAUDELIN e RATTON, 2017; SILVA, 2004)

dito e transformaram a violência em um recurso importante da economia política do crime. A violência armada se tornou o meio de regulação das relações e sustentação das condições necessárias para o negócio. Exercer a força foi o recurso de traficantes que, em sua ação de dominação, enfrentaram os limites do próprio estado, exigindo da população, no mínimo, o seu silêncio diante das suas práticas. Para isso, as armas de fogo se transformaram em um elemento importante para gerenciar relações entre envolvidos, adversários, fornecedores, clientes e população residente nos territórios de atuação do tráfico.

Como acontece em outras cidades brasileiras, o tráfico em Fortaleza centraliza certos esquemas nos territórios de periferia onde estão estoques e são realizados certas rotinas de recepção, distribuição e comercialização. Controlar o território faz parte da dinâmica do mercado ilegal de drogas e a presença de traficantes armados se tornou algo comum para moradores das periferias urbanas de Fortaleza. Sendo assim, as populações das periferias passaram a conviver com as dinâmicas do tráfico e seu regime de acertos de contas por meio da violência. Isso gerou, por exemplo, números significativos de homicídios nas periferias<sup>8</sup>, resultados de uma violência presente no dia a dia de quem vive em territórios de atuação consistente das quadrilhas de traficantes. Mortes decorrentes da invasão de um grupo rival, outras por razões de dívidas e várias por traições e desavenças entre os próprios traficantes da área. No início da década de 2010, Fortaleza era uma cidade cingida por guerras entre diferentes grupos de traficantes identificados pelo seu controle de um pequeno território dentro de um bairro.

Embora fosse possível falar de mortes de pessoas não envolvidas com práticas criminosas, não consiste em erro afirmar a existência de um equilíbrio entre a gestão do crime e a vida cotidiana das pessoas não envolvidas na prática das quadrilhas de

traficantes. Existiam, por exemplo, lideranças comunitárias com poder de apaziguar relações, garantir a circulação de pessoas e até negociar certos períodos de paz para determinados eventos importantes para comunidade. A vida comunitária não estava regida, em sua integralidade, pela presença de um grupo armado na comunidade e a própria ideia de grupo não parecia tão bem formulada. Era mais comum que as pessoas atribuíssem o poder a um traficante que, obviamente, coordenava as ações de um grupo de pessoas submetidas ao seu mando.

Nesse esquema, existiam espaços e alguma liberdade, embora fronteiras territoriais estivessem demarcadas, separando comunidades entre si e alimentando rivalidades para além dos envolvidos nas práticas de crimes. Assim, era possível ver grupos de jovens que rivalizavam com outros de uma comunidade diferente mesmo sem envolvimento efetivo com qualquer atividade criminosa. Intrigas e inimizades eram elementos fomentados e que ultrapassavam as próprias dinâmicas criminais existentes em uma comunidade, criando uma ideia cristalizada de territórios separados. Então, jovens da comunidade A não interagiam ou circulavam na comunidade B. Até mesmo entre lideranças comunitárias essas fronteiras eram discerníveis, existindo dentro de um mesmo bairro diferentes lideranças associadas aos territórios demarcados. Desta maneira, é possível afirmar que as quadrilhas de traficantes, em alguma medida, mais replicaram o fenômeno territorial existente do que criaram suas próprias divisões. Embora, obviamente, a intensificação das disputas pelos mercados ilegais tenha gerado outros efeitos no processo de divisão das comunidades.

O contexto apresentado se altera de maneira muito significativa com a ascensão das facções em Fortaleza a partir de meados dos anos de 2010. O primeiro impacto se dá na lógica de incorporação do sujeito ao grupo, pois anteriormente o território orga-

<sup>8</sup> Um bom retrato geral do cenário de homicídios em Fortaleza pode ser visto nos mapeamentos realizados pelo Comitê de Prevenção e Combate à Violência (CPCV) da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Todos os materiais produzidos pelo Comitê podem ser acessados em seu site <https://cadavidaimporta.com.br>.



nizava a identidade dos envolvidos e sua pertença ao coletivo. Neste novo contexto, a identidade de grupo, a identidade coletiva, se impõe e o sujeito não é mais o traficante do território. Ele parte de um todo que existe para além do território, com uma extensão e escala completamente nova para os envolvidos em atividade criminais no Ceará. O traficante do bairro que administrava sua rivalidade com o vizinho passou, em sua atuação no tempo e espaço, a ser parte de um grupo cuja atuação envolve compromissos nacionais e internacionais. Sua atuação, em grande medida voluntariosa, passou a compor uma rede estruturada por meio de regras de conduta e expectativas quanto a lealdade de cada um a princípios coletivos que compõem uma espécie de comunidade política e moral<sup>9</sup>.

As facções no Ceará criaram uma economia política da violência, reestruturando os mercados ilegais de drogas e armas, estruturando outra configuração dos conflitos sociais entre grupos rivais. Essa nova configuração afetou toda periferia de Fortaleza ao gerar uma nova escalada de violências para acomodação de forças em processos de consolidação de outras maneiras de fazer o crime na cidade. Em seguida, trata-se desse processo para entender como isso alterou a relação entre populações das periferias e a presença desses grupos armados.

### **O impacto econômico e cultural das facções**

O processo de reterritorialização gerado pelas facções é uma ótima forma de começar a discussão a respeito do impacto econômico e cultural desses grupos na vida das pessoas residentes nas periferias de Fortaleza. Até o ano de 2016, Fortaleza era uma cidade com guerras territoriais entre diferentes grupos de traficantes em todas as suas periferias (PAIVA, 2014; BARREIRA, 2009; MATOS JÚNIOR, 2008). Não há como se demorar na explicação de casos, mas essa informação é importante

porque as facções vão criar um problema para todas as guerras internas, qual seja a unificação de grupos locais a um coletivo que atua além do território. Não por acaso, quando, em 2016, surge os Guardiões do Estado (GDE) – a primeira facção local do estado do Ceará com uma envergadura robusta –, umas das primeiras ações para consolidar a facção é o apaziguamento de determinadas guerras internas, realizando um processo de “pacificação” nos territórios (BARROS et. al. 2018). Nos primeiros meses de 2016, a ação pareceu bem-sucedida, com o número de homicídios em queda e as pessoas falando, em bairros divididos pelos conflitos armados entre traficantes locais, que agora está “tudo em paz” e todos podem circular pelas diferentes comunidades que outrora eram proibidas.

O problema no estado do Ceará foi a configuração entre diferentes facções atuando conjuntamente. A GDE nunca esteve sozinha no movimento de organização das forças locais envolvidas na prática de crime. O grupo cearense foi constituído em meio a um arranjo de força entre outros grupos que se movimentavam no estado do Ceará e ocupavam posições importantes na configuração do crime na capital e no interior. Assim, ao ser criada, a GDE desde o início conviveu com a presença do Primeiro Comando da Capital (PCC), do Comando vermelho (CV) e da Família do Norte (FDN). Precisou ainda lidar com a existência de forças dissidentes em territórios que preferiam assumir, no primeiro momento, uma postura de “neutralidade”, identificando-se como Neutros ou Massa Carcerária (TDN)<sup>10</sup>. Essa configuração criou um cenário extremamente problemático, pois a facção representava uma nova maneira de fazer o crime em relação às práticas adotadas por grupos locais antes de 2016. Desta maneira, alianças e conflitualidades passaram a se desenvolver em razão da dinâmica dos grupos e sua capacidade de atuação em larga escala por todo território cearense.

<sup>9</sup> Pesquisas demonstraram como as facções são constituídas em torno de ideias de proteção, lealdade e “proceder”, exigindo de cada um de seus membros respeito aos códigos de conduta compartilhados (Cf. BIONDI, 2018; FELTRAN, 2018; DIAS, 2014; MARQUES, 2010).

<sup>10</sup> Embora, a Massa Carcerária ou Tudo Neutro (TDN) se tornasse uma facção inimiga da GDE, em 2023, no primeiro momento, não parecia ser o caso, representando mais uma identificação que aglutinava forças difusas e não uma organização em si.

rense, implicando criminosos locais em esquemas e conflitos nacionais.

A reterritorialização dos conflitos armados, no Ceará, gerou uma escalada significativa da violência após um período de acomodação das forças. Em meados de 2016, iniciou-se uma série de chacinas com demonstrações de força entre os grupos que passaram a disputar o controle dos territórios, a hegemonia dos mercados ilegais, o domínio das prisões e o poder de mando em diferentes atividades criminais em curso na capital e no interior do Estado. Em 2017, praticamente não existiam mais grupos locais e os territórios agora eram objeto de domínio das facções, com uma rivalidade importante entre os integrantes da GDE e do CV. O PCC passou a ocupar uma posição estratégica nesse tabuleiro, aparecendo como uma força aliada da GDE, enquanto a FDN passou a enfraquecer de maneira considerável do contexto cearense. A guerra dispersa entre diferentes quadrilhas de traficantes identificados pelo controle de um pequeno território cedeu espaço para uma guerra entre facções. E foram estas facções que criaram domínios em territórios de praticamente todos os municípios cearenses, transformando o Estado em um campo de batalha no qual suas periferias foram ocupadas de maneira significativa (PAIVA, 2022).

A partir de 2018, é possível afirmar que GDE ou CV se tornaram grupos com controle territorial consolidado nas periferias de Fortaleza, zona metropolitana e interior do Estado. Isso gerou mudanças importantes, também, na forma de envolvimento entre pessoas comprometidas com esquemas criminais e nos conflitos entre elas. Na dinâmica anterior às facções, a identidade do envolvido, mesmo sendo parte de uma quadrilha específica, era fortemente marcada pela ideia de o grupo ser um grupo daquele território, daquele local da cidade. O território tinha uma certa prerrogativa na maneira como a pessoa envolvida se compreendia como um criminoso “daquela área”, daquele lugar. Após a ascensão das facções,

um integrante da GDE é um integrante do grupo independentemente do seu território. É verdade que existem, na GDE, “tropas” que são identificadas com o território, mas isso é mais um acessório do que algo central como era antes. O envolvido pode ser da Tropa da Comunidade X, mas antes de tudo ele é integrante da GDE em qualquer lugar. Seu conflito não está mais circunscrito aos limites de outrora, em uma disputa com traficantes de territórios vizinhos. Ele está envolvido em um conflito de grande escala cuja repercussão alcança, inclusive, outros estados brasileiros. O conflito circunscrito ao bairro agora se espalhou e ele pode alcançar o integrante do grupo em diferentes territórios.

A maior integração entre pessoas envolvidas nas práticas de crimes por meio das ações de facções, também, possibilitou esquemas maiores, com repercussões em escalas diferentes das quadrilhas que atuavam de maneira mais difusa. Observou-se ampla movimentação e intercâmbios entre traficantes locais e de outros estados, com troca de experiências e saberes sobre atividades criminais. As prisões como espaços privilegiados nos quais as facções surgiram, continuaram como território estratégico de articulação e decisão das atividades criminais, além de um espaço que promove adesão em massa dos privados de liberdade ao modelo de atuação da facção<sup>11</sup>. No início da ascensão das facções no Ceará, surgiram mensagens de presos de dentro das prisões se auto-denominando como “massa carcerária”, ou seja, pessoas que desejam se manter “neutras” em um espaço social que aos poucos foi controlado por facções em sua integralidade. Nos anos seguintes, a Massa se estruturou e, também, passou a ser compreendida e reconhecida como uma facção, agregando dissidentes de outros grupos e os enfrentando nos territórios.

Após a consolidação do esquema de facções no Ceará, tornou-se mais difícil atuar em atividades criminais fora do abrigo de um grupo, sobretudo, pela extensão dos domínios territoriais que estabeleceram

<sup>11</sup> Os estudos de Nascimento e Siqueira (2022) retratam a dinâmica das facções no interior do sistema penal cearense, explorando ainda as conexões entre as prisões e periferias.

no Ceará. Como observado anteriormente, a facção não é apenas um grupo de pessoas que comete crimes, mas uma comunidade política e moral que oferece proteção e acessos a possibilidades difíceis para quem está fora do esquema. Aos poucos, as forças locais foram se acomodando, mas a intensificação do conflito entre GDE e CV não permitiu uma diminuição da violência. Desta maneira, no ano de 2017, o Ceará alcançou o recorde de homicídios, registrando 5.134 ocorrências. A recorrência de chacinas despertou atenção, com oito eventos desse tipo registrados em um espaço de um ano, além de centenas de duplos e triplos homicídios. Em diversos casos, a presença de armas de fogo de grosso calibre, em ações com dois ou três veículos transportando atiradores, foi um fato que revelou como as facções escalaram a violência por meio do investimento em arsenais próprios. A maior parte dos crimes no período das quadrilhas de traficantes aconteciam em motos, com um motoqueiro guiando e uma garupa com uma pistola realizando o assassinato de um alvo no território rival. Após ascensão das facções, os automóveis se tornaram os meios para viabilizar as ações armadas. Tal fato gerou a obrigatoriedade de qualquer motorista, ao adentrar em territórios dominados por facções, abaixar o vidro sob risco de serem baleados caso não respeitassem a ordem.

Convém salientar ainda que a escalada do conflito armado gerou uma nova rede de oportunidades, com o mercado de armas ativo e negócios relacionados a comercialização, produção e conserto de armas. O mercado aquecido trouxe para o Ceará novos equipamentos, produzindo uma mudança qualitativa no armamento, com armas de grosso calibre circulando nos territórios em grande quantidade. Ações violentas ocorrendo graças a esse armamento em vias públicas e contra alvos em carros blindados, com cada grupo buscando demonstrar ao outro maior poder de fogo. Isso foi essencial para o controle do território, pois essa nova configuração do conflito ar-

mado entre pessoas envolvidas em atividades criminosas exigiu aquisição importante de armamentos.

O mercado ilegal de drogas também se transformou, em um processo de transição de negociações em um varejo difuso para esquemas mais articulados e conectados as redes transnacionais do CV e do PCC (MELO e PAIVA, 2022). O Ceará passou a ocupar uma posição estratégica, com as facções movimentando o mercado interno como as quadrilhas de traficantes faziam, mas com os traficantes locais também, aprimorando sua participação em negócios de maior escala. É possível afirmar que grandes quantidades de drogas entraram e saíram do Ceará em múltiplas movimentações, envolvendo nomes importantes do CV e do PCC, inclusive com casos de repercussão nacional como a morte de Gegê do Mangue<sup>12</sup> no município de Aquiraz. A consolidação do esquema de facções foi fundamental para incorporação do Ceará como uma rota lucrativa do tráfico de drogas, eliminando dificuldades decorrentes da pulverização de quadrilhas e viabilizando negociações locais em razão da adesão aos grupos nacionais, gerando maior lucratividade para os esquemas de receptação, comércio e distribuição de drogas ilegais.

O controle de territórios no interior, zona metropolitana e na capital permitiram melhor circulação das mercadorias ilegais, com múltiplos pontos de apoio e criminosos articulados e capacitados para gerir atividades criminosas em grande escala. Assim, as facções se tornaram um fenômeno de massa com significativa capacidade financeira. Ao dispor de capital econômico significativo, as facções envolvem pessoas tanto na gerência de recursos financeiros quanto na realização de missões por diferentes remunerações. Em linhas gerais, essa capacidade econômica promoveu a ideia de que a facção é uma opção de vida para pessoas interessadas em fazer “uma caminhada no crime”. A maior parte das pessoas que participam de uma facção não irão ficar ricas e muito

12 Conforme matérias de Costa e Adorno (2023), Gegê do Mangue era um dos responsáveis pelos esquemas internacionais de tráfico de drogas do PCC e coordenava negócios que envolviam esquemas transnacionais de drogas desde Bolívia, passando pelo Ceará rumo a outros destinos internacionais. Sua morte causou rupturas e um conflito interno no PCC.

menos terão acesso a posições de poder. Contudo, mesmo com todos os riscos, pessoas escolheram se juntar a uma facção acreditando fazer algo “vantajoso” para suas vidas, ainda que isso implique ela considerar a prisão e a morte como um destino possível para si.

A maior parte dos recursos econômicos de uma facção não está nos territórios controlados das periferias, mas o domínio do território é gerencialmente necessário para fazer girar o capital do grupo. O que chega até as comunidades são valores menores. Contudo, ainda assim, capazes de fazer a diferença na vida de algumas pessoas. Em diálogo com jovens que faziam Saraus pela periferia de Fortaleza, eles explicaram de maneira bem simples o problema. “Estamos aqui, fazendo o Sarau e o cara está com a gente curtindo. Daí, ele chega e diz: ‘mano tenho que ir ali fazer meu corre’. Não é nada de muito dinheiro não, mas é as vezes 200 e 400 reais numa noite de sábado que ele não tem como ganhar de outro jeito”. A maior parte dos jovens envolvidos em facções, conforme sua própria interpretação dos fatos, irá desfrutar de muito pouco, sendo possível ser preso muito cedo, ainda na primeira ação. Mesmo, as facções alcançam êxito em angariar “soldados” para suas frentes, pois precisam de muito pouco para convencer alguém da possibilidade real de fazer algum dinheiro em uma noite de sábado.

Entre os principais efeitos da facção está a constituição de um imaginário social no qual a prática de crimes ocupa uma centralidade e se torna referência para projetos de vida associados a esses grupos armados. Jovens de 13, 14 e 15 anos falam abertamente das facções em seus bairros e de como os grupos oferecem oportunidades para acessar recurso por meio dos “corres” que, entre outras coisas, garantem uma possibilidade de ganhos inacessíveis para eles nessa idade. A própria socialização passou a ser marcada por essa possibilidade de realizar

missões e estar integrado a um grupo, garantindo a determinados jovens um reconhecimento difícil de adquirir por outros meios. É possível observar ideias difundidas de uma vida no crime como algo positivo em redes sociais, com meninos e meninas falando abertamente do seu engajamento com umas das facções atuantes no Ceará. Falam de como essa vida, repleta de perigos, é emocionante e permite a eles gozar do acesso a armas de fogo, drogas, festas e relações decorrentes do reconhecimento de suas ações como “membros do crime”<sup>13</sup>.

A construção social do outro como um inimigo que precisa ser eliminado, física e moralmente, é mais um elemento importante na luta entre facções. Tornou-se bastante difundido, entre os integrantes de uma facção, a ideia dos outros representarem uma espécie de “bandido” a ser eliminado. Os outros são os “cruéis”, “bandidos desleais” e não respeitam a comunidade, “fazendo maldade como os moradores”. Os inimigos são sempre os que fazem uma “covardia”, pois não gozam do mesmo “proceder” da facção defendida como a “boa” pelos seus próprios integrantes. Cada membro de uma das facções proclama o seu grupo como “aquele que protege o cidadão” e não “faz covardia com a comunidade”. Em um dos cânticos da GDE, acessível na mais popular plataforma de vídeo da Internet, o MC diz que se “está tudo 7 [745], tá lindo”. A letra ainda faz referência ao fato de que em um determinado território de Fortaleza, o “CVCU não brota”<sup>14</sup>. A única imagem do vídeo, é uma criança com uma chupeta branca, fazendo o sinal da GDE com os dedos.

As redes sociais foram fundamentais para difusão do imaginário social construído pelas facções ao longo do seu processo de domínio territorial. O vídeo comentado anteriormente tinha, no início de março de 2024, 295 mil visualizações e 5,1 mil curtidas. Durante as investigações realizadas no âmbito do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), foi

13 Sá (2011) fez uma importante reflexão sobre como jovens vivenciam a experiência de buscar “consideração” como os “bichões da favela” em relações que envolvem lutas por poder e violência.

14 O vídeo pode ser acessado no YouTube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=yNVYgDYPw7o>. Acesso em 02 mar. 2024.

possível encontrar, na rede social Facebook, ameaças abertas, com pessoas sendo “decretadas” e suas imagens expostas, publicamente. Outras ferramentas como grupos de Whatsapp e Telegram foram fundamentais para o sucesso de ações mobilizadas pelas facções e difusão dos seus ideais. Ademais, os grupos de mensageiros foram usados como meio de dar visibilidade a ações de assassinato, com demonstrações de crueldade em episódios de pessoas filmadas e torturadas até a morte. São imagens de violências extremas, em diversos casos envolvendo mulheres. As vítimas são humilhadas, em muitos casos obrigadas a admitir seus crimes e expor seu arrependimento por não ter servido a facção cujos membros agora decidem sobre sua vida e morte. As filmagens acessadas, no período de pesquisa, mostraram os protagonistas do crime rindo e agindo como se a vida do outro não lhes importasse, muito menos a dor que estão sentindo. Talvez, acreditem que os torturados fossem capazes do mesmo tipo de violência caso tivessem oportunidade.

Outro elemento importante para o imaginário construído pelas facções consiste nas demonstrações de “ostentação”. Essas demonstrações buscam retratar uma boa vida, repleta de conquistas, mulheres objetificadas, acesso a armas e muito dinheiro. Tudo isso em um mundo repleto de parceiros que promovem a proteção e a violência contra os inimigos. A ostentação se tornou uma maneira de dar forma a um sistema simbólico repleto de imagens de conquistas que, aos poucos, consolidou a expectativa em torno de um estilo de vida próprio das facções. Esse sistema simbólico fundamenta um apelo social que, independentemente do seu valor moral, funciona e fomenta a existência desses grupos como um fenômeno de massa<sup>15</sup>. Nas músicas das facções, é comum que, em determinado momento, pessoas sejam citadas e seus feitos louvados como se servissem de referência para todo grupo. Essa individuação do reconhecimento, apesar do compromisso coletivo, é um elemento importante, pois ao ostentar feitos e conquistas de um

integrante, a facção reforça a importância de cada membro, valorizando sua competência e capacidade como meio de angariar conquistas dentro do grupo. São usados ainda elementos como “os meninos estão pesados” e “as meninas são psicopatas” para exaltar as disposições para crimes violentos, fazendo uso de armas e enfrentando as missões mais difíceis em um cenário de “guerra muito louca” entre as facções.

Fazer a vida na facção é ir vencendo desafios, tornando-se cada vez mais relevante e importante para o coletivo. Matar pessoas consideradas inimigas é um elemento importante cujo valor como conquista depende da importância do morto para o outro grupo. A importância de cometer crimes de assassinatos evidencia, em boa medida, a maneira como a dinâmica do crime mudou a partir das facções, no Ceará. Ao valorizar a capacidade de um indivíduo matar como elemento de prestígio na facção, os grupos incentivaram esse tipo de prática criminosa, motivando jovens para execução dessa atividade extremamente violenta. Isso mudou o cenário, inclusive, no sistema socioeducativo, com jovens aderindo às facções e envolvidos em rivalidades que estruturam suas relações de amizade e inimizade seja em seus territórios ou nas instituições de privação da sua liberdade. Assim como passaram a protagonizar crimes de assassinato, eles próprios se transformaram, muito cedo, em alvos dos grupos rivais.

É importante destacar que, em diferentes graus, existe um custo simbólico, emocional e afetivo daqueles que estão unidos pelo laço de uma facção (NUNES e BARROS, 2022). Entrar em uma facção é se tornar alvo das outras, pois assim como indivíduos do seu grupo são mobilizados para encarar o outro como inimigo “matável”, os membros do outro também seguem a mesma lógica. Durante a pesquisa, ouviu-se histórias de jovens com histórico de ameaças e vítimas de tentativas de homicídio. Eles estão implicados em circuitos de vingança que, pelo menos desde a ascensão das facções, colocam

15 Sousa (2019) discutiu a dinâmica de associação e estilo de vida de jovens envolvidos na prática de crimes em Fortaleza.

sua vida em risco diariamente. Muitos dos jovens envolvidos, nas tramas das facções, são presos ou mortos ainda em sua primeira ação ou logo após poucas atividades realizadas. Ao entrar em uma facção, o jovem tem a sua vida inteira transformada, pois mesmo sendo um subalterno na estrutura do grupo, ele assume a responsabilidade, o compromisso e todo o custo que isso representa. A escalada da violência levou a outros danos na vida desses jovens e das comunidades afetadas pelas ações de facções.

### Efeitos da violência na comunidade

É possível que determinada pessoa de uma comunidade nunca se envolva com qualquer atividade ilícita ou mesmo tenha contato direto com pessoas de uma facção. Não obstante, é possível que um pai, um filho, um irmão, um primo ou outro parente o faça. Às vezes, é um amigo, um vizinho ou outras pessoas com qual se tem algum vínculo afetivo. Ao longo da pesquisa, foi possível ouvir testemunhos pessoas que, em toda sua vida, nunca tiveram qualquer envolvimento direto com uma facção. Contudo, alguém do seu convívio ou família teria tido um envolvimento efetivo com uma facção e, por essa razão, houve consequências mesmo para essas pessoas não envolvidas. Desta maneira, a investigação encontrou histórias de pessoas que, afetadas pelo envolvimento de outras, precisaram abandonar suas casas, se mudar para outros territórios e efetivamente fugir do alcance de uma determinada facção. Convém ressaltar ainda que, de acordo com testemunhos escutados, ameaças aconteceram apenas pela suspeita de que aquela família tenha um tipo de vínculo com integrantes de outra facção, mesmo quando isso parece algo distante ou frágil.

Este tipo controle das facções sob as comunidades afetou ainda políticas de estado, como é o caso da política de moradia. Existem denúncias na Defensoria Pública do Estado do Ceará (DPCE), programas de proteção a vítimas de violência e secretarias de governo a respeito de moradores que, no âmbito de programas governamentais como Minha

Casa Minha Vida, receberam unidades habitacionais e não puderam acessar o imóvel. Nas escutas feitas sobre essa situação, moradores relataram que ao receber o imóvel, quase imediatamente ou mesmo imediatamente, foram recebidos por alguém no território o qual os informou que não poderiam ficar ali. A insistência no contrário poderia gerar desde agressões até o assassinato da pessoa que contrariou as ordens da facção. Uma situação geradora de traumas e dificuldades significativas, pois moradores relataram o sentimento de impotência, sendo informados até por agentes de estado das impossibilidades de proteção caso permanecessem no imóvel. Procedimentos como denunciar as ameaça às forças policiais poderiam, na visão dos interlocutores, gerar mais violência, pois não existiam garantias após a intervenção policial se cumprir. Mesmo a prisão de quem fez a ameaça não garantiria que, pouco tempo depois, outro membro da facção cumprisse a missão. Para os moradores entrevistados, a ameaça era um risco incontornável em função de ser o desdobramento da ordem do grupo e não apenas de um ou outro integrante. Isso tornava extremamente difícil, na visão deles, o trabalho de proteção social das pessoas ameaçadas.

A intensificação da violência pelas facções ajudou a fazer prosperar sentimentos de insegurança e medo. Os assassinatos passaram a ser considerados como possibilidades próximas mesmo de moradores sem vínculos, envolvimento ou qualquer relação com atividades criminosas e de interesse de uma determinada facção. Em relação a isso, a Chacina das Cajazeiras ilustrou de maneira contundente a forma pela qual a vida dos moradores das periferias cearenses passou a ser afetada pela violência em curso (PAIVA, BARROS e CAVALCANTE, 2018). No dia 27 de janeiro de 2018, após o ano de 2017 com 5.433 homicídios, durante a madrugada, um grupo ligado a GDE invadiu o Forró do Gago, no bairro das Cajazeiras. O território era considerado domínio do CV e FDN, com várias inscrições em muros de casas na área fazendo menção ao controle das facções men-

cionadas. Os membros da GDE chegaram em três veículos e ao saírem dos automóveis gritaram umas das palavras de ordem do grupo: “Aqui é tudo três”.

Logo na entrada da festa, os criminosos mataram um vendedor e feriram seu filho de apenas 12 anos. Outro jovem de 19 anos foi morto enquanto comprava um lanche do lado de fora de onde acontecia o forró. Um motorista de UBER de 25 anos foi morto enquanto deixava um passageiro. Uma mulher de 37 anos foi baleada enquanto passava pela rua. Outro homem de 48 anos foi morto enquanto bebia uma cerveja na rua. Ademais, a ocorrência chamou muito atenção porque a maioria das pessoas mortas eram mulheres, oito no total, sendo que uma delas estava grávida de dois meses. Ao final da ocorrência, foram quatorze pessoas mortas e cerca de dez feridas. Sendo uma das maiores chacinas do Ceará, o fato despertou atenção pela aleatoriedade das pessoas mortas, com nenhuma das vítimas sendo considerada um alvo que pudesse justificar, como em outras ocorrências, a violência empregada no acontecimento. Conforme depoimento de uma sobrevivente publicado no Portal G1:

“Não citaram nome de ninguém, foram atirando pra tudo quanto era lado, sem querer saber se era criança que tava na calçada, foi total terror. Até as crianças foram ameaçadas por eles. Não foi só no Forró do Gago que eles chegaram amedrontando todo mundo, foi no bairro todo, andaram rua por rua atirando sem rumo”, conta a mulher. (FREITAS, 2018).

Existem vários elementos importantes nesse depoimento. Em primeiro lugar, o acontecimento marcou uma inflexão na forma como era possível imaginar o conflito entre facções, criando uma ideia de que não havia mais regras a serem observadas pelos envolvidos cujo objetivo seria diminuir o impacto de sua ação contra pessoas não envolvidas. Acreditou-se nisso, entre outros motivos, em razão da aleatoriedade da ação. Em 2017, outras chacinas foram observadas, contudo, existia alguma lógica nesses acontecimentos porque, embora existam vítimas inocentes, há um alvo ou alvos com algumas mortes orbitando a partir deles (PAIVA, BARROS

e CAVALCANTE, 2018). Na Chacina das Cajazeiras, esse alvo ou alvos aparentemente não existiam, sendo o território considerado inimigo e as pessoas ali passíveis de serem mortas entre tiros disparados “para tudo quanto era lado”. Emergiu então uma nova sensação de perigo em virtude da ideia de que, em alguma medida, uma facção pudesse agir sem o propósito de matar um inimigo, mas contra todas as pessoas que, porventura, vivessem em um território considerado inimigo.

Em segundo lugar, outro elemento importante a ser analisado foi o dano moral sofrido pela GDE. Na luta simbólica pelo reconhecimento de quem é a facção que atua “pelo certo”, protegendo o morador e evitando atuar com covardia, a GDE sofreu prejuízos consideráveis à sua imagem depois da Chacina das Cajazeiras. Logo após a Chacina, ao ser acusada de cometer um ato covarde contra moradores inocentes do bairro das Cajazeiras, a GDE imputou ao forró do Gago a acusação de ser um local onde o CV e FDN faziam festas e incitavam a violência contra os territórios da GDE. Um vídeo chegou a ser compartilhado em grupos de WhatsApp, com imagens de pessoas, supostamente no Forró do Gago, manifestando o seu apoio ao CV e incitando a violência contra os membros da GDE. Não obstante, os esforços da GDE não obtiveram sucesso nem mesmo internamente, com rupturas e conflitos entre membros e subdivisões do próprio grupo que reconheceram o extremismo e aleatoriedade do ato.

Em geral, as chacinas são celebradas pelo grupo quando os alvos alcançados representam pessoas com papel e posição importante no grupo rival, sendo celebrados como grandes vitórias em razão dos estragos causados ao outro grupo. Na Chacina das Cajazeiras, a morte de uma dessas figuras importantes não estava evidente, pairando sob a GDE a imagem de um grupo que não respeitava o morador e a comunidade, sendo cruel ao ponto de matar pessoas inocentes, inclusive mulheres e crianças, em atos de “verdadeira covardia”. Após esses aconteci-

mentos, profissionais da área de segurança pública e justiça, ouvidos durante a pesquisa, relataram que a GDE se tornou o grupo mais violento e cruel do Estado, superando todos os outros na promoção da violência contra seus inimigos. Em várias mensagens analisadas, observou-se que, após o acontecimento nas Cajazeiras, o CV conclamou moradores a lhes apoiar contra a violência e crueldade perpetradas pela GDE, incentivando que seus inimigos sejam delatados e suas localizações repassadas para serem efetivamente eliminados.

Após a Chacina das Cajazeiras, vídeos do CV e até da Massa Carcerária surgiram afirmando que a ação da GDE não ficaria impune, ressaltando o ato como “covardia”, sobretudo, em razão das mortes de mulheres. A situação ficou ainda mais difícil para a GDE em função da repercussão e ações do Estado para a prisão das suas principais lideranças, consideradas como as principais responsáveis pelos assassinatos. As disputas nos territórios se intensificaram e o receio de uma ação tão extremista quanto a da GDE se tornou evidente. A Chacina das Cajazeiras, em boa medida, perturbou a ideia de que não envolvidos poderiam se manter protegidos em razão da existência de certas regras cujos objetivos seriam, entre outras coisas, orientar os faccionados para atuar contra outros criminosos e não pessoas inocentes. Contudo, essa suposta regra já havia sofrido alguns desgastes em razão de eventos de perseguição e ameaça contra pessoas não envolvidas. Isso aconteceu, em determinados casos, apenas por alguma mínima resistência ou contrariedade ao domínio crescente das facções nas periferias. Imposições ao trabalho de lideranças comunitárias são exemplos desse processo.

Neste momento, é preciso recuar no tempo para entender a reflexão a seguir. No ano de 2006, pesquisadores da área de violência encontravam resistências significativas ao visitar bairros de Fortaleza e conversar com lideranças comunitárias con-

trariadas pela ideia de que seus territórios seriam lugares reconhecidos como “violentos”. Segundo lideranças comunitárias de Fortaleza daquela época, a violência nos territórios estava ligada a dinâmicas criminais compartilhadas entre integrantes de quadrilhas de traficantes e isso não retratava a comunidade. O território tinha sua dinâmica e era seguro para maioria das pessoas desde que elas não tivessem envolvimento nenhum com o crime. As lideranças e organizações não governamentais realizavam seus trabalhos, com circulações relativamente tranquilas dentro do território, enfrentando poucas ou nenhuma importunação de traficantes locais que faziam seus trabalhos e guerras sem provocar grandes estragos no tecido social comunitário.

A partir da ascensão de facções, a dinâmica local mudou e lideranças comunitárias entrevistadas relataram que não é possível circular ou realizar atividades como outrora. As facções passaram a exercer o mando e exigir das lideranças comunitárias certa deferência às suas ordens, organizando e interferindo de maneira significativa na dinâmica social do território. Políticas públicas de moradia passaram a sofrer com a interferência de faccionados que, em territórios visitados, chegaram a controlar a possibilidade de determinada família ocupar ou não determinada unidade habitacional concedida a ela por meio de programas de governo. A resistência de determinadas lideranças resultou em ameaças, criando situações como a inclusão dessas lideranças em programas governamentais de proteção a testemunhas e vítimas de violência<sup>16</sup>. Aos poucos, a política comunitária feita por lideranças passou a ser transformada por regulações impostas e se não desapareceu foi por mérito e capacidade de determinadas pessoas e grupos que se adaptaram a uma conjuntura hostil em razão da violência promovida pelas facções.

Entre os eventos que evidenciaram as transformações produzidas pelas facções, mesmo com todas as inconclusões que pairam sobre o aconteci-

16 É possível encontrar dinâmicas desse tipo no âmbito do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos do Estado do Ceará regulamentado pelo Decreto Estadual nº 31.059 de 22 de novembro de 2022.



mento, está o assassinato da líder comunitária Cristina Poeta. Ela foi atingida com tiros a queima roupa em uma parada de ônibus no bairro Genibaú, no dia 10 de novembro de 2017. Ela ainda foi socorrida e resistiu por quase um mês apesar da gravidade dos ferimentos, vindo a óbito no dia 05 de dezembro do mesmo ano. Não existem muitas informações disponíveis sobre o crime, mas na época do crime o rumor foi de que o assassinato teria sido ordenado por traficantes da área, levantando a suspeita de uma retaliação da facção que controlava o território. O caso provocou comoção e gerou a percepção de que a proteção social das lideranças comunitárias de outros tempos, em virtude da ação de facções, parecia debilitada e exigia novos comportamentos. Isto pode ser observado em ações como as desenvolvidas por grupos como o Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), a Cruz Vermelha Brasileira, o Fórum Popular de Segurança Pública (FPSP/CE) e o Comitê de Prevenção (CPCV) e combate à Violência cujos trabalhos, entre outros objetivos, buscam ajudar as lideranças a entender os problemas de segurança pública e criar protocolos para garantia de sua segurança<sup>17</sup>.

Em uma ação inédita do CDVHS, foi criada uma sala de situação para pensar os problemas de segurança pública e ações governamentais desenvolvidos pelo governo do Estado do Ceará. A Cruz Vermelha, também, trouxe sua expertise em discussões sobre espaços seguros nos territórios, agregando a grupos como o CPCV e o FPSP/CE para pensar como superar os desafios impostos pelas rotinas de dor, criminalidade e violência desenvolvidas contra as populações das periferias. A simples presença desses grupos e suas articulações junto ao movimento popular evidenciam as transformações no imaginário social, demonstrando a importância da pauta de segurança pública como um problema central para ações estatais, visando a garantia de direitos das populações das periferias cearenses. Desta maneira,

discutir os problemas de segurança pública se tornou uma necessidade a ser compartilhada e desenvolvida, também, com a participação de programas de proteção a vítimas de violência, acionados como uma ferramenta para garantir a proteção de lideranças ameaçadas. Assim, novas maneira de viver nos territórios passaram a ser pautadas pelos efeitos da violência mobilizada pelas facções que, em virtude de sua ação e conflito, afetaram todo tecido social que compõe as periferias de cidades cearenses.

### Considerações Finais

As facções se espalharam pelo estado do Ceará, afetando territórios e os estilos de vida nas periferias urbanas. A cidade de Fortaleza e sua zona Metropolitana foram especialmente afetadas pelo seu papel socioeconômico no Estado. Os territórios se tornaram zonas nas quais as facções se fazem presentes por meio de um controle armado que se impõe, tornando a violência uma possibilidade cotidiana. Ela pode ficar ali durante todo o tempo apenas como uma possibilidade, o que causa efeitos práticos na maneira como as pessoas se adaptam à expectativa de evitar danos a sua integridade física. Eventos violentos realizados pelas facções evidenciam a extensão do problema, e considerar as ordens dos grupos nos territórios vai se consolidando como uma escolha importante ser seguida por todos.

Em suma, embora as facções defendam em seus discursos públicos certos valores de proteção à comunidade, isso funciona sobretudo em um plano simbólico, alimentando uma luta moral entre os diferentes grupos que, em consequência da violência que promovem, causam traumas e problemas de segurança pública graves. As violações de direitos são recorrentes, afetam a possibilidade de ficar em um imóvel, circular livremente, atuar politicamente e existir tendo a certeza de ir e vir em segurança. Existem elementos totalmente imprevisíveis na dinâmica das facções, embora exista alguma raciona-

<sup>17</sup> Um belíssimo ensaio fotográfico Macêdo Júnior (2022) mostra um pouco das mobilizações feitas pelo CDVHS para promoção de uma cultura de paz na região do Grande Bom Jardim.

lidade. Estes limites, inclusive, podem ser acionados quando as coisas parecem escapar de certos limites. Todavia, as facções adquiriram poder e capilaridade, impondo ao poder público dificuldades significativas no controle social do crime praticados pelos seus integrantes. Isso gera muitas possibilidades para uso da violência como meio de regulação de relações sociais e consequências imprevisíveis por causa da arbitrariedade das ações. Em linhas gerais, observa-se uma dinâmica de poder cuja dimensão é difícil de precisar, e as possibilidades parecem ainda em aberto pelas dificuldades impostas às instituições de Estado e à sociedade como um todo.

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ana Maria M.; CARLEIAL, Adelita N. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova**: revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Vol. 7, 2003.

BARBOSA, Antonio Rafael. Política e moral nas prisões brasileiras. **Tempo Social**, volume 31, n.3, 121-140, 2020.

BARREIRA, César. **Cotidiano despedaçado**: cenas de uma violência difusa. Campinas: Editora Pontes, 2009.

BARREIRA, César et. al. **Ligado na galera**: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: UNESCO, 1999.

BARROS, Betina W.; PIMENTA, Melissa de M. 'Pra eles verem que nós somos ruim': Violência extrema no mercado de drogas no Rio Grande do Sul. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 15, p. 455-482, 2022.

BARROS, João Paulo Pereira et al. "Pacificação" nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. **Revista Psicologia**. (Fortaleza, Online), p. 117-128, 2018.

BEATO, Cláudio; ZILLI, Luís Felipe. A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, p. 71-88, 2012.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2018.

BIRMAN, Patrícia; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 27, p. 55-69, 2012.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto; BARREIRA, César; AQUINO, Jania Perla Diógenes de. 'Facções' de Fortaleza y colectivos de Caracas: Dos modelos de gobernanza criminal. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 15, p. 21-49, 2022.

CANDOTTI, Fábio Magalhães. "Quando a Massa Erra, o Estado Avança": notas sobre transformações carcerárias e criminais em Manaus (Amazonas). **Revista TOMO**, n. 40, p. 198-198, 2022.

COSTA, Flávio ; ADORNO, Luís. Traição e tiro no rosto: como mataram Gegê do Mangue e Paca, líderes do PCC. **Portal UOL**. Segurança Pública. São Paulo, 28 jul. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/07/28/morte-de-gege-do-mangue-pcc-homicidio-ceara-fu-minho.htm>. Acesso em: 27 jan. 2023.

DAUDELIN, Jean; RATTON, José Luiz. Mercados de drogas, guerra e paz no Recife1. **Tempo Social**, v. 29, p. 115-134, 2017.

DIAS, Camila Nunes. Disciplina, controle social e punição: o entrecruzamento das redes de poder no espaço prisional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, volume 29, n. 85, 113-127, 2014.

DIÓGENES, Glória Maria dos S. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip-hop. Rio de Janeiro: Annablume, 1998.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade**: mercado e formas de vida. São Carlos: EdUFS-Car, 2022.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 2**: formação do Estado e civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo. **Lua Nova: Revista de Cultura**

e **Política**, p. 201-233, 2010.

FELTRAN, Gabriel. **Irmãos**: uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREITAS, Cinthia. Sobrevivente de Chacina em Fortaleza se fingiu de morto; moradores de Cajazeiras estão deixando o bairro. **Portal G1**. Ceará. Rio de Janeiro, 30 jan, 2024. Disponível em <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/sobrevivente-de-chacina-em-fortaleza-se-fingiu-de-morto-moradores-de-cajazeiras-estao-deixando-o-local.ghtml>. Acesso em 22 fev. 2024.

GRILLO, Carolina Christoph. Da violência urbana à guerra: Repensando a sociabilidade violenta. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 12, n. 1, p. 62-92, 2019.

LOURENÇO, Luiz Claudio; ALMEIDA, Odilza Lines de. “Quem mantém a ordem, quem cria desordem”: gangues prisionais na Bahia. **Tempo social**, volume 25, n. 1, 37-59, 2013.

MACÊDO JÚNIOR, Daniel Paiva de. Semear um Bom Jardim: ritos de memória e mobilização comunitária em defesa da vida nas periferias de Fortaleza. **Teoria e Cultura**, v. 17, n. 1, 2022.

MANSO, Bruno. P.; DIAS, Camila N. **A guerra**: a ascensão do PCC e o mundo do crime. São Paulo: Todavia, 2018.

MARQUES, Adalton. “Liderança”, “proceder” e “igualdade”: uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital. **Etnográfica**. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, volume 14, n. 2, 311-335, 2010.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de; NETO, João Pedro de Santiago; PIRES, Artur de Freitas. Mercados ilegais e dinâmicas criminais: notas sobre as transformações do tráfico de drogas nas periferias de Fortaleza, Ceará. **Revista TOMO**, n. 40, 39-62, 2022.

MATOS JÚNIOR, Clodomir C.; NETO, João P. S. de. Facções, controles e gestão das periferias: mobilidades e direito à moradia em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Revista de Ciências Sociais-Brazil**, v. 53, n. 3, 2022.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. **Violência, cidadania e medo**: vivências urbanas em Fortaleza. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universi-

dade Federal do Ceará, 2008.

MELO, Juliana; PAIVA, Luiz Fábio S. Violências em territórios faccionados do Nordeste do Brasil: Notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. **Revista usp**, n. 129, p. 47-62, 2021.

MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Estudos avançados**, v. 21, p. 139-157, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Elionardo de M.; SIQUEIRA, Ítalo Barbosa Lima. Dinâmicas “faccionais” e políticas estatais entre o dentro e o fora das prisões do Ceará. **Revista Tomo**, n. 40, p. 123-123, 2022.

NUNES, Larissa Ferreira; BARROS, João Paulo Pereira. Crossings of urban violence in the life trajectories of adolescents deprived of freedom. **Trends in psychology**, p. 1-20, 2022.

PAIVA, Luiz Fabio Silva. O domínio das facções nas periferias de Fortaleza-CE. **Revista TOMO**, n. 40, p. 87-87, 2022.

PAIVA, L. F. S. “Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. **Caderno CRH**. Salvador, v. 32, n. 85, p. 165–184, 2019.

PAIVA, L. F. S.; FREITAS PIRES, A. de. (2023). “Quem manda no Ceará?”. Sobre o enfrentamento às facções criminosas em um estado do nordeste do Brasil. **Espacio abierto**: Cuaderno Venezolano de Sociología. Caracas, v. 32, n. 2, p. 97-121.

PAIVA, Luiz Fábio S.; BARROS, João Paulo Pereira; CAVALCANTE, Ricardo Moura Braga. Violência no Ceará: As chacinas como expressão da política e do conflito entre facções. **O Público e o Privado**, v. 17, n. 33 jan. jun, p. 73-98, 2019.

PIRES, Artur de Freitas. **A vida no crime é louca**: as relações criminais em um complexo de favelas. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018.

RODRIGUES, Fernando de J. et al. Apresentação do Dossiê: Políticas, Mercados e Violência no Norte e Nordeste do Brasil. **Revista Tomo**, n. 40, p. 9-9, 2022.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. “CORRO COM O PCC”, “CORRO COM O CV”, “SOU DO CRI-

ME” Facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, p. e3510216, 2020.

SÁ, Leonardo. A condição de ‘bichão da favela’ e a busca por ‘consideração’: uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 4, n. 2, p. 339-355, 2011.

SANTOS, Nido Farias dos; TREVAS, Juliana Torres Y. Plá; SIQUEIRA, Ítalo Barbosa Lima. Apresentação: Afetividades marginais, grupos armados e mercados ilegais. **Plural**, v. 30, n. 02, 2023.

SOUSA, Manoel Johnson Sales. **As peculiaridades da violência no Ceará**: aventuras e maneiras de fazer o crime. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC, 2019.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. “Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano”. **Sociedade e Estado**, v. 19, n. 1, pp. 53-84, 2004.

SIMMEL, G. EXCURSO SOBRE O PROBLEMA: COMO É POSSÍVEL A SOCIEDADE? **Sociologia & Antropologia**, v. 3, p. 653-672, 2013.

SIQUEIRA, Ítalo Barbosa Lima; NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo; MORAES, Suiany Silva de. Dinâmicas inter-regionais de mercados e governança criminal em perspectiva comparada entre Fortaleza e Manaus. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 15, edição especial n. 4, 441-468, 2022.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

## Espólios simbólicos da “guerra de facções” em Pelotas/RS

Henrique Jeske<sup>1</sup>Simone da Silva Ribeiro Gomes<sup>2</sup>**Resumo:**

Este artigo analisa as marcações representadas por pichações e tatuagens feitas por ou em nome de *facções* no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Em uma pesquisa de inspiração etnográfica que durou dois anos, essas marcações foram reunidas em 55 fotografias e seus significados aclarados por 37 atores-chave entrevistados, figurando entre eles policiais, pesquisadores, ativistas da causa carcerária e indivíduos autointitulados membros de *facções*. Por intermédio desse conjunto de dados, investigamos o desfecho da *guerra* entre coletivos rivais, ocorridos entre 2015 e 2018, e o legado imagético que imprimiu a presença das *facções* no espectro municipal, perdurando até o presente momento. Objetivamos discutir o avanço e reconhecimento das facções criminosas, contraposto ao discurso estatal que autorreferencia seu poder de controle e boas práticas na segurança pública. No tocante aos espólios simbólicos da *guerra*, agrupam-se no termo “marcações” as tatuagens e pichações, acrescidas do *footing* ou o alinhamento dos sujeitos ao ideário comunicacional das *facções*, enquanto um conjunto de elementos visualmente firmados no cotidiano e no ambiente. Concluímos que as marcações representam um valioso recurso ao trabalho investigativo e um dado sólido, capaz de contribuir com a construção de medidas preventivas à violência, informando, nesse caso, a hegemonia exercida por uma única *facção*.

**Palavras-chave:** Facções. Crime. Tatuagens. Pichações. Guerra

**Symbolic spoils of the “faction war” in Pelotas/RS**

**Abstract:** This article analyzes the markings represented by graffiti and tattoos made by or on behalf of *factions* in the municipality of Pelotas, in Rio Grande do Sul. In ethnographic-inspired research that lasted two years, these markings were gathered in 55 photographs, and their meanings were clarified by 37 key actors interviewed, including police officers, researchers, prison activists, and individuals who self-identify as members of *factions*. Through this set of data, we investigated the outcome of the war between rival collectives, which took place between 2015 and 2018, and the image legacy that imprinted the presence of the *factions* in the municipal spectrum, lasting until the present moment. We discuss the advancement and notability of criminal faction’s activities, contrasted with the state discourse that self-references their power of control and good practices of strategies for optimizing public security. Regarding the symbolic spoils of war, the term “markings” includes tattoos and graffiti, plus *footing* or the alignment of subjects with the *factions*’ communicational ideology, as a set of elements visually established in everyday life and the environment. We conclude that the markings represent a valuable resource for investigative work and solid data, capable of contributing to the construction of preventive measures against violence, informing, in this case, the hegemony exercised by a single *faction*.

**Keywords:** Factions. Crime. Tattoos. Graffiti. War

**Introdução**

(...) *Aí depois eles tavam se matando tudo, e aí ficaram tudo junto, se uniram. Pra tu ver que tá escrito agora “É tudo cinco”. Ali já até apagaram um pouco, mas onde tu entrar tem, em qualquer lado...no Laranjal, aonde tu andar. Eu viajo por tudo aí, cara. E tudo diz assim ó: “É tudo cinco. É os Taura.” Porque seguinte, eles tavam se matando tudo, e para eles não se matarem, eles disseram assim: “Então vamo se unir. Vamo vender junto, vamo trabalhar junto porque nós tamo se matando. Tu tens a tua facção e eu tenho a minha. Senão, tu mata dois do meu e eu mato três do teu.”*

*Morador do loteamento - Trecho de entrevista realizada em julho de 2019*

Assim como a nós, as inscrições nas paredes e muros da cidade informaram a outros passantes o que era necessário saber sobre um fenômeno em curso. O que é e o que não é permitido nesse e naquele

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, mestre em Sociologia pela mesma instituição e bacharel em Ciências Sociais pela UFPel. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6751-1310>

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pelo IESP-UERJ, mestre em Sociologia por Paris 7-Denis Diderot e graduada em Psicologia pela UFRJ. Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPel. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6461-8879>

bairro, quem proíbe, quem “cobra” e quem reclama o controle.

Tendo observado pichações dispostas nas ruas de Pelotas (Rio Grande do Sul, Brasil) e tatuagens impressas nos corpos de alguns de seus cidadãos — formando um conjunto que chamaremos “marcações” —, concentramos interesse de pesquisa nas marcações que por extenso ou em forma de siglas, símbolos ou termos, aludem a coletivos criminais. Descrevemos e interpretamos seu alastramento e popularização como expressão da ampliação do marco discursivo do crime (Feltran, 2011), publicitando coletivos e fomentando a territorialização da sujeição criminal (Misse, 2010).

A jornada na qual tomou forma este artigo objetivou discutir os desdobramentos do espraiamento das atividades e popularidade de alguns coletivos, centrando o papel das marcações nesses processos disruptivos. Este contrapõe o vitorioso e autocentrado discurso estatal sobre a segurança pública municipal. Nesse sentido, argumenta-se que os locais marcados passam a ser difundidos como pertencentes a determinados coletivos, e seus habitantes tornados passíveis de associação e auto associação ao arbítrio expresso por esses grupos.

Interpretamos as marcações como narrativa simbólica que conta a história de um período marcado por homicídios motivados pelas disputas territoriais entre coletivos. Ao tomarem espaços anteriormente ocupados por rivais, cobrindo com seus próprios símbolos as inscrições feitas por ou em nome de seus “contras”, seus autores registraram nas ruas a cronografia desses embates. Percorremos e fotografamos um campo de disputas físicas e simbólicas. Também ouvimos alguns dos atores essenciais no campo, dentro do que fora nomeado como Pacto Pelotas Pela Paz (PPPP). Implementado pelo município em 2017, o PPPP respondia à escalada dos indicadores de homicídios que naquele ano alcançara índices alarmantes. Assim, implementando ações policiais focalizadas, estratégia de fiscalização administrativa e projetos de prevenção social, era publicizado o efeito *pacificador* do programa como demonstrativo de seu êxito

e competência administrativa. Porém, as marcações, parte da opinião pública e profissionais de segurança discordavam do discurso oficial, expondo o PPPP como ineficiente no tocante à diminuição do número de homicídios e pensado apenas para beneficiar grupos mais influentes.

Primeiramente, descrevemos o campo de pesquisa e cruzamos o conteúdo das marcações fotografadas e analisadas com os relatos de interlocutores residentes nas áreas disputadas e os autointitulados membros de coletivos criminais. Tal cruzamento valida o uso das marcações — especialmente das pichações —, como conteúdo veraz e introdutório que publiciza um contexto atravessado por violências e ilegalidades. Além de garantirem certo distanciamento inicial e um ingresso cauteloso para o pesquisador em campo, são essas marcações associadas às vozes dos interlocutores o recurso que utilizaremos para abreviar a história dos conflitos. Abordaremos a rivalidade e o conflito entre dois principais coletivos, a implementação do PPPP e o “acordo” que deu fim a “guerra”. Posteriormente, detalhamos o impacto causado pelas marcações como as abordamos aqui. Incluímos nesse rol os manifestos publicados na *web* e a replicação dos gestos e termos inicialmente produzidos pelos coletivos criminais, posteriormente tornados chavões populares capazes de produzir efeitos sobre parte do “comportamento regional” (Goffman, 1985). Sob essa ótica, agregamos ao conjunto das marcações as “mudanças do *footing*” (Goffman, 1981) ou o alinhamento do “eu” referenciado pelo “ideário do *faccionado*” e utilizado como recurso simbólico comunicativo. A terceira parte descreve o atual cenário municipal no tocante às atividades do “crime” e a divergência narrativa em que, segundo os dados empíricos levantados e resultados deles derivados, estão englobados o Poder Executivo Municipal — via publicização do sucesso do PPPP — e os atores entrevistados. Finalmente, convergimos com Feltran et al. (2022). Também nesse contexto empírico, retine a premissa de que conflitos faccionais tendem a elevar rapidamente as taxas de homicídio nos locais onde ocorrem, sendo também observada

a construção da hegemonia de um coletivo por meio de um “acordo” como princípio fundamentador da produção da queda dessas taxas.

### Guerra e pactuação da paz

O relato do interlocutor na introdução resume em poucas palavras a “guerra”, o “acordo” e a “paz”. Sua experiência cotidiana de viver em um lugar “marcado” é enrobustecido pela atenção aos detalhes e seu trânsito pelos diferentes bairros da cidade. No entanto, todas essas informações estão, em maior ou menor medida, acessíveis aos transeuntes, leitores de notícias, moradores de periferias e da área central de Pelotas, como uma espécie de mapa dos eventos recentes, novas regras impostas e sanções aos descumpridores.

Em 2017, Pelotas testemunhou um incomum aumento no indicador de homicídios, contabilizando 110 ocorrências majoritariamente registradas em bairros periféricos. No relatório Retrato dos Municípios Brasileiros (IPEA, 2019) relativo a 2017, os municípios médios (entre 100 mil e 500 mil habitantes) foram descritos como detentores de uma marcha menos acelerada da violência letal quando comparados aos municípios de pequeno porte (menos de 100 mil habitantes) ao longo de duas décadas (1997-2017).

Entretanto, dentre os 497 municípios gaúchos, Pelotas ocupou a terceira posição em número de homicídios, sendo a taxa estimada em 32,6 para cada 100 mil habitantes. No estado inteiro, a taxa de letalidade violenta é considerada baixa e a mediana dos homicídios estimada foi de 6,8 para cada 100 mil habitantes. É apontado um maior índice de ocorrências desta natureza na região metropolitana, em torno da capital do estado. Porém, destaca-se que o número de ocorrências no município naquele ano, o vinculou ao grupo de 120 municípios que, tendo seus dados agrupados, representaram 50% dos homicídios ocorridos em todo o país.

Anos antes, o principal jornal local já noticiava alguns eventos violentos marcadamente distintos. Em 2015, um homicídio ocorrido na zona portuária da cidade, cuja vítima, um homem de 26 anos, fora alvejado por disparos feitos do interior de dois car-

ros, expunha em imagens o rosto da vítima, sorrindo em uma das fotografias, enquanto gesticulava com a mão esquerda. Em outra foto, estava destacada a tatuagem que a vítima carregava na lateral da panturrilha esquerda: o personagem de desenhos animados *Taz-mania* — um destrutivo diabo-da-tasmânia que naquela releitura empunhava duas pistolas e sobrepunha cinco letras espaçadas, formando a palavra *Taura*.

A notícia ainda esboçava apresentar as motivações para o crime, descrevendo a vítima como suspeita de pertencer à facção dos *Taura*, cujo domínio pelos territórios do tráfico de drogas estaria em disputa com outra facção, os *Mata Rindo*. O desenho tatuado na perna da vítima fora descrito como o símbolo e marca associativa da facção à qual o homem supostamente pertencia. Aquele foi o nonagésimo segundo homicídio registrado em Pelotas em 2015 e o primeiro evento a despertar nosso interesse pelas marcações que se tornariam, meses depois, objeto de pesquisa.

Nessa toada, em 2016, outro evento nos introduziu ao imagético “mundo do crime” (Feltran, 2011). Em uma ocasião ordinária, nas ruas da área central da cidade, um diálogo com três meninos em situação de rua nos permitiu perceber que um deles trazia pequenas manchas de sangue na lateral da camiseta que vestia. Notando olhares, o menino espontaneamente levantou a camiseta expôs o flanco, onde se podia ler a frase “*TAURA TUDO 5*” em letras garrafais. Os traços tremulados denunciavam o amorismo, enquanto a vermelhidão e o sangue tratavam de informar quão recentemente aquela tatuagem havia sido feita. “*É os guri!*”, exclamavam os jovens, reforçando nossa curiosidade sobre aquela interação.

Tais eventos, anteriores aos homicídios de 2017, chamam atenção para o prenúncio público do fortalecimento de um coletivo que mais tarde alcançaria a hegemonia no município. No segundo semestre de 2017 essa hegemonia começou a tomar forma. Os noticiários alarmados com o aumento abrupto dos homicídios, anunciaram uma problemática que era confirmada pelos dados oficiais, mas que, toda-

via, não convergiam no tocante às razões. O aumento das taxas de homicídio ecoava como desafio para a segurança pública, figurando como negativa exceção dentre os municípios que compõem o extremo-sul do estado.

De acordo com Chies e Rivero (2019), as notícias apontavam os homicídios como diretamente relacionados à expansão das facções criminosas. Nessa análise, esmiúçam o *modus operandi* dos autores de boa parte das ocorrências daquele ano, explicando que as circunstâncias indicaram execução em pelo menos 41 deles. Execuções são ataques letais compreendidos como efeito de ações que carregam um caráter intencional e dirigido contra alvos específicos (Dias et al., 2015). Dentre as execuções, uma em específico, à luz do dia em dezembro de 2017 “provocou uma série de outras mortes no ciclo perverso e violento de acerto de contas” (Chies e Rivero, 2019, p. 8), tendo sido registrados no município outras dez execuções ao longo dos nove dias que sucederam esse ataque.

Dada a frequência dos homicídios, mesmo sem a oficialização do conflito direto entre coletivos, dois deles se destacavam ao passo que os manifestos na *web* os citavam e pichações eram dispostas nas paredes. O protagonismo dos *Taura* e dos *Mata Rindo* passara a expressar-se por vias inconventionais, mas estabelecidas na cultura visual cotidiana. A rivalidade entre os coletivos tornou-se tema de músicas, postagens em redes sociais, símbolos e frases escritas com spray. Mesmo o supracitado *Taz-mania*, que a essa altura já era horizontalmente apontado como símbolo dos *Taura*, ganhou um rival simbólico equivalente.

A figura do personagem *Pernalonga*, em contraposição, passara a ser associada aos *Mata Rindo*. O coelho, originalmente personificado como personagem sagaz e destemido que geralmente obtém sucesso em seus empreendimentos, contendia com a figura do demônio-da-tasmânia, que por sua

vez representado como criatura destrutiva, costuma avassalar os ambientes por onde passa. Ao averiguar dados públicos oriundos de ações jurídicas e interceptações telefônicas que são parte das investigações conduzidas no período dos conflitos, encontramos indicativos de que esses dois coletivos possuíam divergências desde anos antes dos embates, e que englobaram também os aspectos simbólicos imbuídos nessa disputa:

DESCONHECIDO7: *É teu amigão mano, não tem ruim!*

ÉLTON: *Báh, o guri é...nós tava falando dele ontem aqui, eu, o “Negão” e o coisa, que merda que o guri não tá com nós aqui.*

DESCONHECIDO7: *Tá lá fazendo a tatuagem hoje, “Parente”.*

ÉLTON: *É?*

DESCONHECIDO7: *Tá fazendo o “Pernalonga com o machado arrasando a cabeça do Taz”.*

ÉLTON: *É foda.*

DESCONHECIDO7<sup>3</sup>: *Tava agora lá sentado no cara da tatuagem, tá fazendo o “Pernalonga com o machado arrancando a cabeça do Taz”.*<sup>4</sup>

Anos antes, já circulava nas redes sociais e aplicativos de mensagens um dos muitos vídeos que somente após 2017 alcançaria um público expressivo na internet. Indicando um conflito em curso, o conteúdo do vídeo expunha uma combinação de ameaças, exibição de armas de fogo, a nomeação de alvos específicos e dos ainda pouco afamados nomes *Taura* e *Mata Rindo*. Ao passo que essas e outras mídias eram “descobertas”, aclarava-se à população via “mundo virtual” o conflito que haviam testemunhado.

A série de homicídios fora descrita como fruto da “guerra” pela esmagadora maioria dos interlocutores que colaboraram conosco. Ao discutirmos esse episódio com homens privados de liberdade, soubemos que a “guerra” se estendia ao cárcere. Policiais e guardas municipais tomaram a *guerra de facções* como algo óbvio, sendo capazes de apontar um vencedor, ao fim e ao cabo, quando segundo eles, *os caras terminaram de se matar*. Sendo assim,

<sup>3</sup> A nomenclatura adotada para ambas as partes replica o modelo disponibilizado no material original, não havendo a intenção de identificar qualquer um dos envolvidos.

<sup>4</sup> Diálogo interceptado via escuta telefônica, cuja transcrição figura entre o material. Transcrito e disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/tj-rs/708400377/inteiro-teor-708400387>. Acesso em 07/01/2024.



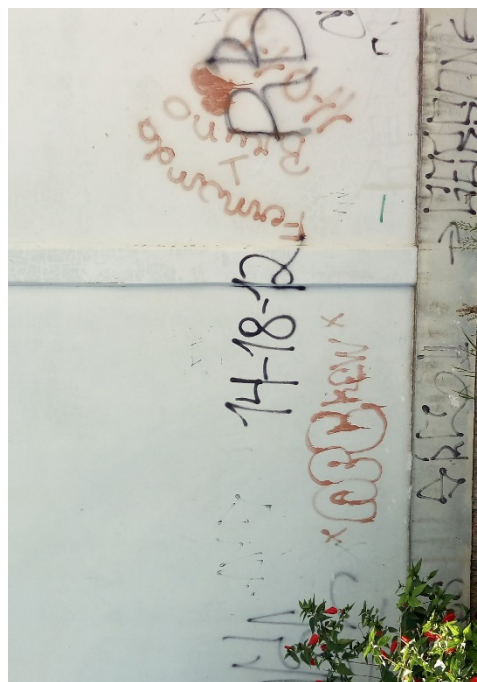
compreenderemos a guerra como categoria analítica (renunciando as aspas) que auxiliará na construção dos argumentos a seguir, diferindo, porém, da forma como tal representação fora gestada no Rio de Janeiro (Leite, 2012), não derivando de uma sensação profunda de insegurança por parte da população, mas do modo como os próprios autores e as forças de segurança publicizaram os homicídios.

Em 2018, apesar de inferiores quando comparados ao ano anterior, os indicadores de homicídios continuaram altos, sendo noticiados 91 casos, dos quais 47 detinham características que os tornou passíveis de serem identificados como execuções (Chies e Rivero, 2019). A essa altura, a guerra já era uma “nomenclatura padrão”, que para todos os efeitos “explicava” o grande número de mortes violentas aos cidadãos ordinários interessados em compreender o que lhes rodeava. Ademais, considerando esse número de mortos nos confrontos, alguns desfechos e transformações nas dinâmicas internas dos coletivos podiam ser percebidas, mesmo que de longe. Os *Taura* tornaram seu nome muito mais conhecido, mais frequentemente citado, descrito como grupo hegemônico e popularizado, finalmente, via proliferação de seus símbolos. Desde o *Taz*, que adornava os corpos dos *envolvidos*, até a inscrição *TUDO 5*, pichada em muitos espaços públicos, aludindo às cinco letras que compunham o nome da *facção*. Ao passo que se avolumavam, o uso recursivo das marcações passara a ser um dado quantificável e cada vez mais relevante.

Se dispostas por ou em nome dos coletivos, os significados intrínsecos nem sempre explicitados pelas mensagens, ora extensas, ora substanciadas, se tornaram menos restritos ao mundo do crime e aos seus atores. Sendo sobrepostas, substituídas, riscadas ou acrescidas de elementos por meio de nova ação mecânica, sua observação permitiu que se acompanhasse os acontecimentos não somente enquanto ocorriam, mas posteriormente, uma vez que a permanência dessas marcações no cenário urbano tornara possível uma averiguação visual dos relatos colhidos sobre a guerra. Nesse sentido, o registro fo-

tográfico dessas transformações nos guiou e auxiliou na decodificação de mensagens menos claras, qualificando o itinerário de pesquisa.

Sendo guiados por interlocutores ou de modo fortuito, localizamos e fotografamos 55 pichações feitas por ou em nome de *facções*. Essas pichações, porém, não raro anunciavam outros nomes além daqueles que protagonizaram a guerra, citando coletivos conhecidos e mais fortemente atuantes em outros municípios e estados brasileiros. No entanto, as marcações referentes aos coletivos e ao embate local, funcionaram como “termômetro” das transformações transcorridas. Tendo sofrido pouca ou nenhuma alteração durante o período de coleta (posterior a guerra), estampavam as ruas pichações sobrepostas por outras que explicitavam a desfecho da história. À medida que a sigla *MR* (Mata Rindo) dissolveu-se ao ponto de se tornar quase residual, a sigla *TD5* (Tudo 5) compôs grande parte das 42 pichações e 4 tatuagens referentes aos *Taura* — não raro encobrendo a sequência numérica *14-18-12*, um dos principais símbolos de identificação territorial dos *Manos* (Cipriani, 2019), um coletivo criminal de grande expressividade no Rio Grande do Sul.



Fonte: Acervo dos autores

Paredes também serviram de *outdoor* para que fosse expressa a insatisfação de parte da população com a medida adotada pelo Governo Municipal

para frear a guerra. Geralmente ocupando áreas de mais ou menos dois metros de extensão, um manifesto em tinta exclamava que o *pacto pela paz nada faz*. Referindo-se ao programa implementado pelo Governo Municipal de Pelotas em agosto de 2017, as cinco palavras de protesto mesclavam-se às marcações.

Com o propósito de “reduzir os homicídios e outras formas de criminalidade” (Borges, Rojido e Cano, 2020, p. 4), o Pacto Pelotas Pela Paz (PPPP) entrou em cena como principal medida para que fosse freada a *guerra de facções*. Antitético a guerra, o programa propunha uma “cultura de paz”, cujas medidas e ações concebidas sob uma lógica de proatividade e focalização foram distribuídas em cinco eixos: prevenção social, policiamento e justiça, fiscalização administrativa, urbanismo e tecnologia.

Apesar de ter surgido em um momento de alta incidência de homicídios, tendo sido a redução dessa problemática anunciada como principal objetivo do PPPP, a maior parte das intervenções esteve focada em crimes contra a propriedade e nas ditas “incivilidades” (Borges, Rojido e Cano, 2020). Sem que fossem previamente coletadas e consideradas as percepções de cidadãos como os que colaboraram conosco, ou aqueles entrevistados por Borges, Rojido e Cano na Avaliação de Impacto do Pacto Pelotas Pela Paz (2020) — cuja univocidade denunciou que o elevado número de homicídios esteve diretamente ligado ao embate entre coletivos criminais —, o PPPP apostou em programas diversos, cuja aplicação não considerou a vivência cotidiana, nem fora pautada pelo conhecimento etiológico dos crimes.

Dentre as medidas adotadas, figurou a dissuasão focalizada e, guardado o potencial efetivo dessa estratégia na redução da criminalidade (Braga et al., 2018), fora tão somente essa a única elaboração cujo intuito dialogava em com o conflito entre coletivos. Segundo Borges, Rojido e Cano (2020), dois eventos emblemáticos surtiram efeito sobre a violência letal no município, ambos encabeçados por um juiz, cuja atuação abrangia o quadro de autoridades responsáveis pela aplicação da estratégia de dissuasão

focalizada.

O primeiro, ocorrido em maio de 2018, refere-se à solicitação coletiva por parte das autoridades de segurança do município para que as principais lideranças de coletivos criminais locais fossem enviadas a penitenciárias federais, fora do Rio Grande do Sul. Tal evento surtiu efeito imediato, reduzindo o número de homicídios à medida que os advogados dessas lideranças tomaram conhecimento dessa solicitação. Entretanto, o posterior indeferimento por parte do titular da 1ª Vara Criminal da Comarca de Pelotas impossibilitou as transferências.

O segundo evento, ocorrido meses mais tarde após nova onda de homicídios, consistiu no ingresso do juiz ao presídio, a fim de dialogar com os líderes dos coletivos. Ainda segundo Borges, Rojido e Cano (2020), a conversa consistiu em ameaças de transferência para outras prisões gaúchas, não requerendo assim a aprovação por parte da federação. Os autores apontam que essa medida também surtiu efeito imediato, reduzindo novamente o número de homicídios na cidade.

A dissuasão focalizada adotou três procedimentos com o passar do tempo, além de tornar periódicas as conversas entre líderes de coletivos e o juiz em questão; transferências e ameaças de transferência; controle policial nos pontos de acesso dos territórios dominados por *facções*, medida chamada de “congelamento”; e concessão ou negação dos benefícios penitenciários. Em parte das entrevistas, pudemos perceber que essas ações incomuns, em especial o diálogo do juiz com os coletivos criminais foi interpretado como um “acordo” do Estado com as *facções*. Alguns interlocutores citaram o juiz como figura central, responsável pela feitura desses acordos e único responsável pelo decréscimo dos homicídios no final de 2018 e nos anos posteriores. Outros entrevistados, porém, concordaram com a ideia de um acordo, mas não no formato como fora apresentado até aqui.

O final do ano de 2018 e o ano de 2019 foram períodos em que mais gritantemente as ruas passaram a evidenciar uma quimera de paz bastante

distinta daquela enunciada como conquista do PPPP pelo Governo Municipal. Prospectando respostas no conteúdo pichado nas ruas, a paz traduzida como um menor número de homicídios não significava também um menor número de outras atividades criminais. As *facções* continuavam atuantes e empregando dinâmicas de mudança interna de poder, pactuando elas próprias o que soava como “acordo” de paz.

Desse modo, as *bandeiras* dos *Manos* e dos *Mata Rindo* foram perdendo espaço, tornando-se cada vez mais escassas e figurando nas ruas apenas como velhos escritos, não raro sobrepostos pelos símbolos dos *Taura*. A paz, extra retórica governamental, soava como algo imposto pelo coletivo *mais forte*, que ainda imprimia seu nome e símbolos publicamente em novos espaços.



Fonte: Acervo dos autores

Muitos relatos corroboravam com aquilo que manifestavam as marcações. Perspectivas diversas de origens distintas, convergiram ao apontar que o “acordo de paz” imposto pelo Estado era eficaz até certa medida, mas que dependia diretamente da imposição de paz erguida pelos *Taura*, em detrimento de outras *facções*. Além de ecoar na fala de um agente da Guarda Municipal de Pelotas entrevistado em 2020, que na ocasião argumentara que “o judiciário acelerou isso e adiantou um pouco, mas o que adiantou mesmo foi que a *facção* dominante, dominou, e agora não tem com quem brigar”, a ideia de um domínio hegemônico ao ponto de fazer valer imposições dessa magnitude fora frequentemente reforçada por visões menos privilegiadas sobre o tema, ou seja, por cidadãos ordinários, sem acesso aos informes obtidos por forças de segurança.

Entrevistamos entre junho de 2021 e feverei-

ro de 2022, um total de 37 pessoas. Dentre os entrevistados figuraram comerciantes, moradores de áreas demarcadas e/ou reclamadas, ativistas carcerários, além dos já citados policiais, indivíduos privados de liberdade, pesquisadores e ditos membros de *facções*. Desses, destacamos nessa etapa as contribuições de moradores de áreas periféricas e donos de estabelecimentos, cuja presença em áreas que anos antes foram palcos da guerra, são demarcadas e foram alvo de medidas estatais — como os “congelamentos”, por exemplo — permitiu-lhes construir e compartilhar perspectivas únicas, como espectadores do cotidiano “pacificado”.

Assim como marcaram presença visual na cidade por meio de marcações, os *Taura* ganharam destaque nos relatos desses interlocutores. Conforme descreve um comerciante, residente em um dos *territórios dos Taura* — segundo consta em um grande muro que dá acesso à rua de sua casa, na zona oeste da cidade —, o envolvimento *com os mais fortes* pode significar um envolvimento com o crime de modo amplo. Se antes era possível *fazer um rolinho de canto, sem se envolver com o crime*, a conjuntura atual, pós “acordo” e “pacificação”, impossibilita tal expressão de independência no comércio local de drogas ilícitas. Do mesmo modo, os *Taura* são descritos como *os mais fortes* por uma ativista carcerária que observou o encerramento dos conflitos também dentro do presídio. Cita o período passado, quando *uma facção dominava duas das quatro galerias, e outra dominava as outras duas*. Nesse contexto, os membros de um e outro coletivo *não podiam se encontrar e tinham receio de ir para outras galerias, temendo ser dominados por outra facção*. A interlocutora explica que essa problemática se encerrou quando *uma das facções dominou todas*, concluindo que atualmente, no Presídio Regional de Pelotas *só existe uma, os Taura*.

A guisa de síntese sobre a guerra e a paz, argumentamos que competem duas narrativas. A primeira, estatal, atribui ao PPPP um sucesso expresso em números, que enuncia o programa como modelo referencial para políticas de segurança pública

e, sem citar a dita guerra, emoldura a paz, ano após ano, como uma conquista alcançada pelo programa, comparando indicadores com aqueles registrados em 2017 sem incluir no debate a presente problemática. A outra, popular, advém não somente dos cidadãos que extraem de suas vivências as evidências que lhes aclararam os porquês da guerra e os termos da paz, mas também ecoa nos relatos de profissionais de segurança e pesquisadores, que em seus ambientes laborais convivem e testemunham o processo de mediação do mundo do crime, onde o manutenção da paz é papel da *facção* que venceu a guerra e que agora pauta o tolerável e o execrável.

Ademais, interpretamos as marcações como elemento comunicativo importante que perdura no ambiente urbano e impacta o convívio social, ao passo que enuncia a supracitada mediação e reforça sentimentos de defesa e afeição aos símbolos que representam o coletivo (Rodrigues, 2020). Nesse sentido, discutiremos tal impacto no tópico seguinte, tomando as marcações como espólios simbólicos da guerra, e que hoje cumprem papel importante no manutenção da paz nos moldes em que fora pactuada.

### Espólios simbólicos

Em fevereiro de 2022 visitamos a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC). Na ocasião, tivemos a oportunidade de entrevistar coletivamente um grupo de 19 pessoas; 18 homens, entre eles 17 “recuperandos”<sup>5</sup> e o gestor principal; e uma mulher, colaboradora da instituição.

A APAC, introduzida no município dentro do contexto do PPPP, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que promove a justiça restaurativa. Com metodologia própria, as pessoas cumprindo pena privativa de liberdade são responsáveis por sua reintegração social, assim como pelo manutenção e melhoria das instalações que habitam e onde foram entrevistados. O espaço difere substantivamente dos presídios convencionais, minimizando parte dos problemas estruturais.

Pudemos obter as percepções dos entrevista-

dos sobre si próprios, sobre o regime de cumprimento de sentença em condições especiais, mas principalmente suas visões sobre a cidade, o cárcere e os coletivos criminais, dentro e fora da prisão. Tendo em vista o difícil acesso aos indivíduos que tinham tatuado seus corpos com *símbolos de facção*, o contato com os recuperandos ajudou-nos a imergir no tema com base em suas experiências anteriores a prisão, seus períodos no PRP e no convívio com terceiros. A ausência ou descrição de possíveis sujeitos tatuados entre os entrevistados não foi, por fim, um impeditivo para a coleta de dados qualificados.

O tema das tatuagens, especificamente, não fora bem recebido. Olhares cruzaram-se quando questionamos sobre a relevância das tatuagens para os coletivos criminosos e as poucas vezes que se ergueram desprezaram essa relevância como algo que havia encontrado seu fim na história recente:

Recuperando 18: *Essa coisa aí da marcação, querendo ou não, já mudou muito. As vezes pela vontade de ter uma tattoo ali, o que acontece?! Tu é discriminado em certos lugares que tu vai. Eles dizem: “Ah, não! Se tu tem essa ou essa tatuagem tu é cadeeiro!” Então existe um pouco disso ainda.*

Recuperando 2: *Mas por parte da polícia! Isso aí é bobagem! Tu ter um palhaço ou coisa assim, não significa nada...*

Recuperando 16: *Hoje a própria facção não quer mais que tu fique marcado por eles. Hoje tu tem o livre arbítrio de escolher se tu quer ser tatuado ou se tu não quer.*

Recuperando 7: *Nem tá se usando mais isso aí agora.*

Recuperando 16: *(...) até mesmo por causa desse preconceito aí da polícia.*

Recuperando 1: *Eu já vi uma abordagem policial em que pegaram um cara com um palhaço desenhado e aí...*

*“Ah, tu é matador de polícia?!” Aí porque o cara tinha um palhaço desenhado o polícia encheu ele a bico.*

Recuperando 7: *Um conhecido meu tem um Coringa estampado no caminhão dele, e foi parado pela Federal. Aí tu imagina o peso que tem tatuar isso aí no corpo, se tendo só no caminhão ele já foi barrado.*

Com base nesses e em outros relatos, valemo-nos das tatuagens para fundar nossos argumentos sobre o que chamamos de espólios simbólicos da

<sup>5</sup> Nomenclatura utilizada para referir-se aos apenados em cumprimento de pena no regime especial oferecido pela associação.

guerra de facções. Ao indicar as *tatuagens de facção* como algo que *não se usa mais*, o recuperando indica um modelo racional de organização coletiva; um fator que se choca com a impulsividade dos membros jovens para a qual chamou atenção um agente da Polícia Rodoviária Federal entrevistado meses antes.

O agente apontara a ímpeto da juventude e a *criação de uma atmosfera toda favorável* como principais motivadores para que membros jovens permitissem que o *Taz* fosse tatuado em seus corpos. O símbolo, que segundo ele seria um garantidor de certo *status* ao vincular o indivíduo tatuado a periculosidade, surge na fala dos recuperandos como uma prática superada, sugerindo uma espécie de novo código ético, mais bem alinhado aos tempos de paz.



Fonte: Acervo dos autores

Se em tempos de guerra a marcação do corpo servira como marca associativa e reforço ao senso de pertencimento à facção (Rodrigues, 2020), no período de paz essa prática já não cumpria tal papel. Diferentemente da anterior postura agressiva, os *facionados* passaram a se comportar de modo reativo, evitando tanto a exposição quanto o conflito, conforme descreve outro interlocutor, agente da segurança pública:

Entrevistado 6: *A gente trabalha diretamente com a Brigada Militar, com a Polícia Civil e outros órgãos, e eventualmente há essa conversa sobre o perigo de tu abordares alguém vinculado a alguma facção. Já aconteceu, e te digo que eles tem um modus operandi de como reagir à abordagem. Normalmente eles já sabem, por orientação, que eles não devem comprar briga com as forças de segurança para não levantar questões. Então tipo, se tu pegar um cara desses, como já aconteceu comigo, tu pegar e abordar um cara que quando desce do carro tem um Taz tatuado na perna. Tu já sabe que ele é de facção! Então tu pede documento e habilitação e ele diz: “Bá, não tenho.” Acabamos ali a parte administrativa. Nem se dá segmento ao procedimento por que o cara não vai comprar nenhuma briga contigo. Eu aviso que o carro vai ser apreendido, ele bota as mãos para trás e diz “Tá bem”.*

Nesse sentido, as marcações que outrora anunciavam a guerra são resignificadas, passando a figurar como espólios obtidos pela parte vencedora e exercendo influência considerada positiva por *membros da facção*. Observa-se esse aspecto a partir da ideia de que tanto os corpos quanto nos espaços urbanos demarcados, passam a compor as barreiras à percepção (Goffman, 2006). Se áreas demarcadas puderem ser lidas como regiões no sentido goffmiano, ou seja, um lugar limitado de algum modo por barreiras à percepção, variando segundo o grau em que essas barreiras são delimitadas, pode-se também compreender as marcações nos corpos como fator de peso nos comportamentos regionais, mais fortemente expressos na “região de fachada” (Goffman, 2006).

Agregaremos, assim, um terceiro elemento ao rol das marcações. O *footing*, termo cunhado por Erving Goffman (1981) para descrever o alinhamento do eu (*self*), passa a figurar como novo marcador e espólio de guerra à medida que indivíduos tatuados, presentes em áreas demarcadas por *símbolos de facção*, se valem do ambiente e de sua denotada condição de pertencimento para agir comunicativamente com base nesses predicados. Descreve-se aqui a importância do ambiente sobre as interações, e entende-se ambiente como espaço social ocupado por *membros de facção*. O ambiente não se limita ao espaço físico, mas compreende toda a ecologia

social da qual fazem parte os atores, suas interações e o resultado dessas interações. Nesse caso, importa a mudança de *footing* dos sujeitos possuidores de corpos marcados, agravada por sua presença em ambientes também marcados.

Tal lógica inspira e em alguma medida atribui obrigações aos sujeitos, como por exemplo representar o papel que se espera nas ações empreendidas pela *facção*. Entretanto, cabe ao próprio sujeito portar-se como um *membro*, fazer-se respeitar, respeitar as regras impostas e emitir ele próprio as mensagens inscritas nas ruas por meio do que diz e de como diz. Tendo em vista que sua identidade fora construída sob bases coletivas com as quais colabora, deve ocorrer o que, em concordância com Goffman (2006), descrevemos como alinhamento para consigo e para com os demais — fator que é expresso no manejo das elocuições produzidas e na forma como são recebidas.

Esse sujeito, no sentido goffmaniano “é alguém construído socialmente a partir da alteridade” (Leão, Mello e Freitas, 2011, p. 66). Partindo dessa ótica que compreende o eu e o outro, avançamos na interpretação do mundo do crime como cenário no qual os sujeitos estão inseridos, ao passo que as interações cotidianas representam as cenas. O cenário é composto pelas particularidades do cenário de conflito, violência e conquista da hegemonia, sendo a história de guerra e pacificação contada pelas marcações uma parte fundamental desse cenário. Sob a ótica do *membro de facção*, o outro surge também inserido no mundo do crime, uma vez que a imputação dos elementos que compõe esse cenário ocorre não raro por emprego da força. Assim, cabe ao *faccionado* lembrar aos demais cidadãos das regras dessa lógica imposta, seja por meio do diálogo ou de sua atuação.

O *footing* passa a compor a tríade das marcações por sua expressividade na composição do cenário. Apesar do fato de Goffman ter desenvolvido o conceito de *footing* tendo em mente fenômenos da “fala-em-interação” (Pereira, Gastaldo e Vieira, 2021, p. 5), ou seja, dos turnos de fala e das trocas

ocorridas em conversas pessoais, profissionais e afins, argumento que mesmo a postura ou disposição do corpo enquanto elemento comunicador é contemplada e passível de ser analisada sob essa lógica. A compreensão do mundo do crime enquanto cenário das interações, incluindo a dimensão visual e igualmente comunicadora, só se configura possível se somados os elementos visuais veiculados também pelos atores em cenas protagonizadas por eles — sem incluir a fala como regra.

Outrossim, o *footing* serve também como categoria analítica para as interações em torno do registro e emissão das marcações e diálogos sobre *facções criminosas* na internet. Os fluxos interacionais virtuais e os sentidos desenvolvidos em torno deles, como por exemplo na reação de usuários do *Twitter* em postagens que enaltecem ou zombam de uma determinada *facção*, mesmo não existindo vínculo algum entre os emissores e o coletivo, exprimem sentidos que são melhor compreendidos através da lente teórica desenvolvida por Goffman e adotada aqui. As discussões registradas na *web*, além de possibilitarem o exercício da análise das mudanças de *footing*, denotam a popularidade alcançada pelos coletivos no tocante também à linguagem característica.

Além da adoção do *slogan* “TUDO 5” pelos *Taura*, o regionalismo expresso no chavão “é os *guri*” foi exaustivamente documentado em gravações, músicas e na própria fala de integrantes de muitas *facções* gaúchas, incluindo as atuantes em Pelotas. Essas expressões, além de comporem dialetos reconhecidos e reproduzidos entre os *membros de facções*, ocupam marcações nas “paredes da internet”. O uso difundido desses termos figura nos manifestos de jovens que compartilham conteúdo no *Twitter*, bem como nos comentários dispostos em vídeos na plataforma *Youtube*.

Tendo incorporado termos que figuram no conteúdo de pichações, esses jovens os reproduzem em seu cotidiano buscando alinharem-se a uma lógica que imaginam ou sabem se tratar daquela valorada pelos coletivos, recorrendo à internet como veículo relativamente seguro para a emissão de seus

manifestos. Assim como a extensa exploração do campo nos motiva a afirmar que muitos dos *símbolos de facção* são reproduzidos nas ruas por pessoas desassociadas a quaisquer *facções*, o uso da internet para emissão de material apologético ou difamatório sobre a *facção Taura*, por exemplo, surge difundida entre pessoas que apenas reproduzem falas popularizadas, sem necessariamente compreender o âmbito em que são produzidas.

Assim, repetir o chavão “*é tudo cinco*” tornou-se prática midiaticizada que ecoa no vocabulário de jovens desvinculados ao crime. Essas ações — a repetição recorrente por *membros* reais de *facções* e a reprodução virtual desse conteúdo —, expressam uma vez mais o *footing* em plena transformação. Enquanto o *membro de facção* alinha o *self* ao coletivo por intermédio dessa ação, os jovens reprodutores virtuais desses chavões alteram o *footing* considerando a vastidão de destinatários de suas emissões de circulação pública. O fazem projetando a si mesmos sob a égide dos significados que emergem do *ideário faccional*, podendo variar à medida que os destinatários também têm parte nessa interação comunicativa.

De todo modo, mesmo as marcações mais difíceis de serem emitidas pelas vias virtuais e eletrônicas podem tornar-se expressivas *online*. O uso da internet como memorial e repositório dos feitos e *símbolos da facção* hegemônica, tem colaborado para sua popularidade e crescimento ao longo dos anos. Tomando por certo que a linguagem é uma atividade sócio-histórica, a emissão das marcações, físicas ou virtuais, surge como “diálogo contínuo entre práticas de linguagem bem estabelecidas e outras emergentes” (Barreto e Barros, 2021, p. 278), nesse caso referenciadas pelos *mais fortes* e funcionais no espriamento dos significados espoliados e continuamente construídos pelo coletivo.

### “Com morte não se ganha dinheiro”

A entrevista concedida pelos recuperandos da APAC fundou uma terceira explicação sobre o acordo e a paz. Segundo esses interlocutores, não houve um banimento ou absoluta derrota por parte de uma ou outra *facção*. Na ocasião, quando um re-

cuperando alertou de modo inflamado que o número de *facções em Pelotas não diminuiu* e que os coletivos *só se juntaram*, encontrou a aprovação de todos os demais, consentindo verbal ou motoramente.

Essa noção, paralela às explicações que atrelam ao PPPP ou a vitória dos *mais fortes* a conquista da paz, fora descrita como oriunda *de dentro do próprio sistema*. As três explicações convergem em certos aspectos, como quando descrevem a diminuição de todos os tipos de crimes no município, quando apontam os *Taura* como *facção* única ou o nome que representa as demais, e quando argumentam que o objetivo central dos empreendimentos dos coletivos criminosos é a maximização dos lucros, sendo os homicídios uma consequência possível dos mercados ilícitos.

Encontramos reforço para tais afirmações quando comparamos aquilo que nos contam representantes de cada uma dessas correntes explicativas. Quando gestores municipais descrevem que *as facções estendem seus tentáculos sobre tudo o que é lucrativo*, dão-nos subsídios para pensar essa afirmação relacionada a projeção de poder que os coletivos perseguem, permitindo que compreendamos como uma *facção* se torna *a mais forte*, fazendo-se atrativa e recrutando jovens. Esses jovens, conforme indicam três policiais rodoviários federais, pensam que *ser dos Taura é legal*, haja vista que essa associação poderá lhes conceder acesso a uma identidade econômica, entre outros benefícios apontados pelos agentes. Essa trama dialoga com aquilo que afirmam os recuperandos da APAC, quando descrevem que *com morte não se ganha dinheiro* e apontando esse interesse majoritariamente econômico como elemento fundamental para o fim da guerra.

Desde o fim da guerra, o atual cenário municipal transformara-se. É distinto ao dos anos de 2017 e 2018. Além de contabilizar números de homicídios bastante inferiores, a avolumada representatividade dos *Taura* removeu tal coletivo do cerne de um discurso instaurador do pânico moral (Cohen, 2002) — uma vez descrito como coletivo responsável pelo abrupto aumento da violência, de modo a fazer pare-

cer que seriam seus membros os autores de ataques desenfreados —, passando a se posicionar no centro de um novo discurso, parte reivindicatório, parte mitigador.

O coletivo faz-se sujeito de discurso reivindicatório quando disputa espaço de legitimação na sociedade local (Feltran, 2011). O fato de ouvirmos de nossos plurais interlocutores que a *própria facção não quer mais* que pessoas sejam *marcadas por eles*, que conflitos comunitários são resolvidos por *representantes de cada região*, e até a percepção não combativa de um agente da guarda municipal, que descreve a força da *facção*, mas que não a interpreta como estando *em conflito direto* com as forças de segurança, dá-nos estofa empírico suficiente para afirmar uma busca por legitimidade em curso.

De modo semelhante, a supracitada fala do guarda municipal se agrega a perspectiva de outros profissionais de segurança, que por sua vez apontam que *geralmente os crimes violentos não são atribuídos* aos coletivos. Esse discurso atenuante acaba se associando ao ainda persistente reducionismo retórico do qual lançam mão alguns gestores públicos e representantes de forças de segurança (Gomes, 2019), acabando por mitigar o poderio e a representatividade dos coletivos criminosos, especialmente impactantes ao público jovem.

Ao citar a população jovem do município, faz-se fundamental que apontemos o conjunto de fatores que argumentamos agravar a sujeição criminal relacionada ao local de origem (Misse, 1999). O fato de residirem em locais marcados ou alvos da dissuasão focalizada adotada pela gestão municipal, por si só não implica em qualquer envolvimento com coletivos criminais. No entanto, à medida que bairros passam a ser descritos como territórios controlados por *facções*, destaca-se que além da própria territorialização das práticas ilícitas, ocorre a territorialização da sujeição criminal (Misse, 1999).

A sujeição criminal, na obra de Misse, surge como um processo que incrimina os sujeitos por “serem quem são”, apontando-os naturalmente como “seres criminais” (Misse, 1999, p. 50; 59). Quando

ocorre a territorialização do tráfico de drogas e demais práticas ilícitas, potencializadas pelo reclame territorial e projeção imagética desse reclame por intermédio das marcações, o processo de sujeição criminal dos indivíduos oriundos ou residentes nesses territórios resulta fortalecido. Além dessa problemática ancorada principalmente em seus lugares de origem ou residência, ressaltamos que durante o período de guerra, os indivíduos assassinados foram em sua maioria homens jovens, com idades inferiores a 35 anos, sendo os crimes ocorridos em áreas periféricas do município (Gitep, 2019). Esses dados denotam o precoce envolvimento de indivíduos jovens em contendas entre coletivos criminais, mas também indicam um possível agravamento nas chances de outros jovens, não envolvidos com o mundo do crime, serem apontados como potencialmente perigosos.

Por fim, o que resulta dos esforços empreendidos para o aprofundamento do conhecimento acerca da origem e do contexto histórico em que foram produzidos elementos visuais e relacionais — relidos aqui como espólios simbólicos —, são argumentos que concordam com os resultados obtidos por Feltran et al. (2022) no tocante aos fatores causadores da elevação das taxas de homicídio e da queda dessas mesmas taxas. No caso analisado, a disputa pelo controle do tráfico de drogas e demais atividades ilegais foi o grande motivador da guerra, e a pacificação reclamada pelo Governo Municipal e representada pela redução dos indicadores de todos os tipos de crimes, passa em qualquer medida pela hegemonia que passaram a exercer os *Taura*, eliminando maiores disputas e imputando sua lógica disciplinar própria e estendendo-a aos territórios controlados por eles.

Os componentes metodológicos explorados ao longo da coleta de dados nos possibilitaram obter dos manifestos estáticos dispostos nas ruas por ou em nome dos coletivos criminais atuantes no município, o conteúdo neles impresso, cruzando-os posteriormente com “representações, sentidos de justiça, valores, crenças e normatividades” (Feltran et al., 2022), entre outras expressões obtidas em entrevistas



tas com atores que, seja por suas associações criminais ou por acessarem o mundo do crime via atuação profissional, interesse de pesquisa ou quaisquer outras razões, observaram a guerra, os acordos e a paz desde um estados mentais privilegiados no sentido da captação dos acontecimentos.

Das marcações aqui apresentadas, destacamos principalmente as pichações como espólio cumpridor de uma série de funções, ainda que todas essas funções tenham sido adaptadas e resultem hoje no enaltecimento afirmativo da hegemonia do *Taura*. A avaliação do formato e conteúdo das pichações fotografadas, aclaradas pelos relatos obtidos em entrevistas, permitiu que as separássemos em cinco grupos. São eles as tags das *facções*; as sobreposições; os reclames territoriais; as associações e os avisos.

Tendo em vista que *tags* são uma espécie de “assinatura”, figuram como tags de *facções* as marcações que apenas expressam o código ou sigla referente a um ou outro coletivo, inscritos em áreas variadas, sem que sejam identificados outros padrões e funcionalidades para além da indicação da presença do coletivo em determinada área, e/ou a popularização dos símbolos. Nesse modelo, não é relevante a durabilidade, servindo como superfícies as áreas fixas, móveis ou temporárias, como os tapumes externos de canteiros de obra, por exemplo. É também comum que, assim como nas tags desvinculadas ao crime, as tags de *facções* ocupem superfícies densamente demarcadas por outras tags, formando grandes murais repletos de inscrições plurais que passam também a comportar assinaturas de *facções* como parte do cenário urbano.

As sobreposições, por sua vez, representam um ideário diretamente ligado aos conflitos entre os coletivos. Essas marcações podem ser encaradas como mensagens viscerais que nesse caso específico, informavam sobre os resultados da guerra em tempo real. Ainda que num período mais recente tenham surgido novas marcações dessa natureza, essa foi uma categoria que cumpriu função mais intensa e sofria mutações mais frequentes antes de 2020.

Foram registradas, geralmente, em grandes

muros, áreas de intenso fluxo, principalmente em vias de acesso aos bairros ou em espaços localizados no primeiro quarteirão. Nesse caso, enquanto informe, essas marcações não somente comunicavam o câmbio de mando, mas também estabeleceram comunicação direta com rivais remanescentes habitando um mesmo espaço.

Costumeiramente encontrados nas vias principais ou em esquinas, logo na entrada dos bairros, os reclames territoriais são fortemente utilizados pelos *Taura*, sendo facilmente encontradas marcações que descrevem um *território dos Taura* em múltiplas áreas do município. Cumprem seu papel como *bandeira*, informando àqueles que chegam e saem, onde começa e onde termina a jurisdição do coletivo.

Menos frequentes que as anteriores, as associações são geralmente maiores em proporção, mais elaboradas e contam com mais termos. Foram dispostas em locais diversos, desde as paredes do centro da cidade até locais de baixa exposição, sem que se pudesse traçar uma linha comum para além do fato de audaciosamente vincularem nomes de indivíduos às *facções*. Ainda que os vínculos estejam codificados de modo ainda mais confidencial do que são as próprias siglas, as associações comunicam à determinados grupos — desde rivais até os programas de inteligência das forças de segurança —, uma pertença mais ou menos clara.

Os avisos são representados por marcações coerentes com essa nomenclatura. Se trata de mensagens mais ou menos claras, quase sempre escritas com linguagem coloquial, incluindo termos difundidos no âmbito dos coletivos e que cumprem anunciar alguma determinação, regra e em alguns casos, os números de artigos penais, associando-os ao nome do coletivo.

Apesar das marcações não terem hoje a mesma importância que já tiveram para os *Taura*, figurando como meros espólios simbólicos de um evento passado, a reprodução das marcações por terceiros cumpre outras finalidades que englobam também indivíduos desvinculados aos coletivos, tendo se popularizado ao ponto de tornarem-se uma espécie de

marca. Dessa marca, são extraídos modelos comportamentais referenciados pelo crime — uma espécie de capital simbólico que funciona para aqueles que desejam se vincular à uma imagem a qual acreditam inspirar medo, respeito ou ambos.

A proliferação e compartilhamento dos significados nascidos no interior do coletivo, e a adoção voluntária das características visuais estabelecidas como padrão, conotam um caminho que se assemelha ao desenvolvimento de conceitos referenciados por coletivos criminosos em outros países, como as *gangs* estadunidenses e *pandillas* centro-americanas (Klein, 1992; Sánchez-Jankowski, 1997; Bragança, 2012; Wolf, 2017; Ovalle, 2005, 2010; Rueda, 2010; Boerman e Knapp, 2017). Esses coletivos, por intermédio das produções artísticas e culturais inspiradas por suas práticas e sentidos internos, desenvolveram-se rumo ao que Shapiro (2007) nominou “artificação”, ou seja, a transformação da não-arte em arte. O monopólio das atividades criminosas e a singularização do mundo do crime, concentrada na figura do *Taz*, emite sinais de um atual movimento rumo à produção de significados *artificados*, permitindo a observação de parte do fenômeno sob a luz da hodierna conceituação de *gang culture-as-toolkit* (Moore e Stuart, 2024).

Apesar disso, o cenário contemporâneo, mesmo que ilustrado por marcações específicas e unívocas, apresenta sinais de um novo acirramento dos conflitos entre coletivos. Os homicídios em Pelotas no ano de 2023 tiveram um crescimento em comparação aos anos anteriores, seguido dos primeiros 21 dias de 2024, período no qual foi registrado o equivalente a 37,5% do total de homicídios do ano anterior.

### Referências bibliográficas

BARRETO, R.; BARROS, K. Footing, estrutura de participação e formato de produção do espaço on-line: um estudo da interação no Facebook. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**. v.25, n.1, 2021  
BOERMAN, T.; KNAPP, J. Gang culture and violence against women in El Salvador, Honduras, Guatemala. **Immigration Briefings**. Thomson Reuters, 2017.

BORGES, D.; CANO, I.; ROJIDO, E. **Avaliação de Impacto do Pacto Pelotas Pela Paz**. Laboratório de Análise da Violência. Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, 2020.

BRAGA, A.A.; WEINSBURD, D.; TURCHAN, B. Focused Deterrence Strategies and Crime Control. **Criminology & Public Policy**. Volume 17, 2018.

BRAGANÇA, M. de. A narcocultura na mídia: notas sobre um narcoimaginário latino-americano. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**. 39(37), p. 93-109, 2012.

CIPRIANI, M. Os coletivos criminais de Porto Alegre entre a “paz” na prisão e a guerra na rua. **Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS**. 2019.

CHIES, L. A. B.; RIVERO, S. M. Facções e cena criminal na Zona Sul do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Sociologia**, [s. l.], v. 07, ed. 17, p. 155-183, 2019.

COHEN, S. **Folk Devils and Moral Panics**. London: MacGibbon & Kee, [1972] 2002.

DIAS, C.; MARQUES, M. G.; NATAL, A.; POSSAS, M.; RUOTTI, C. A prática de execuções na região metropolitana de São Paulo na crise de 2012: um estudo de caso. São Paulo: **RBSP**, v. 9, n. 2, Ago/Set 2015.

FELTRAN, G. de S. Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 15, n. 30, p. 11–50, 2007.

FELTRAN, G. de S. Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. **Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, 2008.

FELTRAN, G. de S. O legítimo em disputa: as fronteiras do “mundo do crime” nas periferias de São Paulo. **Dilemas**. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. v. 1, n. 1, p. 93-126, Rio de Janeiro, 2008a.

FELTRAN, G. de S. **São Paulo, 2015: sobre a guerra**. Blog da Boitempo, 16 jun. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/06/16/sao-paulo-2015-sobre-a-guerra/> Acesso em 01/01/2024.

FELTRAN, G. et al. “Variações nas taxas de homicídios no Brasil: uma explicação centrada nos conflitos faccionais”. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Rio de Janeiro, 15: 311-348. 2022.

GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipu-**

- lação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Ed. 14, Petrópolis: Vozes, 2006.
- GOMES, S. Da ação coletiva ao crime: repertórios de movimentos sociais e facções prisionais. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 7, núm. 17, Setembro-, pp. 184-200, 2019.
- GRUPO INTERDISCIPLINAR DE TRABALHO E ESTUDOS CRIMINAIS PENITENCIÁRIOS – GITEP. **Crimes violentos letais intencionais no município de Pelotas-RS (2017-2018): uma análise a partir das notícias de um jornal local.** Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Pelotas, 2019.
- LEITE, M. da S. P. Da “metáfora da guerra” ao projeto de pacificação: favelas e política de segurança no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 6, n. 2, p. 374-389, 2012.
- LEÃO, A. L.; MELLO, S. C.; FREITAS, G. K. Usos das marcas para o alinhamento do “eu” (footing) em interações sociais. **Rev. bras. gest. neg.** São Paulo. v. 13, n. 38. Jan- Mar, 2011.
- KLEIN, M. **The american street gang.** Nova York, Oxford University Press. 1992.
- MISSE, M. Malandros, marginais, vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. 1999. **Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Uerj**, Rio de Janeiro, 1999.
- MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, São Paulo, 79: 15-38, 2010.
- MOORE, C. L.; STUART, F. ‘What Is Gang Culture? Three Conceptualizations of an Elusive Concept’. *In*: PYROOZ, D. C., DENSLEY, J. A.; LEVERSO, J. (eds), **The Oxford Handbook of Gangs and Society**, Oxford Handbooks, 2024. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197618158.013.19>, acesso 30 Jan. 2024.
- OVALLE, L. P. Entre la indiferencia y la satanización. Representaciones sociales del narcotráfico desde la perspectiva de los universitarios de Tijuana. **Culturales**, 1, 63-89, 2005.
- OVALLE, L. P. Construcción social del narcotráfico como ocupación. **Revista CS online**, jan-jul, 2010. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=476348368004>. Acesso em 01/01/2024.
- PEREIRA, M.; GASTALDO, E.; VIEIRA, A. O legado de Goffman aos estudos de interação social. Veredas – **Revista de Estudos Linguísticos**. v.25, n.1, 2021.
- RODRIGUES, F. de J. “Corro com o PCC”, “Corro com o CV”, “Sou do crime” Facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n.35 (102). 2020.
- RUEDA, S. Uma línea de polvo: arte y drogas em Colombia. **CALLE14**. V. 4, n. 4 – enero-junio, 2010.
- SÁNCHEZ-JANKOWSKI, M. As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana. **Rev. bras. Ci. Soc.** v.12 n.34 São Paulo jun. 1997.
- SHAPIRO, R. Que é artificação? **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 135-151, jan./abr. 2007.
- SILVA, Luiz Eduardo Lopes. Desentoca o arsenal!: A estrutura de sentimento na guerra de facções, analisada a partir do proibidão. **Leitura: Teoria e Prática**, vol. 37, pp. 93-110, 2019.
- WOLF, S. **Mano dura: The politics of gang control in El Salvador.** University of Texas Press, 2017.

## O reflexo do medo: a imagem das milícias como sinônimo de violência a partir de um conflito simbólico ocorrido na Zona Sul do Rio de Janeiro

André Luiz Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** o artigo aborda, a partir de um estudo de caso, uma situação de conflito diante da oferta de segurança privada à moradores de uma vizinhança na Zona Sul carioca. O objeto estudado é a classificação, por parte de moradores, dessa oferta de segurança como uma iniciativa miliciana. Com base nisso, discute-se as possíveis metamorfoses dos signos difusos de perigo social na gramática da violência urbana carioca. Assim, os principais objetivos do trabalho são analisar o que o medo despertado pelas milícias produz em termos de sociabilidade em um determinado local, quais suas implicações em termos de temporalidade e suas relações com as representações sociais da violência urbana. O texto insere-se nas discussões que estudam a violência urbana a partir de suas múltiplas manifestações práticas, com o intuito de demarcar o medo como uma categoria analítica útil para esse propósito.

**Palavras-chave:** Medo; Violência urbana; Milícias; Rio de Janeiro

### The fear reflex: the image of militias as synonymous with violence from a symbolic conflict occurred in Rio de Janeiro's South Zone

**Abstract:** this article addresses, through a case study, a conflict situation arising from the provision of private security to residents of a neighborhood in the South Zone of Rio de Janeiro. The study focuses on residents' classification of this security provision as a militia initiative. Based on this, the article discusses the potential transformations of diffuse signs of social danger within the grammar of urban violence in Rio de Janeiro. Thus, the main objectives of the study are to analyze the sociability effects produced by the fear aroused by militias in a specific location, their implications in terms of temporality, and their relationships with social representations of urban violence. The text contributes to discussions that examine urban violence through its various practical manifestations, aiming to establish fear as an analytical category useful for this purpose.

**Keywords:** Fear; Urban violence; Militias; Rio de Janeiro

#### Introdução

Sem ordem cronológica, tá? Um dia, às 21:30h da noite, a gente descobriu que uma empresa, uns homens vestidos de preto, com cachorro, com uma águia e [...] aí chegaram com uma... ostensivo, com um caminhão com uma guarita, desceram uma guarita e uma cancela e chegaram a instalar. Aí um auê, baixou todo mundo, a sorte que nós temos aqui vários procuradores e promotores democratas, não tô falando nem que sejam de esquerda. Aí “que história é essa?”, um vai e vem, maior confusão, chamamos a polícia. Eles não tinham alvará da Prefeitura. Aí a gente fez tanto escândalo que eles tiveram que retirar tudo. (CIDA)

A cena da epígrafe é descrita por Cida<sup>2</sup>, uma moradora do entorno da General Glicério, uma vizinhança de Laranjeiras, bairro localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, palco do conflito discutido neste texto. O fato que guiará as reflexões ocorreu no início de dezembro de 2017. Em síntese, diz respeito à disputa entre os moradores do local sobre a tentativa de privatização da segurança no ambiente. Uma empresa de segurança privada, durante à noite, havia instalado uma cancela fechando a entrada da rua, acompanhada de uma viatura, colocando homens uniformizados circulando pela região. A águia, citada por Cida, seria o emblema da empresa, estampada nas viaturas e nos uniformes.

O cerne do conflito é, sobretudo, simbólico, pois é a associação da empresa privada e seu modo de operar com as atividades “características” das milícias que movimentaram as ações dos moradores contrários ao estabelecimento dos serviços. A violência urbana, experimentada e representada socialmente na região, orientou as ações contrárias e a favor da privatização da segurança no local. O principal objetivo é, a partir desse conflito, trabalhar o que o medo (das milícias, no caso) produz em termos de sociabilidade,

<sup>1</sup> Pesquisador do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU), parte do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É doutorando em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFRJ, mestre em Sociologia e graduado em Ciências Sociais (bacharel) pela mesma instituição.

<sup>2</sup> Todos os nomes foram trocados para evitar a identificação dos entrevistados e garantir o anonimato prometido antes das conversas.

quais suas implicações com o tempo e suas relações com as representações sociais da violência urbana. Com esse intuito, o ocorrido é construído como um estudo de caso diacrônico (GERRING, 2007).

O medo, núcleo simbólico do conflito, possui uma multiplicidade de significados, sendo mais difundida sua definição como uma reação emocional capaz de mobilizar aspectos fisiológicos do corpo. Desse modo, sua autoridade científica é quase sempre associada às disciplinas que estudam a natureza. Contudo, ao entender que a construção do medo como um objeto de pesquisa é uma mediação entre o fenômeno e seu estudo sociológico, o medo passa a ser uma categoria analítica acessada de formas distintas, a depender de como o pesquisador pretende trabalhá-la (SOARES, 2024). Esse entendimento coloca-se contrário a uma definição unívoca sobre o medo, ampliando sua potencialidade para a análise do social. Em Soares (2024), abordando especificamente o “medo do crime”, apresento um gradiente analítico no qual o medo poderia ser estudado como uma emoção-choque, reativa e centrada em seus aspectos fisiológicos; uma emoção construída socio-culturalmente, de modo a articular aspectos da interação social e dos discursos; ou, por fim, como uma representação social, em que seus signos sobre um perigo difuso oferecem sentido para ações cotidianas e são ressignificados por elas. Neste texto, articulo essas duas últimas instâncias do gradiente com a intenção de discutir três eixos centrais: temporalidade, medo e violência urbana.

O artigo está estruturado em mais quatro seções além desta introdução. A seguir, discute-se aspectos teórico-metodológicos responsáveis por construir a realidade observada como um objeto de pesquisa. A terceira seção argumenta que há indícios de uma metamorfose em curso na forma de sintetizar o perigo despertado pela violência urbana carioca a partir de um personagem recente da dinâmica criminal da cidade: o miliciano. A quarta seção busca entender quais transformações ocorreram para que as milícias fossem mais associadas com o perigo do que com a segurança. Por fim, nas considerações finais, o intuito é inscrever o medo como um agente ativo de mudanças nas representações sociais da violência e uma ferramenta relevante para compreender as temporalidades envolvidas e sobrepostas nessas metamorfoses.

### A construção do objeto de pesquisa

Neste artigo, as entrevistas com os moradores do entorno da General Glicério buscam rememorar o conflito, observando o contato entre distintas tem-

poralidades enquanto emergem as memórias. Assim, é necessário refletir sobre algumas possibilidades de trabalhar a história nas ciências sociais.

“Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado” (POLLAK, 1989: 8). Contra os fatos históricos de uma historiografia descritiva, Benjamin (1985) argumenta que o historiador acessa apenas o contato entre o presente e o passado, é só a partir da “coloração” do primeiro sobre o último, como diria Pollak (1989), que alguns fatos são considerados históricos. Ainda segundo Benjamin, “o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo” (1985: 232). Desse modo, para ambos os autores, o presente é um elemento-chave de construção da interpretação do passado. É o presente que estabelece as memórias oficiais e subterrâneas, os esquecimentos, os silêncios, e também, como veremos, os medos.

Inspirada pela visão interpretativista de Clifford Geertz, para Elizabeth Jelin (2017), o exercício de revisitar um período histórico é um exercício de ressignificação. De acordo com a autora, é necessário falar de memórias sempre no plural, já que elas possuem cada uma sua história e se desenvolvem em múltiplas temporalidades. “Surgen como recuerdos, como silencios, o como huellas en momentos históricos específicos, en función de los escenarios y las luchas sociales propios de cada cultura” (JELIN, 2017: 8). A conjuntura, o presente, assim como para Benjamin (1985) e Pollak (1989), e sua consequente implicância na contingência dos atores sociais, temas e cenários envolvidos em cada tempo, conferem um caráter dinâmico aos sentidos do passado e de suas memórias. Desse modo, “hablar de memorias significa hablar de un presente” (JELIN, 2017: 13). Tais memórias seriam, portanto, objetos de lutas sociais e políticas por sua significação. Eventos capazes de desestabilizar o ordinário, como o da General Glicério, se tornam “memoráveis”. As lembranças implicam que o sujeito desestabilizado pela interrupção de seu cotidiano associe imagens e objetos para sistematizar uma narrativa passível de comunicação. No entanto, seja na vida cotidiana ou nas excepcionalidades, as memórias são seletivas, não há como recordar de tudo, elas pressupõem esquecimentos e silêncios, que são elementos centrais dessas memórias (JELIN, 2017).

Nesse sentido, o caso da General Glicério, poderia ser entendido como um *evento crítico* (DAS, 2020). Esse conceito busca entender antes as relações e as experiências das pessoas imersas nessas circuns-

tâncias do que o próprio *evento*. A desestabilização do cotidiano, que pode ser normalizado mesmo na *crise*, implica novos repertórios de ação (MBEMBE; ROITMAN, 1995). Dessa forma, o modo como o medo é trabalhado neste texto demonstra as mudanças na sociabilidade e a forma pela qual os sujeitos se relacionam com as representações sociais do mundo em que vivem. Ao observar as relações produzidas pelo medo no caso da General Glicério, a constituição do conflito a partir do *evento*<sup>3</sup> só acontece por conta da inteligibilidade proporcionada por processos sociais que já estão em curso, evidenciando suas metamorfoses, como veremos adiante. Assim, não parece se tratar de um *fracasso da gramática do cotidiano* (DAS, 2020), mas de um reforço à *gramática da violência* (MACHADO DA SILVA, 2010), que fornece os parâmetros de sentido da ação e, principalmente, inteligibilidade para o caso aqui estudado. Entretanto, embora o *evento* da General Glicério não seja um exemplo de violência extrema, como os trabalhados por Das (2020), é por conta da *acumulação social da violência* (MISSE, 2022) que ele adquire um potencial<sup>4</sup> ameaçador disruptivo, sintetizado pelo medo. Esse potencial é vivido no presente, no conflito – foco deste texto –, mas, ao se fazer uso do medo como uma categoria analítica, será possível notar a imbricação dele com o passado e o futuro na fabricação desse *evento crítico* (DAS, 2020).

Essa regressão teórico-metodológica serve para balizar a construção do conflito como um objeto de pesquisa sociológico. A dimensão do tempo é fundamental para entender como as memórias acontecem; como o medo relaciona distintas temporalidades; e, por fim, como a violência urbana se transforma a partir da observação de processos sociais de longa duração. São diferentes tempos os responsáveis pela interação entre as memórias, as emoções e as representações sociais.

Para acessá-los, o texto utiliza notícias de jornais e três entrevistas<sup>5</sup> com moradores da região como material de reflexão, nessas últimas, a intenção era ouvir o que havia acontecido nos dias anteriores e seguintes ao *evento*, mas também notar que memórias e associações simbólicas eram despertadas pelo assunto. Uma das entrevistas aconteceu no meio da feira semanal da General Glicério, com a responsável por uma banquinha de “discussão política”, que distribuía informações partidárias e desejava debater a conjuntura em torno de um ex-presidente. Cida parecia desconfiada de início, mas me deu uma chance

por conta de uma pessoa da região que havia me recomendado: o Mauro, que era amigo de uma amiga de Cida. Mauro, um técnico da prefeitura do Rio, me recebeu dentro de sua sala em um instituto municipal, de início parecia desconfortável em tratar do assunto, era fim de expediente e havia uma estagiária na sala. Contudo, no desenrolar da conversa, abordou com profundidade os temas sugeridos. Provavelmente, Mauro só tenha aceitado falar comigo porque havia prometido à minha orientadora na época, de quem é amigo, que conversaria sobre o assunto. A primeira das entrevistas foi com um professor de pós-graduação, Santiago, em sua sala, dentro de uma Universidade Federal localizada na cidade do Rio de Janeiro, e apesar do espaço ser compartilhado, durante todo o encontro estivemos a sós. Santiago não hesitou em gravar a conversa, parecendo muito à vontade com minha presença e com as perguntas.

### Uma nova face para o “fantasma” da violência urbana?

O conflito na General Glicério é uma oportunidade pertinente de olhar para uma realidade específica, a carioca, em que o cotidiano indica formas de experimentações, expressões e interações mediadas pelo medo. Essas sociabilidades foram observadas nas entrevistas e notícias de jornais, ambas descritas e discutidas a seguir.

Santiago conta que a história, para ele, começa quando, uns dias antes do evento, *em um espaço de tempo não tão bem definido*, uns homens com roupas que simulavam a estampa militar estavam passando porta a porta, anunciando fazerem parte de uma empresa de segurança privada. Dias depois, teria sido apresentado aos moradores uma espécie de panfleto, algo que esses homens chamaram de “mapa de vulnerabilidade do bairro”, com um desenho/fotografia aérea da rua e teriam dito que gostariam de marcar uma reunião com todos os moradores no consulado da França. O objetivo do encontro seria apresentar a experiência internacional da empresa e seus serviços. Tudo ocorreu de noite, e no mesmo período do dia, em uma sexta-feira, pelo que se lembra o professor, ocorreu a tal oferta ostensiva de segurança com cancela, guarita, viaturas e homens uniformizados. Seria um teste-grátis de 15 dias, chamado pela empresa de “degustação de segurança”, com o intuito dos moradores avaliarem seus serviços. A partir do *evento*, se desenrola o conflito e a posterior interpeção dos moradores à empresa privada. Essa oferta

3 O *evento*, nesse caso, seria a oferta de segurança privada. O conflito seria o que ocorreria a partir disso, já como uma forma de sociabilidade produzida pelo *evento*.

4 Segundo Das (2020, p. 31), potencialidade é algo que já está presente.

5 Realizadas entre novembro e dezembro de 2019.

estava prevista no panfleto e iria anteceder a reunião no consulado, mas o professor conta que *a forma* como tudo ocorreu gerou uma reação de preocupação.

Contextualizando, Santiago diz que no dia da confusão com a empresa, ele conversou com uma síndica de um condomínio local e ela contou que um dos prédios dali havia tido uma experiência traumática, um sequestro ou algo similar, e haviam levantado a possibilidade de uma empresa privada fazer a segurança do local. Outras situações teriam feito parte de associações com esse *evento*.

O tipo de atividade criminal, segundo Santiago, estava diferente *pré-evento*. Ele cita arrastões, aumento de assaltos, e *explosões em bancos*, achando tudo isso muito esquisito. O diferente, para ele, era a percepção de ocorrências criminais que não eram comuns. Nesse sentido, de acordo com Santiago, havia um clima de atenção sobre essas situações e isso mobilizou os moradores a *suspeitarem* dessa oferta de segurança. Ao longo de quase uma hora de conversa, o professor deixou claro de que ele mesmo havia sido um dos articuladores da possibilidade, em discussões com outros moradores, de que isso talvez fosse *uma estratégia de ocupação da milícia*. No dia do ocorrido, de acordo com Santiago, a empresa privada só foi expulsa da vizinhança mediante o exercício da autoridade de um morador, desembargador de justiça, que obrigou a empresa a mostrar uma autorização para estar no local e, em caso de negativa, chamaria a polícia. Por isso, eles teriam indo embora.

Santiago traz em seus relatos um elemento central deste texto: a relação do medo com distintos tempos. Através da lembrança, é possível notar como representações sociais que causam temor se associam com acontecimentos em um tempo desestabilizado pela interrupção do cotidiano, e, simultaneamente, reforçam processos sociais em curso. Assim, aproximando o extraordinário do ordinário, o medo, como uma emoção construída socioculturalmente, demonstra-se fecundo para evidenciar as conexões entre um passado sedimentado socialmente, um presente em conflito, com disputas de sentidos, e uma expectativa de futuro negativa.

Como em outros trabalhos (SOARES, 2021; 2024), a forma sociológica que articulo o medo com a violência urbana é abordando, na prática, ambas as categorias como *representações sociais* (MACHA-

DO DA SILVA, 2004; MISSE, 2022; PORTO, 2006). Essas representações são definidas como *blocos de sentido* (PORTO, 2006) compartilhados cujas significações tecidas permitem compreender a sociedade. Ao se associar a essa linha de pensamento, não há definição puramente objetiva para a violência, mas ações *classificáveis* como violentas (WERNECK, 2012). Nessa discussão, interessa de forma particular o conceito da *acumulação social da violência* (MISSE, 2022), que sugere uma incorporação acumulativa e cíclica da violência nas representações sociais. Essa sedimentação histórica atribui signos de um perigo difuso que Misse (2022) chamou de *“fantasma” da violência urbana*. Tal noção, somada à de *sociabilidade violenta*<sup>6</sup> (MACHADO DA SILVA, 2004), tida como uma representação típica-ideal (WERNECK; TALONE, 2019) em processo de racionalização econômica (MACHADO DA SILVA; MENEZES, 2019), traz à vida social dos cariocas uma *gramática da violência* (MACHADO DA SILVA, 2010) que converge signos de um perigo difuso. Os atores sociais, então, compartilham dessa *gramática*, a mobilizam e a reescrevem no curso diário de suas vidas.

No *evento* da Rua General Glicério, a *classificação* da ação da empresa de segurança privada como *milicianiana* promove uma série de sociabilidades, inclusive, estratégias de ocupação do espaço ditas “democráticas”<sup>7</sup>. Não importa, para este artigo, se a empresa seria ou não, de fato, uma espécie de milícia, mas sim o fato das pessoas terem acreditado que poderia ser. O conflito seria, assim, uma boa oportunidade de retomar as metamorfoses do *“fantasma” da violência urbana* que, segundo Misse (2022), já se transformou ao menos três vezes. Essas mudanças sempre tiveram um personagem da dinâmica criminal que permitisse caracterizá-las: o malandro, o marginal e o vagabundo. Como um ator social consolidado a partir dos anos 2000, as milícias poderiam sintetizar uma nova dinâmica da violência urbana através de sua imagem? A ideia, portanto, é respeitar a sugestão de Becker (2008) e deixar o caso estudado definir as categorias analisadas, acatando sua generalidade empírica e sua condição relacional diante dos personagens presentes na *acumulação social da violência* (MISSE, 2022).

Foi denunciando, colocando coisas desse tipo. Eu mesmo tô falando isso a partir da fala das pessoas. Não era uma coisa assim “ah, nós não queremos pagar”, “tá caro”. Não. O que apare-

6 A sociabilidade violenta é um tipo-ideal que trata da emergência de um individualismo egoísta circunscrito ao Rio de Janeiro (Machado da Silva, 2004). Os portadores desta sociabilidade egoísta seriam os “bichos-loucos” do tráfico, aqueles que usam o recurso da violência sem uma justificativa moral (Idem). Atualmente, esses portadores da sociabilidade violenta estariam perdendo centralidade no “mundo do crime”, em um processo de racionalização econômica sobre o uso da violência, cada vez mais entendida como onerosa para os negócios das empresas do tráfico (Machado da Silva; Menezes, 2019).

7 Os próprios moradores usaram esse termo nas entrevistas.

cia era que nós somos, em princípio, contra esses serviços prestados dessa forma, entendeu? “Já sabemos, isso é milícia!”. Isso foi usado, isso foi falado. [...] Esse caráter, assim, *organizado, bem profissional* ele é ... também acho que espantou muito né. E também a maneira como eles chegaram né, pelo que as pessoas relataram ali. O fato deles irem primeiro nos síndicos, *vendendo lá a proposta deles, conseguindo algum tipo de apoio* pra se instalar ali, *uma autorização tácita*. [...] Tudo isso demonstrava que havia uma organização por trás daquilo. Podia ter característica mesmo de uma entrada da milícia na Zona Sul. Se você reparar bem, até hoje a milícia não chegou à Zona Sul. *E ficou todo mundo preocupado que aquilo fosse a porta de entrada, entendeu?* (MAURO, *grifos meus*).

Mauro não lembra se foi em cartaz ou uma faixa, ou se foi pelas redes sociais que viu uma convocação para uma reunião na Praça do Choro sobre o ocorrido. Ele, que mora numa rua próxima, resolveu ir, para tentar saber do que se tratava e discutir. A associação dos moradores estava presente, mas a reunião, segundo Mauro, parecia espontânea. O que ele soube foi que uma empresa estaria tentando complementar seus serviços de segurança na região.

A região tem uma característica [em referência ao aspecto territorial], foi uma ocupação urbana que foi planejada, um loteamento. Era chamado de Jardim Laranjeiras. Tem alguma semelhança com um condomínio, a característica (MAURO).

Ele acha que, devido a essa configuração territorial, a empresa se interessou pelo local. Assim, de acordo com as informações de Mauro, a empresa teria buscado alguns síndicos e conseguiu uma autorização para pôr um estande na praça, fazendo propaganda dos serviços, mostrando o projeto para região, fazendo panfletos, ou seja, tentando sensibilizar os moradores. O interlocutor lembra que essa era uma época em que estavam ocorrendo registros de crimes não muito comuns ali. Na reunião cujo técnico participou, após o conflito noturno, o tema mobilizado pelos moradores era de que esse tipo de ação da empresa poderia ser identificado como uma *atividade miliciana*. Segundo Mauro, eram esses os termos utilizados na reunião, que teve cerca de 100 pessoas (MEROLA, 2017). E o que foi debatido e alertado era que se começava assim, *vendendo segurança, tendo que pagar uma taxa*.

De acordo com Bottari, Niklas e Merola (2017), os custos mensais dessa segurança privada seriam de cerca de 60 mil reais por mês; os moradores foram informados que isso seria cobrado diretamente dos condomínios. Alguns moradores se mobilizaram, e, dentre esses, houve resistência aos

serviços. Os que falaram na reunião supracitada, segundo Mauro, eram sempre contrários aos serviços privados oferecidos, algo reforçado pela cobertura jornalística (MEROLA, 2017). Mauro chegou até mesmo a estranhar o porquê de tanta resistência, diante da situação de ineficácia do Estado de garantir a ordem pública, a população tende mesmo a comprar segurança, porteiros, guaritas, cancelas, dizia ele. Mas contataram o Batalhão de polícia da região, começaram campanhas contra e a empresa se retirou de modo definitivo.

A cidade passa por uma onda de violência, mas o aumento de criminalidade aqui é esquisitíssimo. Tem assalto, arrastão, coisas que nunca ocorreram. E aí, do nada, surge uma empresa para ser salvadora. E quando não quisermos mais essas pessoas aqui? Quem vai tirá-las daqui? - disse um morador da Ortiz Monteiro, que prefere não ser identificado (MEROLA, 2017).

Antes surpreso com o repúdio à ideia, Mauro se disse convencido quando foram discutidos os *perigos* que uma iniciativa como aquela traria para a vizinhança.

Quando ouvi as colocações pensei, é ... eles têm razão. A gente não pode permitir isso aqui porque é, hum ... muito perigoso, entendeu? Torna-se algo muito perigoso, muito mais perigoso, às vezes, do que os assaltantes da rua, é você ter um tipo de serviço desse, prestado dessa forma, entendeu? Porque pode ser o início de uma quantidade enorme de extorsões, de cobranças, de exigências, entende? (MAURO).

Esse momento de classificação desses serviços de segurança privada como uma atividade miliciana é um encontro simbólico viabilizado pelo aspecto acumulativo, do ponto de vista social, da violência. Segundo Misse (2022), os personagens capazes de assombrar o cotidiano da cidade carioca já se modificaram algumas vezes na história. Essas transformações fantasmagóricas da violência tinham um lastro que se modificou das simples contravenções aos crimes violentos perpetrados no contexto do varejo do tráfico de drogas. A desconfiança dos moradores da General Glicério evidencia novas metamorfoses na *acumulação social da violência* (MISSE, 2022) do Rio de Janeiro. A privatização profissional da segurança passa a ser passível de temor por conta da emergência de importância das milícias, um personagem que se fortalece a partir dos anos 2000 na dinâmica criminal carioca (ZALUAR; CONCEIÇÃO 2007; CANO; DUARTE, 2012; HIRATA *et al.*, 2021). Apesar de a Zona Sul do Rio de Janeiro ser a única região da metrópole onde esse ator social não possui domínio territorial publicamente compro-



vado<sup>8</sup>, paradoxalmente, essa seria a região que mais teme as milícias (LIMA, 2019).

O conflito da General Glicério, nesse sentido, dá indícios de que esses grupos armados começam a disputar espaço nas representações sociais do medo compartilhadas pelos moradores de regiões que não experimentam ou experimentaram seu domínio. Os rumores são um elemento metodologicamente interessante (MENEZES, 2014) para se notar como essas associações, impelidas por um momento de desestabilização do cotidiano, são feitas entre os âmbitos da interação e da representação social do medo; de um lado, essa emoção é produtora de sociabilidades e, do outro, é base para interpretação dos sentidos das ações, respectivamente. Para Das (2020), os rumores, a partir de seu nexos temporal com o passado, permitem atualizar figuras aterrorizantes e fantasmagóricas em novos *eventos* (VIANNA, 2020: 8).

“Ah, isso é o pessoal da milícia que tá fazendo isso”. “Ah, não sei aonde, num bairro dos meus parentes”... Sempre eram assim os boatos que dizem que eles [*a milícia*] começavam assim, daqui a pouco iriam tomar conta da TV a cabo e outros serviços. Iam cobrar taxas pra quem fosse alugar. Uma boataria de que em outros lugares eles tinham agido de forma parecida, mas nada comprovado, nem que eles fossem da milícia mesmo, podia ser simplesmente uma empresa de segurança. [*Mas isso teve uma efetividade né?* - Entrevistador] Teve, isso segurou, realmente. Eu mesmo, na hora que associaram à milícia, aí eu é ... realmente, tem características muito semelhantes mesmo, pode ser, tá? Então, não, de jeito nenhum, não quero, sou contra. Talvez se fosse de uma forma diferente ia aceitar né, talvez não fosse beneficiado diretamente, que nem morava lá, mas achava que era uma ideia aceitável. Mas mobilizou algumas pessoas de fora, que não moravam ali pra discutir coisas que estão no seu bairro, na sua cidade. Foi isso que me motivou, que me deu ânimo de ir nas conversas (MAURO, *grifos meus*).

Santiago, de forma similar à de Mauro, afirma que a maneira como as coisas aconteceram possibilitou associações perversas sobre a índole da empresa. *A forma que chegou não bate com o espírito do bairro* (SANTIAGO). Os jornais, inclusive, mostram que alguns moradores apoiaram a ideia, mas não foram páreos diante do medo ocasionado pela *assombração miliciana*.

A gota d'água foi um sequestro-relâmpago de uma idosa, obrigada por bandidos a comprar

produtos e fazer saques em caixas eletrônicos. Ouvimos relatos de uma situação muito traumática. Procuramos a empresa, que é especializada em protocolos de segurança, para montar uma vigilância apenas para inibir a criminalidade, não para coibir o direito de ir e vir de ninguém. Mas ficamos assustados com a reação horrível e violenta de pessoas do bairro<sup>9</sup> (BOTTARI; NIKLAS; MEROLA, 2017: online).

Minha filha foi roubada alguns dias atrás com uma arma apontada para a cabeça. Aqui acontece de tudo, arrastões, sequestros-relâmpagos, roubos de carros. Enfrentamos problemas todos os dias e a qualquer hora. Alguma medida precisa ser tomada<sup>10</sup> (BOTTARI; NIKLAS; MEROLA, 2017: online)

Lamento o impasse. Não sei se vigilância privada é a melhor solução, no entanto, não dá mais para essa parte de Laranjeiras continuar assim. Ficaria feliz de ver o pessoal que se mobilizou para impedir a instalação das guaritas fazendo também um movimento para acabar com os assaltos<sup>11</sup> (BOTTARI; NIKLAS; MEROLA, 2017: online).

Diante da assombração de uma possível tomada de controle pela milícia, foi fundado o “Laranjeiras solidária”, uma associação fruto da mobilização espontânea em torno do conflito, para discutir violência e ocupação urbana. *Entendemos que a segurança passa pela ocupação do espaço público [...] Quando você frequenta um lugar, você perde o medo* (CIDA). De acordo com Cida, o “Laranjeiras Solidária” fez um levantamento para ver todas as mazelas que caracterizam a desorganização do espaço público, como a iluminação, por exemplo. E incentivou uma série de ocupações, caracterizadas por ela como *democráticas*, dos espaços; feiras de livros e uma horta comunitária são alguns exemplos. A iniciativa, fruto de *processos de investigação* coletivos, poderia ser vista como forma de agir comunitariamente diante de indeterminações produzidas no cotidiano carioca (MANO; MENEZES, 2021). *Não queremos uma segurança patrimonial, queremos uma segurança para as pessoas* (CIDA). Cida, por sua vez, amplia a noção de *espírito do bairro*, trazida na entrevista com Santiago, ela acredita que nem se chegasse de outra forma a empresa de segurança privada conseguiria se estabelecer.

Esse é um bairro inclusivo ... tem um camelô que fica aqui a noite toda e sei que posso vir aqui à noite porque eu conheço ele, então, é um bairro que tem uma construção solidária, é um bairro

8 Link para o mapa interativo: <https://erickgn.github.io/mapafca/>. Me baseio neste mapa para indicar que não há um território na Zona Sul do Rio de Janeiro que caracterize uma área de milícia (Araujo, 2017).

9 Um dos síndicos da região ao O Globo – 06/12/2017.

10 Uma síndica da Rua General Glicério ao O Globo – 06/12/2017.

11 Moradora da Rua Professor Ortiz Monteiro ao O Globo – 06/12/2017.

inclusivo, e essa guarita ia fazer o quê? Ia acabar com isso, ia criar um gueto (CIDA).

No *evento* da General Glicério, há um tema não desenvolvido, mas que necessita ser em trabalhos futuros: a dimensão política do medo. Laranjeiras, como os entrevistados sugerem em determinados momentos, é um bairro *sui generis* mesmo dentro da realidade da Zona Sul carioca. É de conhecimento popular que o bairro é um reduto de esquerda na cidade, algo evidenciado pelo desempenho de candidatos progressistas nas eleições mais recentes, seja à nível municipal, estadual ou nacional (CORTÊS; 2018; ROCHA, 2018). Existem também explicações históricas para essa característica singular do bairro, uma delas se baseia em dois *booms* imobiliários. O primeiro demarca a mudança na forma de ocupação ocorrida ainda no século XIX, passando pelas casas de campo da nobreza, pelo crescimento da infraestrutura urbana por conta desses moradores, até o loteamento dos terrenos herdados e vendidos a preços elevados (CORTÊS; 2018). A segunda, já no século XX, evidencia as mudanças populacionais trazidas pela instalação de uma das maiores fábricas de tecido do país no bairro e seu posterior loteamento, principalmente na Rua Pires de Almeida, que favorece, nos anos de 1940, à chegada de professores, artistas, intelectuais e profissionais liberais na região (CORTÊS; 2018). Em termos de associativismo comunitário, foi em Laranjeiras, durante o período da ditadura militar, que uma das primeiras associações de moradores surge na cidade em meio à resistência das Casas Casadas, tombada em 1979 em razão da luta por sua manutenção (CORTÊS; 2018). Hoje, o bairro conta com a Associação de Moradores e Amigos de Laranjeiras (AMAL), conhecida por ser atuante.

Assim, as *lógicas do medo*, isto é, as estratégias que as pessoas utilizam para gerenciar o medo frente à uma ameaça social (VILLARREAL, 2022), como a violência, tanto depende das condições sociais desiguais de recursos para lidar com o medo (VILLARREAL, 2022), como das orientações políticas dos atores envolvidos; nesse caso, em relação ao *fazer a cidade*. O *evento* da General Glicério torna-se paradigmático por sua singularidade ao evidenciar uma disputa em relação à cidade e a possibilidade de estratégias progressistas para gerenciar o medo no espaço urbano, mesmo que sua observação tenha sido feita a partir de uma vizinhança *sui generis* e não signifique que toda a cidade do Rio de Janeiro ou a Zona Sul em sua totalidade compartilhem do medo das milícias, muito menos com a forma de enfrentá-lo. É preciso notar que a privatização dos espaços, seja com condomínios ou cancelas nas ruas,

é um fenômeno comum das cidades onde a violência torna-se uma ameaça (CALDEIRA, 2000), inclusive outros bairros da Zona Sul têm modelos de segurança privada similares ao que foi rejeitado na General Glicério. Aliás, é por conta de alguns moradores entenderem que a privatização da segurança seria uma estratégia válida para lidar com o problema que se tem início o *evento* tratado neste texto, mas a especificidade do *conflito*, cerne das discussões aqui desenvolvidas, está no encontro simbólico que faz dessa possibilidade uma fonte de medo ainda maior.

*Ter eles aqui daria mais medo. Dá muito mais medo. Você não sabe quem são as pessoas que estão ali, que teste que fizeram, pessoas armadas que vem assim... pelo menos a gente sabe que na PM tem controle, tem treinamento, tem direção, tem um comandante, agora você bota umas pessoas armadas na porta da sua casa, você não sabe quem é, quem contratou, como contratou, quem são ... Isso é um temor (CIDA, grifos meus).*

Nos jornais, a empresa teve oportunidade de se pronunciar.

Somos uma empresa que trabalha com protocolos internacionais de segurança, cuidando inclusive de consulados. *Não somos clandestinos, milicianos*. Não impedimos ninguém de ir e vir nem trabalhamos com segurança armada. Usamos protocolos que dão visibilidade e inibem delitos (Presidente da empresa de segurança privada ao O Globo, *grifos meus* – 06/12/2017).

Entre 2002 e 2016, houve um crescimento de cerca de 75% das empresas de segurança privada no Brasil (BARCELOS; BARROS, 2017 apud ARAUJO, 2017). De acordo com Araujo (2017), o medo dos traficantes, responsáveis pelo varejo da droga, e, possivelmente, sua associação com o *bicho-louco* (MACHADO DA SILVA, 2004) como parte da representação típico-ideal da *sociabilidade violenta* (WERNECK; TALONE, 2019) que compõe a *gramática da violência* (MACHADO DA SILVA, 2010) carioca, é a principal justificativa para um conjunto de moradores enxergar a privatização da segurança como uma saída positiva, mesmo que isso signifique, em algumas circunstâncias, estar sob o domínio das milícias. Seu ponto de análise é a Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde a ocupação urbana deu-se por uma busca da *tranquilidade* e fuga da violência que, segundo seus interlocutores, já havia tomado de conta das outras zonas da cidade. Para a autora, quando há a justaposição, de um lado, entre o controle dos mercados de segurança, habitação e serviços e, de outro, as conexões com a rede de política institucionalizada, emerge uma área de milícia (ARAUJO, 2017: 144).

No *evento* da General Glicério, na Zona Sul, o

medo de invasão externa está relacionado com a representação social das milícias, o que se distingue da Zona Oeste, onde é a figura do tráfico que assombra os moradores e permite as milícias usarem da proteção como uma *mercadoria política* (ARAUJO, 2017; MISSE, 2022). A “milícia”, como fonte de medo, perde, assim, uma de suas formas de legitimidade social, necessária para seu estabelecimento em uma região, que era o medo difuso sobre a possibilidade de agentes “portadores da violência”, geralmente do tráfico, exercerem controle e domínio em determinado lugar. Nesse sentido, as milícias passam a ser parte do “*fantasma*” da *violência urbana* (MISSE, 2022), configurando um paradoxo sobre uma de suas bases de legitimidade que, segundo Araujo (2017), seria *o medo de se viver sob o medo*.

### As mudanças de imagem das milícias na cena criminal carioca

Nesta seção, o objetivo é entender as transformações das representações sociais das milícias no tecido urbano carioca. E, conseqüentemente, compreender quais mudanças foram essenciais para que sua atuação fosse relacionada antes à violência do que segurança e/ou proteção. Indicando, assim, que sua imagem reflete uma metamorfose em curso do “*fantasma*” da *violência urbana* (MISSE, 2022).

No contexto carioca, as milícias, no princípio da formulação de sua imagem social, surgem como um “mal menor” diante da imagem já consolidada sobre as mazelas trazidas pelos *bandidos* que atuavam no varejo dos mercados ilegais de drogas. Entretanto, atualmente, são vistas como *o maior dos males* (WERNECK, 2015). Essa comparação com o tráfico foi uma das bases para legitimação de sua atuação, seja por moradores, políticos ou até agentes de segurança (CANO; DUARTE, 2012; WERNECK, 2015). Ainda que, segundo a forma de domínio e os mercados ilegais dominados, seja cada vez mais difícil diferenciar a atuação entre tráfico e milícias, essa comparação segue importante porque os agentes do estado, que participam das milícias e diferenciam esses grupos dos outros (HIRATA *et al.*, 2021), não compartilham dos processos sociais envolvidos na *sujeição criminal* (MISSE, 2010; 2022). Além disso, o que separa as milícias da segurança privada, comuns em bairros de classe média-alta, é a coação; mas usar o medo como instrumento único de dominação pode, ao mesmo tempo, enfraquecê-las (CANO; DUARTE, 2012). Assim, ainda há uma diferenciação moral entre tráfico e milícias, cada vez mais frágil à medida que elas se tornam mais uma aparição do “*fantasma*” e passam a integrar a *acu-*

*mulação social da violência* (MISSE, 2022) a partir da representação social do *miliciano* (WERNECK, 2015). Mas como, a princípio, uma saída violenta, autoritária e baseada no medo foi percebida como uma alternativa viável à realidade igualmente violenta, arbitrária e perigosa?

Em Soares (2021), discuto que a trajetória do medo relacionado com a violência, à nível latino-americano, é marcada por uma articulação complexa, baseada em uma sedimentação histórica. A partir de Kruijt e Koonings (2002), argumento que a persistência da violência política e social está relacionada com uma profunda desigualdade social responsável por excluir socialmente uma parcela significativa da população, que impulsiona a informalização da sociedade e rói a noção de cidadania, mas também com a instrumentalização da própria violência nas dinâmicas políticas e estatais, capaz de generalizar o terror na vida social. Apesar de em todo o mundo a violência ter sido algo que acompanhou – e persistiu mesmo após – a formação dos Estados modernos, sua singularidade no contexto latino-americano seria esse seu caráter endêmico. Nesse sentido, criou-se o entendimento de que seria a democracia o caminho para resolver os problemas da violência dessas sociedades.

Contudo, na América Latina pós-autoritária, a violência, na verdade, se democratizou (KRUIJT; KOONINGS, 2002). Antes relegada às forças armadas, ela teria se tornado, por conta de seu uso na repressão política, um recurso para resolução de conflitos ou para qualquer um que perseguisse um determinado fim. Assim, o Estado adquire uma importância singular nessa equação por conta de seu uso exacerbado da força, seja em um passado longínquo, recente ou mesmo no presente vivido (KRUIJT; KOONINGS, 2002). E os processos sociais responsáveis pela *acumulação social da violência* (MISSE, 2008b; 2022) reforçam a ideia de que esse percurso do medo tem sua parcela política, mas também social, dada a progressiva desvalorização das instituições estatais de controle social e justiça, assim como as vidas dos *sujeitos criminais* (MISSE, 2008a; 2010; 2022). Desse modo, compreende-se o porquê existe legitimidade social para combater a violência e o medo com doses, até então vistas como menos ameaçadoras, de violência e medo.

As milícias, em si mesmas, são fruto de um processo de acumulação social da violência, que, no contexto carioca, conformam um fenômeno original. O termo milícia tem muitos significados mundo afora, quase todos versam sobre um tipo de serviço militar não obrigatório, em geral, composto por civis

(ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007). No Rio de Janeiro, entretanto, as milícias estão muito mais próximas dos grupos de extermínios que ganharam notoriedade a partir da década de 1970 no Brasil (CANO; DUARTE, 2012; MELLO NETO, 2021; MISSE, 2022; ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007). Uma diferença marcante entre esses grupos e as milícias é a dominação territorial e infraestrutural contínua desses últimos. Assim, em todo país, a noção inicialmente popularizada sobre as milícias referia-se a:

[...] policiais e ex-policiais (principalmente militares), uns poucos bombeiros e uns poucos agentes penitenciários, todos com treinamento militar e pertencentes a instituições do Estado, que tomam para si a função de proteger e dar “segurança” em vizinhanças supostamente ameaçadas por traficantes predadores (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007: 90).

A favela do Rio das Pedras, localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, é tida como berço do que hoje denominamos milícias. Considerada, no início dos anos 2000, um modelo de sucesso por conta da “segurança local”, os sucessivos grupos compostos por moradores do Rio das Pedras, que prezavam pela ordem, com códigos de condutas arbitrários, autodenominavam-se *polícia mineira* desde a década de 1970/80 (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007). Era modelo, inclusive, a relação simbiótica, amplamente reconhecida posteriormente, entre associação de moradores, política institucional e a *mineira* (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007). O termo “milícia” populariza-se quando esse modelo de controle chega em locais onde não existia ou era controlado por tráfico, os moradores, com auxílio da mídia, passaram então, a identificar esse elemento externo de forma homogênea (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007). Por conta dessa busca por “ordem”, as áreas dominadas por milícias frequentemente eram identificadas como mais “tranquilas” do que as de tráfico; tiros, assaltos, venda e consumo de drogas eram menos comuns ou visíveis. Tudo isso convergia para um entendimento de que as áreas de milícia eram mais “pacíficas” (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007). Muitas pessoas, inclusive, achavam que sua situação seria pior sem as milícias (CANO; DUARTE, 2012). Assim, do surgimento até sua consolidação, as milícias possuíam alguma legitimidade social que as caracterizavam como agentes dúbios de segurança porque instrumentalizavam o medo, de si e de outras

ameaças vistas como piores do que elas.

Em 2008, ocorre uma situação de alto impacto midiático que estremece essa primeira imagem da milícia. Um fotógrafo, um motorista e uma jornalista, todos do Jornal O Dia, foram sequestrados e torturados por milicianos na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro<sup>12</sup>. Eles estavam disfarçados em uma comunidade dominada por milícia e foram descobertos em seus últimos dias em campo, após meses de investigação. Eles relataram que tiveram debates acalorados sobre o destino da vida deles, lembraram os milicianos dos problemas causados pela morte de Tim Lopes<sup>13</sup>, e, depois de muita tortura física e psicológica, eles os deixaram viver. Mesmo que a vida deles nunca mais tenha sido a mesma<sup>14</sup>. Esse evento escancarou nos jornais as perversidades praticadas pelas milícias, já conhecidas pelos moradores que conviviam com elas. O caso é um dos estopins para a CPI das milícias, presidida pelo Deputado Estadual Marcelo Freixo, que indiciou políticos, policiais, bombeiros, agentes penitenciários e civis. A relação entre poder público e as milícias estava, então, amplamente divulgada na mídia. Para Cano e Duarte (2012), o conceito de milícia muda consideravelmente após o abalo da opinião pública sobre esses grupos. Depois do caso midiático de tortura aos funcionários do Jornal O Dia e da subsequente CPI, as milícias mudaram sua forma de atuação, sendo mais discretas e menos ostensivas para exercer o domínio, aplicando, assim, a violência com mais parcimônia, mas de modo igualmente tirânico, “no sapatinho” como disseram os interlocutores da pesquisa de Cano e Duarte (2012).

Estar “no sapatinho”, em vez de enfraquecer ou conter as milícias, expandiu, nos últimos anos, sua presença e poder no Rio de Janeiro, principalmente a partir de sua diferenciação em relação aos outros grupos ilegais: o uso privado do Estado. Não só o uso individualizado de recursos públicos, mas o beneficiamento diante de políticas públicas de segurança e habitação (HIRATA *et al.*, 2021). Isto é, práticas de governo foram essenciais para o fortalecimento das milícias nos últimos anos, tornando-a “dona” de aproximadamente 56% do território da cidade do Rio de Janeiro, onde vivem mais de dois milhões de cariocas sob seu domínio<sup>15</sup> (HIRATA *et al.*, 2021). Perante esse quadro, Hirata *et al.*, baseados em dados quantitativos e qualitativos, sustentam a hipótese

<sup>12</sup> <https://extra.globo.com/noticias/rio/jornalistas-sao-torturados-por-milicianos-no-rio-equipe-de-dia-foi-espancada-por-7-horas-na-zona-oeste-519747.html>

<sup>13</sup> <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-tim-lopes/noticia/assassinato-de-tim-lopes.ghtml>.

<sup>14</sup> <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/minha-dor-nao-sai-no-jornal/> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/torturado-por-milicia-fotografo-vive-isolado-e-ve-avanco-dos-criminosos.shtml>

<sup>15</sup> De novo, ver o mapa dos grupos armados e os territórios da cidade dominados por eles: <https://erickgn.github.io/mapafc/>.

de que o “direcionamento do uso da força pelo Estado e a regulação e fiscalização municipal do mercado imobiliário favoreceram o crescimento das milícias” (2021: 7).

As operações policiais, um dos principais fatores das altas cifras de letalidade policial no estado fluminense (MISSE *et al.*, 2013), são construídas por Hirata *et al.* (2021) como principal indicador de direcionamento de uso da força pelo Estado, por conta de seu objetivo público de “enfraquecer” as organizações criminosas. Contudo, o estudo dos autores mostra que há grupos armados com *vantagens* e outros com *desvantagens políticas*, porque o direcionamento do uso das forças policiais não está orientado pelos índices de criminalidade violenta<sup>16</sup>. De acordo com Hirata *et al.* (2021), a “tranquilidade” utilizada pelos interlocutores de Araujo (2017) para descrever as áreas de milícias estaria relacionada com os baixos índices de tiroteios dessas localidades<sup>17</sup>, possibilitados pela parca atuação da polícia. Ao contrário dos locais em disputa ou sob o domínio do Comando Vermelho, o segundo grupo armado com mais poder traduzido em territórios, que possuem os maiores índices de operações policiais. Assim, a “tranquilidade” estaria menos associada com a “menor violência” das milícias do que com a estabilidade ocasionada pelos acordos entre elas e a polícia (HIRATA *et al.*, 2021). E apesar de outros estudos terem demonstrado os recursos e os dispositivos para que a violência não interrompa o cotidiano carioca (CAVALCANTI, 2008; TALONE, 2015), o medo, na cidade do Rio de Janeiro, tem uma relação ambígua e ainda pouca clara com essa “tranquilidade”, que é fruto de uma estabilidade baseada em níveis de tiroteios.

Outro elemento capaz de caracterizar essa mudança na atuação das milícias pós-2008 é que sua principal atividade econômica talvez não seja mais a proteção e a extorsão, como já foi, mas sim o mercado imobiliário, principalmente o da Zona Oeste do Rio de Janeiro (ARAÚJO, 2017; HIRATA *et al.*, 2021). O mote da segurança não é mais um meio para o fim econômico velado. Os objetivos econômicos são um fim em si mesmos. Essa complexificação foge do escopo deste texto, que foca nas imagens das milícias geradas por sua atuação nos mercados da proteção e da extorsão, em processo de consolidação na *acumulação so-*

*cial da violência*. Mas isso não quer dizer que, dentre tantos mercados ilegais, o “urbanismo miliciano”<sup>18</sup> seja menos violento ou ameaçador; ou ainda, que não faça parte desse processo. Inclusive, essa capilaridade das milícias deve contribuir para que seu reflexo seja sinônimo de silêncio e medo entre os cariocas.

### Considerações finais

Ao considerar a multiplicidade de objetos construídos a partir do medo, é importante demarcar sua potencialidade como uma categoria analítica da sociologia da violência. O uso desmedido da força física, ou a expectativa de seu uso, podem ou não romper o fluxo do cotidiano, mas são, em alguma medida, ameaças e lembram as pessoas que elas podem morrer. Este seria, aliás, o conteúdo elementar do medo na história (DELUMEAU, 2009). Para Didi-Huberman (2008), além da morte, do outro e da incerteza, o medo envolve tudo aquilo culturalmente valorado como mal<sup>19</sup>. Dessa forma, como vimos, alguns signos culturalmente compartilhados, reprovados e temidos podem orientar o reordenamento social após experiências com a violência urbana, pois os crimes, como conteúdo e fonte de medo, possuiriam a capacidade de reconstruir simbolicamente o mundo (CALDEIRA, 2000; ROCHE, 1988).

*Sem ordem cronológica, tá?* A fala de Cida, como epígrafe deste artigo, permite tratar da ressignificação do tempo a partir das emoções acionadas em contexto de violência urbana. O medo, segundo Didi-Huberman (2008), nos desorienta em relação ao tempo. Assim, as fronteiras entre passado, presente e futuro poderiam ser borradas. Ao estar envolvido em uma situação de medo, seja ela fisiológica, discursiva, interacionista ou sociocultural, o indivíduo estaria imerso em relações que acontecem em distintos tempos. Uma das coisas que mais chama a atenção nas entrevistas com moradores da General Glicério e seu entorno foi a sensação de que a dinâmica criminal, precedente à oferta de segurança privada, estava *diferente do normal*. Houve menções espontâneas nas três entrevistas às explosões em agências bancárias. Em duas, essas explosões foram associadas ao momento anterior à chegada da empresa, como uma série de fatos que justificassem as preocupações das pessoas com as mudanças em

16 Ver Borges (2016).

17 Ver <https://fogocruzado.org.br/estatisticas/>

18 Ver Benmergui e Gonçalves (2019).

19 O autor está se referindo a um medo que tem como conteúdo a guerra, mas, ao meu ver, com as devidas proporções, é possível entender essa visão aos crimes e à violência urbana. Sem entrar no mérito, aqui, das discussões em torno da metáfora ou lógica da guerra e a militarização do cotidiano (Leite, 2000; Magalhães, 2020).

curso na dinâmica criminal da região. Na outra, com Cida, ela cita as explosões como acontecimentos posteriores ao *evento*, mas com relação direta com ele. *A gente sabe que alguma coisa tem a ver, a gente fez a ligação imediata com esse serviço de segurança que a gente não aprovou* (CIDA). A rememoração das explosões, seja anterior ou posterior à oferta de segurança, estão em um mesmo marco de sentido, em um *ponto de encontro do tempo* cujas associações simbólicas são permitidas. Nesse *ponto*, processos sociais responsáveis pela *acumulação social da violência* (MISSE, 2022) fornecem as bases de interpretação tanto para as ações classificadas como violentas quanto para os signos de um perigo difuso, ambos concebidos no presente. Isto é, o *“fantasma” da violência urbana* (MISSE, 2022) é desenhado no presente com base na figura socioculturalmente compartilhada da milícia, condensada por processos sociais de longa duração. O medo das milícias, desse modo, articula distintas temporalidades.

Este trabalho, portanto, reforça a potencialidade de análise de fenômenos públicos a partir das emoções que, segundo Coelho e Oliveira (2020), podem mobilizar práticas e alimentar expectativas. Para os autores, as vivências do passado e do futuro são ressignificadas no presente, tendo em vista que as dinâmicas emocionais não são universalizáveis, são construções culturais, fruto de contextos sociais e políticos específicos. Desse modo, ao olhar especificamente para o *evento* da General Glicério, é possível tecer algumas considerações especificamente sobre o medo.

Coelho e Oliveira (2020) ressaltam que essa emoção tem um claro nexos com o futuro, como uma espécie de par antagônico da esperança, uma “esperança adoecida”. Ao meu ver, as memórias sobre o conflito, obtidas nas entrevistas, demonstram a possibilidade de o medo ser um *ponto de encontro* de tempos distintos. As representações sociais da violência urbana, além de mobilizarem crenças e valores (PORTO, 2006), utilizam de “fantasmas” socioculturalmente estabelecidos para caracterizarem tipos sociais em carne e osso: o malandro, o marginal, o vagabundo (MISSE, 2022) e, ao que tudo indica, o *miliciano*. Nesse sentido, o medo também tem uma relação direta com o passado e a sedimentação de signos de perigo difuso, que tanto orientam práticas quanto são ressignificados no tempo presente, no cotidiano.

O conflito tematizado neste artigo, poderia discutir simplesmente se a privatização da segurança é algo aceitável em uma democracia. Contudo, mediadas e produzidas pelo medo, as relações mobilizaram práticas e expectativas a partir de caracte-

rizações que podem indicar uma nova metamorfose do *“fantasma” da violência urbana*, materializado na figura do miliciano e do que significa, no contexto carioca, viver em uma área de milícia (ARAUJO, 2017). Assim, o presente tanto colore quanto é colorido pelo passado (BENJAMIN, 1985; JELIN, 2017; POLLAK, 1989), pois a partir das dinâmicas criminais do presente é possível modificar as assombrações da violência urbana, mas também se valer delas como uma *gramática* para agir. A relação do medo com o passado não poderia, dessa forma, ser negada.

No caso estudado, por meio da *acumulação social da violência* (MISSE, 2022), são sedimentadas as bases de interpretação que permitem classificar uma oferta de segurança privada como atividade milicianiana. Sem dúvidas, isso implica na relação do medo com um futuro pessimista, uma “esperança adoecida”, em que a segurança fosse a porta de entrada para futuras extorsões e abusos de poder. Portanto, como um *ponto de encontro do tempo*, o medo faz parte de uma dinâmica emocional responsável por mobilizar práticas no presente influenciadas e influenciáveis em relação ao passado e ao futuro.

O medo, representado e compartilhado social e culturalmente, e a *violência urbana* se sobrepõem quando Misse (2022) trata do *“fantasma” da violência urbana*, ambos são conformados em um *sujeito social difuso*, que define situacionalmente a sociabilidade cidadina e fomenta subjetividades. Isto é, no nível da representação social, o medo não é só consequência da “violência”, mas um aspecto constituinte do que a torna um substantivo de caráter ameaçador. Assim, como um objeto sociológico, o medo deve ser visto como uma categoria analítica relevante, já que possui a capacidade de ser observado a partir de múltiplas manifestações práticas, implicando em um grande potencial reflexivo à nível conceitual e metodológico no campo de estudos da violência urbana, principalmente quando o tema são suas representações sociais.

### Referências bibliográficas

- ARAUJO, M. Houses, tranquility and progress in an área de milícia. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 14, n. 3, p. 1–17, 2018.
- BECKER, H. “Conceitos”. In: **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”; “Sobre o conceito de História”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CALDEIRA, T. **Cidade dos Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora

34/Edusp, 1ª Ed. 340 p, 2000.

CANO, I.; DUARTE, T. ‘No sapatinho’: A evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008-2011). Rio de Janeiro, LAV/Fundação Heinrich Böll, 2012.

CAVALCANTI, M. Troteios, legibilidade e espaço urbano: notas etnográficas de uma favela carioca. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 1, n.1, p. 35-59, 2008.

COELHO, M. C. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana**, v. 16, n. 2, p. 265-285, 2010.

COELHO, M. C.; OLIVEIRA, E. Reflexões sobre o Tempo e as Emoções na Antropologia: definições, práticas e políticas. **Sociologia e Antropologia**, v. 10, n. 3, p. 1087-1100, 2020.

DAS, V. O Evento e o Cotidiano. In: **Vida e Palavras. A Violência e sua Descida ao Ordinário**. São Paulo: Editora da Unifesp. 2020.

DELUMEAU, J. “Introdução”. In: **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIDI-HUBERMAN, G. El gesto fantasma. **Acto: Revista de Pensamiento Artístico Contemporáneo**, n. 4, p. 280-291, 2008.

GERRING, J. **Case Study Research: Principles and Practices**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HIRATA, D.; CARDOSO, A.; GRILLO, C.; SANTOS JUNIOR, O.; LYRA, D.; DIRK, R.; RIBEIRO, R.; PETTI, D. **A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados**. 2021. Disponível em: <[https://br.boell.org/sites/default/files/2021-04/boll\\_expansao\\_milicias\\_RJ\\_v1.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/2021-04/boll_expansao_milicias_RJ_v1.pdf)> Acesso em: 08 jun. 2024.

JELIN, E. **La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2017.

MACHADO DA SILVA, L. A. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004.

MACHADO DA SILVA, L. A. “Violência urbana”, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno Crh**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, 2010.

MACHADO DA SILVA, L. A.; MENEZES, P. (Des)continuidades na experiência de ‘vida sob cerco’ e na ‘sociabilidade violenta’. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, n. 3, p. 529-551, 2020.

MANO, A.; MENEZES, P. Alerta Santa Marta: Dispositivos de (Contra) Vigilância em Favelas no Rio de Janeiro. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 52, n. 2, p. 147-173, 2021.

MBEMBE, A.; ROITMAN, J. “Figures of the Subject in Times of Crisis.” **Public Culture**, 7:323-52, 1995.

MELLO NETO, D. “Esquadrão da Morte”, “Grupos de Extermínio” e os Movimentos Sociais: Mudanças em uma Categoria da “Violência Urbana”. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 52, n. 2, p. 322-347, 2021.

MENEZES, P. Os rumores da ‘pacificação’: A chegada da UPP e as mudanças nos problemas públicos no Santa Marta e na Cidade de Deus. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 7, n. 4, p. 665-684, 2014.

MISSE, M. **Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1. ed. ed. Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ, 2022.

MISSE, M. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. **Civitas**, Porto Alegre, vol. 8, no 3, p. 371-385, 2008a.

MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: Aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria bandido. **Lua Nova**, n. 79, p. 15-38, 2010.

MISSE, M.; GRILLO, C.; TEIXEIRA, C.; NERI, N. **Quando a polícia mata: homicídios por “autos de resistência” no Rio de Janeiro (2001-2011)**. NE-CVU, 2013.

POLLAK, M. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

PORTO, M. S. G. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 16, p. 250-273, 2006.

ROCHÉ, S. Insécurité, sentiment d’insécurité et recomposition du social : deux fins de siècle. **I. Le Social « Sous Influence » : insécurité, précarité et réponses institutionnelles**, [S.L.], n. 19, p. 11-20, 1988.

SOARES, A. L. G. **O estudo do “medo do crime” na América Latina: estado da arte e uma proposta de organização**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SOARES, A. L. G. The analytic gradient of “fear of crime”: An emotional structuring of the topic from a Latin American literature review. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 17, n.1, p. e57668, 26 fev. 2024.

TALONE, V. “introdução”. In: **Confiança e desconfiança como dispositivos morais situacionais em trânsito: Um estudo em viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015

VIANNA, A. Vida, palavras e alguns outros traçados: lendo Veena Das. **Mana**, v. 26, n. 3, e263206, 2020.

VILLARREAL, A. The logistics of fear: violence and the stratifying power of emotion. **Emotions and Society**, v. 4, n. 3, p. 290–306, 2022.

WERNECK, A. “A contribuição de uma abordagem pragmatista da moral para a sociologia do conflito”. In: **Conflitos de (grande) interesse: Estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas**. Rio de Janeiro, Garamond, p. 337-354, 2012.

WERNECK, A. O ornitorrinco de criminalização: A construção social moral do miliciano a partir dos personagens da ‘violência urbana’ do Rio de Janeiro. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 8, n. 3, p. 429-454, 2015.

WERNECK, A.; TALONE, V. A ‘sociabilidade violenta’ como interpretante efetivador de ações de força: Uma sugestão de encaminhamento pragmático para a hipótese de Machado da Silva. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 12, n. 1, p. 24-61, 2019.

ZALUAR, A.; CONCEIÇÃO, I. S. Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro: Que paz? **São Paulo em Perspectiva**, V. 21, n. 2, p. 89-101, 2007.

#### ARTIGOS DE JORNAIS

CORTÊS, C. Laranjeiras: aldeia da resistência das esquerdas no Rio. **Jornal do Brasil**. 11 nov. 2018. <<https://www.jb.com.br/rio/2018/11/953868-laranjeiras-aldeia-da-resistencia-das-esquerdas-no-rio.html>>. Acesso em: 16/06/2024.

BOTTARI, E.; NIKLAS, J.; MEROLA, E. Apesar da polêmica, projetos de segurança privada não se restringem a Laranjeiras. **O Globo**. 06 dec. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/apesar-da-polemica-projetos-de-seguranca-privada-nao-se-restringem-laranjeiras-22154888>>. Acesso em: 28/02/2024.

LIMA, R. Medo das milícias supera medo dos traficantes em favelas e bairros nobres do Rio, diz Datafolha e FBSP. **Folha de S. Paulo**. 18 fev. 2019. Disponível em: <<https://facesdaviolencia.blogfolha.uol.com.br/2019/02/18/medo-das-milicias-supera-medo-dos-trafficantes-em-favelas-e-bairros-nobres-do-rio-diz-datafolha-e-fbsp/>>. Acesso em: 28/02/2024.

MEROLA, E. Moradores de Laranjeiras fazem reunião para discutir instalação de guarita em rua do bairro. **O Globo**. 05 dec. 2017. <<https://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-laranjeiras-fazem-reuniao-para-discutir-instalacao-de-guarita-em-rua-do-bairro-22154514>>. Acesso em: 28/02/2024.

ROCHA, M. O que pensam os moradores de Laranjeiras, ponto de encontro da esquerda carioca. **O Globo**. 28 out. 2018. <<https://oglobo.globo.com/epoca/o-que-pensam-os-moradores-de-laranjeiras-ponto-de-encontro-da-esquerda-carioca-23193477>>. Acesso em: 16/06/2024.



# Des(enquadramentos) dos conflitos armados em favelas do Rio de Janeiro: quando os trabalhadores do SUS movimentam o cuidado e suas ações para o lugar de moradia das populações

Viviani Costa<sup>1</sup>

Tatiana Wargas de Faria Baptista<sup>2</sup>

Marize Bastos da Cunha<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa desenvolvida com trabalhadores da atenção básica (AB) que atuam em territórios de favelas da cidade do Rio de Janeiro e vivenciam em seu cotidiano a violência armada. Nesse texto, abordaremos dois dos aspectos analisados na pesquisa, sendo eles: 1.O Acesso Mais Seguro (AMS) como estratégia cínica de proteção e viabilidade de acesso aos equipamentos de saúde da AB; 2. As ‘Vidas Precarizadas’ e os múltiplos processos que mantêm as desigualdades entre a população gerando adoecimentos e mortes não enlutadas. Esses pontos emergiram de entrevistas semiestruturadas realizadas com os trabalhadores no período de novembro de 2022 a março de 2023. Os testemunhos e reflexões dos entrevistados estiveram em diálogo com a experiência de trabalho e pesquisa das autoras. Acreditamos que os resultados são capazes de deslocar a moldura da discussão de violência dos conflitos armados territoriais nas favelas ao evidenciar que vidas não estão sendo salvas- como justificam a segurança pública nesses territórios- mas sim sendo precarizadas, gerando sofrimento mental e mortes não enlutadas.

**Palavras-Chave:** Saúde Pública; Violência; Saúde Mental.

## Mis(framing) of armed conflicts in favelas of the Rio de Janeiro: when SUS workers move care and their actions to the population’s place of dwelling

**Abstract:** The article presents part of the results of research carried out with primary care (PC) workers who work in favela territories in the city of Rio de Janeiro and experience armed violence in their daily lives. In this text, we will address two of the aspects analyzed in the research, namely: 1. Safer Access (AMS) as a cynical strategy for protection and viability of access to PHC health equipment; 2. ‘Precarious Lives’ and the multiple processes that maintain inequalities among the population, generating illnesses and unmourned deaths. These points emerged from semi-structured interviews carried out with workers from November 2022 to March 2023. The interviewees’ testimonies and reflections were in dialogue with the authors’ work and research experience. We believe that the results are capable of shifting the frame of the discussion of violence in territorial armed conflicts in favelas by showing that lives are not being saved - as justified by public security in these territories - but rather being made precarious, generating mental suffering and unmourned deaths.

**Keywords:** Public Health; Violence; Mental Health.

### Introdução:

“Eram só quatro da tarde. Um dia de sol, pessoas passando, a unidade e escolas funcionando. E eu posso dizer, que foram as duas horas mais difíceis que eu vivi enquanto trabalhadora do Sistema Único de Saúde (SUS). Não é qualquer coisa, eu acho. Porque a gente tava na unidade, já era quase fim de expediente e começou a ter incursão policial na favela. E acontece que quando tinha operações policiais ali era costume ter, tipo uns três ou quatro caveirões circundando nas proximidades. Então, quando começava a operação policial, a gente ficava cercado completamente porque ficava passando os caveirões e de cima os traficantes atiravam. Logo após começar o confronto, Maria (uma colega de trabalho) e sua filha Antônia entram a unidade como uma tentativa de se protegerem. Ali permanecemos por algum tempo, aguardando o momento em que a coisa cessasse. Nesse dia em específico, começamos a perceber momentos em que os caveirões davam uma dispersada. Em um desses momentos, os traficantes deram um sinal de que poderíamos sair porque o conflito havia parado ou davam uma volta maior. Aproveitamos o sinal e fomos juntos, em torno de dez pessoas, para um beco que dava em uma das vielas para conseguir sair em uma das vias de acesso de saída da favela. Era comum, durante conflitos armados, geralmente sermos escoltados pelos próprios traficantes ou por Agentes Comunitários de Saúde (ACS), que eram quem ajudavam a gente a sair. Só que nesse momento de tentativa de saída apareceu um grupo de policiais armados a pé. O caveirão tinha recua-

1 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5519-3570>

2 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/ Instituto Fernandez Figueira (IFF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3445-2027>

3 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/ Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7509-9138>

do porque a estratégia de guerra tinha mudado. Só que os agentes da segurança pública, agentes de Estado, entraram e começou um tiroteio generalizado. E a gente estava no meio da rua. A Maria com a pequena Antônia, tipo, eu e outras dez pessoas. A gente se amontoou entre um carro e uma calçadinha muito curta. Um amontoado de pessoas nessa calçadinha, entre um carro e um muro, a gente fez um montinho em cima da criança, uma tentativa desesperada de proteger ela com um cobertor humano. Por cima das nossas cabeças caíam farelos de caco de concreto e o pavor de levantar e morrer. E aí, no momento que cessou minimamente o tiro, a gente só viu uma mãozinha vindo da esquina, tipo vem, vem que a gente estava gritando. Óbvio, né? A gente estava ali, estava gritando: é da saúde, é da saúde, para, para!

E aí, no momento que parou, veio uma mãozinha assim a gente foi em bonde num grupo, todo mundo colado. Entramos na casa de um usuário ali que tinha um cômodo onde os tiros não pegavam. A gente foi para dentro de uma sala onde já tinham mais de cinco pessoas e entrou mais essas treze pessoas. E a Maria, quando a gente parou ali, ela estava completamente urinada e começou a chorar desesperadamente, tremendo descontroladamente. Algumas pessoas começaram a chorar muito, outras ficaram mais impactadas. Eu fui do tipo de pessoas aqui, ali eu travei, sabe? Nesses momentos muito tensos, eu tendo a conter tudo. Assim, meio fora de mim ali.” (os nomes são fictícios e o testemunho foi modificado com o objetivo de ocultar informações do lugar a fim de evitar a identificação da trabalhadora do SUS)

Malu é uma trabalhadora da atenção básica (AB) no Sistema Único de Saúde (SUS), na cidade do Rio Janeiro, num território de grande vulnerabilidade social e violência. Conversamos com Malu no contexto de uma pesquisa<sup>4</sup> de doutorado que tem como objetivo central compreender a relação entre a violência e o sofrimento mental a partir da percepção de profissionais da AB com experiência de trabalho em territórios descritos como conflagrados pela dis-

puta de poder ilegal e armada.

O relato de Malu não deixa dúvidas que a violência afeta a vida e a saúde mental de todas as pessoas que vivem esse cotidiano. Mas é curioso constatar como há uma construção de invisibilidade desse sofrimento e como não raro é a solicitação de evidências dessa correlação violência-saúde mental por meio de números e estatísticas como condição para alguma tomada de decisão. Visibilizar relatos como o de Malu é também uma forma de expor as nossas contradições e inações no desenvolvimento de políticas públicas de proteção social e garantia de direitos.

Malu traz a invisibilidade do sofrimento em um cotidiano atravessado pelo conflito a qualquer momento. É invisível, “mas não é qualquer coisa” como ela destaca no início do relato. O seu testemunho traz elementos presentes nos relatos de outras tantas mulheres e homens, que moram e/ou trabalham nestas nomeadas faixas de gaza que atravessam a cidade. Os equipamentos de saúde, especialmente da AB do Rio de Janeiro, junto com a escola pública são os principais equipamentos públicos presentes nas favelas que dão alguma forma de acesso ao direito conquistado pela lei maior do Estado.

As três autoras desse artigo são mulheres, brancas, atuantes na saúde e educação pública, com inserções diferenciadas. A pesquisa foi mobilizada pelas inquietações e reflexões da primeira autora do artigo, que atuou como agente de saúde pública em diferentes territórios de favelas do município nos últimos treze anos. E estive em diálogo com as experiências das orientadoras e autoras do texto, com trajetórias de trabalho em escolas municipais localizadas em favelas e em uma instituição federal de ensino e pesquisa em saúde pública. Essa situada em uma região em que são constantes os conflitos armados territoriais.

E por que estamos marcando esses lugares? As nossas trajetórias nos localizam nessa pesquisa,

4 A pesquisa foi iniciada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente, a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), sendo atendidos os preceitos éticos preconizados pela resolução do CNS 466/2012 para pesquisas realizadas com seres humanos (Brasil, 2012) e conforme a resolução nº 510/2016, que dispõe sobre análise ética de pesquisas na área de ciências humanas e sociais.

que é sobre pessoas e lugares pelos quais transitamos e sobre as afetações que vivemos, que não são só nossas, pois expressam um contexto e formação social. O dia de trabalho que mais marcou Malu associado a representação midiática dos conflitos territoriais armados em favelas denunciam a marca da nossa história de um passado-presente colonial, pois como diz Gonzales (1984) nós nunca saímos dele.

Ao contrário, novas formas e políticas são construídas mantendo a criminalização da pobreza, mantém distintas valorações sobre a vida e a morte das pessoas a partir das intersecções de raça, gênero, classe social e local de moradia/trabalho. A violência estrutural que se materializa na opressão a povos considerados subalternos, primitivos, não humanos, racializados, justifica tudo e, ainda hoje, atravessa a existência da maior parte da nossa população.

Malu conta que, quando os tiros cessaram minimamente, gritaram: “é da saúde, é da saúde, para, para”. Um grito que indica uma missão pública, um direito e uma interpelação. Assim como muitos agentes do SUS, da educação e as pessoas que se reconhecem como integrantes do mundo do trabalho, o grito convoca um direito e interpela. Esse depoimento manifesta um conflito que mostra as várias faces do Estado, do direito social e da assistência; da ilegalidade e da opressão.

Trabalhar ali onde este conflito armado acontece, provoca a descida ao ordinário (VEENA, 2007). E essa descida, que permite aos profissionais da saúde pública uma aproximação e acompanhamento das famílias e sujeitos ali onde a vida acontece, fora da instituição, revela vários aspectos antes invisibilizados desse importante e complexo problema social que atravessa a vida de parte expressiva da população dessa cidade.

Nenhum indicador ou estatística em saúde será capaz de expressar o que acontece nesses territórios, mas as histórias, os relatos podem mobilizar um outro tipo de comoção e reconhecimento. Butler (2018) ao abordar a reação social as cartas dos prisioneiros de Guantánamo nos oferta uma pista.

Nosso convite nessa discussão é trazer para o

debate da saúde coletiva, da saúde mental o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) e suas expressões nos territórios margem (VEENA; POOLE, 2004), pois não é suficiente apontar as desigualdades sociais persistentes na história brasileira. É preciso visibilizar as estruturas de poder que marcam diferenças nas condições de saúde dos coletivos, hierarquizam os sujeitos e os valores sob suas vidas.

Foi ocupando diferentes favelas como uma agente do SUS e vivendo/presenciando de outra maneira a(s) violência(s) sofridas pelas pessoas que territorializam o espaço, os seus impactos na saúde e as invisibilidades das iniquidades constituídas por essa estrutura social racista e sexista que desenquadres foram possíveis. Afinal, o Rio de Janeiro, ‘cidade da beleza e do caos’, apresenta na mídia- com exceção do período do carnaval- a favela como o lugar do caos, da violência, do perigo.

Consideramos que o testemunho de Malu é capaz de deslocar a moldura da discussão de violência dos conflitos armados territoriais nas favelas ao evidenciar que vidas não estão sendo salvas- como justificam a segurança pública nesses territórios- mas sim sendo hierarquizadas, não enlutadas (BUTLER, 2018) sobe o falso discurso de representantes do Estado e da mídia de que são ações necessárias em defesa da vida fora das margens.

Acreditamos que o conhecimento e reflexões dos trabalhadores da AB- ao visibilizar eventos que, como afirma Malu, “não é qualquer coisa”, onde busca-se afirmar o direito em um grito “é da saúde” e proteger as vidas como “um cobertor humano” - podem fazer mover os enquadres, deslocando a cena e lançando o foco da dimensão da vida e sua proteção por detrás das recorrentes cenas de violência armada, legitimadas pelos Estado.

Considerando o espaço social construído como direito e os serviços públicos da AB, em que medida os testemunhos das trabalhadoras e trabalhadores, ao trazerem sua experiência na vida comum, contribuem para deslocar a moldura da discussão dos conflitos armados territoriais e desconstruir os enquadramentos aí constituídos?

## Percurso Metodológico

O caminho que buscamos alcançar na pesquisa foi o de aprofundar nas experiências de quem vivencia em seu cotidiano formas de precarização da vida relacionadas a violência armada e seus enquadramentos, enquadramentos esses que fazem silenciar. Essa busca parte da compreensão de que é necessário ao poder público e a sociedade o conhecimento e o enfrentamento dessa dimensão do adoecimento mental e morte de expressiva parcela da população com vistas a retomar o direito à vida e a saúde efetivamente universal.

Diante disso, o fio condutor que guia a discussão é: o que profissionais de saúde pública, engajados e reflexivos com uma busca por melhores condições de vida e saúde das populações, contam sobre a experiência de trabalho em territórios que vivem em seu cotidiano o problema da violência armada e a iminência de conflitos territoriais?

Partimos da concepção de Bondía (2002) sobre experiência e sobre o saber da experiência. Para o autor a experiência é o “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002:21). A partir disso, o autor expressa que a informação é o oposto da experiência, impondo a necessidade de separar o saber das coisas (informação) do saber da experiência (o que nos move, o que nos toca). E é esse saber, essa experiência que acreditamos ser capaz de mobilizar os quadros sociais provocados pelo acesso à informação sobre o que se passa nas favelas. A informação não revela, não mobiliza a realidade de quem experiencia.

Para alcançar essa experiência, definimos como estratégia de pesquisa a realização de entrevistas abertas com o intuito abrir espaços de diálogo e entendimento a partir de quem vive essa realidade. A escolha pela entrevista aberta ou não-dirigida foi devida a sua vantagem de se basear na realidade e experiência do entrevistado, uma vez que possibilita o máximo de liberdade para que os agentes sociais entrevistados discorram sobre o tema de investiga-

ção. Além de diminuir os riscos de pré-estruturação do discurso que podem ocorrer em uma entrevista estruturada (POUBART, 2008).

A experiência acumulada em pesquisas e em serviços de atenção básica em favelas facilitaram o levantamento dos possíveis participantes e o acesso aos trabalhadores da AB. Esse acúmulo, que também foi o mobilizador da pesquisa, manteve-se em diálogo com o conhecimento produzido pelos sujeitos entrevistados.

A autoetnografia também foi utilizada como estratégia metodológica, uma vez que a experiência de trabalho na AB da primeira autora do artigo compõe importante fonte de material empírico. Operou como uma ferramenta pedagógica exploratória do cotidiano (ALMEIDA, *et al.*, 2020) de uma trabalhadora da AB inquieta com modos sociais de precarização da vida. Trabalhos autoetnográficos “investem na expressão das emoções e apresentam como autoras pessoas encarnadas” na pesquisa (Gama, 2020:191). São fruto do conhecimento subjetivo apontando expressões presentes na corporeidade e investindo na expressão das emoções, o que, por sua vez, é negado pelo conhecimento científico que se propõe neutro. São, portanto trabalhos transgressores, políticos e que exigem do pesquisador múltiplas camadas de reflexividade (GAMA, 2020).

As entrevistas foram realizadas no período de novembro de 2022 a março de 2023, em formato presencial e virtual, pela plataforma zoom. As entrevistas presenciais aconteceram em diferentes espaços da cidade, como cafés e a sala de uma instituição de ensino e pesquisa. O lugar, dia e o horário foram estabelecidos junto com o entrevistado, considerando sua disponibilidade e preferência de local.

Totalizaram um universo de 14 profissionais da saúde, sendo 4 agentes comunitários de saúde (ACS), 2 enfermeiros, 2 médicos, 1 terapeuta ocupacional, 1 assistente social, 1 psicólogo, 1 administrador e 1 agente social. Do total, dez mulheres e 4 homens, com idade entre 30 e 62 anos, média de 37 anos de idade; autoidentificação racial 5 pretos, 4 pardos, 5 brancos. O período de trabalho na atenção

básica entre eles é de no mínimo 5 anos e máximo de 25 anos. Média: 9,2 anos.

Os entrevistados atuavam em diferentes regiões da cidade, compreendendo as regiões da Zona Norte, Zona Centro-Sul e Zona Oeste. Com intuito de evitar possíveis identificações, os nomes dos trabalhadores e dos bairros de atuação são fictícios. Além disso, os testemunhos com maior grau de informações sobre o lugar foram modificados retirando possíveis características de identificação.

Nesse texto, abordaremos parte dos resultados analisados, debruçando sobre dois aspectos levantados na pesquisa: 1. O Acesso Mais Seguro (AMS) como estratégia cínica de proteção e viabilidade de acesso aos equipamentos de saúde da AB. 2. As ‘Vidas Precarizadas’ e os múltiplos processos que mantêm as desigualdades entre a população gerando adoecimentos e mortes não enlutadas.

Esses pontos emergiram dos testemunhos de quem vive no cotidiano do trabalho múltiplas formas de violência geradas pela violência armada. Eles revelam a particularidade da experiência dos trabalhadores de serviços públicos de saúde. Ou seja, eles trazem reflexões e críticas de uma parcela de agentes do Estado. Esse Estado com ações que parecem contraditórias, mas que na verdade são funcionais a ele, as quais o setor da segurança pública consegue inviabilizar a atualização do setor saúde pública.

### **O Acesso Mais Seguro como estratégia cínica de proteção e viabilidade de acesso aos equipamentos de saúde da AB.**

A AB tem como propósito ser o primeiro nível de contato dos indivíduos, família e comunidade com o SUS. No município, sua expansão ocorreu tardiamente, entre o período de 2009 a 2016, com a implantação das chamadas Clínicas da Família (CF) prioritariamente em territórios considerados vulnerabilizados (GUTIERREZ, et al., 2023)

As CF são compostas pelas Equipes de Saúde da Família (ESF), que incluem os profissionais médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, ACSs e equipe de saúde bucal. Os profissionais são

divididos em equipes responsáveis por diferentes áreas de cobertura assistencial do território sobre responsabilidade sanitária da unidade. Parte dessas unidades são compostas pelos Núcleo de Atenção a Saúde da Família (NASF), equipes multiprofissionais, constituídas com o objetivo de aumentar a resolutividade e ampliação da oferta de cuidado, a partir do apoio matricial (CAMPOS, DOMITTI, 2007) as ESF.

O acompanhamento às famílias sob a responsabilidade sanitária das CF é realizado principalmente através de atendimentos individuais e grupais, interconsultas e visitas domiciliares, tendo como referência a promoção e prevenção em saúde.

No entanto, quando o SUS se propõe a desempenhar sua ação no território, acompanhando as famílias longitudinalmente pela Política Nacional de Atenção Básica (2006) se estabelece uma série de diretrizes e competências desse trabalho territorial. Mas, o que significa o trabalho territorial e suas competências nos territórios em que a violência armada e os conflitos territoriais são uma constante? Essa questão, que já se coloca como primordial para a efetividade do cuidado, promove uma fissura pouco debatida nessa política pública- o trabalho territorial em contextos de violência armada.

Na cidade do Rio de Janeiro, foram criadas estratégias de funcionamento das unidades de saúde da AB, de acordo com a magnitude do conflito instaurado, através do protocolo de Acesso Mais Seguro. O protocolo desenvolvido em conjunto com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha objetiva reduzir a exposição dos profissionais, dos equipamentos e dos usuários à violência armada (Disponível em: <<https://www.icrc.org/pt/document/o-programa-acesso-mais-seguro>> Acesso em: 10 jan 2024).

O plano propõe a constituição de uma equipe interna de profissionais de cada unidade, que passam por uma capacitação realizada por multiplicadores ligados à Coordenadoria Geral de Atenção Primária. A capacitação busca auxiliar os profissionais a construir critérios para determinar a situação de risco do território de acordo com um semáforo de cores

verde, amarelo e vermelho. Esses símbolos indicam que, quando a unidade está em verde, o trabalho que implica circular no território pode ocorrer; o amarelo determina sinal de alerta e que apenas ações internas na unidade podem ser realizadas; já o vermelho indica o fechamento ao longo do dia ou mesmo a não abertura do serviço.

No entanto, a pesquisa revela que vários aspectos interferem na tomada de decisão, que varia de acordo com gestão local e central, bem como com a quantidade de conflitos que ocorre na localidade. Se é um território em que os conflitos são constantes, as equipes relatam sofrer pressão para que o trabalho prossiga normalmente, mesmo diante de sinais que indicariam para alterações nos modos de funcionamento para o amarelo ou vermelho, se fosse seguido o protocolo AMS, como expresso abaixo:

“Então assim você passa no corredor, é usuário chorando, gente jogada no chão, é cena de guerra real. E, em alguns momentos, a direção tocando como se estivesse tudo bem... sigam trabalhando. Não, não tem como seguir trabalhando. Quem segue trabalhando ouvindo tiro do lado” (Laura).

A pressão de seguir trabalhando, a violência institucional autorizada sob a justificativa de que o fechamento diminui acesso é uma estratégia cínica do ordenamento institucional. O que fecha o acesso e causa adoecimento é o conflito bélico. Lemgruber (2023) aponta que 32,3% dos 800 participantes dos surveys realizados com moradores dos Complexos de favelas de Manguinhos e Penha, ambas cariocas, relataram ter perdido consultas médicas ao longo do ano de 2021.

O jornal “Voz das Comunidades”, a partir de dados da secretaria de saúde, revela que ao longo dos nove primeiros meses do ano de 2023 ocorreram um total de 639 fechamentos totais e 2402 fechamentos parciais de unidades de saúde da AB. O fechamento parcial equivale ao funcionamento em amarelo pelo AMS (Disponível em: <<https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/violencia-nas-favelas-do-rio-fecha-mais-escolas-e-unidades-de-saude-em-2023-do-que-em-2022>> Acesso em: 20 dez 2023).

-2023-do-que-em-2022> Acesso em: 20 dez 2023).

Nós, autoras desse artigo e os profissionais de saúde entrevistados ressaltamos a necessidade do direito à saúde e a equipamentos de saúde nas favelas. Mas em conjunto com esse avanço de direito à saúde é necessário a diminuição dos conflitos armados. Esse problema precisa ser enfrentado e o AMS não resolve, ele mascara o problema como estratégia de resolução.

Os depoimentos dos trabalhadores falam das sobreposições das violências em torno da violência armada, sendo impossíveis respostas focalizadas para o enfrentamento da questão.

“Olha, há pouco tempo atrás a gente teve que fechar a clínica. Acontece com frequência, né? Mas tipo, existir tiros não é indicação de fechar. Mas às vezes acontece do dia amanhecer tendo operação, aí entra BOPE, aí os meninos correm, começa uma bomba, todo mundo já está panicado, morrendo de medo de sair. E a gente já sabe que vai começar um conflito mais sério, né? E aí a gente muda a classificação da unidade. Só pode sair junto, fica todo mundo apavorado. Normalmente é bem tenso” (Clara)

“No começo, quando eu comecei a trabalhar eu sempre ficava assim, meu Deus, agora é a hora que vai fechar né? Porque não tem como. E eu já tinha ficado muito traumatizada porque na época eu já tinha ficado seis horas deitada na clínica esperando diminuir o conflito. E o conflito não diminuía coisa nenhuma. E aí a gente foi no meio do conflito mesmo, embora. E aquelas clínicas de contêiner não são a prova de balas. Elas não são blindadas. Eles não dão um colete a prova de balas para o profissional de saúde e nem para o usuário que está dentro da clínica, né?! E as paredes parecem papel. Então você fica deitado no chão pra diminuir a superfície de contato com o corpo, com a possibilidade da bala chegar. Mas assim é fictício também, porque o espaço que se ocupa é o mesmo na verdade, né?” (Luisa)

Quando a classificação muda, todos os indícios já estão presentes, e quem está no trabalho encontra-se em um estado que vem se naturalizando, sob o termo panicado. A frequência das operações, indicada pela Clara, mostra que viver em estado

panicado está se tornando um aspecto da vida ordinária. O que implica que o estado panicado se corporifica, e ao mesmo tempo, possivelmente vai criando estratégias para responder à situação. No espaço da saúde pública, aqueles que cuidam vivem em um estado panicado, que não é visível, uma vez que está fora do enquadre do que se concebe como território conflagrado, mas que vem os adoecendo pouco a pouco.

Além disso, outras problematizações são tecidas dentro da estratégia AMS. É um acesso mais seguro para quem? A estratégia é direcionada as ações dos trabalhadores da saúde que atuam nas unidades de AB. Não existem estratégias para toda a população que circula nas áreas dos conflitos. E mesmo entre os trabalhadores existem os que moram no território, sendo a maioria os agentes comunitários de saúde, e os que moram em outros locais da cidade, representados em sua maioria pelos médicos, enfermeiros e equipe multiprofissional. Aí já se estabelece uma série de diferenças e hierarquias pelas categorias profissionais e locais de moradia. Quando a unidade fecha ou quando uma ação deixa de ser desempenhada quem mora no território vai permanecer no conflito. Não há dúvidas que todos tem suas vidas vulnerabilizadas, no entanto, de forma diferenciadas, com distintos níveis de exposição à violência.

Ao retomamos o depoimento de Malu, o pedido de socorro expresso através de uma identificação de uma política pública “Para, para, somos da saúde” revela outras camadas da autorização dada aos agentes de segurança pública do poder de matar ‘bandido’ em favelas. A necessidade de se identificar enquanto cidadão do bem ou agente público da saúde só ocorre dentro de determinados territórios. O desespero desses trabalhadores amontoados e reféns do tiroteio, que por sorte sobreviveram, não sem custos, é absurdo, precisa ser visibilizado e enfrentado também dentro do campo da saúde pública. É inadmissível que isso ocorra e a única resposta seja a construção de um protocolo de segurança, o AMS.

As cenas de violência, a tensão de estar na linha do tiroteio e a decisão de manter uma unidade

em funcionamento sob o desígnio do acesso é uma estratégia cínica de Estado. Para Safatle (2008), o cinismo é categoria fundamental de compressão das transformações capitalistas contemporâneas. Segundo o autor, nesse contexto, a racionalidade cínica passa a constituir forma fundamental de exteriorização das estruturas normativas dos Estados capitalistas, integrando as dinâmicas de racionalização em operação nas múltiplas esferas de interação social.

### **‘Vidas Precarizadas’ e os múltiplos processos que mantém as desigualdades entre a população gerando adoecimentos e mortes não enlutadas**

Na obra Quadros de Guerra, Butler (2018) discute sobre os enquadramentos construídos socialmente para a justificativa de guerras e a desumanização das vidas. Essa desumanização permite que vidas sejam precarizadas e/ou mesmo não enlutadas, criando mecanismos sofisticados de hierarquia entre quais vidas são passíveis de luto ou não. Para a autora, “se certas vidas não são qualificadas como vidas, ou se, desde o começo, não são concebidas como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras” (BUTLER, 2018:13). Por outro lado, a autora, através dos diferentes ensaios, aponta que esses enquadres não são fixos, que é possível deslocamentos a partir de novas narrativas, como quando, por exemplo, foram revelados textos da experiência de presos em Guantánamo (BUTLER, 2018).

Durante as entrevistas na pesquisa esse tema aparece com frequência, revelando diferentes enquadres entre quem vivencia o cotidiano real da violência e é atravessado por ela- profissionais de saúde e moradores das favelas- e quem acompanha o conflito do lado de ‘fora’ pela mídia.

É de conhecimento nacional e internacional que a cidade do Rio de Janeiro apresenta como importante problema social conflitos relacionados a disputas armadas ilegais por territórios (e todo o poder que isso representa- simbólico, econômico, político). Diversos veículos noticiam a ampliação

e pulverização desses poderes demonstrando parte desse grande problema. Trazem um enquadramento entre determinados territórios e poderes paralelos que comandam e/ou disputam lugares/margens da metrópole- esse enquadramento, por vezes, desumanizam a violência cotidiana e morte nesses lugares sob a justificativa de que os conflitos são a forma de acabar com o mal do tráfico ilegal de drogas e que a morte é justificada por se dar sob a ideia de que o objetivo final é a preservação de outras vidas-vidas enlutáveis. Essa construção, que permite a sociedade não considerar a vida de indivíduos ou grupos como perdida ou lesada, são em si operações de poder. As reflexões abaixo traduzem parte dessa denúncia:

“A morte da subjetividade. Nós perdemos a capacidade de nos indignarmos com o luto. Nós olhamos o luto, principalmente a pessoa que é ferida em conflito com a polícia pela linguagem jornalística de ser uma morte justificável (...) Mas é algo que eu percebo dentro da comunidade que eu acho que faz, a longo prazo, mais mal do que bem a essa pessoa. Seja por uma insensibilidade, seja também pela própria perda do discernimento daquilo que é certo ou errado. É bem estranho. É um estranhamento que eu tenho. E para a própria população também” (Théo)

“Na época das eleições também rolou uma situação dessas que o território ficou conflagrado. E eu chorei muito, na verdade. Foi o primeiro turno de eleição, tinha acabado de anunciar o governo do Estado e começou um tiroteio que demorou três dias para passar. E eu lembro de pensar assim: Cara, democracia é pra quem? Essa representação autoriza esse conflito. A vida dessas pessoas é descartável para o poder público sabe. Você ouve as pessoas falando de operações nesses lugares...E foi muito chocante, porque assim, quando falou na TV, falou como se fossem três óbitos. Na verdade, cinco crianças tinham morrido, três pessoas que não tinham nada a ver com a história. E você vê como que tudo que acontece no território é gerenciado. E assim... “ah, tá limpando a cidade”, tá limpando a cidade do que exatamente?” (Clara)

O conhecimento/testemunho dos atores sociais que vivenciam as múltiplas camadas de violência armada nesse município são invisibilizadas.

É preciso um espaço de comunicação que fale para além dos números, que as vidas matáveis tenham nomes e não apenas o desígnio era ‘bandido’. Que a análise do problema se alargue para a diversidade de impactos que esses conflitos geram no cotidiano das pessoas- que vão desde o controle das contas de gás e internet (com preços absurdos como os revelados nessa pesquisa) até o acesso negado ao trabalho, a escola, a saúde pública, ao lazer. E o impacto de se trabalhar e viver sob o medo constante do próximo conflito.

Nesse sentido, é importante diferenciar o lugar do ACS enquanto um mediador do território (CUNHA et al., 2021) em que trabalha e mora. O que lhe confere um olhar particular sobre as violências sofridas no cotidiano da casa e das redes de relações pessoais. Impondo outros impactos, ordenamentos e reorganizações em dias de conflito armado, como reconhecido por outros profissionais:

*“Muitas vezes, os nossos agentes comunitários pedem pra não ir trabalhar porque sabem que estão sendo feitas revistas nas casas. E aí eles falam do medo de deixar os filhos em casa para receber essas revistas. Eles contam que a revista é acompanhada de todos os tipos de abusos, das pessoas serem maltratadas, de colocar em dívida os pertences que elas têm dentro da própria casa. Então, eles precisam guardar a nota fiscal da sua televisão como prevenção. O que é uma coisa impensável pra gente, é impensável pra mim. Eu, uma mulher branca, médica, moradora de Ibitipoca” (Elis).*

As reflexões de Théo, Clara e Elis acionam a discussão sobre o que se torna um cotidiano que produz sofrimentos e adoecimentos. As pessoas para se manterem vivas precisam continuar a tocar a vida e resistir a esses eventos, mas não significa que fiquem bem. Como preservar uma saúde mental nessas condições? Como não viver o luto, silenciar sofrimentos, negar a fala e achar que fica tudo bem? De uma maneira geral, todos entrevistados apontaram demandas de saúde mental associadas a violência nesses territórios, tanto por parte dos usuários da AB, quanto dos trabalhadores.

Laura, em seu depoimento, revela mais im-



pactos que são invisibilizados dentro do enquadramento: são ações que protegem vidas:

*“A polícia para do lado da unidade de saúde e troca tiro do lado da unidade de saúde. Então, a sensação que você tem é que o tiro está dentro da unidade. E a sala que eu atendia era a última da unidade. Então todo eco parecia que estavam dando um tiro do meu lado. Então o barulho do tiro era ensurdecedor, bem desesperador. É cena de guerra real. E já teve episódios do helicóptero dar tiro pra baixo e a gente tá ali, tipo... cara, vai bater na gente a qualquer momento esse tiro. Porque a sensação que dá é essa. E o que é bizarro é que com o tempo a gente vai aprendendo a entender se o tiro está perto, se o tiro está longe, tiro do que que é... e se vai evoluir para algo pior. Pensar... não, isso é bobeira, daqui a pouco vai parar e está tudo bem. O que é bem surreal a gente tem que aprender essas coisas para lidar com território” (Laura)*

Quem está protegido em uma ação como essa? Fica muito clara a exposição à violência, o sofrimento que ela pode gerar e até mesmo a morte das pessoas que vivem e trabalham nas margens. Assistir agentes da segurança pública trocando tiros do lado de uma unidade de saúde é a concretização real de que um setor criado para garantir direitos e proteção está operando contra esses direitos, expondo usuários e trabalhadores do SUS a ficarem na linha do tiro. Sem ter em quem acreditar, o cotidiano do conflito instaura uma nova práxis aos trabalhadores da saúde, a análise subjetiva dos tiros passa a ser um sinal de alerta. É a instabilidade, a falta de recursos e de apoio institucional instaurando uma cruel e desesperada forma de proteção.

Refletindo sobre a violência e favelas cariocas, Leite (2000) assinalou que, após os episódios de violência que marcaram o início da década de 1990, o Rio de Janeiro passou a ser representado como uma cidade violenta e partida entre o morro e o asfalto, contribuindo para a difusão da ‘metáfora da guerra’. Para a autora, essa metáfora disseminou uma chave interpretativa para refletir sobre o problema da chamada violência urbana, criando terreno para o *modus operandi* de práticas de Estado arbitrárias e violado-

ras de direitos nas favelas (LEITE, 2012).

No entanto, Leite (2012) esclarece que essa guerra não existe nos protótipos de um conflito bélico. Mas sim, como um arquétipo utilizado para legitimar as incursões dos agentes estatais nas favelas, viabilizando práticas como mandatos de busca coletivos, execuções sumárias e diversas violações de direitos constitucionais e humanos.

Na região metropolitana do Rio de Janeiro, por exemplo, no período de 2007 a 2021, foram realizadas 17.929 operações policiais em favelas. Dentre elas 593 terminaram em chacinas e com um total de 2374 mortos (HIRATA et al. 2021). Das favelas, o Jacarezinho, localizado na capital, obteve o primeiro lugar em letalidade policial, com uma média de sete mortes a cada dez operações (HIRATA et al. 2021). O bairro, infelizmente, passou pela maior chacina da história em maio de 2021, com 28 pessoas mortas.

Após a chacina, o ex-presidente do país, Jair Messias Bolsonaro, parabenizou a ação e o vice-presidente disse que todos os mortos eram bandidos. Segundo matéria veiculada no site [www.redebrasilatual.com.br](http://www.redebrasilatual.com.br), em 06/05/2022, dos treze inquéritos abertos pelo Ministério Público do Estado (MPE), dez foram arquivados por falta de provas. Ainda em 2022 e em um período de menos de dois meses ocorreram outras duas chacinas que estão entre as mais letais da cidade, a do Complexo da Penha com a morte de 24 pessoas e a do Complexo do Alemão com a morte de 17 pessoas.

O Instituto Fogo Cruzado (2024) revela que nos primeiros 16 dias desse ano foram registrados 15 tiroteios na favela do Jacarezinho, nove deles envolvendo ações da segurança pública. Nesses conflitos armados, duas pessoas foram mortas e seis pessoas ficaram feridas. Ou seja, a alta letalidade se mantém mesmo após a exposição da maior chacina de 2021.

Esses dados demonstram o número de vítimas fatais, evidenciam o resultado do arquétipo da guerra proposto por Leite (2012). Mas quem mora e trabalha em áreas de favelas e/ou quem tem alguma posição crítica relacionada ao poder Executivo desse país, sabe que eles revelam muito mais. Os testemunhos

e reflexões de Laura, Malu, Clara e Théo revelam a hierarquização que construímos sobre o direito de viver e de morrer, o silenciamento e o sofrimento gerado por conflitos que podem ocorrer sem a menor garantia dos direitos constitucionais, revela que são muitas as violências que atravessam a vida das pessoas que moram e trabalham em favelas.

### Considerações Finais

O conhecimento produzido pelos trabalhadores da saúde pública revela uma outra face da violência armadas nas favelas cariocas: o de garantir um direito que se pretendia universal- a saúde pública- em um território em que é autorizado a destituição dos direitos de cidadania. E como a violência armada opera como mote para a precarização das vidas dos favelados e dos agentes de Estado que ali desempenham seus trabalhos. Entendo que os processos que os vulnerabiliza são distintos e hierarquizantes.

No entanto, dentro do âmbito dessa discussão no campo da saúde, ressaltamos dois pontos. Primeiro, cabe reconhecer que a saúde pública se estabelece como um braço do Estado e se consolida com o objetivo de estabelecer a segurança de territórios e populações. Compreendemos essa ideia a partir da leitura de Foucault (2007) sobre o estabelecimento de uma medicina social. Desse modo, como braço do Estado vai estabelecer uma biopolítica, um biopoder.

No entanto, no contexto brasileiro, o biopoder precisa ser associado ao conceito de colonialidade formulado por Quijano (2000) e as matrizes coloniais do poder que se reatualizam mantendo desigualdades e hierarquizando condições de vida e saúde.

Butler e Das e Poole (2004) dialogam nessas leituras, pois estão abordando os enquadres (BUTLER, 2018) e as margens (DAS, POOLE, 2004) a partir de construções sociais e historicamente localizadas.

O segundo ponto é que enquanto realizarmos discussões sobre violência e saúde a partir dos enquadres que reforçam práticas e estigmas, não avan-

çaremos na discussão de uma saúde plena e integral. Abordar a violência sem trazer a história social que a constitui só reforça lugares pré-estabelecidos e privilégios.

Na pesquisa, nos testemunhos que reúne, fica evidente que trabalhadores e moradores de territórios que são postos a margem e enquadrados como conflagrados (COSTA, BAPTISTA, CUNHA, 2022), não são vidas de mesmo valor e enlutamento que outras vidas. No nosso país, as vidas que importam têm nome e sobrenome. E há uma produção cotidiana de quem merece a vida. O enquadre das vidas é, desse modo, o esforço cotidiano do processo colonizador. Estudos como esse são testemunhos que se apresentam como um ato de resistência, numa tentativa de desenquadrado do que o colonialismo produz de opressão.

Portanto, à Saúde Pública, como um braço das ações do Estado, cabe o enfrentamento do desafio de análises focalizadas que abordam a violência a partir de cenários e variáveis, o que restringem nosso olhar. Se entendemos que o colonialismo é fundante das relações desiguais e que a violência é a ferramenta central na imposição desta nova ordem conseguimos romper com essa lógica viciada da causa e efeito no processo saúde-doença, fazendo valer um debate político e social sobre o que produz vida e morte no nosso país.

### Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA. S. Racismo Estrutural. São Paulo: Feminismos Plurais, 2019
- BARROS, R. “Se eles não fazem nada faremos tudo por aqui”: a voz das favelas na luta contra a violência policial. In: Radar Covid-19 Favelas, edição no maio/2021. Rio de Janeiro: Cooperação Social/Fiocruz, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília-DF: Diário Oficial da União, nº 166, seção 1, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- BUTLER, J. Quadros de Guerra: quando a vida é

passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, G.W.S.; DOMITTI, A.C. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. *Caderno de Saúde Pública*, vol. 23, n.2, p.79-84, 2007.

CICV.org. Programa Acesso Mais Seguro. Disponível em: <<https://www.icrc.org/pt/document/o-programa-acesso-mais-seguro>> Acesso em: 10 jan 2024.

COSTA, V.C.; BAPTISTA, T.W.F.; CUNHA, M.B. O SUS em territórios vulnerabilizados: reflexões sobre violências, sofrimento mental e invisibilidades nas favelas brasileiras. *Revista Saúde em Debate*, vol. 46, p. 974-986, 2022.

CUNHA, MB.; et al. Vigilância Popular em Saúde: Contribuições para repensar a participação no SUS. In: BOTELHO, B.O. et al. *Educação Popular no Sistema Único de Saúde*. São Paulo: Hucitec, p.79-101, 2018.

DAS, V.; POOLE, D. *Anthropology in the margins of the State*. New Delhi: Oxford University Press, 2004.

DAS, V. *Live and words: Violence and the descent into the ordinary*. Berkeley, University California Press, 2007.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

GAMA, F. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico*, v.45, n.2, p. 188-208, 2020.

GONZALES, L. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GUTIERREZ, A.C., et al. Coletivos organizados, ativismo social e narrativas da pandemia em territórios vulneráveis na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol.28, .12, p.3533-3542, 2023.

HIRATA, D. et al. *A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados*. Relatório Final. 2021.

LEITE, M. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Segurança*, vol. 6, n.2, p. 374-389, 2012.

LEITE, M. Entre o individualismo e a solidariedade: Dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.15, n.44, p. 43-90, 2000.

LEMGRUBER, J. *Favelas na mira do tiro: impactos da guerra às drogas na economia dos territórios*. Rio de Janeiro : CESeC, 2023.

POUBART, J. *A entrevista do tipo qualitativo: consi-*

derações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUBART, J. et al. (org.) *A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2. ed., p. 215-253, 2008.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER E. (Compilador). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias Sociales*. Clacso: Buenos Aires, 2000.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, S.M.A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL*, vol.24, n.1, p.214-241, 2017

## Maconha, saúde, lazer e criminalização: observações sobre um caso de uso de maconha medicinal na periferia de Belém-Pará

Bruno Passos<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo traz o resultado de observações sobre o caso de Mariana, uma jovem negra moradora da periferia de Belém, que durante uma gestação complicada decidiu utilizar um medicamento à base maconha para o alívio da dor. O relato apresenta as dificuldades enfrentadas no acesso ao sistema de saúde, tanto pelo isolamento espacial como pela insegurança e acolhida nas maternidades disponíveis na rede de saúde da cidade. Somando-se a isso, o relato também destaca que Mariana faz uso recreativo de maconha, o que trouxe para o processo já violento, vivenciado por ela, o elemento da criminalização. O resultado é uma sobreposição de violências, onde racismo institucional, violência obstétrica e segregação espacial acabam por definir os caminhos que Mariana trilha em busca de assistência e cuidado para sua gestação. Conclui-se que os relatos, como o dessa jovem, possam contribuir para pensarmos caminhos direcionados às questões envolvendo o uso medicinal e recreativo da maconha, principalmente trazendo para o debate questões como raça, classe e territorialidade na gestão de políticas de saúde e segurança pública.

**Palavras-chave:** maconha; *cannabis* medicinal; criminalização; Belém-Pará.

## Marijuana, health, leisure and criminalization: points on a case of medical cannabis use in the periphery of Belém-Pará

### Abstract

The article brings the results of observations on the case of Mariana, a young black woman living on the outskirts of Belém, who during a complicated pregnancy decided to use a marijuana-based medicine to relieve pain. The report presents the difficulties faced in accessing the health system, both due to spatial isolation and not feeling safe and welcomed in the maternity wards available in the city's health network. Adding to this, Mariana also uses marijuana recreationally, which brings the element of criminalization to this already violent process. The result is an overlap of violence, where institutional racism, obstetric violence and spatial segregation end up defining the paths that Mariana follows in search of assistance and care for her pregnancy. The possible conclusion is that reports like that of this young woman can contribute to thinking about ways to address issues involving the medicinal and recreational use of marijuana, mainly bringing issues such as race, class and territoriality into the debate in the management of health and public safety policies.

**Keywords:** Marijuana; medicinal cannabis; criminalization; Belém-Pará.

### Introdução

Diversos textos científicos, relatos de viajantes e produções literárias de diversificada natureza demonstram o quanto é antigo o uso de fungos e plantas para fins medicinais, rituais e recreativos (BECKER, 2008), bem como o de seus componentes derivados, isolados farmacologicamente ou *in natura*. Uma das plantas mais conhecidas e (mal) faladas, na longa trajetória de experiência da humanidade com essas substâncias, é justamente a maconha. Esse vocábulo é o nome popular brasileiro mais comum para a planta de nome científico *Cannabis sp.* Outros de seus nomes são: cânhamo, marijuana e Santa-Maria, e,

<sup>1</sup> Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Pará, atua como Médico da Estratégia Saúde da Família na periferia de Belém. Mobilizador comunitário, educador popular e redutor de danos com histórico de atuação em serviços da Rede de Saúde Mental de Belém/Pará. Mestre em Antropologia pelo PPGSA/UFPA pesquisa questões ligados ao uso e abuso de álcool e outras drogas.

além deles, a planta também apresenta muitos apelidos: beco, ganja, fumo, chá, massa, verde, birra, pito, entre outros. Na verdade, o nome dado à planta ou ao uso dela varia de acordo com o lugar e com as características e finalidades dos grupos que a utilizam.

Deste modo, tendo em vista a complexidade que permeia os diversos usos da maconha, este artigo objetiva apresentar uma breve reflexão sobre os usos medicinais dessa planta em um contexto específico. Aqui me dedico a narrar uma situação na qual uma jovem negra, moradora de uma ocupação<sup>2</sup> na periferia de uma cidade amazônica, foi acometida por uma intercorrência em sua gestação e decidiu não procurar uma emergência médica; sua alternativa foi utilizar o óleo de maconha como medicamento.

Este relato faz parte de um trabalho etnográfico realizado para defesa de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação na linha de Antropologia. Tal pesquisa foi iniciada em 2019, interrompida por conta da Pandemia de Covid-19, e defendida em maio de 2023. A pesquisa tinha como tema as experiências vividas por pessoas de um bairro da periferia de Belém/PA em contextos de usos medicinais, religiosos e recreativos da maconha.

O trabalho de campo realizado se deu através de uma sucessão de deslocamentos que experimentei enquanto pesquisador e morador do bairro em questão. Assim, a maior parte dos dados etnográficos foi elaborada a partir do meu trânsito em um território com o qual possuo grande familiaridade. Dessa maneira, pude acessar o cotidiano das pessoas do bairro tendo como prioridade os espaços de lazer, festas de aparelhagem em praças e beiras de canais, observando tais lugares por acreditar que neles as pessoas estariam mais descontraídas e seria possível

observar a maconha como parte de seus cotidianos.

Do ponto de vista teórico e metodológico, as etnografias *na rua*, de Cornélia Eckert (2020), foram tomadas como referência para esse processo etnográfico em constante movimento pela cidade. Segundo a autora, o deslocamento é parte importante da antropologia, responsável inclusive pela consolidação da disciplina no meio acadêmico, desde o deslocamento físico, vencendo grandes distâncias geográficas, em Malinowski, passando pelo deslocamento temporal em Lévi-Strauss, até o deslocamento em direção ao próximo, ao que ele chama de alteridade dinâmica.

Os fatos que narro e comento a seguir contam parte da história de Mariana<sup>3</sup>, uma das interlocutoras da pesquisa, a qual, antes de iniciar a pesquisa, já era conhecida por mim. O nosso encontro ocorreu devido a uma solicitação dela em uma situação de urgência, uma vez que, além de pesquisador, sou médico generalista e trabalho com prescrição de medicamentos à base de maconha. Entretanto, é importante dizer que não se estabeleceu relação médico-paciente propriamente dita; não houve elaboração de prontuário, prescrição formal e escrita de medicamentos. O uso do medicamento derivado da planta da maconha se deu apenas em caráter de orientação e educação em saúde; o medicamento em questão se deu por *uso compassivo de medicamento*<sup>4</sup>, segundo a Resolução 2.113/2014 do Conselho Federal de Medicina.

### O chamado de Mariana

Já era noite quando notei várias chamadas não atendidas no celular e também mensagens de

2 Uma *invasão* urbana em um conjunto que era do programa Minha Casa Minha Vida, nunca finalizado, onde as pessoas moram precariamente, sem acesso à rede de esgoto, serviço de saúde etc.

3 Todos os nomes de lugares e pessoas serão fictícios por motivos de preservação da identidade dos sujeitos em questão e também por motivos de ética em pesquisa.

4 Na medicina, o uso compassivo de medicamento é aquele feito quando se esgotaram outras opções de tratamento; logo, um medicamento não aprovado, ou novo, pode ser utilizado.

três pessoas diferentes me solicitando ajuda médica para Mariana, uma amiga próxima que estava gestante e se queixava de contrações uterinas intensas e dor. Mariana é uma jovem negra de 26 anos, paraense, afro-religiosa, artista de rua, cantora, estilista, produtora cultural e mãe de uma criança de um ano e seis meses de idade. Ela vive em uma união estável com Jorge, homem negro de 35 anos, baiano, artista de rua e escritor

Eles vivem hoje no Esteio, uma área de ocupação na periferia de Belém, território marcado pela intensa atividade do tráfico de drogas, pela violência policial e pela ausência de serviços como saneamento e fornecimento adequado de água e energia elétrica. Além disso, a comunidade do Esteio não é coberta por uma Equipe de Estratégia de Saúde da Família, nem possui escolas, creches ou outros serviços públicos semelhantes.

Quando conheci Mariana, ela ainda não conhecia Jorge e ainda não morava na comunidade do Esteio. Não lembro bem a primeira vez que conversamos ou nos apresentamos, mas em minha memória as primeiras lembranças que tenho dela são de apresentações do grupo musical a que ela fez parte. Aqui se faz necessário explicar que, em Belém, a cultura vivida na rua é muito forte – batalhas de MCs, batuques, teatro de rua, circo e muitas outras manifestações –, pois são presenças marcantes nas praças e outras localizações da cidade. Foi num desses momentos que conheci Mariana. Mas o momento de maior proximidade ocorreu quando decidi contratar músicos para a festa de aniversário de 45 anos da minha mãe, optando pelo grupo musical do qual ela fazia parte. A banda tinha composição exclusiva de jovens negros que se propunham a fortalecer os vínculos da juventude negra urbana com a musicalidade e expressão artística de comunidades tradicionais rurais da Amazônia e de fora dela.

nos encontramos em contextos ligados de alguma forma à maconha. Encontramo-nos em situações onde fumamos juntos, ou em espaços onde íamos comprar o fumo. Em um dos nossos encontros, Mariana estava repassando pequenas quantidades de uma maconha vinda da Bahia para alguns amigos e conhecidos. A partir desses eventos, é possível perceber que a relação dela com a *cannabis* é antiga e ligada ao consumo adulto, ou ao consumo recreativo dessa planta.

Quando já éramos mais próximos, e Mariana já vivia com Jorge na comunidade do Esteio, soube que ela estava gestante, fato que lhe causou grande alegria. Durante uma visita que fiz na casa do casal, já com a gestação avançada há cerca de cinco meses, ambos me convidaram para ajudar no pré-natal, em virtude da experiência negativa que tiveram na unidade de saúde durante a gestação da primeira filha. No decorrer das conversas, eles me relataram suas frustrações com o serviço prestado por profissionais de saúde, tanto em experiências anteriores como no acompanhamento que recebiam no pré-natal. O casal se queixava principalmente da relação distanciada e pouco humanizada que os profissionais estabeleciam com eles, por isso estavam descontentes também com as informações insuficientes que recebiam durante as consultas e com pouco espaço para sanar dúvidas e questionamentos.

Após alguns encontros que tivemos, Mariana e Jorge manifestaram o desejo de fazer um parto domiciliar, e pediram que eu conduzisse esse processo. Como nunca havia participado de um parto desse tipo, apesar de me interessar bastante pelo assunto, decidi ser cauteloso sobre essa decisão, e expliquei qual era a minha situação de conhecimento e experiência profissional, quais eram os recursos e requisitos técnicos para que fosse concretizado o parto domiciliar.

Depois de nos conhecermos, muitas vezes

Durante o processo de informação e decisão,

o casal sempre se manifestou contrário ao parto em um hospital, mesmo após eu detalhar os riscos do procedimento domiciliar em virtude da situação em que eles se encontravam: um pré-natal com lacunas importantes, a dificuldade de acesso a equipamentos e profissionais necessários para um parto domiciliar, bem como a dificuldade de acesso rápido a um hospital, caso fosse necessário.

Aqui é preciso acrescentar o fato de que Mariana e Jorge consumiam cannabis regularmente, de modo que era uma preocupação do casal os possíveis riscos para o feto devido a esse hábito. Nesse contexto, Mariana relatava ansiedade e problemas de humor durante a primeira gravidez e via no efeito psicoativo um alívio para esses sintomas. Orientei quanto às referências ao uso de cannabis durante a gravidez na literatura médica, detalhei os riscos de prematuridade e baixo peso ao nascer, assim como a postura geral de profissionais da saúde sobre o tema: como não se pode ter certeza sobre o risco, na dúvida, melhor evitar. A postura do casal foi de acolher o que dizem as evidências científicas, ao passo que eles também relativizaram esses riscos baseados em suas convicções e também em relatos de conhecidos e amigos.

A decisão de Mariana foi a de consumir maconha em pequenas quantidades de cannabis solta que a própria teve acesso durante sua viagem ao nordeste, obtendo a planta direto de cultivadores. Em relação a fumar o prensado paraguaio, ela foi firme: não fumaria.

### **Violência obstétrica e racismo no SUS**

O chamado para que eu ajudasse Mariana veio em uma situação que cabe atenção. No momento das dores, ela encontrava-se “recolhida” em terceiro de religião de matriz africana, processo necessário para que ela fosse iniciada de fato na religião,

inclusive quem me fez contato foi a líder religiosa do espaço sagrado, que estava preocupada com a possibilidade de Mariana estar entrando em trabalho de parto naquele momento.

Quando cheguei, obtive o relato das pessoas presentes sobre a situação de Mariana; todos muito preocupados com o estado de saúde dela. Encontrei-a na cama, apresentando sinais de dor e desconforto na expressão facial. Conversei com ela brevemente, onde constatei que a jovem vinha sentindo dores pélvicas intensas, semelhantes à cólica menstrual, só que com maior intensidade. Ela já tinha feito uso de paracetamol sem melhora nenhuma. No momento do encontro, ela tinha três contrações a cada 5 minutos, não possuía sinais de rotura de membranas, motivo pelo qual decidi não realizar toque vaginal. Levantando informações sobre a história clínica de Mariana, percebi que o pré-natal não tinha sido iniciado cedo, uma vez que a gestação só foi descoberta já com mais três meses em ultrassonografia.

A gravidez atual não era esperada, nem tampouco planejada, levou mais tempo para ser identificada porque Mariana estava sem menstruar desde o seu primeiro parto e continuou assim no período da amamentação de sua filha, interrompido por motivo do recolhimento no espaço sagrado.

Diante do evidente sofrimento que as dores vinham causando, e da falta de resposta a medicamentos comuns, Mariana teve acesso a um óleo artesanal rico em CBD, com concentração a 6%, e me demonstrou o interesse em usá-lo para alívio da dor, conforme tinha ouvido falar, e, para isso, queria minha orientação. Nesse ponto, me vi demandado a tomar uma decisão de grande responsabilidade, já que deveria orientá-la sobre tomar ou não o medicamento, considerando o embasamento teórico que me permitia acreditar que ela teria alívio com ele, mas também o risco associado a essa possível conduta. Orientei Mariana e Jorge sobre os riscos e possíveis

benefícios, ressaltando que a decisão era dela em última instância. E ela decidiu pelo sim. Dessa forma, orientei-a sobre uso compassivo respeitando a dosagem de seis gotas duas vezes ao dia.

Após 10 minutos da ingestão, os primeiros efeitos de melhora começaram a ser sentidos, e eu segui a análise do caso, a fim de decidir se Mariana precisava ou não recorrer a um hospital para avaliar seu caso. A idade gestacional calculada a partir do exame de ultrassonografia revelou uma gravidez de 31 semanas; a análise da biometria fetal revelou um feto de crescimento mediano, com risco de baixo peso ao nascer. Diante da melhora das dores que ela apresentou e da ausência de rotura de membranas, orientei Mariana a fazer repouso e aguardar 24h. Contudo, se outros sinais de trabalho de parto surgissem, ela deveria procurar o hospital. Mariana não teve um diagnóstico de trabalho de parto prematuro, não precisou ir ao hospital e seguiu sua gestação normalmente até o parto. Aparentemente, o quadro agudo de dores e de possível trabalho de parto só melhorou após o uso contínuo do medicamento.

### **Maconha recreativa e proibição**

Criminalizada há quase um século ao redor do mundo, a maconha é uma das “drogas” mais consumidas não só no Brasil. Segundo relatório da Diretoria das Nações Unidas sobre Drogas (UNODC), estima-se que 4,3 % da população mundial usaram maconha pelo menos uma vez no ano de 2021, o que representa cerca de 192,2 milhões de pessoas no mundo inteiro, sendo que nos Estado Unidos (EUA) cerca de 10 milhões de pessoas fazem uso diariamente ou quase diariamente. Esses números colocam a maconha como a droga mais usada e cujo uso mais cresce em esfera global (UNODC, 2023). No Brasil, uma publicação do Ministério da Saúde informou que 11,7 milhões de pessoas já consumiram maconha na vida; 2,2 milhões usaram-na nos últimos 30 dias e 3,8 milhões a consumiram nos últimos meses,

tendo como referência o ano de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

A proibição da maconha, bem como de outras drogas, demonstrou terríveis consequências para comunidades periféricas, negras e indígenas, um histórico que segue reverberando até hoje nas relações sociais, ainda que muitos países tenham experimentado modelos de descriminalização nos últimos 10 anos. No Brasil, especialmente, a Maconha cada vez mais é considerada parte da herança cultural desses povos, evidenciando sua relação com a espiritualidade, a cultura e os sistemas de cuidado de certas regiões do país. No ambiente político, alguns posicionamentos vêm reforçando esse ponto. Recentemente, a ministra dos Povos Originários, Sônia Guajajara, declarou em audiência pública a importância dessa planta no sistema de cura de seu povo, os Guajajara do Maranhão.

Não podemos vincular o uso recreativo da maconha a um grupo social ou outro, tampouco grupos étnicos e raciais. Contudo, as consequências da proibição da maconha ainda são desiguais e atravessadas por marcadores de gênero, raça, classe e região. No Brasil, a história da criminalização da maconha está estritamente atrelada à experiência de subalternização e violência direcionada à população negra. No que se refere a isso, o historiador Henrique Carneiro (2003) aponta registros de tentativas de criminalização da maconha desde 1830, quando, além do uso recreativo, cigarros de maconha eram vendidos em tabacarias e a erva era utilizada por grupos negros em processos ritualísticos e religiosos.

Analisando dados etnográficos cruzados sobre como gênero, raça e classe se interseccionam em trajetórias de mulheres que se envolvem com tráfico de drogas em Belém, Pinheiro (2020) chama atenção para o crescimento da população carcerária feminina presa por esse crime e como a grande maioria dessas mulheres aguardam sentença em re-



gime fechado por porte de pequenas quantidades de drogas, maconha na maioria das vezes, e como suas trajetórias são atravessadas por um complexo conjunto de violências. A pesquisadora aponta, a partir de dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, que o Brasil ocupa a quarta posição no ranking mundial de encarceramento de mulheres. Salienta ainda que, desse percentual, 62% são negras e 62% respondem por tráfico de drogas.

O anuário de segurança pública brasileiro, referente ao período de 2020 a 2021, revelou que quase 820 mil pessoas viviam em instituições penais no Brasil, das quais 67,5% eram negras. Entre as vítimas de homicídio no mesmo ano, 77,9% tinham entre 15 e 29 anos, e 75,4% eram negras (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022). Do total de encarcerados, 67,5% são negros; contudo, esse é um dado passível de questionamento, já que o anuário relata ainda que há uma diferença entre o número total de pessoas encarceradas e o número de pessoas que apresentavam alguma declaração de raça no questionário que serviu de fonte para a pesquisa. Cerca de 180 mil pessoas não continham declaração de raça, o que pode representar importante variação nos dados finais.

Em busca de uma descrição detalhada desse quadro de seletividade penal, bem como de compreender as minúcias de como ela é gestada dentro de forças policiais, a socióloga Maria Carolina Schilittler (2016) entrevistou pessoas em conflito com a lei e agentes de forças policiais do estado de São Paulo, analisando os resultados junto aos dados institucionais que envolvem o encarceramento e letalidade com base na diferenciação racial. Na tese “Prender muito, prender mal”, a autora demonstra como o racismo está presente na construção da percepção do policial sobre quem é suspeito, e sobre quem deve ser alvo de abordagem, assim como na definição da identidade racial do *criminoso* dentro do sistema judiciário; e até mesmo nas práticas pri-

sionais calcadas na “desumanização do bandido” (SCHITTLER, 2016).

### Dilemas da maconha medicinal

Apesar de o uso recreativo da maconha ainda estar em voga, recentemente os usos medicinais da maconha surgiram com força no debate científico, principalmente dentro do campo das ciências biológicas e biomédicas. Desde o isolamento e descrição científica do THC, por Rafael Mechoulam em 1964, até a explosão de pesquisas biomédicas sobre a maconha, passaram-se mais de 40 anos, de maneira que muito já se avançou nesses estudos.

Apesar desse importante movimento dos últimos anos, é importante ressaltar que as referências a usos medicinais da maconha estão presentes em diversas culturas e sociedades ao longo da história, um dos mais antigos relatos de uso sistemático da *Cannabis sp.* está na farmacopeia chinesa *Pen-ts'ao Ching*, um compilado feito no início da era cristã, especificamente no Império Shen-Nung, que povoou a China por volta de 2.700 a.C. (ZUARDI, 2006). No Brasil, no final do século XIX, a maconha foi vendida e propagandeada como medicamento em diversas apresentações, desde pastilhas digestivas e tabletes sedativos, até cigarros para asma (FRANÇA, 2018).

No artigo *Breve panorama etnobotânico sobre a maconha* (2016), Rafael dos Santos, farmacologista do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA), ressalta que, desde a antiguidade, muitas culturas, do Oriente até o continente Africano, fizeram dessa planta presença marcante em práticas medicinais. O autor vai além, fazendo referência inclusive à incorporação desses usos por parte de povos indígenas na América, provavelmente a partir do contato com europeus e africanos que a trouxeram para o que até então era o Novo Mundo.

Tanto no Oriente como no Ocidente, a oralidade se encarrega da transmissão do conhecimento tradicional associado a essa planta. Não raro, encontram-se referências a ela em receitas das benzedeadas e ervaíras amazônicas para determinadas enfermidades. Se você cuida de uma criança com asma, portanto, não é difícil ouvir a receita de chá da folha de maconha de alguma mulher no interior do estado do Pará. Em algumas regiões do estado, ainda resiste um tipo de cultivo de plantas medicinais e frutíferas nos quintais das casas na periferia, conduzido por mulheres que aprenderam o trato com as plantas de suas mães e avós (PEIXOTO, 2020); logo, não pareceria estranho que a maconha fizesse parte de muitos desses quintais.

A formação étnica e racial do povo brasileiro possibilita que práticas de cuidado tradicionais de povos negros e indígenas coexistam com os modelos de cura ocidentais<sup>5</sup>, mesmo que frequentemente desacreditadas e invisibilizadas. Ainda assim, tal como a prática de cultivo de plantas medicinais nos quintais, conhecimentos ligados ao uso medicinal de plantas sobrevivem e fazem parte do cotidiano de muitas comunidades rurais e urbanas. Em nosso país, a credibilização desses conhecimentos e práticas teve grande impulso com os movimentos populares de luta pelo acesso à saúde que culminaram na criação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Nas últimas décadas, os movimentos de educação popular em saúde demandaram cada vez mais a inserção dessas práticas nos serviços ofertados à população, e a resposta a isso veio através de políticas governamentais que as regulamentaram como parte dos processos de Atenção Integral à Saúde, e assim foram gestadas a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PEDROSA, 2021), a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos; a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) a Política Na-

cional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta e a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

Apesar disso, afora algumas experiências pontuais, práticas populares e tradicionais de cuidado ainda não integram de forma orgânica grande parte dos serviços de saúde brasileiros e pouco aparecem nos currículos regulares de formação de profissionais da saúde, mesmo na região amazônica, onde ainda existe presença forte dessas práticas. Em Belém, por exemplo, não existe nenhuma disciplina regular sobre o tema dos fitoterápicos e das plantas medicinais nos cursos de medicina ofertados pelas duas universidades públicas da cidade.

Na última década, após forte pressão de movimentos sociais e acadêmicos, que têm disparado processos de legalização e regulamentação, a cannabis voltou a ser discutida enquanto uma possibilidade no tratamento de diversas doenças. Assim, passou a ser foco de estudos científicos que procuram validar seu uso e definir processos terapêuticos, mas frequentemente a partir de referências da ciência ocidentalizada, salientando seus aspectos biomédicos em detrimento de um diálogo com conceitos e práticas da Etnobotânica (AMOROZO; GELY, 1988; ROCHA; BOSCOLO; FERNANDES, 2015) – campo interdisciplinar que procura ampliar o diálogo de cientistas com comunidades tradicionais e seus conhecimentos sobre os diversos usos das plantas.

Na Amazônia, muitos relatos dão conta da presença da Cannabis através de suas aplicações recreativas por negros, indígenas e seus descendentes, mas também em práticas religiosas dessas matrizes culturais, integrando sistemas terapêuticos, ao lado de muitas outras plantas medicinais mais comuns, principalmente em comunidades rurais (OPIM, 2008).

<sup>5</sup> Para maior detalhamento sobre os modelos de cura ver Laplantine (1986).

Nas áreas periféricas das cidades amazônicas, onde a formação populacional está ligada a movimentos migratórios vindos do mundo rural, existe um vazio de pesquisas e relatos que envolvem os usos medicinais dessa planta. O que poderia ser considerado como evidência da pouca utilização da maconha medicinal também pode ser visto como uma consequência da guerra às drogas, e, em virtude de essas comunidades sofrerem as piores consequências dela, não seria absurdo presumir que, mesmo utilizando a planta como remédio, muitas pessoas evitam falar desse assunto. Em outras palavras, se você vive em um bairro periférico, mesmo que sua avó tenha usado a maconha como remédio para tratar parentes e vizinhos, é melhor não seguir esse exemplo, já que pode ser morto ou encarcerado pela posse de pequenas quantidades dela, ainda mais se for um jovem negro.

Uma das principais consequências disso é que, além de sofrerem com o racismo e classismo direcionado historicamente a elas, comunidades de marcante herança negra e indígena são desautorizadas até mesmo pelo uso medicinal de uma planta que ao longo dos tempos fez parte dos seus sistemas de cura. Essa particular violação do direito à saúde ocorre tanto de forma direta, através das leis sobre posse e cultivo dessa planta, quanto de forma indireta, porque quando ela está disponível é fora do sistema público de saúde e com preços muito elevados.

Para além da histórica presença da maconha em modelos de cura chamados de tradicionais, é importante destacar a recente incorporação dela no modelo de cura ocidental. Nesse caso, as ciências biológicas e médicas vêm, aos poucos, reformulando a compreensão sobre a planta.

A legalização em diversos países, sobretudo nos Estados Unidos, permitiu um avanço exponencial no estudo do papel dela no tratamento de muitas doenças, uma mudança que permitiu maior

aderência ao chamado uso medicinal. Evidências desse movimento podem ser encontradas em uma pesquisa realizada no país a partir dos dados do National Survey on Drug Use and Health, na qual os autores afirmam que cerca de 17% do total de usuários de maconha no país se consideram usuários medicinais, pessoas que mesmo sendo residentes em Estados onde não foi legalizado o uso medicinal, procuram prescrições para ter acesso à planta por vias legais (BROWN, 2017).

No Brasil, a legislação ofereceu poucos avanços rumo à legalização de qualquer uso da maconha, mas, apesar desse cenário, as pessoas que demandam os medicamentos derivados da planta encontraram maneiras de garantir o seu tratamento com certo respaldo legal, e a principal solução nesse sentido diz respeito ao chamado “associativismo canábico”, um movimento que uniu profissionais de saúde, pesquisadores, ativistas e usuários do sistema de saúde com objetivo de fornecer maconha medicinal a quem precisa.

A Plataforma Brasileira de Política de Drogas debate as múltiplas dimensões desse movimento no Brasil no documento “Introdução ao Associativismo Canábico”. O texto faz referência a pelo menos 30 associações vigentes atualmente no país, com diferentes características, mas com objetivo em comum de cultivar, processar e distribuir medicamentos derivados da maconha no Brasil (NÚCLEO CANABIS PBPD, 2020).

Em artigo na publicação “Drogas no Brasil”, o farmacêutico Paulo Mattos analisa os modelos internacionais de regulamentação do aspecto medicinal da maconha que serviram de inspiração para a legislação brasileira. No texto, ele afirma que até mesmo os marcos legais mais restritivos com relação ao uso recreativo já resguardavam o lugar dos usos terapêuticos. Segundo o autor, desde a Convenção Única sobre Entorpecentes, de 1961, um importante marco

internacional para a proibição dos usos recreativos, já existe referência a uma necessidade de “garantir a disponibilidade de entorpecentes” para eventuais medidas de alívio da dor e do sofrimento, fato que o autor considera suficiente para que não haja justificativa para o que ele chama de “desregulamentação” da maconha medicinal (MATTOS, 2015).

Para reforçar as suas críticas quanto ao possível descaso dos agentes públicos brasileiros em relação à regulamentação da maconha medicinal, o autor afirma que o principal órgão responsável, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, ignorando o fato de ser signatária da convenção de 1961, pouco agiu no sentido de estruturar uma regulamentação que garanta o acesso a tratamentos com derivados da planta.

De certa forma, o associativismo canábico brasileiro se insere nesse contexto de proibição e de inércia por parte das instituições reguladoras, pressionando órgãos como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) através de intensa mobilização política e jurídica. No artigo “A fumaça do bom direito: demandas pelo acesso legal à maconha na cidade do Rio de Janeiro”, o advogado e ativista detalha o desgastante processo de litígio judicial de uma família em busca de um cultivo doméstico e legal da maconha para extrair medicamentos. O relato ilustra como esse movimento vem garantindo avanços no direito ao medicamento; por outro lado, revela também o perfil socioeconômico das famílias que são protagonistas dessa mudança, uma classe média, de alta escolaridade e capacidade de mobilização midiática e institucional (FIGUEIREDO; POLICARPO; VERÍSSIMO, 2017).

O alto custo de compra do medicamento é outra questão que se soma; a opção de importar o

produto pode ser dispendiosa, já que o frete e a conversão cambial são incluídos na conta. Além disso, para solicitar uma autorização de importação junto à ANVISA, é necessário apresentar um orçamento de medicamento para, no mínimo, seis meses de tratamento, o que aumenta em grande monta o custo final.

As associações brasileiras costumam ser uma opção mais barata e de mais fácil logística do que as importações, algumas delas trabalham com “assinaturas” de mensalidades fixas, oferecendo para seus associados serviços de saúde, de setores jurídicos e também medicamentos em quantidade suficiente para o tratamento prescrito. Entidades como a Associação Brasileira Cannabis Amigos e Esperança (ABRACE)<sup>6</sup>, com sede no estado da Paraíba, admitem apenas associados de dentro do estado. Outras, como a Maria Flor<sup>7</sup> e Sou Cannabis<sup>8</sup>, facilitam o acesso a pessoas de todas as regiões do país. Entretanto, o custo ainda é um problema, já que dependendo da concentração prescrita pelo médico e da dose diária utilizada, o preço para dois meses de tratamento chega a 550 reais.

### **Violências sobrepostas**

Para analisar as experiências vividas por Mariana e as distintas formas de opressão e limitação da vida que ela enfrenta nesse complicado momento de sua vida, evoco aqui uma análise interseccional, tal como definido por Collins (2020), um termo polissêmico com funções teóricas e metodológicas, e que serve como uma “ferramenta analítica”, capaz de problematizar as vivências das pessoas de um bairro periférico com a maconha, focando na possível sobreposição de formas de opressão a que maconheiros e maconheiras possam estar submetidos. Aplicada ao problema da pesquisa, a interseccionalidade se torna

<sup>6</sup> <https://abracesperanca.org.br/>

<sup>7</sup> <https://mariaflor.org.br/>

<sup>8</sup> <https://soucannabis.org.br/>

essa lente multifocal que interconecta marcadores sociais da diferença, tal como gênero, territorialidade, raça, classe.

Mariana não tinha a possibilidade de pagar por um atendimento particular, e estando longe da assistência do sistema público, enfrentava grandes dificuldades até mesmo para ter acesso aos procedimentos mais comuns, de modo que sua gravidez não teve acompanhamento pré-natal do SUS, onde inclusive poderia ter sido constatado algum problema desde o primeiro momento da gravidez. Tal acompanhamento poderia ter evitado a situação de risco na qual ela se encontrava quando decidiu fazer uso de um medicamento que costuma ser a última alternativa de tratamento, quando já se esgotaram outras possibilidades<sup>9</sup>.

Ainda que Mariana tivesse como acessar serviços privados, outra violência se sobreporia, dessa vez tomando a forma da segregação territorial e também a estigmatização das pessoas que vivem nas periferias. O casal vive na *periferia da periferia* da cidade, na comunidade conhecida por ser o ponto mais afastado e mais isolado do bairro; lá não passa transporte público, o saneamento é precário e o serviço público mais presente é a polícia e o menos frequente é a coleta de lixo.

Do ponto de vista da negação do direito à saúde, o relato é um olhar individual sobre as estatísticas de assistência à gestação a mulheres negras, as maiores vítimas de violência obstétrica (LIMA, 2016). Se a dificuldade de receber assistência por si só já é causa de um agravamento das condições de saúde, nesse caso a preocupação de Mariana e Jorge em evitar ao máximo um parto em ambiente hospitalar revela que, até mesmo quando se consegue acesso a algum tipo de assistência, a pouca confiança na qualidade do atendimento pode aumentar ainda mais a distância entre quem oferece cuidado em saúde e quem mais precisa dele.

A questão da ampliação do acesso a serviços de saúde é tema de debate desde o início da construção do SUS. Antes disso, teve lugar central na Declaração de Alma-Ata, de 1978, que definiu as bases dos modelos de sistema de saúde que privilegiam a atenção primária. Exemplificando a importância desse contexto para as reflexões sobre a qualidade do SUS, os pesquisadores da área técnica da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Travassos e Martins (2004), detalharam desafios recentes para ampliação do acesso aos serviços. Nesse sentido, ao elencarem possíveis fatores que reduzem o acesso, eles ressaltaram a influência de experiências prévias negativas das pessoas com o SUS, o que além de diminuir a procura, contribui também para uma pior qualidade da utilização desses serviços (TRAVASSOS; MARTINS, 2004).

Todas essas possibilidades de análises sobre os fatores que podem negar ou dificultar o acesso de pessoas, como Mariana e Jorge, nos permitem contemplar quantas camadas a mais de dificuldades uma parcela da população pode encontrar no acesso ao cuidado humanizado, que respeite a liberdade religiosa e valores culturais de cada comunidade, principalmente daquelas em periferias. Essa percepção ampliada que demonstra opressões sobrepostas em situações de violência física, simbólica e cultural também pode conduzir a políticas públicas que vençam os limites do chamado uso medicinal e uso recreativo, permitindo um olhar também ampliado, direcionando iniciativas em relação à regulamentação da maconha, de forma inclusiva, tanto do ponto de vista da segurança pública quanto da economia, da saúde coletiva e da urbanidade.

### Referências Bibliográficas

AMOROZO, Maria C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ser. Bot., Belém, PA, v 4. n 1.

9 O uso desse tipo de medicamento está regulado pela ANVISA através da RDC 327/2019.

1988. p. 47-131

**BECKER**, Howard Saul. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. *E-book* (231p). Disponível em: Acesso em 11/11/2020

**BROWN**, Q. L. Trends in Marijuana Use Among Pregnant and Nonpregnant Reproductive-Aged Women, 2002-2014. *JAMA*. n 317.v 2. 2017.

p207–209. Disponível em: [https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2594398?utm\\_campaign=articlePDF&utm\\_medium=articlePDFlink&utm\\_source=articlePDF&utm\\_content=jama.2016.18900](https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2594398?utm_campaign=articlePDF&utm_medium=articlePDFlink&utm_source=articlePDF&utm_content=jama.2016.18900). Acesso em 12/01/2023.

**CARNEIRO**, Henrique. **As drogas à luz do dia: o controle social e o uso político dos psicoativos**. Verve (PUCSP), São Paulo, v. 4, p. 300-304, 2003.

**COLLINS**, Patricia Hill. O que é interseccionalidade? In: Interseccionalidade. Editora Boitempo. São Paulo. 2020.

**ECKERT**, C; **ROCHA**, A. L. C. da. A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. *Hawò*, Goiânia, v. 1, p. 1–52, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/63521>. Acesso em: 8 fev. 2023

**FIGUEIREDO**, Emílio; **POLICARPO**, Frederico; **VERÍSSIMO**, Marcos. A “fumaça do bom direito”: demandas pelo acesso legal à maconha na cidade do Rio de Janeiro. *Revista da Plataforma Brasileira de Política de Drogas*. v1. n1. São Paulo. 2017.

**FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA** (Ed.). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Ano 16. ed. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em 07/02/2023.

**FRANÇA**, Jean Marcel Carvalho. *A história da maconha no Brasil*. Três estrelas. São Paulo. 2018.

**LAPLANTINE**, François. *Antropologia e literatura*. In: **LAPLANTINE**, F. *Aprender antropologia*. 1ª edição. 15ª Reimpressão. Editora Brasiliense. São Paulo. 2003. p143-148. Disponível em: [https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2010/03/laplantine\\_aprender-antropologia.pdf](https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2010/03/laplantine_aprender-antropologia.pdf). Acesso em 11/11/2020.

**LIMA**, K.D. *Raça e violência obstétrica no Brasil*. Monografia (Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva). Centro de pesquisas Aggeu Magalhães FIOCRUZ. Recife. 2016.

**MATTOS**, Paulo Orlandi. Modelos internacionais de regulamentação do uso medicinal da cannabis. In: **BOKANY**, Vilma (org). *Drogas no Brasil: entre*

a saúde e a justiça: proximidades e opiniões. Editor Perseu Abramo. São Paulo. 2015.

**MINISTÉRIO DA SAÚDE**. III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas na população brasileira. (ORG) Francisco Bastos et al. ICICT/FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>. Acesso em 24/02/2024

**NÚCLEO CÂNABIS PBPD**. *Introdução ao Associativismo Canábico*. Org ZANATTO, Rafael Morato. Editora Disparo Comunicação e Educação. São Paulo. 2020

**OPIM**, Organização dos Professores Indígenas Mura. *Dirijo: Antes da Proibição da Maconha*. 2008.(12min). disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QgMibL\\_NZXI](https://www.youtube.com/watch?v=QgMibL_NZXI) Acesso em 15/07/21.

**PEIXOTO**, Lanna Beatriz Lima. “Toda planta tem alguém com ela” – sobre mulheres, plantas e imagens nos quintais de Mangueiras. Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia. UFPA. Belém. 2020.

**PINHEIRO**, Ivonete. *Trajetórias de mulheres no tráfico de drogas: intersecções de gênero, raça e classe*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia. Universidade Federal do Pará. Belém. 2020

**ROCHA**, J.A; **BOSCOLO**, O. H e **FERNANDES**, L.R.R.M.V. *Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional*. *INTERAÇÕES*. Campo Grand. v 16. n2. 2015. p. 67-74

**SANTOS**, Rafael Guimarães dos. *Breve panorama etnobotânico sobre a maconha*. In: **MCRAE** e **ALVES** (Org). *Fumo de Angola: Cannabis, Racismo, Resistência Cultural e Espiritualidade*. EDUFBA. Salvador. 2016.

**SCHILITTLER**, Maria Carolina de Camargo. “MATAR MUITO, PRENDER MAL”: A produção da desigualdade racial como efeito do policiamento ostensivo militarizado em SP. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2016.

**TRAVASSOS**, C.; **MARTINS**, M.. Uma revisão sobre os conceitos de acesso e utilização de serviços de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 20, n. Cad. Saúde Pública, 2004 20 suppl 2. 2004.

**UNODC**. *World Drug Report 2023*. United Nation Publications. Viena. 2023. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/world-drug-report-2023.html>. Acesso em 24/02/2024.

**VILHENA**, Ana Paula Mendes Pereira. “Eles são

os considerados do setor”: Uma etnografia sobre sociabilidade e consumo entre jovens das equipes de aparelhagem em Belém do Pará. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém. 2012.

**ZUARDI**, Antônio Waldo. History of cannabis as a medicine: a review. *Rev Bras Psiquiatr.* 28(2):153-7. Ribeirão Preto. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28n2/29785.pdf>. Acesso em 11/11/2020.

## Viveiros de gansos e viveiros de patos: um estudo sobre práticas policiais envolvendo apreensão de drogas no estado do Rio de Janeiro

Marcos Verissimo<sup>1</sup>  
Perla Alves<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo do presente artigo é descrever e interpretar uma modalidade de emprego da força policial em decorrência do cumprimento da Lei 11.343, de 2006, conhecida no Brasil como Lei de Drogas. Colocando sob análise sociológica os resultados daí decorrentes, esperamos contribuir no âmbito dos estudos sobre os efeitos práticos desta tecnologia política e legal, que, ao definir que substâncias podem e devem, ou não, circular nos meios sociais, cria, como consequência, as estruturas de circulação clandestina e seus legados de ordem social. Destaque para a face da chamada “guerra às drogas” no Rio de Janeiro, com as forças policiais na linha de frente e tendo o “tráfico” como inimigo a ser abatido, e populações inteiras circulando no *front*. A metodologia empregada é o trabalho de campo de inspiração etnográfica, com farto uso de material oriundo de conversas diretas com os sujeitos envolvidos nas ações policiais. Os resultados da pesquisa apontam para a dificuldade sistemática das forças policiais fluminenses em operar na lógica da administração institucional de conflitos, que seria seu papel dentro de um Estado Democrático de Direito, uma vez que em grande parte dos territórios as mesmas são uma das partes em conflito aberto.

**Palavras -chaves:** Controle. Polícia Militar. Lei de Drogas. Segurança Pública

## Goose aviaries and duck aviaries: a study on police practices involving drug seizures in the state of Rio de Janeiro

### Abstract

The objective of this article is to describe and interpret a type of police force employment as a result of compliance with Law 11,343/ 2006, known in Brazil as the Drug Law. By placing the resulting results under sociological analysis, we hope to contribute within the scope of studies on the practical effects of this political and legal technology, which, by defining which substances can and should, or not, circulate in social environments, creates, as a consequence, the structures of clandestine circulation and its social legacies. Highlighting the face of the so-called “war on drugs” in Rio de Janeiro, with police forces on the front line and with “trafficking” as the enemy to be defeated, and entire populations circulating at the front. The methodology used is ethnographically inspired fieldwork, with extensive use of material originating from direct conversations with the subjects involved in police actions. The research results point to the systematic difficulty of Rio de Janeiro’s police forces in operating within the logic of institutional conflict management, which would be their role within a Democratic State of Law, since in a large part of the territories they are one of the parties in open conflict.

**Keywords:** Control. Military police. Drug Law. Criminology.

### Introdução

O trecho transcrito a seguir é o relato de um jornalista a respeito de um distinto cidadão de seu tempo. Uma autoridade policial de prestígio em sua cidade, que se encontrava exercendo o cargo de delegado Doutor pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Universidade Federal Fluminense. Mestre em Antropologia pelo mesmo programa. Especialista em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisador associado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC), onde coordena o subprojeto Laboratório de Iniciação Acadêmica em Administração de Conflitos (LABIAC). Áreas de interesse: conflitos relacionados às “drogas” (lícitas e ilícitas) e seus usos, mercados, produção e repressão; antropologia visual; e estudos de manifestações artísticas e culturais construídas por grupos sociais mais ou menos definidos. Conflitos escolares. Coordenador do Laboratório Escolar de Pesquisa e Iniciação Científica (LEPIC).

<sup>2</sup> É pesquisadora vinculada ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/UFF). Doutora e Mestre no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense na linha de Políticas de Segurança Pública e administração institucional de conflitos. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ 2012), graduação em Tecnólogo em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF 2016), pós graduação em Política e Gestão em Segurança Pública pela Universidade Estácio de Sá (UNESA 2015), pós graduação em Organização e Gestão em Justiça Criminal e Segurança pela Universidade Federal Fluminense (UFF 2015). Pós graduação em Direito Administrativo (Faculdade única, 2021)..



do de polícia, e que o havia convidado para conhecer *in loco*<sup>3</sup> os territórios e as sociabilidades relativos à criminalidade no Rio de Janeiro:

Os delegados de polícia são de vez em quando uns homens amáveis. Esses cavalheiros chegam mesmo, ao cabo de certo tempo, a conhecer um pouco da sua profissão e um pouco do trágico horror que a miséria tece na sombra da noite por essa misteriosa cidade. Um delegado, outro dia, conversando dos aspectos sórdidos do Rio, teve a amabilidade de dizer:

– Quer vir comigo visitar esses círculos infernais?

Não sei se o delegado quis dar-me apenas a nota mundana de visitar a miséria, ou se realmente, como Virgílio, o seu desejo era guiar-me através de uns tantos círculos de pavor, que fossem outros tantos ensinamentos. (RIO: 2013, p. 158)

O jornalista em questão é João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921), celebrizado com o pseudônimo literário de João do Rio, membro da Academia Brasileira de Letras de 1910 até o ano de sua morte, e um destacado cronista do hoje em dia chamado “Rio antigo”. A influência de sua obra se renovou ao longo do tempo. Seu livro “*A Alma Encantadora das Ruas*” (RIO: 2013), reunião de crônicas publicadas na imprensa na primeira década do Século XX, hoje se configura como uma fonte, uma referência, para estudos sociológicos, antropológicos, historiográficos, entre outros. Como podemos notar, escrevia para um público leitor erudito, que compreendia citação de autores e obras clássicos da literatura, incluindo os de origem latina, como Dante Alighieri. Contudo, ao mesmo tempo, a clareza e a precisão de seu texto na descrição de eventos cotidianos e emblemáticos da vida social (incluindo seu submundo) tem o dom de colocar o leitor na cena descrita, virtude que se espera, aliás, das descrições de inspiração etnográfica.

Evidentemente que João do Rio aceitou o convite do delegado, de modo que, alguns dias depois, estava a postos, em sede policial, de onde saíram ele, o referido delegado, um diplomata estrangeiro, e um bacharel, “*acompanhados de um cabo de*

*polícia e dois agentes secretos*” (RIO: 2013, p. 159). Assim, partiram para os lados da Rua da Misericórdia, uma das primeiras vias **públicas** da cidade, hoje extinta, que à época era atravessada por inúmeros becos. Aquele *tour* teria sido definido pelo delegado como “*uma caça aos pivettes*” (RIO: 2013, p. 158), e, observando analiticamente aquele curso de ações na forma como fora registrado para posteridade pela pena do cronista, mais parecia uma espécie de demonstração, não exatamente uma caçada.

O delegado bateu ríspidamente em uma porta, que, como várias outras ali, dava para uma estalagem ilegal. A porta foi aberta e ele foi abrindo passagem para sua comitiva, na qual figurava, entre outros, João do Rio. Estabelecimentos assim eram então conhecidos como “zungas”. Naquele lugar e naquela madrugada, ali se amontoavam pessoas de todo tipo: trabalhadores braçais das ilhas industriais da Baía de Guanabara, imigrantes pobres irregulares, marujos de baixa patente, imigrantes pobres irregulares, criminosos, ex escravos, entre outras espécies de formas de vida de alguma forma precarizadas e marginalizadas. Verdadeiros depósitos abjetos de gente, rotulada de “sórdida”, e que, não obstante, tinham que pagar para estar ali.

Depreende-se do texto que o homem que abriu a porta, o dono do lugar, já conhecia os policiais, e por eles também era conhecido. Os odores eram nauseabundos. Quanto mais se adentrava os interstícios daquela “cabeça de porco”, mais precárias eram as estruturas dos aposentos, as condições de existência, e as expectativas de sociabilidade. Também a previsibilidade. Talvez a única coisa razoavelmente previsível era a expectativa de que, para onde se olhasse com atenção, se encontraria o descaso, a precariedade, e até mesmo a ilegalidade, o crime, algum golpe. E, não por acaso, foi exatamente o que ocorreu. Voltemos ao texto de João do Rio.

Um dos agentes sacudiu um rapazola.

– Hein? Já quatro horas? Fez o rapaz acordando.

– Que faz aqui?

– Espero a hora do bote para a ilha. Sou carvoeiro, sim

<sup>3</sup> Todas as expressões com origem em outros idiomas que não a língua portuguesa serão grifados aqui em itálico. Da mesma forma, optamos por destacar com itálico as categorias nativas que nos foram apresentadas no trabalho de campo.

senhor... Ai! minha mãe! Vão levar-me preso!

Subitamente, porém, apalpou as algibeiras, olhou-nos ansioso. Tinha sido roubado! Houve um rebuliço. Como por encanto, homens, havia ainda minutos, a dormir profundamente, acordavam-se. O sr. delegado, alteando a voz, deu ordem para não deixar sair ninguém sem ser revistado. O encarregado, com perdão do sr. delegado e das outras senhorias, descompunha o pequeno.

– Trouxe dinheiro, maricas? Já não lhe tenho dito que entregue? É lá possível ter confiança nesta súcia? E a minha casa agora, e eu? Besta de uma figa, que não sei onde estou...

Os agentes faziam levantar a canalha, arrelhada com o incidente e na luz vaga os perfis patibulares emergiam com gestos cínicos de espreguiçamento. (RIO: p. 162)

O que este registro de passeio noturno da companhia da autoridade policial nos mostra, entre outras coisas, é que naquele Rio de Janeiro de então, antigo, a polícia não apenas sabia onde estava o crime, as pequenas e grandes ilicitudes, os responsáveis por comportamentos antissociais, como também tinha com alguns destes grupos da sociedade uma convivência regular e orgânica. As “zungas” aparecem ali como verdadeiros viveiros, onde eram criados e cevados aqueles tidos como a escória da sociedade. Aparentemente, com base no trecho destacado, podemos tranquilamente dizer que uma vítima do crime de furto fora culpabilizada, sem que se tivesse dito claramente em que consistia sua culpa. A existência da contravenção e do crime aí é naturalizada por todos (ou quase todos). Portanto, não configura precisamente uma exceção à ordem pública que deveria, formalmente, ser preservada pelas forças policiais. Não sendo exceção, seria a regra implícita?

Através da leitura de *“A Alma Encantadora das Ruas”*, percebemos até mesmo um prazer perverso que o delegado demonstra ter ao ver que o jornalista, o adido e o bacharel, cada qual a seu modo, se apavoravam com as cenas insólitas que testemunharam naquela noite. E o que viram, entre outras coisas, foi que a polícia da cidade permitia que lugares como estes existissem, e deles até mesmo tirasse relativo proveito, sem que ninguém estranhasse. Assim fez o delegado, ao exhibir a estrangeiros e na-

turais a criminalidade e o abandono na antiga sede da corte imperial que, a despeito da miséria e a decadência, ensaiava então se reinventar como capital da então jovem república (BRETAS: 1997).

**É neste sentido que a “zunga” é um viveiro, pois da mesma forma que os viveiros que existem em fazendas e sítios são lugares de confinamento e criação de animais para consumo alimentar (aves, porcos, coelhos etc.) aos quais se lança mão em uma situação de emergência, ou em ocasiões festivas, ou mesmo para subsistência ou mercado, o delegado recorreu àquela precária estalagem onde ilegalidades estavam sendo sistematicamente criadas e regularmente alimentadas.** Naquele caso, a meta era o exibicionismo, a subsistência de seu prestígio como “homem da lei” que conhecia seu trabalho e a cidade do Rio de Janeiro. Lugares como aquele existiam aos montes nas zonas malditas, e eram conhecidos, principalmente pela polícia.

Aquele e outros delegados, bem como destacamentos policiais inteiros, estavam longe de ignorar os crimes e abusos que eram ali perpetrados. Muitos agentes investidos de autoridade policial, políticos e empresários eram sócios de empreendimentos imobiliários como aquele. Contudo, do ponto de vista de delegados como o gentil amigo de João do Rio, sempre que precisassem alimentar as “estatísticas”, ou prestar contas à imprensa, indo à “caça” de pivetes e outros tipos de malfeitores, sabiam para onde tinham que se dirigir. E o sucesso na empreitada era garantido na mesma medida que o é ir ao viveiro providenciar a janta. **Não como uma caça**, conforme diz, visto que esta é uma modalidade de atividade que por definição conta com forte imprevisibilidade. A criação de viveiros entre as comunidades humanas é trabalhosa, mas se presta a promover uma espécie de segurança alimentar.

Contudo, o que os conteúdos das antigas crônicas de João do Rio teriam de relação com o tema do presente artigo? Aqui, apresentamos algumas reflexões acerca das práticas policiais perpetradas por grupos específicos da PM cuja “missão precípua” (categoria nativa) é realizar prisões e apreensões. As-

sim se configura o trabalho das unidades de Patrulha Tático Móvel (mais conhecidas pela sigla PATAMO) e dos Grupos de Ações Táticas (GAT). Com base no cumprimento dos efeitos da Lei 11.343, lançam mão da aparente repressão aos mercados e consumos postos na ilicitude. Não raro violam direitos básicos e cívicos das populações que habitam nos territórios onde atuam (BORGES: 2019; NEMER: 2024). Tendo em vista que, como pretendemos demonstrar, a prioridade dentro de grupos específicos da polícia é prender pessoas e apreender mercadorias postas na clandestinidade, e que, com alguma frequência, é necessário descumprir a lei para cumprir a “missão”, os agentes fazem uso de estratégias eficientes, embora nem sempre puramente com base nas normativas legais, para alcançar os registros de prisão e flagrante.

Estes policiais precisam “trabalhar”, que significa prender pessoas, armas e drogas. Só que, para que esta produção ocorra em diversos momentos é necessário um descumprimento da lei. Neste momento, esses policiais têm ciência que se algo der errado eles estarão sem o apoio da instituição mesmo que de forma oficiosa haja um estímulo institucional para que se produza. (COSTA: 2022, p. 27)

Ou seja, as relações entre policiais e criminosos – ou entre a polícia e o crime, ou ainda entre as práticas policiais e as dinâmicas criminais – eram e são, dos tempos de João do Rio até os dias atuais, além de inequívocas e complexas, ambivalentes e nada transparentes. Tantas décadas passadas desde então, a cidade se expandiu, bem como suas margens, e se metamorfoseou em grande metrópole sul-americana, ainda que frequentemente rotulada como subdesenvolvida, ruas deixaram de existir enquanto outras foram abertas sobre os escombros das antigas. As formas de tolerância, intolerância e ilegalismos se atualizaram, algumas zonas malditas mudaram de lugar, outras não. Porém, se naquele início de século XX, quando se encontrava legalmente a venda de cocaína nas farmácias da cidade, quando o “problema de polícia” eram os trabalhadores precarizados e os supostos golpistas a se amontar nas “zungas”, hoje o

problema mudou de natureza e escala. Contudo, haveria espaço, nos dias atuais, para antigas práticas, a exemplo do monitoramento de populações por meio da lógica dos viveiros? É no intuito de responder a estas e outras perguntas que este trabalho se constitui.

### **Lei de Drogas e Práticas Policiais: considerações analíticas e metodológicas**

O ordenamento legal brasileiro referente à regulação da produção, circulação, **mercados e consumos** de substâncias classificadas como drogas, feito com base em normativas médicas e sanitárias que as classificam, em suma, como liberadas (café e outras), reguladas (álcool e outras), ou proibidas (cocaína e outras), com as consequentes estratégias de repressão destas últimas, é uma política que produz potentes efeitos sociais. Efeitos, por sua vez, que ao mesmo tempo alimentam e são alimentados pelas lógicas culturais vigentes. No caso do Rio de Janeiro, atualizam políticas e sociabilidades que deitam raízes na história colonial, escravocrata e monárquica da cidade. As violações, como também as benesses, **não atingem a todos, igualmente.** Muito pelo contrário.

Este controle policial dos espaços públicos em busca de comportamentos que se enquadram como violação à Lei de Drogas é legitimado, não exclusivamente na lei, mas principalmente nos discursos segundo os quais é preciso abolir as drogas (em tal nível de **abstração**) e acabar com o “tráfico”, com os “bandidos”. Onde “tráfico” e “bandidos” **ai simbolizam**, em tese, tudo que a sociedade produz de mais nocivo, violador e violento (MISSE: 2010). Não obstante, nunca se chegou, nem é de se esperar que se chegará, a erradicar os mercados e consumos postos na ilicitude (BEAUCHESNE: 2015; CARNEIRO: 2018).

Conforme pontuam a antropóloga Beatriz Labate e o cientista político Thiago Rodrigues, na introdução da coletânea que organizaram para colocar em discussão o controverso quadro das políticas de drogas no Brasil, “*a busca pela abstinência do*

*mercado de certas drogas psicoativas não colocou fim às milenares práticas de intoxicação e de busca por estados alterados de consciência”* (LABATE; RODRIGUES: 2018, p. 35). Desse modo, pretendemos contribuir aqui para o entendimento das lógicas culturais, corporativas, sociais e econômicas atuantes na versão do proibicionismo praticada no Rio de Janeiro contemporâneo. Entendimento que permita, portanto, compreender melhor aquilo que pode apressadamente parecer, no âmbito do senso comum, um estrondoso fracasso, uma vez que os mercados clandestinos de substâncias tidas como drogas, ao contrário de terem se extinguido após várias décadas de proibicionismo, ocorrerem em variadas partes ao redor do mundo. Mas nem sempre (ou quase nunca) com os efeitos sociais brutais e violadores verificados e naturalizados em solo fluminense.

Se o trabalho dos policiais, nas margens e em seu cotidiano, conforme estes sujeitos que o executam o concebem, pode ser definido como o esforço para produzir prisões e apreensões, e se é isso o que lhe cobram seus superiores hierárquicos em termos de resultados, então estes trabalhadores jamais deveriam desejar que a venda regular e aberta de drogas postas na ilicitude tivesse fim na cidade, independentemente dos valores que possam por ventura expressar em seus discursos. Dito de outra maneira, a extinção do “tráfico de drogas” é contraditória com a forma como se executa o trabalho de grupos específicos na polícia, a exemplo da PATAMO e do GAT.

(...) A utopia proibicionista – inscrita na Lei Seca americana e nas demais proibições que seguiram nesses e em outros países – era a de erradicar para sempre o hábito de inebriar-se com algumas drogas psicoativas. No entanto, a histórica relação entre psicoativos, hábitos individuais e práticas sociais obedece a múltiplos desejos, vontades e objetivos que simplesmente não foram eliminados com a promulgação de algumas leis penais. Desse modo, o efeito imediato do proibicionismo não foi abrir caminho para a realização de sua utopia, mas sim a geração de novos criminosos a serem combatidos pelo Estado. Em uma palavra, a criminalização das drogas **criou o tráfico de drogas, o traficante e o usuário como categorias penais e problema de segurança pública.** (RODRIGUES; LABATE: 2018, p. 86)

O controle repressivo dos usos e mercados de substâncias proibidas de circular, para além das utopias (declaradas ou implícitas), tem suas lógicas próprias e seus imperativos. Em diferentes lugares do mundo esta repressão é exercida em conformidade com as respectivas sensibilidades locais (GEERTZ: 2003), em configurações institucionais particulares que dão forma concreta aos princípios abstratos do proibicionismo, este que é, por sua vez, costurado diplomaticamente ao nível supranacional (LABATE; RODRIGUES: 2018).

Na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana, cabe a Polícia Militar realizar as ações neste sentido nos espaços públicos, sendo por isso identificada, não sem razão, como a protagonista (ou antagonista, dependendo do ponto de vista de quem observa e sente os efeitos) da chamada “guerra às drogas”. Sendo assim, como estariam aptas a administrar um conflito do qual fazem parte? Os confrontos armados são regulares e superlativos, deixando ano após ano seu rastro de sangue, morte e fragmentação social. Produz assim, nas margens da cidade, a sujeição criminal dos corpos pretos e periféricos e menos servidos de recursos econômicos, políticos e sociais de defesa em relação a este estado de coisas. Como nos demonstra o sociólogo Michel Misse, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tal sujeição leva, no limite, à ideologia segundo a qual *“o sujeito criminoso é aquele que pode ser morto”* (MISSE: 2010, p. 21).

Com a territorialização dos mercados clandestinos se concentrando predominantemente em regiões da cidade e sua região metropolitana entendidas como favelas, se tornam estas as áreas de atuação preferenciais de grupos especiais, a exemplo das PATAMO e dos GAT, com seus modelos contundentes de abordagem dentro das jurisdições territoriais dos batalhões da PM. Nas últimas décadas do século XX, as organizações criminosas que operam o tráfico de drogas no Rio de Janeiro investiram vultosos recursos na compra de armamentos utilizados na defesa de seus territórios das investidas bélicas, tanto por parte da polícia quanto de grupos rivais (MISSE:

2002; 2010). Como consequência, esta configuração gerou uma gramática da violência, abrindo caminho para despotismos de toda espécie.

E como a polícia, em resposta a esta situação instalada e, em grande medida, naturalizada, atua nessas regiões conflagradas? Como engendrar as forças policiais de forma a permitir que exerçam, em territórios onde o Estado perdeu o monopólio do uso da força, seu papel constitucional de mediação dos conflitos? Sabemos que a PM pode aparecer no tecido urbano de diferentes modos. Nas áreas tidas como mais nobres da cidade, costuma respeitar os direitos das pessoas, se preparando, inclusive, para colocar, em postos de serviço definidos, policiais a pé ou motorizados que dominam idiomas estrangeiros com proficiência. Já nas zonas menos centrais e mais precarizadas em termos de equipamentos sociais, ocupam destacamentos encravados no interior e nas margens de uma malha urbana muito densamente povoada. Já nas situações de conflito conflagrado, nas quais qualquer vestígio de ordem pública aparentemente se foi, tiram dos quartéis os agentes do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) ou do Batalhão Policial de Choque (CHOQUE). Sendo assim, por que nossa atenção, no presente artigo, se concentra principalmente no trabalho realizado no âmbito das PATAMO e dos GAT?

*Patameiros e gateiros*, como são conhecidos os policiais com os quais estabelecemos interlocução, pertencentes a tais grupos, jamais realizarão o patrulhamento na cidade a pé, conforme em parte se designa fazer nos bairros da zona sul carioca, por exemplo. Nem deles se espera que sejam políglotas. Também não ficam confinados em destacamentos de polícia nos confins e nas entranhas da cidade, a partir dos quais muitos acabam se rendendo aos atrativos financeiros de se associarem aos mercados locais, ainda que alguns destes sejam clandestinos (MISSE: 2002). Também não ficam aquartelados como o BOPE e o CHOQUE, à espera do chamado dos comandantes para agir. Pelo contrário, podem circular livremente pela jurisdição dos respectivos batalhões, não tendo, a princípio, que prestar contas

sobre sua rota para ninguém além de seus comandantes diretos. Mas tendo sim, que, institucionalmente, prestar conta dos resultados esperados: detenção de usuários, prisões de traficantes e apreensões de drogas. Os agentes lotados nos GAT e nas PATAMO contam com acréscimos regulares no salário, que são a recompensa pelos resultados apresentados e registrados na delegacia. Além disso, ser um policial integrante destes grupos confere prestígio, como veremos a seguir.

Segundo um de nossos interlocutores, não há como trabalhar em uma unidade do GAT sem estar disposto a matar. Mas não matam em qualquer lugar. Matam nas favelas e outras margens que ficam para além das delimitações da ambiência de uma cidadania plena, onde os direitos humanos e individuais estão em alguma medida garantidos (BORGES: 2019; MEDEIROS: 2023; NEMER: 2024). Ali, nas periferias e favelas, onde os cidadãos e as cidadãs, ainda que em diferentes graus conectados na rede mais abrangente da cidade, vivem naturalizando em seus locais de moradia a precariedade de direitos básicos, dos valores cívicos, das diversas formas de brutalidade perpetradas por policiais e criminosos, e a escassa oferta de aparelhos sociais, agentes representando o Estado poderão violar o que é da lei, o que é inerente aos chamados “Direitos Humanos”, em nome da lei que movimenta a chamada “guerra às drogas”.

Como pensar o estado de direito em um contexto no qual o exercício pleno da cidadania não se configura na prática como um direito de todos, mas como um privilégio de relativamente poucos? Como pensar uma polícia que se organiza para manter esta ordem? Desse modo, faz sentido aderir à perspectiva adotada pela antropóloga Flavia Medeiros, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em artigo recentemente publicado na Revista Horizontes Antropológicos (MEDEIROS: 2023), de direcionar o olhar analítico para as margens do Estado, em conformidade também com a proposta deste dossiê, de pensar as margens da cidade.

(...) Ao olhar o Estado desde e a partir de suas margens, proponho desenvolver uma discussão sobre o estado de-

mocrático de direito brasileiro a fim de identificar como os dispositivos estatais que agem na construção dos mortos expressam valores punitivistas, proibicionistas e elitistas, mobilizam suas frestas e inconsistências no controle social da população negra, pobre e marginalizada. (MEDEIROS: 2023, p. 5)

Já o sociólogo Marcelo Campos, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em seu livro (resultado de sua tese de doutorado na USP) intitulado “*Pela metade: a Lei de Drogas do Brasil*”, trouxe, entre outras coisas, o acompanhamento dos debates no Congresso Nacional que resultaram na redação do texto da Lei de Drogas conforme foi aprovada e sancionada em 2006 (CAMPOS: 2019). Ordenamento legal que teve como principal inovação em relação à Lei de Drogas brasileira anterior (que era de 1976), a abolição da pena de prisão para as pessoas classificadas como “usuárias” acompanhada do recrudescimento da pena de prisão no caso de a pessoa ser enquadrada como “traficante”. Embora isso tenha sido comemorado na época por muita gente que viu aí avanços em termos de liberdades individuais, logo se pôde perceber que seus efeitos ficariam muito aquém das previsões libertárias idílicas realizáveis apenas por poucos e seletos grupos sociais (GRILLO; POLICARPO; VERISSIMO: 2011). Segundo Campos:

(...) Para os parlamentares, portanto, estava claro que, para moderar o poder estatal de punir [a grupos socialmente privilegiados], de um lado, era necessário aumentar a severidade e o rigor da pena de prisão [para grupos socialmente discriminados], de outro. Esta primeira reflexão, posta pelo material sobre o histórico legislativo, formulou o título desta tese: a ideia de uma política feita pela metade. (CAMPOS: 2019, p. 275)

Isso levou à intensificação da ocorrência de encarceramento no Brasil, tendo o crime de tráfico (Artigo 33 da Lei 11.343/2006) desempenhado aí um papel de destaque (BOITEUX: 2015; CAMPOS: 2019). Pessoas pretas e periféricas sofrem com mais dramaticidade tais efeitos. O controle repressivo de determinadas maneiras de dissidência à lei não mudou, permanecendo as polícias militares, nos

estados, como as principais encarregadas de manter os termos mais controversos da ordem proibicionista, atualizando assim as estruturas que colocam de pé o modelo hierárquico e autoritário de sociedade (DA MATTA: 1979; KANT DE LIMA: 2008), bem como a naturalização da brutalidade policial (MEDEIROS: 2023).

A descrição das ações aqui apresentadas é feita com base etnográfica e amplo uso das conversas diretas com policiais que integram grupos de ações especiais dentro da PM. Policiais que trabalham na PATAMO ou no GAT, e que por isso fazem jus a substantivos acréscimos nos vencimentos, na medida em que tiverem traficantes presos e drogas ilícitas apreendidas a apresentar em sede policial.

### Viveiros dos “gansos”

O ganso é uma ave domesticada em várias culturas humanas, da família dos *Anatidae* (da qual pertencem também os patos e os cisnes) e cujo nome científico é *Anser signoydes domesticus*. Além dessa acepção literal do termo, *ganso*, no linguajar policial militar do Rio de Janeiro, é uma categoria nativa que, a princípio, designa de maneira jocosa o usuário de drogas postas na ilicitude, aparentemente fazendo alusão a trejeitos e andares estereotipados usualmente vinculados a estas pessoas (COSTA: 2018; 2022). Em alguns contextos, também se estende àqueles que trabalham nas redes clandestinas onde as drogas ilícitas são postas à venda, chamados também de “traficantes”. Em suma, os *gansos*, segundo o linguajar corrente na PM, são aqueles sujeitos suspeitos de envolvimento nos mercados das drogas postas na ilicitude e aos quais se espera que recaia sobre os mesmos o olhar inquisitorial da polícia (KANT DE LIMA: 2008).

Define sujeitos que não fazem questão de, ou não conseguem, disfarçar (embora seja prudente fazê-lo), determinados consumos e relações. A estética do *ganso*, por assim dizer, se materializa em vestuários, símbolos, padrões, e na frequência a lugares e eventos marcados na lógica policiareca (mas não exclusiva das polícias) como suspeitos. Além disso,

o racismo estruturante na sociedade brasileira (ALMEIDA: 2019), e carioca, bem como etnocentrismos que derivam da localização geográfica da moradia das pessoas, torna as consequências de tais preconceitos ainda mais difíceis e duras para uns do que para outros. Ou seja, assim como ocorrem na natureza e nas granjas, onde existem as subespécies, nas ruas cariocas há *gansos* e *gansos*.

No contexto fluminense, são conhecidas como bocas de fumo os locais nas franjas da cidade formal onde se dá, com regularidade, o comércio de drogas postas na ilicitude. Seus mercados são públicos e sua localização é amplamente conhecida e admitida (mesmo que supostamente a contragosto), inclusive pela **polícia**. Nas últimas décadas, com os efeitos do aumento exponencial da participação do tráfico internacional de armas nas dinâmicas criminais relativas ao varejo das drogas praticado nas bocas de fumo (MISSE: 2002; 2010), empreender incursões a estes territórios com o declarado fim de coibir as práticas criminosas que aí ocorrem, passou a ser, dada esta configuração, uma ação militarizada. A PM é uma instituição militar, mas não é o policial de guarda na esquina que deverá combater os “soldados” fortemente armados que realizam a contenção na boca de fumo.

Como vimos anteriormente, são diversas as maneiras de a polícia fazer o seu trabalho em geral, e para lidar com o tráfico de drogas em específico. Dentro dos batalhões de polícia, a modalidade de policiamento operacional que se destaca no que diz respeito à apreensão de drogas, armas e pessoas, para isso contando com “liberdade de ação” (categoria nativa) são as PATAMO e os GAT. Estes é que serão acionados para empreender as operações que deverão produzir, não exatamente o colapso final do tráfico de drogas, e sim os elementos para a construção da narrativa segundo a qual a PM está fazendo o seu trabalho corretamente, que são expressos nos registros (tomados por desavisados como “estatísticas”) de prisões e apreensões.

E aqueles que aí se destacam passam a fazer juz a recompensas, expressas tanto em ganhos materiais quanto em termos de prestígio. Se, do contrário, os grupamentos apresentam resultados tidos como insatisfatórios, são desfeitos e reformulados. Eventuais abusos e mortes que aconteçam no caminho do cumprimento das metas são então, com frequência, interpretados como “efeitos colaterais” da chamada “guerra às drogas”. Assim, conseguem fazer com que boa parte da sociedade os naturalize (MEDEIROS: 2023; NEMER: 2024). De acordo com a definição de um dos policiais ouvidos no decorrer de nossa pesquisa:

O PATAMO tem que prender. A gente vive disso. É isso que o comandante de companhia espera da gente. É isso que o coronel espera da gente. Se a gente não produzir, vira RP<sup>4</sup> ou DPO<sup>5</sup>. E, para produzir a gente dá nosso jeito. O negócio é fazer estatística, manter a escala e bom convívio com o Comandante do batalhão. (Depoimento de um policial)

Integrar uma equipe da PATAMO significa possuir *status* na PM e configura também demonstração viva de prestígio junto aos superiores hierárquicos. Por outro lado, esta relativa proximidade (ainda que informal) com os ocupantes das instâncias de poder na corporação, em articulação com a ideia de que precisam cumprir as missões que lhes são dadas, não raro, os levam a empreender ações arbitrárias. O que resulta, por sua vez, no reforço dos discursos segundo os quais são incontroláveis. No nível dos discursos correntes, os policiais tentam justificar suas práticas com as supostas necessidades (ou imperativos) de prender e punir, como se, assim procedendo, estivessem atendendo aos anseios da sociedade. E utilizam esta suposta necessidade social para legitimar suas práticas.

Existe estímulo institucional para que esta modalidade de policiamento produza. Onde produzir, neste caso, está atrelado a registrar ocorrências. Mas, não qualquer ocorrência. Espera-se que um PATAMO ou GAT sejam os protagonistas nas ocorrên-

4 Rádio Patrulha

5 Destacamento de Policiamento Ostensivo

cias tidas como de vulto, e que justamente por isso destacam a unidade (batalhão, equipe) e elevam o prestígio do comandante. Neste sentido, ganham relativamente maior autonomia para agir dentro de sua jurisdição territorial, e assim produzem, não exatamente melhores indicadores para a avaliação das políticas de segurança pública. Agem especialmente atentos àquelas ocorrências onde se prende arma de fogo ou grande quantidade de drogas com acusados que ficarão presos. Mesmo que para isso suas ações resultem em arbitrariedades, mortes, escolas e postos de saúde fechados e sofrimento no contexto dos respectivos territórios.

Para fazer parte do efetivo da PATAMO, muitos já trazem na bagagem o peso de suas relações familiares e pessoais. Um dos *patameiros* ouvidos por nós é filho de um policial civil que trabalha na delegacia da mesma área de atuação da PATAMO que integra. Essa ligação é interessante, pois os outros integrantes desta guarnição afirmam publicamente que conseguem “*acertar as coisas na DP*” em função do acionamento de laços familiares (DA MATTA: 1979), passando longe, em algumas ocasiões, da institucionalidade ou mesmo da legalidade. Seguindo a mesma lógica, outro componente de PATAMO é casado com a sobrinha de um promotor que atua na cidade, e afirma se valer de tal posição para realizar aquilo que define como o seu trabalho.

Segundo o discurso nativo dos batalhões, quem compõe a PATAMO são policiais que gostam de trabalhar. E, neste caso, o termo trabalhar ganha novos contornos e está atrelado não somente a se ocupar em algum trabalho, ou empenhar-se para executar uma tarefa. Trabalhar é uma categoria nativa que está atrelada às práticas (não raro ilegais, mas legítimas segundo os imperativos morais internos à corporação) que objetivam, a priori, prender pessoas, drogas ou armas, como se estivessem, por assim dizer, limpando as ruas. Contudo, para trabalhar é necessário que o policial tenha “*liberdade de ação*”, que representa uma permissão para práticas não oficiais e nem sempre passíveis de constar em relatórios oficiais.

O conceito de produção está aí relacionado aos atos de efetuar prisões e apreensões. E para que estas ocorram, é necessário que os agentes gozem de tal liberalização, para que apresentem os resultados que são esperados. Com isso, são alvo de menor controle quando comparados a outras modalidades de policiamento e empregos operacionais. Podem percorrer toda a área de atuação da companhia a qual pertencem, não se limitando, portanto, aos setores que a subdividem. Além disso, não é incomum que lancem mão de “*estratégias*” que não costumam ser acionadas por outros policiais, em outras configurações operacionais.

Para que as ocorrências sejam devidamente registradas e computadas, os policiais fazem uso de instrumentos e relações estabelecidas no campo de trabalho que propiciam informações decisivas acerca da identificação e da localização de pessoas e materiais que são os objetos destas prisões. Note-se aí que a meta é a prisão, não necessariamente a interrupção da atividade delituosa, nem tão pouco a preservação da chamada “*ordem pública*” – seja lá o que se entenda por isso – ou a incolumidade física e psicológica das pessoas no entorno das ações.

Um dos meios utilizados para tais fins é o contato com informantes constantes, o chamado “*X-9*”. Além disso, as inovações nunca cessam. Em conversas informais, interlocutores apontam para estratégias inovadoras aliadas ao emprego de novas tecnologias. É o caso, por exemplo, da instalação secreta e clandestina de aplicativo – sugestivamente denominado “*Espião*” –, por ocasião de abordagens nas ruas, em aparelhos celulares dos *gansos*. Vejamos como isso se configura:

O procedimento é muito fácil. Na abordagem a gente trava [se apropria temporariamente] o celular do *ganso* e instala o aplicativo que fica invisível para ele [o *ganso*] e visível no nosso aparelho celular. Então, quando a gente quer saber o que está acontecendo lá, a gente abre o aplicativo e é possível palmear [monitorar] o *ganso*. Dá para ouvir as conversas, ter acesso a conversas de *zap* e ver a localização deles. Então, a gente espera o momento mais oportuno e dá o bote [ou seja, realiza a abordagem ou operação]. Tem ocorrência que só é possível porque a gente tem o programinha. (Interlocutor



lotado em uma PATAMO)

Não se pode negar que a instalação do programa “Espião” permite que as guarnições logrem êxito em suas apreensões, cujo objetivo final é realizar as prisões e apreensões. Assim como também não se pode negar, por outro lado, que para alcançar seus objetivos, violam direitos por meio de escutas ilegais e não autorizadas pela Justiça. Vejamos o peso do que este interlocutor nos diz: o policial acha fácil confiscar o celular de uma pessoa o tempo necessário para instalar no mesmo um aplicativo, sem que seu dono perceba. A pesquisa de campo aponta para o fato de que os policiais acreditam que sua missão é como que um fim em si mesmo. Em suma, é necessário prender e apreender a qualquer custo. E essa lógica está conjugada com uma elasticidade dos limites de suas ações.

Diferentemente do que consta nas palavras de ordem daqueles que apoiam a retórica da “guerra às drogas” – segundo a qual é imperioso varrer da face da terra as drogas hoje postas na ilicitude – a ação policial efetivada pelos *patameiros* e *gateiros* jamais entregará isso. E não só porque seria difícil. Do ponto de vista das PATAMO e dos GAT, o fim do “tráfico de drogas” como o conhecemos seria contra-producente com seus interesses. Dito de outra maneira, sem a forma pública que configura o varejo clandestino das drogas postas na ilicitude no Rio de Janeiro, a chamada boca de fumo, ficam muito mais improváveis as metas de produtividade daqueles que trabalham nas PATAMO e nos GAT.

Se o objetivo do *trabalho* dos profissionais do campo da segurança pública em cumprimento da Lei de Drogas é prender e apreender, e a capacidade de registrar este tipo de ocorrências nas delegacias é a métrica da aferição do sucesso, a existência de zonas de ilicitudes conhecidas por onde circulam drogas, armas, mercadores, consumidores, e dinheiro, é não exatamente uma realidade a qual se combate, mas um *status quo* que deve ser preservado. Se faltar a boca de fumo, não há trabalho, praticamente, e aquele agente que enxerga nos volumes de prisões e

apreensões, de “botes” e “operações”, a razão de ser, a essência, de seu trabalho, talvez terá que se reinventar profissionalmente. Da mesma forma, de acordo com este modelo de prestação de contas do serviço, quando os níveis e produtividade estão baixos, pode-se buscar a meta lançando mão da “*liberdade de ação*”, posicionando-se em pontos estratégicos da cidade por onde irão certamente passar os *gansos* mais distraídos, que eventualmente serão abordados portando coisas que o incriminam.

Como há, na cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana, enormes aglomerados de favelas no interior das quais conhecidíssimas bocas de fumo em pleno funcionamento estão espalhadas e tradicionalmente plantadas em territórios definidos e fixos, as franjas das favelas são como viveiros, bem como os espaços produzidos pela trajetória feita entre a favela e as estações de trem, do metrô, pontos de ônibus. É nas viradas das esquinas de locais como estes que os policiais vão posicionar suas viaturas, que neste caso, já vem equipadas com “caçapas”, como são conhecidos os espaços nas viaturas para o transporte de prisioneiros. E assim farão, lançando mão de tal recurso, sempre que seus níveis de prisões e apreensões registradas estiverem abaixo do esperado.

Sendo assim, analogamente ao que ocorre nos modelos rurais do sítio e da fazenda autossuficientes, que consome aquilo que produz, onde é necessário cuidar da reprodução da vida no âmbito dos viveiros, é indispensável, para o funcionamento do sistema policial das PATAMO e dos GAT, que haja um rico mercado nas *bocas de fumo* articulado com maior tolerância social a ações arbitrárias da polícia, que é o que se verifica em áreas da cidade definidas como favelas (BORGES: 2029; NEMER: 2024). Em última instância, a favela, na medida em que puder abrigar pontos de venda ilícita de drogas, pode se tornar um viveiro de *gansos*.

Esta modalidade de atuação nos territórios periféricos da cidade onde grupos definidos de policiais têm autorização para exercer com “*liberdade de ação*” aquilo que definem como seu trabalho, e

farão jus, em função disso, a recompensas financeiras, favorece o aparecimento da velha estratégia do viveiro. Afinal, é um tipo de trabalho diferente de sair pela cidade aleatoriamente à caça de criminosos, por mais que muitos pensem e se expressem nestes termos. Recorrer com sucesso ao viveiro requer a aplicação de um saber policial aprendido na rua, conhecimento adquirido na prática e com outras gerações de policiais (RODRIGUES: 2011). Mas para estar na posição de *patameiro* ou *gateiro*, e gozar de “*liberdade de ação*”, terá antes que ser indicado a compor uma unidade da PATAMO ou do GAT, ou seja, terá que alcançar a confiança de oficiais com o poder de escalar equipes nestes grupamentos especiais.

Disso, trataremos na próxima seção.

### Viveiros dos “patos”

Patos são aves que, como vimos no início da seção anterior, pertencem à mesma família taxonômica dos gansos e dos cisnes. Seu nome científico é *Anas platyrhynchos domesticus*, e há vários milênios frequentam lagos e viveiros ao redor do mundo, sendo ainda sua carne valorizada em diversos sistemas culinários. Mas evidentemente que não é por suas qualidades culinárias que estamos falando aqui nessa ave.

O pato é o animal que representa, personifica, por assim dizer, o que é a PM, de acordo com uma fábula contada e reproduzida na Escola de Formação de Oficiais desta corporação, por isso conhecida de gerações que passaram pela Academia de Polícia Militar D. João VI. Quem publicizou esta “teoria nativa” da polícia foi alguém que por ali passou, primeiro como aluno, e posteriormente fazendo parte do comando. Hoje aposentado da PM, Robson Rodrigues apresenta detalhadamente esta narrativa em “*Entre a caserna e a rua: o dilema do pato – uma análise antropológica da instituição policial militar a partir da Academia de Polícia Militar D. João VI*” (RODRIGUES: 2011), publicação de sua dissertação de mestrado em antropologia defendida no programa de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Rodrigues ouviu de um antigo oficial, que ouvira de outro, e assim sucessivamente, que cada corporação militar poderia ser representada por uma determinada espécie do reino animal. O Exército Brasileiro e seu colosso bélico com canhões e tanques, conferindo grande poder de destruição para abater inimigos por via terrestre, seria comparável ao guepardo, o mais eficiente e ágil felídeo caçador a abater presas em terras selvagens. A Força Aérea Brasileira, por sua vez, dominando soberanamente os céus para proteger a pátria de ameaças externas que venham pelos ares, não poderia ser melhor mimetizada por outro animal que não fosse a majestosa **águia** a voar pelos céus. Na mesma linha, a Marinha do Brasil, reunindo embarcações, submarinos, importação de tecnologia nuclear e alta potencialidade sob e por sobre as águas do país, por isso mesmo é comparada ao tubarão, “máquina” evolutiva de caçar e matar nos mares ao redor do mundo.

Já a Polícia Militar, força armada encarregada de patrulhar e preservar a ordem pública nos solos urbanos e rurais quando para isso institucionalmente acionada, com seu considerável poder bélico terrestre, mas além disso possuidora de aeronaves e embarcações que relativamente expandem suas ações para mares e ares, teria também uma espécie de totem a representá-la. Mas não um destacado caçador do reino animal. Muito pelo contrário. Seu representante é o pato, ave que não se destaca por voar muito longe, ocupa os espelhos d’água, mas não os domina, e no solo **não é nenhum corredor ou caçador de destaque. Seu** andar chega a ser desengonçado.

**É evidente a ironia nessa maneira recorrente de se representar e ser representado. Há nela certo sarcasmo em relação ao que a PM faz a à maneira como ela é vista exatamente pelo que faz. Mas, talvez, esse complexo de pato** possa mesmo ser analisado como uma metáfora que, ao ser trazida do mundo animal, explique aspectos idiossincráticos da própria instituição policial militar. (RODRIGUES: 2011, p. 31. Grifo do autor)

Sendo assim, uma vez que a própria narrativa nativa opera a correspondência entre instituição

e ave, os quartéis da PM podem ser vistos como viveiros onde os patos são domesticados. Por serem agentes da segurança pública incorporados a uma instituição militar, e cujos comportamentos e suas consequências devem ser orientados e cobrados a partir de um regulamento disciplinar militar, no qual uma das regras mais estruturantes é o respeito à hierarquia, pode ser preso no quartel (privado de liberdade por tempo indeterminado) por não fazer a barba ou faltar ao serviço, desde que seu superior hierárquico pense que assim deve ser feito.

Contudo, segundo a sagacidade de caserna ensinada a todos os recrutas e cadetes que ingressam nas fileiras desta corporação militar, barba feita e pontualidade, bem como outros enquadramentos de conduta, por si só, também não garantem uma vida profissional mais tranquila (VERISSIMO: 2009; RODRIGUES: 2011; COSTA: 2022). É preciso aderir à ética policial e ser reconhecido como destaque positivo por seus superiores, saindo assim do mundo dos indivíduos (aos quais se aplica o regulamento) e ingressando no reino das pessoas, sob o qual o regulamento pode se aplicar ou não, dependendo de uma série de circunstâncias (DA MATTA: 1979). Isso contribui para permitir, entre outros fatores, que ordens oficiosas sejam dadas e executadas, e quando mal executadas, ou demasiadamente explicitadas, a culpabilização recaia com todo o seu peso sobre os subordinados.

(...) poucas coisas devem ser tão desagradáveis para um *homem da lei* do que ouvir de seu superior que ele “*está errado*”. Em primeiro lugar, porque isso implica que o primeiro está, como se diz, “*nas mãos*” do segundo. Ou seja, terá que contar com a boa vontade de seu “*chefe*” para não ser punido, o que, quando acontece, o deixa como devedor de um favor que um dia terá que retribuir, numa incômoda rede de reciprocidade que às vezes o leva a ter que fazer coisas que em condições normais não faria em hipótese alguma. (VERISSIMO: 2009, p. 195. Grifos do autor)

Socializados profissionalmente em quartéis e nas ruas, não raro, atuando nas margens da cidade, e tendo optado voluntariamente ingressar como trabalhadores e trabalhadoras em uma corporação regi-

da por um regulamento disciplinar a partir do qual prevalecem os argumentos de autoridade em detrimento da autoridade dos argumentos (KANT DE LIMA: 2008; SILVA: 2017; BARCELLOS: 2021) estes homens e mulheres investidos da autoridade policial tenderão a naturalizar diferentes tipos de violações (a começar pelas que os fazem vítimas) e, eventualmente, introduzi-las em suas práticas. Tendo seus direitos laborais e humanos em alguma medida negligenciados, vendo recair sobre si próprios a sujeição do militarismo (que atinge principalmente os agentes de baixas patentes), dificilmente terão a capacidade de estranhar ou problematizar as violações dos direitos das pessoas às quais se acostumaram a identificar como não sujeitos de direitos – ou seja, os “*gansos*”, os “*tralhas*”, os “*bandidos*”, os “*pé-inchados*” – assim, naturalizadamente.

Na sujeição criminal encontramos esses mesmos processos [de estigmatização], mas potencializados por um ambiente de profunda desigualdade social, forte privação relativa de recursos de resistência (ou ocultação social) à estigmatização e pela dominação (mais que apenas pelo predomínio) da identidade degradada sobre todos os demais papéis sociais do indivíduo. O rótulo “*bandido*” é de tal modo reificado no indivíduo que restam poucos espaços para negociar, manipular ou abandonar a identidade pública estigmatizada. (MISSE: 2010, p. 23)

Não há espaço para contestação de tal estado de coisas, e não por uma suposta falta de humanismo por parte de tais agentes. Ocorre que, para não ser apenas mais um pato no viveiro, atuando em postos de serviço tidos como precarizados, muitos policiais acreditam que vale a pena investir na promoção de um prestígio cujo principal atributo é justamente se mostrar pronto para o trabalho, tido como sujo para alguns, necessário para outros, que na prática só podem fazer aqueles que tem “*liberdade de ação*”. Esta permissão para agir por entre as franjas da legalidade, e eventualmente fora dela, leva a ação policial assim configurada a não apenas pairar com relativa tranquilidade por sobre o controle militarizado dos viveiros dos patos, como também cria as condições para o exercício do controle de determinados terri-

tórios da cidade como se fossem viveiros de *gansos*.

Com efeito, o fazer da PM parece exigir do corpo de seus integrantes diferentes técnicas em razão dessas práticas distintas. Assim, creio que com elas também possamos mapear os diferentes domínios simbólicos deste universo institucional. (RODRIGUES: 2011, p. 56)

Também ouvimos policiais que não eram *patameiros* ou *gateiros*, e gostaríamos de destacar um depoimento, que é muito elucidativo do quanto esta distinção de *status* entre os próprios agentes da PM, independente de patentes ou antiguidades, atravessa outras corporações. De modo que trabalhar com a Polícia Militar exige ter sensibilidade acerca de suas particularidades e fragmentações. Os agentes da Polícia Civil, por exemplo, que por dever de ofício, trabalhando nas delegacias para as quais são encaminhados os sujeitos aparentemente apanhados em delito pelos PMs, sabem a forma certa de lidar com estes, avolumando assim, ainda mais, o peso de tais representações dentro da própria corporação.

“(...) quando eu estava na delegacia apresentando uma ocorrência, tipo, acidente de trânsito com vítima, e o PATAMO chegava com uma ocorrência de droga, eu me sentia um merda. Ficava olhando para a ocorrência que estava apresentando e me sentia sem moral nenhuma, totalmente desprestigiado”. (Depoimento de um interlocutor)

Isso, como se do ponto de vista da segurança pública, a questão do acidente de trânsito com vítima não fosse algo com alto grau de relevância. O policial se vê e age, também, como parte de um sistema social e implícito, distribuidor de privilégios e humilhações. Então, cataloga e escalona, da mesma forma como se sente catalogado e escalonado, de forma que uns são percebidos como tendo mais honra que os outros (OLIVEIRA: 2002) ou considerados como mais matáveis que os outros (MEDEIROS: 2023) dentro do ambiente das práticas policiais.

### Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, argumentamos em torno da manutenção, observada por meio do tra-

balho etnográfico, de antigas **práticas de controle policial** exercidas por agentes investidos desta autoridade, mas que não raro passam ao largo dos limites do investimento constitucional do poder da polícia, ou mesmo da razoabilidade. Vimos que em alguma medida a missão constitucional da PM de cumprir com sua parte para dar efeito à Lei de Drogas brasileira é também a moldura contemporânea a partir da qual se pode atualizar antigas práticas que poderão resultar na violação seletiva de direitos e na produção social dos viveiros de ilicitudes.

Na forma como é efetivada, a “guerra às drogas” não é uma operação passageira, e sim um plano de ação articulado que conta – por contraditório que pareça – com a permanência daquilo que se declara querer abolir. Conta também com a adesão da entrada de jovens nas fileiras da polícia dispostos a violar direitos e, em última instância, matar. Alguns inclusive, que tentaram sem sucesso ingressar no mercado de trabalho em carreiras diferentes e envolvendo menos riscos (sejam físicos ou psicológicos). Uma vez que se dê a pessoas assim motivadas a “*liberdade de ação*”, a Lei de Drogas é a justificativa para a atualização de antigas formas de sociabilidade e discriminação altamente letais e que não sumiram automaticamente com o fim do período colonial, tão pouco com a abolição dos institutos da escravidão e da monarquia na história brasileira.

Ou seja, para o jovem ou a jovem cuja posição social herdada de sua família os condiciona a viver em áreas da cidade transformadas em viveiros de *gansos*, isso significa não poder viver as liberdades experimentadas por seus contemporâneos e conterrâneos nascidos e criados fora destes contextos. Uma clara expressão de desigualdade e inequidade, produzida pelas práticas policiais em articulação com a Lei de Drogas. Ser jovem periférico, de periferia convertida em viveiro, é pensar o tempo todo que, mesmo que se conheça os tiranos locais identificados como “traficantes”, mesmo que estes tenham sido seus amigos na infância, existe ainda aquele policial alucinado que pode estar após o próximo cruzamento, à espreita (cheio de “*liberdade de ação*”). E que

por isso a sabedoria (e a sagacidade) informam que é **fundamental** ficar muito atento para não ser humilhado, preso, morto, transformado em “estatística”. Isso o leva, em pleno século XXI, a ter que ser quase tão subserviente quanto um cativo capturado em fuga no período colonial. Este é o ponto.

O advogado, ativista e pesquisador Ricardo Nemer, em sua dissertação de mestrado defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, onde empreende uma etnografia acerca dos consumos, sociabilidades e mercados de maconha em algumas favelas do Rio de Janeiro (NEMER: 2024), tocou também nisso que estamos chamando de sabedoria ou sagacidade, que os cidadãos e cidadãs terão que apresentar enquanto viverem em territórios tornados viveiros de *gansos*, para lidar com os saberes, os poderes e os interesses dos grupos de policiais.

Os rapazes da Favela do Vasquinho, o Nanaco e Bodinho, me disseram que os policiais costumavam espancar pessoas que eles sabiam serem maconheiras “locais”. Como os bandidos não ficavam dando bobeira, permanecendo “entocados”, os policiais espancavam maconheiros para delatarem o “pessoal da boca”, e que era um costume e uma obrigação “moral” perante os bandidos aguentarem a surra e não caguetar, “fazer o papel de morador sujeito homem”, o que garantiria um “respeito” pelos bandidos locais, aqueles que apanhavam e não denunciavam ninguém. Bodinho lembrou que quem não “X9Viasse” (delatasse), alguns policiais, como forma de esculacho adicional, mandavam as pessoas tirarem a roupa e pularem dentro do Rio. (NEMER: 2024, p. 98)

Podemos imaginar o alto custo de sustentar o *status* de “sujeito homem”, ou mulher independente, ou mesmo de criança que só visa brincar, vivenciados por portadores de corpos não brancos e habitantes de periferias da cidade e sua região metropolitana. Sendo assim, a “guerra às drogas” é um sucesso, não porque cumpre seu objetivo manifesto, de abolir os mercados e

consumos proibidos (uma vez que está longe de cumprir tais “metas”), mas sim porque enseja os ritos sociais cotidianamente ensinados nas ruas da cidade, onde se aprende valores nada republicanos ou igualitários, e muito antigos, como “cada macaco no seu galho”, “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, e que os “direitos humanos são para humanos direitos” (como atestam estes grosseiros ditos populares). Por outro lado, aprendemos com este trabalho que a forma como a PM é acionada dentro do quadro das ditas políticas públicas de segurança, a coloca como parte daquele que é apontado como o mais relevante conflito da atualidade, resumido na equação polícia x tráfico. Sendo parte do conflito, como estaria apta a administrá-lo, dentro de uma perspectiva do estado democrático de direito?

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
- BARCELOS, Carlos Eduardo C.. O Processo administrativo disciplinar policial militar no Estado do Rio de Janeiro e suas desigualdades. Revista Campo Minado: Estudos acadêmicos em Segurança Pública. v. 1, n.1, 2021.
- BEAUCHESNE, Line. Legalizar as drogas: para melhor prevenir os abusos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- BOITEUX, Luciana. Opinião Pública, política de drogas e repressão penal: uma visão crítica. In: BOKANY, Vilma. Drogas no Brasil: entre a saúde e a justiça, proximidades e opiniões. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: 2015.
- BORGES, Gabriel. “Quantos ainda vão morrer, eu não sei”: o regime do arbítrio, curtição, morte e a vida em um lugar chamado de favela (Tese de Doutorado). Niterói: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, 2019.
- BRETAS, Marcos Luiz. Ordem na Cidade (o exercício da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930) – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CAMPOS, Marcelo. Pela metade: a Lei de Drogas no Brasil. São Paulo: Annablume, 2019.
- CARNEIRO, Henrique. Drogas: a história do proibicionismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

- COSTA, Perla. Quando a gansóloga sou eu. Uma etnografia sobre as práticas dos policiais militares no Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado). Niterói: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, 2018.
- \_\_\_\_\_. “Os nossos acertos são escritos na areia e os nossos erros são gravados em bronze” (Tese de Doutorado). Niterói: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, 2022.
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- GEERTZ, Clifford. . O Saber Local. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GRILLO, Carolina; POLICARPO, Frederico; VERÍSSIMO, Marcos. A Dura e o Desenrola: efeitos práticos da Nova Lei de Drogas no Rio de Janeiro. *In: Revista de Sociologia e Política – dossiê Crime, Segurança e Instituições Estatais: problemas e perspectivas*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.
- KANT DE LIMA, Roberto. Ensaio de Antropologia e Direito. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2008.
- LABATE, Beatriz C.; RODRIGUES, Thiago (orgs.). Políticas de Drogas no Brasil: conflitos e alternativas. São Paulo: Mercado das Letras, 2018.
- MEDEIROS, Flavia . Matabilidade como forma de governo: violências, desigualdades e Estado numa perspectiva comparativa entre Florianópolis e Rio de Janeiro. Porto Alegre: Revista Horizontes Antropológicos, Ano 29, Número 65, janeiro/abril 2023.
- MISSE, Michel. O Rio como um Bazar, a conversão da ilegalidade em mercadoria política. Rio de Janeiro: Revista Insight Inteligência, v.3, n. 5, 2002
- \_\_\_\_\_. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. *Lua Nova*, São Paulo, 79: 15-38, 2010.
- NEMER, Ricardo. “No baile nós é mídia. No baile os menor marola. Aperta o balão. Acende, puxa, prende e solta”: Uma etnografia sobre Uma etnografia sobre o “Balão” e “Crias de Favela”.2024. (Dissertação de Mestrado) Niterói: Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito, 2024.
- OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. Direito legal e insulto moral: dilemas da cidadania no Brasil, Quebec e EUA. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2002.
- RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- RODRIGUES, Robson. Entre a caserna e a rua: o dilema do “pato”. Uma análise antropológica da instituição policial militar a partir da Academia de Polícia Militar. Niterói RJ: Editora da UFF, 2011.
- RODRIGUES, Thiago; LABATE, Beatriz C.. Proibição e Guerra às Drogas nas Américas: um enfoque analítico. *In: LABATE, Beatriz C.; RODRIGUES, Thiago (orgs.)*. Políticas de Drogas no Brasil: conflitos e alternativas. São Paulo: Mercado das Letras, 2018.
- SILVA, Carlos Alexandre Camargo da. Qualidade de vida do policial militar, baseada na teoria das necessidades de Maslow com foco no sono, segurança do corpo e da moralidade [Monografia]. Niterói: Pós-Graduação *Latu Sensu* em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública, 2017.
- VERÍSSIMO, Marcos. O Medo de Errar e o *ethos* da Polícia Militar no Rio de Janeiro. *In: PIRES, Lenin; EILBAUM, Lucía*. Políticas Públicas de Segurança e Práticas Policiais no Brasil. Niterói: EDUFF, 2009.

## Violências e resistências na luta por moradia no Norte de Minas: o caso da Ocupação Tereza de Benguela (MTST) em Montes Claros

Júlia Fernandez Canuto<sup>1</sup>

### Resumo

A concentração de uma parte significativa da população em Ocupações Urbanas, estrategicamente assim denominadas, reflete as raízes históricas dos problemas das questões urbanas no Brasil. Essa dinâmica resultante dos períodos de colonização, são consequentes das desiguais distribuições de terras, com a posse concentrada em mãos de grupos sociais específicos e impulsionadas por políticas que promoveram a formação de grandes latifúndios. O Norte de Minas não está alheio a essa realidade, e as disputas por terras têm se intensificado, assumindo uma nova categoria de análise na região: os conflitos urbanos. O presente artigo apresenta uma análise por meio do relato sobre a Ocupação Tereza de Benguela (MTST) em Montes Claros, destacando a evolução da visibilidade dos conflitos urbanos com a chegada do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto à cidade. Inicialmente, busca-se fundamentar o estudo no contexto histórico de desigual distribuição de terras do município, seguido pela descrição do conflito ocorrido em 2022, entre as famílias organizadas pelo MTST e a elite local. Ao final, o artigo propõe reflexões sobre as particularidades das violências e resistências na luta por moradia em Montes Claros, no Norte de Minas Gerais, evidenciando a contribuição dos movimentos sociais na busca pela efetivação do direito à cidade.

**Palavras-chave:** Conflitos urbanos, ocupação urbana, movimentos sociais, Montes Claros.

### Violence and resistance in the struggle for housing in Northern Minas: The case of the Tereza de Benguela Occupation (MTST) in Montes Claros

### Abstract

The concentration of a significant portion of the population in strategically named Urban Occupations reflects the historical roots of urban issues in Brazil. This dynamic, stemming from periods of colonization, is a consequence of unequal land distributions, with ownership concentrated in the hands of specific social groups, driven by policies that promoted the formation of large estates. The North of Minas is not oblivious to this reality, and land disputes have intensified, taking on a new category of analysis in the region: urban conflicts. This article provides an analysis through an account of the Tereza de Benguela Occupation (MTST) in Montes Claros, highlighting the increasing visibility of urban conflicts with the arrival of the Movimento dos Trabalhadores Sem Teto in the city. Initially, the study seeks to ground itself in the historical context of unequal land distribution in the municipality, followed by a description of the conflict that occurred in 2022 between families organized by the MTST and the local elite. In conclusion, the article proposes reflections on the specificities of violence and resistance in the struggle for housing in Montes Claros, in the North of Minas Gerais, emphasizing the contribution of social movements in the pursuit of the realization of the right to the city.

**Keywords:** Urban conflicts, urban occupation, social movements, Montes Claros.

### Introdução

<sup>1</sup> Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), mestrado em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Minas Gerais (Unimontes). É doutoranda em Desenvolvimento Social pela mesma universidade. Ambas as pesquisas possibilitadas pelo financiamento da Capes. Atualmente, integra o CITADINO (Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas da Unimontes). Suas pesquisas envolvem as temáticas dos processos autônomos de produção do espaço por grupos sociais organizados, antropologia urbana e da territorialidade, cozinhas comunitárias e ativismo alimentar urbano.

O contexto histórico que abarca as problemáticas da urbanização e da crise habitacional no Brasil, apesar das especificidades, integra as consequências dos processos de colonização da América Latina. Ao longo da história, as formações urbanas das cidades brasileiras foram marcadas pelas desiguais distribuições de terras, com a concentração da posse por determinados grupos sociais e por políticas que favoreceram a formação de latifúndios.

Efetivada durante o Brasil Império, a Lei de Terras de 1850 é um marco na introdução da política de regularização da propriedade fundiária do país. Após o sistema de sesmarias, em que a Coroa Portuguesa era responsável pela concessão a partir do cumprimento das condições estabelecidas pela mesma, a Lei de Terras promulgou a mercantilização das terras, de forma a ditar as regras necessárias para comercialização e transformação dos latifúndios. Já no que se refere ao seu 1º artigo, fica inscrito: “Art.1º Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra” (Congresso Nacional do Império do Brasil, 1850). Nesse contexto, para acessar a posse das terras, era necessário pagar por elas, com isso, a lei impedia a aquisição da propriedade a partir da ocupação das terras devolutas. Percebe-se então, que a Lei de Terras de 1850, reorganiza a conjuntura fundiária no Brasil, no sentido de legitimação da posse por quem já as detinha, define as terras em público e privado, com a categorização das terras devolutas<sup>2</sup>, estabelece o título de propriedade e institui uma nova noção fundiária pautada na propriedade privada. Gouvêa, Ávila e Ribeiro (2009), analisam que

Tal sistema consolida a propriedade privada, garantindo a exclusividade dos proprietários de terras existentes, num período de transição entre a força de trabalho escrava, agora liberta, e a força de trabalho assalariada dos imigrantes, os quais não teriam condições de adquirir terras pela compra, uma vez que não possuíam recursos próprios. Desta forma, a alocação de terras exclusivamente pela compra favoreceu a elite econômica, resultando na concentração da terra e no acirramento das desigualdades sociais. (Gouvêa, Ávila e Ribeiro, 2009, pág. 77)

Atualmente, a questão fundiária tem ganha-

do cada vez mais fôlego nas discussões acadêmicas e nas pautas dos movimentos sociais. É evidente que há mudanças expressivas no passar do tempo, porém é preciso sempre lembrar as raízes históricas e sociais que influenciam e permanecem presentes no debate da problemática urbana brasileira.

O reconhecimento da propriedade privada no Brasil foi marcado por políticas fundiárias de origens individualistas e excludentes. Com o acirramento do êxodo rural e das reformas urbanas surgidas no final do século XIX, os reflexos das práticas que se mantiveram desde a colonização resultaram em cidades altamente segregadas. Em decorrência disso, restou à parte expressiva da população, expulsos das centralidades urbanas (onde o preço da terra é mais alto), acessarem a terra urbana através dos conhecidos “assentamentos precários”.

Ao mencionar assentamentos precários se faz necessário especificar as definições compreendidas a partir do conceito estabelecido pelo Ministério das Cidades (2010):

- o fato de serem áreas predominantemente residenciais, habitadas por famílias de baixa renda;
  - a precariedade das condições de moradia, caracterizada por inúmeras carências e inadequações, tais como: irregularidade fundiária; ausência de infraestrutura de saneamento ambiental; localização em áreas mal servidas por sistema de transporte e equipamentos sociais; terrenos alagadiços e sujeitos a riscos geotécnicos; adensamento excessivo, insalubridade e deficiências construtivas da unidade habitacional;
  - a origem histórica, relacionada às diversas estratégias utilizadas pela população de baixa renda para viabilizar, de modo autônomo, solução para as necessidades habitacionais, diante da insuficiência e inadequação das iniciativas estatais dirigidas à questão, bem como da incompatibilidade entre o nível de renda da maioria dos trabalhadores e o preço das unidades residenciais produzidas pelo mercado imobiliário formal.
- (BRASIL, 2010, p. 9)

Mesmo com os avanços desde a implementação da função social da propriedade, regida pela Constituição de 1988, além dos instrumentos determinados pelo Estatuto da Cidade (Lei Federal 10.257)<sup>3</sup>, os conflitos fundiários permanecem com a mesma natureza: as contradições entre os grupos

2 Art. 3º São terras devolutas:

§ 1º As que não se acharem applicadas a algum uso publico nacional, provincial, ou municipal.

§ 2º As que não se acharem no dominio particular por qualquer titulo legitimo, nem forem havidas por sesmarias e outras concessões do Governo Geral ou Provincial, não incursas em commisso por falta do cumprimento das condições de medição, confirmação e cultura.

§ 3º As que não se acharem dadas por sesmarias, ou outras concessões do Governo, que, apezar de incursas em commisso, forem revalidadas por esta Lei.

§ 4º As que não se acharem occupadas por posses, que, apezar de não se fundarem em titulo legal, forem legitimadas por esta Lei. (Congresso Nacional do Império do Brasil, 1850)

3 A Constituição de 1988 foi a primeira no Brasil a tratar das questões urbanas. Os artigos 182 e 183 introduziram as premissas sobre a função



de especuladores com a concentração de renda, a partir de estratégias de especulação imobiliária, e os grupos da população empobrecida, na busca de maneiras de ocupar a cidade e resistir. No esforço de minimizar os problemas urbanos, surgem as políticas habitacionais com a intenção de incidir sobre o déficit habitacional. Na década de 60, iniciou-se a introdução de políticas habitacionais mais significativas, correspondente ao período do Governo Militar no Brasil, o Sistema Financeiro Habitacional (SFH) foi criado com intuito de facilitar o acesso à habitação própria por meio de financiamentos imobiliários. O BNH, Banco Nacional de Habitação, foi o órgão estruturado em 1964, para coordenar e financiar o programa habitacional. As iniciativas habitacionais estavam diretamente relacionadas com as novas configurações políticas do “novo regime”, para Vêras e Bonduki (1986, p.47), após 64, a política habitacional e a política urbana, assumiram um feitiço bancário e economicista e devem ser entendidas no bojo do Estado burocrático-autoritário que então se implantou.

O BNH que surgiu com o objetivo de incidir sobre o déficit habitacional, tornou-se ferramenta de incentivo econômico ao capital privado. Apesar de ter desempenhado um papel relevante na construção e no financiamento de habitações, o programa apresentou uma ineficiência em relação à infraestrutura, com o foco em construções de grandes conjuntos habitacionais distantes dos centros urbanos, ocasionando problemas na mobilidade e contribuindo para segregação socioespacial. Vêras e Bonduki (1986, p. 52) classificam que o programa não alcançou as classes trabalhadoras:

A atuação do BNH mostra que essa política teve êxito enquanto instrumento de dominação ideológica, como geradora de empregos na construção civil e como pirâmide keynesiana, amortecedora de recessões econômicas. Contudo, sua atuação social ficou bastante comprometida: o saldo quantitativo de oferta de habitação continuou irrisório para o mercado popular, ante a demanda de moradias por parte de classes de mais baixa renda. Por seu modelo empresarial, utilizando-se de mecanismos de financiamento e correção monetária, controles de inadimplência, ao tornar o empreendimento lucrativo, tratou o problema habitacional com “investimento-retorno”, mesmo quando dirigido aos setores populacionais. Pelo grande impulso às edificações de luxo, estimulando o mercado superior, a política habitacional evidenciou mais uma vez o des-

cuido para com as classes trabalhadoras. E pela enorme canalização das verbas da habitação para operações urbanas (sistema viário, saneamento, metrô etc). (Vêras, Bonduki, 1986, p.52)

Com o fim do BNH, outros programas habitacionais foram experienciados, mais relacionados às políticas de crédito e voltados para a população com renda de até três salários mínimos. Só em 2003, a partir do governo Lula, que foi criado o Ministério das Cidades e inserido nas ações do Ministério, o Plano Nacional de Habitação. O PlanHab estruturou as bases das políticas habitacionais e originou a Habitação de Interesse Social (subsídio destinado à população de baixa renda). Em 2007, foi lançado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com o intuito de viabilizar o desenvolvimento econômico através de investimentos em infraestrutura. O programa transitava por diferentes áreas: energia, saneamento básico, transporte e entre elas, habitação. Relacionado ao setor habitacional do PAC, em 2009, surge o programa “Minha Casa, Minha Vida”, o programa foi dividido em três modalidades: Programa Nacional de Habitação Urbana (PNHU), o Programa Habitação Popular - Entidades e o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR).

O PMCMV é significado de debate entre movimentos sociais e profissionais atuantes na produção do espaço urbano, o programa sem dúvidas, é responsável por uma relevante atuação frente ao déficit habitacional, tendo um expressivo número de construção de novas habitações. Entretanto, ainda representa contradições, a solução para as questões habitacionais no Brasil não podem ser reduzidas à construção de casas, são muitos imóveis que permanecem vazios. Além de que, assim como o BNH, o PMCMV também reproduziu uma política habitacional que ficou flutuante diante ao planejamento urbano, sem incluir requisitos como mobilidade, qualidade de infraestrutura e todas as prerrogativas sociais que envolvem o direito à cidade.

Hoje, afinal, o Brasil tem um Plano Nacional de Habitação, que trabalha com um cenário para 20 anos. A meu ver, o que falta para o Minha Casa, Minha Vida é o que sempre faltou na maioria dos programas habitacionais brasileiros: uma visão mais estrutural do que deve ser esse combate ao déficit. O combate ao déficit não pode se resumir apenas aos números. E desde os tempos do Banco Nacional da

social das cidades. Após 11 anos, o Estatuto da Cidade foi aprovado sob a Lei Federal 10.257. O Estatuto “estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental” (Cap. I, art. 1º, par. Único). Dispõe que “a política urbana tem por objetivo ordenar o pleno funcionamento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana...” (art.2º). As inovações contidas no Estatuto situam-se em três campos: um conjunto de novos instrumentos de natureza urbanística voltados para induzir – mais do que normatizar – as formas de uso ocupação do solo; uma nova estratégia de gestão que incorpora a idéia de participação direta do cidadão em processos decisórios sobre o destino da cidade e a ampliação das possibilidades de regularização das posses urbanas, até hoje situadas na ambígua fronteira entre o legal e o ilegal. (ROLNIK, 2001).

Habitação, o BNH, que foi criado pelos militares na década de 1960, a questão habitacional no Brasil foi quase sempre tratada como meramente quantitativa, e o sucesso ou fracasso dos programas é medido pelo número de unidades construídas. É óbvio que deveria ter outros fatores envolvidos, como a maior articulação deles com políticas urbanas e sociais. (Maricato, 2009, p.62)

O Minha Casa, Minha Vida desempenhou um papel significativo na questão da moradia e foi central como medida emergencial frente a crise econômica de 2008, justamente por exercer essa função de ferramenta de incentivo econômico para as empreiteiras. O problema é que a posição dos governantes não foca na garantia dos direitos da população, mas correspondem aos interesses do mercado, o que ocasiona políticas limitadas que não atuam de forma estrutural.

Apesar dos muitos bilhões de reais em subsídios públicos, o PMCMV não impacta a segregação urbana existente, apenas a reforça, produzindo novas manchas urbanas monofuncionais ou aumentando a densidade populacional de zonas guetificadas já existentes (...) a experiência do PMCMV evidencia a dificuldade de se conciliar uma política pública guiada por uma racionalidade de mercado com o desafio de produzir cidade para todos, o que não se alcança por meio de uma lógica de inclusão pelo consumo, dependendo de uma perspectiva de universalização de direitos. (Rolnik et al, 2015, p. 149)

Ainda ao se tratar de políticas públicas de habitação, as ações são permeadas pelos interesses do capital, representados pelos latifundiários urbanos, empreiteiras e imobiliárias.

Diante da ausência de acesso à moradia, a população marginalizada se vê frequentemente compelida à enfrentar longas esperas nas filas de programas habitacionais, a buscar alternativas em loteamentos populares, compartilhar espaços em cortiços, resistir em comunidades quilombolas urbanas, adotar acordos de aluguel compartilhados e informais, ou, em muitos casos, depender do favor de familiares para garantir um lugar para morar. Uma outra forma de lutar pela moradia, são as ocupações urbanas, nessa circunstância, a população se junta em grupos para ocupar um local ocioso, com a finalidade de reivindicar a função social. As ocupações urbanas, espontâneas ou organizadas por movimentos sociais urbanos, emergem como forma de resistência ao modelo de cidade hegemônica segregativa, como possibilidade de criação de práticas políticas cotidianas que

busquem a efetividade do direito à cidade. Mais do que uma tentativa de solucionar a ausência de moradia, as ocupações urbanas são fruto da organização política responsável por tensionar as relações na cidade e enfatizar a luta para decidir sobre a cidade em que se quer viver.

Apesar das marcas históricas das lutas urbanas e das trajetórias inerentes dos movimentos sociais, os conflitos resultantes das desigualdades de acesso às cidades voltaram a alcançar maior destaque quando foram pauta e território principal das reivindicações das Jornadas de Junho de 2013<sup>4</sup>. Embora a fagulha para as manifestações no país inteiro tenha surgido nas lutas por transporte (com destaque para o Movimento Passe Livre em São Paulo), o discurso do Direito à Cidade enquanto um conjunto de políticas públicas logo ecoou pelas ruas, foi transformado em bandeira e cooptado por diferentes segmentos. David Harvey (2013), ao analisar as mobilizações a partir de Lefebvre (1976), reitera a necessidade de compreender o Direito à Cidade para além da esfera individual e das políticas vigentes, mas como possibilidade de se reinventar a vida urbana. Sendo a cidade um espaço permanente da luta de classes, a transformação só será possível através da luta política e organização popular.

O direito à cidade, como comecei a dizer, não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas (por assim dizer), definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito. (Harvey et al. 2013; p. 82)

As tensões evidenciadas nas Jornadas de Junho culminaram no fortalecimento dos movimentos sociais urbanos já existentes. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que surgiu em 1997, a partir de uma análise de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) de que era necessário um movimento para pensar as questões urbanas no Brasil, apesar de ativo desde o final dos anos 90, assumiu desde então, um forte protagonismo na luta por moradia, através da expressiva participação nas mobilizações contra os despejos consequentes dos megaeventos (Copa do Mundo em 2014 e Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016) e da intensificação do surgimento das ocupações urbanas. Hoje, o MTST se configura como o maior movimento social urbano do Brasil e atua em, apro-

<sup>4</sup> As Jornadas de Junho referem-se a um conjunto de manifestações que ocorreram no Brasil durante o mês de junho de 2013. Os protestos se iniciaram como manifestações contra o aumento do preço das passagens do transporte público, mas de forma intensa transformaram-se em um grande movimento que expressava a insatisfação com relação à gestão pública, o que incluía infraestrutura, saúde, educação, corrupção etc. O movimento ganhou uma enorme repercussão e até hoje é objeto de estudo de diversos pesquisadores.

ximadamente, 12 estados.

O Norte de Minas não está flutuante frente às problemáticas urbanas brasileiras, e, tal como o traço histórico do país, a formação da região foi marcada pela forte concentração de terras. É neste contexto que um enorme latifúndio, fruto da política de sesmarias, é transformado em um arraial e, por fim, no município de Montes Claros.

E é justamente neste contexto dos currais de gado e das expedições de bandeirantes chefiadas inicialmente por Fernão Dias Paes, na procura por esmeraldas, no início do século XVIII, que o bandeirante Antônio Gonçalves Figueira obtém um alvará com concessão de uma sesmaria às margens do Rio Vieira, afluente do Rio Verde, e, tendo gostado da terra, instala-se: constrói casa, curral e uma capela. (Paula, 1979)

Na atualidade, Montes Claros é a maior cidade do Norte de Minas, com uma população estimada em 414.240 pessoas e densidade demográfica de 115,39 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2022). Desde a sua consolidação, apresentou um fluxo de desenvolvimento desigual em relação aos outros municípios, mas foi com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que se estabeleceu como cidade pólo. Com o aprofundamento da disparidade e as dificuldades enfrentadas pelas outras cidades da região, a consequência foi o aumento no fluxo migratório para o município, que apesar dos investimentos recebidos, não tinha preparo suficiente para recepcionar o significativo aumento no contingente populacional. Assim, Montes Claros percorreu caminhos semelhantes aos de outras cidades pólo e de médio porte: a expansão urbana desenfreada para uma infraestrutura insuficiente que ocasionou um alto déficit de moradias.

Em 2013, a Fundação João Pinheiro (FJP) elaborou uma pesquisa sobre o déficit habitacional municipal no Brasil (2013), a pesquisa considerou diversos critérios para caracterizar as condições habitacionais e assim, incluí-las no saldo final de demandas habitacionais. No que tange aos elementos, foram analisadas as moradias improvisadas e rústicas, o encargo excessivo com aluguel, a existência de cômodos externos nos imóveis e a alta densidade de domicílios alugados. Além de que, foram consideradas inadequações de acordo com o acesso à infraestruturas essenciais como energia, água e saneamento básico. Os dados levantados pela pesquisa, revelaram que Montes Claros compunha junto com Belo Horizonte, Contagem, Uberlândia e Juiz de Fora, os maiores déficits de Minas Gerais, alcançado a estimativa de demanda por 10 mil habitações. (Fundação João Pinheiro, 2013)

É nessa conjuntura que o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) chega a Montes Claros em 2020, na intenção de organizar a população para a luta por moradia e pelo acesso ao direito à cidade. Através do acompanhamento de ocupações espontâneas já existentes, como é o caso da Ocupação Marielle Franco, e principalmente pelas vias de atuação nas Cozinhas Solidárias.

O MTST começa a se estabelecer na cidade, alcança diferentes bairros na periferia e agrupa cada vez mais pessoas para a formação de base, sendo um dos principais objetivos conseguir formar uma ocupação urbana organizada por um movimento social em Montes Claros. Posto isso, a primeira tentativa ocorreu em maio de 2022, com a experiência da Ocupação Tereza de Benguela. Coordenada pelo MTST, a ação contou com a participação de, mais ou menos, 50 famílias ocupando um terreno ocioso localizado na região norte da cidade. Os ocupantes foram surpreendidos por um despejo ilegal, a partir desse momento, a tensão entre o MTST e a elite local montes-clarense se consolidava.

### **Teto, trabalho e pão: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a trajetória em Montes Claros**

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) é o movimento urbano de maior expressão no país, presente em 14 estados e Distrito Federal. Comemorando 25 anos de luta em 2023, com o lema “Teto, trabalho e pão”. o MTST, fundado em 1997, foi formado a partir de experiências do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ao analisarem a necessidade de ações direcionadas para as questões urbanas. O modo de atuar mais conhecido é através das ocupações de terras ociosas, principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos. Todavia, recentemente em 2021, diante da crise humanitária ocasionada pela pandemia de COVID-19, as Cozinhas Solidárias tornaram-se outra frente de atuação de grande destaque no movimento.

Alguns eventos foram decisivos para o surgimento do movimento. O primeiro foi o Massacre de Eldorado do Carajás, em que 21 trabalhadores rurais foram assassinados pela Polícia Militar paraense, o episódio simbolizava a forte criminalização do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Movidas pela intenção de reivindicar a reforma agrária, denunciar a impunidade dos criminosos do massacre, a criminalização dos movimentos, os assassinatos no campo e contestar as políticas neoliberais do governo de Fernando Henrique Cardoso, milhares de pessoas caminharam até Brasília na Marcha

Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça<sup>5</sup>, organizada pelo MST. A partir da Marcha Nacional, militantes do MST ao refletirem sobre os problemas estruturais urbanos, iniciaram o processo de construção de movimentos de luta na cidade, estariam eles divididos no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto e no Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD).

Em 1996, o MTST acompanhou a primeira ocupação, de caráter “rururbana” e ainda com bases do MST, foi nomeada Parque Oziel em homenagem a um dos trabalhadores rurais assassinados no Massacre de Eldorado do Carajás. Entretanto, o início significativo para o movimento em questão de coordenar uma grande ocupação de forma autônoma foi a Ocupação Anita Garibaldi, que ocorreu em 2001 na cidade de Guarulhos, Grande São Paulo.

Desse momento em diante, o MTST se consolidava na Região Metropolitana de São Paulo e definia suas próprias diretrizes. Apesar das bases no MST, o MTST começa a construir diferentes formas de atuação, correspondentes à realidade urbana e outras formas de se relacionarem com as instituições políticas.

...afirmamos que o MTST não é um movimento de moradia. Lutamos por moradia, mas entendemos que esta luta é parte de uma luta maior por condições de vida dignas. É aqui que entra nossa proposta de uma Reforma Urbana. Defendemos uma transformação profunda no modo como as cidades estão organizadas. Hoje as cidades servem para dar lucro e são gerenciadas como uma empresa pelos governantes. Há gente que ganha bilhões com a expulsão dos trabalhadores para as periferias e com a precariedade dos serviços públicos. Expulsando os mais pobres do centro, os especuladores de terra e empreiteiros veem seus condomínios de luxo, prédios de escritório e outras obras se valorizarem cada vez mais. Mantendo a saúde pública precária, ganham as empresas de planos de saúde; mantendo a educação pública precária, ganham os donos de escolas particulares; mantendo transporte público precário, ganham as grandes empresas de produção de automóveis; e assim por diante. Assim, a bandeira de uma Reforma Urbana profunda e popular torna-se uma luta fundamental contra os interesses do capital”. (CARTILHA DO MILITANTE DO MTST, 2005, p. 4)

Já no governo Lula, o MTST realizou a Ocupação da Volks em São Bernardo do Campo, onde mais de 4000 pessoas ocuparam a frente de uma

fábrica da Volkswagen. A ocupação fez com que o movimento alcançasse bastante visibilidade, principalmente pelo papel da mídia. Ficou conhecido como um movimento mais radical do que os outros, porque não cediam às negociações. Ao alcançar cada vez mais a autonomia de atuação, fortaleceu-se nos âmbitos estaduais e nacionais. Com a implementação do Programa Minha Casa Minha Vida pelo governo Lula, o MTST se adequa e soma mais uma estratégia de ação: pautar a inclusão das famílias ocupantes nos programas habitacionais do governo. O PMCMV é permeado por diversas contradições, que vão desde a implantação que favoreceu as grandes empreiteiras, até a forma de execução, distância dos centros, sem equipamentos urbanos adequados próximos. O movimento não deixava de se posicionar criticamente como esquerda radical nas conciliações do governo vigente.

Ainda no governo do Partido dos Trabalhadores (PT), mas agora com Dilma à frente (2011-2016), as problemáticas urbanas continuavam crescendo mesmo com as construções de novas habitações, o processo de mercantilização das cidades avançava. Em junho de 2013, eclodem as manifestações no Brasil inteiro, no início com bandeira contra o aumento da tarifa do transporte, centralizada em São Paulo e organizada pelo Movimento Passe Livre<sup>6</sup>. Os protestos foram sendo adotados em várias cidades pelo país, outros movimentos, apoiadores somaram e a pauta de transporte foi sobreposta por pautas mais coletivas sobre o direito à cidade. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) assume papel essencial e traz junto a emergência de reformas estruturais possíveis através da organização popular na luta urbana.

Assim, além de um divisor importante na história do país, as Jornadas de Junho colocaram o MTST em um papel de destaque na luta pela reforma urbana. Nos anos seguintes, intensificaram os surtos de novas ocupações urbanas e o movimento desempenhou uma participação central nos protestos contra os despejos consequentes dos megaeventos esportivos (Copa do Mundo em 2014 e Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016).

E debruçado sobre esse cenário, o movimento é responsável pela continuidade de junho. Em 2014, ano da Copa do Mundo, com a bandeira “Copa Sem Povo,

5 “Iniciada no dia 17 de fevereiro de 1997 e partindo de três pontos do país, a Marcha Nacional foi programada para chegar em Brasília no dia 17 de abril, exatamente um ano depois do Massacre de Eldorado do Carajás. A chegada a Brasília foi celebrada com um grande ato público com mais de 100 mil pessoas. O objetivo da mobilização foi chamar atenção para a urgência da Reforma Agrária e pedir punição aos responsáveis pelo Massacre de Eldorado do Carajás. Durante a Marcha foi celebrado pela primeira vez o Dia Internacional da Luta Camponesa” (MST, 2021)

6 “O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”(trecho retirado do site do Movimento . O movimento foi responsável por iniciar as ondas de protestos que culminaram nas “Jornadas de Junho de 2013”.

Tô na Rua de Novo”, o MTST ocupa um terreno em Itaquera, ao lado do estádio da cerimônia inaugural do megaevento, conhecido como Ocupação Copa do Povo, atento ao fato de que os megaeventos só acelerariam o processo de expulsão dos pobres das grandes cidades. Em Itaquera, os aluguéis subiram cerca de 300% nos seis primeiros meses de 2014. (Freitas, 2017, n.p)

Embora sempre tenha se posicionado como oposição de esquerda radical aos governos petistas, o MTST no segundo mandato do governo Dilma, ceifado pelo processo de impeachment, alia-se a outras forças, movimentos sociais, partidos, sindicatos e juntos formam a Frente Povo Sem Medo<sup>7</sup> com o objetivo de mobilizar atos contra o golpe, as medidas neoliberais e o avanço da direita reacionária. Com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, a criminalização dos movimentos sociais aumenta, o conservadorismo se espalha e os programas sociais são desmantelados. Dois anos depois, a pandemia chega para assolar o país.

A falta de ações efetivas por parte do governo para lidar com os impactos da pandemia contribuíram para o crescimento do desemprego, da insegurança alimentar e do aumento das famílias em situação de vulnerabilidade no país. Imagens de pessoas procurando alimentos em lixeiras tornaram-se frequentes nas redes sociais, refletindo o tamanho da problemática a ser enfrentada.

O Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto, em seu histórico, acaba por romper com as formas de atuação reproduzidas pelos movimentos sociais anteriores. Em um processo, compreendido por muitos como de radicalização, assume uma postura anticapitalista, fundamentada na busca pelo poder popular. A estratégia para alcançá-lo é a partir da garantia de direitos do povo, ao entender que a luta não se resume à moradia, mas inclui o acesso à alimentação adequada, educação de qualidade, cultura e o conjunto de possibilidades que compõem uma vida digna.

Somos um movimento de trabalhadores. Operários, informais, subempregados, desempregados que, como mais de 50 milhões de brasileiros, não têm sequer moradia digna. Vivemos de aluguel, de favor ou moramos em áreas de risco pelas periferias urbanas do Brasil. No final da década de 1990, iniciamos nossa trajetória de luta contra a especulação imobiliária e o estado que a protege. Todos sabem que as grandes cidades brasileiras, cada vez mais ricas, escondem nas periferias a enorme pobreza daqueles que as constroem. Nosso objetivo é combater a máquina de produção de miséria nos centros urbanos, formar militantes e acumular forças no sentido

7 A Frente Povo Sem Medo é uma coalizão política brasileira que reúne diversos movimentos sociais, sindicatos, organizações da sociedade civil e partidos políticos de esquerda. Foi fundada em 2025, com o objetivo principal de articular ações e mobilizações em defesa dos direitos sociais, econômicos e políticos, principalmente da população mais vulnerável. O processo de impeachment fez a Frente Povo Sem Medo articular junto com outras frentes de luta, mobilizações contra o que nomearam de golpe, levantando a bandeira em defesa da democracia.

de construir uma nova sociedade. A ocupação de terra, trabalho de organização popular, é a principal forma de ação do movimento. Quando ocupamos um latifúndio urbano ocioso, provamos que não é natural nascer, viver e morrer pobre e oprimido. Não aceitamos a espoliação que muitos chamam de sina. Ao montar barracos de lona num terreno vazio e organizar os trabalhadores para lutar, cortamos a cerca nada imaginária que protege a concentração de riqueza e de terra nas mãos de poucos. E em alto e bom som gritamos: chegou a nossa hora. Criar poder popular!! (MTST, 2012, n.p)

A trajetória do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) em Montes Claros começa em 2021 e assim como nos princípios em nível nacional, as ações são voltadas para a luta pelo direito à cidade, de forma que para assegurá-lo é preciso possibilitar o acesso da população à moradia, segurança alimentar, transporte de qualidade, educação popular, lazer e cultura. Isto posto, o movimento vem direcionando esforços em diferentes áreas para garanti-los através da mobilização popular.

Ao longo desses anos, o MTST Montes Claros conseguiu se inserir em bairros periféricos da cidade, fazendo trabalho de base e agrupando apoiadores. O movimento conta com o apoio das partes mais sociais da igreja católica, universidade, vereadoras, deputadas, principalmente do PSOL e PT, militantes de outros movimentos, coletivos de juventude e ativistas sociais solidários à causa.

Desde 2021, as Cozinhas Solidárias transformaram-se em uma frente de atuação de destaque no movimento. Na verdade, a estratégia de construir cozinhas comunitárias já era percebida como uma marca nas ocupações do MTST. Ao ocupar um terreno, uma das primeiras iniciativas é a instalação de espaços de cozinhar, que tornam-se mais do que isso, virando um lugar que abrange diferentes formas de sociabilização e é centralizador nas tomadas de decisões.

Em Montes Claros, a primeira ação de maior destaque do MTST foi a inauguração da Cozinha Solidária do Itatiaia, localizada no bairro Vila Itatiaia, na zona sul da cidade. A região sul de Montes Claros destaca-se por seu crescimento e pelas ocupações mais recentes, impulsionadas pela proximidade das rodovias BR-135 e BR-365, facilitando o acessos dos municípios vizinhos. Essa área também é caracterizada pelo número de loteamentos ilegais, a presença concentrada de favelas e a sua distância em relação ao centro.

Assim como na maior parte da cidade de Montes Claros, o

intenso crescimento da região sul não foi acompanhado de planejamento urbano e nem mesmo de infraestrutura adequada, o que, conseqüentemente, provocou o isolamento em relação à parte central da cidade, além da formação de áreas de ocupação ilegal. (Leite, 2011, p. 147)

A Cozinha do Itatiaia foi instalada em um antigo salão anteriormente inativo, atualmente, o projeto distribui aproximadamente 300 refeições por semana, além de atender aos moradores dos bairros vizinhos. Atualmente, em Montes Claros, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) opera cerca de sete Cozinhas Solidárias distribuídas em diferentes áreas da cidade. A implementação dessas cozinhas, em sua maioria, foi fruto da colaboração do movimento com outras entidades, incluindo associações de moradores, projetos solidários e grupos religiosos.

Além das Cozinhas Solidárias e mesmo antes da consolidação dessa frente em destaque no MTST, as ocupações em latifúndios urbanos ociosos representam princípios fundamentais nas estratégias de atuação do movimento em nível nacional. As práticas de construção de cozinhas coletivas surgem diretamente das ocupações urbanas realizadas ao longo da trajetória do movimento. Portanto, a tentativa de compreender a produção cotidiana do espaço de uma cozinha solidária do MTST em Montes Claros, está intrinsecamente ligada ao esforço de compreensão dos conflitos urbanos e à multiplicidade de agentes envolvidos nesses processos na cidade. Dito isso, o relato de experiência da Ocupação Tereza de Benguela sintetiza as táticas de atuação do MTST e ilustra uma vivência de conflito urbano em Montes Claros.

### **A Ocupação Tereza de Benguela: a festa e o conflito**

Diante do contexto socioespacial em Montes Claros e com o intuito de fortalecer a atuação do movimento, o MTST mobilizou aproximadamente 55 famílias para ocuparem um latifúndio urbano desocupado na cidade. Nomeada Ocupação Tereza de Benguela, em homenagem à líder negra quilombola do Quilombo do Piolho, o grupo ocupou um lote correspondente a 380 mil m<sup>2</sup> na região do bairro Independência. A área encontra-se cerca de 6km afastado do centro e é muito próxima ao Aeroporto Mário Ribeiro, único aeroporto da cidade. A vizinhança é caracterizada por residências de classe média e muitas áreas desocupadas, resultado da especulação urbana que visa essa região, além de estar inserido em um local de limitações quanto à ocupação do solo, devido à proximidade com o

aeroporto e a necessidade de garantir uma área de segurança. Assim, ao contrário da maioria das ocupações que a antecederam em Montes Claros, a Tereza de Benguela se diferenciou pelo planejamento prévio coordenado por um movimento social urbano e por ocupar uma área de interesse do mercado imobiliário. Dessa forma, foi rapidamente percebida e provocou uma reação contrária imediata.

As estratégias reconhecidas do MTST para a escolha do terreno derivam do levantamento de lotes com questões jurídicas, ausência de proprietários definidos, loteamentos endividados e alguns de caráter público, mas que apesar disso, permanecem sem utilização. O terreno em que ocorreu a ocupação pertence tecnicamente, a uma das famílias mais antigas e proeminentes de Montes Claros, com extensas propriedades e presença em diversas esferas de poder no município. Apesar da considerável influência, segundo levantamento do MTST, a família acumula uma dívida de aproximadamente 7 milhões de reais em IPTU relacionada ao terreno, que há anos não cumpre sua função social. Fundamentado nesse argumento e na legislação local, o movimento estava confiante de que a negociação seria bem-sucedida, respaldada por embasamento jurídico.

Dessa forma, na madrugada do dia 13 de maio de 2022, cerca de 55 famílias ingressaram no terreno desocupado, dando início aos esforços para consolidar a Ocupação Tereza de Benguela. Sob a coordenação das lideranças do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), essas famílias reivindicavam o direito à moradia diante de um cenário de elevado déficit habitacional e políticas habitacionais consideradas ineficientes. A ocupação era composta por famílias provenientes de diferentes bairros periféricos da cidade, nos quais o MTST já tinha certa atuação. Além disso, contava com o apoio de militantes da Cozinha Solidária do Itatiaia, lideranças estaduais, membros da União da Juventude Comunista (UJC) e ativistas sociais.

No dia anterior, foi-me feito um convite por uma liderança do movimento para participar do que chamavam de “festa” (processo de ocupação), indicando que finalmente haviam encontrado o salão de festas para celebrar (terreno para a ocupação). Ao chegar à ocupação na manhã seguinte, as famílias estavam envolvidas na limpeza do terra, na montagem de barracas de lona e bambu para os primeiros assentamentos, e na improvisação de uma cozinha coletiva, onde viriam a acontecer tanto os momentos de refeição quanto de reuniões para tomadas de decisões. Ao longo da manhã, ficou evidente que não demorou muito para que os moradores das redondezas

percebessem a ocupação. Motos já transitavam pela rua em frente a ocupação, observando a movimentação, indicando que não demoraria muito tempo até que os proprietários viessem reivindicar a posse, uma situação prevista pelo movimento.

Cerca de 9 horas da manhã, enquanto auxiliava um membro do movimento, uma caminhonete branca se aproximou. O condutor afirmava ser um dos proprietários do terreno. Fomos abordados inicialmente com uma tentativa de intimidação, viramos as costas e, em seguida, as lideranças assumiram a condução do diálogo. Contudo, o senhor adotou uma abordagem mais incisiva e após a resistência dos ocupantes, ele se retirou, mas não sem antes proferir ameaças e prometer retornar para resolver a situação.

Diante da situação, os ocupantes ficaram em alerta e começaram a se organizar, entrando em contato com advogados e políticos apoiadores. Pouco depois, a mesma caminhonete foi vista estacionada em uma rua próxima à ocupação. A expectativa inicial era de que fosse a polícia, mas o mencionado proprietário retornou acompanhado de outras pessoas para realizarem o processo de despejo “por conta própria”. O grupo começou destruindo as barracas de lona, intimidando os ocupantes e utilizando caminhões de areia para fechar os principais acessos da ocupação.

“(…) Estamos aqui na Ocupação Tereza de Benguela em Montes Claros, com cerca de 55 famílias que ocuparam um terreno na noite de ontem. Temos grávidas, gestantes, pessoas com necessidades especiais que tão aqui. As entradas da fazenda estão cercadas por seguranças particulares e que provavelmente são jagunços, a gente não sabe. Não estão deixando entrar comida, não estão deixando entrar água e tem alguns que estão dentro da propriedade, a gente precisa do apoio de todos, é um momento de muita ajuda.” (Transcrição da fala de uma das lideranças do MTST, vídeo do acervo do movimento fornecido para o trabalho).

A ação do grupo foi divulgada nas redes sociais, e pessoas autodenominadas representantes da direita em Montes Claros deslocaram-se para a Ocupação Tereza de Benguela. Os discursos predominantes giravam em torno do anti-petismo e da criminalização dos movimentos sociais, caracterizando um processo de perseguição aos militantes.

Figura 14: Barreiras nos principais acessos à Ocupação Tereza de Benguela



Fonte: Acervo do MTST, cedida à autora para o trabalho.

De acordo com o grupo opositor, as famílias que ocupavam o terreno estariam sendo manipuladas pelo MTST. O processo envolveu a coação dos militantes, incluindo com discursos preconceituosos. Além disso, o discurso anti-petista foi fortalecido quando uma foto de uma das lideranças com o presidente Lula foi identificada nas redes sociais e prontamente utilizada para embasar as argumentações. A bandeira do movimento foi rasgada e queimada, ação ovacionada pelos demais. Para encerrar, uma senhora iniciou a oração do Pai Nosso, e todo o grupo se reuniu em oração por terem protegido a propriedade privada em nome de Deus.

“A reintegração de posse é nós que faz (...) A foto sua com Lula nós tem aqui.”. (Transcrição da fala de um membro em um vídeo compartilhado nas redes sociais)

Figuras 15 e 16: Cena 1 - Chegada do grupo à Ocupação Tereza de Benguela. Cena 2 - Membro do grupo queimando a bandeira do MTST depois de rasgá-la



Fonte: Acervo do MTST, cedida à autora para o trabalho.

Após resistirem por dois dias, as famílias despejadas foram acolhidas na Ocupação Marielle Franco, mas enfrentaram outra surpresa. Em 18 de maio, a Polícia Militar, em conjunto com um procurador da Prefeitura de Montes Claros, deteve três lideranças do MTST, fundamentando-se na alegação de “flagrante de esbulho possessório”, que é quando há a violação ou interferência na posse de um bem por parte de outra pessoa. Tal argumento foi apontado pelo movimento como contraditório, dado ao fato de que a Ocupação Marielle Franco está consolidada há quatro anos.

A prisão foi postada por vários ativistas e meios de comunicação de esquerda, incluindo Guilherme Boulos (Deputado Federal - Psol e liderança do MTST) e Bella Gonçalves (Deputada Estadual de Minas Gerais - Psol). Após a prisão, segundo militantes e apoiadores do movimento, as lideranças ficaram incomunicáveis, sendo localizadas apenas algumas horas mais tarde. Também foi relatado que, antes de serem levados para o quartel, a polícia os manteve no camburão por seis horas. Sob pressão política e popular, os membros do MTST foram posteriormente soltos.

Através dos eventos ocorridos, tornou-se evidente um histórico de acontecimentos semelhantes envolvendo outros movimentos sociais no Norte de Minas, com formas de atuações comparáveis. Grupos têm intimidado assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região, e em 18 de abril de 2018, foi relatado uma ação no qual dezenas de latifundiários e empresários, autodenominados como Movimento “Paz no Campo”, cercaram 100 famílias sem terra na Estrada da Produção em Montes Claros. Adotando táticas semelhantes, impediram a saída das famílias e os o

acesso a água e alimentos.

### Considerações Finais

Ao chegar à esfera jurídica, as ocupações urbanas se deparam com a contradição entre o cumprimento da função social e o direito à propriedade, como exemplificado na situação da Tereza de Benguela, em que, apesar das irregularidades do terreno, a reintegração de posse forçada foi efetivada. Voltando-se para as análises elaboradas por Lefebvre (1976) sobre “direito à cidade”, as reflexões levam para compreendê-la enquanto obra, “direito à vida e à produção do espaço”, as ocupações urbanas são um exemplo de experimentações urbanas que intervêm na produção hegemônica do espaço urbano, através do próprio cotidiano. Mesmo durante o curto período da Ocupação Tereza de Benguela, a população apropriou-se do espaço, erguendo as barracas de lona e determinando onde seria cada lugar. Em consonância com os princípios do movimento, estabeleceram a cozinha coletiva no centro da ocupação, que além do papel fundamento de distribuição de refeições, seria o ponto de encontro para reuniões.

A presença ativa da militância do MTST em Montes Claros tenciona relações históricas na cidade. Apesar da insuficiência das políticas públicas habitacionais e do desordenado crescimento urbano, os conflitos de terras eram predominantemente destacados nas áreas rurais. O objetivo de organizar politicamente famílias sem-teto introduz uma nova fase no conflito fundiário em Montes Claros, com movimentos urbanos que se opõem aos poderes estabelecidos. Contudo, a luta pelo direito à cidade em Montes Claros apresenta nuances específicas, com as tensões ultrapassando a esfera institucional e manifestando-se na criminalização dos movimentos na esfera pública.

Nesse cenário, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto procura incidir na realidade dos trabalhadores urbanos através das cozinhas solidárias instaladas em regiões periféricas da cidade. Diante desse contexto, as reflexões mobilizadas caminham para suscitar pesquisas que busquem compreender outras dinâmicas de produção do espaço que emergem em Montes Claros como formas de resistência ao modelo hegemônico,

### Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DAS CIDADES, Secretaria Nacional de Habitação. **Guia para o Mapeamento e Caracterização de Assentamentos Precários**. Brasília: MCidades, 2010.



CONGRESSO NACIONAL DO IMPÉRIO DO BRASIL (1850). **Lei Nº 601, de 18 de Setembro de 1850**. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/10601-1850.htm#:~:text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm#:~:text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais). Acesso em: 21 de dez. 2023.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). Centro de Estatística e Informações. **Déficit habitacional municipal no Brasil**. Belo Horizonte: FJP, 2013

FREITAS, Carolina. **20 anos do MTST: Um formigueiro contra o neoliberalismo**. Esquerda Online. 2017. Disponível em <https://mtst.org/mtst/20-anos-do-mtst-um-formigueiro-contra-o-neoliberalismo/>. Acesso em 20 de dez, 2023.

GOUVÊA, D. C.; ÁVILA, P. C.; RIBEIRO, S. B. **A regularização fundiária urbana na Amazônia legal**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/221/205> . Acesso em: 21 de dez. 2023.

HARVEY, David et.al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo, Boitempo. Editorial, 2013

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro. IBGE: 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama>. Acesso em 15 de dez. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 190p. (El espacio. In LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política: El derecho a la ciudad II**. Barcelona: Península, 1976).

LEITE, Marcos Esdras. **Geotecnologias aplicadas ao mapeamento do uso do solo urbano e da dinâmica da favela em cidade média: o caso de Montes Claros/MG**. 2011. 288 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MARICATO, Ermínia. **É preciso repensar o modelo**. São Paulo: Arquitetura e Urbanismo, Setembro/2009, Editora Pini, 2009.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Memória – Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária, Brasília 1997**. (2021, 17 de abril). Disponível em <https://mst.org.br/2021/04/17/memoria-marcha-nacional-por-emprego-justica-e-reforma-agraria-brasilia-1997/>. Acesso em 20 de dez. 2023.

Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). **CARTILHA DO MILITANTE DO MTST (2005)**. Disponível em <https://mtst.org/>. Acesso em 22 de dez. 2023.

Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). **Quem somos**. Disponível em: <http://www.mtst.org/index.php/o-mtst/quem-somos>. Acesso em 22 de dez. 2023.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes**. Montes Claros, Minas Gráfica, 1979.

ROLNIK, RAQUEL. **Estatuto da Cidade: instrumento para as cidades que sonham crescer com justiça e beleza**. Programa de pós-graduação em Direito Registral Imobiliário da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001, p.1.

\_\_\_\_\_ et al. **O Programa Minha Casa Minha Vida nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas: aspectos socioespaciais e segregação**. Cadernos Metrópole, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 127-154, maio 2015. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2015-3306>

VÉRAS, M. P. B.; BONDUKI, N. G. **Política habitacional e a luta pelo direito à habitação**. In: COVRE, M. L. M. (Org.). **A cidadania que não temos**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

## O reinado dos congos da cidade de Itapira: cultura e relações raciais

Cristiane Elias<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre as congadas da cidade de Itapira, localizada no interior do estado de São Paulo e que estão presentes ainda hoje na mesma, sendo a maior expressão cultural e religiosa do município. Procuraremos nos aprofundar na trajetória delas e nas relações raciais estabelecidas no espaço em que se formaram, como também recolocar os povos negros na historiografia de Itapira. Visto a cidade de Itapira ser constituída a partir da escravização de homens e mulheres negros trazidos para a crescente região do oeste paulista em função do plantio do café. Um dos resultados culturais com a fixação dos povos negros foi o surgimento dos congos ou congadas como é conhecida na cidade. Nosso propósito assim é analisá-las levando em conta os apagamentos e distorções construídas pelas elites locais, juntamente com os discursos de harmonia racial que corroboram para a manutenção de uma história hegemônica da cidade sem a presença de conflitos, violências e disputas simbólicas e concretas pelo poder. **Palavras-chave:** Congados. Itapira. Apagamento. Branquitude.

### The reign of the Congos in the city of Itapira: culture and racial relations

#### Abstract

This article aims to deepen knowledge about the congadas of the city of Itapira, located in the interior of the state of São Paulo and which are still present today, being the largest cultural and religious expression in the municipality. We will seek to delve deeper into their trajectory and the racial relations established in the space in which they were formed, as well as place black people back in the historiography of Itapira. Since the city of Itapira was created from the enslavement of black men and women brought to the growing region of western São Paulo due to the planting of coffee. One of the cultural results of the settlement of black people was the emergence of congos or congadas as they are known in the city. Our purpose is to analyze them taking into account the erasures and distortions constructed by local elites, together with the discourses of racial harmony that corroborate the maintenance of a hegemonic history of the city without the presence of conflicts, violence and symbolic and concrete disputes over the power.

**Keywords:** Congados. Itapira. Erasure. Whiteness.

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo reunir alguns textos e reflexões sobre as congadas da cidade de Itapira<sup>2</sup>. Assim, procuraremos nos aprofundar na trajetória delas e nas relações raciais estabelecidas no espaço em que se formaram, como também, recolocar os povos negros na historiografia da República em Itapira.

Para entendermos a formação das congadas e as questões raciais envolvidas, utilizaremos, principalmente, as publicações da memorialista e folclorista Odette Coppos, as quais iremos analisar juntamente no trabalho. Nosso intuito com tal estudo é compreender a importância histórica das congadas e as questões raciais levantadas a partir delas na formação da sociedade e da cidade de Itapira. A partir da análise de obras da autora Odette Coppos e os recentes acontecimentos envolvendo a Congada Mineira de Itapira,

Procuraremos, assim, dividir nosso trabalho com um breve entendimento do que é o reinado dos congos, quais congadas existiram em Itapira e quais informações e características temos delas, bem como

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

<sup>2</sup>Cidade localizada no interior do Estado de São Paulo que, no século XIX, fazia parte da região chamada de Oeste Paulista, de expansão do café em direção a Minas Gerais e, conseqüentemente, da escravidão.

analisar a produção e a reprodução do racismo na sociedade itapireense do século XX e quais as relações dos congos com a cidade na atualidade.

Desta forma, buscaremos deixar mais nítida a história e a memória das congadas da cidade e as tensões raciais que nela existiam, mas cientes das “flutuações, transformações e mudanças constantes” (Pollak, 1992, p. 201) a que estão submetidas e que também existem marcos imutáveis, ambos contribuindo para a aproximação do que foi as congadas da cidade a partir da contribuição de Odette Coppos.

### **Congada, reinado dos congos, dança dos congos ou congadas**

Silvia Lara (2007) discorre sobre a formação dos congados, que foram associações conhecidas como congada, reinado dos congos ou dança dos congos que, em forma de cortejos constituídos por negros em diáspora, com passos de dança, cantos e representações de um reinado africano, eram autorizados pela igreja ou pelos escravocratas a acontecer como modo de entretenimento para eles e manutenção da escravidão, porém, também, de agenciamento e sociabilidade pelas negras, negros e escravizados envolvidos. A historiografia brasileira tem se debruçado sobre esses espaços dos reinados, entendendo-os como uma manifestação que deu indícios de seu surgimento com as diásporas dos povos africanos pelo Atlântico.

Ainda, Silvia Lara (2007) pontua que essas manifestações negras datam do século XVII no Brasil e foram praticadas no século XVI no reino de Portugal através das irmandades, como por exemplo a Irmandade do Rosário, uma das mais antigas dentro do contexto da escravidão no Atlântico (Lara, 2007, p. 209). Cabe lembrar, contudo, que nem todos os congos têm as irmandades como locais de origem e desenvolvimento.

A memória da África, seja dos Camarões ou do Congo, pode fazer da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertenci-

mento (Pollak, 1992, p. 202).

Já a autora Marina de Mello e Souza (2014), nos lembra que as congadas compostas de elementos africanos e ibéricos eram formas de controle da sociedade escravista, mas ao mesmo tempo espaços de expressão dos valores africanos e seus descendentes (SOUZA, 2014, p. 263). “Momento de ruptura do cotidiano, de extravasamento de paixões, de exaltação da identidade comum, de exasperação dos sentidos por meio da música e da dança, de inversão de hierarquias.” (SOUZA, 2014, p.267).

Desta forma, as congadas se construíram a partir da escravidão no mundo Atlântico com encenações de um reinado que mulheres e homens negros recriavam em cativeiro. Sendo assim, através delas podemos nos aproximar do cotidiano desses sujeitos em diáspora, seus rituais, seus nomes e suas relações com os demais sujeitos da sociedade escravista e até mesmo pós-escravidão. As congadas que iremos analisar estão localizadas no contexto do pós-escravidão na cidade Itapira do interior do Estado de São Paulo.

Em Itapira, uma das cidades do antigo oeste paulista escravagista, que recebeu muitos escravizados bantos (SOUZA, 2014, p. 338) vindos do nordeste para a lavoura de café e assim formou quatro congadas em contextos distintos, sendo elas: a Congada da Embaixada (1904/1906), a Congada Mineira (1950), a Congada da Paróquia de São Benedito<sup>3</sup> e a Congada Nossa Senhora do Rosário dos Homens do Bairro dos Prados (1978). Existe a menção, na parte de trás do livro de 1978 de Odette Coppos, da Congada de N.S. Aparecida, mas que não foi explorada em seus estudos – e nem na escrita deste trabalho – por ser informado pela autora que ela foi desintegrada e até o momento não encontramos outras informações.

Para este trabalho usaremos como fonte de informações a autora memorialista e folclorista Odette Coppos, visto sua considerável produção sobre as congadas de Itapira, como também, os indícios de tensões raciais existentes e as reproduções do ima-

3 Não encontramos uma data de formação desta congada até o presente momento da escrita do artigo.

ginário de inferiorização dos povos negros a partir da mesma.

Nas décadas imediatamente após a abolição, uma noção de que declarações públicas abertamente preconceituosas eram de alguma maneira “antibrasileiras”. [...] Assim, mesmo enquanto os paulistas promoviam o branqueamento da população regional, fosse por meio de estratégia de representação, fosse por meio de políticas imigratórias subsidiadas, a maioria deles não adotou discursos abertamente em defesa da supremacia branca, nem defendeu divisões bem delineadas entre negros e brancos (Weinstein, 2022, p. 27-28).

Apesar desta passagem de Barbara Weinstein (2022) afirmar as cautelas existentes em relação a ofensas preconceituosas para com os povos negros após a abolição, isso não era temido por todas as elites visto a naturalização propagada, por todo o período escravista, da inferiorização de mulheres e homens negros. Dialogando também com o pacto narcísico da branquitude, trabalhado por Cida Bento (2022) que foram construídos, historicamente, versões sobre grupos, gênero e raças convenientes para a manutenção da hegemonia branca. Que detém e propaga uma versão oficial sem se colocar como agente racializado e ativo na estruturação das “desigualdades e a violência racial na macroestrutura política e social” (Bento, 2022, p. 14).

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (Bento, 2022, p. 11-12).

Compreendemos as produções de Odete Coppo dentro de um movimento folclorista datado, que estava na época mais preocupado em tipificar a cultura, mais nas coisas que nas pessoas e como fatos prontos. (Cavalcanti, 2002, p. 2) Que junto com o modelo paulista de oposição ao “outro”, com o branqueamento de sua história que, ao enaltecer a branquitude, alimentava e produzia informações racistas

e distorcidas da negritude e da cultura africana, como veremos no decorrer do texto.

### Congada da Embaixada

O primeiro folguedo que temos informações na cidade é a Congada da Embaixada, que, segundo Odete Coppo, é a mais antiga e de reinado do Rei Nabor. O senhor Nabor Honório foi conhecido como Preto Nabor e, também, como um benzedor da cidade, falecendo em 1968. Existe, atualmente, uma rua com seu nome (Preto Nabor) no bairro do Cubatão, que é a mesma rua em que viveu. Sobre a congada da Embaixada, Coppo discorre:

seguindo as pegadas da história temos que os descendentes dos escravos africanos chegaram a Itapira pelos meados do século dezenove e com o seu suor e trabalho implantaram também a origem dos seus folguedos. A primeira e até hoje a tradicional, a Congada do Nabor, é interessante porque é de Embaixada, o que quer dizer – segundo esclarecimentos recebidos do próprio Nabor, quando ainda em vida – palco de reinado de uma tribo do Congo Africano, onde se desenrolou o drama de uma declaração de guerra com o inimigo turco. Êste enredo é até hoje cultuado em toda a pureza do seu estilo. Está escrito num velho e desbotado livro, que é passado de pai para filho, de geração a geração, uma verdadeira relíquia [sic] (Coppo, 1971, p. 12).

A Congada da Embaixada tinha em seu reinado rei, rainha, príncipe, princesa, embaixador, secretário, pequena dama de honra, fidalgos, um tu-feiro, oito congos, seis moldomas para carregar as bandeiras e duas porta-faixas. Os instrumentos da Embaixada seguiam na lateral e um congueiro dirigia o grupo com um “pio”, tendo como bandeiras São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (Coppo, 1971). A Congada, depois do falecimento do Rei Nabor, “entrou num período de decadência por falta de continuidade na liderança” (Coppo, 1971, p. 11), e existiu uma dificuldade de substituir o Rei, até que surgiu um senhor de nome Benedito dos Santos, que Coppo declara: “ele não é negro!” (Coppo, 1971, p. 11).

Essa declaração é interessante se levarmos em consideração que essas manifestações eram formas de expressão e sociabilidade negras em diáspora, mas principalmente por essa dança dos congos, em forma de embaixada, ter como um de seus objetivos anunciar o reinado do congo e a substituição ser para a representação justamente do rei. O reinado, assim, era uma das formas de reverenciar outra figura de soberano, de poder, que não o de Portugal (Lara, 2007), do branco. Coppos não o define como branco, remetendo-nos às derivações de cor criadas para os povos negros em diáspora como forma de diferenciação e de distanciamento de alguns negros da escravidão, da categoria de escravo (Mattos, 2013).

Por fim, Odette Coppos não apresenta a data do falecimento do Rei Nabor, mas refere que ele fez parte da congada por 50 anos, sendo 30 deles como rei do reinado.

### Congada Mineira

Continuando, temos a Congada Mineira que a autora não traz muitas informações, mas pontua que era formada de negros, quase todos mineiros radicados no “Risca Faca”<sup>4</sup>. Entretanto, com a morte súbita do seu chefe, a Congada desagregou-se e muitos dos seus elementos incluíram-se nas outras duas (Coppos, 1971). No entanto, a congada, com esse mesmo nome, ainda existe na cidade, inclusive sendo a única congada atualmente.

A Congada Mineira chegou na cidade de Itapira em 1950, com José Júlio Isaías e sua família. Com seu falecimento, seu filho Arnaldo Franco herdou a Congada Mineira e iniciou sua longa jornada como rei em 1959/1960, segundo relatos da bisneta do senhor Arnaldo, Mirella Cristina Antonio, em 28 de julho de 2023. O senhor Arnaldo nasceu em 1935 no Estado de Minas Gerais e, hoje, a congada possui ao menos três gerações de sua família, além dos demais membros envolvidos. A Congada sempre sai no

dia 13 de maio junto à procissão da Paróquia de São Benedito e hoje é a única ativa na cidade.

Devido às poucas informações sobre ela por Coppos, retornaremos a ela mais ao final do trabalho, visto que ainda é ativa.

### Congada da Paróquia de São Benedito

Já a Congada da Paróquia de São Benedito era dirigida por dois chefes: o senhor Benedito Adão e o Capitão Manuel Miguel, mas o segundo é o mais citado pela autora, que deixa a entender que ele não era de Itapira. Em seu reinado, tinha a representação da dança com espadas e, abaixo, temos uma descrição de como ela era estruturada:

os Dianteiros, isto é, os que dançam com as espadas, têm uma representação de guerra contra um rei e mais doze pares de França. No seguimento, surge o terceiro [sic] espada que representa a defesa do rei. Outros [sic] espadas entram na dança. Tudo ao som dos surdos. Algum tempo depois, acontece a anistia e então a dança é alegre e os molecotes entram com as piruetas e os saltos. Abrem alas. Fazem roda com os passistas no centro (Coppos, 1971, p. 62-63).

A Congada tinha como “bandeiras a de São Benedito e a Santa Isabel, em homenagem e gratidão à Redentora” (Coppos, 1971, p. 60-61). Ela tinha um total de 38 pessoas, entre cantores, instrumentistas e dançarinos, e as bandeiras eram de São Benedito e Santa Isabel, em homenagem à Princesa Isabel. Os instrumentos eram: “um violino, dois violões, duas violas, quadro caixinhas, dois pandeiros, dois surdos, seis bumbos” (Coppos, 1971, p. 61). Contudo, não encontramos informações sobre o ano de sua organização (nem aproximado), mas sabemos que antes do centenário da abolição ela já não existia mais e teve alguns de seus membros acolhidos nos demais folguedos da cidade.

Encontramos uma descrição da congada que nos chamou a atenção para a visão da autora sobre

<sup>4</sup> Adjetivo dado, principalmente, ao bairro do Cubatão, um dos bairros mais antigos da cidade em que habitava grande quantidade de mulheres e homens negros e pobres. O nome pejorativo parece vir da existência do hábito das pessoas riscarem o chão com suas facas antes de iniciarem brigas de rua.

os membros que compunham a Congada de São Benedito:

a Congada da Paróquia de São Benedito, de grande vivacidade, ritmo, bons cantores e bons dançadores, tão bons que poderiam fazer inveja a qualquer Escola de Samba do Rio de Janeiro. Havia um porém: integravam-se nela os negros mais rebeldes e manhosos e alguns viciados na pinga. De tôdas [sic] era a mais miserável, com exceção de um dos chefes, o Manuel Miguel, cidadão digno, operário ordeiro, pai de família já com algum sentido de organização ótimo ensaísta. Seus quadros molecotes, treinados por êle [sic], eram acrobatas mirins maravilhosos que arrancavam aplausos vibrantes e constituíam-se num número de espetáculo onde quer que se apresentassem (Coppo, 1971, p. 8).

A passagem demonstra a visão elitista da autora diante do cotidiano dos negros e congueiros, tendo em vista que descrições desse tipo estão presentes em demais obras da autora. Odette Coppo, mediante sua experiência de vida, construiu lugares de exclusão para a população negra e reproduziu discursos racistas de superioridade branca, como o encontrado em seu livro ‘O Livro do Negro de Itapira’, em que descreve suas experiências com as negras e com os negros que ela vai conhecendo em seu caminho. Em uma passagem em que vai ao bairro do Cubatão e vê as crianças negras do local, diz: “creoulinhos [sic] ranhentos, [...], anjos humanos de olhares esgarçados e dedinhos nas bocas, a quererem a amizade dos brancos humanos tão humanos quanto eles” (Coppo, 1999, p. 18).

Essas passagens nos remetem a Neuza Santos Sousa (1983), que volta seu olhar para analisar o negro e sua experiência diante da sociedade branca, descrevendo formas e lugares que a branquitude constrói para enquadrar os sujeitos negros e impedir sua humanidade: a “possibilidade de tornar-se gente” (Santos, 1983, p. 18).

### **Congada Nossa Senhora do Rosário dos Homens do bairro dos Prados**

Diferente dos demais folguedos apresenta-

dos, a Congada do Bairro dos Prados foi constituída em 1978, e o senhor Sebastião Cândido foi a procura da memorialista Odete Coppo para que o ajudasse a dar visibilidade a Congada que queria formar. Essa congada é a que mais temos informações sobre sua origem, formação, cantos, intenções, dentre outros elementos até esse momento.

Os congueiros são homens simples, residente no Bairro dos Prados e de procedência mineira a maior parte deles. Formam-se numa só família de avós, pais, netos, sobrinhos, afilhados, comrades, primos, genros e noras. Como congueiros, permaneciam em estado de embrião há mais de vinte anos, desde suas migrações no Sul de Minas, apenas cantando e dançado e tocando em festinhas de aniversário ou outras que do Bairro [sic] (Coppo, 1978, p. 12).

Podemos perceber, aqui, que mesmo não tendo nascido na cidade, o congueiro Sebastião Cândido era conhecido no bairro, o que também nos leva a perceber uma considerável migração de mineiros para a cidade, que tinha a congada como uma das expressões de suas realidades. Das quatro congadas da cidade, duas tiveram sua origem, ou foram formadas, por famílias migradas para Itapira, vindas de Minas Gerais. Isso nos remete ao trabalho de Ediano Prado (2001), que consiste em um estudo sobre o cotidiano dos trabalhadores chamados de “bóia-fria” na cidade de Itapira, e afirma que, a partir de 1960, moradores das fazendas do município e de fazendas de outras áreas de São Paulo e Minas Gerais, desembocaram na periferia da cidade como ofertantes de força de trabalho. Desta forma, desenhou-se Itapira como uma região, nesse período, de considerável migração de famílias não nascidas na cidade e de junção de realidades distintas, mas que a congada acaba tendo espaço (Prado, 2001) entre a elite também.

Sebastião conta, em uma passagem do livro, a origem da devoção a Nossa Senhora do Rosário:

– Foi o pai qui achô o Rosário. Tava na roça cavando coa inxada, tava apurado praque dexô em casa a mãe co meu irmãozinho de colo duente. Trabiava pensano leva êles prô médico. De repente, a inxada incravô no cavôco

e êle puxo com força e arretirô um fio cumprido di contas enferrujadas, tudo sujo di terra. Êle num conhecia o Rosário, só conhecia o Terço, mas pegô e limpô e viu a medalhinha de Nossa Senhora do Rosário. O pai si ajoelhô e dispoi foi correndo prá casa com aquilo na mão e pois no pescoço da mãe e do irmãozinho. Num persisô mais do remédio i nem di levá êles prô dotô. Eu era o filho mais velho. Mi chamô prá nois organizá a congada da Senhora do Rosário, in agradecimento. Mais, o pai morreu logo i eu vim membora [sic] (Coppo, 1978, p. 12-13).

Interessante nessa passagem contada pelo congueiro, para além da vivência e os mistérios da vida e da fé, é que ele migra para a cidade e nela procura dar continuidade à ideia de seu pai, com as demais pessoas da nova realidade. No decorrer da leitura, o senhor Sebastião Cândido conta que cada congo tem um mistério, e quando sente que a congada vai morrer tem que ajudar uma outra congada e passar o mistério para essa ou entregar a São Benedito, como também, se um congo morrer de repente, sua família tem que entregar o mistério ao Santo Benedito.

Ressaltamos que essa congada, em especial, foi a que teve influência direta de Odete Coppo, sendo a diretora da congada, visto o pedido de ajuda do congueiro Sebastião e o interesse da autora em buscar reconstruir o folclore regional.

### **A reconstrução da conveniência narcísica da branquitude**

O movimento de reconstrução do folclore nacional ocorreu no século XX, principalmente com Getúlio Vargas em seu projeto nacional de valorização da cultura a partir dos povos negro e nordestino que foram lidas como povos trabalhadores, fortes e que carregavam consigo a alma do ser brasileiro. O aumento de livres e libertos na sociedade escravista, as proibições da igreja em relação às congadas e a não preocupação do senhor de escravos com a manutenção dos folguedos as congadas foram diminuindo.

Mais presente nos centros urbanos maiores e difusa nas pequenas cidades do interior, a identificação das celebrações herdadas da sociedade colonial com o atraso e a ignorância faria com que, em algumas situações, estas festas deixassem de acontecer, e em outras, com que passassem a ser identificadas a uma cultura popular, mais tarde vista como folclórica. (Souza, 2014, p. 282)

Acreditamos que as congadas de Itapira passaram pela tentativa de cristalização por parte da autora Odete Coppo por ela dialogar com o contexto histórico e de produção no Brasil que considerava esses universos culturais a parte dos demais movimentos da sociedade, como algo com falta de sentido racionalmente definido (Souza, 2014, p. 339). A cristalização (Proença, 2007; Albuquerque Júnior, 2008), aqui ressaltada, é entendida como o enquadramento de sujeitos sociais, complexos e em movimento, a um padrão de comportamento na tentativa de moldar os negros e a congada a modelos convenientes das elites locais de Itapira. Porém esses modelos foram esbarrando na autonomia das congadas e dos congueiros, como também, nas recusas de tais intervenções, um exemplo disso foi a Congada Mineira ativa ainda hoje na cidade de Itapira. E como pontuado pela autora, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2002); “uma festa é mais do que sua data, suas danças, seus trajes e suas comidas típicas. Sua materialidade veicula visões de mundo, integra um conjunto tenso e dinâmico de relações sociais.”

Ainda sobre a Congada do Bairro dos Prados, em alguns momentos a autora Odete Coppo transcreve o que os congueiros dizem sobre suas vidas e sobre o folguedo, o que ajuda a nos aproximar de suas vivências. No trecho abaixo, temos uma breve descrição do ritual dos congos dentro da Igreja, descrita por Sebastião Cândido:

para nois é o nosso forguedo, mais antes de tudo é religião. Nois tem ritual prá Santo Binidito qui apresentemo diante da igreja dele, do lado de fora, no primeiro dia da congada; despoi da missa, cada congo tem a obrigação de prestá sua devoção no altar, assim como fazê o seu pedido no socamento do levantamento do mastro, e no final, na entrega da festa [sic] (Coppo, 1978, p. 18).

Hoje, além desse ritual, tem-se o momento em que os congueiros entram na Paróquia de São Benedito em um momento da missa dançando e cantando para a exaltação do santo.

Chamamos a atenção, no entanto, que na Congada do Bairro dos Prados o congueiro Sebastião Cândido não é o seu rei, mas sim seu chefe. Ainda, no ano de 1978, existia a rainha do Congo, mas sem uma corte; porém, nos demais anos, pelo que compreendemos, tornou-se uma congada de exaltação à Princesa Isabel.

Não há rainha e nem rei. A Congada de N.S. do Rosário do Bairro dos Prados de Itapira. HOMENAGEIA A PRINCESA ISABEL – filha de D. Pedro II – Regente e declarante do [sic] Lei Áurea (Coppo, 1978, p. 43).

Existiu, desta maneira, a necessidade de exaltação da Princesa Isabel nesta congada – o que não é explicada pelos congueiros. No entanto, isso nos leva a algumas hipóteses de que Odette Coppo construiu para si uma congada que idealizava, durante anos, um ideal harmônico e cristalizado das relações raciais existentes em Itapira. Ou seja, um ideal em constante diálogo com o contexto histórico nacional e com o projeto de democracia racial presente no país.

A memorialista e folclorista parece ter construído para a cidade uma representação anual do ato de libertação dos escravizados, com a exaltação da imagem da Princesa Isabel, do poder monárquico e da pacificidade dos negros diante da escravidão. Assim, esta representação e a congada se mantiveram vivas por aproximadamente 20 anos.

Hoje, a Congada Mineira se apresenta anualmente na Festa de São Benedito e sai no dia 13 de maio, tendo como uma de suas bandeiras a imagem de uma mulher branca, coroadada e com aura, nela escrito: “rainha Santa Izabel [sic]”, o que nos remete à extinta Congada da Paróquia de São Benedito, como já mencionado, que também levava uma bandeira de

5 É possível encontrar em meu trabalho de mestrado uma análise a partir de documentos que consistem em registros de nascimentos, casamentos e óbitos, assim como cartas de liberdade e prestações de serviços de mulheres e homens negros que nasceram e viveram no que é hoje a cidade de Itapira.

“Santa Isabel” em seu cortejo.

Não sabemos até que grau existiu a influência de Odete Coppo sobre essas exaltações; entretanto, a narrativa construída sobre a imagem da Princesa Isabel, como redentora da abolição, percorreu o país e se tornou a leitura conveniente para a nação nascente. Coppo não cria essa ligação de dependência da congada com a Princesa Isabel, mas reforça a narrativa já existente na memória coletiva do povo, mantendo viva a versão de subserviência e coisificação tão necessárias para a manutenção das elites no poder simbólico e concreto.

O processo de abolição foi o resultado das lutas cotidianas dos povos negros desde o início do processo escravista até seu fim; através das resistências, fugas, aquilombamentos, negociações, processos judiciais abertos pelos escravizados na conquista de sua liberdade, entre outros movimentos que foram abalando a estrutura do patriarcado escravista.

Devemos considerar a narrativa da Princesa Isabel como protagonista da abolição como um campo de disputas de poder, narrativa, memória e história que estiveram presentes na formação do Estado brasileiro que diante do medo da onda negra existente no país, procurou invisibilizar as lutas pela liberdade dos povos negros. Complementamos com o exposto por Michael Pollak (1992, p. 204): “a memória organizadíssima que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo”.

Assim sendo, compreendemos a valorização do tema da abolição e a sua repetição como formas de “estabelecer continuidade com um passado apropriado”, de interesse das elites locais que conformavam o “seu próprio passado através da repetição quase obrigatória” (Hobsbawm, 1997, p. 9), procurando, então, fazer as manutenções de sua história oficial que não apresentaram a escravidão como parte formadora e significativa de sua formação<sup>5</sup>. Além disso, é interessante pensarmos que a sociedade ita-



pirense não rompeu com as congadas, mas parece que as adaptou, e isso nos remete a uma síntese de Hobsbawn (1997, p. 16) sobre os vínculos sociais existentes com os velhos costumes presentes em uma sociedade:

pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados. Assim, ao colocar-se conscientemente contra a tradição e a favor das inovações radicais, a ideologia liberal da transformação social, no século passado, deixou de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos nas sociedades precedentes, gerando vácuos que puderam ser preenchidos com tradições inventadas.

Tal passagem contribui com nossa linha de raciocínio, hipótese de que as congadas foram utilizadas como meio de manter os vínculos e a hierarquia presentes na sociedade itapirense, os pactos narcísicos da branquitude em que a elite local ainda se mantinha no poder e na manutenção da harmonia da cidade através, também, do livro de poemas de Juca Mulato (1917), do modernista Menotti Del Picchia, da construção da estátua da Mãe Preta<sup>6</sup> (1985) e *slogans* do tipo: “Itapira, a linda” ou “linda, justa e feliz”.

## Itapira e a congada hoje

Atualmente em Itapira, existe somente a Congada Mineira<sup>7</sup> do senhor Arnaldo Franco e não temos informações como as demais tiveram seu fim, mas nos surpreende ser exatamente a Congada Mineira a sobreviver, pois foi a única, pelo compreendido, a não ter se aproximado das ajudas e melhorias propostas pela memorialista Odete Coppos em seu

projeto de valorização do folclore da região.

Essa congada era em formato de reinado, mas após a delicada situação de saúde da esposa do senhor Arnaldo, Dorcides Maria Franco, ela se apresentou sem a presença da rainha, mas com o senhor Arnaldo e seu filho Carlos Sérgio Franco como condutores do cortejo, dançando, tocando e cantando pelas ruas da cidade.

Em 24 de abril de 2017, as escolas municipais de Itapira receberam o projeto “Congada na Escola”, que previa a valorização da congada na cidade, o qual foi elaborado pelo rei da congada Arnaldo Franco, sua bisneta Mirella Antônio e uma assessoria cultural da cidade. No projeto, os alunos tinham proximidade com a Congada Mineira através de sua história, cantos, toques, fotografias e vídeos já produzidos dessa tradição.

Entretanto, por motivos não informados, o projeto não existe mais, mas foi importante para o conhecimento da congada como forma cultural de povos negros da região e poderia contribuir, ainda mais, se aprofundássemos sua ligação com os negros e com a escravidão existentes na cidade e na nação. Desta forma, tanto as congadas como a história da escravidão têm muitas lacunas que dificultam a compreensão de sua memória, mesmo existindo materiais para suprirem historicamente, mas a força da história hegemônica e o apagamento dos povos negros como construtores, da região e da nação, dificultam este aprofundamento e questionamentos.

Em 2022, tivemos uma situação inusitada na comemoração da festa de São Benedito: a Congada Mineira e as demais congadas que chegaram de outras cidades para o dia 13 de maio foram excluídas da procissão pelo padre André Ricardo Panassolo, que não permitiu a saída destas com a procissão<sup>8</sup>, causando uma mobilização na cidade e pelas redes

6 A estátua foi inaugurada na cidade em 11 de maio de 1985 e nela podemos ler a seguinte frase: “Mãe! Não importa a cor e a raça, você embala o berço da esperança!”. O berço da esperança é representado por uma criança branca. Essa frase e a imagem foram reproduzidas em todo país no século XIX, chegando na cidade no século XX, construindo uma representação social agradável do que foi a escravidão e suas violências para as elites locais.

7 No mês de julho de 2023, a Congada Mineira se tornou patrimônio imaterial de Itapira. “Congada Mineira de São Benedito é declarada patrimônio imaterial de Itapira”. Disponível em: <https://camaraitapira.sp.gov.br/noticia/congada-mineira-de-sao-benedito-e-declarada-patrimonio-imaterial-de-itapira/4397#:~:text=A%20C%C3%A2mara%20Municipal%20aprovou%20por,como%20patrim%C3%B4nio%20imaterial%20de%20Itapira>. Acesso em: 31 jul. 2023.

8 “Procissão de São Benedito sem presença de congadas gera polêmica em Itapira”. Disponível em: <https://www.itapiranews.com.br/procissao-de-sao-benedito-sem-presenca-de-congadas-gera-polemica-em-itapira/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

sociais em favor das congadas.

Tal descaso com a congada, principalmente a de Itapira que existe ao menos há 63 anos, nos chama atenção por ser a Congada Mineira uma das únicas expressões culturais da cidade efetivamente registrada em livros, fotografias, exposições e, em especial, por ser a referência quando se divulga a maior festa religiosa e anual da cidade. Isso porque, a imagem da congada é utilizada como propaganda da festa, bem como expressão cultural e turística de Itapira.

Notoriamente, podemos identificar que a falta de incentivos culturais, históricos e questionamentos distanciam a população de Itapira de sua história-problema. Compreendemos que, a partir da ausência de questionamentos sobre a escravidão na região, a origem dos povos negros da mesma e o distanciamento histórico sobre as congadas, condicionam, de alguma maneira, a população de Itapira a fazer a manutenção da ignorância, da rejeição de sua história e da apropriação de discursos que pouco têm a dizer sobre quem são em relação a história negra, a história escravista e a história viva que é a congada.

## Conclusão

Existem lacunas a serem preenchidas sobre os reinados dos congos em Itapira, e compreendemos que a sua socialização política e histórica levou Odette Coppo a uma identificação com as congadas, que Pollak (1992, p. 201) chamou de “memória quase herdada”, tendo sido com a descrição de seus levantamentos e memórias que procuramos, com os devidos cuidados, entender como ocorreram as congadas na cidade e como foram lidas e validadas pelas elites locais. Mesmo tendo conhecimento que a memória é seletiva e que nem tudo fica registrado, o que Coppo produziu é a melhor fonte – até o momento dessa escrita – para nos aproximar destes reinados de Itapira que são tão próximos da memória de África e, ao mesmo tempo, distantes, como também materiais para analisarmos as diferenciações raciais existentes na cidade que sobrevivem exaltando sua harmonia.

Sendo assim, vem à memória Beatriz do

Nascimento que, ao analisar o conceito de quilombo e sua resistência enquanto cultura negra recriada no Brasil, nos possibilitou perceber que a congada é um símbolo, atualmente, de resistência na cidade, mas que modificações na compreensão de seus significados no meio intelectual existiram (Nascimento, 2006), e em Itapira se estruturou enquanto uma história de submissão dos congueiros e dos povos negros da cidade. Como os quilombos, as congadas, por muito tempo, foram estereotipadas e utilizadas dentro da conveniência da supremacia branca e, em Itapira, com a ajuda de Odette Coppo, em torno da abolição vista como uma dádiva de cima para baixo e que Beatriz Nascimento (2006) também questionou enquanto discurso nacional de apagamento da herança negra.

Neste sentido, faz-se necessário corrigir distorções construídas pelas elites sobre a congada com base no estudo dos quilombos produzido por Nascimento, e a passagem abaixo sintetiza esse grande diálogo que procuramos fazer entre os quilombos e as congadas:

o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto-afirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural (Nascimento, 2006, p. 225).

Por fim, as congadas de Itapira se formaram em diferentes locais da cidade ou fora dela também tiveram histórias e trajetórias distintas, mas todas tinham como objetivo a exaltação de um santo de devoção a partir da representação das memórias que os constituíam enquanto sujeitos negros. Os reinos formados principalmente pelas congadas da Embaixada, Mineira e de São Benedito foram, pelo compreendido em nossa análise, relevantes representações dos reinados dos congos na pequena cidade de Itapira, mesmo que sua história oficial não mencione nem a presença de negras e negros, e muito menos a

instituição da escravidão.

Pudemos iniciar uma compreensão sobre os pactos narcísicos formados no decorrer da história de Itapira sobre as congadas da cidade e suas diferenças, bem como, especialmente, sua importância e resistência para a história negra nesta cidade, que ora apaga a presença de povos negros, ora reconstrói com a perspectiva da subordinação, mantendo, assim, as bases necessárias para a manutenção do poder e da supremacia branca.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. O objeto em fuga. Algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras, Dourados*, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Entendendo o folclore e a cultura popular. Rio de Janeiro, março de 2002. Texto produzido especialmente para o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

COPPOS, Odette. Congadas (Folclore). Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.

\_\_\_\_\_. Nasce a Congada N. S. do Rosário dos homens dos Prados. Mafra: Composto e impresso Gráfica e Editora Nosde, 1978.

\_\_\_\_\_. O Livro do Negro de Itapira. Itapira: Minas Editora, 1999.

HOBBSAWM, Eric. Introdução. A invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RAGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 7-20.

LARA, Silvia Hunold. Espetáculos negros. In: LARA, Silvia Hunold. Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 173-218.

MATTOS, Hebe. Uma experiência de liberdade. In: MATTOS, Hebe. Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista. 3. ed. rev.

Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 39-48.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultura negra. In: RATTTS, Alex. Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 117-124.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRADO, Ediano Dionísio do. Vila Ilze: o viver fragmentado do “bóia-fria” – um estudo sobre o cotidiano dos trabalhadores volantes de Itapira. Dissertação. Campinas, SP: [s.n.], Unicamp. 2001.

PROENÇA, Wander de Lara. Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: “Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior”. 2007, 10 p.

SOUSA, Neuza Santos. Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1983.

SOUZA, Marina de Mello. Congadas e cristianização. In: Reis negros no Brasil escravagista: História da festa de coroação de Rei Congo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

WEINSTEIN, Barbara. Introdução. In: WEINSTEIN, Barbara. A cor da modernidade: a branquitude e a formação da identidade paulista. São Paulo: EdUSP, 2022. p. 19-64.

## Resumo

O texto investiga algumas percepções e narrações da cidade nos feminismos negros contemporâneos a partir de um trabalho etnográfico com ativistas no Sudeste do Brasil entre 2016 e 2018. Centrando-me nas trajetórias urbanas da comunidade negra e, em particular, das trabalhadoras domésticas e sexuais, procuro demonstrar como esses debates consideram as relações entre gênero, raça e espaço urbano na formação e transformação das cidades no pós-abolição. A partir da dinâmica desenhada por essas ativistas, constituída por espaços de confinamento e trânsitos possíveis, é possível ver o enredamento de papéis laborais e morais na constituição de uma divisão sexual e racial do trabalho a partir das famílias brancas. Essas experiências caracterizam algumas das formas como o espaço tem sido pensado no interior dos atuais feminismos negros brasileiros.

**Palavras-chave:** feminismo negro; trabalho doméstico; trabalho sexual; cidade; interseccionalidade.

On the *other side* of the *white world*: experiences of the city in contemporary Black feminisms

## Abstract

Based on ethnographic data from fieldwork with activists in Southeastern Brazil from 2016 to 2018, this text investigates some of the conceptions, debates, and perceptions of the city in contemporary Black feminisms. I focus on the urban trajectories of the Black community, domestic and sex workers to demonstrate how the relations between gender, race, and urban space are considered regarding the formation and transformation of post-Abolition cities. The dynamics sketched in these narrations point to spaces of confinement and permitted transits, allowing to see an entanglement of moral and labor in the constitution of a sexual and racial division of labor within white families. These constitute some of the current Brazilian Black feminisms' musings on space.

**Keywords:** black feminism; domestic work; sex work; social movements; urban peripheries.

## Introdução

Estar à margem é ser parte do todo, mas fora do corpo principal. [...] a linha do trem era uma memória constante da nossa marginalidade. Do outro lado daqueles trilhos estavam ruas pavimentadas, lojas nas quais não podíamos entrar, restaurantes nos quais não podíamos comer, e pessoas em cujo rosto não podíamos olhar. Um mundo no qual podíamos trabalhar como faxineiras, zeladores, prostitutas, desde que como serviçais. Podíamos entrar naquele mundo, mas não viver nele. Tínhamos sempre que voltar às margens, ao outro lado dos trilhos, aos barracos e casas abandonadas na borda da cidade (HOOKS, 1984, p.XVI, tradução minha).

Partindo de pesquisa etnográfica, esse texto discute algumas narrações e debates sobre a cidade nos feminismos negros contemporâneos, procurando reconstruir as relações entre gênero, raça e espaço urbano. Para tanto, concentra-se nas experiências da população negra e de trabalhadoras domésticas e sexuais do pós-Abolição até a década de 1960 na cidade de Campinas, atualmente uma metrópole no interior do estado de São Paulo, conforme narradas nas atividades de um grupo ativista feminista negro e complementadas por 1 Agradeço às leituras e comentários de Thyago Villela e Dafne Sponchiado, aos comentários no SPG28 da ANPOCS em 2019, e aos pareceristas anônimos.

2 Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: juh.abd@gmail.com.

pesquisas.

As falas e cenas mencionadas aconteceram em eventos durante minha pesquisa de doutorado (ABDALLA, 2023), voltada a compreender os debates e operações políticas em torno da noção de desigualdades simultâneas – as chamadas “interseccionalidades” (CRENSHAW, 1989; BIROLI, MIGUEL, 2015) – a partir de um trabalho etnográfico e entrevistas com uma frente de militantes negras formada para organizar e custear sua ida à Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver, que aconteceu em Brasília em novembro de 2015.

Inscrita em um momento de explosão e diversificação dos movimentos e feminismos de mulheres negras no Brasil (ALVAREZ, 2012; FIGUEIREDO, 2018; RIOS, MACIEL, 2017), a Frente de Mulheres Negras de Campinas e Região (FMNCR) constituiu uma oportunidade de reunião e diálogo para militantes de diferentes gerações, filiações político-partidárias, níveis de escolaridade formal, experiências e interesses de militância, sexualidades e trajetórias habitacionais ou migratórias, todas integrantes de grupos<sup>3</sup> organizados na região – movimentos sociais, coletivos, sindicatos, partidos, casas de cultura, núcleos etc. Esses diálogos resultaram em uma pauta unificada das mulheres negras para orientar suas ações em seus grupos e em suas relações com outros atores institucionais e da sociedade civil, principalmente em nível local e regional. Considerando o incremento do capital político das militantes, a formação de outros grupos e redes e a disputa dos espaços e concepções políticas predominantes na cidade, pode-se dizer que a experiência dessa articulação, que perdurou até 2018, é exemplar dos importantes e diversos espaços de debate e militância construídos pelos feminismos negros contemporâneos.

Em meio à pluralização do campo, as diferenças e disputas de autonegação – militantes dos movimentos de mulheres negras, feministas “negras”, “interseccionais” (LEMOS, 1997, 2016; RIOS,

MACIEL, 2017; RODRIGUES, 2006), “populares”, “periféricas” (MEDEIROS, 2017; OLIVEIRA, 2019); “militantes” e “ativistas” (LIMA, 2018); mulheristas (MEDEIROS, 2017), entre várias outras – são marcadores de identificações políticas com consequências nas formas de organização, estratégias, bandeiras e experiências abrigadas pelos grupos. Essa questão, também presente na FMNCR, resultou numa reunião ativista que, ainda que atravessada por diferentes experiências e formas de atuação, processos de construção de significados e mesmo disputas internas no que diz respeito à definição ou nomeação de sua proposta política, se reconhece e é reconhecida como produtora de práticas *feministas negras*.

Por conta desse reconhecimento, frequentemente reiterado durante o trabalho de campo, compreendo que os debates produzidos pela articulação são representativos das práticas e reflexões ativistas do feminismo negro. Na própria FMNCR, que abrigava, entre suas militantes, ambivalências com relação a essa noção, o “feminismo negro” era construído cotidianamente em suas práticas de aliança, posicionamentos na cidade e formas de organização definidas contínua e dialogicamente por suas participantes. Dois elementos de sua constituição nos importam aqui. Primeiro, as ampliações (ou “redefinições”) do entendimento dos feminismos na FMNCR partiam do “primado da experiência” (MEDEIROS, 2017) – i.e., se davam a partir das práticas de sobrevivência e formação de comunidade inscritas no cotidiano de mulheres que não haviam se definido como tal (mães, avós, líderes comunitárias e sindicalistas, etc.). Segundo, porque desenvolvido a partir de coletivos e espaços políticos “mistos”, ainda que fosse convocado e “protagonizado” por mulheres negras, esse ativismo podia contar – e contava – com falas, apoios, parceria e participação de outros sujeitos, entendidos como aliados, herdeiros ou representantes dessa memória feminina, algumas das quais integrarão a análise.

Nesse encontro de militantes, grupos ativistas e, nas atividades abertas, o público presente, his-

<sup>3</sup> “Grupo” era a denominação empregada pelas próprias militantes, incluindo uma grande diversidade de agremiações (cf. ABDALLA, 2023).

tórias e recordações mantidas pelas tradições orais e transmitidas intergeracionalmente, mas também resultantes de empreitadas de pesquisa e reconstrução coletiva, eram elaboradas como memória dos lugares sociais das mulheres negras na região – entendidos aqui a partir do que Lélia Gonzalez propõe como o “lugar natural da mulher negra trabalhando nas cidades” (GONZALEZ, [1981] 2018, p. 107): a sobreposição da ideia aristotélica de *lugar natural*, os espaços sociais e geográficos designados às mulheres negras (as favelas, prisões, as “dependências” de empregada, os elevadores de serviço, a avenida do desfile de carnaval), as práticas e olhares conectados a cada um deles – “ser a mula de carga da sua família e das outras” (GONZALEZ, 1984, p.230), trabalhar em funções ocultas e que não exigem “boa aparência”, ser “endeusada” por estrangeiros em festas públicas – e suas circulações entre esses pontos geográficos e sociais. Reconstituindo a(s) história(s) desse *lugar*, essas memórias podem ser lidas como conhecimentos elaborados por *outsiders within* (COLLINS, [1989] 2016), percepções do centro pelos olhos da periferia construídas a partir de um posicionamento social específico e exclusivo, ocupado por aquelas que participam do cotidiano da sociedade branca sem pertencer a ela.

No caso da FMNCR, as detentoras dessa memória eram mulheres participantes da *comunidade negra* da cidade, em particular trabalhadoras domésticas e trabalhadoras sexuais, que testemunharam ou preservam as lembranças dos processos de organização da cidade, em particular uma primeira fase da modernização de Campinas, da Abolição aos anos 1960, seus familiares ou sucessores. Suas experiências e trajetórias, marcadas pela valência conjunta de uma função-sexo e uma função-trabalho, como sinalizou Gonzalez (1984), nos permitem ver a constituição do “outro” na formação e reconstrução da cidade, nas relações de gênero, na estrutura das famílias e no universo laboral. Na formação das periferias – *o outro lado* da linha férrea, *o outro lado* da rodovia –, em particular, “outros” racializados e gendrados en-

contram-se inscritos em uma divisão sexual e racial do trabalho.

Valendo-me de falas das militantes e parceiros da FMNCR, na primeira parte do texto, apresento as linhas gerais dos processos de modernização e expansão de Campinas no período delineado, considerando seu caráter racializado, como vemos na formação dos *bairros negros* e da *comunidade negra* campineira – elemento constitutivo da forma como as militantes enxergam a cidade e se relacionam com ela. Na segunda parte, coloco lado a lado as experiências urbanas de trabalhadoras domésticas e sexuais – alguns dos principais caminhos laborais reservados às mulheres negras no pós-Abolição<sup>4</sup> –, procurando demonstrar como as formas que essa comunidade transita ou faz transitar o espaço são, também, gendradas. A ordem de gênero dedutível dessas leituras se materializa numa divisão sexual e racial do trabalho organizada a partir da família branca, na qual mulheres negras ocupam papéis laborais e morais opostos aos de mulheres brancas – e complementares, do ponto de vista da manutenção da estrutura da família branca. Concluo pondo em relevo algumas construções intelectuais que permeiam esses debates e seu vínculo com elementos centrais do feminismo negro contemporâneo.

Configurações racializadas do espaço: a cidade pelas memórias da *comunidade negra*

A pesquisa da qual esse texto se desdobra acompanhou os diálogos, trânsitos e trocas estabelecidas pela FMNCR conforme ela se movimentava, observando as conexões temáticas, de abordagens, entendimentos, estratégias e sujeitos políticos, assim como as lacunas e diferenças, nos grupos que a formavam.

A cidade, sua construção e as relações da população e das mulheres negras com o espaço urbano eram temas frequentes nesses diálogos. Campinas era descrita como um contexto especialmente racista e violento para a população negra, o que se refletia em alcunhas como “a capital da escravaria”, “a úl-

4 Embora não os únicos. Cf. p.ex. SANTOS, 2023.

tima cidade a abolir a escravidão no último país do mundo a abolir a escravidão” e em um nexo que conectava diretamente o período escravista e a contemporaneidade. Para compreender essa caracterização, é preciso fazer um breve recuo à história da cidade no pós-Abolição.

Constituída em sua demografia e relevância econômica moderna em meados do Século XIX, com a produção do açúcar e, depois, do café (SLENES, 2011), a Campinas pré-Abolição tornou-se conhecida pela magnitude da população escravizada – que chegou ao dobro da marca de qualquer outra cidade paulista (XAVIER, 1993) e até mesmo a ser majoritária – e pela série de revoltas, o extremo punitivismo e a desmesurada crueldade que caracterizavam as relações entre escravizados e a classe senhorial (MARTINS, 2016), as quais passaram a tipificar o imaginário sobre a cidade.

O processo de urbanização no pós-Abolição – e, particularmente, a formação das periferias – é um dos pontos nevrálgicos desse imaginário. Segundo Helena Rizzatti (2014), a periferização de Campinas tem três fases. O primeiro período, no qual me concentrarei nesse artigo, compreende o pós-Abolição, especialmente a partir da década de 1930, até meados da década de 1960, quando há o primeiro distanciamento massivo da população pobre por meio do combate aos cortiços na região central e a formação artificial de uma série de bairros do outro lado da linha férrea ou da rodovia Anhanguera, pavimentada em 1948. São loteados, então, bairros como a Vila Industrial, ocupada por imigrantes italianos que chegam ao Brasil, o Jardim Itatinga, o maior complexo prostiucional da América Latina até os dias atuais, e o São Bernardo e outros chamados *bairros negros*.<sup>5</sup>

Na segunda fase, entre o fim dos anos 1960 e os 1990, a formação do polo científico-tecnológico campineiro reforçou a presença e a circulação de pessoas das classes médias e elites, e um crescimento populacional vultoso resultou de intensas ondas migratórias para a cidade, movidas pelo incremento da indústria (BAENINGER et al., 1992). A

consequente explosão demográfica e territorial das favelas respondia, simultaneamente, à precariedade dos empregos industriais e a uma forma de gestão do território que privilegiava os interesses do capital imobiliário, industrial e de transportes, encarecendo a moradia na região central e tornando a expulsar a população mais pobre para as (novas) margens da cidade, agora por meio de violentas remoções executadas pela polícia (RIZZATTI, 2014). Uma série de novos bairros são ocupados ou loteados na beira da malha urbana, tais como os DICs, Distritos Industriais de Campinas, exemplares desses processos. No extremo oposto da malha urbana, como parte da expansão do polo científico, é inaugurada a Universidade Estadual de Campinas.

A partir dos anos 1990, um terceiro momento é caracterizado pela periferização das elites, com o crescimento dos loteamentos murados e condomínios nas franjas da cidade, e, também, pelo crescimento das “ocupações organizadas em terrenos relativamente bons” (RIZZATTI, 2014, p.40), selecionados para grandes construções ou deixados para a especulação imobiliária. Dentre eles, destacam-se os terrenos próximos ao Aeroporto de Viracopos e ao Shopping Campinas, como os que resultaram nas ocupações do Parque Oziel, Gleba B e Monte Cristo. Embora as notificações das ocupações informais registrem uma queda significativa dos anos 1990 para a segunda metade dos 2000, observações de campo como as de Rizzatti (2014) sugerem a desatualização dos dados municipais. O déficit habitacional e o direito à moradia continuariam sendo grandes problemas.

<sup>5</sup> Ver: Giesbrecht, 2011.

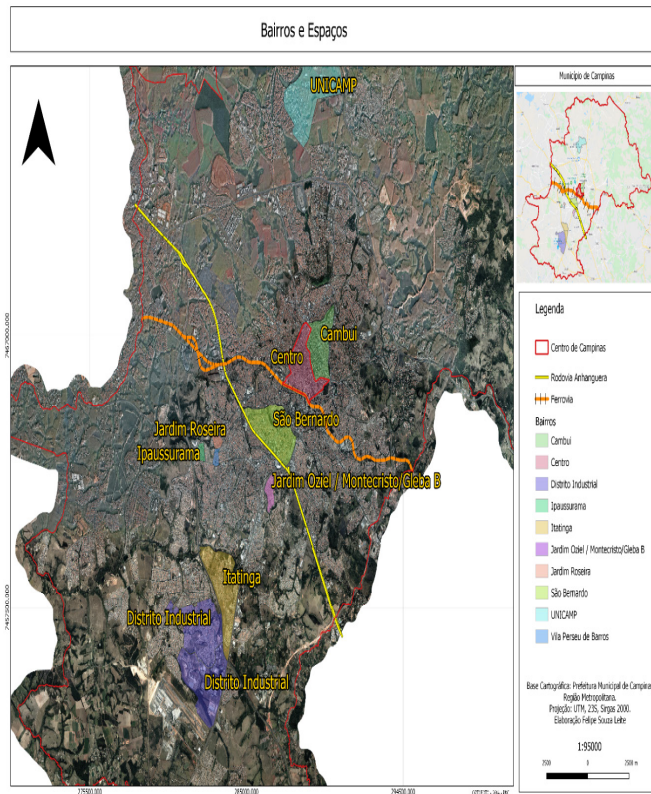


Figura 1 - Bairros e espaços constituídos no processo de periferização da cidade.

### Raça na primeira fase da modernização da cidade

A primeira rodada de *modernização* da cidade, um processo de expansão da malha urbana e reordenamento de usos, em particular, do centro, tinha como horizonte o apagamento dos traços coloniais e a necessidade compartilhada pelas elites, poder público e mercado imobiliário de “adequar as cidades brasileiras aos novos preceitos de espaço público” (HELENE, 2019, p.73). Substituindo o antagonismo colonial entre os espaços fechados, próprios à convivência das elites, e a rua, um “lugar marginal, indecente e subalterno”, ocupado historicamente “pelos não-brancos/as e negros/as (“cativos” ou “forros”)” (HELENE, 2019, p.73), por um crescente uso da rua pelas classes altas, as ações e preceitos dessa nova fase transformariam e elitizariam os usos e populações ocupantes do centro. Como um dos ápices desse processo, o Plano de Melhoramentos Urbanos de Prestes Maia foi aprovado na Câmara Municipal em 1938 e implementado ao longo das décadas seguin-

tes.

Junto ao grande número de libertos e nascidos livres à época, os alforriados pela Lei Áurea passaram a viver em cortiços e habitações precárias na região central, especialmente no bairro Cambuí (HELENE, 2019; MACIEL, 1985; MARTINS, 2016; GIESBRECHT, 2011), que, com a modernização do centro, se tornaria o principal reduto da tradicional classe alta campineira. Enquadrados como um problema social, dadas as condições de higiene e moralidade a eles inferidas, os cortiços foram alvo de ações policiais sistemáticas, representando, com os ocupantes das ruas, os principais alvos do processo de modernização. Segundo Alessandra Ribeiro Martins (2016, p.110), “os cortiços foram temas recorrentes nas páginas do *Diário do Povo*” e outros jornais campineiros, que os descreviam como superlotados, “insalubres e focos permanentes [das] doenças e epidemias” (p.109) que assolaram a cidade nos anos seguintes à Abolição. Dentre as medidas tomadas para a redução dessas epidemias, foi central a invasão e desalojamento de cortiços, “considerados promíscuos e sujos” (MACIEL, 1985, p.20), além de marcados pelo “desemprego, fome, relações matrimoniais informais, instabilidade emocional e violência” e “comparados a antros de vagabundos e redutos de outros desclassificados” (MACIEL, 1985, p.24).

Frequentemente equiparados às senzalas,<sup>6</sup> os cortiços constituem um dos termos para correlacionar raça e classe na formação urbana de Campinas. A cidade recebia imigrantes europeus desde aproximadamente 1882 e alguns dos bairros construídos nos primeiros anos do Século XX abrigavam muitos europeus pobres; portanto, a pobreza não era, nesse momento, exclusivamente negra. No entanto, a diferença do tratamento reservado à população negra – por exemplo, na mídia campineira da época e “na forma de ação [da sociedade branca ou da polícia] que objetivava impedir ou restringir a presença dos negros em determinadas áreas públicas” (MACIEL, 1985, p.10) – torna claro que esta era o alvo primordial do incômodo e da intervenção das elites e do

6 Em fevereiro de 1892, p.ex., mobilizando esse termo de comparação, o *Diário de Campinas* lamenta: “Campinas não se libertou desses antros” (MACIEL, 1985, p.23).



Estado, reforçando uma divisão entre a experiência negra da classe e o “lado branco da pobreza” (MACIEL, 1985, p.48).

O racismo era perceptível, para Maciel (1985, p.12), “principalmente pela mão da polícia em sua arbitrariedade e violência, e caracteriza[va]-se pela tentativa de interceptar a participação do negro nas atividades e espaços públicos”. Os clamores pela “sanitarização” da cidade central eram expressivos da segregação racializada da região. De seu lado, os jornais da imprensa negra também registavam reclamações quanto à segregação: “Não temos barbeiros, não temos sapateiros, nem alfaiates, não podemos entrar em hotéis, nos bares, nas lojas, nos teatros...breve...seremos expulsos dos bondes e enxotados dos trens, ficando mesmo sem o direito de transitar pelas calçadas” (MACIEL, 1985, pp.13-14). Do ponto de vista da população negra, esse processo culmina na formação dos chamados *bairros negros*, redutos criados entre o pós-abolição e os anos 1960, para os quais a população negra, então habitante majoritária da região central, foi deslocada ou expulsa. Dentre eles, o São Bernardo é exemplar:

O São Bernardo é o bairro que é feito para tirar os negros do bairro nobre. [...] Manda [todos do Cambuí e do centro] pra lá e temos uma concentração de negros no bairro, apelidado [na época] de Congo. E eu nasci ali, cresci ali. Duas escolas de samba, Princesa D’Oeste do lado de cima da minha casa e nasce o Garotos de Madureira do lado de baixo. Futebol e samba era o São Bernardo. Preto era o São Bernardo. Do lado da minha casa, na [rua] Rio de Janeiro, exatamente do lado [...] de baixo, era o clube da negada, que era um galpão que foi construído [...]. Ali eles criaram o clube São Bernardo 9 de julho, O Carabina. [...] E aí derrubaram aquilo e fizeram o tal do parque infantil. Eu vi ser demolido. Então, assim, o território ser invadido de novo. Nós fomos desterritorializados, e aí eles começam a desconstrução. O que é nosso não cabe. Tirou o clube. (Antônio Carlos Silva, Roda de Conversa Memória dos Movimentos Negros de Campinas, set.2017)

Essa fala de Antônio Carlos Silva, conhecido como TC, aconteceu em uma roda de conversa organizada pela FMNCR sobre a memória dos movimentos negros em Campinas, da qual participaram militantes negros inseridos em diversas iniciativas

antirracistas na cidade. Ele falava como liderança da Casa de Cultura Tainã, um importante espaço de atividades político-culturais negras e de periferia e de encontro de movimentos sociais, rememorando sua infância e adolescência no São Bernardo. Em suas palavras, embora os cortiços já tivessem sido alvo de intervenções sistemáticas, nos anos 1960, Campinas ainda não havia sido completamente alterada pelo “projeto de higienização da cidade”. Sua fala também aponta para a marcação racial dos cortiços e o caráter racializado do processo:

Até então, Cambuí, Guanabara, Taquaral, centro da cidade: pretos. Cortiços, favelas, muitos. Padre Viera, avenida Brasil, Barão de Itapura, Paula Bueno, Emílio Ribas, Maria Monteiro, Sampainho, Riachuelo, Ferreira Penteado [ruas do centro da cidade], era negrada pra tudo quanto é lado que você imaginar aqui. [...] Tiraram um monte de gente, mas eu cresci e vim trabalhar na cidade, então eu convivi com muitos cortiços aqui. Lembro de muita gente. Ainda tem um lugar que ainda deve ter o lugar onde era um cortiço, a casa. (Antônio Carlos Silva, RC *Memória*, set.2017)

#### *A constituição da comunidade negra*

O processo de segregação racial do espaço urbano configurado pelas operações policiais e de justiça para remover os indesejados das ruas do centro e as manifestações e ações públicas contra os cortiços (HELENE, 2019, p.63-4) resultam em alguns dos marcadores de uma *comunidade negra* da cidade, uma nomeação empregada pelo próprio grupo para referir-se aos militantes antirracistas organizados e, sobretudo, à população negra que acompanhou e vivenciou esses processos. Segundo Giesbrecht (2011, p.37), a “comunidade negra também designa associações negras do passado, como clubes, bandas, associações de bairro, grêmios, bai-les, escolas ou instituições financeiras, revelando a intenção de continuidade dos sujeitos do presente com os do passado”. Essas associações, que conectam tempos – preenchem, por exemplo, o vazio de movimentos negros organizados na cidade entre os anos 1930 e o fim da ditadura militar – e reverberam no presente através de outros espaços recreativos, atividades e instituições, como várias incluídas nesta

pesquisa, são importantes laços que compõem, em Campinas, um grupo que, com distintos níveis de atuação política em diferentes momentos históricos, se reconhece como participante de uma mesma comunidade. Como várias outras figuras e representações que participavam ou apoiavam a FMNCR, TC está situado em uma rede que movimenta e estrutura a *comunidade negra* da cidade, sendo um dos articuladores centrais dessa

[...] malha social composta por diferenciados pontos de convergência – clube esportivo e recreativo, movimento militante, companhias de teatro amador e grupos de dança e teatro popular – que permitiam simultaneamente a agregação e a circularidade de pessoas com interesses em comum, e tornavam o fluxo de ideias, acontecimentos, comportamentos e afetos extremamente dinâmico e multidirecionado. (GIESBRECHT, 2011, p.117)

A Casa de Cultura Tainã, resultado e exemplo da mobilização dessa comunidade, foi fundada em 1989 por dona Toninha, uma importante liderança comunitária falecida em 1993, e TC como parte de uma política municipal de fomento a casas de cultura. Sua relevância na estruturação dessa comunidade é perceptível não apenas nas atividades de seu próprio cronograma – que atendiam, no início dos anos 2000, cerca de 2 mil pessoas –, mas também como agente na mobilização e no imaginário dos jovens que a acessam de alguma forma. O papel de conscientização desempenhado pela Tainã junto à comunidade negra e periférica – e de representação e reprodução dos próprios vínculos que forjam essa comunidade – ficam evidentes na fala de Cibele Rodrigues, integrante da FMNCR, do movimento hip hop, do movimento negro e filiada a um partido:

A Casa de Cultura Tainã é um ponto fundamental na minha trajetória, porque aqui eu aprendi a questionar por que os meus parceiros morrem e tudo bem, e não aparece na TV. E quando você começa a fazer esses questionamentos, que são do nosso cotidiano... Eu lembro, eu estudei nessa escola ali. Aqui atrás [quintal da Tainã] tinha uma piscina. Toda segunda-feira tinha um morto na piscina. E a gente atravessava e ia pra escola, normal. Sabe aquela coisa, quando você se desumaniza?

Você pula o cadáver e segue em frente. E aqui a Tainã 7 Diário de campo, RC Memória, set.2017. A Roseira é também exemplar de outra camada de debates urbanos na FMNCR, referente às ocupações.

me traz esse olhar de ser humano, de questionar, de [dizer] não, isso não é normal. E isso são discussões muito próximas de movimento negro. (Entrevista Cibele Rodrigues, 36 anos, set.2016)

Em consequência, a Tainã atua como uma espécie de incubadora de movimentos sociais locais, partilhando espaços e recursos para que possam fazer suas atividades e apoiando as iniciativas de diferentes maneiras. Alguns de seus importantes produtos são a Comunidade Jongo Dito Ribeiro, um grupo que rememora e exerce a prática afrodiaspórica das rodas de jongo, e a Casa de Cultura Fazenda Roseira, descrita como “um símbolo do capitalismo cafeicultor e canavieiro na região [...] que é ocupada no sentido de resgatar e produzir uma resistência num território predominantemente negro em seu entorno”<sup>7</sup>. Apoiada pela Tainã ao longo de seu longo processo de ocupação e briga com o poder público pela patrimonialização, entre 2008 e 2015, atualmente a Roseira exerce papel semelhante com relação aos movimentos sociais. A relação é estabelecida por Alessandra Ribeiro, liderança de ambos, que aponta para as reflexões que a casa de cultura proporcionou a ela:

quando eu cheguei lá, eu encontrei os primeiros movimentos culturais aqui da cidade. A Casa de Cultura Tainã é *minha primeira experiência de um equipamento público que tinha a gestão de um homem negro que fazia coisas de negro*. Por quase 20 anos, minha referência de cultura em Campinas era produtora, mas quando essa cultura se materializava, ela era branca; *não do nosso lado da cidade, do outro*; e não a nossa cultura. Território material, lugar, espaço físico... pensava: *isso existe?* [...] a terra nos dá alimento e quem tem terra, tem poder, tem memória, tem ancestralidade. Tudo que a terra nos traz, isso eu aprendi lá. (Alessandra Ribeiro Martins, RC Memória, set.2017)

Alessandra seguiu a fala conectando o encontro com a Tainã com a estruturação de uma pista que ela vem perseguindo em seu ativismo e trabalho acadêmico (cf. MARTINS, 2016): a relação entre raça, cidade e cultura. Filha de uma família

negra campineira e participante da anual Marcha da Consciência Negra na cidade, ela relatou sempre ter ouvido histórias sobre uma rua no centro da cidade que teria sido segregada no pós-Abolição, além de ter visto processos na Câmara Municipal que também coíbiam ou limitavam o acesso da população negra. Nela, encontra-se uma residência, posteriormente patrimonializada e nomeada *Casa da Dinda*, que se revelou um dos marcos dessa memória negra da cidade:

essa casa na [rua] Barão de Jaguará, 772, [...] é uma casa que foi comprada em 1890 e concluída a quitação em 1915 com apoio da Liga Humanitária dos Homens de Cor. Então, a gente poder ter na cidade de Campinas, na rua Barão de Jaguará, a materialidade de um espaço físico que foi comprado por uma mulher negra que era mãe solteira, que nasceu da Lei do Ventre Livre, que teve um filho com o pipoqueiro e aí, por conta da família, naquela época, ter todos os receios, ela teve que arrumar uma casa para morar e conseguiu, com o apoio da Liga Humanitária dos Homens de Cor e outras articulações, comprar no papel, com escritura, a casa que até hoje é preservada nesse lugar. Então, pensem que se encontram como esse possibilitaram que a gente continue se reencontrando e redescobrimo essa nossa Campinas, essa nossa cidade, essas nossas memórias, com certeza isso se deve muito a essa nossa consciência de baobá, de memória, de ancestralidade e dessa alma feminina campineira de matriz africana. (Alessandra Ribeiro Martins, *RC Memória*, set.2017)

### Trabalho e vadiagem: as mulheres negras no mundo branco

A conexão estabelecida por Alessandra entre a cidade, a memória, a ancestralidade e uma “alma feminina campineira de matriz africana” não é casual. O processo de modernização (e de “higienização”) da cidade central é também gendrado.

O segundo alvo da reformulação da cidade central foram os diversos ocupantes da rua – como indica a manchete do Correio Popular de Campinas de 24 de dezembro de 1966, “Marginais e vadias são os donos das ruas” (Helene, 2019, p.81), que demonstra o tom da oratória pública que clamava pela “sanitarização” da cidade central. Justificando a tru-

culência dos métodos empregados para a reocupação do centro, essas ilações criaram o ambiente para as “Operações Limpeza”, intervenções policiais, judiciais e sanitárias sistemáticas que ocorreram pelo menos desde a Abolição<sup>8</sup> até meados dos anos 1960 para remover essas populações do centro da cidade. Como resultado e demonstração de uma aliança entre Estado, capital imobiliário e clamores das elites, o PMU, nos anos 1930, articula essas operações e as coloca em marcha com mais firmeza.

Os estudos de Maciel (1985) e Helene (2015) permitem discernir pelo menos dois sentidos que o “ser vadia” ou “vadiar” assumem para as mulheres nessa época, ambos atravessados por intervenções que correlacionam trabalho, prisão e modernização/higienização da cidade. O primeiro encontra seu pareamento na noção de “pretas desocupadas”, constante nas fontes analisadas por Maciel. Nessa acepção, compreendida a partir da dimensão do trabalho esperado ou considerado apropriado para as mulheres habitantes dos cortiços, o artigo “Contra a vagabundagem”, de outubro de 1923, do *Diário do Povo*, deixa poucas dúvidas:

A polícia está agindo contra as pretas desocupadas... mais uma campanha feliz iniciou a polícia local... hostilidade contra as pretas sem ocupação... percorreram vários cortiços prendendo as mulheres ali residentes... O resultado dessa campanha será de benefício para as donas de casa que lutam com a falta de empregadas de cor de Campinas com um aparelhamento completo em matéria de sociedade, como se pode verificar. (MACIEL, 1985, p.87)

A sugestão de que as prisões forçarão a acomodação dessas mulheres no trabalho doméstico é respaldada por relatos de vendas de mulheres e crianças negras para famílias brancas, encontrados não somente no texto de Maciel (1985, p.104, p.ex.), mas em produções mais recentes, como o trabalho de Mesquita (2019). Nesse sentido, parece haver uma via direta entre rua, prisão e trabalho doméstico, posta em marcha como uma das exigências para a soltura ou automatizada a partir das próprias prisões. De toda

<sup>8</sup> P.ex., “em 1895, o *Diário de Campinas* pediu que a prostituição fosse restringida a apenas uma região e não espalhada por todas as ruas, para não prejudicar as famílias que não queriam morar vizinhas a estas mulheres” (Maciel, 1985, p.88).

forma, deixam-se entrever formas de tutela dessas mulheres por famílias brancas que as “assumiam”.<sup>9</sup>

O segundo sentido é encontrado em uma série de documentos analisados pelos autores que tratavam das “caçadas aos vagabundos” e prisões por vadiagem no início do século XX. Segundo Maciel:

Havia também a vagabundagem específica das mulheres “de vida fácil”, prostitutas, que “nessas condições *são piores que os homens*”. Constituindo motivo de muitos pedidos à polícia para que tomem as providências cabíveis com base em numerosas denúncias de casas suspeitas de funcionarem como prostíbulo espalhados pela cidade (Maciel, 1985, p.85, grifos meus).

Partindo de “uma construção simbólica que separa por meio de relações dicotômicas o espaço dos ‘marginais e vadias’ dos espaços familiares” (HELENE, 2015, p.98), os planos urbanísticos e sanitários se tornam os instrumentos centrais de um reordenamento do espaço público e dos usos legítimos e aceitos. Responsável pela expulsão da população pobre e negra para *o outro lado da linha férrea* e pela supressão da memória negra no espaço, o PMU também transformou a região central, de “muito bem servida de casas de prostituição, boates, bares, trottoir de rua, numa geografia de prazeres a permear vários pontos da cidade” (NEGRÃO, 2013, p.4) a possuidora de uma “zona simbólica de confinamento” da prostituição (TAVARES, 2014).

Para o trabalho sexual, a abordagem violenta da justiça, da polícia ou mesmo dos discursos civis midiáticos era e é ainda mais evidente. Nos anos 1960, isso resultou na formação do Jardim Itatinga, conectado à cidade apenas por um acesso rodoviário, quase exclusivamente acessível por transporte individual e que, até os anos 1980, não tinha sequer tratamento de esgoto e eletricidade.

Assim como as trabalhadoras domésticas, estas são uma categoria profissional de indiscutível prevalência de não-brancos, sobretudo mulheres negras.<sup>10</sup> Além disso, “para as mulheres negras, a prostituição era sempre uma ameaça que as perseguia a cada minuto, da infância à morte” (Maciel, 1985,

<sup>9</sup> Semelhantes às vistas em acordos de alforria de mulheres (Xavier, 1993).

<sup>10</sup> Cf. Helene, 2015, prólogo.

p.89). Segundo Diana Helene, o “estigma de puta”, “uma marcação depreciativa que pode ser aplicada às mulheres a qualquer momento por seu tipo de trabalho, cor de pele, classe social, sexualidade e, no nosso caso, em função do lugar e da maneira como circulam na cidade”, acompanhava as mulheres pobres e negras – “ex-escravas, lavadeiras, empregadas, serviçais, e outras trabalhadoras” (HELENE, 2015, p.87) – à medida em que estas circulavam pelas ruas e fora do espaço privado, onde as senhoras brancas encontravam-se praticamente enclausuradas até pelo menos o fim da década de 1950.

### *Lugar e circulação das mulheres negras nas cidades*

A relação entre os espaços de circulação das mulheres negras e brancas não foi acidental. Ao contrário, a marcação e a normatividade de gênero que conecta e opõe as vivências da feminilidade através da raça – ou, as formas como se interseccionam gênero e raça – é um elemento fundamental da reordenação da cidade.

Assim como o São Bernardo, no fim dos anos 1960, o Jardim Itatinga já havia sido loteado – nesse caso, com o fim específico de receber as casas de prostituição expulsas do centro – e parcialmente ocupado. Também nesse caso, representações sociais depreciativas pautadas em oposições entre moralidade e indecência, anomia e normalidade, ordem e desordem, limpeza e sujeira foram centrais na construção da aliança entre opinião pública, poder público (a polícia, a justiça e o planejamento urbano) e mercado imobiliário, que permitiu que “o projeto de higienização da cidade” tomasse prumo. Tanto como as associações entre a população negra e pobre e as epidemias, conflito e algazarra (sem esquecer que as prostitutas, em sua maioria negras, eram uma das faces dessa imagem tanto quanto os ‘malandros’, ‘capoeiristas’ e outros), a relação entre mulheres “direitas” e “mundanas” (NEGRÃO, 2013) foi central no processo de confinamento da prostituição.

A noção de que a prostituição, ademais am-

plamente aceita como parte corriqueira das experiências sexuais de homens jovens e casados, estava *fora de lugar* relacionava-se à frequência das ruas do centro pelas *mulheres e crianças* das classes altas:

A presença da prostituição espalhada pela cidade, convivendo no mesmo espaço físico vital de ‘família’ proporcionava uma mistura desordenada entre duas categorias sociais distintas, isto é, uma situação social de ambiguidade, pelo fato de que os homens, em busca de ‘programas, perturbavam a tranquilidade de ‘senhoras’ e ‘senhoritas’ de ‘família’, confundindo-as com ‘putas’. (MAZZARIOL, 1977, p.11)

Segundo Mazzariol (1977), a demarcação de uma “zona confinada” para a prostituição demonstra seu entendimento como “mal necessário” – algo que deve ser escondido ou confinado, pois perturba a ordem, mas não eliminado, pois também contribui para ela. No caso em questão, a contribuição está na manutenção da ordem matrimonial, que excluía o prazer sexual, e no “alívio aos impulsos da idade” (HELENE, 2019, p.66). A prostituição é, portanto, elemento central na preservação do comportamento normativo de gênero para homens e mulheres brancas e da conformação familiar vivenciada por eles.

A associação de todas as mulheres negras à prostituição e à vadiagem autoriza seu emprego no trabalho forçado, o isolamento de uma zona da cidade e o emprego sistemático e violento da força policial para isolá-las e excluí-las do uso do centro<sup>11</sup> e das áreas nobres. Nessa medida, atua como uma “imagem de controle” (Collins, 2000) – representações sociais estereotipadas baseadas em oposições binárias, as quais servem à manutenção do status social inferior de grupos subordinados – no caso, restringindo ou cerceando o direito de ir e vir no espaço público. Mais uma vez, o confinamento da prostituição demonstraria sua integração e posicionamento na ordem social e moral que constitui a família enquanto padrão normativo e na economia afetivo-sexual e laboral que a estrutura. Os lugares ocupados por mulheres negras e brancas, compostos, em cada caso, por espaços confinados e transi-

tos possíveis, bem como por posições específicas em uma divisão sexual e racial do trabalho organizada a partir da família branca, não são apenas opostos, mas complementares.

O mesmo pode ser dito, por outro caminho, das trabalhadoras domésticas, cuja participação na divisão sexual do trabalho no interior das famílias é fato constituído nos estudos feministas do trabalho (cf. HIRATA, KERGOAT, 2007; SORJ, 2014). Segundo Giacomini (1988, p.73), senhoras brancas e mulheres negras escravizadas constituíram relações “atravessadas e [...], em grande parte, resultantes dos papéis sociais e sexuais que a sociedade escravista reservou a uma e à outra. [...] Mucamas, amas-de-leite, cozinheiras, bordadeiras, lavadeiras, engomadeiras etc. foram incorporadas ao espaço privilegiado das senhoras, ou seja, à esfera doméstica”. Ali, ainda que a senhora executasse algumas tarefas, especialmente nos lares menos abastados, sua função central era a de “administradora do lar e dos escravos que se destinavam ao serviço doméstico” (p.74). Na divisão do trabalho doméstico e de cuidados, recaía sobre as escravizadas negras a absoluta maioria dos afazeres – além de “garanti[r] o funcionamento da casa patriarcal [...] [estas] proporcionaram às senhoras [...] um tempo ocioso que, na falta de melhor emprego, voltou-se muitas vezes contra os próprios escravos” (p.73).

Segundo Maria Izilda Matos (1994), no pós-Abolição, essa separação se refletiu nos papéis da patroa branca e da empregada doméstica negra, ainda marcados pela divisão das tarefas mais pesadas, e, sobretudo, pelo regime de tratamento e as expectativas de comportamento sobre cada uma delas. No caso das *criadas de servir*, o “comportamento ideal” incluía serem “submissas, ordeiras e eficientes” (MATOS, 1994, p.206), o que era assegurado pela vigilância – “*porta adentro*, as funções de dona de casa e doméstica se confundiam e se interpenetravam, mas o trabalho dos criados era sempre supervisionado e seu comportamento observado” (MATOS, 1994, p.205) – e persistentemente

<sup>11</sup> O que nunca aconteceu por completo. Segundo Helene, a escolha do centro para o trabalho é estratégica para reduzir a vulnerabilidade à violência; assim, uma das principais disputas das trabalhadoras sexuais organizadas é pelo direito ao espaço público.

desqualificado. Submetidas ao “estereótipo da feminilidade” que naturalizava sua aptidão desenvolvida para o exercício das mais diversas tarefas e, ao mesmo tempo, ao racismo que fazia com que fossem compreendidas como inferiores e “feitas para o serviço pesado”, no pós-abolição, as habitantes negras das cidades, praticamente confinadas à realização de trabalhos domésticos (FRAGA FILHO, 2009), encontravam baixa (ou nenhuma) remuneração, dominação, violência, explosões de raiva e assédio sexual constante. Não à toa, algumas das mulheres que procuravam esses empregos apresentavam como prioridade não os melhores salários, mas bom tratamento, roupa e comida – ser tratada “como se fosse da família” (MATOS, 1994, p.209), termo que já aparecia nos jornais da época.

De mais de uma forma, portanto, o trabalho doméstico realizado por mulheres negras nas cidades no pós-Abolição deu continuidade às suas tarefas no período escravista. Além disso, manteve-se praticamente imperturbado até os dias atuais – haja vista os embates entre feministas brancas e negras sobre o trabalho doméstico e de cuidados (LE MOS, 1997), o modelo de delegação (HIRATA, KERGOAT, 2007; SORJ, 2014) e a contínua dependência (e falta de reconhecimento) por parte de famílias brancas desse trabalho para seus arranjos de tempo, exacerbada, por exemplo, na pandemia (MONTICELLI, 2021) –, inclusive no que diz respeito à manutenção de uma maioria de trabalhadoras negras, à relevância do trabalho doméstico remunerado no padrão de reprodução social das classes médias (CHAGURI, NICOLAU NETTO, CAVALCANTE, 2019) e ao paternalismo que, a despeito da violência, enclausuramento e assédio (COROSSACZ, 2014) vivenciadas por trabalhadoras domésticas, segue caracterizando o entendimento do senso comum dessas relações.

Tanto no trabalho doméstico como no trabalho sexual, temos como elemento mais ou menos central o enclausuramento das mulheres negras e sua inscrição direta nas operações laborais e afetivas que compõem a família branca normativa. Reencontra-

mos, assim, a noção de um “lugar natural da mulher negra trabalhando nas cidades” (GONZALEZ, [1981] 2018, p. 107).

Um terceiro ponto, perceptível a partir dos marcos desse confinamento (a região central, a linha do trem e a rodovia, os bairros segregados), reforça esse “lugar natural”. Trata-se dos deslocamentos previstos e as circulações que eles permitem entre as zonas da cidade – sejam eles forçados, como nos cortiços, batidas policiais e encarceramento que as removem da região central, influenciados pelo encarecimento da moradia ou hostilidade e segregação ou inscritos nos planos urbanísticos pelo tracejado dos transportes:

E aí eu começo a ver minha mãe, minhas irmãs como empregadas domésticas, a história das mulheres nessa cidade. Chamo atenção de vocês porque até hoje tem a linha que liga com o Cambuí... a linha de ônibus, foi a *linha principal da cidade, acho que uma das primeiras a ser criadas, Cambuí-São Bernardo, porque a mão de obra escrava continuava lá no bairro e eles precisavam ir desse lado. Para morar não, mas para trabalhar sim.* Aí eu começo a ver isso na relação das mulheres, de trabalho, dentro da casa das patroas. (Antônio Carlos Silva, *RC Memória*, set.2017)

Encontramos, a esse ponto, regimes de ocupação, moradia e mobilidade específicos para as trabalhadoras negras, formas de morar, trabalhar e transitar integralmente planejadas. Esses trânsitos possíveis, permitidos, programados e inscritos no planejamento da cidade e na ordem moral e laboral das famílias reforçam elementos de uma divisão sexual e racial do trabalho organizada a partir das famílias brancas e refletida no espaço urbano.

Os papéis sistemáticos e contínuos do trabalho doméstico e do trabalho sexual, da escravidão aos dias atuais, refletem a preservação da dupla função atribuída às trabalhadoras negras – função-trabalho e função-sexo (GONZALEZ, 1984). Esta co-valência impõe e assegura à mulher branca o lugar da “esposa-mãe-dona-de-casa” (RAGO, 1987, p.62), enclausurada nos espaços domésticos e com sua mobilidade restrita também por rotas programadas nas cidades, a quem competia “desempenhar um papel fundamental na família: sempre vigilante, atenta,

responsável pela saúde e felicidade das crianças e do marido, dedicada ao lar e à sua higiene” (MATOS, 95, pp.114-5), o que envolvia “procriar, rezar, gerir o lar, costurar, bordar, fazer quitutes e doces saborosos, trajar-se com cores sóbrias e discretas, servir sexualmente o marido de forma recatada, a preservar o pudor e a dignidade da mulher, educada para não manifestar desejos ou tomar iniciativas de uma relação sexual” (NEGRÃO, 2013, p.2). Sua diferença em relação às trabalhadoras negras que complementavam o trabalho necessário à manutenção dessa ordem familiar e doméstica era marcada em vestuário, comportamento, expressão, circulação e até mesmo nos moldes do corpo.<sup>12</sup>

## Conclusão

Nesse texto, procurei reconstituir as formas como militantes com diferentes trajetórias, pautas e relações com a cidade compreendiam e narravam suas experiências históricas em relação com o processo urbano. Observando lado a lado as experiências históricas de trabalhadoras sexuais e trabalhadoras domésticas, veremos a cidade construída e reconstruída por meio da violência do Estado, policial e judicial, disparada por um alinhamento entre Estado, elites, capital imobiliário e mídia e forçando a ocupação de funções com relação à sociedade branca análogas às do período escravista.

As experiências narradas mostram uma cidade segregada a partir de linhas de gênero, raça e classe – e outras potenciais a serem investigadas, como sexualidade –, em que a segregação não indica uma separação absoluta de espaços, mas uma distinção forte de seus usos, com a delimitação e reforço constantes de barreiras físicas e simbólicas entre os diferentes grupos. A partir de seus marcos físicos, vemos a delimitação de *trânsitos possíveis*, regulados e inscritos no planejamento urbano e nas intervenções do Estado, concretizados na vida prática da cidade, nas

linhas de ônibus, nas rotas de carros. Esses lugares e trânsitos guardam relação com os serviços prestados pelas mulheres negras nas famílias brancas – por sua vez, correlacionados com os papéis exercidos pelas mulheres brancas e formando uma matriz das diferentes vivências da feminilidade e dos papéis de gênero inscritos nessa ordem social no que diz respeito ao sexo, à reprodução, aos usos do espaço público, aos costumes, corpos e ao exercício do trabalho.

Esses trânsitos determinam os lugares em que são encontradas as trabalhadoras negras e suas condições nesses espaços. Por dentro e por fora das casas brancas, a participação de trabalhadoras domésticas e sexuais na dinâmica da família branca borra as fronteiras entre o público e o privado e sustenta as demais tarefas realizadas por homens e mulheres brancas – e, portanto, a reprodução social dessa família branca normativa. Inscritas numa economia familiar que conjuga relações afetivas, sexuais e laborais e que inclui o trabalho doméstico remunerado, o não remunerado, o trabalho de cuidados e o trabalho sexual, suas funções opostas e complementares demarcam, por contrastes e coordenações, as fronteiras da família, natureza, trabalho e (poder sobre) o corpo. Portanto, *ser quase ou como da família* é uma asserção com diversas consequências.

Ainda que se refiram a momentos pgressos, estas reflexões ocupam o presente. Primeiro, estão vinculadas ao debate das relações das mulheres e da população negra com o Estado, frequentemente caracterizada na FMNCR pelas noções de “perseguição institucional” e genocídio. Nesse sentido, vale pontuar que a ação da polícia sobre as periferias em Campinas se tornou mais violenta e intensa nas décadas que se seguiram ao período aqui apresentado. O Itatinga, por exemplo, é frequentemente isolado do restante da cidade por cercos policiais que duram dias. Esta é uma discussão que ocupa o coração dos debates apresentados como feministas negros duran-

12 “Gordas, nédias, flácidas, assim se refere às senhoras a grande maioria dos autores [...]. Quanto às escravas, são [...] negras e mulatas de boas coxas, bons dentes, peitos salientes, flexíveis. O corpo da senhora e o corpo da escrava selecionada para o serviço doméstico parecem ser antitéticos. [...] O corpo das senhoras é produto de condicionantes materiais e ideológicos que nele imprimiram e acentuaram características distintivas de brancura e ociosidade. Ele revela o confinamento e a procriação consecutiva. O corpo da escrava, por sua vez, responde a um minucioso processo de seleção no qual a aparência funciona como índice de seu ‘valor de uso sexual’” (GIACOMINI, 1988, p.76). Cf. tb. a carta enviada por “Observador Anônimo” a Laudelina de Campos Melo, em 1961 (disponível na íntegra em BERNARDINO-COSTA, 2015, p.111-13).

te a pesquisa, e a própria noção de um feminismo negro operada pela FMNCR parte dos diálogos e aprendizados desses momentos e espaços.

Mais do que isso, a ordem de gênero e raça demarcada pelas noções de espaços de confinamento e trânsitos possíveis segue relativamente inalterada. Dentre a série de desafios enfrentados pelas duas categorias nos anos e décadas que se seguiram ao período desses relatos tendo em vista a obtenção de direitos trabalhistas e a ampliação da regulação do Estado – exemplificados pela PEC das Domésticas de 2013 e pelo projeto de lei Gabriela Leite (4.211/2012), não sancionado –, deve-se destacar o imperativo compartilhado de *provarem-se trabalhadoras*, efeito dos processos combinados de essencialização das tarefas desempenhadas por elas, como a fala dessas duas militantes da FMNCR evidenciam:

Ser doméstica hoje é entender que o trabalho doméstico é uma profissão. Hoje, a gente entende que você não tá lá pra ajudar ninguém, você não tá lá só pra ganhar um dinheiro, você não tá lá pra não ficar em casa, como diziam. A gente tem compreensão que hoje o trabalho doméstico é uma profissão e a gente contribui pra sociedade com esse trabalho, embora digam o contrário. [...] As pessoas acham que a gente é ainda aquele resquício de escrava, que tá lá pra comer, pra ganhar uma roupa e pra por comida na boca das crianças. Então eu não gosto muito disso, não. E nós não somos isso hoje. (Regina Teodoro, filme *A doméstica que representou o Brasil no exterior*)<sup>13</sup>

A Associação [de trabalhadoras sexuais] também me fez descobrir que o profissional do sexo, ele existe como um trabalho informal, nós estamos na CBO [Classificação Brasileira de Ocupações]. Ou seja, eu me vi como uma profissional, eu me vi assim dentro da associação. [...] Então, se é gratificante pra mim, se me satisfaz, que ele seja respeitado. [...] [Eu espero que a Associação] dê uma balança nos profissionais do sexo. Que nós entendamos que esse é o nosso trabalho, essa é uma profissão. Não é uma passagem, não é um bico. (Betânia Santos, filme *Mulheres Guerreiras: desbravando as estradas da vida*)<sup>14</sup>

Há, ainda, a questão da representação das diferenças e múltiplas experiências na comunidade negra e nos movimentos feministas, além de outros

movimentos sociais, que prevalece nas experiências de trabalhadoras sexuais, bem como da população LGBTQIA+, e incide sobre as das trabalhadoras domésticas, que, embora historicamente aliadas a diferentes movimentos (BERNARDINO-COSTA, 2015), reportam não encontrar suporte suficiente para suas pautas e campanhas. Não à toa, nos dois casos, esses processos aconteceriam *pari passu* com a formação de variados movimentos sociais e sujeitos políticos periféricos intergeracionalmente.

Ainda assim, as memórias transmitidas das “mulheres dessa cidade”, lembradas por seus fazeres cotidianos, formas de viver, trabalhar, morar e circular o espaço formam uma rede tecida pelo trabalho de cuidados e transitada por mulheres, que se ramifica por meio de espaços como a Tainã e a Roseira, indivíduos e grupos. Essa rede vincula e reproduz a comunidade negra em contextos atravessados pela violência e pela discriminação, que extrapolam o período delimitado nesse artigo, alcançando os dias atuais.

Minha vida foi cheia de mulheres, minha mãe, minha avó, minhas irmãs, Maria [*inaudível*], [Dona] Toninha, Laudelina [de Campos Melo]. Muitas mulheres cuidaram de mim, acho que me fizeram um homem diferente. É uma coisa que eu valorizo muito essa minha experiência de vida com mulheres [...] eu sei pelo menos porque eu tenho uma compreensão do olhar feminino do que é se tratar com respeito. As mulheres me ensinaram isso. Não tive pai presente na minha vida, então toda a minha referência foi feminina. (Antônio Carlos Silva, *RC Memória*, set.2017)

## Referências

ABDALLA, Julia S. *Feminismos negros e interseccionalidade: alianças, encontros e margens*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2023.

ALVAREZ, Sonia. “Feminismos e antirracismo: entraves e intersecções. Entrevista com Luiza Bairros”, *Revista Estudos Feministas*, 20(3), 384, set./dez. 2012, p.833-850.

BAENINGER, Rosana; MAIA, Paulo; RODRIGUES, Izilda; SOARES, Carla. *Migração em São Paulo*. Textos NEPO, 22, 1992. Disponível em:

13 Disponível em: <https://fr-fr.facebook.com/donasesitcc/videos/a-dom%C3%A9stica-querepresentou-o-brasil-no-exterior/2800324246685627/>

14 Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zgCf\\_QQjxRg](https://www.youtube.com/watch?v=zgCf_QQjxRg)



[https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos\\_nepo/textos\\_nepo\\_22.pdf](https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_22.pdf). Acesso: 02/24.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *Saberes subalternos e descolonialidade: os sindicatos das trabalhadoras domésticas do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2015.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe. “Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades”. *Mediações*, v. 20, n. 2, 2015, p. 27-55.

CHAGURI, Mariana; CAVALCANTE, Sávio; NETTO, Michel N. “O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família”. *Anais do 43º Encontro da ANPOCS*, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought. Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. 2. ed. Nova York: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. “Aprendendo com a outsider-within: a significação sociológica do pensamento feminista negro” [1989]. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 31, n. 1, 2016.

COROSSACZ, Valéria R. “Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio”. *Revista Estudos Feministas*, 22(2), 2014, p. 521-542.

CRENSHAW, Kimberle. “Mapping the margins. Intersectionality, identity politics and violence against women of color”. *Stanford Law Review*, vol. 43, 1991, p.1240-1299.

OLIVEIRA, Daniele. *Encruzilhada das guerreiras da periferia sul de São Paulo: feminismo periférico e fronteiras políticas*. Dissertação de mestrado em Sociologia, IFCH/Unicamp, 2019.

FIGUEIREDO, Ângela. “Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira”. *Direito & Práxis*, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 2, 2018, p.1080-1099.

FRAGA FILHO, Walter. “Migrações, itinerários, esperanças de mobilidade social no Recôncavo Baiano após a Abolição”. *Cad. AEL*, v.14, n.26, 2009. 95-128.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava*. Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIESBRECHT, Erica. *O Passado negro: a incorporação da memória negra da cidade de Campinas através de performances de legados musicais*. Tese de Doutorado, IA/Unicamp, 2011.

GONZALEZ, Lélia. “Mulher negra” [1981]. In: GONZALEZ, L. *Lélia Gonzalez. Primavera para as rosas negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018, p.103-108.

\_\_\_\_\_. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HELENE, Diana. *Mulheres, direito à cidade e estigmas de gênero*. A segregação urbana da prostituição em Campinas. São Paulo: Annablume, 2019.

\_\_\_\_\_. “*Preta, pobre e puta*”: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. Tese de Doutorado, IPPUR/UFRJ, 2015.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. “Novas configurações da divisão sexual do trabalho”. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p.595-609, 2007.

HOOKS, bell. *Feminist theory: from margin to center*. Nova Iorque: South End Press, 1984.

LEMOS, Rosália. *Feminismo negro em construção*. A organização do movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Inst. Psicologia, UFRJ. 1997.

\_\_\_\_\_. *Do estatuto da igualdade racial à marcha das mulheres negras 2015: uma análise das feministas negras brasileiras sobre políticas públicas*. Tese de Doutorado, ESS/UFF, 2016.

LIMA, Stephanie. “‘Coletivo’, ‘ativista’ e ‘horizontal’: uma análise de categorias em uso no movimento social contemporâneo”. *Teoria e Cultura*, v.13, n.1, 2018. Pp.18-35.

MACIEL, Cléber da Silva. *Discriminações raciais. Negros em Campinas: alguns aspectos (1888-1926)*. Dissertação de mestrado, IFCH/Unicamp, 1985.

MARTINS, Alessandra Ribeiro. *Matriz Africana em Campinas: territórios, memória e representação*. Tese de doutorado, PUC-Campinas, 2016.

MATOS, Maria Izilda S. “Porta adentro. Criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930”. In.: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (Orgs.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/ Marco Zero, 1994. Pp. 193-212.

MAZZARIOL, Regina. “*Mal necessário*”. Ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas. Dissertação de Mestrado. IFCH - Unicamp, 1976.

MEDEIROS, Jonas M. S. *Movimentos de mulheres periféricas na zona leste de São Paulo: ciclos po-*

líticos, redes discursivas e contrapúblicos. Tese de Doutorado, FE/Unicamp, 2017.

MESQUITA, Tayná V.L. *Exclusão escolar racializada: implicações do racismo na trajetória de educandos da EJA*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

MONTICELLI, Thays. “Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções?”. *Sociedade e Estado*, vol.36, n.1, 2021.

NEGRÃO, Ana Maria. “Memória a desvendar os cenários de prostituição em Campinas (1940-1970)”. *Anais do X Encontro Regional Sueste de História Oral*, Campinas, 2013.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RODRIGUES, Cristiano. *As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2006.

RIOS, Flavia; MACIEL, Regimeire. “Feminismo negro brasileiro em três tempos”. *Labrys, études féministes/ estudos feministas*, v. 1, p.120-140, 2018.

RIZZATTI, Helena Fonseca. *O recente processo de urbanização da cidade de Campinas-SP (1990-2014): as ocupações urbanas - um estudo dos usos do território da região sul*. Dissertação de Mestrado, IG/UNICAMP, Campinas, 2014.

SANTOS, Taina A. “Perseverança: uma resposta de professoras negras”. *Portal Geledés*, 15/10/2023. Disponível em <https://www.geledes.org.br/perseveranca-uma-resposta-de-professoras-negras/> Acesso em 02/24.

SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

SORJ, Bila. “Socialização do cuidado e desigualdades sociais”. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, 2014. pp.123-128.

TAVARES, Aline G.C. *A organização da zona: notas etnográficas sobre relações de poder na zona de prostituição Jardim Itatinga, Campinas-SP*. Dissertação de Mestrado, IFCH-Unicamp. Campinas, 2014.

XAVIER, Regina. *Histórias e vidas de libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado em História, IFCH/UNICAMP. Campinas, 1993.

# Afrofuturismo e o “Afropensamento” na sociedade brasileira: literatura e a identidade na conquista do protagonismo negro

Ana Carolina de Paula Lima<sup>1</sup>

Daniela Vieira dos Santos<sup>2</sup>

Fabio Lanza<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo compreende aspectos do processo de constituição identitária de pessoas negras, associado com a emergente perspectiva de produção literária e pensamento social designados afrofuturismo e afropensamento, ao longo do século XXI na sociedade brasileira. Nesse sentido, a pesquisa procurou entender qual a posição entre identidade e a formação da concepção de uma nacionalidade, relacionando-as com a literatura a partir do emergente afrofuturista, focalizando seu gênero literário. Os problemas de pesquisa que nortearam a pesquisa foram: Quais locais as pessoas negras ocuparam na estrutura da sociedade brasileira em sua formação nacionalista? Quais características sociais e históricas o gênero literário afrofuturista e a perspectiva do afropensamento apresentam no Brasil do século XXI? A partir da pesquisa bibliográfica e da seleção intencional de elementos constitutivos da identidade de pessoas negras brasileiras, este estudo apresentou os seguintes resultados: definição e conceitualização de uma identidade moderna fragilizada; a literatura brasileira como meio de afirmação ou apagamento identitário; constituição do gênero literário afrofuturista e suas concepções relacionados com o afropensamento.

**Palavras-chave:** Identidade Racial. Literatura. Afrofuturismo. Sociologia das Relações étnico-raciais.

## Afrofuturism and “Afrothinking” in Brazilian society: literature and identity in the achievement of black protagonism

**Abstract:** This article deals with aspects of the process of identity constitution of black people, associated with the emerging perspective of literary production and social thought called Afrofuturism and Afrothinking, throughout the 21st century in Brazilian society. In this sense, the research sought to understand the position between identity and the formation of the conception of a nationality, relating them to literature from the emerging Afrofuturist genre. The research problems that guided the study were: which places did black people occupy in the structure of Brazilian society during its nationalist formation? What social and historical characteristics do the Afrofuturist literary genre and the Afro-thinking perspective have in 21st century Brazil? Based on bibliographical research and the intentional selection of elements that make up the identity of black Brazilians, this study presented the following results: the definition and conceptualization of a fragile modern identity; how Brazilian literature has constituted itself as a means of affirming or erasing identity; a presentation of the Afrofuturist literary genre and its concepts related to Afro-thinking.

**Keywords:** Racial Identity, Literature, Afrofuturism, Sociology of ethnic-racial relations.

### Introdução

1 Graduada em Ciências Sociais, com habilitação em bacharelado, com foco sociológico em análise de relações raciais pela Universidade Estadual de Londrina. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9201-4631>

2 Professora Adjunta de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da mesma instituição (PPGSOC). Realizou estágio pós-doutoral (2016-2019), com bolsa da Fapesp, junto ao Departamento de Sociologia da Unicamp. Também foi fellowship, com auxílio da Fapesp (BEPE), no CSU-CRESPPA/CNRS em Paris (2016-2017). Foi pesquisadora convidada do Kings College London (2016), vinculada ao Departamento de Spanish, Portuguese and Latin American Studies (SPLAS). Doutorou-se em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio doutoral junto ao Kings College London (2011-2012). Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP - campus de Araraquara (2008) e Graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela mesma instituição (2005). É editora da seção de sociologia do Periódico MEDIAÇÕES - Revista de Ciências Sociais (UEL) e dirige, em parceria, a coleção de livros HIP-HOP em PERSPECTIVA, editada pela editora Perspectiva. Autora do livro: Não vá se perder por aí: a trajetória dos Mutantes, Annablume/Fapesp, 2010. Suas pesquisas combinam Sociologia da Cultura e Sociologia Contemporânea, em diálogo com a música e a história. Dedicou-se ao entendimento da experiência brasileira através da sua matéria cantada, com interesse nas relações entre música popular urbana e indústria cultural, racismo, modernidade, nação, globalização e cultura hip hop.

3 Graduação em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara Campus da UNESP (Bacharelado-1997 e Licenciatura-2001), mestrado em História pela Faculdade de História Direito e Serviço Social Campus da UNESP de Franca (2001) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP (2006). Atualmente é professor do ensino superior no Departamento de Ciências Sociais da sua Graduação, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Mestrado e Doutorado), do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO, da Especialização em Religiões e Religiosidades na Universidade Estadual de Londrina - PR (UEL), atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia das Religiões; Ditadura Militar e Religiões; Educação e Ensino Religioso; Ensino de Sociologia; Extensão e Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2807-9075>

Na atualidade, a concepção de identidade agrega cada vez mais transformações capazes de fragmentá-la, de moldá-la e de refazê-la sempre que necessário. Esses processos são essenciais para que as pessoas tenham suas individualidades preenchidas e representadas socialmente, viés que também é valorizado e procurado por movimentos sociais identitários. No entanto, mesmo com tais processos, certos sujeitos necessitam quebrar barreiras sociais buscando encontrar um caminho para que sua identidade seja respeitada e valorizada.

Este artigo analisa o conceito de identidade afro-brasileira a partir da seleção intencional de aspectos associados com sua ancestralidade e performatividade cultural, os quais fomentam o debate acerca do desenvolvimento de uma cultura afrodescendente. É relevante às Ciências Humanas e Sociais compreender as condições presentes na sociedade brasileira que amparam a construção desta identidade afro-brasileira, verificando se essa identidade, ainda vigente e em transformação, é capaz de abarcar a realidade dos sujeitos que a vivenciam. Dentro do respectivo recorte epistemológico, destaca-se o emergente gênero literário afrofuturista, que apresenta, dentro de sua perspectiva, a reparação histórica de identidades que foram silenciadas, minimizadas ou apagadas a partir dos diferentes tipos de violência, buscando refazer sua noção de futuro.

A discussão apresenta uma conexão que associa a identidade da pessoa negra, a estrutura social e as estratégias protagonizadas – por meio da produção afrofuturista e do afropensamento – para superar a posição a que foram levados a ocupar na sociedade no Brasil a partir do desenvolvimento da noção de identidade nacional. Nesse sentido, segundo Hall, “segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural” (HALL, 2006: p.49).

Nesta reflexão, faz-se uma leitura crítica, analisando as condições para que o caminho literário seja um meio fomentador de identidade, recorrendo a uma análise histórico-social das circunstâncias que estimularam o desenvolvimento de uma literatura

nacionalista, de seu papel na sociedade brasileira e a representação dada em seus personagens. Conforme Paulo Freire (1981), verifica-se que:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1981: p 13).

Alfredo Bosi (2002) argumenta que a narrativa lírica atinge tal grau de profundidade que é capaz de superar a vida ordinária dos sujeitos, incorporando aquilo que a vida social possui de mais intenso, traçando um caminho encorajador que seus leitores possam percorrer em busca de sua identificação social, para além daquilo que são forçados a aceitar cotidianamente. É esse caráter reestruturador que a literatura pode desempenhar na vida de um sujeito para sua própria identidade. “É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”. (BOSI, 2002: p. 135).

Em sequência, aprofundando o debate sobre identidade e literatura, apresenta-se o afrofuturismo, um gênero visual, musical e literário que coloca o sujeito negro no centro de tudo que é desenvolvido. Para além de ser apenas um personagem protagonista, é agregada a performatividade de sua ancestralidade, religiosidade e a possibilidade de um futuro negro. “[...] não é só inserir mais atores negros numa narrativa de ficção e sim ter personagens negros e suas experiências como centro da história” (KABRAL, 2020). Visando esse recorte literário, pretende-se compreender seu surgimento; o que busca representar na sociedade contemporânea; suas especificidades literárias, tais como o afropessimismo, que surge como uma corrente teórica derivada do afrofuturismo, com uma visão crítica voltada ao pessimismo.

Diante disso, este artigo buscou a articulação da bibliografia levantada para desenvolver, como apresentado, três tópicos principais: identidade, em sua ampla complexidade contemporânea; literatura,

no que tange ao seu desenvolvimento na sociedade brasileira, e o afrofuturismo, como meio relacional entre os dois tópicos já mencionados, buscando a interposição identitária e literária para a compreensão da identidade do sujeito negro.

### Sujeito negro e a identidade

Ao abordar o conceito de identidade, é essencial aos debates sociais na atualidade não tentar identificar ou impor apenas uma identidade para um grupo ou indivíduos. Isso é um equívoco. É necessária a compreensão de que, mesmo em uma única sociedade, existem várias formas de identificação a depender da trajetória pessoal de cada um, de suas escolhas, das imposições e limitações dadas socialmente. Embora duas pessoas negras tenham crescido no mesmo bairro, possuam idades semelhantes, convivam entre si, partilhem laços de parentesco, tenham formações acadêmicas similares, elas podem ter identidades muito distintas ou contraditórias.

Com base nessa noção identitária, é possível partir das Três Concepções de Identidade abordadas por Stuart Hall (2006): o sujeito iluminista, cuja identidade era fundamentalmente masculina e branca, dotado de razão e que visava à dimensão de um “eu” ao centro de tudo, essencializando a própria humanidade; há o sujeito sociológico, aquele que compreende o mundo ao seu redor como agente participativo da formação de seu “eu”, preenchendo a lacuna entre o “eu” e o “todo; e o sujeito pós-moderno, que é a transformação do sujeito sociológico, conforme as mudanças da sociedade pós-moderna, a qual não comporta mais as antigas identidades, tornando-as arcaicas e incapacitantes.

Partindo desse ponto, há a fragmentação de tudo aquilo que poderia formar a concepção de identidade do sujeito, alterando a posição de si para consigo e de si para com a sociedade: “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. (HALL, 2006: p.9).

Nenhuma pessoa possui uma identidade sin-

gular, assim como nenhuma pessoa é unicamente negra. Mesmo sendo um sujeito negro, ainda haverá outros recortes, como classe, gênero, sexualidade, crenças, religiosidades e valores pessoais. Além disso, o processo identitário se modifica de diversas formas ao longo da vida das pessoas, permitindo-lhes assumir diversas identificações, mesmo se elas forem opostas. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. (HALL, 2006: p.12).

Trazendo esse debate à sociedade brasileira atual, ao se pensar na pessoa negra, pensa-se também em sua ancestralidade advinda do continente africano. Assim, afro-brasileiros podem possuir duas culturas distintas, a do Brasil e a de sua ancestralidade, anterior aos seus antepassados serem sequestrados e levados para essa sociedade. Embora sejam distintas, não são excludentes ou contraditórias, são complementares.

Outra parte fundamental da identidade é a cultura nacional, à qual os sujeitos estão expostos. Segundo Hall (2006), a noção de nação é puramente moderna. As outras noções de identificação foram sendo condensadas, misturadas, ampliadas e, de certo modo, omitidas para a criação de uma nação. Conforme sua concepção, a nação é uma comunidade meramente simbólica e única segundo o entendimento de unidade criado. Essas noções de identificação podem ser étnicas, religiosas, culturais ou até mesmo linguísticas, culminando em uma etnia, religião e cultura específicas de cada nação. “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso [...]” (HALL, 2006: p.50).

Nesse sentido, esse discurso é capaz de alimentar a narrativa daquela nação, reproduzir lendas e histórias sobre ela, agregando um caráter de honra em compor a posição de cidadão, da mesma forma, uma necessidade de pertencimento. Dessa forma, podem ser traçados perfis essenciais para que o indi-

víduo seja colocado como pertencente a determinada nacionalidade. Tais traços podem ser representados através fenótipos físicos, religiosos ou linguísticos.

Ao criar um perfil de um cidadão ideal, cria-se também um antagonico, o qual deve ser combatido pelo bem da unificação da nação. A partir de Hall (2006), verifica-se que uma das formas de unificação nacional é a representação de toda a diversidade cultural que diverge da nacionalidade imaginada, sendo uma forma subjacente, atomizada e menosprezada. Desse modo, os indivíduos que estão dentro do padrão retratado possuem mais um meio de autoafirmação social; mas aqueles que diferem sofrem com mais uma forma de apagamento de seu pertencimento social.

Para esta discussão, empregou-se a concepção de estigmatização de Erving Goffman (2004), de que os ambientes sociais impõem certo padrão do que é tido como normalidade. Essa normalidade é denominada pelo autor como “rotinas de relação social em ambientes estabelecidos”. Com isso, aqueles que já estão inseridos nessa rotina seguem por um movimento inerte sem grandes complicações. Ou seja, já no período da colonização, quem ocupava o papel normativo para a definição dos padrões de normalidade eram os colonizadores, definindo a si próprios como tal e estigmatizando todos aqueles que se distanciavam, como forma de manter sua superioridade, meio de controle social e como justificativa para as ações brutais que foram desempenhadas, causando sua reprodução continuamente na sociedade que ali se formava.

Com relação ao sujeito estranho, os primeiros aspectos analisados são responsáveis por uma mera previsão de quem ele significativamente é: “Baseando-nos nessas preconceções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 2004: p. 5). As exigências, ou a identidade virtual dada a um sujeito, nada mais são do que um estereótipo criado sobre ele. No entanto, estereótipos não são apenas concepções negativas sobre aquela pes-

soa, já o estigma é essencialmente depreciativo ao indivíduo que for marcado.

Parte-se do pressuposto de que estigmas e estereótipos se baseiam exclusivamente em relações sociais, na forma como são firmadas ou excluídas, atributos que desfavorecem certos indivíduos e favorecem outros. Trazendo essa concepção para a realidade brasileira, cabelos longos são considerados como padrão de beleza. No entanto, da mesma forma que afirma a identidade de indivíduos que possuem essa característica com fenótipos brancos, já o cabelo longo crespo é visto de forma negativa. Em casos mais extremos, isso levaria a pessoa negra a passar por situações racistas, por exemplo.

Para elucidar esses conceitos, pode-se analisar a ancestralidade africana em sua forma histórico-cultural. Foi vivenciada sua estigmatização, a tentativa de seu apagamento em massa e de sua deterioração. Ao defender que o sujeito afro-brasileiro foi estigmatizado devido a seu perfil histórico-cultural, Erving Goffman (2004), argumenta:

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 2004: p. 6).

Mediante a teoria de Hall (2006), pode-se verificar o sujeito estigmatizado de Goffman (2004), como tendo uma identidade fragmentada e contraditória: “Em resumo, diz-se-lhe que ele é igual a qualquer outra pessoa e que ele não o é [...]” (GOFFMAN, 2004: p. 107). Há severas inconsistências impostas sobre sua identificação ancestral; já sua identificação nacional sofre duras repressões com relação ao seu passado histórico-cultural, o qual a pessoa negra poderá nem conhecer. Assim, o sujeito não se identifica com seu passado e não possui identificação com seu local presente, entrando no limbo da identificação instável citada por Hall (2006). Ao debater as demais interseccionalidades, esse ponto

fica ainda mais complexo.

Segundo Clóvis Moura (2004), desde a colonização portuguesa no Brasil, houve o estabelecimento de uma hierarquização social baseada na concepção das diferenças raciais, ou seja, havia, desde a fundamentação da sociedade brasileira, o desejo de uma cultura hegemônica europeia. “O ideal tipo das elites brasileiras, como ideologia de prolongamento do colonizador, continuou e continua simbolicamente sendo o branco. O antímodo étnico e estético, como símbolo nacional, continua sendo o negro” (MOURA, 2004: p. 206).

Embora o Brasil não tenha sido projetado como uma colônia de povoamento, em que não havia o desejo de permanência no território, apenas a exploração dos recursos, é evidente que o pensamento eurocêntrico se manteria durante todo o processo de colonização,

[...] a necessidade de ver as populações autóctones subjugadas inicialmente e os africanos para aqui transportados em seguida, como seres que tinham de humanos apenas a forma, chegando-se a discutir se os índios tinham alma, fato que só foi reconhecido em 1536 pelo papa Paulo III. Os negros só deixavam de ser bárbaros ou gentios pelo batismo, isto é, pela escravidão, como esclareceu Vieira (1663) (MOURA, 2004: p. 208).

Logo, segundo Guimarães (2003), à tentativa de unificação nacional brasileira, conforme um desejo já latente, criou-se um movimento antirracionalização como primeira forma de identificação do brasileiro, também conhecido como a democracia racial. O grande marco precursor desse movimento foi o livro “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, em 1933, mas também outros se encaixam nessa categoria, como o indianismo, o realismo brasileiro e o folclorismo,

Nos anos 1950, a palavra de ordem que encontramos ainda era a seguinte: a cor é apenas um acidente. Somos todos brasileiros e por um acidente temos diferentes cores; cor não é uma coisa importante; “raça”, então, nem se fala, esta não existe, quem fala em raça é racista (GUIMARÃES, 2003: p. 101).

Desse modo, é possível identificar que as noções de identidade e nacionalidade possuem um forte vínculo entre si. No entanto, no que tange a sua relação com a pessoa negra, em muitos momentos, ambas foram moldadas em seu detrimento. Negligenciavam-se suas características específicas ligadas a ancestralidade, religiosidade e crenças; do mesmo modo que, negava-se a presença do sujeito negro no local em que já estava disposto, mas que não lhe pertencia. Não foi um sujeito no passado, não é um sujeito no presente.

### **A literatura como um meio de aporte para a identidade afro-brasileira**

Ao abranger a concepção de noções identitárias, para compreender a literatura como uma forma autêntica de aporte à identidade sonogada da pessoa negra na sociedade brasileira, primeiro é necessário partir do que ela representa. É essencial ao debate entender o papel da leitura como um dos principais meios norteadores do sujeito, o qual configura seu olhar ao mundo que o cerca e as iminentes relações, sociais e raciais, a que está disposto (FREIRE, 1989).

A literatura pode ser considerada como um meio de construção da identificação social, sendo uma lente que expressa a realidade objetiva dentro da sociedade brasileira. Por meio da leitura, porém, caminha em conjunto com o entendimento social já presente no indivíduo que a pratica, sendo capaz de alimentar seu conhecimento de mundo e acrescentar tudo aquilo de novo a que ele está sendo exposto. Transformando-o em um processo dialético, aquilo que é lido ganha um novo significado devido à forma de ver o mundo do leitor; assim como, a visão de mundo dele é modificada pela do autor literário conforme os significados de sua obra.

Paulo Freire (1981) já teorizava sobre o assunto, defendendo que a leitura que antecede a da palavra é igualmente essencial ao processo de conhecimento e de construção do sujeito.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa pres-

cindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1981: p. 9).

É possível identificar, dessa forma, a importância dada ao que e a como as relações sociais são retratadas na literatura, em como as sociedades escritas podem moldar o pensamento das pessoas em sociedades reais; como personagens podem reproduzir, na vida real, características produzidas para serem literárias, entre elas, o pertencimento social e a identidade por meio da representatividade.

Segundo Bosi (2002), o autor da história a ser contada possui uma rara flexibilidade para retratar seus personagens que integrem seu mundo fantástico, possibilitando que represente o mundo real sobre sua própria ótica, agregando valores e desejos aos agentes daquela ficção; da mesma forma que, antivalores são reprimidos durante a obra. “O valor é objeto da intencionalidade da vontade, é a força propulsora das suas ações. O valor está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é sua motivação”. (BOSI, 2002: p. 120).

Ao partir de uma análise hegeliana, Alfredo Bosi (2002) traz argumentos de Benedetto Croce, em que argumenta acerca da dialética das distinções, tendo dois marcos cruciais: a intuição e a razão, sendo distinguidas pelo pensamento crítico por trás da ação, sendo tidos como momentos cognitivos da vida do sujeito; como também há os momentos práticos, ou a práxis, distintos pelos desejos e a vontade. Para Croce, a arte é essencialmente intuitiva; já a razão produz fundamentos às ciências e à filosofia, com relação àquilo que é prático. Os desejos estão relacionados à satisfação de desejos ordinários da vida; a vontade é voltada ao campo ético e político do sujeito.

Partindo dessa reelaboração dos conceitos hegelianos, a arte não poderia atingir seu ápice político, pois estaria em um quadrante diferente, não podendo haver homogeneidade entre ambos, da mesma

forma que também não poderia haver entre os outros quadrantes. No entanto, socialmente esse argumento pode ser refutado, pois atualmente a arte possui seu teor político, sendo usada como forma de resistência. Exemplos claros dessa afirmação são os gêneros musicais funk, rap e samba, vistos como forma de força e exaltação da cultura negra e periférica, assim como a literatura afro-brasileira e o afrofuturismo, que possuem como característica a reparação histórica dos locais impostos aos sujeitos afro-brasileiros. “O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 2002: p.118).

Para Moura (2004), a literatura brasileira reproduz o negro tal como a sociedade brasileira o faz, como um anti-herói, aquele que entra em conflito com o mocinho e é capaz de moldar negativamente sua jornada. Contudo, muitas vezes, nem sequer há um personagem negro, por isso o autor defende que há uma estruturação que impede os literários de enxergarem o negro como personagem principal. Em suma, há uma barreira estética e ideológica,

A literatura era feita por brancos e em toda a literatura da época vamos encontrar esta constante: o negro não aparece como herói; quando entra como personagem é a personagem boçal, engraçada, o que dá a conotação de que ele é inferior, exatamente para a exaltação do herói (MOURA, 2004: p. 247).

Portanto, a literatura negra foi essencial ao pertencimento dos sujeitos negros, como meio de resistência, como voz para quem foi calado, levando o pertencimento para quem foi expulso e protagonizando quem outrora era apenas um antagonista. Ianni (1988) apresenta a literatura negra como um movimento constante, que se autorregula, despreendendo-se de gêneros ou escolas literárias específicas, mas possuindo singularidades entre si que culminam em uma união literária. Ou seja, a literatura negra não está localizada apenas nos gêneros literários do romance ou aventura, por exemplo, ela transpassa essas especificidades devido à ideia de a representa-



tividade não se prender apenas a esses pontos.

Dado o exposto, Octavio Ianni (1988) aponta as seguintes partes constitutivas da literatura negra: é composta por escritores conscientes do papel social que estão desempenhando, sendo responsáveis por dar voz para personagens que antes não possuíam falas ou direito a uma história e um desenvolvimento literário complexo; o conjunto de leitores dessas obras, que também possuem certa consciência sobre aquilo que estão lendo, assim, parte-se do pressuposto de que as pessoas buscam na leitura um ponto de fuga da realidade objetiva a que estão expostos, preferindo uma história que preencha vazios sociais existente; a leitura, ou o mecanismo transmissor, para o autor seriam as palavras, mas, seguindo por uma lógica freiriana, pode-se ter a leitura, sendo ela compromissada e crítica com a história a ser contada.

Essa concepção tem em vista “se assumir negro”, reproduzir a cultura negra, as religiosidades de matrizes africanas; as danças; as festas; moldando a realidade existente, ou a transportando para outra com outras características e outras preocupações literárias; relacionando sujeitos negros entre si, ultrapassando um mero embate competitivo; valorizando as identidades negras, criando uma realidade em que possam existir, livres.

Sobre a conceituação proposta por Octavio Ianni (1988), acerca de assumir a posição de negro em uma sociedade como a brasileira, com certos traços de antinegritude tão bem-marcados, pode-se enxergar que o ato de se autodeclarar como um sujeito negro é se despir da concepção negativa agregada na palavra “negro”, abandonando o fardo que ela representou para aqueles que eram tidos como exóticos e inumanos, que foram postos no papel de escravizados, no qual seus descendentes ainda são vistos como tal (FONSECA, 2021).

Desse modo, a constituição da literatura negra, em seus romances e poemas, permite ao sujeito negro se enxergar como um “alguém social”, para além de apenas uma força de trabalho ou um corpo sexualizado, mas uma pessoa capaz de amar e ser

amada. Com relação ao suspense e ao terror, aquele sujeito poderá se ver como além de um corpo no chão, como o investigador, por exemplo, dotado de lógicas mirabolantes capazes de resolver mistérios. Na aventura ficcional, é possível à pessoa negra acreditar em um futuro negro, em aventuras e tecnologias que o levam para desbravar o mundo.

### **Elementos constitutivos do Afrofuturismo e Afro-pessimismo**

Conforme apresentado, devido ao importante papel que a literatura e a leitura podem exercer na vida das pessoas, a literatura é capaz de desempenhar um papel essencial no que tange ao aporte da identidade do sujeito negro. Como já teorizado por Octavio Ianni (1988), é possível verificar o reflexo da organização social do sujeito negro, assim há o gênero afrofuturista. Nessa perspectiva, o emergente movimento cultural do afrofuturismo, que busca agregar à representatividade atual a uma representação de um futuro negro, em diversos âmbitos que cercam a vida social, como na literatura, com obras como *O Caçador Cibernético da Rua 13*, de Fábio Kabral (2017), e *O Último Ancestral*, de Ale Santos (2021); na música, por meio de Ellen Oléria (2016), com seu álbum *Afrofuturista*, e Xênia França (2017), com seu álbum *Xênia*; no áudio visual, há o curta-metragem *Bluesman*, de Bacu Exu do Blues (2019), ganhador do Gran Prix do festival Cannes Lions, assim como o documentário *Branco Sai, Preto Fica*, do diretor Adirley Queirós (2015).

O termo afrofuturista surgiu em 1995, em uma entrevista em que Mark Dery, um escritor norte-americano branco, questiona alguns autores negros sobre a ausência de escritores e personagens afro-americanos no gênero ficcional da época. Entre os entrevistados estavam Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. Embora sejam três escritores diversos entre si e de amplas áreas da escrita, as respostas seguem por um mesmo padrão: rebatendo o questionamento sobre como escrever e incentivar a escrita de um futuro negro, sendo que, em muitos momentos, não há sequer um passado (KABRAL, 2020).

Para compreender essa problemática a partir das repostas dos escritores afro-estadunidenses entrevistados, é necessário um amplo aprofundamento dentro de uma concepção nacionalista sobre quem é pertencente a determinada sociedade e quem é o “outro”, podendo ser visto como um estranho ou não pertencente.

Retomando o debate e o posicionando na sociedade brasileira, pode-se partir da análise do mito da democracia racial do livro “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre. Em uma tentativa de consolidação de um perfil brasileiro, verifica-se o apagamento da concepção política de raça, trazendo a falsa sensação de mero acaso à “cor”, projetando o senso comum de que as necessidades nacionais estão acima das necessidades individuais, incluindo questões afro-brasileiras. Caracteriza-se, assim, um apagamento histórico-cultural, visto que a cultura hegemônica era exclusivamente brasileira e branca (GUIMARÃES, 2003).

Desse modo, aqueles que diferem da ideia nacionalista implantada são postos na posição do “outro”. Com as respostas tidas pelos dois autores, fica evidente que eles foram postos nessa categoria, da mesma forma que as pessoas negras na criação de uma nacionalidade brasileira. Então por qual razão um escritor negro deveria escrever sobre alienígenas, ou qualquer outro ser inumano, vivendo em uma sociedade humana à qual não pertence, se eles já estão nessa posição?

Essas problematizações são fundamentais para a identificação do sujeito negro, em seu caráter amplo, na sociedade moderna. Rangel (2016) traz a reflexão sobre a abdução imposta de sujeitos negros com a diáspora e a escravatura, em que eles foram levados para um novo local, mas, para além disso, foram instrumentalizados, metamorfoseados para a condição de coisa, na qual ainda permanecem,

Hoje, o grande número de negros vivendo em bairros pobres, os altos índices de criminalidade

de que envolvem pessoas negras, o predomínio de negros na composição da população carcerária, a violência policial dos Estados em relação às pessoas negras, o desemprego ou o exercício de funções de menor remuneração, são algumas das realidades para as pessoas negras que fazem confrontar, de um lado, um ideal de igualdade e desenvolvimento pregados pelo pensamento modernista iluminista e, de outro, os desdobramentos da escravidão do período colonial e a marginalidade contemporânea vividas por negros (RANGEL, 2016: p. 134).

Tendo em mente tais fundamentos, o afrofuturismo é um movimento literário, musical e visual que busca explorar a dinâmica entre a pessoa negra, ficção científica e a tecnologia. Atendendo a esses três tópicos, o afrofuturismo busca criar uma estrutura social que seja pertencente também aos negros ressaltando pontos que insistem em ser invisibilizados na conjuntura atual, abrangendo sua ancestralidade, religiosidade e sua estética, permitindo a construção de uma história que ultrapasse as barreiras do estranhamento de si mesmo para com sua nacionalidade e ancestralidade.

No que tange ao ficcional, é capaz de reestruturar a dimensão inconsciente do que é tido como um personagem e enredo principal, com fenótipos e culturas específicas. Ao abordar o exemplo da literatura brasileira, desde seu início com Gregório de Matos, tido como o primeiro autor no Brasil, a escrita adotada era eurocentrista advinda do homem branco, já indicando as especificidades daqueles tidos como protagonistas na literatura nacional (ALENCAR *et. al.* 2010).

A noção de tecnologia, em termos gerais, sempre foi condicionada aos países eurocêntricos, capazes de dispor do que é considerado padrão de consumo sobre os países que são tidos como periféricos. Desse mesmo modo, a tecnologia, o progresso e, até mesmo, o futuro nunca foram diretamente ligados à cultura africana. Buscando refutar essa condição, o afrofuturismo empunha, tal como uma arma, essa característica como meio de resistência contra um estereótipo sobre o atraso

tecnológico.

Fábio Kabral (2020) defende que o afrofuturismo consiste em quatro pontos essenciais: os personagens principais são negros, como já abordado, o que transpassa o mero acaso das características de um personagem, engloba a visão e o conhecimento legítimo de pessoas negras; apresenta uma narrativa de ficção especulativa, em que o gênero surge a partir da experimentação dos artistas negros em suas criações.

Há também a cultura negra no centro de toda a temática trabalhada na história criada, não como uma cultura antônima daquela tida pela hegemonia branca, mas como uma cultura autêntica e orgânica. Por fim, é uma história de negros e feita por negros, a qual se torna uma necessidade do gênero, pois, em sua essência, é um local onde a voz negra é vazada como resistência. Kabral (2020) argumenta:

Trata-se da autoconscientização de pessoas africanas como sujeitos e agentes atuando sobre sua própria imagem cultural, de acordo com seus próprios interesses humanos, conceito criado por Molefi K. Asante (KABRAL, 2020).

A partir do afrofuturismo, criou-se também uma vertente chamada de Afropessimismo. Para Frank B. Wilderson (2021), constitui-se por meio de uma vertente político-filosófica e cultural, em que são expressas as sensações e emoções de pessoas negras acerca da sua inconformidade social, a partir de sua posição dentro das estruturas racistas que permeiam a sociedade à qual estão integradas. Marcado pelo pessimismo e insurreição, “O afropessimismo é o povo negro no seu auge. ‘Bravos com o mundo’ é o povo negro no seu auge”. (WILDERSON, 2021, p. 50). Possui como obras, na literatura, *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório (2021), e, no áudio visual, há o curta-metragem *Chico*, dos diretores Eduardo Carvalho e Marcos Carvalho (2016), por exemplo.

O afropessimismo, sobretudo, vê a conjuntura atual como decadente e carente de uma nova que a substitua em um ciclo. Essa concepção não crê em uma nova sociedade ou “um meio de salvação”, pois, dentro de sua compreensão, as formas de opressão

apenas estariam sendo atualizadas e os oprimidos continuariam sendo os mesmos.

Wilderson (2021) argumenta que, no início de sua adolescência, sabia que era negro, no entanto, sua identificação como preto só viria um tempo depois, conforme suas experiências com seus algozes racistas, sejam estes outros adolescentes ou adultos que compartilhavam o mesmo círculo social. Ao tecer suas experimentações como um adolescente negro, registra brilhantemente tal compreensão, para além da adolescência, como também da infância, ao ser adulto e contemplando a velhice. Para ele, estar atento à temporalidade atual se tornava um martírio, concepção abarcada pelo movimento político-filosófico do afropessimismo.

Estar no presente, em determinadas circunstâncias, cerceia as pessoas negras à miséria, à violência urbana e às suas individualidades restritas, como o caso da identidade, por exemplo. Desse modo, ansiar pelo futuro traz certo alento, conforme explicitado pelo autor: “Quando menino, eu raramente vivia no presente. Estar no presente doía demais. Quando me dava conta, eu era o eu do futuro. O presente era a penitência, o que precisava pagar pela minha fuligem”. (WILDERSON, 2021: p. 30).

Ao conceber sua cor como fuligem, verifica-se que há a negação do “ser uma pessoa negra”, pois se algo está “sujo”, basta lavá-lo; da mesma forma que também é possível macular as pessoas brancas com sua “sujeira”, sendo necessário seu afastamento e cuidado social, projetando uma inferiorização, conforme teorizado por Goffman (2004).

A definição do processo de escravização proposta pelo historiador Orlando Patterson (FREITAS; MESSIAS, 2018) é um marco, porque busca fugir da definição central do trabalho forçado. Possui três características principais: o escravizado era visto como um objeto, tornando-se um sujeito social morto e disposto a enfrentar todo tipo de violência moral e desonra, com total ou quase total descaso humanitário da sociedade a qual foi inserido.

O segundo aspecto seria a alienação natal e ancestral, em que as pessoas negras perdiam qual-

quer tipo de individualidade cultural, sendo massificadas, tornando-se coisa. No entanto, mesmo como objeto, possuíam um “dono” e socialmente uma “dívida”. Por fim, a violência era justificada, apresentando-se, para tal, os mais variados motivos. Como já mencionado, a condição humana advinha apenas do responsável pela escravização.

Este ethos desumanizador que está presente no preceito/prerrogativa da violência institucionalizada/estatal que aflige o negro na forma do aparato repressor do estado, mas também dos justicamentos praticados, sancionados ou ao menos consentidos por parte significativa da população (FREITAS; MESSIAS, 2018: p. 14-15).

Dada as três características dispostas anteriormente, é possível compreender o fato de o sujeito negro ainda ser marcado pela escravidão, sendo visto, ainda, como objeto; seu corpo ainda é estigmatizado como forma braçal; socialmente, ainda não é um sujeito pleno em direitos; sua ancestralidade ainda é vista como algo pejorativo; ainda há uma borracha apagando sua história, sua individualidade e sua expressividade cultural; a violência ilimitada ainda se perpetua através da violência policial, da criminalização da juventude preta e periférica, como canta Emicida (2015): “E os camburão o que são? Negreiros a retraficar. Favela ainda é senzala, Jão” (EMICIDA. Boa Esperança. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015. 4 min.).

Concebe-se o afropessimismo como uma compreensão, a princípio, individual de cada pessoa negra. É o produto da constatação das múltiplas agressões que lhe são passíveis por simplesmente existir, algo que, por si próprio já é visto como uma transgressão. Conforme desenvolvido por Wilderson (2021), o afropessimismo é a expressão da raiva, da mágoa e da tristeza, apropriando-se de tais como sinal de revolta; a boca outrora calada, agora grita.

Contudo, este grito, imerso em sua própria raiva, inclina-se ao ceticismo, conforme elaborado por Freitas e Messias (2018), “O futuro como ‘apresentado atualmente para nós’ é entendido pela afropessimista Hortense Spillers a partir do entendimen-

to do tempo não como progressivo/passageiro, mas acumulativo”. (FREITAS; MESSIAS, 2018: p. 17). Em que são exploradas dinâmicas sociais imutáveis, incapazes de aceitar os corpos negros para além da mera coisificação e propriedade. A partir desta temporalidade acumulativa, tal grito de revolta sequer poderia ser ouvido.

Dado isto, os movimentos políticos-filosóficos do afropessimismo e do afrofuturismo, podem ser compreendidos como complementares ao que tange a práxis do afropensamento, em que o afrofuturismo é capaz de abarcar a compreensão necessária para que haja a perspectiva de um futuro digno às pessoas negras, possibilitando a práxis para tal; como também, o afropessimismo compreende a visão brutal e real das violências empregadas aos corpos negros.

Desse modo, é possível concluir que o afropessimismo busca a consciência crítica sobre o mundo tangível que cerca as pessoas negras, defendendo uma sociedade em declínio, à espera de uma revolução social enérgica a ponto de desconstruir, não apenas as ordens vigentes atuais, mas a atualidade em si. Conforme argumentado por Wilderson (2021), “Não existe mundo sem negros, mas não há negros no mundo” (WILDERSON, 2021, p. 54). Já o afrofuturismo busca, através de um olhar positivo e inspirador sobre o que virá futuramente, levar seu público-alvo a acreditar em um futuro, tal como uma retratação do passado, tal como defendido por Kênia Freitas e José Messias: “Se o futuro planetário é negro, ao menos populacionalmente, como argumenta [Achille] Mbembe, outra perspectiva afrofuturista que nos parece importante para a discussão desse texto volta-se para o futuro do passado” (FREITAS; MESSIAS, 2018, p. 7).

Portanto, o gênero literário afrofuturístico é apresentado como uma forma de afirmação identitária, o qual, desde sua gênese, busca representar espaços outrora negados aos sujeitos negros. Ou seja, por meio da combinação desses dois gêneros, afrofuturismo e afropessimismo, é possível alcançar as pessoas que enxergam o futuro como uma possibilidade de liberdade identitária, em que haverá aceita-

ção social das identidades e formas de expressão que possuem, e aqueles que olham o futuro como uma representação do passado, sem que haja efetivamente uma posição social representativa ou reformadora.

### Considerações Finais

A compreensão identitária e seus meios de afirmação são concepções complexas, visto que elas se alteram e se tornam complexas conforme as compreensões sociais e individuais de cada sujeito devido a suas fragmentações. No caso brasileiro, devido ao contexto sócio-histórico advindo de um longo período colonial, do qual a sociedade foi formada, para o sujeito afro-brasileiro, houve o apagamento em massa de sua ancestralidade e a estigmatização dos fragmentos restantes de sua performatividade ancestral, complexificando ainda mais seu acesso à formação da identitária.

Os meios de aporte identitários, tal como a literatura, são essenciais nesses casos. Priorizando uma reestruturação do padrão de normalidade, a literatura desempenha um papel de norteamento do sujeito, sendo ela capaz de retratar a sociedade, além de alimentar valores e antivalores conforme o intuito de cada obra, gênero literário e autor que está desenvolvendo a história (ROSI, 2002). Dessa forma, é identificada a essencialidade das relações sociais retratadas, sendo uma facilitadora de novas formas de identidade ou potencializadora da hegemonia social vigente.

Diante disso, a literatura afrofuturista se encaixa como um aporte de afirmação à identidade afro-brasileira, pontuando especificidades da cultura negra como sua ancestralidade, religiosidade e estética; permitindo, assim, o pertencimento literário de personagens negros que ultrapassem a mera casualidade; acrescentando a importância das vivências dos autores, também negros, na construção dos personagens e histórias; partindo da concepção futurista, sendo capaz de reestruturar tudo aquilo que é remetido à tecnologia, identificação e protagonismo nos personagens e sociedades negras desenvolvidas; possibilitando, também, por meio do afropessimis-

mo, uma leitura crítica e densa dos meios de opressão presentes na sociedade e das tentativas falhas de emancipação.

### Referências

ALENCAR, Maria Gisele de *et. al.* Literatura Afro-Brasileira: Vozes Quilombolas em Destaque. In: \_\_\_\_\_. **Relações Etnicorraciais: Saberes e Experiências no Cotidiano Escolar**. 1 ed. Londrina: Eduel. 2010. p. 71-82.

BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e Resistência**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118 - 135.

*Ibidem.* Poesia versus Racismo. p. 163-185.

FONSECA, Maria Nazareth. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. **Literafro: O Portal da Literatura Afro-Brasileira**, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>. Acesso em 7 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. 9-15.

FREITAS, Kenia; MESSIAS, José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente**. Revista Imagofagia, v. 17, p. 402- 424, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Como trabalhar Raça em Sociologia**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 103-107, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. Identidade em Questão. In: \_\_\_\_\_. **Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. 10<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2006. p. 7-22.

*Ibidem.* As Culturas Nacionais como Comunidades Imaginadas. p. 47-66.

*Ibidem.* Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo. p. 91-97.

IANNI, O. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 28, p. 91-99, 1988. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i28p91-99. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>. Acesso em: 7 ago. 2023.

KABRAL, Fabio. **Artigo e atividades bem didáticos sobre AFROFUTURISMO**. Wordpress, 29 de junho de 2020. Disponível em: <https://fabiokabral.wordpress.com/2020/06/29/artigo-e-atividades-bem-didaticos-sobre-afrofuturismo/>.

MOURA, Clóvis. Miscigenação e Identidade Étnica. *In: \_\_\_\_\_*. **Dialética Radical do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Anita LTDA, 2014. p. 205-212.

*Ibidem*. Negro na Literatura Brasileira. p. 246-248.

RANGEL, Edson. **Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica**. Revista de Audiovisual, Vitória, n. 5, 2016.

WILDERSON, Frank B.III. Sugando ossos de vértebras. *In: \_\_\_\_\_*. **Afropessimismo**. 1. Ed. São Paulo: Todavia, 2021, p. 29-67.

**“Então, eu não tenho mais nada a perder mais, não, irmão!”:  
Juventudes negras, violência e pedagogias culturais no Portal G1 de notícias**

Henrique Ferreira da Silva <sup>1</sup>

Gisele Massola <sup>2</sup>

**Resumo**

Neste artigo, são exploradas as complexas relações entre juventudes negras, (in)visibilidade e violência, focando em suas possíveis reverberações na formação de identidades. Com o objetivo de compreender como a precarização do espaço, o constante convívio com o medo e a ação policial moldam identidades desses jovens de maneira singular, buscamos o apoio teórico pós-estruturalista dos Estudos Culturais, mediante contribuições de autores como Fischer (1997), Hall (2008), Woodward (2008), Mbembe (2013) e Camozzato e Costa (2013), tomando os conceitos de juventudes negras, mídia e necropolítica como ferramentas centrais. O material empírico abrange oito reportagens do portal G1 de notícias, produzidas entre junho de 2010 e agosto de 2019, abordando o episódio de sequestro do ônibus 174, ocorrido no ano de 2000 na cidade do Rio de Janeiro, fato amplamente divulgado *na e pela* mídia. A metodologia pautou-se na análise cultural, compreendendo as notícias da mídia como artefatos culturais e assumindo que a cultura é central – tanto do ponto de vista conceitual, quanto da perspectiva empírica – na criação daquilo que chamamos de “realidade”. Os resultados evidenciam aspectos de uma sociedade que percebe a morte do outro-negro como algo banal, fazendo girar o ciclo de racismo estrutural e violência policial que acometem rotineiramente esses corpos.

**Palavras-chave:** Juventude(s) negra(s). Violência. Mídia. Estudos Culturais.

**“So, I got nothing left to lose anymore, no, brother!”:  
Black youth, violence and cultural pedagogies on the G1 news portal**

**Abstract**

In this article, the complex relationships between black youth, (in)visibility and violence are explored, focusing on their possible reverberations in the formation of identities. With the aim of understanding how the precariousness of space, the constant coexistence with fear and police action shape the identities of these young people in a unique way, we sought post-structuralist theoretical support from Cultural Studies, through contributions from authors such as Fischer (1997), Hall (2008), Woodward (2008), Mbembe (2013) and Camozzato and Costa (2013), taking the concepts of black youth, media and necropolitics as central tools. The empirical material covers eight reports from the G1 news portal, produced between June 2010 and August 2019, covering the episode of the hijacking of bus 174, which occurred in 2000 in the city of Rio de Janeiro, a fact widely publicized in and by the media. The methodology was based on cultural analysis, understanding media news as cultural artifacts and assuming that culture is central – both from a conceptual point of view and from an empirical perspective – in the creation of what we call “reality”. The results highlight aspects of a society that perceives the death of the black other as something banal, spinning the cycle of structural racism and police violence that routinely affects these bodies.

**Keywords:** Black youth(s). Violence. Media. Cultural Studies.

**Iniciando a conversa...**

*Porque a justiça deles, só vai em cima de quem usa chinelo*

*E é vítima, agressão de farda é legítima*

*Barracos no chão, enquanto chove*

*Meus heróis também morreram de overdose,*

<sup>1</sup>Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA, Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6658-4577>; E-mail: [henriqferreiras@gmail.com](mailto:henriqferreiras@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora e Mestre em Educação; Licenciada em História; Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9110-1381>; E-mail: [gisele.massola@ulbra.br](mailto:gisele.massola@ulbra.br).

*De violência, sob coturnos de quem dita decência  
Homens de farda são maus, era do caos,  
Frios como halls, engatilha e plau!  
Dedo na ferida – Emicida ft. Criolo.*

O trecho acima destacado é parte da composição musical do cantor de *rap* paulistano Emicida, em parceria com o também *rapper* Renan Samam. Trata-se da música “Dedo na Ferida”, lançada em 2012, que recebeu o prêmio de “Música do Ano” pela MTV *Video Music Brasil*. Além disso, a canção foi o mote da prisão de Emicida por desacato, após uma apresentação no Bairro Barreiro, na periferia de Belo Horizonte, durante um evento<sup>3</sup> que reuniu outros integrantes e adeptos do movimento *hip-hop*. Na ocasião, o *rapper*, em solidariedade aos moradores do local, por meio dos versos de suas músicas, fez analogias com o cerco militar e ações de remoção e despejo da ocupação Eliana Silva, quando policiais militares haviam derrubado um acampamento em cumprimento a uma ordem judicial. O conteúdo da letra, bem como das produções desse gênero musical, de modo geral, versa sobre “temas e aspectos caracterizadores do rap como instrumento de denúncia e de formação de uma consciência social de seus participantes” (PEREIRA, 2020, p. 87).

Feitas essas considerações iniciais, já antecipamos que não é nosso interesse aprofundar as questões envolvendo a temática do gênero *rap* neste texto. Porém, percebemos que, tanto nos destaques contidos na letra quanto no episódio ocorrido na localidade mineira<sup>4</sup>, chamam atenção as narrativas que se sobressaem em torno da temática da violência – por vezes, desmembrada em truculência, agressão, autoritarismo, opressão, expurgo, exclusão –, que acaba sendo configurada como um dos aspectos estruturantes da realidade social, atingindo uma boa parcela da população jovem negra residente nas pe-

riferias das cidades brasileiras.

O corpo negro, historicamente, no contexto brasileiro, tem estado sujeito a diversos níveis de dominação, com a natureza dessa opressão acentuada ao longo do tempo. Para uma dimensão mais ampla dessa problemática, é essencial recorrer a elementos sócio-históricos que conformam a história do Brasil enquanto nação, como o processo de escravidão, que perdurou por três séculos no país. Durante esse período, a população negra foi explorada e desumanizada, sendo tratada como propriedade e força de trabalho pela elite escravocrata. Com a abolição da escravatura em 1888, não foram implementadas políticas públicas e estruturais para assegurar a inclusão socioeconômica da população negra recém-liberta. Ao olhar em retrospecto, tal fato perpetuou a marginalização e a exclusão social dos negros, criando um ciclo contínuo de pobreza e desigualdade que pode ser visto ainda atualmente.

Essa lacuna histórica de políticas de integração e reparação é um dos fatores que contribuem, de certa maneira, para os altos índices de letalidade entre a juventude negra nos dias atuais. Também a falta de oportunidades e o preconceito estrutural tornam os jovens negros mais vulneráveis à violência policial e ao encarceramento, uma vez que um dos principais mecanismos de controle do Estado é a atuação policial. Assim, ao abordarmos a problemática da violência policial no Brasil, estamos, de forma inevitável, considerando as vivências das juventudes negras e a construção do corpo negro como excedente emergindo como uma estratégia no contexto necropolítico.

Como Stuart Hall (2016) argumenta, a representação cultural tem papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva. No caso das juventudes negras, sua constituição como corpos matáveis se constrói desde cedo e se perpetua no

<sup>3</sup> Na ocasião, maio de 2012, estavam ocorrendo eventos alusivos às comemorações da abolição da escravatura no Brasil. O evento em questão foi a segunda etapa do “Palco Hip-Hop”.

<sup>4</sup> Cabe referir que tal acontecimento, envolvendo confronto entre moradores de uma localidade ocupada e policiais em ato de cumprimento de decisões judiciais, não é restrito a essa ação, e muitos outros exemplos de situações similares poderiam ser listados em diferentes regiões do Brasil. Dados atualizados, obtidos na *site da Brasil de Fato*, registram que, até fevereiro de 2022, o número de famílias despejadas ou de ocupações removidas chegou a 27.618, tendo os estados de São Paulo (6.017), Rio de Janeiro (5.560), Amazonas (3.731), Paraná (1.706), Goiás (1.623), Pernambuco (1.595) e Ceará (1.472) apresentado os maiores números, com um aumento de 602% se comparado aos dados anteriores, de 2020. Disponível em <https://www.brasildefatodf.com.br/>. Acesso em: 11 de jan. de 2024.



imaginário social, onde os corpos negros são postos em posições de subalternidade, desconsiderando-se, por exemplo, a implicação da (in)ação do Estado na constituição dessas identidades (BUENO, 2019).

Neste estudo, o foco da discussão recai sobre o lugar ocupado por representações das juventudes negras veiculadas na e pela mídia, compreendida como meio ou espaço por onde uma determinada mensagem é transmitida. Kellner (2001) dirá que é nos processos de representação cultural postos em ação pelas produções de mídia que identidades, tal como as juvenis, são produzidas. O autor analisa a cultura de mídia como aquela que se tornou um dos instrumentos principais da socialização para os jovens, que dela recebem “papéis e elementos formadores de identidade, em vez de recebê-los de seus pais e professores” (p. 135). Com essas inspirações, neste texto – recorte de uma investigação de mestrado em andamento, com versão ampliada preliminarmente apresentada em formato de resumo expandido<sup>5</sup> –, objetivamos compreender as narrativas midiáticas sobre ser jovem negro. Tomamos o conceito de pedagogia cultural, potente ferramenta teórica, para apontar como os processos de ensino ocorrem a partir de outros aparatos midiáticos, ensinando novos jeitos de ser e estar no mundo – neste caso, como ser jovem e negro no Rio de Janeiro.

A partir do campo dos Estudos Culturais em Educação, pretende-se explorar, também, as representações de juventudes negras com base em suas intersecções e vivências no território onde vivem, ou seja, nos meios/ambientes que atuam de forma pedagógica e acabam constituindo subjetividades e modos de ser sujeito. Para isso, examinamos um conjunto de oito reportagens, veiculadas entre junho de 2010 e agosto de 2019, composto por três vídeos e cinco textos, todos publicados no portal de notícias G1, abordando o incidente do sequestro do ônibus 174, ocorrido no ano de 2000, na cidade do Rio de Janeiro. Do mapeamento total reunido, no entanto, foram descartadas 12 matérias, pelo fato de exporem outros acontecimentos envolvendo sequestro

de ônibus no Rio de Janeiro, sem tratar diretamente do objeto desta investigação. Tais reportagens foram obtidas mediante mecanismo de busca usando a expressão: Portal G1 sequestro ônibus 174 Rio de Janeiro. A metodologia pautou-se na análise cultural, compreendendo as notícias da mídia como artefatos culturais e assumindo que a cultura é central – tanto do ponto de vista conceitual, quanto da perspectiva empírica – na criação daquilo que chamamos de “realidade”. Tomou-se o portal de notícias G1 como base para a coleta de dados por identificar-se que, mesmo à época, o Grupo Globo foi uma das principais emissoras responsáveis pela ampla cobertura midiática do caso, mesmo antes de seu desfecho.

Para dar conta da argumentação que propomos, serão realizados alguns movimentos na organização da escrita. Inicialmente, será dedicado um espaço para reflexões que contextualizam o potencial pedagógico da mídia. Em seguida, apresentaremos uma abordagem teórica, fundamentada em perspectivas pós-estruturalistas, e delinearemos as trilhas metodológicas que sustentam a pesquisa, tanto na construção conceitual quanto na esfera empírica, ampliando a noção de juventude(s) para conectá-la às ideias de Mbembe (2018), especialmente no contexto do conceito de necropolítica. Na sequência, entrelaçaremos análises dos eixos juventudes negras, violência e mídia, utilizando as reportagens do Portal G1 de notícias. No âmbito do portal, examinaremos narrativas que propõem e posicionam formas de ser (e condições de estar) da juventude negra periférica em áreas urbanas. Por fim, destacaremos alguns alinhavos finais, com apontamentos que conformam uma conclusão.

### ***A mídia se faz pedagógica: de que (in)visibilidade estamos falando?***

O episódio objeto de análise desta investigação ocorreu no dia 12 de junho de 2000, na rua Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se do sequestro de um ônibus da linha 174 (Central-Gávea), no qual o jovem Sandro Barbosa do

<sup>5</sup> XXIII Fórum de Pesquisa Científica e Tecnológica, realizado em Canoas (RS), em novembro de 2023.

Nascimento, responsável pelo sequestro, manteve 10 passageiros como reféns por aproximadamente quatro horas. No decorrer dos acontecimentos, ao perceber a presença massiva de policiais cercando o ônibus, juntamente com repórteres, Sandro passa a ter atitudes mais agressivas. Com arma em punho, ameaça reféns, grita, gesticula, atira no para-brisa. Inicialmente, sente-se incomodado com a presença da mídia. Logo após, parece perceber que a presença da mídia ali lhe confere maior visibilidade. Depois de longas trocas com os negociadores, revela ser um dos poucos jovens sobreviventes da Chacina da Candelária<sup>6</sup>, fato que atesta mais uma das marcas da história de Sandro com a violência e a exclusão. No desfecho, uma refém – a professora Geísa Firmino Gonçalves, usada como escudo humano –, teria recebido três tiros, disparados por um soldado do Bope (Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar) na tentativa de matar o sequestrador, e outros três, disparados por Sandro em resposta à ação do policial. Na sequência, Sandro estava sendo conduzido para o hospital, dentro do camburão, e teria sido asfiziado, o que o levou à morte – cabe notar, no entanto, que a ação de asfiziá-lo foi posteriormente validada pelo Estado, uma vez que os três policiais foram absolvidos por júri popular. A mensagem, nesse caso, é explícita: é reconhecido o direito de morte a certos corpos em um contexto necropolítico (MBEMBE, 2018).

Embora o fato tenha ocorrido há mais de 20 anos, tornou-se emblemático e ainda é bastante referenciado, ao menos por duas razões. A primeira delas é ter sido transmitido ao vivo, em rede nacional, com exibição de *flashes* ao longo da programação, chamadas de plantão e telejornais desde antes das 15h, quando começou o sequestro; já a Globo News seguiu no ar, sem interrupções, transmitindo em tempo real. A segunda é a repercussão em escala mundial devido aos erros da Polícia Militar na condução da ação, o que demarcou uma “nova fase” das opera-

<sup>6</sup> Sandro, ainda quando criança, presenciou sua mãe ser assassinada. Por volta dos oito anos, passou a morar na rua com outras crianças, fazendo uso de drogas, cometendo pequenos furtos e habitando as áreas externas da Igreja da Candelária (Rio de Janeiro). Em julho de 1993, um carro da polícia teria alvejado o grupo de crianças que dormia ali. Sandro teria sido um dos poucos sobreviventes. Tal episódio ficou conhecido como a *Chacina da Candelária*, ganhando ampla repercussão em razão de ter “chocado” a população por tamanha barbárie, envolvendo execução de crianças de 11 anos de idade, moradoras de rua.

ções especiais no Brasil, conforme explicitado pelo capitão do Bope na época, Renê Alonso, em uma entrevista que relembra o caso. Nesse momento, o representante das forças policiais apontou:

A gente ia ter uma resposta muito mais qualificada, muito mais precisa, até porque, de lá pra cá, a gente treinou, reviu. Constantemente, a gente está buscando o intercâmbio com outras forças no mundo. De lá pra cá, a gente não perdeu mais nenhum refém. São 170 e tantas ocorrências, e a gente conseguiu retirar todos os reféns com vida (G1, 2015).

Além disso, cabe referir que o fato ganhou visibilidade no cinema ao virar tema de um documentário, em 2002, intitulado *Ônibus 174* e dirigido por José Padilha, e de um longa-metragem, em 2008, do diretor Bruno Barreto, chamado *Última parada 174*, tendo sido selecionado pelo Ministério da Cultura para compor a lista dos indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro de 2009.

A complexidade do tema, que já foi estudado sob a ótica de distintas áreas do conhecimento, entre elas, Antropologia, Comunicação, Educação e Psicologia, ainda hoje ganha notoriedade. Várias são as produções desenvolvidas, nos últimos anos, retomando fragmentos da história de Sandro e as repercussões na mídia sob diferentes vieses. O estudo de Valadares (2010) reporta a situação a partir da invisibilidade social, que “consiste na negação da singularidade do indivíduo” (p. 167), ou seja, para o autor, a mídia, ao dar visibilidade apenas às motivações criminosas de Sandro, ajuda “a eximir a sociedade de assumir a culpa das consequências da exclusão social” (p. 170). Nardelli (2011), em uma perspectiva aproximada, tensiona os olhares para o papel da mídia e analisa as “questões relacionadas à sociedade e à cidadania, que surgiram no debate sobre o episódio, alimentado pelos meios de comunicação de massa” (p. 127). Desse modo, dá-se ênfase para temas como: violência urbana, inépcia do Estado, desamparo dos meninos de rua e arbitrariedade policial. Silva (2012) reflete sobre a forma sensacio-

nalista como ações envolvendo traficantes, policiais, justiceiros e moradores das periferias ganharam visibilidade a partir da mídia. Para o autor, os sujeitos, especialmente os marginalizados, geralmente são mostrados de maneira a reforçar estigmas e estereótipos. Com isso, chama a atenção para a “ampliação das possibilidades para refletir sobre o personagem e sua relação com a violência” (p. 227).

Estudos mais recentes, como o de Kostulski *et al.* (2019), versam sobre as relações entre a vivência da adolescência e a violência no cenário da invisibilidade social, refletindo sobre as manifestações da violência. Para os autores, “histórias como a de Sandro só ganham visibilidade quando alcançam situações violentas extremas, as quais atingem a sociedade dita de ‘bem’” (p. 168). Já a pesquisa das autoras Silva e Domingues (2020) buscou discutir acontecimentos enquanto fenômenos sociais que produzem a marginalização dos jovens negros. Para elas, o jovem Sandro encontrava-se “em situação de vulnerabilidade social entrelaçada às condições socioeconômicas possíveis à sua família” (p. 426). Por fim, destaca-se o estudo de Cruz e Garcia (2020), que analisaram a reportagem veiculada no telejornal *Jornal Nacional* (JN) sobre o caso do ônibus 174. Sob a perspectiva do estudo de recepção, problematizaram os destaques negativos do comportamento de Sandro produzidos pelo telejornal, mostrando “muitos dos ‘comos’ e ‘porquês’ (os quais, muitas vezes, as reportagens de televisão omitem)”; assim, “até quem, de início, acreditava que Sandro deveria morrer, entendeu os porquês e compreendeu que Sandro é fruto do sistema e das condições que este proporciona” (p. 173).

Em certa medida, as investigações destacadas acima põem em evidência desdobramentos do episódio e suas repercussões a partir das veiculações na mídia. Na perspectiva teórica à qual nos vinculamos – Estudos Culturais em Educação –, o processo pedagógico e, portanto, os espaços educativos “se [dão] em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER; 2003, p. 56). Nessa linha de en-

tendimento, “a educação é compreendida como um processo cultural que não se limita ao espaço escolar, expandindo a noção de pedagogia; entendendo toda a pedagogia como cultural” (DESCHAMPS, 2017). Com isso, o que compreendemos como pedagógico é ampliado para além dos espaços institucionalizados da escola, tal como o ambiente midiático, o qual põe em circulação diversos significados, moldando modos de ser e de viver, desenhando subjetividades e fabricando identidades. Para Fischer (1997),

as diversas modalidades enunciativas (tipos e gêneros específicos de enunciação audiovisual) dos diferentes meios e produtos de comunicação e informação – televisão, jornal, revistas, peças publicitárias – parecem afirmar em nosso tempo o estatuto da mídia não só como veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo, nesse sentido, uma função nitidamente pedagógica (p. 60-61).

Tal caráter pedagógico da mídia seria expresso na noção de que as representações veiculadas, publicizadas e postas em circulação pela mídia não apenas informam, mas estabelecem significados, valores e gostos, que atuam na constituição de identidades – neste caso, de juventudes negras –, uma vez que é por meio delas que se instituem e se ensinam maneiras de ser, de pensar, de ver-se e de agir em sociedade. Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003),

*Pedagogia da mídia* refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural, que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras (p. 57, grifo dos autores).

Cabe referir que, sob o viés teórico do estudo apresentado aqui, a dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação produzidos pela mídia não diz respeito só ao que é materialmente constituído pela cultura, mas também aos seus efeitos, constituindo processos de subjetivação. As produções midiáticas suscitam efeitos, sentidos, significações e, conseqüentemente, saberes, os quais ensinam mo-

dos de ser e estar no mundo, estabelecendo posições de sujeito e, portanto, constituindo subjetividades.

Múltiplas seriam as instâncias culturais – rádio, jornais, revistas, TV, peças publicitárias, filmes etc. – implicadas na invenção de saberes, valores e atitudes postos em circulação nas sociedades, como destacado por Camozzato e Costa (2013). Aproximando tal concepção das chamadas pedagogias culturais, estas têm sido consideradas como ferramenta importante para pensar nos processos educativos que ocorrem além dos muros da escola. É por meio dessa ferramenta teórica que se torna possível estabelecer vínculos entre os mais diversos artefatos pedagógicos dispersos pela sociedade. Isso implica pensar em como as pedagogias funcionam, como operam, quais são seus traços e que tipo de sujeitos são interpelados por elas e se constituem em suas relações.

Neste estudo, tomamos o Portal G1 de notícias como um veiculador de informações permeadas de significados que estabelecem narrativas, ditos, enunciados, consolidando processos de produção de modos de ser jovem negro, ou seja, colocam em circulação e dão certa visibilidade (ao mesmo passo que invisibilizam) a modos de constituir entendimentos sobre juventude negra, especialmente, da periferia. Sentidos e significados são sinônimos. Consideramos, pois, o Portal G1 como um artefato cultural da mídia que oferece acesso gratuito a todo o seu conteúdo, o que possibilita maior alcance às suas publicações nos diversos contextos da sociedade brasileira. Além disso, caracteriza-se por permitir que os usuários enviem seus comentários a respeito das notícias. Os comentários são publicados e ficam em formato de lista no fim da matéria, organizados conforme a ordem de envio. Salienta-se que nem todas as matérias têm espaço para comentários. Tais fatores, acoplados, denotam a circularidade e o acesso das informações publicizadas nesse portal.

Na próxima seção, discutiremos sobre os alinhavos teórico-metodológicos, delimitando os conceitos basilares para as análises das reportagens selecionadas.

### **Delineamento dos contornos teóricos**

Hall (2008) argumenta que a construção de identidades “opera sob rasura” e que toda identidade tem “a sua margem”. A construção de identidades, portanto, deriva de um processo inconstante de hierarquização e poder no âmbito social. Contribuindo para essa discussão, Thomaz Tadeu da Silva (2008) destaca que identidade e diferença são criações sociais e culturais, dependendo, assim, de um agente para sua criação e manutenção. Para Woodward (2008), a representação, compreendida dentro de um contexto cultural, estabelece identidades individuais e coletivas; nesse processo, destaca-se o poder da mídia como central, uma vez que ela diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular. A criação de identidade, assim, é facilitada pelo acesso a meios sociais e prestígio social (WOODWARD, 2008).

Ao analisarmos a construção do corpo negro no tecido social brasileiro, considerando sua base histórica e os desafios enfrentados no presente, é possível identificar um processo de subalternização. Esse processo aponta uma relação entre os escritos desses autores e as noções que subsidiam a criação de um “outro social”, fortemente marcado por relações assimétricas de poder, em que um grupo é capaz de definir o “outro” por meio da diferença. Não é à toa que grupos historicamente marginalizados, como as juventudes negras, tendem a ter menos acesso a oportunidades em diversas áreas sociais, influenciando a constituição de suas identidades (WOODWARD, 2008).

A partir disso, é importante considerar as representações socialmente vinculadas aos indivíduos – neste caso, os negros. Segundo Zubaran, Wortmann e Kirchof (2016), as representações “estão na base da construção das identidades” (p. 17). Narrativas como a de Sandro são capazes de formular noções de identidade que permeiam o imaginário social por muito tempo. Dentro de um sistema racialmente marcado, onde o ser negro já carrega consigo significantes negativos, como pobreza e violência, um episódio como o do ônibus 174 é carregado de esteireotipia, que, de acordo com Bhabha (1984), “não

reflete, simplesmente, uma realidade social prévia; ela produz essa realidade novamente, cada vez que é colocada em circulação” (p. 122). Nesse sentido, destaca-se o papel da mídia e dos espaços de poder em perpetuar representações a partir do que já está estabelecido no imaginário social, considerando também as construções racializadas e mantendo o funcionamento das imagens de controle. Como hooks (2019) afirma:

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos (p. 33).

A partir disso, compreendemos as diversas formas e tecnologias do racismo que operam nas representações, incluindo o campo jornalístico e/ou político, utilizando os meios de comunicação para formulações e reforços de imagens com vieses próprios. Dessa forma, “o racismo coloca-nos em constante vigilância sobre como os meios de comunicação influenciam as representações de corpos negros” (OLIVEIRA; OLIVEIRA; ARRAIS, 2019, p. 12).

### **Metodologia do estudo e contextualização do material empírico**

As transformações tecnológicas modificam constantemente a forma como os meios de comunicação atuam. Jenkins (2009) cunhou o termo “convergência das mídias”, definindo-o como “mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura” (p. 45). Nesse novo paradigma, há um entrecruzamento de mídias: as “convencionais/off-line” e as “on-line”, que passam a coexistir. Porém, o conceito de convergência não está ligado ao aparato tecnológico, ou seja, aos aparelhos, mas à forma como o consumidor interage e consome os conteúdos e na maneira como ele circula, alterando a relação estática que se tinha antes com a mensagem: o receptor, que antes apenas recebia, agora passa a fazer parte da construção (JENKINS, 2009). Com essa mudança, surge a ne-

cessidade de os veículos de comunicação alterarem a lógica de produção de seus conteúdos, que passa a ocorrer sob um novo prisma. Nessa nova situação, muda-se a maneira de consumir e, conseqüentemente, de produzir (STEFANO, 2016).

Com o surgimento e a ascensão da internet, seguidos de sua assimilação pelas empresas de jornalismo, aparecem, posteriormente, os portais de notícias. A partir desse momento, a informação passa a ser veiculada na rede com viés de novidade, e os portais de notícia seriam as “bússolas” do usuário *on-line*, que poderia ter acesso a conteúdos informacionais dentro de *sites* únicos – considerando o início da massificação do acesso e o aprendizado dos usuários em relação à novidade apresentada. Neste texto, utilizamos a definição de Herscovitz para os portais:

Portais são definidos aqui como os *websites* de notícias *on-line* de referência que oferecem conteúdos editoriais semelhantes aos da imprensa, incluindo boletins de esportes e trânsito, assim como seções e *links* categorizados por temas, áreas para bate-papo, *e-mails*, dicas, e uma variedade de serviços e produtos (HERSCOVITZ, 2009, p. 3).

Na presente pesquisa, o G1 é pensado como um produto (portal de notícias) do Grupo Globo que propaga sentidos e faz ecoar ideias por meio de sua visibilidade e alcance. A entrada do Grupo Globo – fundado em 29 de julho de 1925 por Irineu Marinho – na internet deu-se com o domínio *Globo.com*, mas foi só em 18 de setembro de 2006 que um portal exclusivo de notícias, voltado ao digital, foi lançado pelo conglomerado de mídias, encabeçado pelo diretor de Jornalismo da Globo, Carlos Henrique Schroder. Em sua página de Princípios Editoriais na *web*, o Grupo Globo conceitua o jornalismo como “uma atividade que produz conhecimento sobre fatos e pessoas”, sendo, portanto, uma “forma de apreensão da realidade” (GLOBO, 2023).

As análises apresentadas neste artigo têm como ponto de partida oito reportagens do portal de notícias G1, veiculadas entre junho de 2010 e agosto de 2019, que versam sobre o sequestro do ônibus

174. Para chegar a esse número final de reportagens, o *corpus* do artigo passou por alguns refinamentos: primeiro, uma busca interna no *site*, fazendo uso de mecanismo de buscas, a partir das expressões: “portal G1”, “sequestro ônibus 174” e “Rio de Janeiro”, resultando em 20 matérias; em seguida, o critério de seleção incidiu sobre o maior número de matérias que efetivamente abordavam a cobertura do evento objeto de análise desta investigação. Por fim, sintetizamos o recorte das reportagens selecionadas no quadro a seguir.

Quadro 1 – Reportagens relacionadas ao episódio

	Título da Reportagem	Formato	Data
1	Sequestro do Ônibus 174 muda a vida dos reféns	Vídeo	06/04/2017
2	‘Quem passa por esses traumas nunca esquece’, diz refém do sequestro do ônibus 174	Vídeo	12/06/2015
3	Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro	Vídeo	12/06/2015
4	Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas	Texto	12/06/2010
5	‘Existem mil novos Sandros por aí’, diz Yvonne Bezerra sobre 15 anos do 174	Texto	12/06/2015
6	Sequestro do ônibus 174 faz 15 anos; testemunhas relembram drama	Texto	11/06/2015
7	Em 2000, sequestro a ônibus no Rio terminou com mortes; relembre o 174	Texto	21/03/2017
8	Há quase 20 anos, sequestro do ônibus 174 teve desfecho trágico no Rio	Texto	20/08/2019

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Realizou-se, então, uma análise cultural interessante em entender como determinados repertórios representacionais são mobilizados pelas reportagens sobre o episódio narrado, tendo em vista que se pretende explorar também as representações de juventudes negras em suas intersecções e vivências a partir do território onde vivem. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, que orienta o estudo, as postagens não são pensadas como expressões de um pensamento individual, mas como construções históricas e culturais coletivas que emolduram um pensamento possível nos contextos vividos pelas pessoas. Entende-se que o terreno da cultura seria, como argumenta Hall (2003, p. 255), “[...] uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas”.

As discussões que se seguem organizam, em chave analítica, os significados constituídos e mobilizados nessas reportagens, considerando os entendimentos de juventudes negras, violência e mídia.

## Juventudes negras, violência e invisibilidade: análises e discussões

Os excertos selecionados nesta seção conformam representações de um corpo marginalizado e socialmente inapto. Esse Sandro que se desenha no episódio do 174 é, nesta concepção, fruto de um não-lugar atribuído a esse corpo, um conjunto de narrativas que se somam. Para fins de contexto, cabe pontuar, no entanto, de onde esse corpo fala. Vale mencionar uma das falas de Yvonne Bezerra de Mello, personagem central nessa narrativa.

Figura 1: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

Durante o sequestro, por pelo menos duas vezes, Sandro chama por uma tal Ivone. Na verdade, a mulher a quem Sandro se referia tem a grafia bem diferente do convencional. A artista plástica Yvonne Bezerra de Mello, que tem um projeto social onde cuida de crianças traumatizadas pela violência, conhecia Sandro desde a Candelária.

“Eu fui muito importante na vida dos meninos da Candelária”, recorda Yvonne. Quando soube

Fonte: G1

Yvonne aponta: “Eu fui muito importante na vida dos meninos da Candelária”. Sandro era um desses meninos. Desde muito cedo, foi confrontado com as forças do Estado em momentos ímpares de sua vida e sempre alvejado negativamente por ela. Em um contexto necropolítico, esse é o *modus operandi* do tratamento dado ao corpo negro.

O conceito de necropolítica, segundo Mbembe (2018), analisa a maneira como o Estado decide “quem vive e quem morre”, com o objetivo de compreender a violência sistêmica e as desigualdades que têm, como base central, a noção de “raça”. Em sua obra, Mbembe destaca o contexto de violência racial e a macroestrutura de base racista, relacionando seu conceito de necropolítica com a leitura de Giorgio Agamben do *modus operandi* do Estado de exceção durante o Holocausto. Necropolítica é um daqueles conceitos que carregam uma potência própria e tornam possível perceber, reformular e articular as violências raciais sofridas por corpos negros, a partir de uma nova perspectiva.

Muitas obras já se debruçaram sobre o ocorrido na Candelária, no entanto, estar envolvido na-

quele massacre acabou por constituir em Sandro uma solidão ainda maior. Enquanto mantinha os reféns no ônibus, Sandro apontou o episódio:

Figura 2: Reportagem 6 - Sequestro do ônibus 174 faz 15 anos; testemunhas relembram drama

"Ai, parceiro: pode me filmar legal. Se liga só: eu estava na Candelária, o bagulho é sério, mataram os irmãozinhos na maior 'judaria'. Então eu não tenho mais nada a perder mais, não, irmão!", dizia Sandro Barbosa do Nascimento.

Fonte: G1

Nesse momento, "a morte dos irmãozinhos na maior judiaria" denota a dor de Sandro ao perder "tudo" que tinha. Morador de comunidade e sem apoio familiar após testemunhar a morte de sua mãe, Sandro entra para uma estatística constante nesses espaços. Conforme dados do Observatório de Favelas (2018), houve um aumento de 50% no número de crianças de 10 a 12 anos que entraram na rede do tráfico de drogas entre 2006 e 2018, um aumento de 13% (AGÊNCIA BRASIL EBC, 2018).

Em outro excerto, Yvonne retrata o apego que Sandro tinha aos seus:

Figura 3: Reportagem 3 - Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro

Durante o episódio, Sandro chamou, algumas vezes, pela Tia Yvonne. Ela conta que fica agoniada ao lembrar da história. "Muita agonia. Porque se eu tivesse ido talvez o desfecho tivesse sido completamente diferente. Mas eu estava do outro lado da cidade. Eu só soube do acontecido tarde da noite no jornal e aí já era tarde demais né. E ele chamou por mim sim porque eu era a única referência que ele teve durante muitos anos", disse.

Fonte: G1

A assistente social aponta: "Ele chamou por mim, sim, porque eu era a única referência que ele teve durante muitos anos". Esse lugar de referência, ocupado por Yvonne, teve muitos desvios na vida de Sandro – a mãe assassinada e os amigos assassinados, por exemplo. A linguagem conhecida por ele era a da morte. Sobre isso, Yvonne faz o seguinte apontamento:

Figura 4: Reportagem 5 - 'Existem mil novos Sandros por aí', diz Yvonne Bezerra sobre 15 anos do 174

A solução para evitá-las, segundo ela, seriam políticas sociais mais complexas e justas. "Você não pode criar crianças em uma área bélica, é impossível. Gente morta todos os dias faz com que, na cabeça delas, isso seja normal. Existem mil novos Sandros por aí, já estão nas ruas", ela diz.

Fonte: G1

A área bélica à qual Yvonne se refere faz alusão ao espaço ocupado por aqueles corpos. Em um ambiente necropolítico, o espaço adquire contornos importantes. Mbembe (2018) vai apontar as colônias como ambientes que representam um estado de "guerra sem fim" (2003, p. 132), respaldado pelos inimigos invisíveis do Estado, corporificados no contexto da guerra às drogas, os quais acabam por tomar forma final nos mais vitimados desse cenário de morte: os jovens negros. Conforme Silva e Campos (2020) pontuam,

[...] no caso das cidades brasileiras, as favelas e comunidades –, o Estado "pode matar em qualquer momento ou de qualquer maneira" (Mbembe, 2016, p.134), uma vez que, na perspectiva do necropoder, há uma inexistência de humanidade percebida nestes corpos. Como aponta Fanon (1991, p.39), "lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como". Para Mbembe (2016, p.133), são "zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado", são locais onde a violência do Estado tende a trabalhar "a serviço da civilização" (p. 272).

Sandro, por sua vez, é aquele inumano que habita um espaço de morte e, a partir dele, se constitui. Nesse sentido, a identidade forjada por esse corpo negro em suas vivências acaba por conferir-lhe meios para matar. Entende-se que, nessa lógica, o sequestro do ônibus 174 foi, em larga medida, consequência de um cenário de necropoder (MBEMBE, 2018). Sobre isso, Yvonne postula:

Figura 5: Reportagem 5 - 'Existem mil novos Sandros por aí', diz Yvonne Bezerra sobre 15 anos do 174

"Hoje tem meninos em todo o lugar. Segurança pública é depois: quando a pessoa está roubando. Antes de chegar na rua roubando, é um problema social", afirma. Na ocasião, uma amiga revelou ao G1 que ela fora ameaçada.

Fonte: G1

A fala da assistente social é carregada de vivências e confrontos. Antes de ser um bandido, criminoso ou assassino, Sandro assumira muitas outras facetas; fora filho, depois órfão; fora amigo, depois viu seus amigos morrerem. No Brasil, mais de 236 mil pessoas vivem nas ruas das cidades. O perfil dessa população é, majoritariamente, composto por homens (87%), adultos (55%) e negros (68%) (GOV,

2023). O entrave é que esses corpos passam a importar somente quando quebram a lógica do necropoder, como o caso de Sandro, que ganhou repercussão por seu ato de desespero. No entanto, existem mil novos Sandros por aí. Nessa perspectiva, os excertos mostram a trajetória de Sandro como mais um jovem negro no cenário necropolítico. A partir das trajetórias vivenciadas, assume-se que há desigualdade, por exemplo, nos espaços de circulação dos corpos e no modo como o Estado gerencia aquelas vidas.

Interessam-nos, nesta parte da discussão, as discursividades presentes nas reportagens que ensinam sobre o funcionamento do Estado necropolítico em relação ao corpo negro, tomando como base os excertos sobre o caso de Sandro. Em um dos excertos, uma breve biografia de Sandro é exposta no corpo do texto.

Figura 6: Reportagem 3 - Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro

Sandro tinha 21 anos, quando sequestrou o 174, foi abandonado pelo pai e aos oito anos viu a mãe ser assassinada a facadas. Depois disso, passou a viver nas ruas. Aos 13 anos, sobreviveu à chacina da candelária e aos 14 se envolveu com traficantes. Até os 17 anos, teve várias passagens por instituições de menores infratores, por roubos e furtos. Aos 21, foi condenado a 3,5 anos de prisão por assalto a mão armada. Sandro era foragido da justiça quando embarcou no ônibus.

Fonte: G1

Em um cenário necropolítico, a jornada de Sandro desenha-se como uma narrativa comum. Sua vida é permeada pela carência de políticas públicas e direcionada precocemente à repressão. Aos 21 anos, já havia enfrentado situações que moldaram seu modo de vida, experimentando uma juventude marcada pelo desalento e um arraigado condicionamento ao abandono.

Na contemporaneidade, como é destacado por Novaes (2021), o uso do termo “juventudes”, no plural, busca reconhecer as diversas diferenças culturais e desigualdades sociais presentes em uma sociedade caracterizada por amplas distâncias sociais. A vivência da condição jovem é desigual, variando conforme a origem social, os níveis de renda e as disparidades socioeconômicas. Segundo Lima e Paz (2021), as experiências de pobreza, uma condição crônica imposta à existência negra, que incluem exposição contínua ao perigo, ameaças, violência,

humilhações e mortes desde a infância, estão fortemente associadas ao adoecimento físico e psíquico na população negra. O cenário descrito é caracterizado por ataques que buscam aniquilar a existência negra (LIMA; PAZ, 2021).

O jovem considerado “violento”, responsável pelo sequestro do ônibus 174, que provocou uma comoção internacional, já tinha seu destino traçado e estava ciente disso. Em um dos excertos, uma sobrevivente indica que Sandro tinha plena consciência de que não sairia vivo do ônibus. Nos escritos de Bertolt Brecht, surge uma reflexão sobre a morte e a sociedade:

Há muitas maneiras de matar uma pessoa. Cravando um punhal, tirando o pão, não tratando a sua doença, condenando à miséria, fazendo trabalhar até arrebentar, impelindo ao suicídio, enviando para a guerra, etc. Só a primeira é proibida por nosso Estado (BERTOLT BRECHT, s/d).

A morte, dentro do contexto do necropoder, independentemente de sua natureza, está sempre carregada de violência ou crueldade. Ela representa a imagem de uma vida formada à margem (FLOR DO NASCIMENTO, 2020), percebida na sociedade como descartável, como argumenta Mbembe (2018). Naquele cenário e para o momento atual, Sandro era considerado um corpo passível de ser morto (MBEMBE, 2018), uma disrupção no mundo branco. Carvalho (2019) afirma:

Inventado como um jazigo, um símbolo da morte, além de serem comercializados na modernidade, os jovens “negros” são concebidos como seres sem humanidade (CARVALHO apud MBEMBE, 2014), portanto, são construídos como violentos. Carregam o estigma do qual foi construído socialmente como *classe perigosa* e como *suspeitos* (p. 67 *grifos* da autora).

Para Sandro, a morte ou o suicídio assumiu a forma de sua última tentativa de desvincular-se desse “lugar de outridade” (KILOMBA, 2019, p.188). No entanto, esse também era o plano dos policiais presentes. Nos minutos finais do sequestro, um dos membros da corporação atirou em Sandro,



resultando na morte da refém, Geísa. As palavras do comandante oferecem alguns indícios:

Figura 7: Reportagem 3 - Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro

"Não [deu a ordem para atirar]. Ele se levanta, progride em direção ao Sandro. Ele tomou aquela iniciativa. Na verdade ele erra o tiro. Se ele acerta o tiro, hoje talvez fosse herói, né? Mas ele erra aquele tiro e dá oportunidade de o Sandro assassinar a Geísa", contou.

Fonte: G1

Aquele corpo, tido como desordeiro e indisciplinado, parecia demandar uma contenção final por meio dos aparatos do Estado, como abordado por Foucault (1999). Contudo, a possibilidade de um ato heroico do atirador evidencia como o racismo orienta as formas de morte na população negra. O destino desse corpo negro indisciplinado é o caixão. O ódio fundamentado na cor negra a essa comunidade a concessão de dignidade e justiça social, transformando suas vidas em simples mecanismos de controle e subjugação (BRITO, 2018).

Esse ponto destaca uma contradição no objetivo publicizado socialmente no que tange ao policial, uma vez que seu principal dever deveria ser proteger os cidadãos e prevenir atos ilícitos contra eles. Entretanto, na prática, a polícia, muitas vezes, atua não como um agente preventivo, e sim como um agente provocador, como evidenciado no excerto que descreve o resultado do sufocamento de Sandro dentro do camburão da PM.

Figura 8: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

Sobre a morte de Sandro do Nascimento, Yvone, Luiz Eduardo e Rodrigo concordam.

"Baseado no entendimento do tribunal do júri, que absolveu os policiais, a quase totalidade da sociedade carioca queria estar naquela viatura do Bope, enforcando Sandro do Nascimento", observa Pimentel. "Essa execução extrajudicial exprime a vontade do povo, que clamava por vingança. O policial apertou o pescoço do rapaz com a energia da massa, que queria o linchamento", acrescenta Soares. "Foi um assassinato respaldado por toda a sociedade", finaliza Yvonne.

Fonte: G1

O assassinato, respaldado por toda a sociedade, conforme destacado por Yvonne, reflete um povo que desiste. O grupo de *rapper* Rappa, em sua música homônima de 1994, expressa em versos que "todo camburão tem um pouco de navio negreiro". No tecido social, ao final das contas, segundo Gomes (2013) e Rocha (2013), o futuro dos jovens em situa-

ções semelhantes é marcado pelo encontro dos dois "C" (Cadeia ou Cemitério).

Os trechos apresentados alimentam a discussão sobre a banalização da morte quando se trata de um corpo negro, um corpo socialmente identificado como matável (MBEMBE, 2018). É um corpo sujeito, cotidianamente, às políticas de morte e desprovido do direito de responder pelos crimes, porventura cometidos, de acordo com os preceitos do Código Penal.

Outro tensionamento a ser considerado em nossas análises diz respeito ao papel ocupado pela mídia durante a cobertura jornalística do sequestro do ônibus 174, impactando direta e indiretamente na forma pela qual os fatos passaram a ser fabricados e produzindo significados que os tornaram marcantes. Tal concepção estaria atrelada aos entendimentos de Kellner (2006), inspirado nas teorizações de Debord, ao referir-se à "espetacularização da realidade", refletindo sobre "como os espetáculos são produzidos, construídos e divulgados" (p. 122). Nessa linha de entendimento, a mídia dá visibilidade a "ocorrências de violência" ao inseri-las nas pautas de seus editoriais, noticiários ou programações, ampliando sua audiência. Rodrigo, ex-capitão do Bope, destaca ter sido aquela ocorrência no Rio de Janeiro uma das mais midiáticas de que tinha lembrança. Ele diz:

Figura 9: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

"Foi uma das ocorrências de violência no Rio de Janeiro mais midiáticas que me lembro", comenta o ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais (Bope), da Polícia Militar, Rodrigo Pimentel. Na época, nos bares da cidade, nas vitrinas de lojas de eletrodomésticos, onde havia uma TV, tinha um grupo de pessoas que pararam para assistir ao sequestro, em tempo real.

Fonte: G1

A cobertura dos acontecimentos "em tempo real" teria ganhado transmissões em rede nacional e internacional. O caso, amplamente noticiado pela mídia, foi relatado com atualização quase instantânea de informações. As imagens mostravam inúmeros policiais fortemente armados e com equipamentos de proteção fazendo cerco ao ônibus e às imediações. Ruas foram obstruídas com sinalizações de desvio para manter o local isolado. Repórteres

de diferentes emissoras transmitiam chamadas com imagens que ilustravam a tensão entre policiais, reféns e o sequestrador, em um dos mais intensos espetáculos do jornalismo brasileiro nos anos 2000. A repórter Vanessa retoma algumas lembranças desse dia:

Figura 10: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

Na época do crime, a repórter Vanessa Riche, que trabalhava para o canal a cabo GloboNews, tinha um ano de formada. “Eu saí para fazer uma reportagem sobre um evento de moda, no Riocentro (Zona Oeste). Mas minha chefe pediu para ‘passar rapidinho’ no Jardim Botânico, eu devia apurar um assalto a ônibus”, conta ela. O “rapidinho” se transformou em quase quatro horas de cobertura, transmitida ao vivo, para todo o Brasil. “Assim que cheguei, me contaram que eram dois ladrões. Mas eu só vi o Sandro, dentro do ônibus, com os reféns”, recorda Vanessa.

Fonte: G1

Na medida em que o “passar rapidinho” para conferir e noticiar os fatos se tornou quatro horas de cobertura ao vivo, há indícios de que a informação jornalística por si só não basta. Observa-se o forte envolvimento do espectador em um evento que alcançou grandes patamares de repercussão. Para isso, somaram-se imagens e interpretações excessivamente repetidas e exploradas, levando à conclusão de que, para ganhar a audiência, tudo se justificava: a transformação de heróis em anti-heróis, de vítimas em agressores e novamente em vítimas. Para Carvalho *et al.* (2012), “não se pode negar que os impactos sociais que ela [a mídia] causa podem originar a banalização do tema, ao explorar atos violentos a partir de imagens e sentidos de conflitos sociais” (p. 347). Ao refletir sobre a notoriedade que o episódio ganhou em face das repercussões na mídia, falas da repórter Vanessa indicam que

Figura 11: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

O sequestro ganhou repercussão internacional. A rede americana de jornalismo CNN transmitiu as imagens para TVs a cabo de todo o mundo. “Para mim, ninguém estava vendo”, revela Vanessa. “Eu acreditava ser uma notícia muito local”, acrescenta. A repórter diz que só teve uma real dimensão da cobertura quando o jornalista Sidney Rezende, âncora da Globo News, chegou ao local do sequestro. “Ele me disse: ‘Vanessa, você não faz ideia da repercussão’”, conta ela.

Fonte: G1

Encaminhando-nos para o encerramento desta seção, consideramos ser relevante apontar que a mídia não é única e exclusivamente responsável pela produção e constituição da violência, bem como de situações que envolvem e fazem repercutir atos violentos. No entanto, cabe considerar que ela cumpre

um papel relevante, explorando ao extremo os fatos e acontecimentos violentos, ampliando sua importância e divulgação e, por vezes, envolvendo-os em certa espetacularização. Com isso, buscamos argumentar, aqui, que a mídia assume conotações que englobam saberes, ao passo que instituem ditos demarcando o que se diz, como se diz e sobre quem se diz, tal como observou Fischer (2007), “formas de inscrever-nos no social, de escrever, de falar, de pensar o mundo e a nós mesmos” (p. 291).

### Algumas palavras finais

Neste artigo, exploramos a construção do corpo negro como uma espécie de não-ser, tomando como base as nuances que envolveram Sandro Nascimento, no episódio do ônibus 174 no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 2000, apontando possibilidades de pensar a constituição das juventudes negras como um corpo matável, algo que se constrói desde cedo e se perpetua no imaginário social. Através da lente do conceito de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe, destacamos como o Estado, por meio de suas políticas e práticas, delibera sobre a vida e a morte, situando corpos negros no epicentro da violência estrutural. A trajetória de Sandro emerge como um relato marcado por experiências precoces com a violência estatal, carência de apoio e uma busca por conexões significativas em meio à hostilidade dos ambientes em que vai se situando ao longo da vida. Ao proferir expressões como: “eu não tenho nada a perder mais, não”, “vou matar, paga para ver”, e ainda, “da mesma forma que vocês são perversos, também não sou de bobeira, não, tá ligado”, o jovem Sandro parece estar dando respostas às negações do Estado sofridas por ele ao longo de sua história. Não estamos querendo pontuar, com isso, que os atos cometidos por Sandro estão corretos, nem que se justificam, mas não podemos deixar de levar em consideração que, em certa medida, refletem parte das lacunas e ausências vivenciadas por uma grande parcela de jovens negros periféricos, naturalizando situações de privações a que estão expostos desde cedo.

A análise aponta uma sociedade que respal-

da a morte do outro-negro como algo banal, fazendo girar o ciclo de racismo estrutural e de violência policial que acometem, rotineiramente, esses corpos. A compreensão desses fenômenos destaca a urgência de uma reflexão coletiva sobre a responsabilidade da sociedade na manutenção de narrativas de morte – incluindo enfrentar as raízes que alimentam a perpetuação das desigualdades também nos processos midiáticos. É pertinente destacar, ainda, as dimensões do texto no que tange às análises já efetuadas sobre o episódio do ônibus 174, uma vez que, sob as lentes teóricas dos Estudos Culturais, conseguimos dar outros passos na direção de tematizar a violência presente nesse caso, olhando para os textos jornalísticos postados no portal de notícias de uma forma ainda não colocada no meio acadêmico e produzindo novas subjetividades.

Por fim, quanto às produções na e pela mídia, cabe salientar que, na argumentação que assumimos aqui, as narrativas contidas nos textos jornalísticos do Portal G1 são concebidas como manifestações culturais produtivas que inventam identidades e regulam, coordenam e governam práticas, por exemplo. Nessa linha de entendimento – abordagens sob a ótica das perspectivas pós-modernas, alinhadas com o que se tem denominado de *virada linguística e virada cultural* (HALL, 1997) –, os textos culturais, como esses analisados, são tomados como discursos que não apenas descrevem ou falam sobre as coisas, mas que, ao fazê-lo, também instituem as próprias coisas. Dito isso, entendemos que as produções *na e pela* mídia acerca do episódio analisado, sejam elas verbais ou imagéticas, revelam uma mescla de pobreza, violência, abandono, fome, friagem, criminalidade, violência policial e falta de reconhecimento a que os muitos Sandros que andam por aí estão submetidos.

## Referências

AGÊNCIA BRASIL EBC. Aumenta a entrada de crianças na rede de tráfico de drogas no Rio. 31 jul. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2018-07/aumenta-entrada-de-criancas-na-rede-de-trafico-de-drogas-no-rio>. Acesso em:

25 de jan. de 2024.

bell hooks. **Olhares Negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

BHABHA, H. J. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BRITO, A. de. **Racismo determina quem vai viver ou morrer na nossa sociedade**, diz pesquisadora. Correio. 2018. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/racismo-determina-quem-vai-viver-ou-morrerna-nossa-sociedade-diz-pesquisadora/>. Acesso em de 06 jan. de 2024.

BUENO, C.W. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

CAMOZZATO, V.; COSTA, M. V. Vontade de pedagogia—pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**, 44, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/2737>. Acesso em 10 de dez. de 2023.

CAMPOS, D. M. de; SILVA, H. F. da. #ProcuraseJoãoPedro: A mobilização no Twitter contra a necropolítica. **Ecopós. Perspectivas.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 266-294, 2020. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27973/15334](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27973/15334). Acesso em: 15 de dez. de 2023.

CARVALHO, D. W.; FREIRE, M. T.; VILAR, G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. **Rev Panam Salud Publica**. v 31(5), 2012. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2012.v31n5/435-438/pt>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

CARVALHO, S. C. de S. A juventude “negra” como bode expiatório. **Argumentum**, v. 11, n. 2, p. 62-75, 31 ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18315/argumentum.v11i2.23966>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira De Educação**, (23), 36–61, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

CRUZ, F.; GARCIA, E. de F. O caso do ônibus 174: um estudo de recepção. **Atuará Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 4, n.3, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/12485>. Acesso em: 12 de dez. de 2023.

- DE OLIVEIRA, J.; DE OLIVEIRA, R.; ARRAIS, J. Racismo estrutural midiático no Brasil: o corpo negro e as imagens online que condenam, matam e discriminam. **Anais XV ENECULT – encontro de estudos multidisciplinares em cultura** - Salvador, 3 ago. 2019. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112048.pdf>. Acesso em: 02 de jan. de 2024.
- DESCHAMPS, C. B. **Educação, Cinema e Pedagogias Culturais**. In: Anais 2017. Disponível em: [https://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495676436\\_ARQUIVO\\_Carina-BDeschamps\\_Trabalho-7SBECE.pdf](https://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495676436_ARQUIVO_Carina-BDeschamps_Trabalho-7SBECE.pdf). Acesso em: 14 de nov. de 2023.
- FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 35 maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/C35fNMQLPQR-LKdSrwn54pxt/?format=pdf> Acesso em: 10 de jan. de 2024.
- FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**. V.22, n.2., 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 05 de jan. de 2024.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GLOBO. Princípios Editoriais do Grupo Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- GOMES, F. B. “Cenas embaçadas”: a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.
- GOV. MDHC **lança relatório sobre pessoas em situação de rua no Brasil; estudo indica que 1 em cada mil brasileiros não tem moradia**. 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/setembro/mdhc-lanca-relatorio-sobre-pessoas-em-situacao-de-rua-no-brasil-estudo-indica-que-1-em-cada-mil-brasileiros-nao-tem-moradia>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016.
- HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 26 de jan. de 2024.
- HERSCOVITZ, H. G. **Características dos portais brasileiros de notícias**. Brazilian Journalism Research: journalism theory, research and criticism, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 102-126, jun. 2009. Disponível em: <https://goo.gl/HG3cCw>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KELLNER, D. Beavis e Butt-Head: Sem futuro para a juventude pós-moderna. In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Org.). **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 133-159.
- KILOMBA, G. **Descolonizando o conhecimento – Uma Palestra-Performance**. Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, v. 6, n. 03, 2016.
- KOSTULSKI, C. A.; RODRIGUES, P. M.; PARABONI, P.; ARPIN, D. M. Adolescência, violência e invisibilidade social: uma revisão crítica a partir da história de Sandro. **Revista Sociais & Humanas – Vol. 32 / Nº 3 – 2019**. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/288302940#related-papers>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.
- LIMA, L.; PAZ, F. P. C. A morte como horizonte? **Teoria e Cultura**, v. 16, n. 1, p. 95-109, 5 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2318-101x.2021.v16.30795>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- NARDELLI, R. Ônibus 174: um sequestro, várias visões. **Univ. Hum.**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 107-129, jan./jun. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/PC/Downloads/1558-8340-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/1558-8340-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 10 de dez. de 2023.
- NASCIMENTO FLOR DO, W. Da necropolítica a ikupolítica. **Revista Cult**. Publicação: 27.01.2020. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home-da-necropolitica-a-ikupolitica>. Acesso em: 06 de jan. de 2024.
- NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**, São Paulo, 2007.
- PEREIRA, C. M. O corpo político do rap: espaço

## A Maré Vive: Da censura à reinvenção do fazer comunicação comunitária favelada

Gizele Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo trazer um pouco da censura sofrida por um grupo de comunicadores comunitários da Maré durante o ano de 2014. Em 2024, completam-se dez anos que o exército se instalou na Maré, onde permaneceram por um ano e cinco meses (2014 a 2015). Naquela época, um grupo de comunicadores e comunicadoras comunitárias criou uma página no Facebook intitulada de Maré Vive. Esta página, em menos de uma semana, teve grande repercussão, chegando a quase um milhão de visualizações. Por causa da grande repercussão, alguns comunicadores sofreram censura, outros foram expulsos da favela, além de terem a página clonada. Durante esses anos, depois de terem sofrido inúmeras perseguições, eles buscaram outras formas de continuarem os seus devidos trabalhos internamente na Maré. Dez anos depois, em meio a um outro momento de grande ataque à democracia e a uma emergência sanitária, os mesmos comunicadores se reinventaram e se desafiaram mais uma vez se colocando na linha de frente e organizaram um grande movimento de combate à *fake news* e de distribuição de alimentos em meio a pandemia da Covid-19. Os dois movimentos (em anos diferentes) mostram que os comunicadores são parte importante de mobilização, denúncia, além de buscarem uma autoproteção comunitária em territórios que sofrem constantes com a militarização e violações de direitos, e independente de marcos históricos.

**Palavras-chave:** Favela da Maré, militarização, comunicação comunitária

### The Maré lives: from censorship to reinvention of the communication labor of favela's community

**Abstract:** This article aims to bring some of the censorship suffered by a group of community communicators from Maré during the year 2014. In 2024, it will be ten years since the army settled in Maré, where they remained for one year and five months (2014 to 2015). At that time, a group of community communicators created a Facebook page called Maré Vive. This page, in less than a week, had a huge impact, reaching almost one million views. Due to the great repercussion, some communicators suffered censorship, others were expelled from the favela, in addition to having their page cloned. During these years, after having suffered countless persecutions, they sought other ways to continue their work internally in Maré. Ten years later, in the midst of another moment of great attack on democracy and a health emergency, the same communicators reinvented themselves and challenged themselves once again by placing themselves on the front line and organized a large movement to combat fake news and food distribution amid the Covid-19 pandemic. The two movements (in different years) show that communicators are an important part of mobilization, denunciation, in addition to seeking community self-protection in territories that constantly suffer from militarization and rights violations, and regardless of historical landmarks.

**Keywords:** Favela da Maré, militarization, community communication

### Introdução

Há dez anos, em 2014, o exército brasileiro se instalou no Conjunto de Favelas da Maré e permaneceu durante um ano e cinco meses, de fevereiro de 2014 a abril de 2015. Nesta época, toda a favela da Maré viveu sob o regime de Garantia da Lei e Ordem (GLO)<sup>2</sup>, lei que havia sido utilizada no período da ditadura militar no Brasil. Neste período que o exército esteve nas 16 favelas que integram a Maré, as

<sup>1</sup> Comunicadora Comunitária, Jornalista (PUC-RIO), Mestra em Periferias Urbanas (UERJ), Doutoranda pela ECO-UFRJ, integra os grupos de pesquisa: Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) e o Dicionário Marielle Franco. É autora do livro: Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na Favela da Maré. Integra a Coalizão de Mídias Periféricas, Faveladas, Quilombolas e Indígenas. No momento, assina em co-autoria com Juliana Farias e Natasha Neri, o roteiro e argumento do documentário “Cheiro de Diesel”.

<sup>2</sup> Entenda o que é a GLO: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/11/entenda-o-que-e-a-glo-garantia-da-lei-e-da-ordem.shtml>

ruas se encheram de tanques de guerra, drones e jipes. Além disso, eram crescentes as violações de direitos humanos cometidos por soldados, como: invasões às casas dos moradores, nas escolas, nos postos de saúde, nas organizações sociais e mídias comunitárias etc. Sem contar as revistas constantes, tiros, proibição das ações culturais de rua e tantas outras violações de direitos que passaram a ser cotidianas neste período.

Uma semana antes do exército se instalar na Maré, os moradores já sabiam que a favela sofreria com inúmeras violações. Pois historicamente, desde o seu surgimento, as favelas carregam as marcas da violação cotidiana e da militarização da vida. Sendo muitas destas violações ocasionadas pelos que governam à nível municipal, estadual e nacional. Para denunciar tais violações, comunicadores comunitários da Maré se organizaram e lançaram uma página no *Facebook* intitulada de *Maré Vive*. A página foi lançada nas vésperas da entrada do exército e em menos de uma semana, ganhou grande repercussão entre os moradores chegando a mais de um milhão de visualizações, jornalistas e autoridades públicas do Rio de Janeiro e de nível nacional e até internacional. Devido à grande repercussão da página e dos conteúdos de denúncias divulgados pelos comunicadores, “os integrantes desta página sofreram repressão, censura e ameaças durante todo o período em que o exército esteve na Maré e até depois da saída das tropas federais”<sup>3</sup>. (MARTINS, 2018)

Em 2024, dez anos depois da sua criação, a página do *Maré Vive* no *Facebook* conta 172 mil seguidores, no *Instagram* tem 77, 2 mil e no *Twitter* 24,5 mil seguidores, ou seja, ela continua sendo um dos principais e mais importantes canais de comunicação de dentro para dentro da Maré,

mas também da Maré para fora da favela. Ou seja, continua sendo uma voz ativa de divulgação e de repúdio às constantes violências policiais e de tantas outras violações de direitos que ocorrem no dia a dia dentro de toda a Maré. Ela é uma página também de divulgação do cotidiano e da cultura mareense<sup>4</sup>.

Utilizando a metodologia autoetnográfica, já que na época fui parte integrante do surgimento do *Maré Vive*, além de eu ser cria da favela da Maré, sou comunicadora no local há mais de 20 anos, além de jornalista e pesquisadora da área, me desafio aqui nesse trabalho a transcrever um pouco de como foi aquele processo de censura aos comunicadores do *Maré Vive* durante os anos de 2014 e 2015. Conto aqui como a página naquela época serviu para ser um dos mais importantes canais de transmissão das violações ocasionadas diariamente pelo exército brasileiro.

Nos parágrafos seguintes, trago também como os mesmos comunicadores comunitários que fizeram nascer o *Maré Vive* dez anos atrás, continuaram sua atuação mesmo com tantas ameaças, tentativa de derrubada de páginas e até uma página intitulada de *Maré não Vive* foi criada por pessoas desconhecidas para expor os comunicadores do *Maré Vive*.

Além disso, falo também como estes mesmos comunicadores passaram a criar alternativas para trabalhar outras emergências internas e de necessidades da favela. Afinal, parte dos comunicadores que criaram o *Maré Vive*, criaram em 2016, o Coletivo *Maré 0800*<sup>5</sup> e a Frente de Mobilização da Maré<sup>6</sup>, em 2020. São canais de comunicação que têm propostas diferentes, mas com características de atuação que colocam em xeque a constante ausência da garantia de direitos dos governantes

3 Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na Favela da Maré

4 Uma das nossas principais atuações é no fortalecimento da identidade local. O termo mareense foi inventado pelo jornal na ideia de fazer com que os moradores se afirmassem como parte da favela. Nossas fontes e personagens são, em sua grande maioria, moradores da favela, e nos concentramos em cobrir eventos dentro da Maré ou que envolvem mareenses de destaque: <https://jornalocidadao.net/sobre/>

5 *Maré 0800* é um coletivo localizado no [Complexo da Maré](#), Rio de Janeiro, cujo objetivo é arrecadar vestimentas, alimentos e outros produtos para moradores em situação de necessidade, além de possibilitar trocas de experiência entre favela e asfalto: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9\\_0800\\_\(coletivo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9_0800_(coletivo))

6 A Frente de Mobilização da Maré é um coletivo que tinha como objetivo inicial fomentar ações de comunicação que levassem o máximo de informações sobre sintomas, medidas de prevenção, cuidados acerca COVID-19, saúde, higiene e proteção, para as favelas e periferias de todas

na favela, à nível local e nacional.

Para aprofundar teoricamente o debate sobre comunicação comunitária, trago o conceito de “comunidade gerativa”. O conceito de comunidade gerativa surgiu nos últimos anos no Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC)<sup>7</sup> e alertou-nos para o caráter operativo que o conceito possibilita em oposição a uma ideia de “comunidade negativa”, imaginada por uma linha-gem de autores ao longo da história do conceito de comunidade (Paiva; Malerba; Custódio, 2013) que trabalha a ideia da auto organização comunitária a partir da não garantia de direitos e da busca de resoluções que tem como direção o bem comum que podem ser executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos. Para Paiva, a comunicação comunitária traz a marca do entendimento da comunicação em sua essência transformadora, que para se tornar operativa enseja o entendimento de procedimentos básicos que vão desde a produção das narrativas bem como o acesso aos meios de produção das mensagens. É a esse conjunto operativo metodologicamente determinado que se nomeou por comunidade gerativa. (Paiva; Martins, 2022).

Aciono também teorias desenvolvidas por Peruzzo (1998) ao trabalhar movimentos sociais, comunicação e organização comunitária em iniciativas de intervenção local para redução das desigualdades. O diálogo com essas teorias, por um lado, permite refletir sobre práticas de comunicação que usam linguagens e vocabulários locais (como gírias e palavras de conhecimento popular) e dialogam com os moradores das mais diversas idades e perfis. Por outro lado, permite também pensar sobre uso da comunicação para mobilização comunitária e de repúdio à falta de cidadania e dentro de um contexto de histórica ausência de direitos nas favelas cariocas.

## A criação do Conjunto de Favelas da Maré

Antes de aprofundar sobre a criação da página *Maré Vive* e a censura sofrida pelo grupo que fez surgir o meio comunitário digital, trago na primeira parte do presente artigo uma breve apresentação sobre o que é o Conjunto de Favelas da Maré. Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro<sup>8</sup>, com aproximadamente 130 mil moradores, de acordo com informações do censo de 2010, espalhados pelas 16 favelas (Censo Maré 2000), o Conjunto inclui: Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Vila do João, ‘Salsa e Merengue’, Marcílio Dias, Roquete Pinto, Praia de Ramos, Bento Ribeiro Dantas e Mandacaru<sup>9</sup>.

A Maré surgiu na virada dos anos de 1930 para 1940 e é cortada pelas três principais vias de acesso ao Rio: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela. Os primeiros moradores vieram do nordeste do país para a construção da Avenida Brasil e formaram suas casas na beira da avenida. Aos poucos foram construindo suas palafitas, foram aterrando e fazendo nascer essas 16 favelas que compõem todo o conjunto hoje.

A construção da Avenida Brasil é fundamental, portanto, para compreender a Maré, a maneira que ela evoluiu e a forma que aparece no mapa atualmente. Isso não apenas indica uma das suas fronteiras geográficas, mas mais importante, foi a principal razão para as pessoas se estabelecerem na vizinhança, e forneceu meios para as pessoas conseguirem materiais de construção para construir suas casas. A Avenida Brasil simbolizava trabalho e progresso. Mesmo hoje, a Avenida Brasil conecta muitos trabalhadores e estudantes da Maré aos seus trabalhos e universidades na Zona Sul ou Centro. A via expressa está sempre presente na vida dos mo-

as regiões do Brasil. A Frente Maré continua lutando contra a Covid e a fome. Em dois anos, atenderam mais de 4.500 famílias com cestas básicas, impactando mais de 16 mil pessoas: <https://www.fundacao1bi.com.br/frente-de-mobilizacao-da-mar>

<sup>7</sup> Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<sup>8</sup> O bairro da Maré<sup>[1]</sup>, criado em 1994, compreende um conjunto de 17 comunidades onde moram cerca de 140 mil pessoas. A região margeia a Baía de Guanabara e está localizada entre importantes vias rodoviárias que cortam a cidade do Rio de Janeiro: Avenida Brasil, Linha Vermelha, Linha Amarela e Transcarioca: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo\\_da\\_Mar%C3%A9](https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_da_Mar%C3%A9)

<sup>9</sup> Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=23997>

radores das 16 favelas que compõem a Maré e que nasceram em momentos distintos. Cada uma delas carrega culturas e têm perfis, populações e costumes completamente diferentes umas das outras.

A Maré é, atualmente, o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro e foi oficialmente reconhecida como bairro em 1994. Apesar desses 130 mil indivíduos possuírem histórias e perspectivas únicas, o presidente do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré) Lourenço Cesar da Silva afirma: “há algo de universal nessa história que perpassa todas as comunidades da Maré”<sup>10</sup>. Todas essas favelas são marcadas por um forte histórico de organização interna dos próprios moradores: dentro da Maré há pré-vestibulares comunitários, históricas mídias comunitárias, assembleias em praças públicas para a chegada da caixa d’água, iluminação, saneamento básico, dentre diversos outros tipos de organização comunitária para a busca de cidadania local<sup>11</sup>.

Na Maré há uma intensa cultura local. Um exemplo disso é que o primeiro museu comunitário organizado e inaugurado em uma favela no mundo é o Museu da Maré. Ele foi criado pelo CEASM junto com os moradores locais e conta a história cronológica da Maré. Ele nasce fruto de um esforço comunitário, coletivo, assim como o pré-vestibular comunitário (CPV-Maré), também do CEASM – existente há mais de 20 anos na localidade – assim como inúmeras mídias comunitárias – como o Jornal O Cidadão da Maré, a TV Maré e a Rádio Maré.

### **A comunicação comunitária de denúncia: Censura, clonagem e expulsão dos comunicadores**

A página de Facebook *Maré Vive* nasceu em 2014 e logo se tornou conhecida por relatar

cotidianamente casos de violações de direitos ocasionados pelo exército brasileiro. A página foi lançada para ser um canal de denúncia dos moradores durante a invasão do exército na Maré. Junto à página, em abril de 2014, dia da invasão do exército e das Forças Nacionais e do Choque, uma rádio livre foi colocada no ar pelos mesmos comunicadores comunitários que organizaram a página. A rádio livre só funcionou por um único dia.

Naquela época em que a plataforma de rede social *Facebook* estava em alta, lembro que houve uma “febre” de novas páginas semelhantes surgindo em diferentes outras favelas depois da criação do *Maré Vive*, assim como o Coletivo Papo Reto na Favela do Alemão, o Fala Akari da Favela de Acari, dentre outras, todas elas localizadas na Zona Norte do Rio de Janeiro. Muitas destas páginas nasciam para produção e veiculação de conteúdos no mesmo tom de denúncia de violações de direitos humanos, pois os diferentes comunicadores comunitários favelados entenderam que essas páginas poderiam funcionar como uma forma de divulgação rápida de conteúdo e que conseguissem atingir públicos de dentro e fora da favela com agilidade. Lembrando ainda que era época de instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em aproximadamente 50 favelas cariocas. Ou seja, era época de grandes mexidas nas favelas cariocas, algumas com polícias, outras com exércitos e essas páginas se tornaram grandes ferramentas de denúncias naquele momento.

No mesmo dia em que o *Maré Vive* foi ao ar, no dia 05 de abril de 2014, um blog intitulado de *Maré Vive*<sup>12</sup> foi lançado, mas apenas um texto foi publicado nele, é o manifesto feito por moradores locais denunciando os nomes dos partidos e autoridades públicas envolvidas na instalação da GLO na Maré. Segue trecho do manifesto:

“Estamos muito preocupados com a nossa vida e com

10 Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=23997>

11 Favela da Maré: a comunicação comunitária como geradora de mudança social: [https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler\\_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social](https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social)

12 Manifesto: Manifesto contra a invasão militar nas favelas da Maré: Expressamos publicamente o nosso total repúdio à “ocupação” militar nas favelas da Maré. <https://marevive.wordpress.com/>

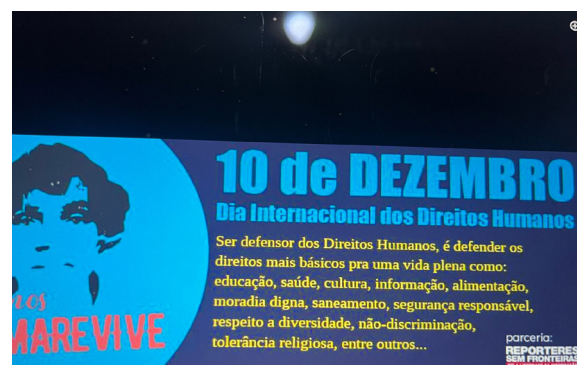


a vida de todas e todos que moram no Conjunto de Favelas da Maré. Nos preocupamos também com todos os outros favelados e faveladas que sofrem com a crescente onda de militarização e ataque direto de um Estado cada vez mais armado para agir contra estes que desde sempre tem que lutar para garantir o seu lugar na cidade. É visível que quem usa tanques de guerra contra a sua própria população não busca diálogo, ainda menos participação e tampouco está preocupado com os nossos direitos. O tanque apontado para nós é uma violação mais do que somente de direitos, é uma violação a qualquer ideia de Estado democrático de direito. A ocupação militar nem começou e o projeto já faliu pelo que é: mais um ataque brutal militar contra territórios populares urbanos”.<sup>13</sup>

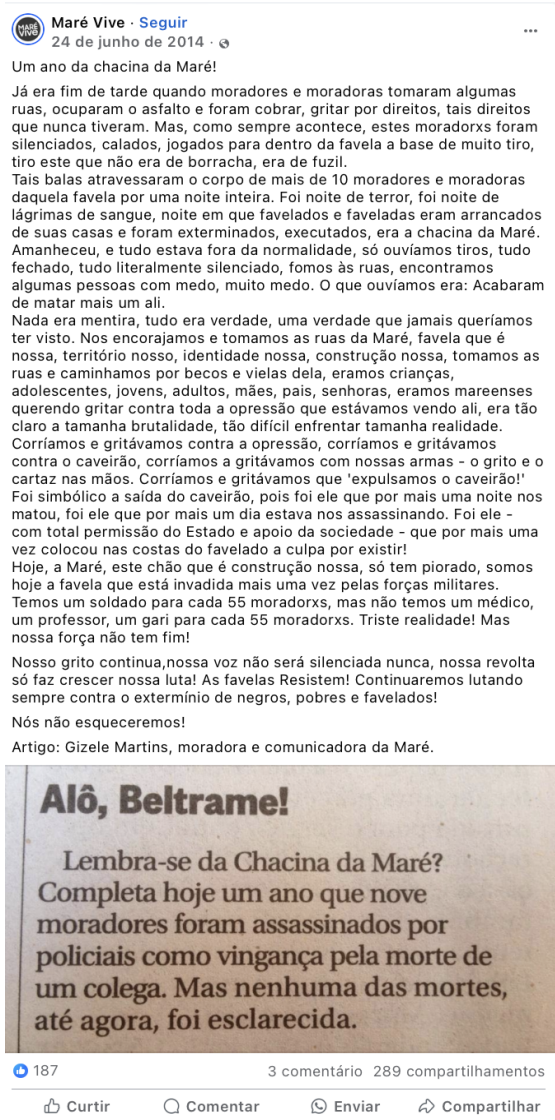
Para além de noticiar o dia a dia no *Facebook*, eram publicados textos reflexivos sobre a situação de empobrecimento da favela, questionamentos sobre as desigualdades da cidade, sobre a falta de políticas públicas e o aumento de policiais na favela. A página trazia para a memória dos moradores, acontecimentos cotidianos, além de trazer memórias sobre períodos marcantes, assim como a chacina da Maré que ocorreu em 24 junho de 2013. Neste dia, ao todo 13 pessoas foram assassinadas a facadas e tiros. Na ocasião, os moradores locais ocuparam as ruas da favela e expulsaram o caveirão que circulava pelas ruas de toda a favela da Maré, como mostra o print abaixo:



]



13 Manifesto Maré Vive: <https://marevive.wordpress.com/>



Lembro do primeiro dia da invasão do exército na Maré, nos dividimos dentro da favela para cobrir as violações e noticiamos ao vivo na página e na rádio *online*: as invasões nas casas; as crianças presas; os tiroteios; os assassinatos; a chegada dos tanques de guerra; os policiais civis nos filmando, dentre diversos outros tipos de violações de direitos que ocorreram naquele dia. Cada um destes conteúdos avaliávamos e organizávamos as publicações.

Naldinho Lourenço (2018), comunicador comunitário, fotógrafo e morador da Maré e um dos integrantes do Maré Vive, disse que a repercussão e o tom de denúncia deste canal de comunicação fez surgir as ameaças constantes: “A pági-

na hoje tem grande alcance na favela, são mais de 100 mil pessoas que a seguem. Ela é administrada por um pequeno grupo de moradores. Então, assim, a gente começou a fazer, a causar efeito até em alguns departamentos do Estado, o que causou ameaças a gente”<sup>14</sup>. Com o passar do tempo, os próprios moradores que não eram comunicadores, passaram a enviar fotos, vídeos, matérias, artigos, pedir ajuda e pedir contatos de organizações de direitos humanos, além de muitos pedidos de jornalistas de fora querendo entrevistar moradores para mostrar o que estava ocorrendo internamente na favela por causa da presença das forças armadas.

Mas quase um ano depois do funcionamento da página Maré Vive, ela foi clonada<sup>13</sup>. De acordo com um dos integrantes, este momento de ameaças foi um dos mais críticos vivido pelo grupo:

“Membros do movimento até receberam ameaças de morte por parte da polícia em seus estágios iniciais. O momento mais crítico na curta história do Maré Vive foi quando a sua página no Facebook foi clonada por pessoas que claramente tinham uma intenção. A página falsa começou a postar fotos de traficantes de drogas para criar confusão em torno da identidade e propósito real do Maré Vive: Começou a criar-se uma confusão. A gente tentava entrar na nossa página e caía na deles, e realmente era parecida, era um clone. A partir daí parte dos moradores ficaram contra a gente. Isso nos prejudicou muito”.<sup>15</sup>

Moradores que, na época, apoiavam o Maré Vive passaram a dizer que não confiavam mais. Organizações sociais internas da Maré enviavam mensagem dizendo que estávamos fazendo um desserviço para a comunidade. O grupo caiu no descrédito, sem força e apoio comunitário depois da clonagem da página, só foi possível retomar o trabalho depois que organizações de direitos humanos e que lutam pela liberdade de expressão nacionais e internacionais, assim como Witness, Artigo 19, Instituto Vladimir Herzog, Repórteres sem Fronteiras e Front Line Defenders, apoiaram e fizeram postagens públicas a favor do trabalho dos comunicadores comunitários do Maré Vive. Alguns comunicadores, inclusive, tiveram que

14 MARTINS, Gizele. Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na favela da Maré. Editora NPC, 2018.

15 Ciclos Virtuosos de Desenvolvimento: Maré Fala por Si Mesma (Maré Vive): <https://rioonwatch.org.br/?p=23822>

deixar sua casa, outros tiveram que deixar de fazer comunicação comunitária por um determinado tempo dentro da Maré.

Dez anos depois, o número de integrantes da página Maré Vive diminuiu justamente por causa dos riscos recorrentes que os comunicadores comunitários ainda sofrem por pertencerem à página, mas fato é que o trabalho diário não diminuiu, pois a Maré é e continua sendo uma das favelas mais militarizadas e que tem operações policiais quase duas ou três vezes por semana. Só em 2023 foram contabilizadas 32 operações<sup>16</sup>. Todos estes dias os comunicadores do Maré Vive ficam sob alerta informando toda a comunidade sobre as causas e os efeitos físicos e psicológicos da operação. Além da notícia instantânea sobre as operações, estes mesmos comunicadores enviam relatos para autoridades governamentais pedindo respostas em relação às violações ocorridas dentro da comunidade.

### **Do Maré Vive à Frente de Mobilização da Maré: Resistência e reinvenção do fazer comunicação comunitária favelada na Maré**

Passados dez anos, a comunicação comunitária da Maré continuou em constante mudança. Cicilia Peruzzo (1998) explica que a comunicação comunitária tem como histórico a defesa de uma identidade local, além de mobilização de um determinado grupo. Ela ainda afirma que a comunicação é e deve ser sim um direito humano, que cada vez mais deve ser feita para defesa e garantia de seus direitos, sendo assim, um agente de construção e de mobilização social.

A declaração universal de direitos humanos estabelece, em seus artigos 27 e 29, que todos os homens têm o direito de participar livremente da vida da comunidade e que, por outro lado, têm deveres para com esta mesma comunidade, na qual é possível o livre e pleno

desenvolvimento de sua personalidade. E, em 1976, a conferência das nações unidas deixou firmado que a participação popular é um direito humano, um dever político e um instrumento essencial da construção nacional. (PERUZZO, 1998, p. 275)

Ainda de acordo com Peruzzo (1998), a mudança social não está mais fundamentada em um indivíduo apenas, ou em um determinado grupo, pelo contrário, é necessário que todos e de igual modo levantam suas bandeiras sociais, suas identidades, seus costumes, seus direitos e se respeitam. Concordando, Paiva (2013) mostra que na comunicação comunitária “entende-se a vinculação entre sujeitos cujo propósito maior é efetivamente seu florescimento organizativo em harmonia com o contexto histórico e social de seu tempo”<sup>17</sup>.

“Assim, propôs-se que, apesar de a forma social estar marcada pela violência ou repressão, os grupos minoritários e opositores podem optar por ações sociopolíticas inclusivas que priorizem a coexistência harmônica entre cidadãos. Isto porque, apesar do reconhecimento da existência de vários esquemas minoritários vigorando na nova ordem mundial que podem intervir e realizar mudanças radicais na ordem hegemônica, é necessária a ação de estruturas mais sólidas que as atuais ações midiáticas de “minorias flutuantes”.

Diante disso, é possível afirmar que, na Maré, existe uma prática de comunicação comunitária comprometida com a mobilização, a valorização da identidade local e a defesa dos direitos humanos, todos eles carregam em suas práticas características contra hegemônicas, pois trazem em suas linhas editoriais linguagem acessível a todos os públicos, respeitam a diferenças culturais e seus conteúdos são contra a velha ordem militarizada e que criminaliza cotidianamente a favela.

Seja na realização do Maré Vive (2014), do Maré 0800 (2016) ou da Frente de Mobilização da Maré (2020), todos eles carregam em suas linhas editoriais a busca pela denúncia de uma política que só enxerga a favela na lógica policiaisca, que não garante alimento, acesso a direitos básicos, leitura, educação, cultura, vacina, mas que gasta

<sup>16</sup> Ciclos Virtuosos de Desenvolvimento: Maré Fala por Si Mesma (Maré Vive): <https://rioonwatch.org.br/?p=23822>

<sup>17</sup> Comunidade gerativa: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/12423>

orçamento público em militarização, assim como foi em 2014 durante a Copa do Mundo, em 2016 durante as Olimpíadas e em 2020 durante a pandemia da Covid-19.

Durante a pandemia da Covid-19, parte destes mesmos comunicadores que atuaram ou ainda atuam no Maré Vive, lançaram em 2020, a Frente de Mobilização da Maré<sup>18</sup>. Outro canal comunitário que de forma estratégica denunciou as *fake news* e alimentou a favela que mais uma vez foi abandonada pelos poderes públicos em meio a uma crise sanitária mundial.

A Frente de Mobilização da Maré é um coletivo que nasceu com o objetivo inicial de fomentar ações de comunicação que levassem o máximo de informações sobre sintomas, medidas de prevenção e cuidados acerca da COVID-19. Foram feitas campanhas de comunicação dentro da Maré para alertar os moradores sobre a chegada do coronavírus. Em 2020 e 2021, a Frente de Mobilização da Maré atendeu cerca de 4.500 famílias com cestas básicas, impactando mais de 16 mil pessoas por mês. Em 2021, foi construída uma Cozinha Solidária dentro da favela da Maré em parceria com a Fiocruz para atender as pessoas que estavam passando necessidades alimentares.

Quatro anos depois, hoje em 2024, a Frente Maré continua na linha de frente lutando contra a fome e, atualmente, é através da Cozinha Solidária da Frente Maré que cerca de 400 pessoas por dia são atendidas. Ou seja, a comunicação comunitária mareense, desde o Maré Vive à Frente de Mobilização da Maré, é um importante canal que, a partir do pertencimento local, comunica, mas também mobiliza a favela para ser parte da sua auto organização<sup>19</sup>. Algo estratégico que o grupo de comunicadores da Frente Maré faz, é usar a cozinha como estratégia de comunicação e de divul-

gação sobre direitos humanos, cidadania, além de valores que dialoguem sobre o cotidiano da favela, assim como pautas lgbtqi+, racismo, xenofobia e outras temáticas.

As duas iniciativas têm como base a ideia da comunicação para exercer a cidadania mesmo tendo formatos, linguagens e temáticas editoriais completamente diferentes umas das outras. As duas iniciativas também, de alguma forma, carregam em suas postagens e ações grande crítica aos que governam, à constante militarização, ao empobrecimento da favela e ao abandono social. Ainda de acordo com Paiva (2013), estes dois grupos, formado por comunicadores comunitários locais e que mobilizam a comunidade local para algum fim comum entre os pares da mesma favela, pode ser caracterizado também como uma comunidade gerativa:

“Comunidade gerativa” designa o conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) que podem ser executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos. A proposição parte da evidência de que o horizonte que caracteriza a sociedade contemporânea—a falência da “política de projetos”, a forte tônica individualista e cosmopolita, além da excessiva presença da violência nas relações sociais—acaba por impulsionar a busca de alternativas.

Analiso que os dois espaços - apesar de terem objetivos distintos - são coletivos que utilizam a identidade local para mobilizar, mas também para denunciar as violações ocasionadas pelo próprio Estado brasileiro que afirma ser democrático para todos e todas, mas é perceptível que há diferença de tratamento e de distribuição e garantia das políticas públicas quando se fala de uma maioria negra e pobre, moradora de favelas e periferias, assim como é o caso do Conjunto de Favelas da Maré. Por isso, é fundamental que se tenha cada vez mais pessoas comprometidas com a causa da comunicação comunitária que defenda a memória e identida-

18 A Frente Maré continua lutando contra a Covid e a fome. Em dois anos, atenderam mais de 4.500 famílias com cestas básicas, impactando mais de 16 mil pessoas. Em 2021, construíram uma Cozinha Solidária dentro da [favela da Maré](#), em parceria com a Fiocruz. Hoje, só com a Cozinha Solidária da Frente, continuam atendendo cerca de 200 pessoas por semana: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente\\_de\\_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_Mar%C3%A9](https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente_de_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_Mar%C3%A9)

19 Pensa-se numa estrutura social capaz de abarcar a multiplicidade e a convivialidade que nos fazem repensar cidadania não como um status adquirido com a maioria, mas como processo de engajamento em questões e disputas sociais a partir da interação com outros indivíduos: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/12423/pdf>

de local, porque é a partir destes fatores, valores e identidades que se mobiliza a favela para a própria defesa da vida e dos direitos humanos e de forma coletiva, comunitária e que marca parte da história de resistência popular.

## Bibliografia

MARTINS, Gizele. Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na favela da Maré. Editora NPC, 2018.

PAIVA, Raquel; MALERBA, Joao Paulo; CUSTODIO, Leonardo. Comunidade gerativa e Comunidade de afeito: propostas conceituais para estudos comparativos de comunicação comunitária: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/12423/pdf>

PAIVA, Raquel; MARTINS, Gizele. Favela da Maré: a comunicação comunitária como geradora de mudança social: [https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler\\_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social](https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social)

PAIVA, Raquel; MARTINS, Gizele. FRENTE MARÉ: A Força dos Novos Coletivos no Contexto da Sociedade Incivil e da Covid-19: [https://www.researchgate.net/publication/371317755\\_FRENTE\\_MARE\\_A\\_Forca\\_dos\\_Novos\\_Coletivos\\_no\\_Contexto\\_da\\_Sociedade\\_Incivil\\_e\\_da\\_Covid-19](https://www.researchgate.net/publication/371317755_FRENTE_MARE_A_Forca_dos_Novos_Coletivos_no_Contexto_da_Sociedade_Incivil_e_da_Covid-19)

PERUZZO, Cicilia. Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais. Editora Sulina, 2022.

Frente de Mobilização Maré: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente\\_de\\_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_Mar%C3%A9](https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente_de_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_Mar%C3%A9)

Maré Vive: <https://www.voz-dascomunidades.com.br/tag/mare-vive/>

Maré Vive: <https://wiki->

[favelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9\\_Vive](https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9_Vive)

Maré 0800: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9\\_0800\\_\(coletivo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9_0800_(coletivo))

Maré Vive: <https://marevive.wordpress.com/>

**Resumo:** Esta pesquisa abarca a relação entre a produção de dados e os territórios periféricos. Visto que nas duas últimas décadas, coletivos de favelas e periferias estão se mobilizando de maneira crescente para produzir dados evidenciando sua centralidade nos repertórios de ação destes territórios. Com base nos estudos sociais da quantificação, os métodos estatísticos vão além de contar, mensurar e descrever questões sociais, são também uma forma de constituir a vida social e política. Mas de que forma isso atravessa as favelas do Rio de Janeiro? Buscando responder essa questão será apresentado uma análise das experiências vividas em torno da produção de dados no Complexo da Maré e no Jacarezinho. A partir da análise desse cenário, concluo que a produção de dados na favela não se trata apenas de uma mobilização da operacionalidade estatística e/ou acadêmica, mas é também uma ferramenta política para pautar suas demandas e construir uma imagem desprendida das narrativas negativas historicamente atribuídas às favelas e aos seus habitantes.

**Palavras-chaves:** produção de dados. favelas. movimentos sociais contemporâneos. sociologia da quantificação.

### **Favelas that count: data production as a political tool**

**Abstract:** This research encompasses the relationship between data production and peripheral territories. Over the past two decades, collectives in favelas and peripheries have been increasingly mobilizing to generate data highlighting their centrality in the repertoires of action within these territories. Drawing on social studies of quantification, statistical methods go beyond merely counting, measuring, and describing social issues; they also serve as a way to shape social and political life. But how does this unfold in the favelas of Rio de Janeiro? In an attempt to answer this question, an analysis of experiences surrounding data production in Complexo da Maré and Jacarezinho will be presented. Based on this analysis, I conclude that data production in the favela is not only a mobilization of statistical and/or academic operations but is also a political tool to address their demands and construct an image detached from the negative narratives historically attributed to favelas and their inhabitants.

**Keywords:** data production. favelas. contemporary social movements. sociology of quantification.

### **Introdução**

Não é novidade que moradoras(es) de favelas do Rio de Janeiro contam uns com os outros e se mobilizam social e politicamente em prol de seus territórios e para garantir seus direitos. Historicamente organizaram-se para lutar contra as remoções, pelo acesso a serviços básicos – abastecimento de água, coleta de lixo e esgoto – e contra as políticas genocidas de segurança pública. Tais mobilizações se intensificaram e tornaram-se ainda mais diversificadas com a produção de memórias, conhecimento e dados que ganhou força nas lutas das favelas e periferias a partir dos anos 2000 (Menezes; Polycarpo; Azael; Cruz, no prelo). A título de exemplo, na pandemia da Covid-19 acompanhou-se a centralidade da produção de dados para esses territórios como uma forma de pautar políticas públicas, melhorar a responsabilidade do Estado e reduzir desigualdades e invisibilidades.

---

<sup>1</sup>Mestre e doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Assistente de pesquisa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), no projeto O Panóptico. Pesquisadora do BONDE (IESP/UERJ). Bacharel em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9612-0987>

Indispensável mencionar que a produção de dados esteve intimamente ligada a outras ações como a distribuição de alimentos e de materiais de limpeza, criação de lavatórios, de canais de comunicação entre moradores e médicos voluntários, entre outras<sup>2</sup>. Ou seja, não esteve isolada, bem como não foi uma atividade excepcional baseada em um regime de urgência. Pelo contrário, conforme aponta Vera Telles et al. (2020), todas as iniciativas desenvolvidas durante o contexto pandêmico dentro das favelas e periferias se ancoram no terreno já existente e baseado na experiência social, política e histórica própria do território.

Como se trata especificamente de uma mobilização dos números é preciso considerar as mudanças que aconteceram no regime dos números públicos e nas práticas de dados nos últimos anos. Se antes os números públicos eram somente os números oficiais produzidos pelo Estado, agora têm-se a produção de números por outros atores. Isso se deve, sobretudo, à reconfiguração do uso das estatísticas a partir da lógica neoliberal e a mudança do uso ativista dos números (Didier; Bruno, 2021). Convém ressaltar que não se trata somente de olhar para as mudanças metodológicas da produção de dados, mas também para as mudanças políticas e as escalas de confiança dos números.

Diante desse cenário, o presente trabalho busca compreender como a produção e a comunicação dos dados faz parte do repertório de ação das favelas. Para tanto, a pesquisa tem como base teórica a análise do campo sobre movimentos sociais em diálogo com a Sociologia da quantificação. Aliado a isso, será apresentado a experiência de duas favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro: uma no Complexo da Maré e outra no Jacarezinho. Importante dizer que a pesquisa objetiva compreender e orientar melhor a análise e as percepções acerca do ato de produzir dados nestes locais. Portanto, não se pretende aqui generalizar os grupos que produzem dados. Uma vez que eles, assim como as favelas e periferias, são ex-

tremamente heterogêneos.

### Dados e a mobilização social da favela

A quantificação – produção e comunicação dos números – é uma ação social, semelhante à fala e aos atos, com variados propósitos, significados e usos (Espeland; Stevens, 2008). Não se trata meramente de um conjunto de números e de análises estritamente estatísticas ou matemáticas. Com base na Sociologia da Quantificação, por trás dos números agem e reagem idéias, relações sociais, utopias, interesses econômicos e estratégias de poder. Essas diferentes dimensões se intensificaram e diversificaram ao longo dos anos, sobretudo com a entrada de novos atores, de tecnologias, das novidades metodológicas (técnicas e políticas) de produção e circulação dos dados. Se por muitas décadas as estatísticas e os números foram exclusivamente uma “ciência do Estado”, hoje não há mais dúvidas da diversidade e importância de fontes alternativas.

Segundo Emmanuel Didier e Isabelle Bruno (2021) é preciso sair da visão centrada no Estado e destacar outros modos de produção e outros usos dos números. Mas também examinar o que eles implicam e seus efeitos. É o caso da atenção dada ao uso ativista das estatísticas. Tradicionalmente os movimentos sociais sempre utilizaram as estatísticas como ferramenta de contestação. No entanto, Alexandre Camargo (2022) ao investigar o papel das práticas de quantificação na construção do Estado e das rotinas sociais, aponta que os movimentos sociais nunca utilizaram as estatísticas como instrumento de resistência como fazem agora. Isso se deve, sobretudo, à expansão das práticas de quantificação sob o neoliberalismo.<sup>3</sup> Para descrever esse ativismo estatístico Didier, Bruno e Julien Prévieux (2014), inspirado pela sociologia da crítica de Luc Boltanski, utilizam o termo *statactivism*. Trata-se da prática de dados que coloca em debate a realidade, desvela novos caminhos, promove a emancipação de uma autoridade e funciona como ferramenta de resistência.

2 O Dicionário de Favelas Marielle Franco acompanhou estas ações e publicou um compilado na página da WikiFavelas. Para conhecer: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%ADrus\\_nas\\_favelas](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%ADrus_nas_favelas). Ver também Fleury; Menezes (2020).

3 cf. Camargo, 2022.

De modo mais específico:

tratam-se de mobilizações lideradas por leigos, especialistas, ONGs e órgãos de administração local e municipal em reação a critérios de avaliação que percebem como discriminatórios. Em outros casos, o stactivisme não é contra os indicadores, mas consiste em quantificar dados originais para tornar um problema visível e relevante: trabalhadores denunciam a precarização de seus empregos utilizando os números para a defesa de seus direitos; ativistas pró-imigração estimam o custo da política de deportação para mostrar o preço que a sociedade paga por ela. No geral, o uso de estatísticas faz parte do repertório de contendas e é um recurso importante para as mobilizações contemporâneas (Bruno, Didier e Vitale, 2014: 200).

O conceito foi utilizado, por exemplo, em inúmeras ocasiões para analisar a ação de coletivos durante a pandemia da Covid-19. Como apontam os autores este período também pode ser entendido como uma pandemia dos números (Didier; Bruno, 2021). Vide que os dados do poder público sobre o número de infecções e/ou de óbitos foram extremamente questionados. Alain Desrosières (2010), um importante sociólogo estatístico, aponta que durante as grandes crises as estatísticas são intensamente mobilizadas para expressar a gravidade da situação, colocando-as em evidência no debate público. Do mesmo modo, as crises provocam naturalmente críticas sobre o papel do Estado na regulação, gestão da economia e na produção dos números. Ainda, o autor sublinha que são nestes momentos que surgem novas formas de quantificar o mundo social. É dentro desse contexto que ganha destaque a mobilização das favelas em torno da produção de dados.

Acompanhou-se durante a pandemia a criação do “Painel Unificador Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro”, um projeto que reuniu mais de vinte organizações periféricas com o objetivo de quantificar a intensidade do novo coronavírus nas favelas. Palloma Menezes, Alexandre Magalhães e Caíque Silva (2021) enquadram os painéis numa disputa pela verdade. Tendo em vista que tensionam as verdades estabelecidas pelo poder público. De um lado os governos tentaram invisibilizar a pandemia nas favelas e de outro, os painéis mostraram que ela

existe. Mas não se trata de uma disputa pela verdade de uma situação única e específica. Os autores enquadram também os painéis na disputa pela própria realidade desses espaços. Isso reflete a questão formulada por Lucas Freire (2020) ao analisar a subnotificação e o negacionismo na pandemia. O autor questiona sobre o que se *conta como real* nesta conjuntura. Freire utiliza o verbo “contar” como um jogo de linguagem, pois este apresenta uma dupla dimensão: uma quantitativa e outra qualitativa. A primeira seria o ato de quantificar em si, ou seja, o significado objetivo. Já a segunda dimensão tem o significado mais subjetivo, do que importa, o que é considerado importante. Desse modo:

Ao fazer ver a pandemia nas favelas, os painéis também parecem fazer ver as próprias favelas, em sua dimensão fenomenológica, como uma forma urbana específica na qual se atualizam determinadas questões da cidade, suas dinâmicas de segregação, bem como as lutas e potências tecidas cotidianamente nessas localidades. Nesse sentido, buscam operar um deslocamento prático-discursivo do modo como costumam aparecer aos aparatos midiáticos e estatais ao torcerem os enquadramentos que as constituem quase sempre a partir de signos negativos, cujos efeitos costumam se resumir ou a práticas violentas de controle ou à precariedade no fornecimento de serviços públicos (Menezes; Magalhães; Silva, 2021: 118).

Conforme enunciado na introdução, a produção de dados esteve intimamente ligada a outras ações coletivas e que estas se ancoram no terreno já existente baseado na trajetória de mobilização social, política e histórica das favelas. Por essa razão convém sublinhar algumas ações que construíram a identidade dos moradores desses territórios. É o caso das organizações comunitárias, dos mutirões, das comissões jurídicas e das associações de moradores que existem há mais de um século. As primeiras referem-se aos grupos que se organizam, espontaneamente ou não, em torno de demandas coletivas como lazer, creches e limpeza de valas. Os mutirões<sup>4</sup>, por sua vez, dizem respeito a ajuda mútua entre os moradores na construção de casas, colocação de lajes, caixas d’água entre outras obras de interesse coletivo. Já as comissões jurídicas, que foram como em-

4 O termo “mutirão” nem sempre foi empregado, inicialmente tratava-se de uma simples ajuda e troca de favores, integrante da sociabilidade das favelas e bairros periféricos. Passou a ter esse nome a partir da década de 1970, após setores da Igreja católica e algumas ONGs que desenvolviam um sistema semelhante de obras de interesse coletivo, batizaram-o de “mutirão” (Oliveira et al., 1993).



brões das organizações comunitárias, atuavam no levantamento sobre a situação jurídica das terras em cada favela, na assessoria das associações, no incentivo e no despertar da conscientização comunitária (Brum, 2005). As associações de moradores são entidades políticas que buscam solucionar os problemas locais. Mas não só, de acordo com Janice Perlman (1977), servem também como lugar de encontro, recreação e centro de entrega de correspondências para a favela inteira. Assim, essas iniciativas foram essenciais tanto para melhorias na favela, como no espraiamento da perspectiva solidária, das ações de caráter comunitário e da força política.

Ainda que estejam inseridas numa perspectiva solidária e as ações sejam de caráter comunitário, é importante sublinhar a existência de tensões e conflitos existentes no interior dessas iniciativas. Há discordâncias de prioridades entre os atores envolvidos, disputas e rivalidades entre os grupos e organizações comunitárias, desmobilização das ações seja pela dependência de recursos externos seja pela progressiva decadência da participação dos moradores (Oliveira et al., 1993). As iniciativas de produção de dados nas favelas não estão livres destas tensões. Como aponta Frederico Piovesan (2015), um dos desafios dessas iniciativas é sua permanência. Vide que não há garantia se elas continuarão operando e os dados continuarão sendo coletados no futuro devido aos escassos recursos financeiros disponíveis. Nessa angulação, também pode acarretar atritos internos e na desmobilização dos próprios moradores e moradoras envolvidos no processo de auto contagem.

Importante dizer que muito embora a produção de dados por moradoras(es) das favelas tenha ganhado destaque nos últimos anos, isso não é uma novidade nesses espaços. Como aponta Eugênia Motta (2019) o primeiro autorrecenseamento das

favelas teve seu início em 1999, tendo sido publicado no ano seguinte. Tal projeto foi uma iniciativa do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)<sup>5</sup>, sediado no Complexo da Maré<sup>6</sup>, Zona Norte do Rio de Janeiro, e tinha como objetivo oferecer um conhecimento mais completo sobre a realidade da Maré não só para aplicação de políticas públicas, mas também para as ações dos próprios moradores e atores destes locais (Nóbrega, 2007). Já nesse primeiro momento identifica-se que a produção de dados nas favelas assume um papel importante na formação de sujeitos políticos e de conhecimento. Ao se contar estão produzindo conhecimento sobre si próprios e é esse conhecimento que servirá de sustentação e mobilização política dos moradores frente ao poder público. Todavia, não se trata apenas de uma ferramenta política. As práticas de dados, de acordo com Andrea Mennicken e Wendy Espeland (2019), podem transformar a forma como os sujeitos se entendem, o que eles fazem e como organizam as suas vidas.

### Quando a favela (se) conta

A segunda iniciativa de autorrecenseamento foi o Censo Maré de 2010, elaborado pela Redes da Maré<sup>7</sup> em parceria com o Observatório de Favelas<sup>8</sup>. Este, contudo, não será qualificado aqui pelo fato de não estar disponível na íntegra no site da organização. Constando somente na linha do tempo de ações da Redes junto às demais pesquisas realizadas como Guia de Rua e o Censo de Empreendimentos, ambos de 2014. Dando continuidade, em 2019 foi publicado um novo e extenso relatório que oferece alguns elementos que ajudam a identificar as justificativas para a necessidade de quantificar esses espaços. Entre eles, dois são principais: o primeiro refere-se à sub-representação dos dados oficiais que

5 Organização Não Governamental formada por moradores da Maré em 1987. Ver mais em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Centro\\_de\\_Estudos\\_e\\_A%C3%A7%C3%B5es\\_Solid%C3%A1rias\\_da\\_Maré](https://wikifavelas.com.br/index.php/Centro_de_Estudos_e_A%C3%A7%C3%B5es_Solid%C3%A1rias_da_Maré)

6 O Complexo da Maré é um conjunto de 16 favelas: Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Mandacaru, Vila do João, “Salsa e Merengue”, Marcílio Dias, Roquete Pinto, Praia de Ramos e Bento Ribeiro Dantas. Atualmente, o Complexo possui uma população de 139.073 habitantes, segundo censo produzido pela Redes da Maré em 2019.

7 A Redes da Maré é uma instituição da sociedade civil fundada por moradores da Maré em 1997. Ver mais em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Redes\\_da\\_Maré](https://wikifavelas.com.br/index.php/Redes_da_Maré)

8 O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil criada por ativistas e pesquisadores oriundos de favelas cariocas, com sede na Maré. Ver mais em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Observat%C3%B3rio\\_de\\_Favelas](https://wikifavelas.com.br/index.php/Observat%C3%B3rio_de_Favelas)

impede um conhecimento mais próximo da realidade das favelas e de suas demandas; e o segundo pelo preconceito, direto ou indireto, que constroem e respaldam as representações distorcidas e sem fundamentos empíricos sobre as favelas e seus moradores. Ambos estão articulados e se retroalimentam. Na medida em que há um maior desconhecimento da realidade desses espaços, haverá um predomínio das imagens negativas atribuídas historicamente as favelas e seus habitantes.

Não há como ignorar, também, a existência de vieses decorrentes da estigmatização da favela como locus da violência, da barbárie, da carência e da falta de higiene. Esses juízos sobre a favela afetam desde o planejamento da pesquisa até a realização da entrevista e podem se manifestar de diversas formas, tais como através do receio de incursões em determinados logradouros ou porções do território ou na construção de pressupostos marginalizantes que dificultam a abordagem do público (Redes da Maré, 2019: 11).

Muito embora as críticas aos dados oficiais demarquem a existência dos autorrecenseamentos das favelas e as fortaleça, isto não implica na exclusão total das instituições governamentais no processo de auto contagem. No próprio Censo da Maré de 2019 é ressaltada a participação da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence) que pertence ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e ao Instituto Pereira Passos (IPP). Além de serem “parceiros” do projeto, os dados produzidos por eles também servem como base e contextualização dos temas abordados. Para Eugênia Motta (2019), a relação entre esses atores é um sinal de que existe uma ambiguidade na produção de dados alternativos. De um lado o reconhecimento da relevância das estatísticas produzidas pelos dados governamentais e, por outro, a desconfiança permanente em relação a elas. Ainda, segundo a autora, há uma ideia de que é preciso disputar as estatísticas. Uma vez que elas são percebidas como realidade pelos agentes estatais, o que implica nas desigualdades e na falta de políticas públicas eficientes e justas. Como aponta Bruno Sousa, co-fundador do LabJaca:

Sendo bem didático e trazendo o exemplo do Jacarezinho, o último censo do IBGE em 2010, apontava 37 mil moradores na favela. No entanto, os moradores sabem

que esse número é pelo menos duas vezes maior. Ou seja, existe uma grande lacuna nesses números que precisa ser resolvida. Se não se sabe o número real de moradores, não é possível ter escola para todo mundo ou atendimentos para todos na UPA e clínica da família. Como levaremos testagem e vacina contra o coronavírus para toda essa população se boa parte dela não está compreendida nesses números? (Sousa, 2021: 2).

Essas iniciativas de auto contagem também assumem o compromisso de levar os dados aos moradores para que “de maneira organizada, reivindicuem dos governos políticas públicas que sejam revertidas em direitos efetivados” (Redes da Maré, 2019). Nessa angulação, a produção de dados nas favelas assume um papel importante na formação de sujeitos políticos e de conhecimento. Ao se contar estão produzindo conhecimento sobre si próprios e é esse conhecimento que servirá de sustentação e mobilização política dos moradores, das lideranças e militantes frente ao poder público. Além dos números serem destinados aos habitantes, estes não são entendidos aqui meramente como objetos de pesquisa ou como cooperadores eventuais. Pelo contrário, já nas primeiras páginas do Censo Maré, na metodologia, é destacado que se trata de um trabalho com a mobilização e participação ativa dos moradores em todas as fases do projeto. Ou seja, os reconhece como sujeito, com capacidade de participar e elaborar conhecimento sobre si mesmo. Coadunando com esta perspectiva, Tiarajú D’Andrea (2021) ao discutir sobre as reflexões periféricas, assinala que as periferias estão em constante movimento e quem é de lá está vendo, observando, sentindo, analisando uma multiplicidade de assuntos, constantemente.

O Censo Maré consiste em um amplo diagnóstico da realidade demográfica, sociocultural e econômica, que contou com a mobilização e participação de moradores locais em todas as fases do projeto. Tal iniciativa, portanto, não foi mera ação vertical de especialistas pesquisando acerca da vida de moradores e moradoras da Maré, mas um trabalho conjunto de pessoas – em grande parte, oriundas desse próprio território engajadas no processo de transformação da realidade local (Redes da Maré, 2019: 7).

Estes aspectos também podem ser observados ao tomar o LabJaca como exemplo. Localizado na fave-

la do Jacarezinho<sup>9</sup>, Zona Norte do Rio de Janeiro, o LabJaca é formado por jovens negros periféricos que se propõem a atuar em três eixos: pesquisa, comunicação e formação. O primeiro compreende a produção de dados em si. Em uma das entrevistas realizadas com a coordenadora de pesquisa do LabJaca, Poema, ressalta a centralidade e o papel da produção de dados: “a gente [LabJaca] pensa a pesquisa como um instrumento de mobilização política” com a intenção de fazer tratativas com os dados e mobilizar o morador enquanto sujeito e receptor destes dados. Neste eixo, dedicam-se a produzir dados quantitativos e qualitativos sobre as favelas e seus habitantes. Até o momento, as pesquisas realizadas pelo LabJaca tratam sobre saúde, segurança pública, educação, insegurança energética e racismo ambiental.

O segundo repertório também tem uma centralidade muito grande. Nas entrevistas realizadas, a comunicação foi ressaltada como uma das frentes de ação mais significativas em conjunto com a produção de dados. Isso porque trata-se de duas frentes mutuamente constitutivas e fundamentais, uma epistemológica e outra prática. Segundo Pedro Paulo, coordenador de pesquisa do LabJaca: “se a gente é parte da favela a gente tem que produzir a partir da favela e pra favela. Então a gente tem esse lado epistemológico e o lado prático. Eu acho que esses dois lados são importantes para a gente cumprir a nossa missão” (Trecho de entrevista com Pedro Paulo, 2022). Ao definir a população da favela como a principal receptora dos dados, parece haver um cuidado maior de levar esses números de forma acessível. Isso porque, de acordo com Bruno Sousa, coordenador de comunicação e cofundador do LabJaca: “não adianta mostrar gráficos rebuscados para a tia da esquina ou chegar nela com dados oficiais defasados em uma linguagem acadêmica classe média Jor-

nal Nacional”.

Levando isso em consideração, o audiovisual é tomado como principal meio de divulgação científica e comunicação dos dados. Entre as formas de divulgação dos dados, estão o uso de: cartazes, lambe-lambes, *cards*, vídeos-relatórios e esquetes<sup>10</sup>. A comunicação, contudo, não se restringe a isso. Após a coleta de dados, o grupo se propõe a se organizar para discutir a melhor maneira de levar os dados até os moradores. Entre os exemplos que Poema cita está a realização de rodas de conversa, organização de eventos como feijoadas ou alguma ação em locais direcionados a um público como as barbearias. Segundo ela, não se trata de atraí-los em um sentido negativo, mas de criar maneiras criativas e leves para que os moradores se apropriem dos dados.

Esse também é um objetivo do eixo da formação, o qual consiste em formular cursos de capacitação para levar conhecimento, compartilhar ferramentas e narrativas para jovens periféricos. A título de exemplo, em setembro de 2022 foi realizado o curso “A Favela que Queremos: Curso de Políticas Públicas” para fortalecer lideranças, movimentos e coletivos que pensam a favela enquanto um espaço de construção de novas ideias. O curso foi voltado especificamente para o Jacarezinho e Manguinhos, duas favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro. Foram selecionadas 20 pessoas de um total de 150 inscrições. Na seleção foram priorizados grupos identitários (mulheres, negros e LGBTQIA+<sup>11</sup>), lideranças, distribuição territorial das duas comunidades, disponibilidade para os dias das aulas e motivação para participar da capacitação. Nesse sentido, os três eixos de ação, em conjunto, contribuem para a mobilização política dos moradores.

Buscando compreender como se dá a relação entre esses três repertórios, pergunto a Poema o que

9 O Jacarezinho consiste em um território de 350 (trezentos e cinquenta) mil metros quadrados com cerca de 38.778 mil habitantes, segundo estimativas do IBGE em 2019. A favela do Jacarezinho faz divisa com outros bairros conhecidos da Zona Norte: Jacaré, Manguinhos, Maria da Graça e Cachambi. O Jacarezinho é dividido em sete setores: Beira-Rio, Fundão, Azul, Cajueiro, Cruzeiro, Fazenda Velha e Vieira Fazenda.

10 Esquetes são pequenas cenas dramáticas, geralmente cômicas e com menos de 10 minutos de duração. Há dois exemplos de esquetes elaboradas pelo LabJaca: o “LabExplica” e o “Política em 30”. O primeiro são vídeos curtos, descontraídos e interativos que abordam dados ou assuntos importantes. O segundo são vídeos de 30 segundos com viés educativo sobre alguma pauta relevante da semana. Ambos são postados nas mídias sociais do LabJaca e são apoiados institucional e financeiramente pelo Fundo Casa Fluminense.

11 A sigla refere-se às lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexo, assexual e demais orientações sexuais e identidades de gênero.

une essas ações. Em resposta, ela sublinha que há uma circularidade vital entre elas. Para exemplificar, a pesquisadora aponta que a área da pesquisa alimenta a comunicação. Isso porque os dados acabam sendo o conteúdo principal a serem divulgados e comunicados para a favela. Já na área de formação, há possibilidade e intencionalidade de que os alunos participem, posteriormente ao curso, da elaboração do desenho de alguma pesquisa, bem como na coleta de dados e no processo de produção de políticas públicas. Ainda, Poema destaca que os alunos podem tornar-se núcleos de pesquisa como o LabJaca, entendendo-os como futuros colaboradores, parceiros individuais ou institucionais. Sem dúvidas isso contribui para aumentar a rede de colaboração e de ação coletiva a partir da produção de dados nas favelas. Supõe-se assim que a produção de dados não é mobilizada sozinha, estando combinada com outras ações, fortalecendo-a e fazendo ganhar maior projeção institucional e dentro do território.

### Considerações finais

Nesta pesquisa busquei apresentar as experiências dos coletivos de favela e periferia que se dedicam a produzir dados localizando essas iniciativas com base nos estudos sobre movimentos sociais contemporâneos e na sociologia da quantificação. Como supracitado, não se trata de uma grande novidade no espaço urbano ou na literatura. Desde o final do século XX é possível identificar iniciativas de auto contagem, as quais compartilham diferentes características do associativismo nas favelas, dos movimentos sociais e das recentes práticas de quantificação como crítica. Isso porque ao se contar os grupos periféricos apontam para a centralidade e importância dos dados para pautar políticas públicas, melhorar a responsabilidade do Estado e reduzir desigualdades e invisibilidades existentes. Mas também revelam o acúmulo da experiência social, política e histórica das favelas.

A partir dos argumentos acionados (defasagem dos dados governamentais e os preconceitos e vieses metodológicos existentes nas con-

tagens oficiais) e a centralidade do território e dos moradores como receptor e produtor dos dados concluo que a produção de dados na favela não se trata apenas de uma mobilização técnica da operacionalidade estatística e acadêmica pelos atores periféricos. Mas é também uma ferramenta política para pautar suas demandas e construir uma imagem desprendida das narrativas negativas historicamente atribuídas às favelas e aos seus habitantes. Ainda, o ato de quantificar amplia o campo da prática social e política das organizações periféricas na medida em que se soma a outros repertórios de ação. Como observado nos eixos de atuação do LabJaca, é possível que sejam diferentes repertórios combinados a produção de dados, como a comunicação comunitária e a formação.

### Referências bibliográficas

- BRUM, Mário (2005) “Despertar e Incentivar!”, A Pastoral de favelas e o movimento comunitário de favelas cariocas na redemocratização. In.: Revista Cantareira, Vol. 2, Número 3, Ano 3.
- BRUNO, Isabelle; Didier, Emmanuel; Prévieux, Julien (orgs.). (2014), *Statactivisme: Comment Lutter avec des Nombres*. Paris, La Découverte.
- BRUNO, Isabelle; DIDIER, Emmanuel; VITALE, Tommaso. (2014), “Statactivisme: Forms of Action between Disclosure and Affirmation”, *Partecipazione e Conflitto*, v. 7, n. 2, pp. 198-220.
- CAMARGO, Alexandre de Paiva (2022), *Estado, quantificação e agência: uma análise genealógica*. Dados, Rio de Janeiro, vol. 65, n. 3, pp. 1-39.
- D’ANDREA, Tiarajú Pablo (2021). *Notas sobre uma pesquisa engajada na necessidade de reinvenção das periferias*. In. *Reflexões Periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas / organização Tiajaru Pablo D’Andrea*. São Paulo: Editora Dandara, Centro de Estudos Periféricos, 2021.
- DESROSIÈRES, Alain (2010). *Les crises économiques et statistiques, de 1880 à 2010*, Paris Tech Review. [Consult. 07set.2022]. Disponível em: <http://www.parisinnovationreview.com/article/les-crisis-economiques-et-les-statistiques-de-1880-a-2010>
- DIDIER, Emmanuel; BRUNO, Isabelle (2021). O “estatativismo” como uso militante da quantificação. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 23, n. 56, jan-abr 2021, p. 82-109.
- ESPELAND, Wendy N.; STEVENS, Mitchell L. (2008), “A Sociology of Quantification”. *European*

Journal of Sociology, vol. 49, p. 401-436.

FREIRE, Lucas (2020). Subnotificação e negacionismo: o que conta como real em uma (in)visível pandemia. *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, São Paulo, n. 34. [Consult.07out.2022]. Disponível em: <https://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2348-boletim-n-34-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>

MENEZES, Palloma Valle; Magalhães, Alexandre Almeida de; Silva, Caíque Azael Ferreira (2021). Painéis comunitários: a disputa pela verdade da pandemia nas favelas cariocas. *Horizontes Antropológicos* [online], Porto Alegre, ano 27, n. 59, pp. 109-128.

MENEZES, Palloma; Polycarpo, Clara; Azael, Caíque; Cruz, Thaís (no prelo). “Epistemologias dos becos e vielas”: a intensificação e a diversificação da produção de conhecimentos e memórias em favelas e periferias.

MENNICKEN, Andrea; Espeland, Wendy Nelson (2019). What’s new with numbers? *Sociological Approaches to the Study of Quantification*. *Annu. Rev. Sociol.* 2019. 45:223–45

MOTTA, Eugênia (2019), Resistência aos números: a favela como realidade (in)quantificável. *MANA*, vol. 25, n. 1, pp. 72-94.

NÓBREGA Júnior, Edson Diniz (2007). O Programa Criança Petrobras na Maré em oito escolas públicas do maior conjunto de favelas do Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Capítulo 3, p. 51-64.

OLIVEIRA; Anazir Maria de Oliveira et al. (1993). Favelas e as organizações comunitárias. Centro de Defesa dos Direitos Humanos “Bento Rubião”. Editora Vozes, Petrópolis.

PERLMAN, Janice (1977). O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Piovesan, Federico (2015). STATISTICAL PERSPECTIVES ON CITIZEN GENERATED DATA. *DataShift*, civicus.org, [http://civicus.org/thedatashift/wp-content/uploads/2015/07/statistical-perspectives-on-cgd\\_web\\_single-page.pdf](http://civicus.org/thedatashift/wp-content/uploads/2015/07/statistical-perspectives-on-cgd_web_single-page.pdf)

Ruppert, E., & Scheel, S. (2021). *Data Practices: Making Up a European People*. London: Goldsmiths Press [chapters 1, 2, 7, 9].

Sousa, Bruno (2021). ‘A defasagem de dados na favela mantém estrutura que nos silencia’. Rede de Observatórios da Segurança. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, CESeC.

Telles, Vera et al. (2020). (Micro)políticas da vida em tempos de urgência. *Dilemas*, Rio de Janeiro, 24 ago. 2020. Seção especial Reflexões na Pandemia. [Consult. 11nov2022]. Disponível em <https://www.reex-pandemia.org/texto-59>.

## RESENHA

## Fronteiras e movimentos dos estudos urbanos no Rio de Janeiro

DAVIES, Frank Andrew; ARAÚJO, Fábio (Org.). Rio a Oeste: Modos de Habitar e Fazer a Cidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

Marcelo de Medeiros Reis Filho<sup>1</sup>

A coletânea Rio a Oeste: Modos de Habitar e Fazer a Cidade, publicada em 2022, reúne textos de pesquisadores que articulam diferentes metodologias, teorias e objetos de pesquisa. A comunhão destes trabalhos acontece pelo interesse em uma região específica da cidade do Rio de Janeiro, a Zona Oeste. Longe dos mais famosos cartões-postais da Zona Sul e Centro, os bairros à Oeste tiveram padrões de urbanização, mobilidade e sociabilidade que os distinguiram de seus pares cariocas, sendo, inclusive, chamados de “Sertão carioca”<sup>2</sup> no começo do século XX. Mais recentemente, parte da região passou por um intenso processo de reformas, projetos e adequações para receber os Jogos Olímpicos de 2016, como o Parque Olímpico, a Vila Olímpica, os corredores de *Bus Rapid Transit* (BRT) e a primeira estação de metrô desse lado da cidade, no Jardim Oceânico.

O esforço dos organizadores resulta em textos sobre lugares tão diversos quanto Bangu, Realengo, Deodoro, Barra da Tijuca e Santa Cruz, entre outros. Pensando da habitação aos regimes de proteção, as obras compõem um mosaico das aproximações e afastamentos que uma mesma região urbana pode conter. Presentes nessa coletânea, Marcella Araujo & Thomas Cortado (2020) apresentaram em artigo anterior a ideia da Zona Oeste como uma fronteira dos estudos urbanos cariocas, possivelmente mais acostumados a tratar das questões de bairros, favelas, eventos e fenômenos presentes ao Sul e Centro da cidade.

O livro reúne o esforço individual e coletivo destes pesquisadores em expandir os olhares e agendas de pesquisas dos estudos urbanos cariocas. Esse movimento se torna mais evidente ao percebermos que autores como Brito (2012), Gomes (2020) e Dias (2020) já haviam publicados trabalhos sobre a região e retornam ao tema na coletânea, assim como um dos próprios organizadores em Guimarães & Davies (2018). Noto também trabalhos que não aparecem diretamente aqui, mas são importantes ao olhar para a Zona Oeste e suas produções, como Abreu (2008), Oliveira (2016; 2019), Lôro (2018), Sousa (2019), Neto & Silva (2020) e Agueda (2021). Posteriormente ao livro, há a presença de produções como Reis Filho (2022), Machado (2023) e Motta (2024) no avanço dessa agenda, cujo autores se filiam direta ou indiretamente às linhas de pesquisa dos autores e organizadores desta obra.

Adentrando o universo do livro, aponto as principais linhas de investigação presentes em seus capítulos: habitação; produção de bairros; violência urbana e ações coletivas. As táticas e formas de fazer (CERTEAU, 1998) de indivíduos e coletivos diante das possibilidades e impossibilidades do cotidiano são aspectos centrais para estes trabalhos. Antes das duas seções do livro, nomeadas de “Modos de habitar o Rio a Oeste” e “Modos de fazer o Rio a Oeste”, o leitor se depara com breves textos de Fábio Araújo & Frank Davies, organizadores da obra, e Suellen Guariento.

Destaco o texto de Guariento por apresentar, de forma bem pessoal e reflexiva, a experiência de se deslocar dentro e para fora Zona Oeste carioca a partir da trajetória de uma pesquisadora–moradora da região. Guariento explora os assuntos diversos que desenham as várias sociabilidades da Zona Oeste, assim como as mudanças que ocorrem em seu bairro, Realengo, com a mudança de domínio territorial do tráfico

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ)

<sup>2</sup> Referência à obra de Magalhães Corrêa, publicada em 1936, sobre a então região rural do Rio de Janeiro.

para a milícia. Essa abertura instiga o leitor a pensar o Rio de Janeiro a partir da Zona Oeste carioca, promovendo um encaixe com os capítulos a seguir.

Passando para o habitar local, a construção da casa na sociabilidade da baixada de Jacarepaguá, indo da ruralidade até a desativação da Colônia Juliano Moreira, é destrinchada por Samantha Gifalli. A autora explora como Estado e comunidade mediam as relações que rodeiam o desejo pela casa própria. Ao abordar o caso de Juliano Moreira, antigo hospital psiquiátrico, fica evidente como a residência se torna ponto de partida para entender a demanda por direitos constitucionais e trabalhistas, assim como das relações políticas que permeiam associações de moradores e iniciativas privadas.

Em seguida, Cortado explora os “loteamentos proletários” na Zona Oeste carioca, mais especificamente cinco que agora são chamados de “loteamentos irregulares” pela Prefeitura. Esses locais têm origem em projetos públicos de habitação que foram aprovados e não executados ou, se executados, fora da idealização original. Os loteamentos estão presentes, em sua ampla maioria, nas Zonas Oeste e Norte, estando ausentes da Zona Sul da cidade. Pensados como uma forma de tornar acessível a casa própria para classes populares na década de 1930, as políticas e poéticas dos loteamentos apontam para promessas e projetos de cidade que nunca se concretizaram, com espaços que tentavam se adequar ao ordenamento urbanístico municipal tornando-se “irregulares” pelas diferenças encontradas entre a tecnicidade da lei e a ocupação de fato da terra.

Continuando nas políticas habitacionais, Miaguskó & Rodrigues tratam sobre trajetórias familiares em dois condomínios do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) no bairro de Santa Cruz. A partir de entrevistas, os autores apresentam formas de governo, circulação e modos de subjetivação na Zona Oeste carioca. Nesse sentido, o texto aponta como as construtoras constituem o modo de habitar a cidade por meio da criação de um “padrão periférico e homogeneizador dos sujeitos”. É perceptível também o maior trânsito de camadas sociais populares por dife-

rentes regiões da cidade, muitas vezes com o objetivo de se desvencilhar de situações de violência. Nesse cenário, a religiosidade passa a se tornar central para as interlocutoras na figura de redes de apoio e significação dos cotidianos dessas moradias populares.

Passando para a população em situação de rua, Raquel Carriconde trata sobre as noções de boa circulação e má circulação na gestão do Rio Olímpico, ou seja, no contexto da década de 2010 em que a cidade era preparada para receber os Jogos Olímpicos de 2016. A autora aponta como as Zonas Norte e Oeste da cidade foram utilizadas para a contenção da população em situação de rua, já que os equipamentos de acolhimento institucional foram concentrados nessas regiões em detrimento da Zona Sul e Centro. Por outro lado, o texto aponta como os acolhidos tinham origem justamente nessas regiões que não forneciam equipamentos, fazendo com que os indivíduos passem por um processo de deslocamento geográfico a partir dos serviços fornecidos pela Prefeitura. Nesse cenário, Carriconde argumenta que as regiões Norte e Oeste se tornam sombras do projeto de cidade que estava em curso, mercantilizado e militarizado para os megaeventos da época.

No capítulo seguinte, Fábio Araújo reflete sobre a produção da territorialidade urbana por meio das práticas e processos materiais, abordando o caso do bairro de Bangu, desde sua fundação, ao fim do século XIX com os investimentos da Fábrica de Tecidos, até a sua divisão com a partir do Complexo Penitenciário de Gericinó em 2004. Em meio a esses dois momentos, Araújo destaca a produção do Conjunto Habitacional da Vila Kennedy, fruto das políticas de remoção de moradores de favelas do Centro e Zona Sul em direção à Zona Oeste na década de 1960. O texto também aponta como a identidade territorial de subúrbio industrial foi modificada, ao longo das décadas, a partir da presença de “instituições estigmatizantes” em seu território, como os presídios e um aterro sanitário. Assim, Araújo constrói a trajetória urbana da territorialidade de Bangu por meio de suas infraestruturas, explorando suas camadas de histórias e políticas urbanas.

Cavalcanti, Araujo & Medeiros apresentam dinâmicas econômicas e temporalidades da moradia informal a partir de um *survey* aplicado em cinco comunidades do bairro de Curicica, parte de Jacarepaguá. Informalmente, a região foi chamada por moradores e incorporadores de Barra da Tijuca ou Barra Olímpica<sup>3</sup>, devido a sua proximidade com os equipamentos construídos para os Jogos Olímpicos de 2016 e a localização entre a baixada de Jacarepaguá e a Avenida Ayrton Senna. O *survey*, como notado no texto, vem após um esforço de contagem dos domicílios locais e a observação de um mercado imobiliário aquecido na região, contando com quitinetes, apartamentos, cômodos alugados e casas, entre outros tipos de arranjos.

O texto aponta que 31% dos entrevistados tinham origem em estados do Nordeste, formando a segunda maior população do local após os oriundos do Sudeste, incluindo nesse grupo aqueles que já eram residentes no Rio de Janeiro. Também é notado que a quantidade de pessoas atuantes na construção civil era de uma proporção maior que aquela existente no Brasil, chegando a 19% nas comunidades enquanto era de 16,3% no país. Ressalta-se também como a média faixa etária dos entrevistados estava abaixo daquela encontrada na cidade, enquanto a distribuição de gênero estava similar ao restante da capital. Nesse sentido, o texto percorre as dinâmicas sociais que compõem a produção desse espaço, com destaque para a migração e a ocupação profissional na composição do público que ocupava essas moradias.

Ariley Dias contribui para o livro como uma análise do Jardim Batan, favela localizada em Realengo. O autor contextualiza a favela a partir das obras da via expressa Avenida Brasil, que liga a Zona Oeste ao Centro da cidade, e a oferta de empregos na região a partir dessas obras. É notado que houve ali o controle territorial da milícia por um ano antes da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Por meio de entrevistas e observação participante no período de ocupação policial, Dias

<sup>3</sup> O bairro Barra Olímpica foi formalmente constituído pela Lei 7.646, de novembro de 2022, considerando a partir dos arredores da Vila do Jogos Pan-americanos ao condomínio Ilha Pura, que foi a Vila dos Atletas em 2016 durante os Jogos Olímpicos.

conta as formas de interação entre os moradores e o território que perpassam a produção de identidades e desigualdades, criando um sistema de interdependência entre atores humanos e não-humanos.

Jardim Batan, na visão do autor, é dotado de uma heterogeneidade espacial que demonstra desigualdades e formas de interação com o território. Em sua pesquisa, é apontada como a mobilidade, assim como outros serviços, pode ser uma forma de compreensão das diferenças dentro de uma favela, considerando as ofertas e ausências delas como indicadores da realidade local. Um outro aspecto destacado é a dependência entre moradores, nos quais aqueles em áreas de risco e com menos serviços seriam mais dependentes dos moradores de outros setores, gerando uma perspectiva de que há aqueles “mais favelados”. Essa diferenciação também acontece a partir dos tipos de construções, indo das casas da década de 1940, os apartamentos do Fumacê e as construções mais precárias do “Batanzinho” e “Morrinho”. Dias, então, nota como a dicotomia favela-asfalto não explica as práticas sociais em espaços como o Jardim Batan, compostos de dinâmicas e desigualdades de tipos diferenciados como os apontados acima.

Na inauguração da seção “Modos de Fazer”, o organizador Frank Davies explora o papel das instituições militares na produção da Zona Oeste carioca, principalmente nos trechos entre os bairros de Deodoro à Realengo de 2012 até 2016. O autor aponta ainda que a ocupação militar na região data do século XIX, com o uso de terrenos locais para ensino e prática de tiro. Ao longo das décadas até o início do século XX, fazendas foram sendo adquiridas e transformadas em instalações militares de diversos usos, desde residências até sede de cavalarias e aeroclubes, todas associadas ao projeto de “profissionalização” de suas instituições. Assim, mudou-se o caráter rural da região, agora urbanizado e transformado, principalmente, em local de atividades relacionadas ao exercício militar.

Os movimentos de interiorização de instalações militares, iniciado na segunda metade do século



XX, gerou uma nova disponibilidade terrenos e infraestruturas nesses bairros, agora também ocupados por diferentes classes sociais de civis. Nesse cenário, movimentos civis começaram a se articular para reivindicar e questionar os destinos daqueles terrenos, resultando, por exemplo, na instalação do Colégio Pedro II no local que antes era uma Fábrica de Cartuchos. Na preparação para os Jogos Olímpicos, Deodoro foi escolhido para receber um Complexo Esportivo de modalidades como hipismo e tiro esportivo, esportes relacionados às atividades militares. Agora administrados pelo Exército, essas instalações esportivas foram executadas com recursos do governo federal, que também investiu em reformas urbanísticas na região. Nesse sentido, Davies nota como os comandos militares produziram espaços urbanos dentro de suas próprias concepções e lógicas, passando pela urbanização inicial de áreas rurais até o manejo de terrenos em desuso para atender interesses institucionais sem supervisão civil ou negociados a partir da reivindicação de movimentos coletivos locais.

Simone Gomes contribui para a coletânea com um texto sobre a sociabilidade militante no bairro de Campo Grande, o mais populoso da cidade. A sociabilidade militante, segundo a autora, seria uma contraposição à cultura do medo presente na região. Essa cultura, por sua vez, impõe dificuldades e impedimentos aos militantes do bairro. Gomes, que conduziu seus estudos entre os anos de 2013 e 2015 e, posteriormente, em 2019, aponta que os militantes locais costumam atuar por meio de organizações não governamentais (ONGs) e que, então, suas agendas ficam direcionadas para temas culturais em detrimento de outros, como a violência.

Por meio de falas dos sujeitos envolvidos em movimentos sociais, Gomes joga luz sobre a militância nos territórios da Zona Oeste carioca. A distância entre a região e a zona central é um tópico frequentemente mencionado como um problema para os militantes, assim como os preços das passagens e o tempo de deslocamento entre a Zona Oeste e o Centro, local em que muitas atividades dos movimentos sociais se desenvolviam. Além disso, um obstáculo enfrenta-

do pela militância é a presença de grupos armados ao longo do território, gerando uma ambiguidade no imaginário sobre a região. Os entrevistados relatavam que seus bairros eram “calmos”, ao mesmo tempo que tinham “medo” de desenvolver suas atividades.

Os movimentos sociais continuam no foco no próximo capítulo, uma colaboração entre o Coletivo Martha Trindade e Instituto Pacts, ao falar sobre a vigilância popular em saúde no bairro de Santa Cruz frente à atuação da siderúrgica Ternium Brasil. Há, entre as denúncias coletivas, relatos de proliferação de doenças ocasionadas por resíduos tóxicos na atmosfera, alagamentos em um conjunto habitacional e condenação das estruturas de residências. Os impactos da siderúrgica, operante desde 2010 na região, também chegam aos pescadores locais. Nesse cenário, moradores se organizaram para fazer a medição rotineira da qualidade do ar, circular informações de denúncias e organizar o enfrentamento às violações. Assim, os autores apontam como a atuação desses movimentos criam “estratégias de resistência” frente aos impactos ambientais e logísticos causadas pela lógica de desenvolvimento econômica que permite a instalação e funcionamento da siderúrgica.

Fernandez, Baptista, Miranda & Dias exploraram o campo argumentativo, entre os anos de 1990 até a publicação da coletânea, em torno da paisagem do Sertão Carioca, termo atribuído à Zona Rural que hoje compõe a Zona Oeste carioca. Isso significa abordar diferentes discursos veiculados em reportagens, depoimentos, livros e vídeos que dialogam não apenas com o termo, mas também com a obra homônima de Armando Magalhães Corrêa, publicada em 1936. As autoras notam como Corrêa retrata a paisagem e modos de vida agrícola no Rio de Janeiro na época, ao mesmo tempo que advoga pela preservação ambiental das áreas locais e critica as práticas extrativistas e predatórias dos “sertanejos” analisados. O capítulo demonstra, por fim, a persistência dos agricultores e a continuidade de seu modo de vida, principalmente no entorno do Parque Estadual da Pedra Branca, apontando para um protagonismo desses atores na construção da paisagem e da politização do

território.

Ana Campos traz ao livro uma pesquisa etnográfica feita com frequentadores de terreiros em Santa Cruz e Campo Grande. Por meio da figura do “Exu policial”, incorporada por uma mãe de santo, Campos desenvolve relações preponderantes entre os grupos pesquisados, como os “regimes de proteção”. A figura apresentada é uma representação do Exu Tranca-Rua das Almas, com o adicional de se apresentar com as vestimentas e acessórios de um policial militar, portando-se como um agente de competente na resolução de problemas, cumpridor de suas palavras e vingativo com aqueles que não cumprem com as promessas feitas a ele. As peças utilizadas teriam sido doados por policiais enquanto uma forma de recompensa pelos trabalhos realizados pelo Exu, que os fornecia proteção em seus trabalhos. Campos nota que esses policiais adotavam práticas de milícia, cobrando taxas de segurança e oferecendo proteção aos terreiros, ao mesmo tempo que buscavam a proteção fornecida pelos rituais deles. Assim, a autora aponta a existência de uma “rede de reciprocidade” com fins de obter proteção e dos chamados “regimes de proteção” entre policiais, traficantes, mães e pais de santo, na qual um agente ora oferece ajuda e ora a busca.

No capítulo que fecha a coletânea, Brito retorna o leitor ao bairro de Bangu com uma análise dos fenômenos de “criação de bairros” e “uso de identidade de bairro” nas políticas urbanas cariocas. O movimento analítico de Brito começa a partir do desmembramento de Bangu a partir das criações de Gericinó e Vila Kennedy, respectivamente em 2004 e 2017. O autor aponta que esse movimento de recorte territorial beneficiou Bangu, que exerce uma centralidade em sua região, ao retirar “instituições estigmatizantes” de seus limites territoriais, como presídios e o aterro sanitário no caso de Gericinó. Vila Kennedy, por sua vez, é apontada como um bairro que nasce estigmatizado, associado à violência e presença de facções de tráfico de drogas, e utilizado como

“zona de experimentação” de políticas públicas, como intervenções militares. Nesse sentido, Brito conclui que o processo de desmembramento valoriza simbolicamente Bangu, reiterando dele infraestruturas e indicadores sociais estigmatizantes, enquanto mantém Gericinó e Vila Kennedy enquanto territórios de vulnerabilidades, inseridos no contexto da cidade como, respectivamente, uma “zona de sacrifício” e uma “zona de experimentação”.

O Rio a Oeste, por mais que seja uma coletânea, oferece ao seu leitor uma narrativa coesa e interligada por meio de seus diferentes autores, metodologias e objetos de pesquisa. Afinal, o que a Zona Oeste diz sobre o Rio de Janeiro? Como seus bairros explicam processos urbanos amplos? Quais as semelhanças e afastamentos que a Zona Oeste possui com outros territórios cariocas e fluminenses? O livro oferece um mergulho às diferentes formas de habitar a cidade, passando pela mobilização de imaginários, criação de infraestruturas e sociabilidades diversas. Ao considerar o movimento de expansão da cidade em direção ao Oeste, agora a Zona mais populosa da cidade, esta obra também expande as próprias fronteiras dos estudos urbanos, olhando para processos e hábitos que estavam à margem da literatura especializada. Como já apontam Araujo & Davies na abertura deste livro, a Zona Oeste se revela um “ponto de partida e chegada para as reflexões em torno da metrópole fluminense”.

### Referências

- ABREU, M. d. A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- AGUEDA, R. C. *Do Leblon ao Novo Leblon: experiências de fechamento e o processo de expansão urbana em direção à Barra da Tijuca (RJ)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2021.
- ARAUJO, M.; CORTADO, T. J. *A zona oeste do*

- rio de janeiro, fronteira dos estudos urbanos? Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2020.
- BRITO, J. F. P. Terras Quentes Reinventadas: a criação do bairro Gericinó como parte de transformações urbanas do bairro Bangu. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- CERTEAU, M. d. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DIAS, A. A crítica ao mundo cívico e os novos bens futuros. Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2020.
- GOMES, S. A cultura como alternativa: Uma aproximação a partir de sociabilidades militantes na zona oeste do Rio de Janeiro. Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2020.
- GUIMARÃES, R. S; DAVIES, F. A. Alegorias e deslocamentos do” subúrbio carioca” nos estudos das ciências sociais (1970-2010). Sociologia & Antropologia, v. 8, p. 457-482, 2018.
- LÔRO, J. N. Entre os muros da cidade: condomínios horizontais fechados e segregação socioespacial na Barra da Tijuca. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal Fluminense, 2018.
- MACHADO, J. K. Entre o imaginário urbano de preservação ambiental e as promessas de obras: a infraestrutura de esgotamento sanitário na Barra da Tijuca (RJ). Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2023.
- MOTTA, J. W. B d. As múltiplas faces da milícia Liga da Justiça: Reorientação moral e deslocamento político na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Revista Dilemas, v. 17, n. 1: JAN/FEV/MAR/ABR, 2024.
- NETO, B. R.; SILVA, P. B. B. d. Fazenda Bangu: A jóia do Sertão carioca. Rio de Janeiro: Grémio Literário José Mauro de Vasconcelos, 2020.
- OLIVEIRA, M. P. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no rio de janeiro. Scripta Nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociale, 2006 \_\_\_\_\_ . A trajetória de um subúrbio industrial chamado Bangu. In: 150 anos de subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 95–137.
- REIS FILHO, M. de M. Calçadão de Bangu: projetos, fluxos e cotidianos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos, 2022.
- SOUSA, G. M. C. d. Bangu: do bairro operário à centralidade comercial, uma análise sobre conflitos e cooperações entre agentes produtores do espaço urbano do bairro. XIII Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Geografia, São Paulo, 2019

## SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

### Ada Rizia Bastos de Carvalho

Doutoranda em sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora dos grupos de pesquisa Cidade e Trabalho e Mobilidades: Teorias, temas e métodos

### Ana Carolina de Paula Lima

Graduanda em Ciências Sociais, com habilitação em bacharelado, com foco sociológico em análise de relações raciais pela Universidade Estadual de Londrina. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9201-4631>

### Ana Clara Klink

Mestre em Antropologia Social e graduada em Direito pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cidade e Trabalho e do Núcleo de Antropologia do Direito.

### Ananda Endo

Advogada e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo Cidade e Trabalho

### André Luiz Soares

Pesquisador do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU), parte do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É doutorando em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFRJ, mestre em Sociologia e graduado em Ciências Sociais (bacharel) pela mesma instituição.

### Bruno Passos

Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Pará, atua como Médico da Estratégia Saúde da Família na periferia de Belém. Mobilizador comunitário, educador popular e redutor de danos com histórico de atuação em serviços da Rede de Saúde Mental de Belém/Pará. Mestre em Antropologia pelo PPGSA/UFPA pesquisa questões ligados ao uso e abuso de álcool e outras drogas.

### Camila Pierobon

Pesquisadora no Núcleo de Etnografias Urbanas (NEU) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Doutora em Ciências Sociais pela UERJ. É pesquisadora dos grupos de pesquisa Casa (IESP/UERJ) e ResiduaLab (UERJ). Centro Brasileiro de Análise e Planejamento / São Paulo, SP, Brasil [camilapierobon@cebrap.org.br](mailto:camilapierobon@cebrap.org.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7590-0773>

### Cristiane Elias

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

### Daniela Vieira dos Santos

Professora Adjunta de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da mesma instituição (PPGSOC). Realizou estágio pós-doutoral (2016-2019), com bolsa da Fapesp, junto ao Departamento de Sociologia da Unicamp. Também foi fellowship, com auxílio da Fapesp (BEPE), no CSU-CRESPPA/CNRS em Paris (2016-2017). Foi pesquisadora convidada do Kings College London (2016), vinculada ao Departamento de Spanish, Portuguese and Latin American Studies (SPLAS). Doutou-se em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio doutoral junto ao Kings College London (2011-2012). Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP - campus de Araraquara (2008) e Graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela mesma instituição (2005). É editora da seção de sociologia do Periódico *MEDIAÇÕES - Revista de Ciências Sociais (UEL)* e dirige, em parceria, a coleção de livros *HIP-HOP em PERSPECTIVA*, editada pela editora Perspectiva. Autora do livro: *Não vá se perder por aí: a trajetória dos Mutantes*, Annablume/Fapesp, 2010. Suas pesquisas combinam Sociologia da Cultura e Sociologia Contemporânea, em diálogo com a música e a história. Dedicar-se ao entendimento da experiência brasileira através da sua matéria cantada, com interesse nas relações entre música popular urbana e indústria cultural, racismo, modernidade, nação, globalização e cultura hip hop.

### Fabio Lanza

Graduação em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara Campus da UNESP (Bacharelado-1997 e Licenciatura-2001), mestrado em História pela Faculdade de História Direito e Serviço Social Campus da UNESP de Franca (2001) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP (2006). Atualmente é professor do ensino superior no Departamento de Ciências Sociais da sua Graduação, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Mestrado e Doutorado), do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO, da Especialização em Religiões e Religiosidades na Universidade Estadual de Londrina - PR (UEL), atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia das Religiões; Ditadura Militar e Religiões; Educação e Ensino Religioso; Ensino de Sociologia; Extensão e Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2807-9075>

### Flavia Saviani

Bacharel em Relações Internacionais e Letras, mestranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo Cidade e Trabalho.

**Gisele Massola**

Doutora e Mestre em Educação; Licenciada em História; Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9110-1381>; E-mail: [gisele.massola@ulbra.br](mailto:gisele.massola@ulbra.br)

**Gizele Martins**

Comunicadora Comunitária, Jornalista (PUC-RIO), Mestre em Periferias Urbanas (UERJ), Doutoranda pela ECO-UFRJ, integra os grupos de pesquisa: Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) e o Dicionário Marielle Franco. É autora do livro: *Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na Favela da Maré*. Integra a Coalizão de Mídias Periféricas, Faveladas, Quilombolas e Indígenas. No momento, assina em co-autoria com Juliana Farias e Natasha Neri, o roteiro e argumento do documentário “Cheiro de Diesel”.

**Henrique Ferreira da Silva**

Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA, Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6658-4577>; E-mail: [henriqferreiras@gmail.com](mailto:henriqferreiras@gmail.com)

**Henrique Jeske**

Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, mestre em Sociologia pela mesma instituição e bacharel em Ciências Sociais pela UFPel. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6751-1310>

**Jorge Amilcar de Castro Santana**

Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP), mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/ UERJ) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/ UERJ). Atualmente é professor efetivo de História no Instituto Federal do Paraná, campus Campo Largo. E-mail: [jorgesantana\\_sg@yahoo.com.br](mailto:jorgesantana_sg@yahoo.com.br)

**Julia Abdalla**

Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: [juh.abd@gmail.com](mailto:juh.abd@gmail.com).

**Júlia Fernandez Canuto**

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), mestrado em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Minas Gerais (Unimontes). É doutoranda em Desenvolvimento Social pela mesma universidade. Ambas as pesquisas possibilitadas pelo fi-

nanciamento da Capes. Atualmente, integra o CITADINO (Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas da Unimontes). Suas pesquisas envolvem as temáticas dos processos autônomos de produção do espaço por grupos sociais organizados, antropologia urbana e da territorialidade, cozinhas comunitárias e ativismo alimentar urbano.

**Luiz Paiva**

Professor de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC), pesquisador do INCT Violência, Poder e Segurança Pública (INVIPS/CNPq) e coordenador local da Rede de Observatórios de Segurança Pública.

**Marcelo da Silveira Campos**

Marcelo da Silveira Campos é Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do Laboratório de Metodologia em Ciências Sociais da UFJF e do Grupo de Estudos Violências e Territórios. Doutor em Sociologia pela USP e pesquisador do INCT-InEAC. E-mail: [celo.campos@gmail.com](mailto:celo.campos@gmail.com)

**Marcelo de Medeiros Reis Filho**

Mestre e Doutorando em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/ UERJ)

**Márcia Pereira Leite**

Socióloga, mestre em Ciência Política pelo IUPERJ e doutora em Sociologia pelo PPGSA/IFCS/ UFRJ. Tem pós-doutorado em Sociologia Urbana pelo IESP e pela EHESS. E-mail: [marciadasilvapereiraite@gmail.com](mailto:marciadasilvapereiraite@gmail.com)

**Marcos Varissimo**

Doutor pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Universidade Federal Fluminense. Mestre em Antropologia pelo mesmo programa. Especialista em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisador associado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC), onde coordena o subprojeto Laboratório de Iniciação Acadêmica em Administração de Conflitos (LABIAC). Áreas de interesse: conflitos relacionados às “drogas” (lícitas e ilícitas) e seus usos, mercados, produção e repressão; antropologia visual; e estudos de manifestações artísticas e culturais construídas por grupos sociais mais ou menos definidos. Conflitos escolares. Coordenador do Laboratório Escolar de Pesquisa e Iniciação Científica (LEPIC).

**Marize Bastos de Cunha**

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/ Escola Nacional de

Saúde Pública (ENSP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7509-9138>

### **Palloma Valle Menezes**

Palloma Valle Menezes é professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), coordenadora do BONDE - coletivo de pesquisa sobre violências, sociabilidades e mobilidades urbanas (IESP-UERJ) e do Dicionário de Favelas Marielle Franco (FIOCRUZ). E-mail: [palloma.menezes@iesp.uerj.br](mailto:palloma.menezes@iesp.uerj.br)

### **Paula Pagliari Braud**

Advogada e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo Pesquisadora do grupo Cidade e Trabalho.

### **Perla Alves**

É pesquisadora vinculada ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/UFF). Doutora e Mestre no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense na linha de Políticas de Segurança Pública e administração institucional de conflitos. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ 2012), graduação em Tecnólogo em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF 2016), pós graduação em Política e Gestão em Segurança Pública pela Universidade Estácio de Sá (UNESA 2015), pós graduação em Organização e Gestão em Justiça Criminal e Segurança pela Universidade Federal Fluminense (UFF 2015). Pós graduação em Direito Administrativo (Faculdade única, 2021).

### **Raquel Barros de Oliveira**

Rachel Barros de Oliveira é Doutora em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pesquisadora do Cidades - Núcleo de Pesquisa Urbana/UERJ e Integrante do Comitê Cidadania, Violência e Gestão Estatal da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). E-mail: [barrosdeoliveira.rachel@gmail.com](mailto:barrosdeoliveira.rachel@gmail.com)

### **Simone da Silva Ribeiro Gomes**

Doutora em Sociologia pelo IESP-UERJ, mestre em Sociologia por Paris 7-Denis Diderot e graduada em Psicologia pela UFRJ. Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPel. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6461-8879>

### **Tatiana Wargas de Faria Baptista**

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/ Instituto Fernandez Figueira (IFF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3445-2027>

### **Thaís Gonçalves Cruz**

Mestre e doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Assistente de pesquisa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), no projeto O Panóptico. Pesquisadora do BONDE (IESP/UERJ). Bacharel em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9612-0987>

### **Vera da Silva Telles**

Professora livre-docente sênior do Departamento de Sociologia da USP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Cidade e Trabalho (PPGS-USP)

### **Viviane Costa**

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5519-3570>

## NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE COLABORAÇÕES

### FOMARTO

O manuscrito deve ser preparado com numeração de páginas. Espaçamento simples: 1,0. Fonte: Times New Roman. Tamanho da fonte: 12. Margens: 3 cm (esquerda e superior) e 2 cm (direita e inferior), em papel A4.

#### Dados do autor ou autores:

Os dados biográficos do(s) autor(es) não deve constar em qualquer parte da versão do manuscrito enviado pela plataforma a fim de garantir a avaliação às cegas pelos pareceristas.

As informações biográficas e institucionais do(s) autor(es) devem ser preenchidas detalhadamente em “Metadados”, disponível no momento de submissão do texto. Todos os autores devem informar maior grau acadêmico; cargo; afiliação institucional; endereço completo incluindo rua, cidade, CEP, estado, país, e-mail. O preenchimento dessas informações é uma exigência para que o artigo avance para a avaliação pelo conselho editorial de Teoria e Cultura.

### ESTRUTURA DO TEXTO

Aceitam-se manuscritos em português, inglês, espanhol e francês. As contribuições possíveis são:

ARTIGOS: entre 5.000 e 9.000 palavras.

ENSAIOS: extensão de 3.000 a 5.000 palavras.

RESENHAS: extensão de 2.000 a 3.000 palavras (aqui, consideram-se as resenhas de livros/obras acadêmicas publicadas recentemente, até 3 anos antes da data de submissão da resenha).

OBS: Entrevistas e traduções também são aceitos e devem seguir os parâmetros de estrutura de texto dos artigos, com tolerância em relação a quantidade de palavras, a depender da decisão editorial.

#### Título:

O título deve ser conciso e informativo, redigido em negrito, fonte 12, caixa baixa. O mesmo vale para os subtítulos.

#### Resumo:

Artigos em português devem vir acompanhados de um resumo (150 - 200 palavras), título e palavras-chave neste idioma e sua tradução para o inglês (resumo, título e palavras-chave também).

Artigos em inglês devem ter títulos, resumos e palavras-chave nesta língua e sua tradução para o português.

Artigos em espanhol ou outra língua que não seja nem o português e nem o inglês devem apresentar três resumos/ títulos/ palavras-chave: na língua original do texto (espanhol ou outra), em português e em inglês.

#### Palavras-chave:

O texto deve conter entre três e cinco palavras-chave sobre o tema principal, e suas respectivas traduções para o inglês necessariamente e para outras línguas (quando for o caso).

**Notas de rodapé:** as notas de rodapé devem ser utilizadas com cautela, somente se forem indispensáveis à compreensão do texto. As notas de rodapé devem utilizar fonte Times New Roman, no tamanho 10.

**Abreviações e acrônimos:** deverão ser definidos claramente no seu primeiro uso no texto. Ex: De acordo com o MEC (Ministério da Educação) ...

**Ilustrações e tabelas:** As imagens (figuras e fotografias) devem ser fornecidas em alta resolução (300 dpi), em JPG ou TIF, com no mínimo 8 cm de largura. A fonte da imagem ou figura deve ser informada.

#### Citações e Referências:

As citações diretas deverão utilizar fonte Times New Roman, tamanho 11.

Citações de trechos de textos de autores (apenas quando forem superiores a 4 linhas) ou trechos de falas e discursos de interlocutores ou outrem no interior do texto devem apresentar recuo de 1 cm para cada lado da margem e espaçamento simples.

Citações de referências bibliográficas no interior do texto seguem dois modelos possíveis: (AUTOR, ano) ou autor (ano). Se for necessário citar as páginas consultadas, utilizar o modelo (AUTOR, ano:pág.) ou autor (ano:pág).

Caso pretenda apenas destacar alguma palavra ou parágrafo no decorrer do texto, utilize o itálico. As referências bibliográficas devem seguir as possibilidades descritas na ABNT. Seguem alguns exemplos:

• Livro

ELIAS, N. Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BASTOS, C.; ALMEIDA, M. V.; FELDMAN-BIANCO, B. (Orgs.) Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

• Capítulo de Livro

GOTLIEB, S. L. D.; LAURENTI, R.; MELLO JORGE, M. H. P. Crianças, adolescentes e jovens do Brasil no fim do século XX. In: WESTPHAL, M. F. Violência e criança. São Paulo: EDUSP, 2002. p. 45-72.

• Artigo de Periódico

RIDENTI, M. Na trilha de Raymond Williams para pensar cultura e política no Brasil. Revista Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, vol. 13, n.1, p. 1-14, 2023.

• Tese

PEREIRA, R. S. G. Guerreiros de Cristo, bailarinos de Jeová: uma etnografia sobre ritualística reteté e política do sobrenatural em um contexto de favela. Juiz de Fora, 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

• Documentos Oficiais

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, Portaria nº 254, de 31 de janeiro de 2002, Brasília, 2002.

• Documentos Eletrônicos

SALES, A. C. C. L. Conversando sobre educação sexual. Disponível em: <[http://www.violenciasexual.org/textos/pdf/conversando\\_ed\\_sexual\\_ana\\_carla.pdf](http://www.violenciasexual.org/textos/pdf/conversando_ed_sexual_ana_carla.pdf)> Acesso em: 13 jan. 2003.

Os demais casos possíveis de referências, assim como as citações no corpo do texto, devem seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas NBR 6023:2002 e NBR 10520:2002.

## Condições para submissão

Todas as submissões devem atender aos seguintes requisitos.

- A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista.
- O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.
- URLs para as referências foram informadas quando possível.
- O texto está em espaço simples; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado



(exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.

- O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na página Sobre a Revista.

### **Envio de manuscritos**

Os manuscritos são submetidos online, através da plataforma:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/about/submissions>